



# A TERRA DE DUAS LÍNGUAS

*antologia de autores transmontanos*

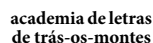
*Coordenação* ERNESTO RODRIGUES · AMADEU FERREIRA

*Prefácio* ADRIANO MOREIRA · *Pinturas* GRAÇA MORAIS

XXI Encontro da  
Associação das Universidades de Língua Portuguesa  
Bragança · 2011

**Título** A Terra de Duas Línguas - Antologia de Autores Transmontanos  
**Editor** Academia de Letras de Trás-os-Montes  
Instituto Politécnico de Bragança  
Associação das Universidades de Língua Portuguesa  
**Coordenação** Ernesto Rodrigues  
Amadeu Ferreira  
**Design** Serviços de Imagem do Instituto Politécnico de Bragança  
**Desenhos e Pinturas** Graça Morais (cortesia da Pintora)  
**Impressão** www.textype.pt  
**Tiragem** 1000 exemplares  
**Depósito legal** 328 554/11  
**ISBN** 978-972-745-117-3

É proibida a reprodução de qualquer parte desta publicação,  
a sua transmissão por qualquer meio electrónico, mecânico,  
gravação ou similar, sem a prévia autorização dos editores.  
Reservados todos os direitos.



---

## Apoios

---



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu  
de Desenvolvimento Regional



QUADRO  
DE REFERÊNCIA  
ESTRATÉGICO  
NACIONAL



ON2  
OPERAÇÃO 2  
INICIATIVA DE COOPERAÇÃO  
INTER-MUNICIPAL



Câmara Municipal  
de Bragança

---

# A TERRA DE DUAS LÍNGUAS

Antologia de  
Autores Transmontanos



# A TERRA DE DUAS LÍNGUAS

---

**Antologia de Autores Transmontanos**

---

XXI Encontro da  
Associação das Universidades de Língua Portuguesa  
Bragança · 2011



## NOTAS INTRODUTÓRIAS





## NOTA INTRODUTÓRIA AULP

É tradição da Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP) homenagear o país ou a região em que o encontro anual se realiza com a publicação de uma obra especial a ele ou a ela concernente. Em 2011, para o encontro sediado em Bragança, os organizadores locais prepararam a coletânea *A Terra de Duas Línguas – Antologia de Autores Transmontanos*. Essa obra compreende poesias, contos, memórias, artigos, análises e conferências escritos em português ou em mirandês, entre o final do século XIX e os dias de hoje, por autores nascidos na região de Trás-os-Montes/Portugal.

Nessa coletânea, procura-se resgatar a tradição regional nas artes e nas letras. Com ela, pretende-se, ainda, contribuir para manter vivo o mirandês, língua que, há muito falada no norte de Portugal, se converteu em segunda língua oficial desse país há pouco mais de uma década. No prefácio, Adriano Moreira, discutindo diferentes aspectos do debate contemporâneo sobre globalização, enfatiza a importância da obra e defende que a globalização não é incompatível com a valorização da cultura local. E ressalta, também, que a participação em rede de interdependências globais não pode nem deve conduzir à uniformização da cultura mundial e, consequentemente, à perda das raízes históricas e culturais dos diferentes povos do mundo – no caso, dos portugueses. Ernesto Rodrigues, na introdução, analisa e comenta a contribuição de cada autor publicado, por vezes, situando-os no contexto da época, outras vezes, avaliando os aportes de cada um deles para a formação de um painel cultural e artístico regional.

Nesse sentido, a coletânea ora lançada implica valiosa contribuição para se conhecer a história das artes e das letras transmontanas, bem como a rica tradição cultural local. Embora geograficamente pequeno, Portugal, com seus costumes e valores, influenciou diretamente diferentes partes do mundo. Ainda hoje, a cultura portuguesa mantém-se viva e enraizada não apenas nesse País mas também em outros sete

países do mundo – Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor Leste –, além de na zona especial de Macau e em pontos isolados na Índia. No entanto, se a cultura portuguesa se faz presente em boa parte do mundo, isso decorre, certamente, do fato de que é composta por pessoas como os transmontanos e seu peculiar modo de vida que a publicação desse livro celebra.

Parabenizo, portanto, os autores e os organizadores da presente obra, recomendando sua leitura a todos aqueles que buscam melhor entender a história, a cultura e as tradições de Portugal e de suas diferentes regiões.

*Clélio Campolina Diniz*  
*Presidente da Associação das Universidades*  
*de Língua Portuguesa*  
*Reitor da Universidade Federal de Minas Gerais - Brasil*

## NOTA INTRODUTÓRIA CMB

A realização em Bragança do XXI Encontro da Associação das Universidades de Língua Portuguesa – AULP, por iniciativa muito oportuna do Instituto Politécnico de Bragança, representa para os Bragançanos a satisfação de, na sua Cidade, receber reunião tão significativa, Cidade que na sua génese identitária tem inscrita a arte de bem receber e que, com a sua história milenar, marcou a História de Portugal, afigurando-se também como mais uma oportunidade de reflexão para os Transmontanos, habituados que estão a andar pelo mundo e a sempre lembrarem as suas origens.

Uma parte significativa do mundo da Lusofonia está presente neste Encontro, do qual ficarão vários documentos como testemunho e suporte das decisões. De entre outros, ficará registado para o futuro através do livro *A Terra de Duas Línguas – Antologia de Autores Transmontanos*, sob orientação de Ernesto Rodrigues e Amadeu Ferreira, e ilustrações de Graça Morais, publicação que integra a colecção de edições da AULP e, por isso, entra num amplo universo académico.

Foi feliz a escolha do tema da publicação de referência deste Encontro da AULP, ao incluir uma mostra de textos de qualidade, escolhidos de entre autores transmontanos, com a particularidade do envolvimento directo da Academia de Letras de Trás-os-Montes, que, no mês de edição desta publicação, comemora o seu primeiro aniversário, razão pela qual também o encontro da AULP ficará registado como a primeira e mais relevante iniciativa editorial desta Academia.

O encontro de Instituições de ensino e de investigação de nível superior dos países de língua oficial portuguesa, realizado no âmbito da concretização de objectivos de cooperação baseados em projectos de investigação, de troca de informação útil e da mobilidade dos estudantes dessas instituições, cumpre um dos muitos desígnios da Comunidade de Países de Língua Portuguesa.

A cooperação e inter-ajuda no seio desta grande Comunidade permitirá reforçar a afirmação e projecção internacional da língua portuguesa e dos projectos partilhados por esta ampla família de povos que comungam de uma cultura e identidade global que acolhe todos os luso-falantes, espalhados pelos quatro cantos do mundo, cooperação que hoje passa de forma muito significativa por Bragança, através do encontro da AULP e da presente publicação, momento que para o futuro regista a vontade comum de afirmação conjunta num mundo que no século XXI será ainda mais interdependente.

*António Jorge Nunes,*  
*Presidente da Câmara Municipal de Bragança*

## NOTA IPB

**C**abe a Bragança, Portugal, acolher em 2011 o XXI Encontro da Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP).

É pois com grande orgulho e enorme prazer que o Instituto Politécnico de Bragança tem o privilégio de dar as boas-vindas aos representantes de sete países lusófonos.

Tem para nós um importante valor simbólico podermos receber os representantes da diversidade lusófona e cultural no seio de uma região desde sempre aberta à diferença de culturas e costumes, exemplificada na convivência de duas línguas – o Português e o Mirandês.

Assumido há mais de dez anos como segunda língua oficial de Portugal, e não obstante ser língua minoritária, o Mirandês é reflexo de uma poderosa cultura rural que soube atravessar os séculos, preservando intacta e vigorosa a maior parte da sua identidade e diversidade, hoje investigada e acarinhada como testemunha viva de diversidade cultural e valores únicos no nosso país.

Será talvez por esse gosto ancestral de conviver com a diferença, e proporcionar calor, abrigo e segurança a quem nos procura, que este Instituto Politécnico conta com uma proporção surpreendentemente elevada de estudantes internacionais.

É nesse contexto que a presente antologia apresenta uma seleção abrangente, relevante e copiosa, fruto e reflexo do património imaterial transmontano, assinalando também a primeira edição da Academia de Letras de Trás-os-Montes.

Enriquecida pelas poderosas imagens de Graça Morais, uma transmontana em cuja obra se sente pulsar a vida das suas origens, e prefaciada por Adriano Moreira, outro transmontano que analisa lucidamente a diferença entre o saber e a sabedoria e sua relação com a articulação de identidades, esta obra contribuirá para expor e clarificar uma fértil realidade cultural.

Valorizando a diferença, pois somos diferentes e damos diferença

ao mundo, desejamos que este XXI Encontro da AULP seja um contributo para a cooperação institucional, aprofundando e explorando facetas multilinguísticas e multiculturais, enormes riquezas que permitem articular e potenciar a diversidade lusófona.

*João Sobrinho Teixeira*

*Presidente do Instituto Politécnico de Bragança*

### PREFÁCIO

A globalização é o tema dominante de todas as análises que se ocupam do Milénio em que nos encontramos, e que não anuncia futuros tranquilos para as próximas gerações. Tendo por certo que a percepção da realidade é um forte contributo para responder às circunstâncias adversas, parece necessário ter presente que essa globalização que nos atinge se traduz numa rede de interdependências, e que não pode confundir-se tal facto com a falada e pretendida “cultura mundial uniformizada”.

O próprio conceito europeu de desenvolvimento, que é no essencial devido à formulação de Delors, contribuiu para obscurecer a distinção entre os dois factos, ao propor que a nova sociedade seria modelada pela *informação e pelo saber*, esquecendo a *sabedoria*, isto é, fundamentalmente, os *valores*.

Quanto à globalização, é evidente que uma estrutura financeira e económica, sem regulação, dominada pelo “credo do mercado”, envolveu a totalidade dos povos, afastou ou dominou a regulação pelas soberanias progressivamente enfraquecidas: mas ao mesmo tempo, e de regra, tendo o domínio do financiamento por central, a mundialização do sistema foi acompanhada pelo aparecimento da criminalização da economia mundializada, com paraísos fiscais invioláveis, tudo a exigir reformas impostas por autoridades politicamente legítimas.

É certo que, ao mesmo tempo, a saúde progrediu em todo o mundo, a investigação científica conseguiu resultados sem precedentes na história, mas tudo não impediu que a fronteira da pobreza se alargasse ao norte do Mediterrâneo envolvendo parte da Europa em que Portugal se encontra, não são numerosos os jovens que recebem por igual os benefícios dos saberes novos, o ambiente tornou-se uma ameaça global, desigualdades que fizeram surgir, e tornar popular, a tese do “*choque das civilizações*”, que Samuel Huntington lançou. Teve como primeira preocupação o avanço das minorias do seu país, e morreu antes da eleição de Obama, que hoje vive a angústia de fazer coincidir a imagem de

futuro que pregou, e a realidade que o circunda e lhe tolhe a liberdade política. É certo que a globalização, tal como a condição actual portuguesa demonstra com preocupação crescente, afecta as legitimidades tradicionais e as próprias realidades das soberanias, mas é neste ponto que mais se evidencia a necessidade de não confundir tal *globalização de interdependências* com *uniformização mundial da cultura*.

Existem exemplos numerosos que podem, e conseguem, induzir tal conclusão, tendo em conta a divulgação da informação dominada por centros avançados que frequentemente implantam a visão de um mundo irreal, incluindo as maneiras de as populações se alimentarem, a larga uniformização de maneiras de vestir, superficialidades em relação ao *eixo da roda* que são os valores, as tradições, a história, a maneira de viver, de amar, de morrer, que definem as *identidades*.

São tudo factos que estão na base do uso de uma terminologia que inclui os temas de “crioulização”, “mestiçagem”, “hibridação” (Mattelart, 1999), efeito de uma economia de mercado transnacional, que parece ultrapassar os limites da economia e tender para o que já foi chamado “*colonização dos espíritos*”. A evidência, como que iluminada por Teilhard, é que a complexidade da globalização desperta a vontade e decisão das identidades das parcelas, sem omitir as reacções políticas a favor das autonomias e até das independências. Neste Ocidente enfraquecido, são exemplo a crise da Bélgica, as dificuldades da Espanha, o separatismo renascido no Reino Unido, a necessidade que a Europa teve de inserir na sua estrutura a Comissão das Regiões.

Entre os que se interessaram por este fenómeno, que alguns chamaram de conservadorismo, encontra-se o reputado Appadurai (Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy, Public Culture, vol. 2, n.º 2, 1990) que fala da “modernidade *alternativa*”, de “explosão de modernidades culturais”, evidentes (Mattelart) em Bombaim, Tóquio, Rio de Janeiro, Hong-Kong, Los Angeles, Londres, Paris, e acrescentamos as cidades portuguesas.

Se pretendermos encontrar uma fórmula que evite a confusão entre *globalismo* e *cultura mundial uniformizada*, talvez seja útil falar do *eixo da roda* em que se apoia a distinção entre o *singular* e o *global*. Advertindo, em primeiro lugar, e sempre lembrando Teilhard de Chardin, que não existe *global* sem *singular*, que o movimento para a unidade, sem uniformização de modelos, traduz-se em *articulação* e não em esmagamento.



É por isso que a própria Europa vai assentando em pequenas cidades de países diversos, neste ano (2011) em Guimarães – Portugal, a *capital* da cultura europeia, dando relevo às suas específicas tradições, modos de viver, e história privativa. Trata-se da *pátria pequena*, uma atitude profunda dos transmontanos, que desde sempre andaram pelos caminhos do mundo sem quebrar a ligação à terra de origem, ainda quando, como é evidente no Brasil, a descendência se fixa nessas lonjuras da emigração.

É o que este notável livro documenta, pela escrita de tantos romancistas, poetas, analistas, historiadores, sociólogos, homens de acção e devoção, que todos contribuem para a definição do *eixo da roda*, que acompanha o andar da roda dos tempos, mas ele não anda, segura com firmeza o património de uma inconfundível maneira de estar no mundo, de andar pelo mundo, e sempre mantendo a visão da *pátria portuguesa*, somada a muitas sem as quais não existiria cultura europeia, não existiria cultura mundial, que é uma articulação das diferenças e não um esmagamento das identidades.



### INTRODUÇÃO

Solo difícil, condições económicas e socioculturais adversas, batalha desgastante pela sobrevivência, abandono e desertificação: este panorama é ainda de hoje e cria uma relação especial com a literatura. Mas, onde quer que estejamos, trazemos connosco as raízes. Faz-se cada um embaixador do reino.

A memória é a maior riqueza deste chão. As formas de produção, cumuladas em comunitarismo agro-pastoril ou em expressões de vida marcada por rituais de trabalho longa e rimaticamente descritos no *Cancioneiro Popular Transmontano e Alto-Duriense* (1966), de Guilherme Felgueiras, seduzem os melhores folcloristas, etnógrafos e musicólogos, dentro e fora da região e do país.

Houvera acenos antropológicos *ante litteram*: Manuel Severim de Faria (1583-1665) jornadeara até Miranda do Douro e sua língua, que primeiramente noticiou; mais incisivo é Frei Luís de Sousa, na *Vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires* (1619), descrevendo o Barroso como «um sítio tão intratável de serras e penedias, quasi sempre cubertas de neve, de picos que se vão às nuvens, de brenhas temerosas, de vales profundíssimos e passos perigosos, que mais parecem morada de feras e selvagens que de homens capazes de razão e juízo». O tom recresce, e mais quando depara com aquela «pobre gente», desamparada: «Podemos bem dizer que não havia cristandade mais que no nome.» Recebem-no, porém, com alegria e cantigas, «entre as voltas e saltos dos bailes» (1984, p. 334-335).

Dentro do lapso temporal do Arcebispo (1514-1590) viveu o poeta da *Castro*, António Ferreira (1528-1569), casado em segundas núpcias com D. Maria Leite, de Lamas de Orelhão (Mirandela), que decerto visitou, inspirando-lhe “História de Santa Comba dos Valles”: «Conta-se que reinava um grão rei mouro / Entre Tâmega e Tua, e que ocupava / / Toda a terra de Lamas, rico de ouro». O poema, que não é longo, encerra com o «som de Tua» rimando com Lua. Merecia reedição cuidada.

Já pouco ressuma, infelizmente, de um inesperado Diogo de Teive abade de Vila Chã de Braciosa, ou em seu «canonicato na Catedral de Miranda, onde vivia ainda em 1565, levando, porém, uma vida obscura e longe da conversação dos homens doutos, como ele próprio confessa» (Luís de Sousa Rebelo, em *Dicionário de Literatura*, 4, 1979, p. 1079).

É evidente que, se descermos mais fundo, a topografia local já está na lírica trovadoresca. Nas *Cantigas d'Escarnho e de Mal Dizer* (ed. de M. Rodrigues Lapa, 1965, 1970), reconhecemos Outeiro (Bragança), Santa Vaia [= Santa Valha?; Valpaços], Sanhoane, que tanto pertence a Santa Marta de Penaguião como a Mogadouro. Não é fácil situar outros, qual São Paio / Sampaio, num perímetro que vem desde Zamora.

Ferreira, Teive e Severim estão ausentes do verbete “Trás-os-Montes” desse *Dicionário de Literatura* dirigido por Jacinto do Prado Coelho (1960; I, 1969, II, 1971), que abre pelo Fernão Lopes da *Crónica de D. João* e o alardo da «Valarica» (Luís Forjaz Trigueiros não sabe traduzir por Vilariça, Moncorvo). Mistura autores daí naturais, os adoptados, os de fronteira e os de passagem. Eis um esboço de quatro antologias. De Pascoaes, podia ter acrescentado *Painel* (1935), espécie de *Viagem a Portugal* (1981), para lembrar José Saramago, que abre pela cabeça, como se deve, “De Nordeste a Noroeste, Duro e Dourado”. Ou aproveitado *Estudos de Philologia Mirandesa* (1900), de Leite de Vasconcelos... Camilo Castelo Branco é inumerável, mesmo na ‘biografia’ *Camilo Broca* (2006), de Mário Cláudio.

Quando nos coube a responsabilidade desse *Dicionário de Literatura* (Actualização, III, 2003), além de verbetarmos Pires Cabral, Bento da Cruz e Francisco José Viegas, acrescentámos àquele artigo bibliografia de partida: Amândio César, *Trás-os-Montes e Alto Douro*, Lisboa, 1959; Carlos Loures, ed., *Antologia da Poesia Contemporânea de Trás-os-Montes e Alto Douro*, Vila Real, 1968; Sant’Anna Dionísio, *Ares de Trás-os-Montes*, Porto, 1977; José Maria Amado Mendes, *Trás-os-Montes nos Fins do Século XVIII Segundo Um Manuscrito de 1796*, Coimbra, 1981; Óscar Lopes, “Regionalismo transmontano e duriense: Campos Monteiro, Pina de Moraes, Vila-Moura”, *Entre Fialho e Nemésio*, I, 1987, p. 415-420 (ainda, p. 435-440); Nuno Canavez, António Amorim, *Subsídios para Uma Bibliografia sobre Trás-os-Montes e Alto Douro*, 1994; Eduardo Carvalho, *Bragançanismo. Tentativas Históricas e Literárias*, 1995; António Pimenta de Castro, *A Face Limiana de Campos Monteiro*, 2001; Ernesto Rodrigues, “Nos 86 anos de Edgar Carneiro”, *Verso e Prosa de Novecentos*, 2000 (sobre Afonso Praça, António Cabral, Pires Cabral, Edgar Carneiro, Edu-

ardo Guerra Carneiro, Fernão de Magalhães Gonçalves, Francisco José Viegas, Eduardo Carvalho, Raul Morais, Acácio Trigo, Alberto Fernandes, Victor Rodrigues, Óscar Possacos, José Mário Leite).

É mister, relativamente aos autores de passagem, acrescentar António Rebordão Navarro, *Um Infinito Silêncio*, 1970; Jorge de Sena, “Os salteadores”, *Os Grão-Capitães*, 1976; Mário de Carvalho, *A Paixão do Conde de Fróis*, 1986; Vergílio Ferreira, *Em Nome da Terra*, 1990; Vergílio Alberto Vieira, “Os anos de ninguém”, *Chão de Vímoras*, 2.<sup>a</sup> ed., 2003; Afonso Botelho, *As Donas Chamam. Memórias de Um Fidalgo Adolescente*, 2005; Rosa Lobato de Faria, *As Esquinas do Tempo*, 2008; vários José Viale Moutinho. Já derivamos para antologia de olhares alheios, que ainda colocámos como hipótese, a qual obrigaria a quatro crónicas de 1961-1962 em *Roteiro Sentimental: Douro* (1964), de Manuel Mendes: “São Salvador do Mundo”, “A consoada”, “Em louvor da alheira” e “A vindima”.

Autores adoptados são cada vez mais, de Rentes de Carvalho a Herculano Pombo e José Leon Machado...

É na segunda metade do século XIX que, impulsionada por José Leite de Vasconcelos, uma plêiade se veio interessando por arreigadas modalidades culturais a cada passo revisitadas. Quando empreendemos a mais longa secção desta antologia, em língua portuguesa, impôs-se-nos ir além da dupla verso / ficção, para escandir nomes decisivos enquanto memória pessoal e colectiva, quais marcos numa terra que não a encerram, antes a tornam reconhecível.

Assim, descontados os de fora – Orlando Ribeiro, Jorge Dias, Michel Giacometti, Maria Aliete Galhoz, Joaquim Pais de Brito, Manuel da Costa Fontes, Anne Caufriez e a interminável lista dos colaboradores de *Mensageiro de Bragança*, *Amigos de Bragança*, *Tellus*, *Brigantia*, *Domus*, entre outros títulos rastreados por João Manuel Neto Jacob, Joaquim Manuel Rebelo, Elísio Amaral Neves –, julgámos resumir o apartado de Linguagem e Memória abrindo com uma espécie de santo-e-senha, Francisco Manuel Alves: se os 11 volumes (com um décimo segundo de índices) das suas *Memórias*... realçam, no título, Arqueologia e História, eles não esquecem Bibliografia, Toponímia e demais domínios da investigação local, incluindo um par em que a região a todas sobreleva – na Língua e suas falas, e na Literatura Oral e Tradicional.

À volta do Abade de Baçal organiza-se uma galáxia, desde admiração tingida de crítica à sua assistemática científica, em Miguel

Torga, à pura admiração, logo no tratamento “Francisco”, em João de Araújo Correia (Março de 1965; *Horas Mortas*, 1968, p. 33-37). Este visita aquele «meio lendário Abade de Baçal», cujo prazer «é que o tratemos por tu e lhe chamemos Francisco», como confiava António Quintela. O Duriense demora-se no franciscanismo sorridente do Abade, tirando do nome próprio a expressão «ser Francisco», e, de um exemplar do tomo X que este lhe ofereceu, «à luz de uma vela», conclui para o geral das *Memórias...*, «sólido sacrário em que aferrolhou todos os tópicos do seu distrito. Quem o abrir ficará deslumbrado com aquele caudal de factos poéticos e factos prosaicos relativos a um pequeno pedaço de terra portuguesa.» João de Araújo Correia, na crónica intitulada “Bragança” (*Passos Perdidos*, 1967, p. 227-231), conta como veio «pela primeira vez, em 1937, convidar o Abade para colaborar nos *Estudos Durienses*», para que recebeu «o original da *Vinicultura Duriense – subsídios arqueológicos, históricos, etnográficos e bibliográficos*». Acrescenta, sobre tão ilustre colaborador: «Mais receberia se os *Estudos* não tivessem cansado. Ele é que não cansava. Era a montanha que se desfaz em precioso minério.»

Paulo Quintela – não só vicentino, nem só tradutor do alemão, também poeta discreto aqui oferecendo auto-retrato – subscreveu verbete no *Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e de Teoria Literária* (I, 1977, p. 572-573) sobre o «historiador, arqueólogo, etnógrafo, genealogista», que diz «grande, mesmo para além do âmbito regional a que quis circunscrever a sua actividade de investigador incansável, mesmo levando em conta as inevitáveis limitações do seu autodidatismo e certa falta de método, manifesta na fruste arrumação e sistematização de materiais». Propondo: «Numa futura – e muito desejável – reedição das obras do Abade de Baçal deverá incluir-se também nas *Memórias* o volume *Vimioso*, Notas Monográficas, feito de colaboração com Adrião Martins Amado que para ele escreveu o capítulo sobre Argozelo (Coimbra, 1968) [...]» António Montês (“Baçal”, *Terras de Portugal*, 3.<sup>a</sup> série, 1943, p. 29-37 [35], com “Prefácio” do Abade, p. 7-10) salienta, neste, a «clareza, precisão e honestidade verdadeiramente admiráveis». Os seus últimos momentos vêm contados por Monsenhor José de Castro.

Esse magistério abacial – Abade e Monsenhor Castro foram exaustivamente bibliografados por Hironidino Fernandes, à frente memorando o Parâmio natal – teve discípulos em batinas sábias: António Maria Mourinho, Firmino Martins, Joaquim Manuel Rebelo,

Francisco Videira Pires, António Nogueira Afonso e, entre outros, Belarmino Afonso. Era coetâneo o Padre Ernesto Augusto Pereira de Sales. No século, sem já falar em modernos trabalhos universitários no campo da Arqueologia, da História e da História de Arte, cumpre citar, vindo até à engenharia de pontes seculares, Albino dos Santos Pereira Lopo – autor dos mais conhecidos *Bragança e Benquerença* (1898-1899; 1983) e *Apontamentos Arqueológicos* (1987) –, Ana Maria Afonso, Ângelo Patrício, António Jorge Nunes, António Júlio Andrade, António Rodrigues Mourinho, o luandense Carlos Ervedosa, Fernando Vicente, Filipe de Campos, Francisco Felgueiras, J. A. de Pêra Fernandes, J. M. Neto Jacob, Joseph Maria Piel enquanto investigando a toponímia bragançana de origem visigoda, Lourdes Leitão-Bandeira, Luís Alexandre Rodrigues, Luís Vale, Manuel António Gouveia, Manuel Carlos Patrício, Manuel de Sousa Cardoso, Maria Alcina Correia Afonso dos Santos, Vergílio Correia, Vítor Alves... Recolector da etnografia do Barroso – neste caso, sobre as chegadas de bois –, o Padre Lourenço Fontes fez-se mediático por outras razões; Elísio Amaral Neves conhece Vila Real como ninguém, e oferta-nos flores esmaecidas de uma tradição, que urge reviver; já sobre as festas de Santo Estêvão (ou do solstício de Inverno) e de Carnaval no Nordeste é António Pinelo Tiza quem melhor as vem descrevendo. Além de matéria transfronteiriça, o elemento máscara fez-se trans-artístico, conquistando o cinema, o teatro e as artes plásticas, em que sobressaem Noémia Delgado, João Vieira, Graça Morais e, numa lista incompleta, recente José António Nobre e suas *Máscaras*. Elemento natural em qualquer boa antropologia, mas secundarizado, merece vir a esta mesa uma síntese sobre a locução “à transmontana” – e um especialista, Virgílio Nogueiro Gomes, enche-nos a barriga.

A crónica dos lugares e de figuras alarga o quadro, enquanto emerge uma subjectividade. É outra forma de Memória, e nem sempre sob máscara literária, como em Idalina Brito. Luísa Dacosta propôs-nos o seu balanço de vida, que já resumira noutra lugar: «Tive uma infância feliz, não rica, mas feliz, sem infantário. Andei de burro, apanhei rãs nos rios, subi descalça às árvores, fiz magustos, fiz roupinhas e cozinhei para as bonecas em fogões pequeninos, mas autênticos, fiz enterros de passarinhos, todas essas coisas e que eu acho que são importantes para crescer.» (*Gazeta Literária* / Porto, Janeiro-Junho de 1961)

Essa vida foi cedo perdida em Afonso Praça e Eduardo Guerra Carneiro, que nos ajuda a evocar António Reis e Margarida Cordeiro, cine-

astas que não se ficaram por *Trás-os-Montes* (1976), e mostram, com Manoel de Oliveira, Alfredo Tropa, António Campos, Leonel Brito, etc. – sem esquecer telenovelas –, a beleza irrepetível dos nossos cenários. Veja-se, a propósito, uma prosopografia do Corgo, por Sousa Costa. Ou da acastelada ‘Vila’ de Bragança, quando esta era *Coimbra em miniatura*, pelos feitos e desfeitos de estudantes (um segundo *In Illo Tempore*), no dizer do também poeta José Santa Rita Xisto, primo de Camilo Pessanha.

O critério de selecção rouba-nos Camilo Castelo Branco, mais transmontano do que lisboeta, portuense ou minhoto, recuperado em Calisto Elói, tão actual como os desmandos parlamentares. É cuidado por Adriano Moreira. Camilo diz Vila Real «pátria de meu pai, e a minha primeira paragem depois que a orfandade, aos nove anos, com a sua escolta de infortúnios começou a andar comigo de inferno em inferno» (*Memórias do Cárcere*, 1.º vol., 8.ª ed., 1966, p. 18). O artista *faz-se* nessa cidade (cf. p. 55).

A transformação e *queda* de Calisto Elói também passa pelo idioma. Única região com duas línguas oficiais e riqueza de falares aqui paradigmaticizados no rionorês (maneira de acertar com a data de morte, em 26-IV-1952, de Daniel José Rodrigues), há muito que muitos vão compondo um dicionário da nossa linguagem, dominante, a par da *terra em si*, enquanto modelo e pano de fundo (ou seu elemento determinante), do que chamamos literatura transmontana. Não só glossários entram no final de variadíssimas obras, como, de Leite de Vasconcelos a Augusto Moreno – poeta inesperado –, de Joaquim Manuel Rebelo (somem-se investigações “Para a História da Imprensa de Trás-os-Montes e Alto Douro”) a Vítor Fernando Barros, justo é lembrar um labor de décadas de A. M. Pires Cabral, a ultimar o que será o mais completo dicionário regionalista. Excepção à regra de incluir *só nascidos nos dois distritos* é Evelina Verdelho, curando da linguagem de um «romance de costumes trasmontanos», subtítulo de *Por entre Fraguados* (1941), de ficcionista ignorado, Manuel António Ribeiro (não confundir com homónimo alentejano), ascendente da poetisa Maria Augusta Ribeiro.

A meio desta caminhada – que é, também, da própria configuração de uma literatura transmontana assente em particular húmus cultural –, cai bem uma lembrança prefacial, por Telmo Verdelho. Quando Hirondino Fernandes editar, de forma regular, a *Bibliografia do Distrito de Bragança*, tornar-se-á mais fácil organizar antologias. Um



primeiro esboço de “Para Uma Bibliografia do Distrito de Bragança”, em sete números de duplo rodapé, começou por sair no *Mensageiro de Bragança*, em 15-VIII-1969. Até Outubro de 1974, este semanário teve década auspiciosa ligada às matérias aqui em apreço. Em poucos anos, saltaram dessas páginas para livro Fernando Pacheco, Jorge Morais, Carlos Pires, Ernesto Rodrigues, Luís Canguieiro, Desidério Martins, Alcides Manuel Rodrigues, Fernando Calado, Raul Morais, João Rodrigo, José Mário Leite.

Quando, pois, se perfizer o mais completo dicionário de documentos e autores em Portugal, acompanhado daquele dicionário de língua regionalizada e de outro tangendo ao Mirandês, só aí começaremos a perceber melhor este chão milenar.

**A**s *Paisagens* líricas e ficcionais podiam começar pelo cosmopolita Francisco de Morais (c. 1500-1572), cujo *Palmeirim de Inglaterra* (c. 1544) é glória das novelas de cavalaria, aplaudido no *Quixote*. Nascido em Morais (Macedo de Cavaleiros), deve ter assistido, na sexta-feira de Endoenças de 1521, numa igreja de Bragança, à leitura da *Celestina*, por um ferreiro... Mas, como ele, saíram inúmeros destes lugares – que para outros foram de degredo –, ou por necessidade económica, ou por vocação missionária, e, a partir de Seiscentos, acossados, se judeus, caso de Oróbio de Castro e Jacob Rodrigues Pereira.

Figura grada na Europa, o poeta neolatino Inácio de Morais (morreu em 1580) só em círculos restritos é conhecido. Os orientes cedo atraem terra de nautas atlânticos e americanos (Diogo Cão, Fernão de Magalhães, João Rodrigues Cabrilho): entre Jorge Álvares e António Pinto Pereira – secretário de D. António, prior do Crato, autor da *História da Índia no Tempo em Que a Governou o Vice-Rei D. Luís de Ataíde*, Coimbra (1617) –, inaugurava-se família de grandes orientistas, até Francisco Maria Esteves Pereira, António Lopes Mendes, Jaime Coelho e Armando Martins Janeira, que nos resume em poema.

A par do exílio de judeus – estudados por Amílcar Paulo –, encontramos a força da missão católica, particularmente em Macau, com nomes incontornáveis: Joaquim Afonso Gonçalves, Manuel Teixeira (só um título dos 120 que subscreve: *Missionários de Freixo de Espada à Cinta*, 1993), Benjamim Videira Pires, Júlio A. Massa, sonetista quantioso. Exilado no Brasil esteve Monsenhor José de Castro, antes de representar o país no Vaticano.

Decisores e políticos não houve poucos, a começar por Luciano Cordeiro, José Maria de Alpoim, também jornalista, o último chefe de governo da Monarquia, Teixeira de Sousa, e António Granjo. No Estado Novo, proliferaram ministros, enquanto outros se exilavam: não esquecer João Sarmento Pimentel (1888-1987), cujas *Memórias do Capitão* (no Brasil, 1963; Porto, 1974) Jorge de Sena prefaciou. É de novo retratado em *Sarmento Pimentel ou Uma Geração Perdida* (1976) por Norberto Lopes (1900-1989), já então decano – como decano será o polígrafo Raul Rêgo (1913-2002) – dessa plêiade de jornalistas com provas dadas no Porto e em Lisboa, mesmo quando a Imprensa não era ofício primeiro. Requer-se, também aqui, um panorama antológico.

Assim, no Porto, tivemos Alves da Veiga, Luís Botelho, o general Adriano de Sá, João Barreira, Justino de Montalvão, amigo de Nobre e Junqueiro, que lhe prefaciou *Poeira de Paris* (1906), Afonso de Castro, [Alberto Mário de] Sousa Costa, Gastão de Sousa Dias, Carlos Cochofel, Nuno Teixeira Neves, Carlos Magno, etc.; em Lisboa, justo é acrescentar Alves Correia, Manuel Múrias, Afonso Praça, Rogério Rodrigues, António José Cadavez, Eduardo Guerra Carneiro.

Professores e ensaístas que também deixaram a terra-mãe, em remissões constantes na obra e actividade pública, foram Emídio Garcia, J. J. Lopes Praça, Maximiano Lemos, Francisco Miranda da Costa Lobo, Manuel António Ferreira Deusdado, João Lopes Carneiro de Moura, Paulo Quintela, A. A. Gonçalves Rodrigues – com a melhor recolha sobre *A Tradução em Portugal* –, Manuel dos Santos Alves, Adriano Moreira, Júlio Fragata, Hironidino da Paixão Fernandes, Alfredo Margarido, António Borges Coelho, António Cirurgião, Nelson Vilela, Fernão de Magalhães Gonçalves, Cassiano Reimão, Artur Manuel S. Manso, Edite Estrela. Linhagem desta última, em sua pedagogia da língua na Imprensa, está nos gramáticos Amaro de Reboredo e Madureira Feijó, precedida por Augusto Moreno e Raul Machado. Entre a Universidade e a Academia, ficará o labor linguístico de Mário Vilela, Telmo Verdelho e do germano-nordestino Rolf Kemmler.

Tudo compulsado, assentámos na pura tradição do contismo alicerçado em Álvaro do Carvalho – mestre do estranho, no mais conhecido *Os Canibais*, que analisamos em *Mágico Folhetim. Literatura e Jornalismo em Portugal* (1998), e filmado por Manoel de Oliveira –, Trindade Coelho, Campos Monteiro, João de Araújo Cor-

reia, Domingos Monteiro e Miguel Torga, com fusão de uma arte da linguagem e de personagens características na pureza formal, derivando alguns, igualmente, para o romance: Bento da Cruz, nessa vivacidade de cenas em flagrantes pluridimensionais, regidos pelo dicionário do terrunho; A. Passos Coelho; Nuno Nozelos; Modesto Navarro, com policiais assinados Artur Cortez; António Cabral; Pires Cabral; Manuel Cardoso. De romance, todavia – dada a dificuldade em criar unidades de sentido comportáveis numa colectânea, como evidente em Carlos Machado –, só extraímos de Fernando Chiotte, quando a acção se suspende na última visita ao berço de emigrante naturalizado norte-americano. Outros são, por enquanto, somente contistas, e muitos poetas há, aproximando-se alguns do fugidio cânone, e tão falível.

Veja-se João de Lemos, que inaugura esta selecção de 140 anos, seja, nascidos entre 1819 e 1959. Um quarto de século após a morte do exilado parisiense Filinto Elísio (1819), João de Lemos lança as emblemáticas folhas de poesia d’*O Trovador* (1844) – a grande revolução na lírica desde 1640, no entender de A. P. Lopes de Mendonça (*Ensaio de Critica e Litteratura*, 1849), que releva a altura lírica de Lemos. Este toma Filinto por «Noé da linguagem pátria» (*Revista Academica*, Coimbra, n.º 14, 18-X-1845) e, modulando a saudade a partir de além-Mancha, compõe “A Lua de Londres”, um dos quatro momentos mais altos da poesia portuguesa, segundo Luís Augusto Palmeirim n’*O Panorama* (n.º 5, 2-II-1856, p. 35). Os outros são: «O episodio de Ignez de Castro, nos *Lusíadas*; o formoso idyllio de Bocage “A Saudade Maternal”; o começo do 4.º canto do *Camões*, de Garrett».

Doravante, «plúmbeo céu» e derivados acham-se em Camilo, em epígrafes, nos lugares mais díspares. Até *Maria Benigna* (1933), de Aquilino Ribeiro, João de Lemos emparceira com Garrett, Herculano e Soares de Passos nas aras do imaginário oitocentista. E, no entanto, qual a fortuna, hoje, desse activo fundador de jornais e figura de proa de uma escola literária designada por ultra-romantismo? Pouco menos do que um injusto esquecimento. Idas as pastoras das bucólicas quinhentistas, a sua pastora entreabre para novas figurações do trabalho, cumulando-se n’*Os Meus Amores*. Vez primeira, de forma extensa em seus pormenores, a terra de origem faz-se poesia.

Menos fortuna tem Manuel Duarte d’Almeida, ou os aqui ausentes Inácio Pizarro de Moraes Sarmiento, Custódio José Vieira, Diogo de Macedo, Monteiro Ramalho, Hamilton de Araújo, que não conheceram,

porém, a acção mercuriana de João de Lemos. Ao contrário, Junqueiro recuperou a figura do intelectual antes perceptível em Herculano.

O crítico Fernando Pessoa, ao rastrear, n'*A Águia* (1912), *a nova poesia portuguesa*, recua a Antero de Quental e António Nobre (que morre em 1900, ano, também, de Eça e de Luciano Cordeiro) para situar a fase que desagua no Junqueiro de *Oração à Luz* (1904), «obra máxima da nossa actual poesia», e no Teixeira de Pascoaes de *Vida Eetérea* (1906). Para Pessoa, o autor de *Pátria* (1896) é superior a Chateaubriand ou Edmund Spenser; e «De um canto à luz tira Junqueiro uma das maiores poesias metafísicas do mundo, poesia que se pode comparar só a *Ode on the Intimations of Immortality* de Wordsworth». Nesta senda de quase geral admiração resumida na *História da Literatura Realista* (1914) de Fidelino de Figueiredo, não espanta que Leonardo Coimbra dele diga «um Poeta como Ésquilo, Dante, Shakespeare, Camões», e Raul Proença «o maior poeta da volúpia que eu conheço em língua portuguesa». O amigo Miguel de Unamuno considerava-o «um dos maiores do mundo».

A geração nascida com o século, que entrava nas lides literárias no ano da sua morte, olhava para Junqueiro como a de Eça para Victor Hugo: «[...] era o nosso mestre, o nosso guia, o nosso Poeta (com P maiúsculo!), diria mesmo o nosso deus», lembrou António Álvaro Dória no diário *A Tribuna* (Lisboa), em 15-I-1980, ano em que um programa televisivo dedicado ao natural de Freixo de Espada à Cinta despertou polémica nos jornais. Após entrevista de primeira página no *Diário de Notícias* (26-I-1923) – «O glorioso poeta dos “Simples” [...] faz uma enternecedora profissão de fé religiosa», rezava manchete –, a comoção tomou conta do país, «Quando na tarde de 7 de Julho de 1923 os *placards* dos jornais anunciaram a morte de Guerra Junqueiro», informa Dória. ‘Voz da Revolução’, com amigos em todos os quadrantes, o féretro do antigo deputado do Partido Progressista e representante da República em Berna saiu da Basílica da Estrela, foi aos Jerónimos e descansou no Panteão Nacional.

À glória seguia-se a consagração, vizinhando Garrett (1854) e João de Deus (1896); o ex-poeta Manuel de Arriaga (1917) repousava ali na qualidade de Presidente da República, e assim será com Teófilo Braga (1924), apesar de lírico, contista, historiador e professor de literatura – mas não Manuel Teixeira-Gomes (1860-1941), outro Presidente, escritor e exilado.

Em 1924, a tese de licenciatura do futuro José Régio, logo editada como *As Correntes e as Individualidades na Moderna Poesia Portuguesa* (1925), reconhecia que «Guerra Junqueiro e Gomes Leal conquistaram um público vibrante», apesar do que, e feita análise sobre os altos e baixos, «teremos de considerar Junqueiro um poeta medíocre». A par de releituras afins de António Sérgio e outros, contrabalançadas por entusiastas seus, a chama institucional manteve-se: o município portuense delibera criar, em 8-II-1940, a Casa-Museu Guerra Junqueiro; no centenário do nascimento, *Antologia* destinada à juventude – insinuando um vate compassivo e resignado – incendeia jornais, é discutida na Assembleia Nacional e transforma 1950 em «ano áureo de Junqueiro» (Norberto Lopes, *Diário de Notícias*, 26-XI-1979).

A Academia das Ciências persiste no elogio – encabeçada por quem, nesse primeiro quartel do século, se guindou a glória concorrente: Júlio Dantas. Mas, se este *aparecia*, aquele *significava*.

O seu poema “A fome no Ceará” representa uma das preocupações desta selecção: textos com alguma ligação ao universo lusófono, sobretudo, brasileiro. Assim se justifica encerrarmos a língua portuguesa com Torga, único repetente, numa notável conferência lida em São Paulo (nos 400 anos da fundação da cidade) e no Rio de Janeiro, qual díptico de “Um Reino Maravilhoso (Trás-os-Montes)”, 13 anos antes. Este mereceu edição autónoma (2002) profusamente ilustrada por Graça Morais.

Na ordem crescente de preocupações, estava um uso estético da linguagem que nos individualiza, e, neste domínio, dos bons contistas que temos, e novos romancistas, adiados para outra oportunidade, lamenta-se a ausência de Alberto Fernandes, Alfredo Margarido, Américo Augusto Borges, Cláudio Carneiro, Fernando Calado, Fernando Mascarenhas, Guedes de Amorim, Hélder Rodrigues, Joaquim Ribeiro Aires, João Pinto Vieira da Costa, Jorge Laiginhas, José Carrapatoso, Monteiro Cardoso, Salvador Parente, Virgílio do Vale, ou Regina Gouveia e António Fortuna, brasileira e angolano de origem, respectivamente.

Foi preocupação primordial um entranhamento na terra, físico e espiritual, sem obviar a algumas safadezas de homens práticos. Duvidamos que outra geografia viva tão geminalmente esta ligação. Diga o leitor se, no final, não sente o chão regado com o nosso suor e nossas sombras, e seu passado em nós ainda vívido.

Os limites de um trabalho destes são conhecidos, por maior admiração que tenhamos por quem já adaptámos ao teatro (Telmo Ferraz, *O Lodo e as Estrelas*, 1960), recenseámos ou citámos amiúde. Verbetámos dezenas para o *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses* (IV, 1998; V, 2000), caso de Otilio Figueiredo e Luís Cabral Adão, aqui ausentes, tal como João Pina de Moraes, Montalvão Machado, aquele Reis Ventura cuja *Romaria* derrotou a *Mensagem* pessoana, o luso-brasileiro Carlos d'Alge e dezenas de membros da novel Academia de Letras de Trás-os-Montes, que agora se estreia chancelando volume.

Os nascidos nos anos 60 e depois têm largo futuro: Carlos Aedmar, César Alexandre Afonso, Paulo Jorge Fidalgo, José Carlos Barros, Dulce Maria Cardoso, Rui Pires Cabral, Vítor Nogueira, Isabel Alves, Isabel Mateus, Maria da Assunção Anes Moraes... Joaquim Manuel Magalhães nada autoriza; outros não respondem, ou as editoras, tal Abel Neves, ficcionista e dramaturgo, que entraria naquela qualidade, porque se decidiu não incluir excertos de peças, cujo sentido ficaria amputado. É justo citar, neste apartado, o trabalho de Helena Genésio e quadros histórico-lendários devidos a António Manuel Afonso.

Outra secção a pensar futuramente deve convocar os que, aqui nascidos, emigraram, também para outras línguas (francês, sobretudo), quando acção e cenário se conjugam com as nossas origens. Afora a bibliografia registada e oferecida por Nuno Canavez a Mirandela, as existências em museus, autarquias apoiantes de concursos literários, institutos superiores e Universidade, os centros de documentação do Grémio Literário Vila-Realense e da Academia de Letras de Trás-os-Montes comportam, já, séculos de textos, que a Biblioteca Nacional e arquivos completam, guiados por Hirondino Fernandes e pelo *Dicionário dos Mais Ilustres Transmontanos e Alto-Durienses* (3 vols., 2001-2003), de Barroso da Fonte.

As antologias temáticas do Grémio Literário são preciosas; e a melhor aproximação à vária Vila Real na transição de Oitocentos para o séc. XX está em *Vila Real. História ao Café* (coord. de Elísio Amaral Neves, A. M. Pires Cabral, 2008), largo fresco assinado por dezenas de autores, sendo que o último já nos levava por mão bilingue através de *Vila Real. Itinerário Mínimo* (1998), antes dos álbuns *Vila Real. Um Olhar muito de Dentro* (fotografia de Albano Costa Lobo, 2001), e *Carrazeda de Ansiães* (fotografia de Roberto Santandreu, 2006).

Em Bragança, Armando Fernandes tem coordenado obras de síntese fundamentais, de que citamos *Contrastes e Transformações da Cidade de Bragança*, 2004, e *Bragança Marca a História, A História Marca Bragança*, 2009, entre outras editadas pela Câmara Municipal e pelo Programa Polis. Síntese geral da cidade está em João Manuel Neto Jacob, *Bragança* (1997).

Aí fica uma sessentena de textos em língua portuguesa, caldeada pelas estações de terra que traz outra cor à linguagem. Alguns autores estão entre os primeiros da nossa literatura. Fronte extensa e muralhada no cimo do reino, o visitante perceberá melhor em Trás-os-Montes, «torrão aberto aos olhos do mundo», a máxima de Torga: «O universal é o local sem paredes.»

























# Língua Portuguesa



# Paisagens



---

## João de Lemos

(1819-1890)

---

### AS QUATRO CORDAS DA LIRA

Tem quatro cordas a lira,  
Com quatro sons, e mais não,  
Embora mais lhe desfira  
Dalgum bardo a incerta mão,  
Que da minha outros não tira,  
Nem tem mais o coração.

A primeira, a melhor corda,  
Afinei-a para os céus;  
Do abismo sentado à borda,  
Olho afoito os males seus,  
Porque a lira me recorda,  
Porque a lira me diz – Deus,

A segunda só me fala  
Da minha terra natal,  
É corda que não estala,  
Entre as paixões é leal;  
Pátria, Pátria – é o som qu'èxala,  
Minha Pátria, Portugal!

Tem a terceira branduras,  
Tem perfumes como a flor,  
É a corda das ternuras  
De mancebo e trovador.  
Tem mágoas, mas tem venturas;  
Esta corda diz – amor.

Resta a quarta, que afinada  
Agora melhor a quis;

É corda por ti provada,  
Que das outras não desdiz,  
Corda d'afectos temp'rada,  
Amizade – é o som que diz.

E as quatro cordas num hino,  
Num só hino hei-de casar,  
Se, enquanto ousado as afino,  
Mão da morte as não quebrar,  
Que das quatro o som divino  
Numa só voz diz – amar.

.....

## A LUA DE LONDRES

É noite; o astro saudoso  
Rompe a custo um plúmbeo céu.  
Tolda-lhe o rosto formoso  
Alvacento, húmido véu;  
Traz perdida a cor de prata,  
Nas águas não se retrata,  
Não beija no campo a flor,  
Não traz cortejo de estrelas,  
Não fala d'amor às belas,  
Não fala aos homens d'amor.

Meiga lua! os teus segredos  
Onde os deixaste ficar?  
Deixaste-os nos arvoredos  
Das praias d'além do mar?  
Foi na terra tua amada,  
Nessa terra tão banhada  
Por teu límpido clarão?  
Foi na terra dos verdores,  
Na pátria dos meus amores,  
Pátria do meu coração?  
Oh! que foi!... deixaste o brilho  
Nos montes de Portugal,  
Lá onde nasce o tomilho,  
Onde há fontes de cristal;  
Lá onde viceja a rosa,  
Onde a leve mariposa  
Se espaneja à luz do sol;  
Lá onde Deus concedera  
Que em noites de Primavera  
Se escutasse o rouxinol.

Tu vens, ó lua, tu deixas  
Talvez há pouco o país,  
Onde do bosque as madeixas  
Já têm um flóreo matiz;  
Amaste do ar a doçura,

Do azul céu a formosura,  
Das águas o suspirar;  
Como hás-de agora entre gelos  
Dardejar teus raios belos,  
Fumo e névoa aqui amar?

Quem viu as margens do Lima,  
Do Mondego os salgueirais,  
Quem andou por Tejo acima,  
Por cima dos seus cristais,  
Quem foi ao meu pátrio Douro,  
Sobre fina areia d'ouro,  
Raios de prata esparzir,  
Não pode amar outra terra,  
Nem sob o céu d'Inglaterra  
Doces sorrisos sorrir.

Das cidades a princesa  
Tens aqui; mas Deus, igual  
Não quis dar-lhe essa lindeza  
Do teu e meu Portugal;  
Aqui, a indústria e as artes,  
Além, de todas as partes,  
A natureza sem véu;  
Aqui, oiro e pedrarias,  
Ruas mil, mil arcarias,  
Além, a terra e o céu!

Vastas serras de tijolo,  
Estátuas, praças sem fim  
Retalham, cobrem o solo,  
Mas não me encantam a mim;  
Na minha pátria, uma aldeia,  
Por noites de lua cheia,  
É tão bela e tão feliz!...  
Amo as casinhas da serra,  
Co'a lua da minha terra,  
Nas terras do meu país.



Eu e tu, casta deidade,  
Padecemos igual dor,  
Temos a mesma saudade,  
Sentimos o mesmo amor:  
Em Portugal, o teu rosto,  
De riso e luz é composto,  
Aqui, triste e sem clarão;  
Eu, lá, sinto-me contente,  
Aqui, lembrança pungente  
Faz-me negro o coração.

Eia, pois, ó astro amigo,  
Voltemos aos puros céus,  
Leva-me, ó lua, contigo  
Preso num raio dos teus;  
Voltemos ambos, voltemos,  
Que nem eu, nem tu podemos  
Aqui ser quais Deus nos fez;  
Terás brilho, eu terei vida,  
Eu já livre, e tu despida  
Das nuvens do céu inglês.

## A PASTORINHA

Pastorinha, tu que fazes,  
Cá tão longe do lugar,  
Todo um dia, enquanto trazes  
No monte o gado a pastar?  
Que fazes tu, pastorinha,  
Que fazes assim sozinha?

Fecha-te o mundo esta selva,  
Nem dele os sons aqui vêm,  
E tu, sentada na relva  
Tantas horas sem ninguém!  
Que fazes tu, pastorinha,  
Que fazes assim sozinha?

Na roca tens companheira,  
Mas nestes dias que são,  
Se bem fias, fiandeira,  
Vai-se a estriga, ou cansa a mão!  
Que fazes tu, pastorinha,  
Que fazes assim sozinha?

Malmequeres desfolhados  
Tens no regaço, e aos pés;  
São já folhas de cuidados,  
Ou desejos que mal vêm?  
Dize, é nisto, pastorinha,  
Que lidas por cá sozinha?

Se tu conversas co'as flores,  
Se cismas, a olhar sem ver,  
Pastora, sonhas pastores,  
Amando sem no saber;  
Dize, dize, pastorinha:  
Tu lidas nisto sozinha.

Ai! pastora, tu coraste,  
E vejo no teu rubor

Que, se o teu gado, guardaste,  
Não te guardaste d'amor;  
Guarde-te Deus, pastorinha,  
Não andes assim sozinha.

## NÃO TE ENTENDO, CORAÇÃO

Mas se não amo, nem posso,  
Que pode então isto ser?  
Coração, se já morreste,  
Porque te sinto bater?  
Ai, desconfio que vives  
Sem tu nem eu o saber.

Porque a olho quando a vejo?  
Porque a vejo, sem a olhar?  
Porque longe dos meus olhos  
Me andam os seus a lembrar?  
Porque levo tantas horas  
Nela somente a pensar?

Porque tímido lhe falo,  
E dantes não era assim?  
Porque mal a voz lhe escuto  
Não sei o que sinto em mim?  
Porque nunca um *não* me acode  
Em tudo o que ela diz *sim*?

Porque estremeço contente,  
Quando ela me estende a mão,  
E se aos outros faz o mesmo,  
Porque é que não gosto então?  
Deveras que não me entendo,  
Nem te entendo, coração.

Ou me enganas, ou te engano;  
Se isto amor não pode ser,  
Não atino, não conheço  
Que outro nome possa ter;  
Ai, coração, que vivemos  
Sem tu nem eu o saber.

---

# Álvaro do Carvalho

(1844-1868)

---

## HONRA ANTIGA

### I

Não há castor ou hipopótamo que me sobreexceda no amor às águas. Desde pequenino se manifestou em mim esta afeição, pois que ainda não tinha quinze dias quando me chimpei de mergulho na onda fresca dum lago.

O lago era a pia baptismal.

Mergulhei buliçoso como uma enguia e emergi radiante como um querubim.

Mas prendas desta polpa e calibre não se baldam em meros exercícios de ginástica como a equitação, a dança, a esgrima; nem tão-pouco se limitam, como a música, o desenho e o lirismo, a mesteres de galanteio e passatempo.

Têm mais prestimoso alcance.

O pescador de pérolas mergulha, por entre florestas de corais, para extrair do fundo dos mares os tesouros que lhe tentam a cobiça; o pescador de trutas mergulha para, das cavidades dos rochedos, ou de entre as torcidas raízes dos amieiros, extrair, apreendido pelas guelras, um mimo de boa culinária; eu mergulhei, se não para me colmar de pérolas, ou para me regalar de trutas, ao menos para fazer aquisição dum nome.

Chamo-me Cristóvão. Pesquei um nome de romance, sonoro como qualquer madrigal. E, com ele filado à minha grave personalidade, vou vivendo, por não ter mais nada que fazer. O nome de meus pais, esse é que ficou nas águas turvas, ainda por algum tempo.

Sou filho do pecado. Devo a existência a uma insignificante distracção de minha mãe. Perdera-se, a desvairada, perdera-se de amores por um simpático moço, de condição muito sobranceira à sua. Se era mulher!

E qual é o anjo que não tem na esplêndida madeixa o selo duma passageira mácula?

Entre ela e meu pai não se encapelavam oceanos, nem se revolitavam montanhas de candente areia, nem se alongavam continentes, nem se encadeavam cordilheiras. Maior, muito maior, era o obstáculo que se interpunha: uma coroa de conde e uma origem feudal.

A paixão encurtou as distâncias que o nascimento assinalara e uniu-os num doce amplexo. O prejuízo do século obstava, todavia, a que se santificasse perante o mundo o que perante a natureza estava santificado.

Isto passou-se na escuridão do mistério. Cobriram seus devaneios culpados de espessas neblinas, que, se não, o velho alferes, meu avô, vingara a desonra da filha no sangue do sedutor.

Era meu avô um velho de rija têmpera peninsular. Como *voluntário* gladiara nas pelejadas lutas da liberdade, e sempre introduzira a espada valorosa até ao mais lizado e nervudo das inimigas falanges. Onde procedeu, restabelecida a paz, voltar a suas magras terras, tão magras, que mal davam para um passadio decente, levando, na escarcela, carta patente e honras de alferes, e, no rosto, nobres cicatrizes a atestarem os feitos do soldado. Melhorando de posição, nem por isso deixava de considerar como evidentemente necessária a escala das jerarquias, tal qual a tradição lha transmitia. Filho do povo, não consentiria em mesclar seu sangue com o sangue dum nobre, nem talvez à custa da própria vida. E só uma coisa estimava mais do que a vida – a honra.

Pouco habituado a discernir por si, pensava na maioria dos casos o que seus avós quiseram que pensasse. Seguia-lhes na esteira, de olhos fechados, fanático e pertinaz, duvidando da luz que de outro lado lhe fizessem, porventura, resplandecer.

Em matéria de honra era como um reflexo de Catão. Era a honra em pessoa, mas a honra consoante a entendia ele, tal como nós a não entendemos hoje. Tão seguro estava de si que nem por sombras se lembrara de que na sua família podia inocular-se um fermento de corrupção.

Se soubesse! Ensandecia, decerto.

Petronilha, o nome de minha mãe, viçava como uma flor que fresca desabrocha. Todas as pompas da juvenildade se abrilhantavam nela. Também mais requestada nunca foi beleza campesina. Nem se viu moça linda tão esquiva e avessa ao santo matrimónio. Iam-se os galãs, uns após outros, feridos e estropiados na infeliz campanha. O alferes

olhava de soslaio a filha, com trejeitos de nada contente, e satisfazia-se rosnando lá consigo:

– Há-de mudar, há-de mudar em lhe chegando a primavera. Estou pronto a apostar com quem quiser.

Mas a tal primavera parecia uma ficção, não chegava. E arriscada fora a aposta, porque os anos sobrevivham e Petronilha continuava livre como uma toutinegra. O alferes dava-se a perros.

Um belo dia, tinha-se servido o jantar, um jantar, se não opíparo, mais abundante que de costume. Acrescia à mesa um hóspede. Um moço robusto e fornido de tesas e avermelhadas carnes, prognósticos satisfatórios e nada comum pecúlio.

Petronilha media-o com terror. Adivinhava um noivo. Seu pai lhe falara dele na mais eloquente e lisonjeira linguagem que sabia.

– Lá vai à saúde – diz o alferes, levantando um copo cheio até às bordas e piscando um olho com maliciosas pretensões –, à saúde de certa insensível, refractária ao casamento, que, antes de três dias, graças aos estimáveis dotes do nosso amigo Estêvão Ribô, aqui presente, se fará mole de cera dada a correntia.

O moço agradeceu, esvaziando um cangirão. Petronilha baixou os olhos, perturbada.

– Então que é isso, menina? – exclama o alferes. – Assim agradeces o bem que te queremos?

– Eu, pai?! Mas... deveras, não sei que agradecer!

– Valha-te Deus, filha. Pois não percebes o que te anda por casa? A tua boda, uma boda magnífica!

– Minha?!

– Não. Sou eu que caso, ali com a permissão de tua mãe.

– Consinto! – clama a velha matrona no meio dos estrépitos da hilaridade.

– Mas... – balbucia a pequena, competindo na cor com os corais que trazia ao pescoço.

– Silêncio – atalha o pai, impando de soberania e majestade. – Todos temos a nossa época de eflorescência. Não há ser organizado na criação que possa fugir a lançar, como as árvores, seus rebentões, flores e sementes, pelas quais se multiplique e se perpetue. Eu estou velho e acabado, e tenho o direito de exigir a minha filha que me não prive ainda a continuação duma raça que merece mais prolongada existência. Não te quero para freira, Petronilha.

– Mas, senhor meu pai... – torna ela, cada vez mais envergonhada.

– Está bem. Sei o que vais dizer. Lamúrias de rapariga. Lá te avém com o Estêvão. Comigo está tudo dito.

Esta linguagem rude, e sobremaneira estouvada, não se compadezia do melhor modo com a índole aristocrática de Petronilha. Em extremo humilhada, pregava, timorata, no alferes os grandes olhos azuis, dirigindo-os depois suplicantes para a mãe. Esta mostrava-se entretida no bom serviço da mesa e totalmente estranha à conversa. Sentia-se desamparada, a pobre rapariga.

Ela, ao revés dos seus progenitores, era uma romanesca imaginação. Antes queria ser a amante aviltada dum príncipe proscrito e mendigo do que a esposa respeitável dum rico burguês. Julgue-se do que sofreria.

Devorou com paciência as graçolas de Estêvão, que, apimentadas, saltavam com fecundo gáudio dos cônjuges, e suportou, sem redarguir, os azedumes do pai. Mas, apenas fechada no seu quarto, vingou-se, deixando manar livremente abafadiço pranto.

Bem conhecia ela o ríspido e contumaz carácter do alferes para esperar clemência. O «quero» de seu pai, poucas vezes pronunciado, valia uma sentença sem apelação. Como resignar-se? Que seria do seu conde, do seu formoso conde, que, em cada novo sofrimento que lhe causava, mais adorado se fazia? E como agora lhe feriam no coração as saudades desses deliciosos sofrimentos! Revelar tudo, seus amores, já tão duradouros e tão obscuros, a existência dum filho, a minha existência, as noites sagradas a indizíveis ternuras, fora pedir a morte, que uma falta dessas não passara impune.

Porém... num peito de mulher não acharia eco a sua desventura? A mãe, que também foi filha, não saberá dar desculpa às invencíveis fragilidades dos dezoito anos?

Cair-lhe nos braços e fazer, em lágrimas, eloquente confissão, quem sabe se, entrando com ela a caridade, lhe granjearia uma defensora contra a paterna vontade?

Vão desejo.

A matrona, identificada com o marido, seria inexorável como ele, e mais do que ele talvez. Que fazer?

Ai, conde, conde!

Nestes termos ia enfileirando planos com que acender reanimadoras esperanças e com que desbistar a dor, que rijamente a asseitava, quando o alferes veio procurá-la, de séria catadura e reflectido tom.

– Petronilha – diz ele –, vejo-te as pálpebras inflamadas do choro.



Não te perdoo a aflição que me não queres poupar. Bem sabes que te prezo e...

– Sei que me amaldiçoa.

– Ofendes-me. Sou teu pai, tenho por mim a experiência, e quero procurar-te a felicidade, já que tu tens dado sobejas mostras de a desprezar.

– Felicidade fictícia, convencional, cem vezes pior do que o infortúnio, do que todas as calamidades.

– Razões mal assentadas. Cala-te. Esperei muito, fartei-me de esperar que, a teu jeito, escolhesses, para amparo e companheiro, o homem que o teu coração desejasse. Queria deixar-te livre a eleição. Hoje é tarde, porque escolhi eu. Rejeitei a princípio a violência, opto por ela agora. É tempo. Eu e tua mãe vamos no entardecer da existência. Temos a cova aos pés. E, quando se fechar, não queremos que a terra pese demais sobre nós por ter abandonado aos enredos perigosos do mundo a filha que estremecemos. Que destino seria o teu, pobre criança, com a paixão por conselheira e com a credulidade por norte? Estêvão Ribô, sem pretender engrandecê-lo com levantados conceitos, é o tipo da probidade e da discrição. Tenho por sem dúvida que há-de estimar-te às direitas. Se o ouvisses ainda agora! Conhecendo a tua repugnância em negócios de casamento, só teme uma renúncia ofensiva. Casarás, porque eu mando e quero. Entendes?

– Quer matar-me, pai?

– Hás-de casar. Recomendo-te que sejas o menos desamorável que possas com esse honesto rapaz. Não vás aguar-lhe o gosto de te possuir.

– Não posso, não...

– Silêncio.

E saiu com ar soberbo e tenção inabalável, dessas que se não resolvem em certames de palavras.

– Pois sim, sim – murmurou ela, tornando em si do desconcerto em que ficara. – Se é o tipo da probidade e da discrição, há-de ouvir-me sem despeito e com benevolência. Vou contar-lhe o meu segredo, sem nada omitir. E, desta vez, considero-me salva. Querem adular-me em presença do altar, mas não hão-de consegui-lo. Ignoram que pertenço ao meu conde, e só a ele, que lho jurei.

De tarde, afinando coragem e paciência, mostrou-se brilhante de satisfação. O alferes, sem caber em si de contente, cobria a filha de mil pequenos cuidados, e pôs-se em maré de condescendências. Para logo, alvitrou que se fossem, no passeio predilecto de Petronilha, até

ao Sobreiro da Serra, lugar pitoresco e sumamente aprazível, que tinha o nome dum vetusto sobreiro que ali se criara majestoso.

Postos a caminho, Petronilha fingiu-se tocada das vilãs frioleiras de Estêvão, e conseguiu arredá-lo do grupo, deixando os pais a perder de vista.

Iam estes devagar, com muita inquietação, em companhia duma apavonada moçoila que, numa cestinha à cabeça, levava o acepipe de que fazer no monte apetitosa merenda.

– Doidos! – diz o alferes, designando os dois, que iam adiante. – Como se entendem já! Ora fiem-se nos amuos das raparigas. Ainda bem, ainda bem que, pelos jeitos que toma o negócio, tudo vai pelas boas. Antes assim.

Dizendo, acometia o seu simonte a largos sorvos, satisfeito de ver a filha tão outra do que esperava.

– Deram-se os braços! Bem continua. Conversam em intimidade, a modo que segredam. Que dirão, mulher?

– Que dirão! Que dissemos nós, quando por lá passámos? Sempre a mesma cantilena. Rapazio, rapazio!

O que se passou entre Estêvão e Petronilha é um segredo que não nos pertence devassar. É de crer, todavia, que alguma triste revelação se fez intervir. Isto, a termos de julgar pelo que ao diante se verá.

Reunido o pequeno rancho na eminência do Sobreiro, sentaram-se na relva, e foi logo estendida uma toalha alvíssima, sobre a qual se amontoaram gulodices tão salutíferas como substanciosas.

O alferes, de ordinário divertido e folgazão, abraçou-se na ânfora do falerno e fez exclamações dum cómico sobrenatural. Estava nas melhores disposições do mundo. Pouco bastava para alegrar aquela natureza rude e simples. Respeitar o próximo e bem merecer, por esse preço, igual respeito; percorrer os campos, em cuidados da lavoura, nos dias de trabalho; merendar, com a família, aos dias santificados, sobre os cômodos verdes; e empenhar-se, com pia intenção, embora com limitado sucesso, em legar à posteridade numerosa progénie: tal o carreiro que, para seu trânsito invariável, arroteara.

Mas parece que neste dia entrou mau olhado na função.

Estêvão Ribô acabrunhava-se em mazorral e emurchecida aparência. Recusou-se a tomar parte na refeição, e não passava de monossílabos, se o interrogavam.

Petronilha, de má sombra também, denunciava no aspecto melancólico como remorsos de alguma acção pouco meditada.

O certo é que, no regresso ao povoado, iam todos silenciosos e um tanto contristados. O alferes levava de Estêvão para a filha olhos de interrogações e de sombria desconfiança. Entraram no pátio.

Estêvão, sem proferir palavra, encaminhou-se para a cavalaria. Meu avô foi-lhe no encalço.

Atirava o moço, quando ele tocou o limiar da porta, atirava a sela para o espinhaço do possante macho, quadrúpede que, mais que a si próprio, estimava. Digo quadrúpede, para que os pechosos o diferencem do seu dono, o qual, por um capricho da natureza, tinha o exclusivo defeito de ser bípede.

– Estêvão – grita o alferes –, que significa isto?

– Retiro-me.

– Retira-se! Que quer dizer?

– Que vou apresentar-lhe os meus agradecimentos pelos obséquios com que me obrigou, dizer-lhe adeus e partir.

– Pois deveras?...

– Deveras.

– Julguei... Todavia... Não há nesta casa quem o prenda?

– Há.

– Quem é?

– O reconhecimento.

– Petronilha?

– Tenho por ela afeições de irmão.

– Mais nada?

– Não é pouco, cuido eu.

– Não... Lá isso... É estranho. Então?...

– Calemo-nos.

– E porque havemos de calar-nos?

– É o melhor.

– Queira explicar-se.

– De que serve? Nem eu tenho que explicar.

– Exijo-lho, senhor.

– Por Deus – clama o roliço Estêvão, que estava morrendo por ceder à coacção –, por Deus, não falemos nisso.

– Pois quê!

A curiosidade de meu avô tocara a afinação. O moçoilo, que outra coisa não desejava, foi-lha atiçando, dando ao mistério manhosas

proporções, aventando termos dum vago significativo, manobrando enfim com tal arte que não pudesse ausentar-se sem ser constrangido a destrinçar o imbróglio. O que ele buscava era absolver a consciência duma acção que lhe cheirava a vilania. Queria a coacção. Continuou, fingindo-se trancado por dentro e por fora:

– Eu não sou um bárbaro, senhor alferes!

– Basta! – devolve o alferes, comendo-se de impaciência e assaltado de negra desconfiança. – Repare, meu amigo, que me deve satisfação, porque recebi agravo. Quem lhe ofereceu a mão de minha filha? Quem o convidou a transpor estes umbrais? Julga que quem entrou com os títulos do senhor há-de sair sem dar explicações?

– Perdão. Há casos que a honra não deixa revelar.

– Quando não periga uma honra.

– Revolta-se a prudência.

– Reclama-o o dever.

– Não devo.

– Nem mais uma palavra de recusa. Receio adivinhá-lo. E juro-lhe que há-de ficar, enquanto me não esclarecer.

Tinha os punhos cerrados em gesto de ameaça. Estêvão exulta no interior.

– Lamento-o – diz este com afectado sentimento.

– Porquê?

– Porque desafia o raio.

– Devesse ele fulminar-me.

– Seja, já que absolutamente o deseja.

– Exijo.

– Por mim, lavo as mãos.

Despediu uma vista circular e investigadora. Os miseráveis são todos medrosos. Depois, travando do braço ao interlocutor, saiu com ele para o quintal.

– Estamos mais à vontade aqui. Não nos importunarão. Posso, pois, declarar-lhe com afoiteza...

– Que rejeita minha filha.

– Justamente.

– Rejeitá-la! E porquê?

– Há um fantasma chamado dignidade que o determina.

– Como?!

– Não pode ser minha.

– Quem lho disse?

- Ela.
- Mentiu.
- Pertence a outro homem.
- Petronilha!

O capitão levou a mão à calva cabeça e oscilou na base.

- Céus e Inferno! – vocifera. – Quem lho disse?
- Ela.
- Mentiu, mentiu. Impossível. Uma hora de fraqueza seria a sua última hora. Morreria de vergonha. Quem é o sedutor?
- O filho do conde.
- O conde novo! Biltre! Eu me vingarei. Mas é impossível. Não creio. Provas, quem me dá provas?
- Existe um penhor.
- Onde?
- Em casa de Guiomar.
- Quem lho disse?
- Petronilha.
- Calúnia, é uma horrenda calúnia!
- Perdão. Por minha parte...
- Silêncio, miserável!

E, indigitando a estrada, gritou:

- Parta.

Teve ânsias de correr à sua espingarda e dar sobre ele, no córrego deserto. Porém, foi mais forte a comoção. Exausto de ânimo, cessou-lhe a vida por instantes.

Depois, pôs-se a soluçar com o rosto nas mãos. E pelas venerandas barbas abaixo lhe escorregaram graúdas lágrimas de sangue.

## II

**E**stilo sécio.

A noite desdobra-se brandamente, como o manto duma rainha, fulgurante de pedraria. Porém, não tarda que um borrascoso vento do sul se encrespe, frema, se atire pelo espaço e apague todos os lumes do firmamento, rolando grossas nuvens prenhas de electricidade. O trovão traz de longe seu rugir de ameaça, que brame no povoado, como voz de extermínio. Estalam as franças dos arvoredos e as urzes da serra tisnam-se, lambidas do relâmpago.

Depois, como extenuados na luta, serenam de repente os revoltos elementos e a lua mostra a espaços a cor desbotada entre aquosas brumas.

Não é uma vitória. É como um combate singular, cheio de alternativas, em que não há determinado vencedor.

Petronilha está no seu quarto. Debruçada sobre um móvel antigo, mira-se num grande espelho, com certa indizível satisfação. É que realmente lhe fica a matar aquela desordem de vestes e de cabelos, com tanta arte e com tanto estudo executada.

Ai, quando vier o amante, como lhe parecerá formosa! Mas se não vem? O mau tempo há-de pôr-lhe estorvos. Vem, vem, que a ama do íntimo da alma. Ele é tão gentil, tão amoroso, tão delicado!

Neste enlevo, cola o rosto à janela e espreita para a floresta.

– Que noite! – murmura. – Uma aberta da chuva pode, contudo, trazer-mo. Todos dormem. É bem tarde. Mas não me deitarei sem a certeza de que não virá.

Uma sombra desliza por entre os troncos dos húmidos carvalhos.

Petronilha respira e, torcendo a meio o delicado corpo, apaga a luz dum sopro.

Espera com o ouvido à escuta.

Lá percebe o ruído abafado duma porta que se abre mansamente, e, em seguida, cautelosos passos, de pés de lã, no corredor, que para todos, menos para ela, seriam indistintos.

Voltada para a porta do seu quarto, arrouba-se na grata expectativa de a sentir estremecer ao contacto dos dedos do amante. Arfa-lhe pressuroso o seio.

A porta oscila, descerra, abre-se.

– É ele!

Denuncia-o o capote em que se disfarça.

Devaneada, a pequena salta ao pescoço do recém-chegado, murmurando:

– Conde, meu conde!

O embuçado, que o não era de melodrama piegas, não fez um movimento.

Ela recuou, indecisa. Então, como por encanto, a Lua, desvendando-se, verteu através dos plátanos que sombreiam a casa ténue clarão no aposento.

– Jesus! – exclama a moça num terrível calafrio.

Em vez da madeixa loura e opulenta do gracioso conde, o crânio ossoso e nu dum ancião; em vez dum tenro e acetinado bigode, umas

barbas, como estrigas, longas e eriçadas; em vez de... Santo Deus! Em vez do almejado bem, aparece-lhe um demónio.

Isto na solidão do seu quarto, quando em profunda sonolência jaz submersa a natureza inteira.

Como um espectro que ressurge irado de entre os mortos para vibrar a blasfémia e o anátema dos preceitos contra o algoz, tal se eleva diante da filha a agigantada figura do alferes.

– Boas noites, filha! – diz ele com cruelíssimo carinho.

– Oh! Meu pai, meu pai!

– Não chores. De que servem lágrimas? Em lágrimas não se lavam as faces, quando estão negras. Demais, que importa um escarro cuspidito no rosto dos teus velhos pais? Foi uma lição. Os pobres tinham a vaidade de passar ilibados, sem se mancharem no vício. Castigaste-os, filha. Bendita sejas tu.

– Perdão, perdão! Sou mulher, sou fraca.

– Sei que és fraca. Perdoo. Não havia de perdoar à minha Petronilha? Mas com uma condição: hás-de confessar-me tudo.

– Tudo, meu pai!

– Esperavas o conde?

Ela titubeou.

– Esperava – consegue dizer, afinal.

– Então a que hora vêm os seus lacaios?

– Misericórdia!

– E tiveste-a comigo, prostituta?

– Não sou culpada. Foi a desgraça. Amei-o. Eu não podia esmagar o coração. Pois para que pôs Deus o íman fatal da perdição nos olhos do homem?

– Para que pôs o Inferno a incontinência no teu leito? Para que fizeste de teu pai um homicida?

– Homicida!

– Infeliz do conde! Que mal te fazia aquela existência?

– Virgem Santa! Matou-o!

– Hei-de matá-lo!

– Oh! Não, não! Peço-lhe de mãos erguidas. Peço-lhe de joelhos. Emparede-me num convento. Expulse-me de si. Imponha-me a cruz mais dolorosa. Eu hei-de ser resignada. Eu hei-de ser agradecida. Mas que lhe não caia um fio só dos louros cabelos. Senhor! Ele tem prometido desposar-me.

– Nunca! – brada o alferes, com entono soberbo. Desdourava-se.

Acasos de guerra me levantaram acima de mim mesmo. Mas não renego a esfera em que nasci. E o plebeu honesto castiga o insolente e não aceita uma dívida de honra à custa duma desonra. Hei-de matá-lo, como se mata uma alimária.

– Meu pai!

– A morte, que tudo nivela, essa, sim, que pode unir-vos.

– Meu pai, meu pai!

– Cala-te.

Vai à janela. A lâmina duma espada fulge debaixo do capote. Petronilha quase sucumbe. Todavia, o momento é decisivo. É precisa toda a coragem. Por sobre o ombro do pai observa, trémula e sufocada, se alguém desponta no caminho.

Ambos esperam, ambos sofrem, mas que diferença nos pensamentos que se atropelam naquelas almas!

Silêncio de túmulos. Apenas se ouviam as pulsações surdas dos corações e o zumbido de algum alado insecto que nos ares revolita.

Ao longe marulham saudosas as cachoeiras.

Pai e filha a um tempo oscilam. Apressaram-se as respirações, entumecem as artérias, perde-se o fôlego. Um vulto surdita da espessura.

Olham, dão toda a atenção à vista, fundem todos os sentidos num sentido só. Que tormento!

Petronilha reconhece o conde, no vulto, com aquele instinto feminil que às vezes parece maravilha. Então contrai-se numa estranha reacção.

– Foge, foge! – grita, fora de si, esforçando-se por levantar a vidraça.

Reprime-a o alferes e arrasta-a dali, pondo-lhe na boca, como mordaca, a nervuda mão. Ela, feroz como a loba a quem furtaram os cachorrinhos, resiste, temerária. Não durou a luta. Resvalou no chão, alquebrada e dorida. Mas, espumando raiva, crava até ao osso, crava os dentes na mão que a macerava.

O alferes levou-a pelos cabelos para a alcova.

Quando tornou a entrar no quarto, estava mais sinistro ainda. Enxuga a espada a um pano da cortina e, terrível como o génio das vinganças, posta-se ao lado da porta por onde devia penetrar o conde.

Este não se fez esperar.

– Petronilha! – profere, tomando forma na escuridão. – Estás aí, Petronilha?

Fere lume o alferes. O mancebo fica hirto de assombro. Em seguida, intenta retroceder. Mas já então a porta estava fechada.



– O alferes!

– Sou eu, senhor conde – devolve, inclinando-se humildemente.

Fitaram-se em silêncio. Meu avô comprazia-se em ver como o conde se estorcia na tortura. Arquejava o pobre rapaz, asfixiado por um supremo embaraço. Do rosto lhe escorria em bica suor que escaldava. E tinha o intelecto de todo cerrado a ardilezas com que tirar-se da singular abertura.

– É ali – torna o alferes, com o mesmo cerimonioso trejeito com que o saudara, levantando as cortinas e indigitando o fundo negro da alcova.

– É ali? – pergunta maquinalmente o moço, sem entender o interlocutor.

– O leito de minha filha – conclui este.

Quisera o conde que se abrisse o Inferno e que o tragasse.

– Sua filha! – balbucia, achando ponto de apoio nestas palavras. – Alferes... eu vinha pedir-lha.

– Pedir-ma?

– Por esposa.

– Vossa excelência?

– Eu.

– Ignora, porventura?...

– O quê?

– Petronilha é uma mulher das ruas, uma perdida!

– Alferes!

– E esta casa um alcouce – acrescenta o velho. – Eu sou o rufião. Não se revoltam as cãs, nem estas rugas. O branco é cor muito atreita e mácula.

– Seja justiceiro.

– Quererá vossa excelência esfolhar sobre vivas apostemas as grinaldas dos seus passados? A honra, meu senhor, não se mercadeja. A honra é o timbre heráldico das almas nobres; é a felicidade, é o consolo, é o orgulho, é a fidalguia comum, que tanto pertence ao homem que nasceu nas lamas como ao que nasceu nos arminhos. Não a jogue numa louca irreflexão de mancebo, pois que não sabe quanto custa perdê-la para sempre, para sempre.

A voz tremia-lhe. Estava medonhamente comovido.

O conde, cobrando ânimo, conseguiu tomar-lhe a mão.

– Não tresvarie – disse. – De sobra são conhecidos os nobres dotes da sua família, e, com justo respeito, compensados. Acuso-me e arre-

pendo-me. Adoro a Petronilha. E não ofereci logo condigna reparação porque esperava no futuro. Certo fiquei sempre de que o mais cioso de fidalguia tiraria desta união motivos para orgulhar-se. Imploro, pois, o seu assentimento.

– Não. Nunca.

– Imploro.

– Não vê que se avilta?

– Ninguém se avilta cumprindo um dever que importa felicidades.

– Um dever! Com que ingenuidade o invoca! É o roteiro dos covardes. Viu o azorrague na mão do ofendido e lembrou-lhe, então, o dever.

– Senhor!

– Desprezo-o, tanto na sua súplica como no seu crime. Não sei por qual dos lados me parece mais degradado. Desculpe-me, senhor conde. Sei quanto se deve ao seu nascimento, mas parece-me que nem pela glória dos escolhidos trocaria o prazer de o ter na conta de inimigo execrável.

O conde cresceu para ele, flamejante. Porém, conteve-se.

– Tem razão – diz no maior abatimento. – É justo. Mereço a invectiva. Mas hei-de provar-lhe que sou menos culpado do que se persuade. Hei-de provar-lho. Amei-a... O alferes calcula os desvarios a que arrasta um amor arraigado e impetuoso? E quem o autoriza a julgar das minhas intenções? Quem lhe diz que não pensei mil vezes em sanar o mal?...

– Petronilha é do povo.

– Eu a levantaria.

– E as conveniências de sociedade e de família?

– Relegava-as para o rol das coisas frívolas e, mais que frívolas, estúpidas. Entre um e outro homem não há senão uma distância: é a que vai da virtude ao vício.

O rancor do alferes amaciava-se, manifestamente. Soavam-lhe no coração aquelas palavras. Pareciam-lhe palpitantes de verdade. Mas na recalcitrante cabeça tinha gravadas, como em bronze, outras bem diferentes ideias. Todavia, sem acertar com azada resposta, assumiu mais humana exterioridade. O mancebo, que o observa, continua com fogo e paixão sincera.

– Por Deus lho peço. Consinta que, ao separarmo-nos bons amigos, eu lhe dê o respeitoso nome de pai.

– Os homens, que dirão os homens?

– E a consciência?

- A minha consciência condena.
- Engana-o.
- Enfim...
- Permite?
- Senhor conde!
- É de ferro este homem!
- Pense bem. Não se arrependa depois.
- Juro...
- Basta.

De olhos baixos e mortal palidez, levantou a cortina da alcova, murmurando:

- Entre. Vá oscular sua mulher. Consinto.
- O conde hesitava. Não sei que lhe leu na fisionomia.  
A cortina caiu sobre ele como um sudário.

Na planície, circunvagava iroso o furacão, e o raio nos píncaros lascava as rochas. Era uma noite de pavores.

O alferes desembaraça-se do capote e corre pelo gume da espada uma vista cheia de diabólica ternura.

Um gemido de expressão funérea parte do fundo da alcova e perde-se no estridor da rajada, que silva no carvalhal. Depois, outro gemido.

O conde aparece à entrada da alcova. Dir-se-ia outro homem, tamanha mudança se operara nele. Treme numa convulsão lastimosa e, com a mão recurvada, apegando-se ao muro para não cair. Mas, perdido o equilíbrio, verga de joelhos, estorcendo os braços, sem outro gesto, sem voz para a blasfêmia, sem resolução para um esforço extremo.

- Morta! – é a única palavra que, rouca, despede da garganta.
  - Tem medo, senhor conde?
- Esta pergunta é formulada com fereza hedionda.
- Não – responde o outro.
  - Mas treme.
  - De horror. Tremo por ela. Maldito sejas tu!
  - Ofereço-lhe os meus serviços, senhor conde.
  - Aceito-os.
  - Terei a ventura de lhe ser útil em alguma coisa?
  - Tens!
  - Em quê, meu senhor?
  - Mata-me.
  - Só?

- Mata-me.
- Traz armas ?
- Quebrava-as, se as trouxesse.
- Quer que lhas procure?

Um riso de amargo escárnio tremeluziu nos lábios brancos do mancebo. Ergueu-se, sobranceiro.

– E querias que me batesse contigo, demónio? – diz com um gesto de altivez.

– Porque não? Não lhe ouvi há pouco que na escala das jerarquias há apenas uma distância, a que vai da virtude ao vício?

– É essa distância que se interpõe aqui. Dou-te as honras de carrasco, e não é pouco, porque injurio a classe.

– Antes de ser carrasco, fui juiz.

– Para imolar tua filha.

– Mentira! Ela não era minha filha.

– Petronilha?!

– Pertencia certamente à estirpe de vossa excelência, senhor conde – diz com urbanidade não contrafeita –, porque era infame.

– Se a renegas, quem te deu o direito?...

– A vergonha, meu senhor.

– A vergonha!

– A vergonha de a ter adoptado. Sangue meu não se corrompia.

– Silêncio! Não afrontes a santa. Concluamos.

– Concluamos.

– Vai ver como morre um homem de alma.

– Mas antes... queria fazer-lhe um pedido.

– Tu!

– Peço-lhe...

O alferes parecia embaraçado.

– Diz, carniceiro.

– Peço-lhe que se defenda.

A resposta foi um gesto de soberano desprezo.

– Recusa? – pergunta, comovido, o velho.

– Se recuso!

– Nesse caso, que a terra lhe seja leve, meu senhor.

Ergueu, com ambas as mãos, à altura da cabeça, o mortífero instrumento e, prestes a descarregar o golpe, deixou cair os braços esmo-recidos.

– Não posso – murmura.

E, apagando a lâmpada, feriu nas trevas.

Um corpo baqueou.

### III

Já minha avó andava florejando nas domésticas canseiras, como boa dona de casa que era, e ainda os visos das montanhas estavam longe de se corar com a rósea tintura da manhã.

O alferes entrou tranquilo, como a consciência dum justo. Só nos olhos lhe bruxuleava certo notável fulgor, que, a meu ver, trai os espíritos imbuídos por qualquer fanatismo. Envolta nas faixas infantis, conduzia uma criança.

Era o filho de Petronilha, era eu.

– Mulher, vem comigo – diz para minha avó.

A velha seguiu-o. Passaram a uma sala retirada.

– Que linda criança! – exclama ela, reparando nas minhas menineiras tranças. – Anjinho! Chiu!... Donde te veio? De quem é o menino?

– Escuta – atalha com solenidade o alferes. – Petronilha, essa filha da nossa ternura, atraícoou-nos. Atirou-se de braços abertos ao seio da depravação. Cedeu às instâncias sedutoras do conde e, sensual como uma barregã maldita, não soube guardar o depósito de honra que lhe confiámos.

– Virgem Santa!

Cambaleou tomada de vertigem.

– Não a amaldiçoaste? – continua.

– Não.

– Pois?...

– Perdoei-lhe.

– Tu!

– Matei-a... apenas.

– Petronilha! Oh! Meu Deus!

– Pediu-ma o conde em casamento. Dei-lha. Dorme com o esposo no mesmo leito. Foi magnífica a boda. Não correu o vinho em jorros, mas correram jorros de sangue.

– Oh! Minha filha.

– Eis aqui o fruto inocente duma ruim árvore. É teu neto. Educa-o bem, e possa ele redimir por extremos de virtude o crime de seus pais.

Depositou-me nos braços de minha avó, que me estreitou ao peito com ansiedade terna. Mas a luz esvaiu-se-lhe, desamparou-a o varonil valor que a ensoberbecia e caiu exânime no instante em que, proferindo a palavra «obrigada!», ia beijar a mão de meu avô.

O alferes deixou-a aos cuidados duma criada. Vestiu pesado luto por sua filha e foi oferecer a garganta ao barão do algoz.

E a minha avó, ainda hoje, quando é mais lauto o jantar e maior o número dos convivas, conta, entre a sobremesa e o café, conta, com orgulho de leoa, como na sua família se castiga uma afronta.

Por mim, que, sem conhecer minha mãe, a imagino, todavia, um tesouro valioso de sensibilidade, não censuro, nem tão-pouco louvo, o rigor selvagem do alferes.

É mais difícil do que geralmente se pensa este mester de censor.

A honra, como tudo o que é convencional, pauta a sua mobilidade pelas fases por que vai passando uma civilização. Desde a infância individual até à idade madura, que de caracteres diferentes não assume! Desde a barbárie ao estado culto, que de vezes não muda o traje, a cor e as feições! Na mesma actualidade, nem todos os povos lhe rendem o mesmo culto. A mão esquerda para os orientais corresponde à nossa direita. E a divergência, ou a oposição, que, acerca de certas cosmopolitas ideias, se observa no conceituar dos povos de um a outro hemisfério, de uma a outra das grandes partes do globo, não deixa também de se assinalar de um a outro vizinho continente, sem exceptuar aqueles que, a par e fraternalmente, desabrocham nas flores e nos frutos do progresso.

Sobre a desprezada campá do alferes já vinte primaveras semearam seus silvestres matizes. E em vinte anos não era esta raça de Nemrods que deixava de transformar vinte vezes a face das coisas. Mudaram os tempos.

Seja juiz na causa do velho soldado aquele que, remontando ao viver patriarcal das províncias do Norte, souber compenetrar-se de religiosa veneração pelas extintas tradições. A sentença, então, sei eu que será justa. E, seja como for, tê-la-ei por alvitre de gosto.

Os amigos do progresso, os que nele se sensualizam, esses não duvidam de que hajam de cuspir injúrias sobre aquele viril carácter do alferes.

Eu sou dos renegados do progresso.

Que exaltem falsos levitas esse deus de lama, coberto de ouropéis mais falsos ainda! Por mim, maldigo-o. E pouco importa que, em sua louca protéria, me impropre a população, que não compreende a sinceridade dum homem, chão por certo, mas que não cede a outrem o direito de lhe domar o pensamento.

Progresso! É a ideia que se escorria e ferve nos entendimentos; é a palavra que anda no sorrir de todos os lábios; é sanefa com que se

mascaram os que não crêem; é facto que perverte a sublime natureza dos homens; que revolve, altera e disformiza a criação inteira. A vaga febre dum desejo ignoto arrasta-nos e nos impele de encontro não sei a que medonho Cáucaso. Caminhamos. Para onde? É como se arrancássemos os olhos para não errar o caminho.

Maldigo-o.

Porque nos furta ao viver natural e contemplativo das florestas; porque polui a nudez dos nossos corpos e a nudez da nossa primitiva inocência, pelo artifício; porque derruba a árvore, providência de Deus, que, espontânea, nos garante, com seus purpurinos frutos, uma conservação deleitosa; porque nos obriga ao trabalho fatal de Sísifo; porque troca em conveniências, interesses, comodidades, metal, todas as grandes riquezas dos nossos corações, como em cobre se poderá trocar um diamante.

No meio do desvario, aos encontrões da política, do comércio, da indústria, da ambição, do luxo, da opulência de alguns, da miséria de muitos, do aviltamento do maior número, submerge-se a família, apagam-se da memória os nativos sóbrios costumes e vêm a efeminação e a gangrena disputar o seu quinhão ao festim das gentes.

O luxo é o mais nocivo parto das idades cultas, sendo também o mais lógico e fatal de todos. O aparato nos atavios é para a mulher o velocino de ouro. A formosura sem realces postiços é como a pérola no fundo dos mares. E a mulher preza, acima de tudo, a formosura. Holandas, fitas, rendas, colares, martas... quero profusão. Se não há com que obtê-la, negoceia com a ignomínia.

O homem, na sua condição, cria necessidades duma outra ordem, mas não menos imperiosas e não menos frívolas. Em cada rua uma tentação, em cada tentação uma fraqueza, em cada fraqueza uma necessidade. Em casa não resta, às vezes, sequer uma negra fatia de pão. A última peça foi dissolvida em champanhe. Que fazer? Jogar? É arriscado. E, que o não fosse, onde encontrar capitais? Roubar? Se a polícia fosse, como a justiça, cega! Que fazer? Ah! Uma ideia! Ainda se não vendeu tudo. Ainda resta a virgindade de duas filhas.

Olhado o alferes através desta onda civilizadora, como não há-de causar estranheza?! Damos-lhe, pelo menos, o epíteto de bárbaro. E ainda somos beneficentes.

Mas esquecemo-nos de que são bárbaros os heróis da *Iliada*.

O leito de Ulisses era um montão de peles de ferozes alimárias, derribadas a murro, creio eu. E mais que muito conhecidos são os seus

banquetes. Um mastodonte, quer-me parecer, um mastodonte assado com intestinos e tudo, servindo de recheio algum javali, que, vivo e a pular, lhe encaixariam no tórax, resume e constitui o fausto da régia mesa.

Estava nesta altura a civilização. Mas, quanto havia de lerdamente grosseiro no trato externo avultava no íntimo em magnificências de singulares virtudes. Façanhas gloriosas de semideuses, prestígio de monarcas, ventura dos povos, épicas proezas datam das eras bárbaras. Havia muita crença e havia muita esperança, e, além disso, muita constância e severidade no amor das Penélopes.

Disse-o primeiro Homero. E digo-o eu, em segundo lugar. É de crer que qualquer de nós tenha meditado o assunto.

Assim, pois, em teoria, fica, pouco mais ou menos, esfaqueado o «progresso», e conscienciosamente se demonstra, por consequência, o quanto são dignos de saudade os tempos de barbárie, ou aqueles mesmos em que ela se reflecte mais fagueira. Ainda há vinte anos se desmantelavam peitos em que efloresciam rosas carrasqueiras, ou coisa assim dura. Hoje, essa tribo dos fortes torrificou-se nas luzes do século. E tanto é certo, que, daqui, prometo cem anos de indulgências plenárias do nosso Beatíssimo Padre a quem quer que me descubra um homem da estofa de meu avô.

Está feita a justificação.

Oxalá que tão soberana fosse sempre a indignação dos pais ofendidos. Estou, todavia, seguro, peço licença para o confessar, estou seguro de que o alvitre viria a dar cabo do sexo amável... se exceptuarmos, bem entendido, a granítea prudência das avisadas damas da minha parentela e amizade e da parentela e amizade de quantos ressonam ou abrem perenal bocejo, beatificados pela cruenta narrativa.



---

# Manuel Duarte d'Almeida

(1844-1914)

---

## AROMATOLOGIA

*Ao Dr. Luiz de Magalhães*

Se alguma vez tentasse, ó minha doce amada!  
Na tela desenhar teu nobre busto hebreu,  
Não iria pedir – bucólico Dirceu –  
À neve, à rosa, ao lírio, a tinta delicada.

A gazela medrosa, a pomba acetinada  
O ébano, o marfim, o sol, o azul do céu,  
Nada tinham que dar-me, ó fouveiro escarcéu,  
Flama alongada em lago onde a minha alma nada!

Perfumes na paleta, em vez de tintas, pondo,  
Derramara o beijoim no teu seio redondo;  
Nos lábios a mordente escalonia; no olhar

A magnólia, que lembra um antártico mar;  
E a rajada do sul, impregnada de aromas,  
Pintara o turbilhão das tuas negras comas.

## ESFINGE

Não sei o que tu és; nem onde existes,  
Ó tu, que eu amo e busco entre as mulheres!  
Sombra impalpável de ideais prazeres,  
Norte flutuante de meus olhos tristes.

Dize-me, ó adorável monstro! assistes,  
Na trágica postura que preferes,  
Esfinge de olhar profundo sem que alteres  
O horror escultural em que persistes,

Impassível, ao drama comovente  
De meus sombrios êxtases de crente,  
Das mágoas vis que o Desalento nutre?

Ah! Quando as garras tuas me lacerem,  
Tapa meus olhos para te não verem,  
Ó mistério que adoro! ó doce abutre!

---

# Guerra Junqueiro

(1850-1923)

---

## A FOME NO CEARÁ

Lançai o olhar em torno:  
Arde a terra abrasada  
Debaixo da candente abóbada dum forno.  
Já não chora sobre ela orvalho a madrugada;  
Secaram-se de todo as lágrimas das fontes;  
E na fulva aridez aspérrima dos montes,  
Entre as cintilações narcóticas da luz,  
As árvores antigas  
Levantam para o ar – atléticas mendigas,  
Fantasmas espectrais, os grandes braços nus.

Na deserta amplidão dos campos luminosos  
Mugem sinistramente os grandes bois sequiosos.  
As aves caem já, sem se suster nas asas.  
E, exaurindo-lhe a força enorme que ela encerra,  
O Sol aplica à Terra  
Um cáustico de brasas.

O incêndio destruidor a galopar com fúria,  
Como um Átila, arrasta a túnica purpúrea  
Nos bosques seculares;  
E, Lacoontes senis, os troncos viridentes  
Torcem-se, crepitando entre as rudes serpentes  
Com as caudas de fogo em convulsões nos ares.

O Sol bebeu dum trago as límpidas correntes;  
E os seus leitos sem água e sem ervagens frescas,  
Co'as bordas solitárias,  
Têm o aspecto cruel de valas gigantescas  
Onde podem caber muitos milhões de párias.

E entre todo este horror existe um povo exangue,  
Filho do nosso sangue,  
Um povo nosso irmão,  
Que nas ânsias da fome, em contorções hediondas,  
Nos estende através das súplicas das ondas  
Com o último grito a descarnada mão.

E por sobre esta imensa, atroz calamidade,  
Sobre a fome, o extermínio, a viuvez, a orfandade,  
Sobre os filhos sem mãe e os berços sem amor,  
Pairam sinistramente em bandos agoireiros  
Os abutres, que são as covas e os coveiros  
Dos que nem terra têm para dormir, Senhor!

E sei – monstruoso, horrível pesadelo! –  
Sei que aí – meu Deus, confranja-me ao dizê-lo! –  
Vêm-se os mortos nus lambidos pelos cães,  
E os abutres cruéis com as garras de lanças,  
Rasgando, devorando os corpos das crianças  
Nas entranhas das mães!

## AOS SIMPLES

[...]

Minha mãe, minha mãe! ai que saudade imensa  
Do tempo em que ajoelhava, orando, ao pé de ti.  
Caía mansa a noite; e andorinhas aos pares  
Cruzavam-se voando em torno dos seus lares  
Suspensos do beiral da casa onde eu nasci.  
Era a hora em que já sobre o feno das eiras  
Dormia quieto e manso o impávido lebréu.  
Vinham-nos da montanha as canções das ceifeiras,  
E a Lua branca, além, por entre as oliveiras,  
Como a alma dum justo, ia em triunfo ao Céu...  
E, mãos postas, ao pé do altar do teu regaço,  
Vendo a Lua subir, muda, alumando o espaço,  
Eu balbuciava a minha infantil oração,  
Pedindo ao Deus que está no azul do firmamento  
Que mandasse um alívio a cada sofrimento,  
Que mandasse uma estrela a cada escuridão.  
Por todos eu orava e por todos pedia.  
Pelos mortos no horror da terra negra e fria,  
Por todas as paixões e por todas as mágoas...  
Pelos míseros que entre os uivos das procelas  
Vão em noite sem Lua e num barco sem velas  
Errantes através do turbilhão das águas.  
O meu coração puro, imaculado e santo  
Ia ao trono de Deus pedir, como inda vai,  
Para toda a nudez um pano do seu manto,  
Para toda a miséria o orvalho do seu pranto  
E para todo o crime o seu perdão de Pai!...  
A minha mãe faltou-me era eu pequenino,  
Mas da sua piedade o fulgor diamantino  
Ficou sempre abençoando a minha vida inteira,  
Como junto dum leão um sorriso divino,  
Como sobre uma forca um ramo de oliveira!

## AS ERMIDAS

Alvas ermidinhas sob azuis magoados,  
Vejo-vos de longe numa adoração,  
Comoinhos brancos de Ideal pousados  
Lá nesses fragosos montes escalvados,  
Onde não há água nem germina o pão.

Serranias ermas, solidões contritas...  
Azinheiras como velhos Briareus...  
Pedras calcinadas... gados parasitas...  
Tristes montes ermos! ermos cenobitas,  
Que em burel d'estevas amortalha Deus!...

Pelas torvas, fundas noites de internada,  
Quando os lobos uivam, quando a neve cai,  
Que infinitos sustos numa tal morada,  
Para débil virgem tão desamparada  
Com um inocente nos seus braços... ai!

Como é que não treme pelo seu menino?  
Como é que não chora seu piedoso olhar?  
Como é que o seu lábio, fresco e matutino,  
Se abre num sorriso, precursor divino  
Da estrelinha d'alva quando vai raiar?!

Não receia feras quem de rosto ledó  
Sofre sete espadas sobre o coração!...  
E ao filhinho a noite não lhe causa medo,  
Deu-lhe Deus o mundo para seu brinquedo,  
Como um fruto d'oiro tem-no ali na mão!...

Lá nos altos montes sem trigais, nem vinhas,  
Sem o bafo impuro que dos homens vem,  
É que a mãe de Cristo com as andorinhas,  
E as estrelas d'oiro mesmo ali vizinhas,  
Num casebre térreo se acomoda bem.

Bispos não precisa; servem-na pastores,  
Capelães d'ovelhas, mais o seu zagal...  
Lâmpada às Trindades, chão varrido, flores,  
Nada falta à Virgem, mãe dos pecadores,  
Nma igrejazinha qne é como um pombal.

E nas brutas, rudes solidões tão calmas,  
Ai, muito se engana quem a julga só!  
Entre o luar dos hinos e o verdor das palmas,  
Para lá caminham romarias d'almas...  
Todos nós lá fomos com a nossa avó!...

Oh, as invisíveis procissões piedosas,  
Romarias fluidas, sobrenaturais!  
Por onde elas marcham, brancas, vaporosas,  
Fica nos espaços um alvor de rosas  
E uma angelizante tremulina d'ais!...

Almas de velhinhas do palor silente  
Duma estrela, quando desmaiando está...  
Vão buscar alívios prò netinho doente,  
Vão pedir notícias dalgum filho ausente,  
Vão rogar a Glória para os mortos já...

Almas de meninos, loiras como abelhas,  
A sorrir ao colo d'almas a cantar...  
Almas em noivados, róseas e vermelhas...  
E almas de pastores ofertando ovelhas,  
Chocalhinhos d'astros, velas de luar...

Almas d'assassinos dos montados ermos,  
Com o seu remorso como um javali...  
Almas de mendigos, d'aleijões, d'enfermos...  
Almas vagabundas, de perdidos termos,  
Que atravessam águas p'ra chegar ali!...

Almas das corolas matinais, dos ninhos,  
Das aradas verdes, da campina em flor...  
Almas de borregos, touros, passarinhos...  
E almas, sim! das urzes e ervas dos caminhos,  
Porque até nas fragas dorme o Sonho e a Dor!...

E essas almas todas ela apazigua  
Com o dos seus olhos bálsamo eficaz;  
Verte sobre as penas sugestões de Lua,  
Mantos dá d'estrelas à miséria nua,  
Lágrimas aos crimes e ao remorso paz...

Esconjura demos, bruxas, feiticeiras,  
E dos sonhos loucos o torpor febril...  
Dá verdura aos gados, chuva às sementeiras,  
Faz bailar as moças ao luar nas eiras,  
Faz fugir os lobos vendo o seu candil.

Mas também há almas, pobrezinhas delas!,  
Que à romagem d'oiro não acodem já!  
Almas moribundas... Noites de procelas...  
Olha, nos casebres tremeluzem velas!...  
É sinal que a Morte anda a rondar por lá!...

Mas a sempre linda Virgem da Amargura  
Baixa do altarzinho toda afadigada,  
E através de serras, pela noite escura,  
De menino ao colo – santa criatura! –  
Lá vai ela andando, não tem medo a nada!...

Lá vai ela andando... no caminho estreito  
Deixa um rastro d'oiro pela escuridão...  
Deixa um rastro d'oiro de divino efeito,  
Porque as sete espadas, a fugir no peito,  
Põem-lhe um set'estrelo sobre o coração...

E de povo em povo, que é de serra em serra,  
Almas na agonia visitando vai;  
Quando chega, a Morte já as não aterra,  
Ela lhes dá asas p'ra voar da Terra,  
Seu menino beijos p'ra levar ao Pai...



Virgem das Angústias, Virgem da Bonança,  
Quantas noites, quantas!, trémula de dor,  
Não vai ser parteira da ovelhinha mansa  
A parir, balando como uma criança,  
Entre fragaredos de meter horror!

A desoras mortas ei-la vigilante,  
Pronta a dar socorros ao menor queixume:  
Acender estrelas para o navegante,  
Ir levar às mães o cordeirinho errante,  
Defender das cobras a ninhada implume...

Pois como não há-de consolar as dores  
Dos humildes, simples, enfeitados, nus,  
Se inda se recorda de só ver pastores,  
Com cordeiros brancos, cantilenas, flores,  
Na sagrada noite em que pariu Jesus!...

Sim! adora a rude gente da lavoira,  
Sementeiras, gados, matagais, lebréus,  
Porque não se esquece da vaquinha loira,  
Que se pôs de joelhos ante a manjedoura,  
Quando nas palhinhas dormitava Deus...

E por isso arreda pestes, ventanias,  
Fomes e procelas, bruxas e trovão,  
Lá para malditas, negras penedias,  
Onde silvam cobras doudas e bravias,  
E onde não existe – nem cristão, nem pão!...

E por isso ex-votos, que relembram dores,  
Cobrem de ternura todo o seu altar:  
Bustos de meninos, mãos de cavadores,  
Tranças de donzelas, soluçando amores...  
Corações e peitos, de fazer chorar!...

Alvas capelinhas, sempre milagrosas,  
Sois nessas alturas, para os olhos meus,  
Como ninhos virgens d'orações piedosas,  
Miradoiros brancos de luar e rosas,  
Donde as almas simples entrevêem Deus!...

## EIRAS AO LUAR

Alvor da lua nas eiras,  
Nem linhos de fiandeiras,  
Nem véus de noivas ou freiras,  
Nem rendas d'ondas do mar!...  
Sobre espigas d'oiro bailam as ceifeiras,  
Na aleluia argêntea do clarão do luar!...

Bailai sob as lagrimosas  
Estrelinhas misteriosas,  
Cintilações, nebulosas,  
Frémitos vagos d'empíreos!...  
Deus golpeia a aurora p'ra dar sangue às rosas,  
Deus ordenha a lua p'ra dar leite aos lírios!...

Ai, medas de prata e oiro,  
De lua branca e pão loiro,  
Malhadas no malhadoiro,  
A enfeitiçar e a fulgir!  
Oh, bailai à volta desse bom tesoiro,  
Que é a côdea negra que ceais a rir!...

Quem nas ladeiras e prados,  
Com as lanças dos arados,  
Abriu sulcos e valados  
Na terra gélida e nua?  
Oh, bailai à volta desses bois deitados,  
Que estão d'olhos tristes adorando a lua!...

Que bandos de passarinhos,  
Vêm lá de campos maninhos,  
De fraguedos, de caminhos,  
Jantar aqui, merendar!...  
Oh, bailai em volta de milhões de ninhos!  
Oh, bailai cantando para os acordar!...

Entre as palhas do centeio,  
Quantas esmolos no meio,

Que deixam lírios no seio  
E as mãos escorrendo luz!...  
Oh, bailai em volta do celeiro cheio!  
Oh, bailai à volta dos mendigos nus!...

Quanta hóstia consagrada,  
– Pão da última jornada! –  
Dorme na meda encantada  
Ao luar tão leve e tão lindo!...  
Oh, bailai em volta dessa mó doirada,  
Que bailais à volta de Jesus dormindo!...

Alvor da lua nas eiras,  
Nem linhos de fiandeiras,  
Nem véus de noivas ou freiras,  
Nem rendas d'ondas do mar!...  
Oh, bailai, ceifeiras, lindas feiticeiras,  
Na aleluia argêntea do clarão do luar!

## REGRESSO AO LAR

Ai, há quantos anos que eu parti chorando  
Deste meu saudoso, carinhoso lar!...  
Foi há vinte?... há trinta?... Nem eu sei já quando!...  
Minha velha ama, que me estás fitando,  
Canta-me cantigas para me eu lembrar!...

Dei a volta ao mundo, dei a volta à Vida...  
Só achei enganoso, decepções, pesar...  
Oh! a ingénua alma tão desiludida!...  
Minha velha ama, com a voz dorida,  
Canta-me cantigas de me adormentar! ...

Trago d'amargura o coração desfeito...  
Vê que fundas mágoas no embaciado olhar!  
Nunca eu saíra do meu ninho estreito!...  
Minha velha ama que me deste o peito,  
Canta-me cantigas para me embalar!...

Pôs-me Deus outrora no frouxel do ninho  
Pedrarias d'astros, gemas de luar...  
Tudo me roubaram, vê, pelo caminho!...  
Minha velha ama, sou um pobrezinho...  
Canta-me cantigas de fazer chorar!

Como antigamente, no regaço amado  
(Velho morto, morto!...), deixa-me deitar!  
Ai, o teu menino como está mudado!  
Minha velha ama, como está mudado!  
Canta-lhe cantigas de dormir, sonhar!...

Canta-me cantigas, manso, muito manso...  
Tristes, muito tristes, como à noite o mar...  
Canta-me cantigas para ver se alcanço  
Que a minh' alma durma, tenha paz, descanso,  
Quando a Morte, em breve, ma vier buscar!...

---

## Trindade Coelho

(1861-1908)

---

### Idílio Rústico

*A Fialho de Almeida*

Quando atravessou a povoação, rua abaixo, com o rebanho atrás dele, era ainda muito cedo. Ao longo das ruas tortuosas, as portas conservavam-se fechadas, e não vinha das habitações o mais insignificante ruído. Dormia-se a sono solto por todas aquelas casas. Apenas algum cão, subitamente acordado em sobressalto pelo chocalhar do rebanho, ladrava do alto dos escadórios de pedra onde ficara de sentinela, ou de dentro das curraladas, onde levava a noite fazendo companhia aos novilhos. Donde em onde, galos madrugadores entoavam matinas sonoras, que eram como risadas vibrantes de boémios, nalguma estúrdia, a desoras...

Mas passadas as últimas casas, o silêncio condensava-se para toda a banda, numa grande pacificação de templo adormecido. Nem vivalma pela ladeira que levava ao rio, por um caminbo em zig-zags. Fulgiam no céu azul-escuro cardumes prateados de estrelas. A toda a largura, a paisagem era torva e indecisa, imersa numa luz muito mortícia que nem era bem a da madrugada, nem era bem a da noite. No entanto, a manhã era calma; nem rumores de brisa pela rama das azinheiras velhas que faziam guarda ao córrego por onde o rebanho tomara. Cigarra, grilos nas ervagens, rãs que coaxavam nas regueiras, era o mais que se ouvia acima do rumor brando dos chocalhos. Nem um balido de ovelha em todo o rebanho que se ia submissamente à mercê do pequeno pastor, parando se ele parava a colher as amoras frescas dos silvados, recomeçando marcha se de novo ele se punha a caminhar.

Quando passou rente ao meloal da fidalga, ouviu-se o ruído de um tiro, que o eco levou para longe.

- Não gastes pólvora, António! – recomendou o pastor. – Ouviste?
- E logo a voz do guardador:
- Madrugas hoje, Gonçalo!
- P’ra que saibas: cá um homem não tem medo.

- Está bem. Adeus!
- Saudinha.

A esse tempo ia-se já definindo a manhã, na luz, no som, na cor. Invadia a amplidão da cúpula celeste uma tinta alvacentas, onde as estrelas feneciam no seu brilho. Ao alto, na ladeira de além, entravam de fazer-se nítidas as linhas sinuosas das cristas, onde enormes rochedos tinham altitudes de uma imobilidade misteriosa e sinistra... Neste assomo de alvorada, as coisas iam despertando lentamente para a alacridade vigorosa da luz. Das moitas e sebes, calhandras em bandos levantavam-se repentinamente, em voo perpendicular, e cortavam ares fora, chilreantes e alegres, até se perderem de vista por detrás dos arvoredos e cabeços. De cauda em riste e orelhas imóveis, o rafeiro espreitava as ervagens secas, onde algum réptil passasse vagaroso.

– Busca, Turco! – fazia-lhe o Gonçalo, que tinha medo às cobras. – Busca, valente!

À medida que descia a ladeira, um marulhar monótono de águas ouvia-se, mais e mais distinto. Era o rio que parecia perto; mas primeiro que lá se chegasse ainda era preciso andar... Era um poder de passos e de paciência – reflectia o pastor, a quem aborreciam de morte os intermináveis torcicolos da vereda. Ia andando, descendo sempre, à frente do rebanho silencioso. E quando os sapatos começaram de calcar areia, e ali, perto, o rio lampejava, sob aquele céu ainda estrelado, o Gonçalo desabafou:

– Uff! até que enfim! – E pensava aliviado: – Nada mais fácil do que terem-me saído os lobos!...

Mas vista àquela hora, e no meio de tal silêncio, a corrente líquida tinha o que quer que fosse de sinistro, que evocava lembranças aterradoras, espectros dos que ali mesmo tinham morrido afogados, numa luta desesperada com as águas, clamando em vão que lhes acudissem, em tamanho transe aflitivo. A margem de lá, especialmente, era toda acidentada de rochedos informes, blocos medonhos, por entre os quais no Inverno o vento assobiava lúgubre, e as águas faziam remoinho, o que era um perigo para os pobres barcos que se aventurassem incautos, num descuido involuntário – simples remadela pouco a tempo, manobra menos segura de leme, ou impulso errado de vara. E, então, cabeços enormes de um lado e doutro, projectando sobre o largo leito do rio a sua sombra pesada e desconforme, que mais triste fazia o sítio e parece que mais solitário, pois fechavam-no bruscamente, fazendo limitada a paisagem.

A todo o comprimento da margem, o rebanho pôs-se, então, a beber manso e manso, e sem o mínimo ruído.

Foi quando o Gonçalo acabou de se convencer que na margem de lá, um pouco mais abaixo, outro rebanho bebia também.

– Tate, Gonçalo! Aquela chocalhada...

E imóvel, remordendo o lábio, com o ouvido à escuta, pensava:

– Ora se será ela?...

Súbito, estremeceu. Ante o seu espírito infantil perpassou, como um clarão de relâmpago, a imagem de uma rapariga, pastora como ele, com quem se havia encontrado mais vezes, mas que havia muito não vira.

– Ai, se fosse a Rosária!... – dizia consigo.

E impondo silêncio ao rebanho, que acabara de beber, pôs-se atentamente à escuta do tilintar dos chocalhos na margem oposta.

«O rebanho parecia o mesmo, lá isso... Agora o pastor é que podia ser outro que não a Rosária...»

Senão quando, uma ideia lhe acudiu, que o fez sorrir de contente. Atirou ao chão a manta e o marmeleiro, e puxando para diante o bernal, feito da pele de uma ovelha branca, morta pelas segadas, tirou de lá a sua flauta e pôs-se a tocar apressadamente um trecho de cantiga rústica.

No mesmo instante, uma voz muito sonora gritou-lhe:

– Eh lá, Gonçalo, és?

O pastor desatou a rir.

– Uh lá, Rosária, eu mesmo! Guarde-te Deus, pimpona!

E logo a voz fresca da rapariga lembrou:

– Não te esqueceu a moda, rapaz!

– Isso esquece ela!... Ouviste, Rosária? Se outra fosse que ma tivesse ensinado...

Neste meio tempo já o Gonçalo retomara a manta e o marmeleiro para ir ter com a Rosária. Mas primeiro perguntou:

– Boto pela ponte, ou és tu que vens, ó cachopa?

– Vem tu daí. Por cá sempre é outra coisa p'ras ovelhas. Hã?

– Basta!

E, dando o sinal da partida, o Gonçalo pôs-se em marcha. Daí a pouco, entrava mais o rebanho pela velha ponte mourisca, toda severa de construção nos seus três arcos lançados sem elegância, atufados de parasitas seculares que a faziam pitoresca, heras, silvas, ortigas bravas.

A meio da ponte, mão piedosa fizera construir pequeno oratório ao

Senhor Salvador, cujo rosto sereno, espreitando por grades de arame, diziam dar coragem a barqueiros e almocreves, que ante o pequeno e humilde nicho com respeito se descobrissem, e com devoção rezassem uma velha prece que era como um talismã precioso para livrar de maiores desgraças – naufrágios no rio, e, então, maus encontros por aqueles caminhos escabrosos, que eram um perigo constante para homens e animais.

Daí a pouco, as duas crianças estavam perto uma da outra, cada qual seguida do seu rebanho.

– Ora viva a Rosária! – disse o pastor muito alegre, parando defronte da cachopa.

– Bons dias, Gonçalo; então, que ventos?

Entre os dois travou-se, então, um longo diálogo em que se contaram tudo o que haviam feito desde aquele dia em que ambos tinham voltado juntos da feira dos Caniços.

– Por sinal que nem rês se vendeu! – lembrou o Gonçalo.

– Por sinal! – disse com pena a Rosária.

Mas ele contou que viera por ali muitas vezes, muitas, sempre na fé que a encontrava. «Vê-la agora, só por milagre de santo; quem o havia de sonhar! Nanja ele...»

– Mas se eu estive tão doente! – voltou, triste, a Rosária.

E como o outro acudiu a informar-se, ela explicou:

– Umas quartãs que me tiveram mondada! A peste as mate! Febre que era mesmo lume desde manhã até ao escurecer... Uma assim!

E, na sua ingenuidade infantil, contou ao Gonçalo que muitas vezes, na febre, sonhara com ele, que se encontravam os dois por montes e prados, como agora tinha acontecido, «tal e qual».

– Assim te Deus salve, ó Rosária! – atalhou rápido o pastor, a quem enchiam de orgulho os sonhos daquela pequena amiga.

– Assim; pois que dúvida? – tornou-lhe, confiada, a Rosária.

– Não! – disse, agastado, o Gonçalo. – Não hás-de dizer assim... Diz certo, hás-de jurar direito.

– Pois assim me Deus salve...

– Como é verdade... – Diz tudo, Rosária! – suplicava o pastor.

– Sim – voltou-lhe, paciente, a companheira –, como é verdade que sonhava que nos encontrávamos – concluiu por fim, muito risonha.

E sem disfarçar o júbilo, prestes o Gonçalo a certificou de que também não a esquecera. «Tanto é que tirava da flauta as cantigas todas que ela lhe tinha ensinado.»

– Lembras-te?



A Rosária faz que sim com a cabeça. E logo, batendo na flauta de sabugueiro, o pastor apressou-se a declarar:

– Saem daqui sem falhar uma. – E resoluto: – Vá feito, Rosária, pede por boca!

A Rosária pediu, então, a Pastorinha.

– Eu é da que mais gosto – explicou. – É a mais linda.

– E é! – concordou o Gonçalo. – Ora escuta lá.

E, levando aos lábios a avena, pôs-se a tocar a Pastorinha, enquanto a Rosária, com a sua vozita em surdina, entrava a tempo com a letra:

*Onde vás, ó Pastorinha,*

*Ai-li, ai-li, ai-li, ai-lé...*

– Sabes essa! É mesmo assim! – disse-lhe a Rosária a rir-se.

– É como vês! – afirmou, contente, o Gonçalo.

Aos seus pés tinham-se deitado os rafeiros, e já os dois rebanhos, confundidos, andavam na pastagem.

– Olha as ovelhas juntas! – notou o Gonçalo.

– Também nós nos quedámos juntos –olveu-lhe a pequena, sorrindo. – As pobres dão-se bem, são amigas... – continuou com júbilo.

– E nós também, ora também, Rosária?

– Também – respondeu, afoita, a pastora.

E foram-se ter conta no rebanho, que choviam as coimas e as denúncias.

✱

A esse tempo, no céu alto e lavado, a estrela da alva fenecera por fim, e o horizonte começava de carminar-se ao de leve. Por todo o céu em cúpula, a luz fresca e viva da manhã vibrava harmonias estranhas que iam despertar tudo, a cor da paisagem e a música dos ninhos, cantigas de perdizes e rumor de gente por moinhos e atalhos. Manhã de Verão, serena, tranquila, dulcíssima. Ia pelo ar um movimento extraordinário de asas – passarada alegre que saía agora dos ninhos e voava a matar a sede à borda das ribeiras, andorinhas que deixavam as suas casinhas em recôncavos de rocha e tomavam para hortejos convizinhos onde a vegetação era mais rica de seiva e mais fácil a presa dos insetos, perdizes gralhadoras que iam de monte em monte, tordos, poupas, melros. Nos vinhedos das encostas, por entre os renques verdejantes, gente em mangas de camisa ia fazendo as vindimas. Pelos caminhos, em torcicolos, viam-se os que desciam aos moinhos, tangendo machos

carregados de taleigos, e berrando-lhes cada xó! que se ouvia na outra ladeira. Já nas povoações próximas sinos chamavam para a missa de alva ou tocavam a ave-marias. Nas quintas e casas fumegavam os tectos, dizendo horas de almoço. De modo que o sol, quando rompeu, solene e triunfante, no céu imaculado, encontrou muita vida pelos campos, toda a natureza acordada para a labuta interminável do dia. Numa clareira elevada, dominando o rio e um trecho de paisagem para sul, tinham-se sentado os dois pastores e continuavam conversa.

Ao pastor parecia– lhe agora mais bonita a pequena amiga, com a sua cor trigueira levemente pálida desde que tivera as maleitas. Não se lembrava com que santa que ele tinha visto se lhe parecia agora a Rosária...

– Mas o cabelo assim cortado... – disse com mágoa, mirando-lhe a cabeça nua, e passando a mão pela dele – é que te não fica bem!

«Melhor fora que lhe tivessem deixado as tranças. Negras, de mais a mais, que era como ele gostava...»

– Promessa da mãe, se eu melhorasse – explicou a Rosária. – Lembraças... A gente, quando está aflita...

– ...Quando está aflita... – repetiu como um eco o pequeno. E depois, amuado: – Se promete os olhos...

A rapariga fitou-o, espantada.

– ... é porque tos tirava! – concluiu, convicto.

Houve um momento de silêncio, em que o Gonçalo se pôs a escavar o chão com uma pedra, e a Rosária a torcer um fio saliente do seu vestido grosseiro. Ouviam-se as ovelhas chocalhando nas pastagens, ia a passar na rodeira, longe, um carro que chiava, com uvas para algum lugar.

– Não falas, Rosária? – perguntou o pastor, sem levantar os olhos para ela.

– Também, tu... – começou com medo a pequena – logo te zangas! Olhem a lembrança dos olhos! Se a mãe fazia isso! Credo! – E, depois, animando-se: – Já foste à Senhora dos Remédios?

O Gonçalo fez sinal que não tinha ido.

– Pois foi lá que deixámos as tranças, eu mais a mãe. Num prego ao lado do altar, um lacinho verde nas pontas. Ficou lindo.

O pastor teve um movimento de enfado, não lhe agradava a conversa. E para acabar com ela:

– Que, enfim, como melhoraste... – fez que concordava, pondo o bilro a girar. – Olha como dança... – E depois, mais pensativo, batendo com o bilro nos dentes:

– Que, às vezes, as promessas pouco fazem... – E interrompendo: – Sabes quem fez este bilro?

– Foste tu, aposto.

Bateu no peito e fez com a cabeça que sim, mostrando-lho orgulhoso – «que visse os torneados». Depois, continuou:

– Vai uma pessoa andando e os santos não se importam. Ora, os santos! – Olha a minha Joaquina, tu não conheceste. A gente bem rezou e bem promessas fez, mas ela foi-se.

E, pondo-se de joelhos, começou a procurar pelo rebanho.

– Aquela ovelha, a branca, não vês? A que se vai agora deitar... Pois era p'ra Nossa Senhora, repara que é a melhor. – E deitando-se para trás: – Lá anda ela a pastar! – concluiu, desalentado.

– Mas tinha de ser –olveu-lhe, triste, a Rosária –, que as promessas sempre fazem, lá isso...

E, convicta, a pequena contou casos acontecidos para convencer o Gonçalo de que sempre valiam as promessas. No entanto, deitado de costas, com a jaqueta a fazer de travesseiro, as pernas em ângulo tocando-se com os joelhos, o Gonçalo soprava pela palha o bugalhinho que constantemente ia subindo e descendo, acompanhado pelo olhar bondoso do cão que ali perto se deixara estar sentado. E contando, contando casos, a Rosária ia entretendo o pastor. Mas, quando ela fazia pausa, logo o rapaz acudia, firme na sua objecção:

– Ora! mas a nossa Joaquina morreu-se! Coitadinha da Joaquina!

✱

A medida que o sol ia subindo, no céu glorioso e fulvo, iam os dois conduzindo as ovelhas para sítios mais ensombrados, para se livrarem da estiagem que ia valente. Calor de rachar, ali por volta do meio-dia, que foi quando tomaram para a banda das azinheiras, e para os pinheirais, depois. E sempre ao lado um do outro, os dois companheiros levaram de conversa quase o dia inteiro. Nunca tinham dado fé que as horas passassem tão depressa. Ainda armaram aos pássaros, mas foi o mesmo que nada, os demónios andavam espantados e já conheciam as esparrelas.

– Olha lá não caíam – tinha dito o Gonçalo, já cansado de estar à espreita, agachado, com o fio da armadilha preso ao dedo. – Se eles fossem tolos...

E foi-se a recolher as esparrelas, dando ao demónio os pássaros. Ela, então, propôs que jogassem a pocinha.

– E o fito, ó Rosária? Sabes jogar ao fito? No adro, aos domingos de tarde, bato-me com qualquer, sabias? – E generoso: – Mas a ti dou-te partido: vinte e cinco às quarenta...

Como o tempo rendia, jogaram tudo – a pocinha, o fito, as necas, a bilharda. Na bilharda, como o rafeiro trazia à mão, era ele que ia buscar o pauzinho, quando zinia longe.

– Turco, traz cá!

No entanto, ia descaindo a tarde. Ao alto, o largo céu esmorecia no seu azul suavíssimo. Em todo o espaço o ar estava tranquilo e sereno, e já começava para poente a decoração fantástica do ocaso. Parece que se ouvia mais distinto o marulhar das águas no rio; já não faiscava assim tão viva a areia branca das margens.

Foi quando o Gonçalo lembrou que era melhor irem-se chegando, mais as ovelhas, para as terras onde tinham de pernoitar. E, fitando fixamente os olhos negros da Rosária, disse-lhe assim:

– Mas olha o que prometeste... Inda vais feita no que disseste?

«Ora que lhe custava a ela! Já que as ovelhas tinham andado juntas todo o santo dia, que mais era que dormissem no mesmo curral, essa noite?»

– E o mais, ó Rosária? – perguntou de novo com interesse.

A pequena ficou perplexa. Mas, como o pastor não cessava de a olhar, respondeu:

– Também. – E sorriu-se. – Pois eu...

Só depois desta segunda promessa o Gonçalo se levantou, e deu o sinal de partida, assobiando aos cães.

Daí a pouco, estavam de marcha para o curral. Quando passavam a velha ponte, a obliquidade dos raios do sol fazia alongar desmedidamente pelo areal a sombra dos três arcos. Nas rugas da corrente, uma luz alaranjada tremeluzia, tirando à água a sua translucidez normal.

– É bonito! – fez notar o pastor.

A Rosária explicou logo:

– São as moiras a caçar com redes de oiro, sabias?

Para a outra banda, um pouco mais abaixo, assomavam à flor da corrente as cabeças dos dois rapazotes do moleiro. Dentro da chata que vogava serenamente, a mãe, com o mais novito ao colo, não os perdia de vista, enquanto o pai, em mangas de camisa, de pé num topo de fraga, lhes ia ensinando as manobras. Ao fundo, três vitelas passavam

o rio a vau, muito devagar, parando a espaços, alongando o pescoço para a veia de água serena, bebendo mansamente. Sobre o vitelo das malhas brancas, o guardador cantarolava, acenando com o chapéu ao moleiro – «boas tardes! boas tardes!» Ao sair da ponte, o rebanho teve de se afastar um pouco do caminho: aproximava-se um almocreve com a longa fila de machos carregados, tilintando campainhas.

– Adeus, pequenos! – cumprimentou.

– Venha com Deus! – tornaram-lhe ambos.

E de novo se puseram em marcha. As ovelhas continuavam confundidas, confraternizavam os cães como bons e leais amigos. À frente, o Gonçalo ia tocando na flauta o mesmo que a Rosária cantava. O brando rumor dos chocalhos, que se levantava de todo o rebanho, casava-se com a música, fundindo-se numa nota subtil, de um pitoresco ingénuo de balada...

Até que chegaram a um topo de serra, escurentado de matagal rasteiro, e, então, parando um momento, o Gonçalo perguntou, colocando na sua frente a Rosária, e pondo-lhe à cara a flauta, na direcção em que devia olhar.

– Vês além... neste direito? Resvés do castanheiro, não enxergas?

A outra fez que sim com um gesto, e interrogou:

– Então é ali?

– Ali mesmo – volveu-lhe já de marcha.

E repousando a mão direita sobre o ombro esquerdo da rapariga, repetiu-lhe muito contente:

– É mesmo além.

Numa terra de restolho, um largo quadrado de cancelas marcava o espaço que as ovelhas tinham de ocupar essa noite.

– Falta pouco; a gente vai pelo atalho, que é só mau p'ra quem passa a cavalo.

E como ele ia expansivo, e a companheira não dava palavra, quis, então, saber:

– Estás triste, ó Rosária?

– Triste... não. Já agora... tem de ser – volveu-lhe, cabisbaixa.

– Hum! Arrependeu-se... – volveu consigo o pastor.

Até que por fim chegaram, tinha anoitecido havia instantes. Gado para dentro e toca a merendar; o que era de um era doutro: ele ainda trazia azeitonas, um naco de queijo, pão. Mal acabaram de comer, o Gonçalo apontou para a cabana que ficava ali perto, e propôs que se deitassem: estavam moídos da soalheira de todo o dia e da caminhada agora.

Quando o Gonçalo e a Rosária entraram na cabana e se deitaram sobre o colmo, cobrindo-se com as mantas, e achegando para a cabeça um do outro os bornais que faziam de travesseiro, cerrara de todo a noite, e formigueiros de estrelas cintilavam vivezas de prata polida no azul indefinido do céu.

– E os lobos? – perguntou a Rosária com medo.

– Não há perigo – tranquilizou-a o Gonçalo. – Isso é lá com os cães.

✱

Pouco a pouco, foi-se extinguindo no curral a música triste dos chovalhos. A ladrar, os cães faziam eco. O rebanho devia dormir profundamente, imerso no mesmo sono em que jazia prostrada toda a Natureza, ao largo. Dentro da cabana, os dois conversaram algum tempo, num ciciar brando de vozes, até que, por fim, vencidos da fadiga, se deixaram adormecer – quando a história das moiras encantadas ia no seu melhor episódio...

E lá no alto céu, mesmo sobre a cabana, a estrela da tarde não era nem mais pura nem mais luminosa do que a alma simples e boa daquelas duas crianças...

Quando ao repontar da manhã se levantaram, e saíram a ver o céu...

– Bonito dia, Gonçalo!

– Bonito dia, Rosária! Olha...

...na calma placidez do azul, bandos de pombas mansas iam voando... voando...

---

## Augusto Moreno

(1870-1955)

---

### SAUDOSA E ESQUECIDA!

“Tempo santo de inocência,  
O meu tempo, raparigas!  
(Quem fala é a velha Clemência  
na roda de umas amigas.)  
Nunca em nossas brincadeiras  
Nem pontinha de maldade!  
Bailava a gente nas eiras,  
Aos domingos, é verdade,  
Mas nem um leve desmando  
Nos nossos divertimentos:  
Iam os pais concertando  
A seu tempo os casamentos  
Da Prazeres co’ o Talhá,  
Do Bastião co’ a dos Brejos;  
Abraços... inda vá lá,  
Mas quanto respeita a beijos,  
E antes dos do matrimónio,  
Credo! abarruntasse-o o abade!  
E... quisesse o meu António  
Dizer só quanto é verdade,  
E ele vos dizia se a gente,  
Com rópia, levava à igreja...  
(Significativamente,  
Tossiu rijo a Pesteneja...)  
...A *bilhinha* toda *inteira*,  
Como é dado... Oh! que tempinho!”

.....  
E eu ouvi que ela, em solteira,  
Tinha tido um cachopinho!

## LAMENTÁVEL CEGUEIRA!

Foi-se deixar *embeijar*  
Por um *súcio* de taberna!  
Só viu que era p'ra *cajar*,  
Não viu que arrastava a perna!

Mulheres, em se lhes pondo  
Nos olhos a tal *peneira*,  
É disparate redondo!  
E eu inda a estranhar a asneira!...

Tomasse, a estúpida!, a coisa  
No justo e devido peso,  
Veria que o Chico Luísa  
Tinha um quadril todo leso...

Pois não quis ver! (A cegueira  
Lá por tarde há-de passar-lhe...)  
Assaltou-a a *furoeira*:  
Não houve mais volta a dar-lhe!

Chegaram-lhe as comichões  
Insofridas... e é sabido  
Que, adentro das convenções,  
Não se coçam sem marido...

Pronto! Paciência! Podia,  
A grande burra!, aspirar  
Ao menos ao Zé da Iria,  
Que é são e tem bens a herdar!



## INGRATA

Tenho por ti  
No coração  
Mais do que amor:  
Adoração!

Mas de que serve  
Querer-te eu assim,  
Se nem te dignas  
Olhar p'ra mim?!

Neste meu culto,  
Quanto favor!  
E és insensível  
Ao meu amor!

E és indif'rente!  
Que ingratidão!  
Terás de pedra  
O coração?

## VERSOS

Nesta alma, em que o sol  
Já pleno brilhou,  
Canta o rouxinol  
Que outrora cantou!

Calhandra de amores,  
Que encanto de voz!  
Olha como as flores  
Sorriem p'ra nós!

Nos bosques, as aves,  
Que trilos de amor!  
Que acentos suaves!  
Que mimo e frescor!

Que matiz! que aroma!  
Que harmonia a flux,  
Quando a aurora assoma,  
Que dilúvio de luz!

Rouxinol de outrora  
Canta; como então,  
No meu peito, agora,  
Sinto um coração!

---

## Campos Monteiro

(1876-1934)

---

### QUINTAS E DOMINGOS

Quando o Januário Domingos desceu de Trás-os-Montes, na ideia de tentar fortuna pelo comércio, contava apenas treze anos de idade.

Precisando melhor, convém dizer que o rapazote, a esse tempo, não tinha ideia alguma. Tinham-na, porém, os pais, honrados lavradores de Alfandega da Fé, que no amanho de uma pequena courela arrendada na Vilariça nunca haviam conseguido juntar duas moedas para uma doença. E, contudo, o pobre casal não descansava um instante. De inverno, quando a Burga lhe inundava de lés-a-lés o terreno, trabalhava ainda, podando e amarrando as vinhas dos outros. E à noite, sob a luz trémula de uma candeia, construía caixões para transporte de fruta.

No dia em que o fedelho trocou os calções abertos por umas largas calças de cotim barato, o par de camponeses que o gerara, reunido em conferência, deliberou dar ao filho um modo de vida diferente do seu. E, chamando Januário Domingos a capítulo, assim falou o lavrador:

– Meu filho! Trabalho como um moiro há trinta anos. Vendo melões, e nunca pude arranjar um pouco daquilo com que eles se compram. Endireito videiras, e nunca passei da cepa torta. Toda a noite martelo em caixões, e não sei se haverá alguém que me faça o meu, visto que não deixarei, ao fechar os olhos, quinze escudos para pagar essa tarefa a um carpinteiro. Isto não é vida, como vês, e não quero que tu, seguindo o meu exemplo, partilhes da nossa miséria. Irás para o Porto, tentar o comércio.

– Mas eu não percebo nada disso – observou a criança. – Sei ler e escrever mal, e não sou capaz de acertar uma conta.

– Isso não faz ao caso – tornou o pai. – No comércio, podes errar as contas à vontade, contanto que o engano seja contra os fregueses. Verás como me agradeces a ideia em menos de um ano. Não há vida como a de negociante, lá em baixo. Compra-se o arroz a 15, escritura-se por 20 e vende-se a 40, não falando no pó que fica no armazém e é vendido às

perfumarias, p'ra as madamas deitarem na cara. Se o governo lançar um imposto de dois por cento sobre as favas secas, sobrecarrega-se a mercadoria em doze por cento, vende-se pelo dobro, e quem paga as favas é o consumidor. Se há bacalhau de mais na praça, e tende a descer de preço, ferra-se com o excedente no fundo do poço e deixa-se apodrecer. Depois de esgotado o bacalhau bom, vende-se o que apodreceu como se fosse de primeira qualidade, e manda-se para as drogarias a água do poço, engarrafada, com o rótulo de óleo de fígado. Faz-se dinheiro em tudo. E enriquece-se honradamente, como vês, fazendo-se jus à consideração de toda a gente de bem.

Interrompeu-se nesta altura o lavrador, pondo as mãos em pára-luz diante dos olhos, como se tivesse a visão nítida do comércio português após a guerra mundial, que havia de estalar vinte anos depois. E terminou com o gesto de Hamlet a Ofélia, mas com muito mais juízo e bom senso que o príncipe dinamarquês:

– Vai para negociante, meu filho. Comer ou ser comido, eis a questão. Ora, ser comido é uma coisa deplorável, que eu não desejo ao meu maior inimigo. É muito melhor comer. Vai para negociante, e verás como hás-de, mais tarde, agradecer-me este conselho!

✱

Chegou Januário Domingos ao Porto, recomendado por um velho conselheiro, influente político da terra que recomendava toda a gente ao conceituado comerciante Feliciano Quintas, com mercearia na Rua das Flores. Foi isto em 1888. Marçano no dia seguinte, caixeiro ao fim de quatro meses, sócio da casa ao termo de dez anos... O rapaz aproveitara as lições do pai. Impando de alegria, e depois de ver o seu nome em letra redonda, precisamente no momento em que na varanda da casa aparecia a nova tabuleta Quintas & Domingos, Januário enviava ao Asilo de S. João, para ser melhorado o rancho dos internados, mil e duzentos réis.

Completara dias antes os seus vinte e três anos. Era um rapaz todo tirado das canelas, esbelto, elegante, sócio da Euterpe e usando bigode, com permissão de Feliciano Quintas. Tinha este uma filha natural, chamada Encarnação, que vivia nos andares superiores da casa, atafalhados de géneros alimentícios.

Januário Domingos ia, às vezes, lá acima, passar revista às mercadorias acumuladas, dar ordens para ser carregada esta ou aquela partida

de bacalhau. Encontrava a rapariga de quando em quando. Apertavam-se as mãos, trocavam sorrisos doces. E foi entre duas rimas de polvo e um monte de caixões de passas que ele lhe declarou o seu amor...

Casaram daí a seis meses, por uma manhã pardacenta de Janeiro. Precisamente um ano depois, a pobre Encarnação Quintas, atacada por uma pneumonia dupla, dava a alma ao Criador.

Foi grande a mágoa de Januário Domingos. Amara sinceramente a esposa. Mas era novo e tinha um temperamento de transmuntano. Ao cabo de três meses, mal sentia adormecido o sogro, com quem continuara vivendo, e a quem dedicava o mesmo respeito dos tempos de marçano, raspava-se em bicos de pés – para a estúrdia. Manda a verdade dizer-se que o não fazia todas as noites. Duas ou três vezes por semana, o máximo.

Como, porém, nunca lhe saía da mente a esposa estremecida, Januário Domingos encontrara maneira de compatibilizar as noites de pândega com a saudade e o respeito pela sua memória. Dia em que descarrilasse da seriedade devida à sua posição de honrado comerciante e ao seu estado de viúvo inconsolável, corria a ter com um sacerdote, e incumbia-o de rezar uma missa para aplacar a alma da defunta – cerimónia a que ele assistia compungidamente. E tantas eram as missas que encomendava e a que assistia, que as vizinhas, ao vê-lo passar para a igreja, sentiam as lágrimas assomar-lhes aos olhos e murmuravam umas para as outras:

– Nunca se viu um viúvo assim! Amigo da mulher como aquele não torna a haver outro no Porto!

E não – vamos nós jurá-lo também sobre umas Horas. O que não quer dizer que não fosse igualmente amigo – das outras.

\*

Um dia do ano passado em que o Januário Domingos, recolhendo do S. João nas Fontainhas, se dirigiu ao padre Anselmo, rogando-lhe que rezasse imediatamente uma missa por alma da Encarnação, obteve como resposta:

– Impossível! Tenho o mês todo tomado.

E abrindo a agenda:

– Imagine! Só seu sogro me encomendou dez!

– Dez missas?

– Dez missas.

- Por que intenção?
- Por uma intenção particular.

Foi-se dali o Domingos cogitando no caso, e, apenas o sogro entrou na loja, disparou-lhe à queima-roupa:

- Para que é tanta missa que o senhor tem mandado rezar?

Feliciano Quintas explicou: também ele tinha os seus escrúpulos. Não como os do genro, cuja vida nocturna conhecia perfeitamente, apesar de toda a cautela por este empregada. Estava velho para isso. Mas, sempre que enganava algum cliente, fornecendo-lhe mercadoria avariada ou levando-lhe mais cem por cento do que era justo, sentia remordimentos de consciência. Daí, as missas que mandava rezar: missas por sua alma, descontadas adiantadamente, não fossem os herdeiros esquecer-se disso depois do seu falecimento.

Vossas excelências recordam-se de ter estado no Porto, este último Inverno, uma famosa equilibrista de circo, a quem os cartazes chamavam, em grandes letras berrantes, a «Bela Aragonesa»? Era linda, de facto. E tão formosa, que o Januário Domingos andou oito dias apaixonado por ela.

Coincidiu a estada da Aragonesa no Porto com a falta absoluta de açúcar na cidade. Tinha o Feliciano Quintas umas duzentas arrobas escondidas no sótão. Havia-as comprado a quinze escudos. Vendeu-as, de uma assentada, a dez libras.

Nesse dia, pela primeira vez na sua vida, Januário Domingos não aparecera no estabelecimento. Entrou em casa às três da manhã, vindo de Braga, em automóvel, com a Aragonesa, depois de uma pândega rasgada que meteu ostras de recheio e Champagne Cliquot.

No dia seguinte, sogro e genro, ambos vestidos a rigor e de rosto infinitamente compungido, mandavam cantar uma missa – a grande instrumental!

---

## Aires Torres

(1893-1979)

---

### MAIS ALTO

E eu vou subindo... Encantam-me estas fragas  
Assim duras, caladas, pensativas...  
Garras de tojos erguem-se agressivas,  
Ásperas e raivosas como pragas.

Queima ainda na serra o sol de Agosto.  
Ao fundo as águas brincam nos açudes.  
E eu vou subindo entre fraguados rudes,  
Para me encher lá cima de sol-posto...

Subir e dominar! – volúpia estranha! –  
A tarde vai morrendo doce e calma,  
E eu sinto aligeirar-se a minha alma  
No seio agreste e duro da montanha.

No alto! No alto! Mais alto que ninguém!  
Lá muito longe, a linha do horizonte.  
Os meus olhos à solta andam a monte,  
A olhar lá para além, mais para além...

Como um antigo rei dominador,  
Olho, orgulhoso, a terra à minha volta.  
Gigantes de granito como escolta,  
Olham-me atentos, mudos, em redor.

Cordas de serras, como um grande mar!  
Ondas mortas, suspensas, encantadas...  
Gestos da terra, curvas desoladas,  
Mãos postas esquecidas a rezar...

Passa por mim um sonho vagabundo...  
– Meus vassalos! Depressa! Os meus vassalos!  
Gritai alto, clarins! – Vou comandá-los  
Numa cruzada, longe, ao fim do mundo!...

Púrpura e sangue e oiro no ocidente!  
Vinde ver! Tudo em chamas! Vinde ver!  
A minha Roma, ó Nero, toda a arder  
Nas labaredas de oiro do poente!

Sinto crescer em mim um Deus imenso!  
E subo ainda! Vejo-me maior!  
No sopé da montanha em meu redor,  
O fumo dos casais lembra-me incenso...

A terra vai vestindo roupas pretas,  
De luto pelo sol doirado e lindo...  
E pela serra fora vai caindo  
Uma chuva miudinha de violetas.

E enquanto a noite apaga, lá no fundo,  
Os pinheirais da encosta, o rio, as casas...  
Um esplêndido sonho de mil asas  
Levanta-me no céu largo e profundo!

Ardem mundos e mundos nos espaços,  
Como em meu peito o sonho em que me exalto;  
E do alto da montanha, do mais alto,  
Ergo na noite a ânsia dos meus braços!

Ânsia de luz, de longe, ânsia tamanha!  
Erguei-me, levantai-me ao infinito  
Nos vossos ombros duros de granito,  
Ó fragas, fragas altas da montanha!

Quero subir, subir, subir ainda!  
Estrelas de oiro, dai-me a vossa mão!  
Quero subir... Onde é meu coração?...  
Alma... infinito... A aspiração não finda...



E os astros vão rolando indiferentes...  
A terra tem um ar de abandonada,  
Sombria e triste e dura e condenada  
Ao louco ansiar de eternos penitentes...

O sonho na minha alma vai morrendo...  
Sinto frio cá dentro... tão sozinho!  
Ó noite! ó noite! ó noite! O meu caminho?...  
– E humilde e pequenino vou descendo.

## CREPUSCULAR

O sol! Lá foi o sol embora!  
Sombras nos montes, sombras largas, dolorosas...  
O sol! O sol partiu, o sol morreu...  
Pela montanha fora,  
As fragas ajoelham silenciosas...

Passam no céu,  
De xale negro aberto,  
Como aldeãs em luto, as andorinhas.  
Foram vê-lo de perto,  
A agonizar lá longe, solitário...

E na desolação do céu a esta hora,  
Caladas e tristes,  
Lembram Marias vindas dum Calvário...

Lá foi o sol embora...

Que longo, longo pasmo, longo e mudo!  
Nos fragedos, nas árvores, em tudo,  
Há brandas atitudes de mãos postas  
E um ar de reza paira em toda a terra...

Ave Marias.

As ovelhas da serra  
Entram de chocalhar pelas encostas;  
E lá no alto, na crista, as rudes penedias  
Adormecem no céu as linhas duras...

E a noite desce, vai descendo...

Mundos! mais mundos! tantos mundos!  
– Mais ilusões talvez, mais dor, mais amarguras...

Ritmos largos, profundos,  
Desdobram-se inquietantes sobre as almas...  
E eu oiço, eu adivinho, eu quase entendo

A grande, a estranha voz das coisas calmas,  
A voz de tudo, a voz de longe, a voz imensa...  
A minha alma surpresa, atónita, suspense,  
Debruça-se na noite, perscrutando...

Ó almas em mistério, insatisfeitas!  
Ó louco, ó vago, ó frágil pensamento!  
É talvez Deus que fala... revelando...  
Que dirá? que dirá?... Meu pobre entendimento  
De antenas imperfeitas.....  
.....

## SOL

Luz d'alva – Fragas altas – Serranias –  
Num grande espreguiçar de ramarias,  
A terra inteira acorda a pouco e pouco.  
Vozeia em baixo o rio. – Esse não dorme, o louco,  
O boémio, o sem-terra, o vagabundo...  
Noite e dia,  
Lá vai ele a contar à penedia  
As mil coisas que viu e ouviu por esse mundo...

Num recorte da serra, dominando,  
O sol, todo novinho, resplandece!  
– Quem quer viver! Vencer! –  
A natureza agita-se... E parece,  
Neste imenso e profundo estremecer,  
Uma plateia imensa ovacionando!...

Ó minha sorte! onde irei eu, ó minha sorte?...  
É a hora moça, a hora inquieta da partida...  
Dá-me um clarão, ó sol! que eu seja alegre e forte!  
Onde é a glória, onde é o amor, onde é a vida?  
Ó sol! Onde é a vida?

---

## João de Araújo Correia

(1899-1985)

---

### AS DESILUSÕES DO BRASILEIRO RAIMUNDO

*A Euclides Portugal*

Esse homem chegou do Brasil com ideias progressistas. A primeira coisa que fez foi ensinar a mãe a lavar-se, mas só conseguiu que a velhota sorrisse de semelhante mania. Continuou a coçar-se por todo o corpo, ora com volúpia, ora com fúria, descarnando o lixo, até ao fim da vida.

Quando as crianças lhe pediam esmola, dava-lhes uma coroa com a condição de se irem logo lavar. Só assim conseguia ver caras brancas dentro da aldeia. Eram pretas, devido à acumulação do surro.

Pela vindima, obrigava os lagareiros a lavar as pernas antes de esmagar as uvas. Eles riam-se da bacia, da toalha e do sabão. Riam-se tanto como a criada velha que lhes trazia estes aprestos. Riam-se principalmente da água... E riam-se do patrão, que era maníaco e ignorante. Não sabia que o vinho, quando ferve, expulsa a porcaria? O vinho, depois da encuba, deita pelo boeiro dos cascos, com a baba que escorre pelo bojo, toda a sujidade. Só quem é brasileiro é que não sabe isto. Eles, os lagareiros, faziam a vontade ao patrão, lavando os pés. Dentro do lagar, se fosse preciso, cuspiam no bagulho.

Estas rotinas da aldeia contra o asseio feriam-lhe o coração singelo. Vendo que eram inelutáveis, dizia a si próprio:

– Ah! Brasil, Brasil, a gente lá se lava...

Este bom homem nem assim perdeu a cisma da limpeza. Quis ver o povo escarolado como no Brasil. Enjoavam-no os espectáculos do mulhério maltrapio, alastrado no chão à porta dos casebres – entrecatando-se com voluptuoso vagar em tardes de domingo. Agoniava-se e dizia a si mesmo, desviando a cara:

– No Brasil, a mulher se penteia na casa. Não vem nas portas se espiolhar deitada!

Esta zirreira ia-o matando. Comparava a imundície dos corpos

com a imundície das almas. Irritava-o a obscenidade das línguas mulheris durante a tarefa insecticida, e monologava:

– Pouca vergonha e porcaria! Água e sabão limpava tudo...

Como a aldeia tinha só uma fonte para mil habitantes dispersos em seis bairros, pensou atiladamente que uma fonte ao pé de cada bairro daria a cada habitante vontade de se lavar.

Esta ideia não o largou durante sete meses. No fim deste período de cogitação, tinha vagar para isso, o brasileiro foi-se ter com o presidente da Câmara e falou-lhe pouco mais ou menos assim:

– Minha terra não tem água. Eu dou água a ela si o sior me deixa trazer água de um monte em minha terra mesmo. Eu trago ela em o povoado, boto um fontanário para cada lugar, o sior não gasta um tostão, eu pago tudo, mas o sior me deixa construir a arca di água em minha propriedade. Minha propriedade é seca. O sior sabe... Minha terra não tem água para regar uma couve. Se o depósito fica-me na propriedade, rego ela, colho minhas hortaliças, mas, saiba o sior, não prejudico ninguém. Água que eu gaste não vai faltar em o povo. O monte tem água que esbarronda tudo.

Aqui, o presidente, que o ouvira calado, com a mão no queixo, lançou-lhe um olhar duro e replicou-lhe:

– A mim não me esbarronda você. Sabe o que lhe digo? Você quer ser benemérito em proveito próprio. Você aprendeu no Brasil a encampar matutos. A mim não me encampa você.

– Mas, siô presidente! Eu sou home honrado. Dou água gratuita à povoação. É justo que fique-me alguma na propriedade. O sior não gasta um tostão.

– Bem sei... Até o meio da obra.

– Juro, seu presidente. Não gasta um tostão.

O presidente viu as horas num relógio de pulso, afagou o queixo com as pontas dos dedos, piscou um olho e cravou o outro no brasileiro, como se lhe espetasse um punhal.

– O senhor veio lá do Brasil... Que política é a sua?

– Eu, sior, não tenho política. Minha política é fazer bem. No Rio, trabalhei como nêgo. Hoje descanso. Minha política é fazer bem. Queria fazer bem à terra onde nasci.

– Bem te percebo... Olhe, represente à Câmara. Por escrito. Preto no branco. Se a Junta, a Junta lá da sua freguesia, se interessar pelo caso, falaremos. Se não, adeus.

Levantou-se da cadeira curul, passou a mão familiarmente pelo ombro do brasileiro e concluiu:

– Vou almoçar. Você saiu-me um grande melro.

– Sior presidente, sou home honrado. O sior não gasta um tostão.

O presidente já o não ouviu. Tinha-o deixado sozinho no gabinete. Veio um contínuo encontrá-lo ali a olhar para os estuques do tecto.

– Que está aí a fazer? Rua!

O brasileiro, meio atordoado, mas incapaz de vacilar no propósito de lavar a cara aos vizinhos, regressou à terra disposto a fazer a representação. Logo que chegou a casa, pegou num papel e garatujou a proposta: abastecer de água a aldeia à sua custa, reservando o direito de beber uma pinga e dar uma pinga a beber às suas hortaliças.

Resposta da Câmara: que sim, perfeitamente de acordo. No entanto, feito o abastecimento, a Câmara seria dona e senhora do serviço para o administrar como quisesse. Reservava o direito de negar água de graça a quem a pudesse comprar. Se assim lhe servia, a Câmara aceitava. Louvaria o benemérito em sessão solene pelo rasgo de civismo.

O brasileiro, lendo o ofício da Câmara, exclamou:

– Dou água e fico sem água para meu cebolo? Nessa não cai Raimundo, não! Ah! Seu presidente! Tira o cavalo da chuva...

Continuou a olhar com enfado para a mãe esquelética, as crianças ranhosas e as mulheres escodeadas e obscenas. E voltava à sua:

– Se aquela Siora Câmara tivesse querido!

Lamentava-se, ia-se azedando com este pontapé aplicado no ponto mais central da sua benemerência. Não o merecia. Mas, por cúmulo de desgosto, nenhum vizinho o consolava. Todo o povilêu patrício o escarnecia, vendo-o derrotado.

– Cuidava que vinha lá do Brasil fazer pouco da gente. Se cheiramos mal, é porque não temos dinheiro p'ra cheirinhos. Sabe Deus como ele o arranjou. E quis agora o manduca fingir que dava água com fatura à gente e governar-se com ela no chavascal do prédio, que não vale um pataco e deu por ele – só de cego – uma pancada de contos de réis. E queria aquilo, se calhar, ainda por cima, que lhe alevantássemos alguma estátula! Ah! Boa Câmara, que te deu – bem feita! – nesse nariz p'ra trás!

Estas objurgatórias não teriam fim se quiséssemos reproduzi-las todas. Cortemo-las aqui, para continuarmos a narrar as desilusões do brasileiro Raimundo.

A maior de todas foi porventura uma desilusão de amor. O brasilei-

ro tinha cinquenta anos, muitos cabelos brancos e usava mosca – atributos negativos para inspirar interesse a mulher nova. No entanto, pensava com cabeça que não estava caduco. Debaixo da pele morena, contraíam-se-lhe com vigor todos os músculos. Afeito, lá no Brasil, ao trabalho braçal, erguia para cima de um balcão, como quem brinca, um saco de arroz de cinco arrobas. Tinha os dentes todos e caminhava ligeiro sem se fatigar. Fora cortado em boa lua, como diziam, comparando-o a uma trave, os aldeões antigos. Saía à mãe, que, com mais de oitenta, era ainda uma mulher rija como um seixo. Se saísse ao pai, estaria a dormir no cemitério desde os trinta anos. Saía à mãe, que, apesar do surro, parecia, no desembaraço da fala e da andadura, uma rapariga nova. Dizia-lhe ela:

– Rapaz, como vou indo para velha, quero que te cases. Já botei inculcas e parece-me que te convém a minha afilhada Aninhas. É mulher séria e trabalhadeira. Hás-de casar com ela.

O brasileiro, que idolatrava a mãe, pedia-lhe que se calasse.

– Enquanto a mãe for viva, não me caso. Não quero ver outra mulher de portas dentro.

Não obstante esta resposta, a mãe, falando-lhe em casamento, acordou-lhe o sexto sentido – sopitado no Brasil pelo trabalho e na aldeia pela monomania da água. Disse a si próprio:

– Hei-de ver...

E viu. Viu na elegante, afidalgada filha de um lavrador a mulher que lhe convinha. Chamava-se Teresa. Comparada com a Aninhas, afilhada da mãe, era uma andorinha comparada com uma coruja. Só de pensar em Aninhas, o estômago se lhe engulhava. Pensando em Teresa, os olhos reviam-lhe ternura. É que Teresa, única rapariga que se lavava a preceito na aldeia, era uma perfeição de brancura e tinha os olhos pretos. Quanto a corpo, flexível como um pé de giesta mal tocado do vento. Nem se sabia como aquela rapariga tinha nascido ali, naquela aldeia de raparigas sem cinta, com mãos de homem.

O brasileiro, pensando nela, dizia a si mesmo:

– Se me quiseses, Teresinha linda, hás-de ser uma rainha.

Mas como havia a Teresinha de o querer, se estava comprometida? Carteava-se com um estudante. A aldeia inteira o sabia, menos o brasileiro. Pior para ele...

Mandou fazer uma casa de boa cantaria, mobilou-a à moderna e inundou-a de água para banhos em todos os andares. Com semelhante dilúvio, tinas brancas, torneiras amarelas, manípulos de auto-



clismo, inaugurou na aldeia a era da Higiene. Para esse efeito, explorou poços e minas.

A mãe do brasileiro, pensando que o filho tinha endoidecido, perguntou-lhe para que era aquilo. Se não queria casar, para que era aquele convento, mais luxuoso do que o das Salzedas?

– É para me casar, minha mãe. Mas só lhe digo com quem me caso depois de tudo pronto. Por enquanto, nem ela o sabe!

Parecia doidinho. Quando o mestre de obras lhe entregou a casa concluída, beijou o pavimento do primeiro andar.

No dia seguinte, procurou o pai de Teresinha. Vestiu o melhor terno, perfumou-se com o melhor perfume e foi bater à porta do lavrador.

– Vem procurar o meu pai, Senhor Raimundo?

– Venho sim, querida menina.

– Ele vem já.

A este curto diálogo sucedeu uma cena vulgar, mas, ainda assim, digna de palco. O lavrador, depois de escutar o pedido da mãe de sua filha, quis beijar as mãos do brasileiro. A filha quis mordê-las... No entanto, desenganou o pretendente sem o melindrar. Era boa menina e tinha sempre bom modo.

– Senhor! Eu não penso em me casar por enquanto. Se um dia me resolver...

O que ela quis foi impontar o brasileiro, ver-se livre dele para pensar no estudante.

O brasileiro, cabisbaixo, com o peso de mais vinte anos em cima, foi-se ter com a mãe para desabafar. Chorou como criança ao pé da velha. A mãe repreendeu-o, ameaçou-o de lhe dar com um soco se botasse mais uma lágrima por amor daquela seresma.

O filho, para não magoar a mãe, que o não compreendia, calou-se. A velha, porém, continuou a injuriar a delicada Teresa, pensando que fazia bem, que distraía o filho. Disse-lhe que mulheres eram como a praga. Se não houvesse tantas, pouco se perdia. Queria mulher? Aí tinha a sua afilhada Aninhas, boa rapariga, apesar de pobre.

Ouvindo o nome Aninhas, o brasileiro mordeu o beijo inferior. Não quis desrespeitar a mãe. Deixou passar a cólera e disse:

– Antes morrer.

Depois fechou-se no quarto. Preferiu escutar-se a si a escutar as consolações bárbaras da velha. Decorridos dois dias, vestiu-se de ponto em branco e declarou que ia até ao Porto espairecer.

– Vai e traz de lá outra cara – replicou a anciã, dura como uma fraga.

No Porto, o brasileiro convalescente de amor entreteve-se a passear – conhecer a cidade. Viu a Bolsa, foi à Foz, visitou São Francisco, a Sé, todos os lugares que o bairrismo tripeiro lhe inculcou dignos de atenção. Viu tudo, admirou tudo com ingénua curiosidade, mas onde o coração se lhe prendia satisfeito era nos jardins. Amava a Natureza e a maneira de a embelezar.

Quando de novo se achou na aldeia, estava curado da ferida amorosa. Vendo a casa nova inutilizada, dizia:

– Paciência.

Recordando o Porto, murmurava:

– Lá ninguém me incomodou.

Continuou a viver na casa velha com a vetusta mãe. Ia esquecendo o desaire sofrido com Teresa, mas o povo não se esquecia dessa aventura triste para saciar a sede de escárnio. Em cada esquina, grudara um pasquim cheio de versos trocistas. Com tocata de harmónio e ferrinhos, cantava-os desaustinadamente à porta do brasileiro. Dizia a cantiga:

Mandei fazer uma casa  
P’ra guardar uma donzela.  
Gastei dinheiro às mancheias,  
Mas a donzela... qu’ê dela?

Eu pensei que, sendo rico,  
Tinha moça e tinha tudo.  
Não me lembrei que era velho.  
Olha que grande canudo!

Estas e outras estrofes de rasteiro quilate ouvia-as o brasileiro e dizia a si próprio:

– Quê gente!

Para se distrair, começou a cultivar flores, hortaliças especiais, galinhas e coelhos de raça. Comprou colmeias móveis e dedicou-se às abelhas. O povo, que é rotineiro, ria-se destes entretenimentos. Considerava tolice cuidar de flores e espetar nas hortas mais do que couves galegas. Quanto a galinhas, tirante a pedrês, a riça, a branca por luxo e a preta de saborosa carne, mal mereciam o cuidado de uma mulher, quanto mais o trabalho de um homem. Desconfiava de raças estrangei-

ras. Em seu entender, nem davam ovos nem febras substanciais. Eram pior que carne de cão. A respeito de colmeias, murmurava que a abelha só quer cortiço. Parvo era o brasileiro, supondo que o bicho tão fino descobriria o célebre segredo – segredo de abelha – através do vidro de uma casinhola.

O brasileiro, sacha que sacha à borda do quintal, ouvia estas críticas e monologava:

– Quê gente!

Para não avivar o desgosto sofrido por amor de Teresinha, já casada com o estudante, o bom do brasileiro não punha os pés na casa nova. Evitava até pisar-lhe a sombra. Casa tão linda, fechada, envelhecia antes de tempo. Um dia, porém, lembrou-se o brasileiro de a utilizar, dando-a ao governo para uma escola. As aulas, na sua aldeia, funcionavam em míseros cardenhos. A das meninas funcionava sobre um curral. A dos rapazes funcionava numa loja térrea.

Veio à aldeia examinar o prédio um perito de lunetas – homem esquisito. Desfez na casa desde os alicerces até ao telhado. Disse que estava mal situada e só com grandes obras se poderia adaptar a escola.

O brasileiro, quando recebeu um ofício com a exposição dos defeitos da casa e maneira de os remediar, rasgou o papel em pedaços, deitou-os à rua e exclamou:

– Bolas!

A casa nova ficou entregue aos pássaros. As criancinhas continuaram a frequentar cardenhos em vez de escolas.

– Uma vergonha – dizia o brasileiro. – Mas eu não tenho culpa!

Com estas desfeitas desistiu de fazer bem à terra. Deu à torre da igreja um relógio, mas deu-o para uso próprio. Via as horas da janela do quarto de dormir. Foi assim que o povo compreendeu a última benemerência do brasileiro Raimundo.

O bom do homem esperou que a mãe falecesse para se retirar da aldeia. Deixou-a sepultada com as cinzas do pai num pequeno jazigo e foi viver para o Porto. Acabou os dias ao sol, no Jardim de São Lázaro. Legou os bens a asilos e hospitais, como é costume de brasileiros sem filhos. Pediu que o enterrassem em campa rasa, mas perpétua, no Prado do Repouso. Este cemitério parecia-lhe um jardim sossegado – verdadeiro paraíso para quem sofreu. As últimas palavras que pronunciou, na casa de saúde onde lhe fechou os olhos uma enfermeirinha suave, foram as seguintes:

– Minha mãe! Que pena a siora ficar nessa terra maldita!...



---

## Carlos Cochofel

(1900-1920)

---

Poentes d'ametista de entremeados rubros,  
Hecatombe de Sol ensanguentado e loiro;  
Sacrifício de Sangue, além, pelos deslúbrs,  
Vozes misteriosas entre os escrínios d'Oiro.

Empírio cor de Cinza violado de nuvens,  
Em âmbitos de amarantos com perfume de Rosas;  
Holocaustos da cor em que o pincel de Rubens  
Dá na tela sanguínea tintas misteriosas.

Depois lá vem a Noite misto de Trevas e Medo!...  
Há Sombras cor de gelo além, no Arvoredo,  
Deitam-se a Treva e o Mal, os dois, nos mesmos tambos.

Há Silêncio de Campa em toda a Natureza.  
Ó Treva cor de mim: – Dá-me a tua tristeza  
E fica sendo triste a Alma de nós ambos.

✱

Sou filho dum reinado de Amargura,  
Duma Raça de Heróis que já morreu.  
Tenho em mim um Poema d'aventura  
Com estrofes de Mágoa – que sou eu.

Sou a Saudade, a Bruma, a Espessura  
Nun'Álv'res combatendo pelo céu...  
Saudosa voz ausente que murmura  
Na tragédia da sombra em que viveu.

Um fantástico palco de paixões  
Onde há dramas de Amor, de corações,

– Camilo, Nobre e Antero nos delírios...

Sou Bernardim chorando os seus amores  
Cujas Lágrimas na terra dão flores  
Roxinhas, muito roxas, como os lírios...

✱

Ontem à noite encontrei  
Uma criancinha – Iria,  
Que nem na corte do rei  
Criança tão linda havia!

Essa criança pedia.  
E ao vê-la (vê lá) chorei...  
Porque no seu rosto havia  
Lágrimas que só eu sei...

Num vão de porta, sentada,  
Estava a Mãe desgraçada  
Vendo a filha que pedia.

E eu pondo os olhos nos seus,  
Lembrei-me de inquirir de Deus:  
– Se no Mundo se vivia!

---

## Domingos Monteiro

(1903-1980)

---

### O REGRESSO

**E**vossemecê a dar-lhe!...

– É o que te digo, filha. Bonda a forma como ele te escreve. Vem mais pobre do que foi e para te comer o resto...

Os olhos da velha fuzilaram. Sentada na arca, junto do fogo, o seu rosto cavado de rugas tinha uma cor de marfim velho, em que as labaredas punham, de vez em quando, um tom avermelhado. As mãos pousadas no regaço dedilhavam, maquinalmente, o terço, e com a boca desdentada ia mastigando orações e proferindo invectivas, misturando o seu fervor de crente e o antigo rancor por aquele alma do diabo que ali aparecera um dia, só para lhe estragar todos os projectos.

– Ave-Maria, cheia de graça!... É o que eu te digo. Escusas de contar com a minha ajuda... O Senhor é convosco... A leira, ainda a deixei vender, só para me ver livre dele. Pensei que, com o génio que tem... Bendita sois vós entre as mulheres!... o matassem por lá... Bendito é o fruto do vosso ventre... ou que as febres o acabassem... Amen!...

– Mãe! – Pôs-se de pé cheia de cólera. Aquele ódio sem medida, fazia-lhe perder todo o respeito que lhe devia.

– A mãe fala como uma alma perdida. Ele é o meu homem, mãe! O pai da minha filha...

Mas a velha não desarmava:

– Para ela, era bem melhor não o ter...

Eram agora duas mulheres iguais, em frente uma da outra, com o rancor no coração e a boca a ferver de insultos.

– Cale-se!

– Não me faltava mais nada que tu me mandasses calar aqui, na minha casa! Na minha, entendes? A tua, vendeste-a para ele ir para as feiras beber e jogar o dinheiro nas tabernas.

– Isso são ditos, mãe... O Quim nunca jogou... São falsidades de gente invejosa...

– Qual nunca jogou!... Qual são falsidades!... Que to diga o Chi-

co de Entre-Águas, que só de uma feita lhe ganhou cinco moedas... Que to diga o Manuel do Eido, que to veio trazer a casa perdido de bêbado... Falsidades! Que ele te deu o feitiço, sei eu!...

– Cale-se pelo amor de Deus! Nem hoje, que é Natal! Nem hoje, que é o dia do perdão das faltas, a mãe é capaz de lhe perdoar o ele ter-me querido... Que é só disso que a mãe o pode acusar... De mais nada...

A mãe ia falar, mas ela não a deixou, impetuosa:

– Cale-se! Cale-se! Ele pode chegar esta noite... Ele diz na carta: «Talvez no Natal vá cear com vocês...» A voz tornou-se suplicante: – Ao menos por hoje, mãe...

Mas nada conseguia travar a velha. O seu ódio era mais forte que tudo: que a sua crença milenária, mais forte que a angústia que sentia crescer no coração da filha.

– Então é só disso que eu o posso acusar?... Aparece por aqui um maltês que não se sabe donde vem, que não tem onde cair morto, que nem sabe o nome do pai e da mãe... a gente recolhe-o em casa, dá-lhe trabalho... e a paga que nos dá é tirar-nos a única filha que temos... Achas bem feito?... Só «isso»? E por causa de quem é que tu não foste para professora? E por causa de quem deixaste o Antoninho da Ramada, a quem estavas prometida há cinco anos – um rapaz bom, rico e perfeito?

A voz dela tornou-se cava e profunda, a voz trágica das maldições:

– O teu pai, filha, morreu de desgosto e de vergonha, por tua causa e por causa dele... Que tenham tantos trabalhos... – Calou-se no meio da praga, dominada por um escrúpulo, e prosseguiu em voz mais baixa: – Lembras-te, filha, quando o teu pai lhe disse que não? Lembras-te o que ele disse?... «O senhor, ou dá o seu consentimento ou tem que passar pela vergonha de ter um neto em casa, que nem pai tem...» Nem sei como o teu pai se susteve! Ele, que nunca teve uma lágrima – nem quando lhe deram as facadas na feira do Cavalinho –, passou uma noite inteira a tremer e a chorar... E oito dias depois teve o ataque... E, em menos de dois meses, levámo-lo a enterrar...

– O pai perdoou-nos antes de morrer, mãe... Ainda nos viu casados. Ainda nos abençoou!...

– O teu pai era bom de mais e não via outra coisa senão a ti... Mas eu não posso...

Calaram-se durante um longo espaço de tempo. Uma voz doce e fina de criança cortou o silêncio, pondo uma nota doirada no ambiente pesado:



– E o pai *trará-me a bonecra*?

– Traz, sim, Rosinha...

A criança sorriu... Tinha ouvido a discussão, alheia, mal se apercebendo do sentido do que diziam, presa a um fio de sonho que a envolvia como um raio de sol. Toda a sua alminha estava concentrada na ideia de que o pai estava para chegar... Tudo ia acabar e começar de novo... Nunca mais teria medo dos lobisomens, nem das bruxas, nem da noite que rolava pela serra abaixo como um pedregulho e que a deixava abafada de angústia e de pavor... Nem do vento que andava perdido a uivar o seu desespero... Nem do trovão com que Nosso Senhor ralhava aos homens pelos seus pecados. O pai era mais forte que o vento, que o trovão e do que a noite. Bastava que ele lhe tocasse para o seu medo se fundir e entrar nela um sentimento de calma e de segurança invencível...

– São horas da ceia, Rosinha...

– Eu espero pelo Pai!...

✱

Com a cara colada à telha de vidro, o homem via e escutava avidamente. Sentia o corpo trespassado de frio, tiritante sob o fato de cotim cosido e o capote de mescla esfarrapado. A neve caía fina e insistente e ele limpava a telha com o côncavo da mão par a ver melhor. A casa era encostada ao monte, fazendo parede mestra de um penedo enorme que se prolongava, um pouco, sobre o telhado. Caiada de branco, com sua varanda alpendrada, parecia nascer das entranhas da serra como uma flor exótica. Não tivera coragem de bater. Lembrou-se daquela telha indiscreta, que descobrira por acaso, ainda quando nem sequer tinha ideia de a namorar. Dali a espreitara uma noite e a vira despir, tirar o saiote e desapertar o corpete... Depois disso, nunca mais pudera sossegar. Entrara nele, como uma ideia fixa, uma espécie de fome inextinguível. E o resto era o que a velha contara e que ele ouvira agora, trémulo de angústia e de cólera, possuído dos sentimentos mais contraditórios. E o resto era a sua partida para África, para tentar fortuna e o mais que ela não sabia: a sua luta corajosa, o seu desejo de vencer e finalmente a sua derrota, dominado pela força implacável do destino. Sujeitara-se a tudo, até a trabalhar nas estradas ao lado dos negros, sob o sol impiedoso, e à tirania insuportável dos capatazes. Depois surgira o incidente – aquele incidente sempre possível com a sua natureza orgulhosa. Ao insulto respondera com o insulto, e à violência

com a violência. Fora preso e condenado, por uma justiça do sertão, que não cuida da verdade, mas que obedece rigidamente a um critério rigoroso de disciplina... Mas, assim mesmo, persistira até que as febres o tinham atacado. E isso dera cabo dele. Toda a sua energia se diluira, roída por aquele calor de dentro, pior que o sol implacável... Criara um ódio invencível aos desertos amarelos, às florestas verdes e sombrias que, mais que o corpo, pareciam engolir a alma de um homem...

Ainda deitado no catre, trémulo de arrepios e de suores gelados, só tinha um desejo: o de voltar. Viera-lhe uma saudade insuportável de tudo o que deixara, cheio de ambições e de esperança: da mulher e da filha, dos ares lavados da serra, das leiras tranquilas, dos sulcos do arado onde saltita a lavandisca, e dos lentos e calmos serões junto do fogo... – Voltar! – E, logo que pudera conseguir que o repatriassem, por esmola, não hesitara um segundo...

A mulher não sabia de nada. Nunca tivera a coragem de lhe confessar a sua derrota – a ela, que confiava nele como em Deus. Tinha a certeza que continuava a acreditar nele, convencida que ele conseguiria dominar a vida como a dominara a ela. E fora isso que o fizera hesitar no último momento, que o impedira de bater à porta e que o fazia estar, ali, à espreita, como um miserável, trémulo de frio e sob a neve indifferente e gelada.

Quanto à velha, com o seu ódio, com o seu rancor inextinguível, essa, adivinhara tudo. Como ela iria exultar quando o visse assim, como um vagabundo dos caminhos, esfarrapado e esquelético, trémulo de frio e de fome. E aquele riso silencioso da boca desdentada, aquela malícia quase secular dos olhos, e as palavras cuspidas, mastigadas com um desprezo capaz de trespassar os ossos e a alma!... Adivinhava-lhe o olhar triunfante para a filha, aquele olhar de ódio satisfeito mais expressivo do que as palavras: «Então, que te dizia eu!... Aí o tens, ao teu homem!... Ao teu rico homem!...»

E adivinhava a humilhação da mulher, a sua humilhação trágica e silenciosa, filha do reconhecimento de que o seu homem era um homem como os outros, capaz como os outros de ser dominado e vencido – um homem qualquer...

Estremeceu. Vinha-lhe agora um desejo súbito de entrar, de deitar as mãos ao pescoço da velha e de lho torcer até extinguir para sempre aquela voz rancorosa, cujo som, mesmo em África, o perseguia. Ainda se lembrava da despedida e das suas palavras zombeteiras:

– Vai, homem, vai... Tu nasceste foi para andar pelos caminhos. Tu és como o vento e fazes os mesmos estragos...

Aquilo era uma forma de lhe chamar vagabundo e de lhe significar o seu desprezo. Ao mesmo tempo, fora uma praga que lhe rogara.

Para ela, homem que se não curvasse de sol a sol sobre o cabo da enxada, que não dissesse as mesmas palavras, que não repetisse os mesmos actos, não era homem que valesse a pena...

Sentia que havia uma certa verdade nas palavras da velha. Tinha uma coisa lá dentro que não lhe consentia estar sempre no mesmo sítio, e fazer sempre a mesma tarefa. Trabalhava dias seguidos como um moiro e, de repente, sentia a vontade irreprimível de se evadir, de deixar tudo, de ir para outro lugar. Punha-se então a andar pelas feiras, muitas vezes sem ter que comprar nem que vender, farto de repetição e de imobilidade, tentado pela saborosa e infinita variedade da vida...

– Vês, filha, deixou a redra no meio... Tem alma de cigano...

A neve picava mais. Caía agora fofa e densa, mais húmida, trespassando-o todo até aos ossos e pondo-lhe um arrepio doloroso na espinha.

Pelos interstícios das telhas, saía um fumozinho doce de lenha de azinho de mistura com o cheiro do caldo e um aroma de azeite novo e de salpicão. Sentiu uma contracção súbita no estômago a lembrar-lhe que já não comia há vinte e quatro horas, uma vontade quase aflitiva de se atafulhar com broa e tomar uma barrigada daquele caldo oleoso e perfumado. Haveria, decerto, também um lasca de presunto e talvez – quem sabe! – uma rabanadazinha rescendente de mel...

Limpou, de novo, a telha cuidadosamente. O grupo continuava na mesma: a petiza no banquinho, a velha sentada na arca junto do fogo, e a mulher imóvel com os olhos fitos na porta por onde havia de chegar o seu homem.

Via agora tudo nitidamente, e até distinguia, ao fundo, por cima da tulha do milho, o presépio iluminado com lamparinas de azeite. Lá estava o Menino Jesus, com a carinha de loiça, sorridente, estendido nas palhas, a vaquinha de barro com a língua de fora e os três Reis Magos em fila, que a estrela de papel doirado guiava lá do alto, com sua luz de sonho.

Tomou uma resolução:

– Quero lá bem saber!...A velha que vá prò raio que a parta.

E ia descer disposto a bater à porta, compondo já uma atitude ar-

rogante que fizesse esquecer os seus andrajos e corrigisse e vencesse a humilhação que o destino lhe impunha.

Começava já a escorregar pelas telhas quando as vozes de baixo lhe chegaram mais fortes, numa alteração que se reacendia. A voz da velha, estrídula, perfurava a noite como uma verruma:

– Faz o que quiseres, filha. Eu cá não espero mais por vagabundos...

Mal ouviu o som da voz da mulher, trémula e abafada, e não distinguuiu a resposta.

– Pois sim... Pois sim... Ele há-de chegar em bom estado... – A voz da velha, exaltada, era agora um guincho de animal raivoso. – Vai-lhe mas é preparando as mantas e a botija pròs pés. E desata os cordões à bolsa para lhe comprar um fato. Com os do teu pai escusas de contar... Roupa que cobriu um homem honrado não serve para malandros...

Parecia que a velha o estava a ver e que o seu ódio adivinhava. Não pôde conter a sua fúria:

– Tu pagas-mas! Estupor! – A sua cólera era agora superior a tudo: – Vamos a ver quem ganha... Ranhosa...

A voz da mulher fê-lo hesitar um segundo. As suas palavras chegavam agora nítidas, precisas, carregadas de uma convicção dolorosa, de um orgulho humilde e inabalável:

– Não, mãe! O Quim não precisa das suas esmolas... nem das minhas... Não é homem para voltar com as mãos a abanar... Se fosse o Antoninho da Ramada, esse que eu namorei cinco anos e que deixei por causa dele, talvez... São ricos, mas em uma trovoada lhes levando uma colheita, ficam mais miseráveis do que os bichos da terra. Só sabem chorar e lastimar-se... Mas o Quim não é assim! É um homem. Ou volta, como disse que havia de voltar, ou nem eu, nem vossemecê, nem ninguém mais lhe põe a vista em cima...

Um soluço abafou-lhe as palavras. No silêncio que se seguiu, só se ouvia o ciciar da neve e o crepitar da lenha.

A voz da criança ergueu-se, novamente, numa aprovação indirecta ao que a mãe tinha dito.

– Mãe, eu sei que o pai me traz a *bonecra*...

Aquilo era mais forte do que ele, mais forte que a sua fome, que o seu frio, que a sua tristeza, e até que a sua cólera.

Com o ódio da velha, com o seu desprezo, com a sua zombaria, ainda ele podia lutar. Mas contra aquela esperança, aquela certeza inabalável, era-lhe impossível. Havia ali dois seres que o amavam e que

acreditavam nele. Não lhes podia destruir a sua ilusão, pois destruir a ilusão dos que nos amam é pior do que a morte.

Silencioso, o homem escorregou pelas telhas. Não tinha já fome nem frio. Sentia no coração qualquer coisa que o impelia: uma espécie de força invencível que dominava o seu cansaço...

E, aos tropeções, começou a descer a serra, e perdeu-se nas sombras da noite...



---

Paulo Quintela

(1905-1987)

---

## CONTRIBUIÇÃO PARA UM FUTURO RETRATO

Valeu a pena o desgaste, a erosão  
Do tempo no meu rosto  
– As rugas da angústia e da meditação  
E do desgosto;  
Os traços verticais da cólera entre os cenhos;  
Os desenhos  
Que as lágrimas abriram com seu sal;  
O amargo vale  
A emoldurar a boca arrepanhada  
De sarcasmo brutal  
Ou de azeda ironia,  
Quase sempre cerrada,  
Raro aberta de inata bonomia;  
Os olhos fatigados,  
Mas ainda e sempre apaixonados  
Da beleza do mundo –;

Valeu a pena ter descido ao fundo  
Da dor e da paixão;  
Ter dado amor e amizade  
Pra receber traição;  
Ter sofrido o desterro e a saudade  
Na própria terra em que nasci –;

Valeu a pena ao declinar da idade  
Pode dizer «amei, sofri – vivi» –;

Valeu a pena tudo retratar  
Em carne viva e dura  
Nesta face cansada –

Pra tu poderes passar a mão alada  
De ternura,  
E estudar, decorar  
A geografia complicada  
Da humana criatura –;

Ouvir dizer que gostavas de a guardar  
Na memória amorosa dos teus dedos...



---

## Miguel Torga

(1907-1995)

---

### A MARIA LIONÇA

**G**alafura, vista da terra chã, parece o talefe do mundo. Um talefe encardido pelo tempo, mas de sólido granito. Com o céu a servir-lhe de telhado e debruçada sobre o Varosa, que corre ao fundo, no abismo, quem quiser tomar-lhe o bafo tem de subir por um carreiro torto, a pique, cavado na fraga, polido anos a fio pelos socos do Preguiças, o moleiro, e pelas ferraduras do macho que leva pela arreata. Duas horas de penitência.

Lá, é uma rua comprida, de casas com craveiros à janela, duas que-lhas menos alegres, o largo, o cruzeiro, a igreja e uma fonte a jorrar água muito fria. Montanha. O berço digno da Maria Lionça.

Fala-se nela e paira logo no ar um respeito silencioso, uma emoção contida, como quando se ouve tocar a Senhor fora. E nem ler sabia! Bens – os seus dons naturais. Mais nada. Nasceu pobre, viveu pobre, morreu pobre, e os que, por parentesco ou mais chegada convivência, lhe herdaram o pouco bragal, bem sabiam que a grandeza da herança estava apenas no íntimo sentido desses panos. Na recatada alvura que traziam da arca e na regularidade dos fios do linho de que eram feitos, vinha a riqueza duma existência que ia ser a legenda de Galafura.

Quando Deus a levou, num Março que se esforçava por dar remate prazenteiro a três meses de invernia sem paralelo na lembrança dos velhos, Galafura não quis acreditar. Embora a visse estendida no caixão, lívida e serena, aspergia sobre o cadáver a água benta do costume, sem que o seu rude entendimento concebesse o fim daquela vida. O próprio prior, tão acostumado à transitória duração terrena, ao ser chamado à pressa para lhe dar a extrema-unção, ungiu-a como se ela fosse mãe dele. Tremia. Até o latim lhe saía da boca aos tropeções, parecendo que punha mais fé no arquejar do peito da moribunda do que na epístola de S. Tiago. Apenas o Dr. Gil, o médico, a tomar-lhe o pulso e a senti-lo a fugir, não teve qualquer estremecimento. Receitou secamente óleo canforado e saiu. Mas o Dr. Gil pertencia a outros mun-

dos. Médico municipal em Carrazedo, vinha a quem o chamava, dando a santos e a ladrões a mesma tintura de jalapa e a mesma digitalina. Por isso, a insensibilidade que mostrou não teve significação para ninguém. A rotina do ofício empedernira-lhe os sentimentos. O ele declarar calmamente, já no estribo do cavalo, que não havia nada a fazer, foi como se um vedor afirmasse que a fonte da Corredoura ia secar. Sabia-se de sobejo que a fonte da Corredoura era eterna, por ser um olho-marinho. E assim que a moribunda exalou o último suspiro, e do quarto a Joana Ró deu a notícia, lavada em lágrimas, cá de fora respondeu-lhe um soluço prolongado, que, em vez de embaciar nos espíritos a imagem da Maria Lionça, a clarificava. E o enterro, no outro dia pela manhã, talvez por causa do ar tépido da Primavera que começava e da singeleza das flores campestres que bordavam as relheiras do caminho, pareceu a todos uma romagem voluntária e simples ao cemitério, onde deixavam como uma salve-rainha pela alma dos defuntos o corpo da Maria Lionça. Não. Não podia morrer no coração de ninguém uma realidade que em setenta anos fora o sol de Galafura.

Em pequenina, logo o seu riso escarolado encheu a aldeia de lés a lés. Velhos e novos acostumaram-se desde o primeiro instante àquele rosto miúdo e rosado, onde brilhavam dois olhos negros e perscrutadores. Depois, durante a meninice e a mocidade, foi ela ainda o ai-jesus da terra. Qualquer coisa de singular a preservava do monco das constipações, dos remendos mal pregados, das nódoas de mosto nas trasfegas. Airosa e dessexovallhada, dava o mesmo gosto vê-la a guardar cabras, a comungar ou a segar erva nos lameiros. E quando, já mulher, se falava pelas cavas nas moças casadoiras do lugar, nenhum rapaz lhe pronunciava o nome sem uma secreta emoção. Além de ser a cachopa mais bonita, dada e alegre da terra, era também a mais assente e respeitada. Quer nas mondas, quer nas esfolhadas, o seu riso significava tudo menos licença. E ninguém lhe punha um dedo. Olhavam-na numa espécie de enlevo, como a um fruto dum ramo cimeiro que a natureza quisesse amadurecer plenamente, sem pedrado, num sítio alto onde só um desejo arrojado e limpo o fosse colher. Embora igual às outras, pela pobreza e pela condição, havia à sua volta um halo de pureza que simbolizava a própria pureza de Galafura. Na pessoa da Maria Lionça convergiam todas as virtudes da povoação. Quem é que merecia a dádiva de uma riqueza assim?

Foi preciso que o Lourenço Ruivo acabasse a militança e voltasse a Galafura com a mão mais apurada para apertar a dela sob a estola. O padre Jaime, o prior de então, abençoou-os como se fossem filhos. E Galafura,

depois do arroz-doce, pôs-se confiada à espera da felicidade futura do casal. Esquecidos das manhas e artimanhas da vida, todos sonhavam para os dois a ventura que não tinham tido. Só o destino, fiel às misérias do mundo, sabia que fora reservado à Maria Lionça um papel mais significativo: ser ali a expressão humana dum sofrimento levado aos confins do possível. Torná-la imune à desgraça seria desenraizá-la do torrão nativo.

O polimento do Ruivo, em que a aldeia pusera tantas esperanças, delira-lhe apenas os calos gerados pelo rabo do enxadão. Não fizera dele o companheiro que a rapariga merecia. Engravatado aos domingos e de costas direitas o resto da semana, ao fim dos nove meses sacramentais, quando o Pedro nasceu, gordo, caladão, rosado, em vez de tirar daquela presença ânimo para se atirar às leiras, acovardou-se de uma boca a mais na casa, empenhou-se e partiu para o Brasil.

A Maria Lionça, essa, ficou. Como todas as mulheres da montanha, que no meio do gosto do amor enviavam com os homens vivos do outro lado do mar, também ela teria de sofrer a mesma separação expiatória, a pagar os juro da passagem anos a fio, numa esperança continuamente renovada e desiludida na loja da Purificação, que distribuía o correio com a inconsciente arbitrariedade dum jogador a repartir as cartas dum baralho.

– O teu homem tem-te escrito, Maria? – perguntava o prior de Páscoa a Páscoa.

– Ele não, senhor. Há quinze anos...

Não acrescentava a mínima queixa à resposta. Fiel ao amor jurado, deixava que todos os encantos lhe mirrassem no corpo, numa resignação digna e discreta. Com o filho sempre agarrado às saias, como um permanente sinal de que já pagara à vida o seu tributo de mulher, mourejava de sol a sol para manter as courelas fofas e gordas. Depositária do pobre património do casal, queria conservá-lo intacto e granjeado. Se o outro parceiro desertara, mais uma razão para se manter firme e corajosa ao leme do pequeno barco.

– Nada, Maria? – O prior já nem se atrevia a alargar a pergunta.

– Nada.

Respondia sem revolta ou renúncia na voz. Objectivava a situação, lealmente. O que sentia por dentro era o segredo da sua serenidade.

Até que um dia o Ruivo deu finalmente notícias. Regressava. E Galafura, solidária com a grandeza humana da Maria Lionça, dispôs-se a esquecer todas as ofensas e a receber festivamente a ovelha desgarrada.

Quem representava esse perdão colectivo e essa saúde da alma da

terra era o Pedro, o filho, que ao lado da mãe, na estação de Gouvinhas, deixava a imaginação correr desenfreada pela linha fora até se perder nos últimos degraus da escada fugidia feita de aço e sulipas.

Infelizmente, o comboio, que surgiu ao longe, avançou e passou junto dele a travar o passo, trazia dentro uma desilusão.

O pai pareceu-lhe uma sombra esbatida da imagem recortada que sonhara.

– Seu moço está mesmo um homem!

A voz rouca e dolente foi apenas a confirmação duma ruína que se lhe estampava no rosto esquelético, cor de palha. O Ruivo que ficara em Galafura, na caução dum retrato em corpo inteiro, era a saúde personificada. E o Ruivo que, escanchado sobre a cavalgada que o conduzia, respirava à sobreposse, só abstractamente se identificava com o original. Talvez para justificar essa desfiguração, culpado diante da mulher, do filho e dos montes eternamente arejados e limpos da Mantelinhã, o renegado confessou tudo. Vinha doente e desenganado. Males ruins... Já lhe custava engolir. E aquela abafação a apertar, a apertar... Mas nada de aflições. Voltava só para morrer.

No hospital da Vila os doutores ainda lhe fizeram um furo no pescoço para o aliviar do garrote. Mais uns contos de réis, mas paciência. Galafura, na pessoa da Maria Lionça, se não podia apertar nos braços generosos um corpo comido dos vícios do mundo, queria que ele respirasse ao menos livremente o seu ar puro.

Um mês depois estava estendido sobre a cama onde noivara, imóvel, muito amarelo, muito seco, já com a alma a dar contas a Deus. E no dia seguinte, pela manhã, a boca do cemitério de Galafura tragava-lhe os ossos descarnados.

Do rescaldo dessa mortalha singular saiu mais viva ainda a figura de Maria Lionça. Nem o chorou fora dos limites do seu amor atraído, nem se carregou dum luto para além da melancólica negrura que lhe apertava o coração. Manteve-se na justa expressão do sentir de Galafura, enojada e apiedada ao mesmo tempo. Digna e discreta, enterrou-o e começou a pagar os juros da operação. A trovoadã não perturbou nem ao de leve o ritmo dos seus passos.

O filho, o Pedro, é que não resistiu ao desencanto. Envergonhado dum pai que lhe passara apenas pelos olhos como um fantasma de podridão, e sem poder abarcar a grandeza daquela mãe que fazia do absurdo o pão da boca, abalou para Lisboa, sem Galafura saber a quê. E nova via-sacra começou na loja do correio.

– Não tens nada, Maria.

Velha, branca, igual, a Lionça voltava pelo mesmo caminho e sentava-se ao lume a fiar, pondo na regularidade do fio a estremada regularidade da sua vida. E Galafura, tanto ao passar para os lameiros como na volta, saudava respeitosamente nela uma permanência que resgatava a traição do marido e a fraqueza do filho. Como à mimosa familiar do adro, ou à fonte incansável do largo, assim a viam, segura e repousante no seu posto, e capaz de todos os heroísmos dum ser humano. O tempo dera-lhes a chave daquela existência, destinada, afinal, mais às provocações do sofrimento do que ao gosto das alegrias. Só ela os podia esclarecer e ajudar no desespero de certas horas e situações.

Movediço como a insensatez da sua idade, o filho fizera-se marinheiro. E Galafura, humosa, enraizada no dorso da serra de São Gonhedeo, olhava esse rebento, mergulhado em água, como um proscrito. Antes o degredo do pai no Brasil, ao menos aroado a um chão que fazia parte da cosmogonia de Galafura. Diluída na imensidão do mar, a imagem do rapaz perdera toda a nitidez. E sumir-se-ia irremediavelmente na consciência da povoação, sem a ajuda da Maria Lionça. Quando inesperadamente chegou um telegrama da capitania de Leixões e ela partiu, é que viram todos como fora capaz, sozinha, de manter indelével a realidade do ausente. Se se metia a caminho, se enfrentava de rosto calmo a primeira viagem distante e o pavor da cidade, lá tinha as suas razões, que eram necessariamente razões de Galafura.

Tal e qual. No dia seguinte a aldeia viu com espanto e comoção que trouxera nos braços de sessenta anos o filho morto. Deram-lho no hospital, a exalar o último suspiro. Meteu-se então no comboio com ele ao colo, já a arrefecer, embrulhado numa manta, a pedir licença a todos, que levava ali uma pessoa muito doente. Arredavam-se logo. E assim conseguiu sentá-lo e sentar-se a seu lado.

Galafura quase que não compreendia como pudera com ele, embora fosse meão e magro. O que é certo é que pudera, e sem lágrimas nos olhos lhe falava ternamente mal o revisor aparecia no compartimento.

– Dói-te, filho? Dói-te muito? Pois dói... Dói...

Encostava-o ao ombro, enrolava-lhe a manta nas pernas hirtas e mostrava os bilhetes.

Em Gouvinhas apeou-se. À porta da estação, o guarda arregalou muito os olhos, mas deixou passar. E daí a pouco, no macho do Preguiças, o Pe-

dro subia a serra para dormir o derradeiro sono em Galafura, que era ao mesmo tempo a terra onde nascera e o regaço eterno de sua mãe.

---

# Edgar Carneiro

(1913-2011)

---

## ELEGIA TRASMONTANA

É triste o granito  
Não afeiçoado  
E as casas morenas  
Com fome e telhado.

São tristes os montes  
Suando caminhos;  
Ou ermos, gelados,  
Sem ramos, sem ninhos.

São tristes os frutos,  
Mirrados no peito;  
O sonho dormindo  
Sozinho no leito.

São tristes os bois  
Com olhos de dor;  
E os homens sorrindo,  
Tristeza maior.

É triste, de negra,  
A louça também:  
Tristeza servida  
Não presta a ninguém.

## AS GIESTAS

Ladeiam as estradas.  
Humílimas, florescem.

Levam-nas em braçadas  
Ou pisam-nas no chão.

Irmãs da Primavera,  
No monte reverdecem.

Um símbolo parecem  
Da nossa condição.



## Os Rios

Os rios vão saindo  
Da terra enegrecida.  
Não as árvores. Ficam  
Entre penedos, firmes;  
Como os homens sentindo  
Passar ao lado a vida.

## MATANÇA

Vem de longe o matador  
Com seu facão debruado.

Moças de cara morena  
Sabem-lhe o golpe medido.

Levam o sangue à fogueira  
Como num rito sagrado.

Na mesa posta ao acaso,

Cada qual por suas mãos  
Come o que mais lhe apetece.

E o vinho de boca em boca,  
Bebido no mesmo vaso,

Tem o sabor duma prece.

## PROVÉRBIO

Em Junho a foice  
No punho suado.

A fome alimenta  
Mais do que o arado.

A galinha morre  
Se o filho nascer.

A chuva, o calor,  
No tempo se quer.

O Sol é de todos,  
A chuva também.

Pão de cada dia  
Seja nosso. Amen!

## CONDIÇÃO

Não há vinho ou pão  
Sem a nossa mão.

Nem relha de arado  
Sem boi atrelado.

Não há rês sem dono,  
Nem noite sem sono.

Nem rico sem muro,  
Nem cinto sem furo.

Não há ter de mais  
Sem os serviços.

Não há voo de ave  
Sem a liberdade.

## VINDIMA

Vindima não é festa. Dói nos ombros,  
Embora seja amor que o dia pede.

Bagos pretos nos olhos, mãos de mosto,  
E sempre o mesmo sol e a mesma sede.

Corre nas veias sangue de outras vinhas  
Que os anos torcem como um tronco a arder.

O tempo não apaga o fogo posto:

Outras bocas se prendem nas grainhas;  
Fica o sumo nos lábios a ferver.

## A PEDRA

Dizemos pedra, é pedra  
Quanto é duro e nos fere.  
Assim o pão da fome,  
A fome que sugere.

Dizemos pedra, é pedra  
Quanto é duro e nos mata.  
Assim o chumbo, a bala,  
O grito seco, a pata.

Dizemos pedra, é pedra,  
Se é pedra, o coração.  
De quem atira a pedra  
É pedra a própria mão.

Dizemos pedra, é pedra  
O que nos pesa mais:  
A pedra que é mais pedra  
Que as pedras naturais.

## AZEITONA

Ainda não caiu  
a azeitona toda  
nas esteiras longas  
no avental erguido  
e já de igual ideia  
os olhos se cruzaram  
no desejo de verem  
luz acesa  
no pavio reteso  
da candeia.





---

## Armando Martins Janeira

(1914-1988)

---

### MISTÉRIO DO MEU POVO

Aqui em Surabaia em Rangun em Taipei  
em Katmandu em Malaca em Saporó em Kabul  
em Luang Prabang em Peschauer em Lahore em Seul  
por toda a Ásia caminhei  
vim procurar meu luso nome  
que lá fez quatro séculos deixara  
Porquê não mais voltei  
e fiquei  
à lareira sentado  
a roer de lonjura a minha fome?  
Voltei agora  
com a mesma sede ardente  
de ver as terras novas  
que fascinaram meus avós outrora  
Cá encontrei pegadas indeléveis  
– memórias do tempo débeis  
que já esquecemos na História  
Vim encontrar histórias e lendas de coragem  
feitos de estarrecer  
romances de amor estranho  
dos gigantes de passagem  
que por mistério tamanho  
tão longe vieram morrer  
– Ó Diogo Cão porque deixaste as tuas serras transmontanas  
e foste abrir as rotas  
do Zaire?  
– Por que finta  
e inexplicável ambição  
Jorge Álvares foste à China e ao Japão  
deixando a alma e o coração

no montanhoso teu Freixo de Espada à Cinta?  
– Fernão de Magalhães  
lá no fundo da tua recatada Sabrosa transmontana  
por que anseio profundo  
ambição qual  
por ti – ó maior dos grandes Capitães –  
o Homem quis abraçar pela primeira vez o Mundo?  
São mistérios de um Povo  
mais profundos que do homem o mistério  
mistério do que é passado e do que é novo  
que a História inventa  
ninguém sabe porquê nem para quê  
É o mundo essencial que sempre se renova e não se altera  
do Destino a face vera  
que no homem se cumpre e se não vê

---

# António José Maldonado

(1924-2007)

---

Sobre os ombros  
a fruta das palavras  
construímos os hábitos  
os arquétipos que nos invadem as casas  
a terrestre gula do passado

De ombro a ombro passamos o sinal  
ferramentas e os castanheiros

Em cada ombro recolhemos solidários  
as portas que ladeiam as espigas  
limpamos de rosto a morte no utensílio

✱

Trabalhas a nuvem  
libertas os campos

Inventas a fome  
desdobras o canto

– Da inocência que plantas  
qual o consumo?

✱

Só temos de nosso  
o decoro da morte  
o vento que se levanta  
do outro lado da rua

✱

Chegada a noite  
um insecto desvia a palavra  
o adorno da candeia

– Amantes que teimam  
porque tudo arde?

✱

Sob a vegetação  
recolho o forro dos dias  
sabido que as tēmporas  
embranquecem quando  
da vida o sisal cortamos

Como é bom na brancura das horas  
encostar ao peito  
o quente respirar da lenha

Velozes invernos  
aproximam  
a última rosa

✱

Invoco aldeias  
o lápis do rio escrevendo vidro  
fiéis rebanhos a caminho

E parto  
entendido de teu rosto  
e das sebes em declínio

✱

Sabemos nos sentidos  
os campos incompletos  
os curtos arados  
e a ruga que lacramos  
sabe-nos a corpo desterrado

---

## Amadeu Ferreira

(1925)

---

### MÁRCIA: O “CÃO PRETO”

**N**a aldeia, trama forte que o Diabo urdisse só a Tia Márcia deslindava.

Nó, por apertado, que o Sujo desse à vida dum desgraçado só a Tia Márcia desfazia.

Ferrolho que o Demo armasse às almas incautas só a Tia Márcia conseguia abrir.

O «Márcia» vinha-lhe do Brasil, onde nascera e se criara até aos catorze. Ao arrepio dos usos, que eram a gente nova emigrar para o Rio de Janeiro e para São Paulo, Márcia imigrara para a aldeia e com ela trouxera um sotaque cantarolado e aberto e uma «arte» que, diziam os entendidos, tinha muito a ver com o candomblé, os orixás, os voduns, os oxossis e os iemanjás e outros «cultos» dos nossos irmãos do outro lado do mar.

Toda a aldeia sabia das «artes» da Tia Márcia para anular enguiços e afastar assombrações, redes que o Diabo tecia quando lhe davam azo e abriam caminho às «malapatas» com que atentava os desprevenidos, que os aldeãos entendiam como «tentações do Demónio».

Que na aldeia o Demónio tinha muitos nomes, mas todos iam dar ao mesmo: às aflições e aos desassossegos dos que lhe sofriam as arremetidas e atraíam as atenções diabólicas. E alguns já o Demo assombrara e aflagira, e eram várias as «manobras» que ele usava: desde «ataques» no termo em noites escuras e coriscosas até às «aparecidas» na curva do cemitério a horas caladas, tudo eram meios e processos de o Sinistro abordar os aldeãos descuidados e menos crentes.

Talvez viesse da variedade de circunstâncias e disfarces a diversidade de onomástica que lhe atribuíam, nomes que a Tia Márcia invocava ao tornear-lhe as armadilhas e os maus intentos.

A Tia Márcia tanto recorria ao «Demo» como ao «Demónio», ao «Sujo», ao «Satanás», ao «Sinistro», ao «Canhoto», ao «Porco», ao «Barzabu», ao «Dianho» e até ao «Cochino», «Marrano», «Tinhoso» e «Ma-

farrico». Não se sabe bem das preferências da Tia Márcia nas invocações; se seria o acaso que as inspirava ou se o nome teria influência no caso concreto que ela tinha a resolver.

A «arte» da Tia Márcia não tinha paralelo na aldeia. Esconjuração sua era remédio e cura para muitos enredos dos corpos e das almas. Só não passava «escritos» como a vidente da Lousa; ela até sabia ler e escrever, mas é que não acreditava naquele «recurso».

As palavras ditas a tempo e horas e com a devida intonação, os gestos cabalísticos ilustrados com penas de três pitas pretas cosidas com nastro de três fios, e três patas de coelho bravo enfiadas num baraço de linho de três fios dobrados completavam o cerimonial e eram a «ferramenta» toda de que a Tia Márcia precisava.

É certo que as tais palavras que acompanhavam o esconjuro vinham num «brasileiro» que soava um tanto estranho aos ouvidos da aldeia, mas a que muitos atribuíam o sucesso da Tia Márcia nos despiques com o «Mafarrico».

Às vezes, o Diabo empenhava-se na urdidura de um mal maior, o que pedia empenho especial dos interessados e da Tia Márcia. Mas os casos notáveis, que ficaram na memória e andam ainda na tradição da aldeia, foram três.

O do «ivadinho», um garoto eivado e relesito, que o Demo trazia mirrado, «sequinho comàs palhas» quando lho levaram, e ficou listo e escorreito com três dias de esconjuras e rezas e se fez depois um homem alentado e cheio de saúde.

O outro caso que deu brado foi o do «cavalo rinchão» que tropeava na Mesquita e nas Ferrarias em noites de tempestade e trovões e que resistiu a «figas», «abrenúncios» e «t'arrenegos» dos muitos passantes naquele caminho obrigatório para Vale de Ladrões e Carviçais, mas que nada pôde contra os apelos da Tia Márcia aos «génios do bem» e aos contrapoderes dos misteriosos «mundos do além» a que recorreu.

Mas a coroa de glória da Tia Márcia, e a razão cimeira da gratidão da aldeia, foi quando da aparição no caminho da Deveza do «cão preto de três cabeças e três pares de olhos» que impediu mais de um mês o acesso nocturno aos Casais dos Lobos, acesso importante para os pastores e os donos dos muitos castanheiros que ponteavam a zona.

O «cão preto» já fora visto por três aldeãos em noites particularmente escuras e de cieiro cortante, número que desceu quando duas das três testemunhas confrontadas com a dificuldade de ver um cão «preto» em

noite também «preta» confessaram que o não tinham visto, mas que lhe ouviram bem os «ladrares» das três bocas ao mesmo tempo. Quanto ao terceiro, não teve dúvidas e manteve a certeza de o ter visto e ao brilho dos três pares de olhos fixos nele e que sorte fora o ter-lhe escapado «sem ofensa nem moléstia».

Ainda se pediu ao Tio Balhé que aprestasse a caçadeira e os zagalotes e saísse ao caminho à «besta-fera» na curva do caminho da Deveza onde se acoitava aquela «alma penada feita cão». Mas o Tio Balhé argumentou que melhor seria pedir ajuda à Tia Márcia, que «cão preto de três cabeças» não era serviço ao alcance da sua pontaria, «porque se acertasse numa sempre ficariam duas», e mesmo que acertasse em duas sempre poderia a terceira vingar-se do «desaforo que haviam feito às parceiras», como ele dizia.

O Tio Balhé lembrou ainda o caso de há anos em que o povo pediu a um seu parente, também caçador, que o livrasse dos lobos que, às ocultas do escoval que então enchia o Trás-das-Eiras, se chegavam aos gados quando saíam e entravam nos palheiros. Só que ao parente, ao meter-se ao escoval, lhe saltou um lobo, «grande com um reixelo», de moita espessa, sem campo de tiro nem tempo de pontaria, e que milagre foi ter tudo ficado só numa grande borrada nas calças do caçador, «que não pde suster as tripas cò susto».

Não que ele, Balhé, tivesse medo, mas «cautela e caldos de galinha nunca fizeram mal a ninguém», e «isto de lobos e cães pretos é tudo aparentado»; só iria se a Tia Márcia o acompanhasse com as suas «artes» e «ferramentas», decidiu o Tio Balhé.

E, assim, numa «noite de lobisomens», que são «noites de lua a meio crescer», se puseram a caminho o Tio Balhé, a Tia Márcia e um voluntário, pastor valente e entendido em lobos e armadilhas.

Só que as rezas, as figas e os esconjuros com as penas de pita preta e as patas de coelho bravo da Tia Márcia surtiram e quando os três passaram a linha do comboio e entraram nos domínios da «besta-fera», este já tinha sumido ou, como dizia o Povo, estava em «pó e terra», como a Tia Márcia tinha pedido nas suas rezas e exorcismos, bem mais fortes e bem urdidos que as tramas do Demo.

Há sempre descrentes e «gente de pouca fé»; alguns duvidaram do «assucedido», rindo-se do que contaram o Tio Balhé e a Tia Márcia, mas tiveram que engolir as troças e as desfeitas quando depois se encontraram os restos do «cão preto» perto do sítio em que os esconjuros foram feitos. Restos que não deixaram dúvidas, que as «cinzas» não en-

ganavam e ainda se viam alguns pêlos e alguns dentes das «três bocas», que aguentaram melhor o «fogo» que consumiu a «besta-fera».

E a confirmar o acerto daquela verdade veio o facto certo e verificado por todos que nunca mais houve novas do «cão preto de três cabeças» nas redondezas dos caminhos que da Fonte da Moira levam à Deveza e aos Casais dos Lobos, fosse em dias de sol a pino, tardes de lusco-fusco, noites de invernía e trevas ou madrugadas de raios e troviscos.



---

## Bento da Cruz

(1925)

---

### O SERÃO E OS LOBOS

Depois de todos terem comido e mais deles repetido, Maria leva o pote do caldo para trás do escano e enche o gamelo ao Dezoito, alão do tamanho dum burro e da cor de ovelha branca em dia de chuva. O qual, dando graças com a retorta cauda, passa a língua a medo, slap, slap, slap, e, logo que a temperatura lho consinta, ataca a fundo, bloc, bloc, bloc, até a barriga ficar num pandeiro. Antes que o odre suspire, a Mãe previne: «Ó Maria, deita esse cão ao pátio.» Maria abre a porta e agarra na vassoura: «Passe fora! Passa daí! Passa prà rua!» Rabo caído e orelha murcha, Dezoito obedece. Mas não se afasta muito: um ou outro latido espalha-medo e o ruje-ruje da coleira de pregos coçada pela pata ficam a denunciá-lo na varanda, à espera do primeiro que entre ou saia. Então, começa o jogo do empurra: Maria expulsa-o e fecha a porta; ele apanha uma nesga e entra; até um deles desistir. Desiste a Maria: o cão fica à lareira; não desiste: vai-se deitar ao combarro.

Entretanto, oferecida a mesa e tomada a bênção aos mais velhos, o serão organiza-se: a Mãe, a Avó e a Tia voltam-se para a lã: agulhetas, fuso, meada; os homens de barba para as cartas e os gandulas mais novos para o jogo do pinhão. Miguel, cujos quatro verdes aninhos ainda não sabem jogar nada, de tudo faz brinquedo. A Mãe vigia-o: «Poisa a faca, Miguel!» O menino vem, a rir e a pisar miudinho na lareira, e deita a cabeça no regaço materno. «Sai daí, fiteiro...» A cabecita loira recua e duas pupilas perdidas de riso provocam o reparo da Mãe: «Ui, que desgraça a nossa... Chega cá o nariz!» O pequeno funga risadinhas mimosas no avental. Apertado, o irmão mais velho salta do escano e corre lá fora. Dezoito aproveita e entra, pezinhos de lã. «Já i tornavas, dentão!», ralha a Mãe. «Tinha saudades do amigo...», comenta o Pai. Entretida a lavar a loiça e a aquecer a água das botijas, Maria não o expulsa e Miguel toma conta dele. O menino bate, rapuça, afaga: o cão lambe, provoca, alegra-se com a língua, os olhos e a cauda. «Poh!», manda a Mãe. «Deixa-os brincar!», pede o Pai.

O irmão mais velho regressa fungando espalhafatoso: «Está uma cardiela!» «Fecha essa porta, rapaz!» «Hoje estoirou algum galego, impassív 'l é...» «Ó Maria, põe cá mais uma racha.»

As chamuscas bailam o estaladinho, Miguel grita e ri, Dezoito lambe e rosna, o fuso gira, gira, giroflé, as agulhetas jogam tereliquetique os pauliteiros, os rapazes encarniçam-se no par ou pernao?, batoteiro, assim não vale!, digo ao pai, as cartas batem de alto, bisca e triunfo, corte e balda, os jogadores põem todo o fogo da competição nos dois pra nós!, aqui!, empatado, pente! miranda! levais uma cresta ...

Perto, socos ferrados martelam degraus de pedra; mais longe, orneios de vaca parida entornam querença ao luar; aqui e além, guizos nervosos acordam os estábulos; de norte a sul, vai um levantamento na canzoada. «Os cães sentem lobo...», diz a Avó, que tem mais experiência do que invernos. Súbito, Dezoito arremete à porta num eriçado arreganho de pêlos e dentes, e Miguel refugia-se no colo da Mãe. «Poh!, diabo! Passa deitar-te. Até o pequeno se afligiui...» O cão leva com um tamanco na garupa e enrola-se debaixo do escano.

Encolhido no regaço maternal, castanho dos olhos colados à porta, Miguel fica a cismar nos lobos. Quando vai às castanhas atrás do canastro e ouve os pastores gritarem a lobo na serra: «Cerque, ti Domingos! Ouh, cão! Cerque, ti Antonho!», foge para casa. E mesmo com gente na eira ou na cortinha, não se aventura para além do palheiro, com medo aos lobos. É verdade que nunca viu nenhum. Mas tem ouvido histórias de arrepiar:

Uma noite, depois da ceia, o Avô, que é pirrónico, mediu um alqueire de pão e foi levá-lo ao moinho. Para lá, tudo correu bem. Mas, à volta, ciscou a fralda: a meio da calhelha do Vale-da-Ponte ouviu pela frente uma esganiçada de quantos cães houvesse no mundo atiçados ao rabo dum javali. Não pensa duas vezes: atira com a farinha e alapa-se no oco dum carvalho eslaroucado no cepo, onde tremeu maleitas enquanto à vista dos olhos contou sete lobos atrás duma loba que andava à cria... Tão enfruídos no vezo da fêmea que nem viram o saco nem cheiraram o velho. Deixa-os passar, ah, pernas!, bateu em casa todo borrado por fora e por dentro das calças, como diz o outro. Serviu-lhe de escaramenta: fica-te, moinho, que eu de noite lá não torno!

Um irmão do Avô, que morreu antes da hora dele e de quem Miguel já se não lembra, tinha uma sócia em Valdagata, lonjura de três léguas bem puxadas, mas que ele calcorreava estradeiro, pelo menos à ida, que na volta...

Uma noite vinha nas Touças do Vale-da-Urso, coisa de meio caminho andado, quando as pernas lhe começaram a ficar para trás. Fez-lhes a vontade: estendeu-se debaixo dum carvalho. Caíra num sono profundo, quando ruído suspeito o puxa de novo à flor da consciência. Espreita pelo rabo do olho e que vê ele? Um lobo a cobri-lo com folhas. Deixa-se estar muito quietinho, morto fingido, a dizer mentalmente o acto de contrição e a encomendar-se à Senhora do Pranto, padroeira de Gostofrio, da qual era mui devoto, nunca lhe tendo faltado com a esmola no dia da festa, e a quem, Virgem Santíssima, naquela santa hora prometia uma vaca e seu bezerrinho, se ela, Senhora dos Aflitos, obrasse o milagre de o salvar da boca do lobo.

«Nossenhora ouviu-me!» rejubilou o triste, vendo a fera, escondido o achado, afastar-se pela encosta. Mas quando o compadre, do alto, se põe a ulear pela mulher e filhotes para o almocinho, o irmão do Avô lembrou-se do aviso dum tolo: fia-te na Virgem e não corras... e correu para o carvalho. Não tão lesto, porém, que o maioral da alcateia, formando salto, o não aferrasse pelo cu das calças. Valeu-lhe ter as mãos bem firmes e o cotim ceder, senão era uma vez um Perrono, como lhe chamavam.

Então os lobos, talvez uma dúzia, talvez menos, talvez mais, nem se atreveu a contá-los, enraivecidos logrados, puseram-se a escavar a árvore com unhas e dentes, na esperança de a arreigar e colher o fruto. «Hum... Estou que será melhor estardes quietos, amigos...», escarneceu o Perrono, bem encavalitado numa gancha, fora do alcance dos saltos-mortais do maioral e companhia. Mas, nunca fiando, atirou-lhes a jaqueta, senão para os assustar, aldemenos para os distrair. E não é que os almas do diabo caem todos sobre o vulto com tal gana, que se enovelaram numa dobadoira de uivos e dentadas? «Olha o que me esperava... », arrepiou-se o empoleirado. Desfeito o casaco, foi-lhes atirado o resto do vestuário, peça por peça, até a madrugada aclarar. Então, gritou, acudiu gente com armas e chuços, e os lobos bateram em retirada.

O ano passado, o Pai foi à feira das Boticas, onde comprou um cor-deiro ribeirinho. Meteu-se nos copos com os amigos e quando se precitou era noite. Logo ao sair da vila, dois lobos a par com ele, um de cada lado. Puxa do revólver, estoira fogo, açula os cães imaginários, grita por supostos companheiros. Pois sim! Os estafermos não arredavam: cauda de rojo, olhos em brasa, dentes rilhados. O richelo metia-se entre as patas do cavalo, este bufava e mordia o freio, o Pai rezou as Doze Palavras Ditas e Retornadas – e seja o que Deus quiser.

A páginas tantas, os amigalhões desapareceram de vista e o Pai alertou o Pigarço: «Prepara-te, companheiro!, que os temos pela frente... » Nem de propósito: logo no Alto do Covo, eles trancados no caminho. «Bem me custa, mas tem de ser...» Soltou o anho e chegou esporas ao cavalo.

E o Descalço? O Descalço era um mastim da cor dos fentos maduros, que é também a dos lobos, filho da cadela Descalça, a qual herdara o nome da mulher que a vendera por duas chouriças. Foi o antecessor do Dezoito e ainda hoje é falado por qualidades e façanhas relembráveis: diziam-no arraçado de lobo, era o sabujo mais valente de Gostofrio e arredores, tinha habilidade para escavar luras nas medas de feno, onde passava invernos quentinho, e, enquanto pastor, nenhuma alcateia conseguiu entrar ao rebanho. Isto bastaria à imortalidade dum cão. Mas há mais: uma noite, o Pai foi acordado por grande esganiçada na eira.

Levantou-se, pegou na arma e foi ver: três ou quatro lobos catrafilados no Descalço, que vendia a vida cara. O Pai deu fogo e os brutamontes fugiram. E o cão? Apareceram vizinhos estreitoitados, foram até à veiga chamando pelo Descalço, mas o Descalço viste-lo?, por um óculo! Uns diziam que fora em perseguição dos lobos; outros que estes o tinham levado.

No primeiro dia, a criada abonou a segunda hipótese, afirmando ter visto ao fundo do nabal a marca onde os mil vezes excomungados lobos tinham poisado o pobrezinho do Descalço para descansarem.

No segundo, o Pai, resolvido a tirar as coisas a limpo, agarrou na espingarda e bateu o termo de lés a lés. Que não percebia onde diabo aqueles estafermos o tinham ido comer: em parte alguma se encontrava sangue, ou pêlo, ou osso do infeliz.

E no terceiro, hora do jantar, toda a gente se benzeu, enquanto porta dentro se arrastava o fantasma do Descalço: queixais tombados para fora, um olho do avesso, buracos no pescoço, lanhos pelo costado, um joanete desfeito.

E deste modo o Descalço ficou sendo um herói da terra: por ter vencido, sozinho, quatro lobos taludos.

Bem: há quem diga que as feras, assustadas com os tiros, o largaram e ele se esgueirou para a lura, debaixo da meda, onde permaneceu três dias e três noites jogado entre a vida e a morte. Miguel, porém, não gosta desta versão. Prefere a outra: o Descalço-mata-lobos.

E a Mota? A Mota era a burra em que a Avó ia à missa e à feira, e assim cognominada por ser uma andarilha de marca. Pois um dia um

lobo apanhou-a no lameiro e atirou-se-lhe a um quadril. Ela fugiu para casa, mas ele, pelo caminho, foi comendo sempre, até deixar o osso à mostra. Só a largou à entrada do povo, quando os homens lhe gritaram e os cães lhe latiram. Por causa disso, a burra morreu e os porcos apanharam lobagueira.

Um dia destes, uma cigana bateu à porta e entoou uma triste lamúria em tom de Pai-Nosso-Ave-Maria: «Oh, dona rica e honrada, tende compaixão desta infeliz madre a quem o lobo roubou o filhinho...» «Que está você para aí a lançoar, mulher de Deus?» Que há três noites, estando o clã à volta do borralho, na serra, viera um lobo por trás, abocanhara um ciganito de três aninhos e levava-o... «Vai-te, inzoneira!», descreu a Mãe. «Seria verdade?» – pasmou Miguel, numa tristeza.

E ficara a pensar no dia em que os Pais lhe compraram em Montagreste os sapatos brancos das festas e ele aprendera a descobrir-se e a fazer o pelo-sinal na Cruz-de-pau, onde os lobos comeram um homem, segundo reza história antiga: uma velha de Gostofrio não queria nem à morte que o filho fosse dormir com a amante a Penas-Covas. O rapaz não fazia caso dos ralhos da mãe e esta rogou-lhe uma praga: «Se lá voltares, meu Deus!, que venham os lobos e te comam!» Depois arrependeu-se e andava muito aflita, pois toda a gente sabe que a praga de mãe é fatal... E uma noite acordou a sonhar que os lobos lhe comiam o filho. Ergueu-se, foi à cama dele e viu um colmo a fingir de vulto dormente. Gritou pelos vizinhos e foram todos a correr e a berrar pelo caminho de Penas-Covas. Mas quanto mais corriam gritando, mais os lobos despedaçavam o rapaz...

Mas a história de lobos que Miguel mais relembra é a triste história bonita que aprendeu quando a Mãe o vestiu de anjinho na Senhora do Pranto. Um menino vivia com a avó, cujo rebanho guardava no monte. Um dia, veio o lobo e levou-lhe um cabrito. À noite, a avó bateu-lhe e o menino fugiu direito a Lamapequena, onde vivia a mãe dele. Mas a avó foi-lhe na peugada: «Anda cá, Manuel!» E o menino cada vez se afastava mais: «Vou para ond'à minha mãe!» A velha aborreceu-se e rogou-lhe uma praga: «Vai, diabo! E que esteja o lobo na Casinha-da-Moira à tua espera e te coma!» O menino continuou, mas ao chegar à Casinha-da-Moira já lá estava o lobo à espera e comeu-o...

Agora, todos quantos vão à ermida da Senhora do Pranto colocam um raminho de urze na sepultura do menino. «Mas o corpo do menino está ali enterrado?», perguntara Miguel. «Não, filho! Ali está só a mão e

o pé direito do menino. Porque os lobos não comem a mão direita nem o pé direito das pessoas baptizadas...»

Está, pois, Miguel aninhado no regaço materno a lembrar mais uma vez a triste história linda do menino da Casinha-da-Moita, à berma do caminho da Senhora do Pranto, quando a porta raspa na soleira e todos os olhos se voltam para ela. No limiar cresce um vulto de costas para a lua.

– Benza Deus tudo.

O cão levanta-se e ladra.

– Ai é você, Mingachos? Venha com Deus.

– Poh! Passa deitar cão!

– Quem baralha?

Os homens retomam as cartas, as mulheres a lã e os garotos a jogatina.

Só o pequeno Miguel, esquecido o menino da Casinha-da-Moira, fica de pupilas coladas no forasteiro: o homem que, todos os anos pelo início das chuvas, vem pregar os socos novos. Mingachos alija a seira da ferramenta e sacode as ombreiras do capote.

– Traz frio? Chegue-se para o lume.

– O que deve trazer é fome.

– Pois, nem uma coisa nem outra.

– Ai há-de vir muito farto. A que horas saiu de casa?

– Ao vir das fazendas.

– Você não tem medo aos lobos, criatura?

– O homem é o rei dos animais...

– Fie-se nessa. Eles que o bispem sozinho de noite numa portela e lhe dirão quem é o rei dos animais.

O soqueiro brande a moca por cima dos ombros.

– E esta?

Depois senta-se e atravessa a moca nos joelhos. Vêem-se-lhe as calças de bombazina e as botas enlameadas.

– Não tira o capote?

– Hoje não larga a moca...

– Que é isto, Mingachos?

– Sangue...

– Matou algum coelho?

– Um lobo.

Os homens riem-se. As mulheres esquecem a tarefa no regaço e os garotos os pinhões na mesa.

Fingindo indiferença, mas gozando o espectáculo, o soqueiro pega

no velho chapéu, introduz dois dedos no vão da fita, pinça três beatas, desfá-las com a polpa de encontro à palma, vaza o tabaco num folhato seco de milho, enrola, humedecendo com saliva, e espeta o cigarro na fenda labial em bico. Miguel é todo olhos nos gestos precisos mas vagarosos do homem.

– Até o Miguel está admirado...

– Se não acreditas, vai à Cruz-do-Reigal. Tens lá a prova.

– E eu que ando a precisar duns ceifões... Posso ir tirar a pele ao bicho?

– Tu que dizes, pecado? Não tens amor à vida?

Ritualmente, o fumador tira do bolso o canivete de cabo de osso, a pederneira, embutida num corno de cabra, e a mecha espanhola.

– Custa-me a engolir...

– Se tivesses o céu tão certo!

Prende a mecha entre os joelhos, aponta a pederneira e petisca lume com a cota da navalha. Acende o cigarro e chupa grande baforada.

– O lobo estava mesmo ali à espera que lhe desse com a moca...

– Andaria desgostoso, coitado.

Miguel é todo ouvidos.

– Mas então conte lá como arranjou!

Mingachos sorri com algum desdém, superiormente.

– Fácil. Estava sentado numa pedra a enrolar um cigarrito. Nisto, ouço grande restolhada, para as bandas de Porto-Escuro. A roupa a fugir-me do corpo, as farriças alvoriçadas... Mau!

Miguel nem pestaneja! Mingachos abre pausa ao interesse.

– Aquilo, catrapuz, catrapuz!, na minha direcção, cada vez mais perto. Alapo-me entre as giestas. O bicho galga a parede e estaca, na encruzilhada, a beber os ventos. Já me sentiste... Vais dar sinal à quadrilha...

– Se fosse alcateia, uleava.

– Não lhe dei tempo. Antes que me aventasse, fui-me quadrando, zás!, desci-lhe a moca entre os olhos, terra! Lá ficou estendido.

Agora sim! Mais ou menos, todos acreditam. Os homens esquecem as cartas, as mulheres a lâ e os rapazes o que-é-qui? Fazem roda e metralham o herói com perguntas sobre a hora, o lugar, o tamanho do susto, a corpulência, o peso da cacheirada.

De perguntas e respostas, Miguel não perde vírgula.

Bem informados de como foi e como não foi, passam ao segundo quesito: destino a dar ao morto. Aqui se levanta grande celeuma: uns

são de parecer que se vá imediatamente por ele; outros acham melhor deixar isso para de manhã. Parte aconselha a despir-lhe a samarra segundo as boas regras do esfoladouro e enterrar lá o nu; a maioria que é tolice, que se deve aproveitar a maré para fazer um peditório pelo povo com a alimária pendente dum lareiro ao ombro de dois homens ou atravessada no lombo dum burro. Ouvindo isto, as mulheres gritam que não querem o lobo perto das casas, Deus as livrasse de tamanha desgraça, que podiam morrer os porcos com a lobagueira. Por falar em lobagueira, a Avó requer a gola do lobo para passar por ela a água dos leitões no caso de eles apanharem a doença. Entusiasmado, Miguel bate palmas: «Eu também vou!, eu também quero ir!, diga que me dêem o rabo do lobo, Mãezinha!» Súbito alarmado, o cão desenrola-se em disparo e arremete com a porta num fero arreganho de autoridade. «Poh!, diabo! Abri a porta a esse farrancas, que vá rosnar lá para bem longe.» Passagem franca, o bravo mastim atira-se escadas abaixo num arranque de valentia, engasgado de cólera... mas, de limpa-queixos, o grosso ão-ã-ão vira triste im-i-im de cachorro sovado.

O Pai dá um pulo à espingarda. Mingachos à moca. Todos se precipitam para fora.

– Oh! excomungados!

Tau! Tau!

Grr! rr! ân! im-i-im, iai , an grrr!

– Larga!, estupor...

– Lá vai...

– Cerca! Cerca!

– Eh! cão! Qui!, qui!, eh! cão!

– Ouoi! Eh, ei!

Acorrem vizinhos assarapantados: «Eh, gente?, que foi?, que há?» A sineta repica, homens berram a lobo, estalam tiros de pistola. Miguel treme e a Mãe esconde-o no seio: «Não tenhas medo! Os lobos foram-se embora...» O Pai regressa a bater o dente, carpins pelo chão e pede uns socos.

– Lá foi...

A Tia começa a chorar alto pelo: «Oh!, Dezoito, Dezoito! Oh!, meu pochinho! Oh!, minha companhia de toda a hora... Tantos raios os partam...»

– Eram três! Filhos da...! Um de cada lado e o cãozinho suspenso ao meio.

– E o outro sentado de cu, mesmo a fazer mangação...



- Já nem em casa estamos seguros, rapazes!
  - Em que instantes o palmaram!...
  - Pois olhai que não era ele tão pequeno...
  - Ai pesava bem à vontade uns cinquenta quilos!
  - Ou mais!
  - Ainda se quis endireitar com eles, mas ardulharam nele como num vincelho.
  - Olha lobos! Estais a ler com os gaijos...
  - Tira esse menino do ar da noite, rapariga!
- Miguel adormece de susto ao colo da Mãe, embalado pelos soluços da Tia e pelo zunzum da conversa dos homens, lá fora.



---

## A. Passos Coelho

(1926)

---

### BRASIL

Começa esta história precisamente na altura em que muitas outras acabam – no casamento. No casamento da Bioleta com o Afonso, acto que, apesar dos anos, ainda hoje a gente de Fontelas não aceita como passo natural de rapaz e rapariga solicitados pelo fascínio do cio para debaixo das mesmas telhas.

Que teria havido?

Que teria havido entre a Bioleta, ricamente herdada por banda do pai, e o Afonso, um aldeagante qualquer, que, além do casebre onde se recolhia com os irmãos, apenas tinha boas falas, e era quando se encontrava de maré?

Grande mistério rodeava semelhante união: ela, Bioleta, fartara-se de apregoar que ele, Afonso, não era rapaz que lhe servisse, não era homem pra forma dela; por outro lado, respondia-lhe ele à boca cheia, que também ela lhe não convinha por não ser da sua laia, que mais assim e mais assado. E neste não te quero eu, não me convéns tu, quando tal arreventaram os banhos do altar abaixo, no meio da missa de domingo!

Que teria havido?

Impossível sabê-lo. No entanto, observadora e oportuna, Fontelas concluiu sarcasticamente que a Bioleta verificara afinal ser ele rapaz pra forma dela.

Fosse como fosse, o rodar dos meses diria a última palavra. Tornasse todo o mundo bem sentido no tempo, a contar do casório.

E que casório!

Em vez de se acomodar aos teres e haveres da mulher, que iam da salgadeira cheia ao pão e vinho para todo o ano, o Afonso, inda quentes os lençóis da primeira noite de casados – um modo de dizer... –, tratou logo dos papéis para embarcar rumo ao Brasil.

O mistério continuava.

Então agora, com broa para todo o ano, vinho para todo o ano, reco

na salgadeira que passava dum ano a outro ano, e por riba de tudo feito patrão – agora é que lhe dava para embarcar com destino ao Brasil?!

Não era o Afonso tão burro como isso. Ia mesmo desprezar aquele desaforo, aquele conforto, para se meter numa aventura com desfecho escondido na mão apertada de Deus... Esperassem lá, que já ia! E depois não era só o bem-estar e a riqueza: era também a Bioleta, que sempre havia de lhe fazer vento contrário à intenção dele. Uma cachopa escarolada e maneirinha de corpo como ela, e no viço dos anos e do sangue, faz muito vento às intenções dum homem. Catrino, se faz! Donde se apura que não embarcava por querer. Não era tão burro como isso. Não, não era. Ali andava coisa...

Quem dispunha portas adentro, em perfeito acordo com as leis de Deus e do mundo, duma rapariga como a Bioleta, que até fazia com que um homem, nas segas, deixasse ir a seitoira aos dedos, à mão, ao braço, por se lhe prender a vista ao corpo dela – quem desfrutava mulher assim alguma vez tinha coragem de deixá-la numa altura em que inda havia ossos da boda para desbulhar?!

Sem o Afonso junto dela, a Bioleta cedo se encontrou na situação angustiante que sobrevém a todas as mulheres que viram o seu homem largar para o Brasil.

Qual é o estado duma mulher que tem o homem no Brasil:

– Casada?

– Viúva?

Nunca se sabe. Frequentemente, nem é casada nem é viúva. Como também não é solteira nem divorciada – em Fontelas não há mulheres divorciadas –, difícil se torna descobrir-lhe o rol a que pertence. «É uma mulher com o homem no Brasil» está tudo dito.

Sim, «uma mulher com o homem no Brasil». Aqui depara-se à má-língua campo propício para sôfregas espolinhadelas que levantam sempre muita poeira e deixam no terreno a marca nojenta do venenoso animal. Porque «uma mulher com o homem no Brasil» tem forçosamente de usar saia pelo talão, blusa cingida ao pescoço e aos punhos e lenço bem atado debaixo dos queixos. Tratando-se de mulher nova, ajuntem-se-lhe as roupas escuras e cotiadas e o desmazelo intencional, notório, do corpo todo, mormente de rosto – que não é nenhum botão de roseira que esmoreça à minga de água.

Respeitava tais preceitos a Bioleta? Isso respeitava ela. Se gerigota era, gerigota ficou. Se maneirinha era, maneirinha ficou. Até parecia

sentir gosto em ter o homem longe dela, lá no cabo do mundo. De facto, era caso para se perguntar:

– Que teria havido?!

Talvez nem o padre fosse sabedor. Com um procedimento daqueles, parte a parte, não custava crer que falseassem a confissão. Se alguém vira nunca tamanho desconchavo: a dizerem mal um do outro, casaram-se; sem dizerem mal um do outro, separaram-se.

Grande mistério ali andava. Tivesse a Bioleta qualquer coisa que se lhe dissesse do tempo de solteira e haveriam de ver que não faltava quem botasse segundo sentido ao embarque do Afonso.

Mas Fontelas não desistia de saber qualquer coisa:

«Caramba, nem pareces casada, mulher! O que tu quiseste foi tomar-lhe o gosto e pronto!»

«Fazes tu bem, rir e cantar! As más-línguas tanto falavam assim como assado... De resto a culpa é toda dele, do Afonso. Que precisão tinha de ir para onde foi?! Não se casasse, então. Se te puseram fama, a culpa é toda dele. Toda dele! Um homem que larga a sua mulher debicada de fresco tem sempre a culpa! Ao menos que te emprenhasse. Um filho, além de freio, também é companhia. Mas pelos vistos o alma do diabo sonhava mais co Brasil do que contigo...! Fazes tu bem, comer e beber pa diante, e rir e cantar!»

«Sabes o que dizem por aí? Que o teu Afonso casou contigo só por mor da passagem prò Brasil. Se foi isso, o que ele merecia era uma que lhe pregasse na testa um par de cornos retrocidos como os do meu carneiro preto!»

«Sempre foi verdade que o Afonso te pôs na carta um abraço de... ? *Grande pórcó!* Se era coisa que se pusesse na carta...! Pra mais sabendo que tens de meter quem ta leia.»

Comentários e ditos foram aumentando progressivamente de importância com o virar dos anos.

Ultrapassaram Fontelas.

Chegaram ao Brasil.

«Uma mulher com o homem no Brasil» nunca sabe a que rol pertence: se ao das casadas, das viúvas ou das abandonadas.

A Bioleta supunha-se uma mulher abandonada. Ao fim de longos meses – ou anos? – sem receber uma linha escrita ou um real, acabou por considerar-se uma mulher abandonada. Mas de um dia para outro eis que o Afonso volta para junto dela. E volta firmemente disposto a reparar o seu erro:

«Tens razão. Nunca devia ter partido. Nunca! A cegueira do Brasil não me deixou ver. Andava cego! Perdoa-me, Bioleta! Dizem mal de ti, eu sei. A culpa é toda minha. Toda minha. Mas nós vamos deixar para sempre esta terra de má-língua. Vamos para o Brasil. Vamos ambos, Bioleta! Não te quero neste povo maldito! Não quero! Foi por isso que vim. Fontelas há-de saber que não casei contigo por causa da passagem. Estou aqui para te tirar desta má-língua danada. Vamos para o Brasil! Para nunca mais! Hás-de ver o que é o Brasil...!»

Com o despacho que um homem ganha na dupla travessia do mar, o Afonso logo arranhou as coisas todas para novo embarque, agora com a sua falada Bioleta.

Vendidos os terrenos que ela herdara do pai, pois não tencionava voltar a Fontelas, lá foram de comboio ao encontro do vapor.

«Era lindo, o Porto? Havia de ver então o Brasil...»

Depois de lauto almoço em pensão de alta-roda, o Afonso levou a mulher a um botequim, onde ambos escorropicharam sua chícara de café.

«Eram lindos, os botequins? Ela havia de ver então os do Brasil...!»

– Agora espera aqui, enquanto vou no cônsul, por causa dos papéis. Mas não arredes pé, que te podes sumir. Eu cá venho ter, para irmos tratar das tuas roupas.

Afastou-se. Com os olhos nele, a Bioleta, feliz até mais não, sentiu-se vaidosa do seu homem aperaltado como os da cidade, entre os quais mal se diferenciava.

Porém, algumas horas depois, quando o vapor do Brasil já lá ia oceano fora, levando o Afonso a bordo, ela, apenas com a roupinha que trazia no corpo – porque a restante, imprópria para usar no Brasil, fora vendida no povo, ao desbarato –, ela, Bioleta, era a mulher mais desgraçada do mundo.

– Por causa desse maldito Brasil.

---

# António Borges Coelho

(1928)

---

## MONTANHA

Meu verso anima  
a saudade da luz subindo os teus cabeços  
o colar branco mirrando lá em cima  
e os corpos na sombra mais espessos.

Fragas  
dores que a terra consomem  
lágrimas coalhadas desta guerra  
do homem contra o homem.

Em dias cinzentos  
podeis ver nas altas ossadas  
servos senhores em combates sangrentos  
guerrilheiros preparando emboscadas.

E quando a dor é tamanha  
que as nuvens pousam sobre as cumeadas  
as águas largam da montanha  
grossas apressadas  
semeando a morte e o inferno  
no seu choro de inverno.

São dias e dias de pranto  
de raiva e de breu  
mas quando o sol levanta  
subir a montanha é subir ao céu.  
O olhar cansado de barreiras e treva  
busca a amplidão:  
– Mais luz mais campo! – E o corpo anão  
arrasta e eleva.

Apetece beijar o chão a terra pura  
rolar pelas estevas  
provocar os pinheiros:  
– Quem tem mais altura  
ó girassóis de treva  
e por fim alcançai os elevados cumes  
ver os montes sentados  
em redondos volumes  
o sol bebendo todos consolados.

Montanha  
a tua sombra nunca me abandona  
e enquanto o sol não medra  
nem a alegria impere como dona  
beijo daqui a tua mão de pedra.



## VARANDA

### 1

Quando quero hoje ainda  
vou à varanda  
olho de manhã os montes  
a erguerem a cabeça  
de verde lã  
os pássaros nos fios telefónicos  
a lavarem-se duma banda  
e doutra banda  
subindo da verdura a neblina  
numa respiração de menina  
e o sol o meu vizinho que se erguia cedo  
vai com a enxada ao ombro pra o degredo.

### 2

Mãe nós morávamos na Estrada  
que ficava ao pé da Laranjeira.  
Do outro lado era a quinta do Teixeira  
com arame farpado sobre o muro.  
Bola que lá caísse nem em poço escuro.  
Mas havia sempre rapazes  
vestidos de farrapos  
que vencendo as pedradas os gritos  
o medo a zunir como um enxame  
pulavam o arame  
voltando em triunfo com a bola  
presa na camisola.

Por mais barreiras ou reais ou de reclame  
sempre há-de haver meninos que pulam o arame.

Nas tardes de verão  
ficava como as coisas a boiar na luz  
dum amarelo grosso.  
O tempo era a sombra das casas  
a correr na Estrada.  
E quando a noite abria as asas  
subia de tudo um imenso apelo  
pedindo o sol  
esse extraordinário rebuçado amarelo.

Faço um moinho de junco  
e corrida de paus.  
Mato os tira-olhos  
que são maus.

No fim pego no sacho  
rego para diante  
rego para trás  
com água vivinha  
o milho endireita a bainha  
e o feijão muito lambão  
sacode as folhas até ao chão.

Agora o ribeiro  
afundou num pego

uma nuvem grande  
o céu torna cego.

Depois a lembrança  
abana o trovão:

– Cachão!  
Cachão!  
Cachão!

## CERDEIRA

Havia uma cerdeira  
na estrada que passava à nossa beira.  
As cerejas não amaduravam  
que os rapazes não deixavam.

Alta cheia de roda  
a saia toda na moda,  
quando pinta as cerejas vermelhas  
que ricos brincos para as orelhas.

Em grandes abadas  
rolam nos cestos  
pretas encarnadas.  
Das carnudas polpas  
quantos beijos nas bocas!

## AO FUNDO A SERRA DE SANTA COMBA

A velocidade das nuvens a passar  
lá ao cimo ao fim da tarde:  
os pinheiros num instante: podem atacar  
o fogo do céu baixa e pelos montes arde.

Pudesse crescer como cerdeira nova  
coberta de frutos que qualquer apanha  
ficar deitado assim como a montanha  
reclinar também uma corcova.

Ficar como o tempo como um deus  
gravado no granito  
e ao cair da tarde dissessem adeus  
ao rosto-fraga contra o céu escrito.

## REGRESSO

Volto de cabeça mais nua mais aberta  
o osso branco na pele descoberta.

Que rocha me deste  
não há cabelo que medre.

Montanha sustém o vento  
que salta as urzes as giestas  
e me vem lambe as mãos  
cão de Ulisses a fazer-me festas.

Como maçã bichada  
toda furada de recordações  
a cabeça alta está parada.

Vou pendurá-la  
no prego alto da sala.



## A LENDA DA FRAGA AMARELA

**A** Fraga Amarela é uma disforme protuberância granítica postada a cerca de uma légua da Vila, para as bandas do poente, em terras bravias onde só medram urzes e carquejas.

Lugar ermo, sem a pausa verde de uma courela. Cenário de vértices de granito e xisto. Paisagem máscula, apenas percorrida por caçador furtivo ou pegureiro solitário; sobrevoada, a espaços, por aves de rapina ávidas do cadáver insepulto de uma rês.

De noite, nem vivalma nas proximidades. Viandante que demandasse o burgo em busca de médico ou veterinário passava de longe, embora o desvio lhe prolongasse a jornada.

Mesmo durante o dia, ninguém se acercava do rochedo, como se um círculo de fogo tivesse erguido limites proibidos em torno dele. Um solene temor pairava naquele espaço de enfeitiçamento. Do seu corpo mordido pelo tempo libertava-se um misto de maldição e ventura.

O imaginar das gentes simples fora engrandecendo uma lenda que emprestava ao penedo um dualismo de vida ou de morte: o espírito do Bem escondera nele um incalculável tesouro, enquanto o génio do Mal ali deixara um mortífero veneno. Ninguém suspeitava, porém, a que face da pedra correspondia a riqueza desejada por tantos.

A lenda era mais antiga do que a Fonte e o Arco dionisiaco da Vila. Provavelmente fora ideada por imaginativo sarraceno, em hora de saudade das paisagens morenas do Sul. Novos e velhos acalentaram-na depois, através das idades, incapazes de um gesto de intrepidez que quebrasse o encantamento.

As crianças ouviram-na à lareira, nas noites de Inverno, e nunca mais esqueceram a alternativa proposta: a fortuna ou a morte. E os adolescentes, querendo ostentar afoiteza, mascaravam a sua pusilanimidade com um encolher de ombros e algumas balbuciações a sugerir descrença e desinteresse pelo mágico oferecimento.

Recordavam-se certas mortes ali ocorridas. A do Chico pedreiro,

que uma madrugada abalara com alavanca, malho e guilhos, disposto a violar o segredo, sem que voltasse a haver notícias dele. A do Manuel lenhador, que, dizia-se, apenas sentira nas mãos as arestas da fraga, logo ficara pulverizado na agrestia da paisagem. A da Vicência, ocorrida quando contemplava mudamente o sortilégio de pedra, numa raiva surda de inventar estrelas na fundura de um negrume que se lhe colara à alma.

Mercê de todas estas ocorrências, o penhasco tornara-se o espelho dos bons e maus sentimentos das gentes do lugar. Espécie de esfinge. Trágica divindade numa aspereza onde ninguém se aventurava a dar passada. Entrar inteiro ali equivalia ao voluntário fretamento da barca do percurso sem retorno, desconhecendo-se o rosto e os desígnios do barqueiro. E o que todos temiam, sobremaneira, era precisamente o peso das suas culpas projectadas no mutismo do colosso de granito.

Quantos sonhos ganharam forma para além dos olhos, numa contemplação fugidia, ante a hirteza da pedra! É que o invisível caudal do êxito podia vir a ser um bálsamo sobre as chagas dos seus malogros. O raiar de um astro no horizonte de uma interminável sucessão de quedas. O termo da humilhação de jamais passarem do último degrau, do tributo pago ao destino pelas suas vidas rastejantes.

Quantos remorsos vieram à tona de charcos interiores, espicaçados pelo perfil anguloso da rocha! Ao contemplarem-na, de longe, as almas voltavam-se do avesso. Quase se materializavam. E azedumes antigos subiam às gargantas, logo regressando aos pegos do rancor, mal se apagava na distância a implacável potestade.

Um dia, numa tarde de Agosto emoldurada por uma claridade faiscante de eiras, Altino chegou à Vila. Ninguém sabia quem era nem donde vinha. Como bilhete de identidade, o seu próprio corpo – dezoito anos afeiçoados pelos vaivéns de outras paragens. Um ritmo de gazela no andar. Olhos e mãos de violador de encantos.

O jovem foi ficando, não obstante dizer-se que levantaria âncora na primeira oportunidade. Comia hoje aqui, amanhã além, a troco de serviços casuais. Argumentava que também as aves não empenhavam a vagabundagem dos seus corpos à fatalidade incômoda da subsistência.

Espírito tranquilo, sem conflitos, Altino nunca se plasmou à paisagem humana da Vila. Havia nele algo do nomadismo dos ventos. Gostava de dormir ao ar livre, tendo por tecto o céu, pois sentia-se opresso na estreitura de um quarto. Mas, ainda que alheio às quezílias das



gentes do seu fortuito ancoradouro, também a lenda da Fraga Amarela repassou de inquietude a sua propensão para o assombro.

Numa manhã de Setembro, Altino demandou a região interdita. Levava nos olhos a cristalinidade das nascentes. E o ritmo do seu corpo não passava de um acorde do canto obscuro da própria terra.

Chegado às cercanias do rochedo, sentiu-se dominado por um temor desconhecido. Um silêncio cavo abatia-se sobre as coisas, insulando-as, revestindo-as de maior alheamento. Grossas nuvens: franjadas de chumbo, pairavam no alto.

Depois, imprevisivelmente, o vento ergueu-se e engolfou-se nas galerias de pedra, vociferando, partindo algemas que sempre o acorrentaram, cujos estilhaços fendiam os ares. Liberto, zunia nos gumes e nos buracos, sublevando para além do círculo embruxado, a paz dos campos conformados com a mesquinhez do seu destino. E em breve os trovões, os relâmpagos e a chuva se associaram à insolência dos ventos.

Encharcado até aos ossos, tiritando, Altino procurou um refúgio. A Fraga Amarela estava a dois passos, inamovível, indiferente à rebelião dos elementos, oferecendo-se à sua urgência de abrigo.

Hesitou por instantes, manietado pelas palavras que ouvira e lhe ziguezagueavam no sangue, dilatando-lhe as veias. Mas num rasgo de audácia, impelido por uma força que ele mesmo desconhecia, correu resolutamente para a enorme caverna que se abria na base da rocha.

Ao contrário do que esperava, nada aconteceu. Tudo permanecia como dantes. Nem experimentou o travo do veneno nem o deslumbramento do ouro. E à medida que se foi acostumando à obscuridade da gruta, verificou que não estava só.

Pombas e milhafres, lobos e cordeiros, coelhos e cães dispunham-se pelos cantos, semiadormecidos, e punham os olhos mansos na abertura do covil, como no primeiro alvorecer da terra, muito antes do gesto de sangue que cavou abismos entre os corações das feras e dos homens.

E de súbito as nuvens fenderam-se no espaço, e um raio de sol veio dourar as profundezas da caverna.



---

# Eduarda Chiote

(1930)

---

## PEDRAS

Da mesma raça, satânica, poderosa  
família, os nossos  
olhos: diria seres com a beleza e a crueldade das pedras  
e das cobras: a impotência e a sorte  
de se voltarem  
para a arte com uma lucidez  
desesperada.  
Seres inquietos e divididos; conturbados, e por isso mesmo capazes  
de sobreviver à mais venenosa  
orfandade; uma vez o nosso parentesco foi sempre  
mais que anunciado.  
Que ele te não afaste da «inefável falta que sobe dos filhos  
aos pais», pois, e em verdade, em verdade, somos  
cobras: idênticos,  
iguais.  
Em silêncio, no bater do coração, ousa implorar-te:  
Escuta, uma cobra é uma cobra uma cobra  
uma cobra  
e deve ser esmagada antes que o veneno  
nos incuta.  
«Não me mordas», pedes.  
Vem, de onde, esse temor? Do não queres tomar conta  
do menino que fugiu da «tormenta  
nocturna que se fazia negrume diante dos seus  
olhos?»  
Sossega. Não tos fecharei. Não te morrerei.  
Não te morderei.  
Se for capaz.  
De amar-te. Como o fazes e na rebeldia

dos mais sinceros e transparentes  
sinais.

Cobras. Somos cobras.  
Somos olhos: Poetas. Nada  
mais.

## TREVAS

Com milhares e milhares de pessoas  
a morrerem de fome e de sofrimento  
qual o sentido de escrever, de prolongar o mal da vida,  
se nesta, como na literatura,  
se concentra  
tudo?

Por vezes, até uma onde de confiança  
e de optimismo,  
que, sem nos assastar, devolve a esperança  
à eternidade.

Certamente não o de acreditarmos no espírito,  
embora amor a ele sempre  
pedinte.

Mas, então, qual o sentido,  
Baudelaire, de uma flor, de uma pedra,  
um Poema,  
um crime?

Falas de terríveis guerras e disputas  
entre miséria e tiros e dizer não temer nunca  
o perigo.

Não o temer é ser livre; mas terão, acaso, os vermes  
medo do cadáver e o fogo  
das chamas,  
vento que nos ateia sudários  
e ciprestes, lugares bruxos,  
valas comuns  
de versos,  
se nele «és e não és?».

Mas eu te entendo: «Morrer não é morrer,»  
pois não, José?

## O MUNDO

Um velho é um velho um velho  
e um doido um doido um doido um doido,  
um doido varrido,  
meu amor,  
meu querido,  
não tenhas medo do medo: nem do sangue  
da fome: a fome é apenas  
a fome.  
E a fome é ter fome da tua fome: fome de terra  
desprovida de qualquer valor agrícola  
tal como de utilidade  
a beleza e a exuberância vegetal,  
Zola, Balzac, Nerval,  
desta Poesia que suponho prosaica  
e reflexiva,  
Poesia que na fome do furor  
do mundo  
não adormece  
tal como o ópio nas papoilas  
ou o choro da criança que não mais se defende  
do leite azedo.  
Pois não é esta a fome  
em que os pais trocam, para comer, de filhos?  
E onde não há, de facto,  
Poesia,  
alternativa: ou se come sem parar  
até de morrer de fome  
ou morre de inanição; sendo, pela fome, por sua vez,  
comido.  
E eis a força banal da narrativa  
em que o velho ao menino  
regride  
numa rosa se que se desfolha no botão  
  
que volveu rosa e foi rosa se rindo  
do recato e decoro  
deste desatino.

---

## António Cabral

(1931-2007)

---

### A QUINTA DO SENHOR SMITH

O trisavô do senhor Smith esteve no alto do Buçaco  
e era menino bonito do Duque de Wellington.  
Claro!: deu a volta a Portugal  
e, como herdara do pai o fino tacto  
dos honrados comerciantes de Liverpool,  
comprou uma quinta no Alto Douro por uma bagatela.

Bons tempos esses em que a delicada goela inglesa  
trocava o *smoking*, a cartola e a bengalinha de prata  
por um bom copo do aromático *port wine*.  
Bons tempos! – diz o amante de curiosidades durienses.  
O Marquês não seria lá muito honesto,  
mas, ao menos, pôs os ingleses a beber.

Hoje, o senhor Smith é o dono da grande quinta:  
setenta pipas de vinho de primeira,  
além dum extenso olival, dois pomares,  
um palacete, a habitação dos caseiros, os caseiros,  
trabalhadores eventuais e outras árvores de fruto.

O senhor Smith vem ali, de cinco em cinco anos,  
segundo o velho hábito dos Smiths.  
Assiste da janela a uma cargação,  
Dizendo «good!, good!», enquanto bebe a delícia  
por copo alto (os cálices são para os portugueses)  
ou então vai-se até a um pomar,  
enfiado numas botas amarelas  
e ruminando dourados pensamentos.

Quando se despede, o senhor Smith não tem boa cara:  
A quinta hoje não dar resultado.  
Enfim, *my friend*, ser preciso vender a quinta.



## VISTA PARCIAL DUMA ALDEIA DURIENSE

Há nesta aldeia oitocentas almas,  
mas vinte, pelo menos, têm o corpo  
lá longe, em terras de África. É a guerra.  
As cartas vão chegando como sopros.

Chegam as cartas e algumas notas de banco.  
O sô Manso já comprou um fogão a gás.  
Enquanto o filho arrisca a pele, ele  
vive um pouco melhor. Coisas da paz.

De lá perguntam como vai a cava,  
se as raparigas têm paciência, claro!  
se o vinho é bom, se os filhos obedecem.

Aqui, o dia vem depois da noite,  
mastigam-se as ideias com o caldo  
e, às vezes, as mulheres empalidecem.

## PINHÃO, 8, 20

Em Junho a fruta começa a apetecer.  
Um homem passeia no cais e debulha  
uma nêspira com ar de quem faz horas.  
8, 20 – diz o relógio. Espera-se.  
O comboio, um monstro de cem bocas,  
pardo e caduco, fumega lentamente  
como um charuto abandonado.  
Manhã de vidro, vê-se a montanha,  
tem de se ver; e sabe bem  
pôr os olhos lá no alto e deixá-los  
escorregar pela vinha, deixá-los  
de penhasco em penhasco, até à ponte  
de coxas graníticas e feias.  
O homem da nêspira está junto  
duma gaiola de pombos correios.  
– Não bula – diz um carregador  
com ar de presidente da República.  
Caixas, molhos de alface, um cabaz  
de cerejas, sacos e mais sacos  
e um bando de pardais numa roseira.  
Continua a esperar-se. Pouca gente.  
Os homens de fato-macaco olham-nos  
como a encomendas sem valor.  
O que importa – está-se mesmo a ver –  
são as caixas e os sacos. Caixas e sacos.  
O homem da nêspira tem bigodinho grisalho.  
Lá anda ele. Pôs um cigarro na boca  
e os olhos num rapaz que toca gaita de beijos,  
cara ao alto como se olhasse um avião.  
O rapaz tem certas semelhanças com o Marceneiro  
e uma flor vermelha no casaco desbotado.  
Que fresca melodia correndo  
aos saltinhos pelo pavimento  
de cimento e enrolando-se toda verde  
num ramo de laranjeira e crescendo  
crescendo como um fruto dourado!  
Partiiiiiiida – grita uma voz de lâmina.  
Partiida. Volto-me. Lá se foi o homem da nêspira.

## CARTA A JOÃO CABRAL

Li num teu livro (e senti-o)  
que o Capibaribe é cão.  
Pois o Douro é um rio gato  
e o seu arranhar é tão

preciso que rói, corrói  
sucessivo, o que já estava.  
Ah se ele roesse apenas,  
dentro da que é sua casa!...

O pior é quando as unhas  
brotam ao longo do dorso:  
arranha fora do alcance  
e ei-lo todo em nosso corpo.

Falta a água, o sol abafa;  
estamos em pleno inferno  
de suor que, pouco a pouco,  
esvazia o pensamento.

Vem aqui, João Cabral;  
traz tua faca só lâmina.  
Sem cabo, mas punho humano;  
e que ela bem comandada.

Não tragas verbos de seda,  
avi-gaviões de círculos.  
tuas rosas de engenheiro:  
esse é outro paraíso.

Tua faca, sim, a lâmina  
que talhou o Severino  
e que pode um (não o) rosto  
verdadeiro deste rio.

Então, Cabral, tu verás  
como estas unhas rochosas,

demonstrativas, laceram,  
felinas, aquelas rosas

diamantinas que de cima,  
do avião, apareciam,  
e que o suor e que a raiva  
quantas vezes exterminam.

## A RÉGUA

A Régua  
assemelha-se  
a um pensamento  
com  
suces-  
sivas ideias  
prestes a entrarem  
nos lábios  
do rio.



## AMORES DESAFORTUNADOS

**M**oera-lhe o juízo a criada das Estanqueiras. Que os rendeiros se queixavam, e com razão. Que qualquer dia a nora caía à ribeira. Que duas horas bastavam para fazer o serviço. Que se não lhe interessava o biscato que o dissesse. Que mais isto. Que mais aquilo.

Afinal de contas, não havia motivo para tamanhas inquietações. Apenas umas pedras folgadas no paredão da nora. Mas, fosse como fosse, cumprira já a sua obrigação.

Sentado no poulo, de costas apoiadas ao tronco de um salgueiro, assim divagava o Aniceto, enquanto, deleitadamente, saboreava as talhadas de melancia que refrescara no tabuleiro da nora. E à embriaguez do paladar saciado seguiu-se o enlevo do espírito, provocado pela doçura do agonizar do dia. Doçura feita dos gorjeios da passarada; da claridade branda do crepúsculo; do aroma das olgas prenhes de renovo; do *tã-tã-tã* cadenciado das noras; do frescor que a brisa derramava sobre a paisagem morna.

E só quebrou o êxtase, quando um subtil cantarolar de rapariga, vindo da margem onde ele estava, o despertou. A voz foi-se tornando mais nítida, mais próxima. Sem se levantar do chão, espreitou por entre a ramagem farta do salgueiro. Era a Esmeralda ou o diabo por ela. Exactamente. Era a Esmeralda que regressava da Olga.

Junto às poldras, a rapariga suspendeu a cantilena e olhou em torno, a indagar se havia gente ao pé. Não viu ninguém. Nem sequer o pedreiro, uma vez que, entre ele e a moça, se erguia a pequena elevação em que assentava a nora. Tranquilizada, abeirou-se da água, andou uns passos e, quase em frente do local em que se encontrava o Aniceto, depôs na areia o cesto que trazia à cabeça.

A ribeira ali era mais funda e encoberta pelas margens altas, cerradas de folhagem. Tal qual o que previra, timidamente, o rapaz. A cachopa vinha tomar banho, pois que logo despiu a blusa, depois a saia e, courachinha como a mãe a dera ao mundo, satisfez o seu intento. Com

a água pela cintura e as mãos cruzadas sobre os seios roliços, que pareciam querer saltar como se fossem dois pássaros libertos, a Esmeralda avançou até ao pego da corrente e, após um ligeiro arrepio, deixou que o corpo todo se lhe entregasse, para, num instante, emergir refrescado e límpido.

O Aniceto, tonto do que vira, continuava, alapado e imóvel, entre a ramagem, receoso, apenas, de que o denunciasse o martelar revoltado do coração contra a arca do peito. E naquela postura se manteve até que a cachopa abalou, de cesto à cabeça, retomando a cantilena interrompida.

✱

**A**cena da ribeira agitou profundamente a adolescência calma do Aniceto.

Entregue ao ofício de pedreiro desde ganapo, passava os dias fora de casa. Lá aparecia, entre os da terra, aos domingos e pouco mais. E esse isolamento adormeceu-lhe o coração e fez dele um acanhado em questões de amor, tornando-o incapaz de dizer um simples gracejo às raparigas. E não se podia afirmar que os seus dotes físicos aconselhassem semelhante atitude. Pelo contrário. O Aniceto era um mocetão. No lançamento do ferro batia o mais pintado e, apesar dos seus dezanove anos, revelava uma coragem, como poucos. Bastaria dizer que, uma altura, no desfazer da feira dos Reis, conseguiu despartar, sozinho, dois tendeiros, que se haviam engaliado na taberna do Cavalheiro. E tendeiros à bulha, e com os copos, são o diabo. Ora, com tais predicados, não era de estranhar que muitas raparigas suspirassem pelo Aniceto. Mas ele é que não respondia àquela solicitação amorosa.

A partir da tarde em que o corpo desnudo da Esmeralda se lhe ofereceu aos olhos, nimbado pela magia da hora e do local, o instinto acordou nele abruptamente. Via-se perseguido, a todo o instante, pela imagem da cachopa. E, de tal forma se abstraía do mundo que o cercava, que o Melenas, na pedreira, teve de se impor:

– Que dianho tens tu, homem? Se estás doente, fica em casa e trata-te...

Males desta natureza não se curam com tisanas. E o rapaz, ferido pela censura do patrão, foi sofrendo, caladamente, até que, um dia, ganhou coragem e resolveu dirigir-se à moça.

Andava a trabalhar com o Melenas, à Caída. Levantou-se muito cedo, seguiu estrada abaixo e, antes da ponte dos Vilares, meteu pelo



caminho das olgas. Era a vez da rega na fazenda da Esmeralda e, certamente, iria ali encontrar quem o enfeitiçara.

Por uma e outra margem da ribeira, as olgas estendiam-se numa longa faixa parcelada, colorida, fertilíssima, onde a azáfama palpitante da manhã era denunciada pelo taramelar das noras, que os jumentos faziam mover como grillhetas. Taramelar que servia de fundo ao cantochão, arrastado e dolente, dos segadores que moirejavam num cabeço próximo.

O Aniceto, à Tapada, deixou o caminho e cortou direito à ribeira. Deu-lhe um baque no coração. Era chegado ao local onde os olhos se lhe haviam deslumbrado diante de uma aparição indefectível. Mais acima, ficava a olga da Esmeralda. Tal como esperava, logo divisou a pequena a conduzir o regueiro por entre um talho de feijões. Gostaria de se aproximar dela para lhe dizer, ao menos, parte das palavras que havia ensaiado para aquele momento. O diabo é que a mãe estava ao pé e teve de limitar-se a atirar-lhe um bom dia bem sonante para que o ruído da nora o deixasse ouvir, embora repassado da ternura de que fora capaz. A Esmeralda correspondeu, indiferente, à saudação matinal, sem dar conta do fogo que a disparara.

O Aniceto voltou a procurar a jovem, desta vez na Fonte Nova. Andava ela a pôr figos ao sol, depois da sesta.

– Queres uma ajuda?

Sozinha ali no ermo, àquela voz que nem esperava nem reconheceria, a rapariga, acorçada sobre a palha do estendal, estremeceu. Mas, vendo o pedreiro na canelha:

– E olha que bem precisava...

– Pois se queres, estou às ordens...

– Será melhor não aceitar. Podias atirar-te aos figos, ainda quentes, e andar de esfoira, por minha causa...

– Então, vou andando. – E, já a uns passos de distância: – Cuidado, não te comam os lobos... – Coisa ruim não tem perigo...

«Está saído o fulanote!» – disse ela para consigo, sem que a introdução lhe tivesse desagradado. «Tão boa maré que eu perdi!» – lamentou-se, interiormente; o Aniceto, increpando a sua timidez.

Mas, quando o aguilhão do amor espicaça um homem e, para mais, na força da mocidade, não há obstáculo que se não derrube. O Aniceto prosseguiu no ataque e foi ganhando terreno. Um madrigal, bem estudado, à saída da missa de domingo. Um remoque na bica da Mimosa. Um encontro, aparentemente fortuito, na encosta do monte do S. Brás,

ao anoitecer. Mais uns preparativos – e o certo é que o amor se ateou, a valer, naqueles dois corações inflamados.

A transição brusca no comportamento do pedreiro e o facto de ele se haver voltado para si, enfeitando outras moças, porventura mais prendadas, não deixaram de causar espanto à Esmeralda, que o expressou, uma ocasião, entre dois beijos:

- Que bicho te mordeu para te apegares mim dessa maneira?
- Isso é cá um segredo... – Que segredo?
- Um dia, conto-te...

E o idílio prosseguiu de vento em popa. A mãe da cachopa, que tinha genro em vista, desconfiou da marosca e pôs-se de atalaia. De forma que a Esmeralda e o Aniceto passaram a encontrar-se, às ocultas, para evitarem sarilhos. E, com tais precauções andaram, que ninguém no povo deu por nada...

✱

**M**as há amores que nascem sob o signo o da desgraça. E assim aconteceu com os do jovem par enamorado.

Foi numa obra, em Lamalonga. Nessa manhã, içada a padieira de granito, havia, agora, que removê-la, até ficar assente no local exacto. Em cima da parede, o Melenas entregava-se à manobra, que dirigia num ritual cantante:

- Ou-u, pe-dra. Ou-pa. Va-mos, ou-u...

Do lado oposto, o Aniceto coadjuvava o patrão, puxando a pedra, às arrecuas, com o auxílio de um pistolo, usado como alavanca.

- Alto!...

Suspendeu-se a tarefa. Erguendo o tronco espadaúdo, o Melenas mediu distâncias com olhos e deu novas ordens:

- Ainda mais um pouco!...

E a operação recomeçou, guiada pela cadência:

- Ou-u. Ou-pa...

A toada não foi mais longe, tolhida pelo que, num ápice, aconteceu. A um movimento baldado do ferro, o Aniceto desequilibrou-se e caiu sobre umas cantarias. Um lanho na fronte, que jorrava sangue como uma nascente.

Varreram com o moço para a Torre. Mas o Dr. Bonfim viu o caso mal parado. Desinfectou-lhe o golpe, ligou-lhe a cabeça e fê-lo con-

duzir ao hospital de Mirandela. Tudo foi inútil. O médico a tomar-lhe o pulso e a morte a fechar-lhe os olhos.

✱

Numa tarde de fins de Outubro, o corpo do Aniceto seguiu para o cemitério, no meio de um longo cortejo, pois que o rapaz era benquistado na povoação e aquele tombar assim, na flor da juventude, apiedou toda a gente.

Na altura em que o préstito, saído da igreja, atravessava o largo da Berroa, um grito lancinante partiu da casa da Esmeralda. Àquele destempero, as pessoas entreolharam-se, perplexas, e até o padre se perdeu no seu latim.

Mas, volvidos seis meses, a moça revelou publicamente o segredo da sua atitude. Deu à terra um pimpolho que, no dizer de todos, era o focinho pintado do Aniceto.

...O segredo do Aniceto, esse, é que foi com ele, inteirinho, para a cova!...



---

## Fernando Chiotte

(1936)

---

### COVA DE LOBO

**E**ram quase cinco horas daquela tarde escaldante de Agosto quando finalmente chegou ao alto da elevada colina. Correu a curva apertada da Portela que a envolve como um colar e de onde se avistava já toda a sua pequena aldeia, encafuada e cimentada nos contrafortes da serra.

Passou à direita a placa desbotada com a inscrição Cova de Lobo. Desceu a recta até ao povoado e, atravessando-o, cruzou a ponte e galgou as curvas acentuadas do percurso até ao alto da montanha, no lado oposto àquele de onde viera.

Parou o pequeno carro no desvio de terra batida que se estende desde a estrada aberta na escarpa granítica – ladeira quase a pique rasgada por profundos sulcos paralelos verticais que mergulham no fundo do alcantil –, até ao início do carreiro que penetra pelo monte acima o matagal de urzes, estevas e giestas, de um verde mortiço, seco do estio.

Estava exausto da viagem que fizera directamente do aeroporto até ali.

Abriu a porta do pequeno automóvel, saiu e estirou os braços e as pernas num movimento de hiper-extensão sobre a coluna vertebral como se fosse um felino que acaba um sono prolongado.

A dor incómoda nas costas e no ombro voltava a importuná-lo mas nem sequer se lembrou do que Steve lhe tinha dito. Pensou que seria devida a ter vindo sentado e contraído a guiar há tanto tempo.

Ficou espantado por reconhecer de imediato aquele sítio. Nada parecia ter mudado naquele lugar da montanha após tantos anos passados.

Desde o desvio, subiu a custo a vereda íngreme de terra acastanhada poeirenta, atapetada de grosseiros calhaus de xisto e pedras roladas de granito, como os de uma calçada romana gasta pelos anos, nalguns pontos já disfarçada pela vegetação, a fazer supor que ali já não passava tanta gente como outrora.

Sentou-se no mesmo penedo acastelado como costumava fazer quarenta e tantos anos antes para descansar da fadiga que o palmilhar do caminho escarpado desde a estrada até àquele lugar provocava e ganhar coragem para continuar, pouco depois, pela ladeira acima, que desde ali levava até às velhas e abandonadas minas de ouro, volfrâmio e estanho.

Sentia-se agora pacificado e a angústia que tanto o atormentava parecia desvanecer-se. Olhava toda aquela riqueza que aos seus olhos pertencia e que ninguém lhe poderia roubar; a imensidão do céu, das montanhas e dos vales daquela terra que o vira nascer.

Que felicidade inenarrável experimentava ao contemplar todo aquele espaço onde crescera, amara e fora por fim tão cruelmente infeliz.

Voltou ligeiramente a face como um melómano que quer expor o seu ouvido preferencial à atitude de melhor agudeza auditiva tornando-o mais sensível à eterna maravilha do concerto da montanha, de forma a escutá-lo na sua total plenitude.

Podia e queria ouvir de novo, como antigamente fazia, aquela maravilhosa sinfonia do silêncio, só entrecortada pelo gorgolejar da água do rio, do enrolado tubular contínuo do som metálico e uniforme das ralas, do silvo do vaivém do voo alto circular dos grifos, do sussurro do planar do gavião, do voo picado sibilante do abutre, do zumbir da águia ibérica real e do milhafre filando nas suas poderosas garras as presas indefesas tingidas de dor e sangue, no perpassar da morte próxima. E queria ouvir a brisa do passar das cegonhas pretas quase raspando a escarpa do alcantil pregueado de sulcos fundos, a melodia assobiante das cegonhas brancas pousando e levantando dos ninhos pacientemente construídos no alto dos olmos mais frondosos ou no campanário da velha igreja, ouvir também um ou outro lá, ré ou si bemol apalhetado de clarinete do buzinar ao longe de um ou outro raro carro curvando na estrada como se um gigantesco deífico maestro de batuta mantida levantada regesse o solo pianíssimo moderato do sussurrar da água na represa e nas alpondras do rio lá para o fundo da veiga; sinfonia perene, audível no correr do tempo de todos os tempos, com o regente movendo a gigantesca batuta através da eternidade, dando a entrada ao corpo-cântico andante forte vivace da voz do vento sibilante forte dos invernos ou ao forte fortíssimo do solo percussionista da bateria do ribombar do trovão das assustadoras trovoadas habituais dos fins de Maio e o estalido forte dos pratos e rufos de tímbalos, na apoteose

final da descarga da faísca que tudo electriza e estilhaça na sua queda sem clemência.

E poderia escutar também o uivar do lobo esfaimado procurando a corça descuidada da morte traiçoeira nas noites gélidas nevadas de luminosa escuridão, deixando ver e perceber o canto longínquo de miríades de estrelas furando o firmamento negro, depois da acalmia que dissipa do céu as nuvens que semearam o imenso lençol branco dos nevões e a fome do lince e da raposa que não conseguem divisar a toca do coelho ou da lebre, da marta e do texugo, escondidos da ameaça do olhar agudo do mocho e do bufo, naquela imensidão nevada.

Que outra divindade que não o Deus em quem não acreditava teria criado toda aquela aparente perfeição?

Interrogava-se, certo de não obter resposta. Ali estava de novo, frente a frente com a terra que o vira nascer, que sempre fora tão pobre de quase tudo, mas em cujos pastos das montanhas e dos terrenos incultos que a envolvem, e onde cresce a esteva e a urze túmidas de rebentos, se criavam ao vento e aos frios impiedosos dos invernos e aos calores secos e ásperos dos verões a cabra serrana e os melhores borregos e cabritos do monte.

Revivia com clareza e paixão aquele espaço e horizonte únicos, aquele lugar onde a natureza, deusa de pintores, se vestia de uma infinita combinação de todas as cores do arco-íris para tingir os outonos, misturando o cinzento dos dias frios e chuvosos com todos os flamantes comprimentos de onda dos tons do espectro cromático; prevalecendo, no entanto, uma mais forte insistência dos amarelos esverdeados, sépias e dourados outonais dos carvalhos, castanheiros, olmos e salgueiros, lembrando as florestas norte-americanas de plátanos, ulmeiros, abetos, salgueiros, bordos e vidoeiros que vira junto à fronteira do Canadá quando por lá passara por umas quantas vezes.

Revivescia os invernos rigorosos vestindo a montanha de encrespados mantos de neve de uma alvura de marfim a perder de vista, numa visão só maculada pelo fumo saindo em toalha pelas pedras imbricadas das lousas dos telhados vindo das lareiras; as primaveras de amendo-eiras floridas ataviadas de branco de neve e os húmidos e verdejantes doces prados e lameiros de um verde forte embriagante, lembrando gigantescas mesas de bilhar, e recordava os verões secos, escaldantes, de um acastanhado poeirento de cheiro erótico, num espectáculo de deslumbramento sem par, capaz de atordoar a alma e a retina, deixando nela uma post-imagem para todo o sempre.

Sentia-se morrer de tanta felicidade por poder ter conseguido inverter o fluir do filme da sua vida e ter experimentado regressar ao seu primeiro dia de vida. Tinha valido a pena voltar. Tinha valido a pena!

Agora poderia morrer. Julie, os filhos, os netos e os amigos lembrá-lo-iam com saudade, é certo, mas antes de partir dir-lhes-ia da felicidade imensa que sentira ao voltar ali antes do fim.

Noutros tempos, aquele seu saudoso lugarejo até poderia ter sido considerado a mais próspera povoação das redondezas, porque para ali vinha muita gente de outros lugares; de alguns até bem distantes, em busca de um trabalho muito duro, enterrando as suas vidas nas profundezas da montanha, escavando-a como toupeiras, ao longo das grutas das minas de ouro, estanho e volfrâmio, respirando a perigosa e explosiva mistura de gazes, o grisu, e onde, ao que se dizia, muitos até tinham encontrada a morte como prémio.

Vinham ludibriados pela esperança prometida de um salário digno na prospecção desses minérios, paga saída das mãos sujas de sangue, de hunos assassinos e outros exploradores estrangeiros e volframistas analfabetos.

Naquele lugar vinha-lhe à lembrança a sua irmã Beatriz. Tantas vezes ali estivera com ela. Sentia tanta saudade dela, e, no entanto, quase não conseguia recordar-se das suas feições. Só da sua doçura e da sua coragem de aço. [...]

Olhou o relógio e deu-se conta que o tempo se esvaíra com a celeridade de um sopro.

Com um sorriso breve recordava-se de quando saía da escola levar os livros que a professora lhe confiava e que ele nunca poderia possuir e que devorava à luz da candeia até tarde, quando já todos dormiam em casa, e, depois, já homem feito, trabalhando nas minas, de continuar sempre agarrado aos grossos volumes de electricidade e física que o marido dela, o engenheiro responsável pelas minas de estanho e volfrâmio, lhe emprestava, dando-lhe, depois, explicações exaustivas sobre essas matérias, que ouvia sofregamente na ânsia de aprender o mais que podia.

O seu sonho tinha sido sempre o de um dia chegar a poder estudar electrotecnia.

Tinha-o conseguido na América com grande vontade e dedicação, muito embora, para o alcançar, tivesse feito enormes sacrifícios pessoais, neles arrastando Julie, que nunca se cansara de o incentivar. [...]

Já não tinha ali família, nem certamente gente conhecida. Ao con-



trário de muitos outros que sempre pensaram voltar um dia a Portugal, ele, ao fim daqueles três anos exigidos pela lei dos Estados Unidos da América, decidira tornar-se cidadão americano de pleno direito, porque voltar à sua terra esteve sempre fora de causa. Regressar fora toda a sua vida só uma esperança vaga, prometida, longínqua, quase só pronunciada pelos lábios sem convencimento profundo, uma ficção que mantivera viva para, por uma só e última vez, rever a sua terra antes de morrer.

Voltar e ficar, porquê e para quê?

Era americano e ponto final. A América era a sua casa. [...]

Percorreu com um olhar errante a veiga assente no fundo das duas escarpas que se elevam em direcção à serra, forradas de uma densa multidão de velhos castanheiros alinhados, compactos, como soldados de um exército pronto a atacar, escondendo a castanha terra-mãe de onde nasceram.

Como dantes, aquele pedaço fértil continuava dividido num quadriculado quase geométrico traçado por pequenos muros feitos de camadas empilhadas de calhaus de xisto, com engenho, a separar os diferentes matizes do verde das pequenas courelas e lameiros, na harmonia total de uma veiga fértil de um verde luminoso, atravessada a meio pelo leito de curvas suaves por onde corre o rio vindo do seu berço, no alto da serra leonesa da Sanábria, ladeado de caniços, olmos, salgueiros e choupos. Fora ali onde com os seus amigos, em garoto, aprendera a nadar e a pescar as trutas que tentavam subir os saltos que a corrente faz nas pedras roladas do fundo, lá para norte até à nascente.

Um pouco mais ao longe, à esquerda, a meio do vale, na base da encosta onde terminavam os castanheiros, ficou a olhar, demoradamente, a velha ponte que atravessa o rio, onde tudo se consumara, e do lado de lá reviu de novo o lugarejo em que nascera, de onde se vira forçado a partir e onde passara a sua adolescência de trabalho quase escravo na velha mina de volfrâmio, como quase todos os outros da povoação, e onde o seu velho pai se consumira armando rastilhos de explosivos, esburacando, à pá e à picareta, as entranhas da montanha, procurando nas grutas o metal que teimava em nunca aparecer.

A aldeia estava desfigurada. Tinham desaparecido já praticamente quase todas as suas casas de telhados feitos de placas de lousa negra, sobrepostas com sabedoria, uma a uma, como escamas de um réptil, de alpendres de soalho de castanho ou de carvalho, limitadas por gradeamentos feitos de barrotes toscos de madeira a que escadas exteriores

construídas de seixos aparelhados em degraus cobertos de rectângulos de xisto, talhados de forma grosseira, davam acesso.

Construídas de paredes de pedras sobre pedras de cantaria escura, ligadas por um barro friável acinzentado, eram esburacadas e através delas entravam no Inverno, sem cerimónia, como se fossem da família, um vento agreste e desolador vindo da serra, encanado pela garganta formada entre as arribas da montanha que se afunilam como se gizassem a intenção de estrangular a veiga lá para o fundo em direcção a Espanha, e um frio de congelar ossos e engaranhar os dedos, competindo ambos numa luta tenaz com as lareiras de graúdos tições; corpos ardentes de toros secos de carvalho e carrasco ateados com gravetos secos de videira, giesta ou urzes da serrania, que ardiam nesse confronto sem cessar e sem esmorecimento a um canto dos lajedos sombrios e tristes das cozinhas.

Esboçou um sorriso ao relembrar-se de que em todas as habitações os quartos e as outras divisões eram situados sempre por sobre as lojas onde se acomodava a riqueza das famílias, a maioria das vezes reduzida a uma ou duas vacas ou meia dúzia de cabras – que os lobos uivando, esfaimados, tentavam ao menor descuido rapinar, quando pastavam na serrania –, um burrico ou um macho escravo de trabalho, e sempre, sempre, por muito pobres que fossem, o porco a cevar para a matança tradicional que se fazia por altura do Natal; animais que ajudavam com os seus bafos cálidos a aquecer as habitações, como se essa disposição fizesse com ingenuidade, a par com lareira, parte da mesma táctica na luta contra as impiedosas invernias da montanha.

O resto da fortuna consistia, nalguns casos, na posse de uma pequena courela de terra pródiga e fértil ali na veiga ou algures, não muito longe, nas montanhas, onde aquela gente humilde praticava uma agricultura de subsistência sem articular um queixume, com uma dignidade altiva, acomodada a uma pobreza cruel, injusta.

Sempre fora assim, injusta e suportada.

Aquela gente não tinha mais nada.

Mais nada.

Ou quase nada!

Os velhos casebres do povoado tinham dado lugar a uma panóplia de construções de aspecto cubóide e de outros poliedros complicados a lembrar caixotes, alguns deles sem pintura exterior ou inacabados e ataviados com barrotes a servir de amparo às placas de cimento que aguardavam o regresso dos seus proprietários emigrados por essa

Europa fora, para serem terminados nos próximos ou noutros verões quaisquer, por altura do regresso a casa nas férias de Agosto.

Quase todas essas construções eram encimadas por coberturas empinadas como bivaques, arremedando as formas dos telhados das edificações rurais da Europa Central, numa total confusão de estilos despropositados copiados dos países de emigração e numa disposição urbanística que estrangulava desordenadamente as quelhas estreitas a que chamavam ruas.

Lembrava-se de que quando ali vivia elas eram autênticos carreiros de cabras que, nos invernos rudes e impiedosos de chuva forte e nevões inclementes, se transformavam em lodaçais de terra, bosta, palha, galhos e ramagens caídos dos carros de bois que voltavam a casa carregados de lenha numa chiadeira gemida; autênticos atoleiros que afogavam o som dos passos dos socos de madeira dos mineiros no seu regresso a casa ao cair da noite e das botas de atanado, de ilhós brilhantes de latão amarelo, besuntadas com sebo de carneiro, cardadas a brochas grossas e só calçadas aos domingos com a roupa de ir à missa.

A casa do seu pai, o António Mesquita, mas conhecido pelo Ferreiro, há muito falecido, bem com a oficina onde durante tantos anos estivera ateadada a forja que aquecia o ferro para depois ser martelado com ritmo forte e com arte pelo malho sobre a bigorna, tinha sido vendida por sua irmã Beatriz, quatro anos mais velha, logo a seguir ao seu desaparecimento. Seu pai deixara-lha em testamento, e aos seus dois filhos, o Rui e o Armindo. Beatriz ficara com eles nos braços aos vinte e sete anos, viúva de Joaquim, um rapagão teso como o ferro, que nunca se quisera vergar aos patrões estrangeiros das minas de ouro, volfrâmio e estanho, nem aos seus salários de fome, vendendo-lhes o seu trabalho como um escravo.

Joaquim fizera do contrabando a sua vida e fora traiçoeiramente baleado pela guarda, num atalho sem lugar a risco no mapa, já lá no alto dos mil e tantos metros de altura, no planalto que termina o topo das montanhas como se fosse o tampo da mesa do alto daquele mundo, junto ao último povoado, mesmo na fronteira, onde enormes e gloriosos penedos graníticos parecem desenhar no limite do horizonte figuras humanas, trágicas, sofridas. [...]

No lugar do antigo casebre já demolido em que nascera, João via agora um casarão inacabado, deixando adivinhar também a intenção do seu possessor em o terminar ao estilo de chalé suíço alpino, e era quase certo ser pertença de um emigrado naquelas paragens.

Levantou-se da fraga enorme de granito em que até ali esteve sentado durante não sabia quanto tempo e aproximou-se da berma da ravina, tentando enxergar-lhe no fundo, por entre os densos castanheiros, a meia dúzia de oliveiras que seu pai um dia ali tivera e que vendera para fazer face aos apuros da pobreza, seus companheiros de sempre.

Abriu a bolsa negra que trazia embainhada no cinto, tirou-lhe de dentro o pequeno binóculo japonês que sempre o acompanhava e dirigiu-se de novo ao seu ponto de observação em cima do grande rochedo. [...]

Perscrutando a montanha reviu a imagem das minas já desactivadas, cuja aparência fantasmagórica das bocarras das entradas das grutas invadidas por uma vegetação anárquica era de um abandono total, a fazer pairar no ar o espectro do desemprego a atingir toda a gente, restando-lhes a perspectiva da agricultura miserável de sempre ou a emigração. Como antigamente, não parecia haver saída por ali.

Só serras, dureza e solidão, mas uma beleza dura e infinita. [...]

Do lado de cá da ponte, à esquerda, deteve o olhar espantado num terreno que antes fora também de castanheiros que chegavam quase ao rio e que teriam sido cortados. Vedado, de terra batida acastanhada, de aspecto alisado artificialmente, ao fundo do qual se erguia uma construção de um só piso, simples e longa como se fosse um extenso armazém, no portão que lhe dava acesso conseguiu ler “Centro Hípico”. O que seria aquilo? Na curva da estrada, depois da ponte e mais para a direita, reviu a eira onde tantas vezes malhou e gradou centeio com a Lúcia por perto, olhando-a furtivamente e com a ternura do seu grande amor proibido, e, ao fundo desse espaço amplo rectangular, o adro centrado pelo pequeno cruzeiro de pedra esverdeada pelo agasalho da roupagem que o musgo lhe teceu, a igreja a ladear o pequeno cemitério, ao lado da porta de entrada do qual estava ainda chumbada no muro, reforçada nos quatro cantos por grossos e imperecíveis parafusos de latão, a placa de mármore com a inscrição dos nomes dos homens da aldeia que tinham morrido na Primeira Grande Guerra, na Flandres, a nove de Abril de mil novecentos e dezoito, na batalha de La Lys, em frente da qual a procissão da festa anual se quedava sempre com um profundo respeito, prestando-lhes homenagem sentida, e que eram o orgulho daquela gente forte como o aço e nobre como o granito. [...]

Às portas das casas podia ver alguns carros de matrícula estrangeira, mas gente não conseguia enxergar. Ninguém entrou ou saiu enquanto ali esteve. Talvez descansassem àquela hora de calema forte!

Doíam-lhe cada vez mais as costas.

Acalentava ainda a vaga esperança de que talvez Lúcia vivesse ainda na povoação. Antes de se separarem, ela tinha-lhe garantido que nunca por nada deste mundo o esqueceria ou deixaria a sua aldeia. Teria sido ela capaz de cumprir o que jurara?

João sentiu um impulso forte de descer à povoação, tentar procurá-la, mas conseguiu conter-se.

Tinha que estar seguro de que, antes de o fazer, tomaria todos os cuidados possíveis para não ser reconhecido. Não queria. Viera porque jurara voltar, mas depois partiria para sempre.



---

## Barroso da Fonte

(1939)

---

### EM CADA PEDRA

Em cada pedra  
encontro a minha seiva

em cada árvore  
descubro o meu destino

em tudo o que palpita  
me sinto renascer

e quanto mais revivo  
mais eu quero morrer.

## NA PRAÇA PÚBLICA

Na praça pública  
declarei meu dote  
para ser doado  
aos filhos do povo

meu dote é pequeno  
porque também sou  
do bairro da fome

será grande o mundo  
se todos os pobres  
vestirem na praça  
um fato alheio

meu desejo herdei-o  
no bairro secreto  
que ensina às crianças  
os males da vida

por isso reparto  
meu pequeno dote  
pelos jovens magros  
do bairro da fome.



## TERRA VIOLADA

Meu corpo cheira a terra violada  
por homens de má fé.

Quem nasce nesta terra  
traz no peito o destino das urzes  
que brotam das montanhas  
para repasto dos bodes.

Os filhos desta terra  
adoram as estrelas em noites de tempestade  
e os bruxos talham a fé das beatas.

Na terra violada  
não há revoluções  
mas os corpos acusam sismos.

## QUADRAS SOLTAS

Ao sair de Trás-os-Montes  
jurei ser, por toda a vida,  
um lutador permanente  
da Terra mais esquecida.

Por cada passo que dou  
minha vida diminui:  
– sem vergonha do que sou  
orgulhoso do que fui.

Sou mortal de nascença  
imperfeito de raiz  
e disto me vem a crença  
de um dia ser feliz.

Nasci na fome do tempo  
mas o tempo me criou:  
– entrei na vida a destempo,  
ao tempo devo o que sou.

Vou pela vida gritando,  
teu nome, Terra esquecida,  
para só me calar quando  
te souber compreendida.

Tenho da vida mau gosto,  
tenho de mim grande horror,  
e é por isso que o meu rosto  
quase lembra um opressor.

Sou Barrosão de nascença,  
Transmontano genuíno:  
– faço da minha presença  
um constante peregrino.

---

# Joaquim de Barros Ferreira

(1940)

---

## UM CAVALO AO AMANHECER

Nada de aventura lhe transparece  
embora fosse  
de beleza parda  
nos circos Real e Mariano.

Agora não é daqueles que abrem  
as procissões de Julho.

Nem teve muitas donas  
ou relinchara em grandes prados.  
Quando muito simples cavalo  
a caminho de pomar.

Mas certo é  
que dá um toque musical às manhãs  
ao passar na rua.

Já foi de carrossel  
agora me lembro  
dos que havia na cidade.

Passou o tempo.

Foi-se tudo.

Entretanto foi vendido  
a último dono.

## A LAREIRA

Ao lado do escano  
repousa o cansaço  
aquece-o o calor do fogo.  
De conversas  
cobre.

Com entalhes de formão  
ornamentam-no corações.

O souto era perto  
e agora nas noites de Inverno  
a lareira sonha.

Incendiada sobe ao tecto  
enche o espaço todo  
e desce  
aos pés do coração da casa.

À volta espera-se  
quase que as castanhas fervem.  
Já as folhas são tapete  
por onde se passa  
em irmandade inteira.

Eu mesmo vou às castanhas  
e para mim tenho  
que a lareira sonha.

## NO AÇAFATE DE ROMÃS A LUZ PÁRA

Racha-se lenha  
a pensar na noite  
de Natal  
a noite de grandes falas.

Açafate de romãs  
enche a casa  
e o ar se cala.

Mãos de seda estenderam a toalha  
de linho puro  
com anjos  
azevinhos ou veados.  
Os dedos os inventaram  
como se fosse bosque.

De outras mãos o vinho  
ao coração sobe.  
Isto se alaga difunde  
nesta noite  
como a luz da lâmpada.



## ARADO

### I

A mecânica do arado é rudimentar,  
clarividente e sóbria. Nada tem  
em demasia: o que a função requer  
e nada mais.

No perfil eficiente do arado  
há qualquer coisa de navalha, qualquer coisa  
de falo em riste, em transe de fecundar.

De facto, noutros tempos,  
era o arado que rasgava a terra,  
fazia dela um ventre aconchegado –  
cenário certo para o deflagrar da vida  
que vai dentro das sementes.

Isto foi no tempo em que havia agricultura  
nos gestos quotidianos dos homens  
e das mulheres.

### II

O arado ainda está no curral,  
encostado a um canto.

Já ninguém o usa, à excepção  
das galinhas que se empoleiram nele  
quando chega a hora de cismarem.

Por enquanto tem sido poupado ao fogo,  
como se no seu futuro estivesse  
ainda escrito um último regresso  
às genésicas tarefas da lavoura.

Mas ele sabe que nada disso está escrito.  
Melancólico, antecipa  
a hora da corrosão.

### III

Mas o arado perpetua-se em mim.  
De facto, em horas de arriscada exaltação,  
gosto de pensar nestes versos como sendo  
um arado com que rasgo outras terras  
mais voláteis e menos aráveis,  
e nelas julgo deixar alguma semente.

Pura ilusão.  
Nem as tais terras se deixam rasgar  
assim facilmente,  
nem o meu arado tem vocação de vida.

De modo que retorno ao arado  
que de facto arou.

Ei-lo cabisbaixo no quintal.  
Não sei de mais lastimosa coisa  
do que um arado ferido de desuso,  
encostado a um canto,

poleiro improvisado,  
  
pasto de ferrugem e carcoma,  
  
lenha em breve.



## TERRA MATER

Ainda se vê, olhando daqui,  
deste lugar retalhado de ventos,  
a terra mater.

Já é só um resíduo de alvoroço,  
mas, caramba, ainda dói,  
ainda emociona.

E ainda chama  
com a voz que lhe ficou –  
apelo quase mudo, moribundo.

Como que responde às frequentes  
retóricas a puxar ao sentimento  
com que a saudei outrora.

Pois bem: terra mater, esquece tudo  
quanto te disse em tempos imaturos.  
Eram tudo versos de má qualidade.

Sei hoje, ao cabo da balbúrdia oca  
de todas estas décadas perdidas,  
que só com a chave do silêncio posso  
abrir ainda uma porta no teu corpo de azeite

e penetrar em ti como num templo.

## ALGURES A NORDESTE PARTE DOIS

### I

Julguei-me um dia dono dos meus passos  
e, de quantos dei em solo do Nordeste,  
deixei num estridente livro verde  
relato tão afectuoso quanto imprudente.

Entretanto, o tempo foi cumprindo  
a tarefa que lhe está confiada  
de obliterar o brilho que há nas coisas,  
ainda as mais baças

(antes de acabar por devorar tudo  
e desse modo ele próprio perder de vez  
o único préstimo que tem:  
utensílio de medir a duração das coisas).

Dou hoje os mesmos passos decididos  
(um pouquinho mais trôpegos, talvez)  
nas ravinas da alma do Nordeste  
– e eis que tudo está mudado do que foi.

### II

Foi como se tivessem removido  
da bússola a oitava direcção,  
aquela que apontava para um norte  
mais lavado.

A bússola obliterada  
do seu mais fresco lado e do seu  
mais fresco vento.

Campos em ruínas, infestados  
de plantas ruins.

Nenhum choro, nenhum riso  
de criança.

Uma angústia funda, como se  
nem sequer restasse já  
a mínima memória do Nordeste.

### III

Ah, mas eu mantenho-me fiel.

Como um cão dormido no seu ninho,  
redondo de sono,

assim eu me enrosco no Nordeste  
e respiro contente o que dele ficou,  
por pouco ar que seja.



---

## Modesto Navarro

(1942)

---

### HOMEM D'ALGUMA

**S**e eu vos contar como é a praça. Tem árvores. Tem bancos. Tem passeios: um do lado leste, outro do lado sul, outro do lado oeste, que se prolonga pela estrada nacional, e outro do lado norte. Estará assim completa a descrição?

Zarco coça a cabeça. Os empregados, melancólicos, pesam o arroz: o açúcar: as pernas da patroa. Do lado oposto, Margarida põe os pés em cima do banco; acabou a lição de piano. Das escadas, longas, para os dois lados, da casa dos diáconos, desce a sopeira: velha. Arrasta os pés, a cinta gorda, as mãos papudas.

A maldade, se tu te sentares num dos bancos da praça, de preferência ao lado das bombas de gasolina, de onde parte a carreira para o Tua, e para o Cachão, claro, a maldade sobe-te. Dizes-te: estamos então parados, ó gentes; ninguém te atende, meu velho. Todos continuam, uns vendem lotaria, outros ficam à procura da vida: a vida para a malta é a jeira, por enquanto: estamos em 1952.

Criou-se o colégio. Olha bem para ele: uma casa enorme, sociedade de quatro: um é gordo, outro é padre, outro é magro: sobre este nos detemos mais tarde, uma figura rica, sente-se. O outro é semigordo. Entendes?, semigordo. Isto quer dizer que o alfaiate se vê à rasca para acertar as medidas; o tipo ora engorda, ora emagrece. Ainda é das figuras instáveis da terra. Carências? O alfaiate diria excessos. O magro tem uma mulher bonita que tu vês atrás da janela, ao fundo da vila rica. Logo abaixo, na vila média, acima um pouco da praça, mora o outro: esse, respeitado, o senhor: todos lhe beijam a mão quando o cumprimentam; venha o fantástico ajoelhar na igreja, ao meio-dia; tu os vês, sentado no tal banco da praça: são os carros, as famílias nos corcéis, vão todos endomingados; põem gravatas verdes, louras, azuis, calças abertas no rabo. Caminham lentamente, ajoelham aqui e ali, é domingo: processam, isto mesmo, processam a reconciliação com os amigos: o chefe do registo civil abraça o outro da câmara, e o do tribunal faz uma vénia ao juiz. É domingo, meu

velho: olha bem para eles, como descem a avenida: ainda tu dizes puff, vejo disto em todas as terras: mas é isso, igualmente, não é essa a teoria? Tenho dez anos e pego-te pela mão. Estás na minha terra.

Foi aqui, num dia de muita sorte, que o barbeiro me cortou o cabelo: era um pequeno homem atarracado. O cabelo nem lhe assentava nem se negava, às vezes lambido; cortava o cabelo meu com uma tesoura de encanto: lavava-se a senhora dona Manuela Reis Albuquerque Matias em frente, na sua casa fechada, já bêbada, senhora. Ao lado, por cima, tu sabes como é, a gente sente o peso, morava, e mora, a família dos Amaros. São lindos, gordos: quando passas por eles, vê: os olhos verdes, as mãos tratadas: mãos que tocam piano; ainda um dia tu o dirias, mais tarde: um deles, o mais velho, estudou: chegou a formar-se? Se visses a família, ponderados os gastos, à espera do canudo. Mas não nos desviemos: por cima, enquanto o barbeiro empregado cortava cabelo, morava a família de que te acabo de falar: sentia os passos suaves daquela gente no sobrado: o barbeiro patrão lia *O Século Ilustrado*, revista que o meu irmão aproveitava para a segunda-feira sair mais leve: depois do almoço, depois de almoço punha a camisa branca, o fato, a gravata, descia à praça e entrava na barbearia: esperava a vez para a ler, à revista, sentado na cadeira do canto, de preferência. Submerso, preparava-se para o artigo do Guedes, para as literaturas: se não levava lenço ainda saía, ou então mandava-me a mim a casa, imagina. Apaixonei-me nessa altura pelo mistério: o barbeiro-chefe morava num canto retirado da vila, perdera a mulher, o empregado viera dos lados de Bragança. A fala deste, arrevesada, as histórias que contava, de mulheres, nota: histórias de mulheres com seios emplastrados no peito do tipo, barbeiro, nos bailes dos bombeiros lá na terra; tardes inteiras de mole ronceiro, os tangos, passodobles, corridos poucos. Ficava de boca truncada, língua cozida, a ouvi-lo. Os corpos delas, tu já te sentiste nesse fartum? Os corpos delas deslizavam por nós, eu e o barbeiro entrancados neles, as mãos desciam, era a seda, os *soutiens*, as calças, a combinação: um dia, uma desmaiou-lhe nos braços, suspirou, e durante um minuto – seguro – fui eu quem esteve ali a sustê-la dançando um tango lento, a luz do candeeiro lá ao canto, mortíça: era um baile de casamento: mestre Alberto, o barbeiro, entende se me ler agora. A minha cara ficava apontada para ele, eu nervoso, com os pés nos varões das cadeiras, varões de metal polido. O rádio, velho, fazia ruídos quando ligado para

o Rádio Clube. Começava a onda dos *spots* de rádio, a publicidade. Mestre Alberto perdia terreno.

A sua Bragança, as aldeias do concelho, fascinavam, nas histórias contadas às tantas: já a malta, sobranceira, via televisão nos dois cafés: na casa do povo: na taberna-café do fundo: e mestre Alberto, cabelo ao vento, passeava sozinho no meio da praça.

Tramava-se qualquer coisa: tu vê: nada disso acontecia, a televisão, e de repente, zás: televisores em todos os cafés, variedades, filmes americanos, locutores belos, o Henrique, por exemplo: era a arma, meu filho: Alberto, vindo de Bragança, homem portanto habituado aos espetáculos no Cine-Teatro, não se deixava ir. E daí: muitas vezes entrou no café «Liz» quase no fim do filme, e vê: ficava especado entre os dois bilhares, o *snooker* e o livre, e ora olhava para nós, ora para o aparelho: vigiava-nos? Já pouca gente lhe ouvia as histórias. Pertencia a uma aldeia mais para o norte, trazia cabelos ondulados, rosto marcado: era um tipo como há poucos: o passeio da farmácia de baixo, a rotina, vigiava-o. Atravessava para o outro lado, o seu andar sacudido.

Coloquemo-nos no seu campo: ouçamo-lo desde as primeiras visitas ao Seixo, logo que chegado, bicicleta alugada, bailes prometedores com raparigas a pensar na França. A riqueza dos senhores estava comprometida: nada custava tanto como deixá-las, às terras, mas impunha-se. Abalavam, despediam-se. Terra a ficar deserta, este Seixo, mulheres sós. Alberto frequentava por ali, aos domingos, e aos dias de feira era visitado pelos amigos lá da aldeia: refugiavam-se junto dele à conversa, revoltados, intimidados pela vila: que a vila tem: a câmara: o tribunal: as farmácias: as lojas já de modas: os senhores: os patrões sentados no café, os carros aglomerados à porta: Alberto falava, tinha ali a sua gente: e olhava as raparigas, os bailes longos, noite dentro, que chegou a fazer na aldeia: esperavam-no logo depois de almoço, ao domingo: ainda se dançava: muito em segredo, sem malta da vila: malta, puff! empregados, meninos que nada adivinhavam das pedras ali à entrada da aldeia, concretas; as casas soltas, os grupos de mulheres: penteavam-se, catam-se, discutem: estamos em mil novecentos e cinquenta e nove. Ainda não viera em força o dinheirame da França. Ainda as mulheres mediam o pão, o frio-quente das tardes de mãos metidas nas batatas, calor, Junho, e depois a descasca da amêndoa. O partir, a amêndoa nos dedos endurecidos, saltava. A família relegada para aquele trabalho, ao lado do estabelecimento do intermediário; este comprava amêndoa, figo, nozes, os armazéns cheiravam, uma maravilha; nos sacos, rebolados,

nós, os miúdos da rua, a rua que desce até à praça pasmada de que te falo. Quem és tu, meu velho? Um literato safado? Olha: nesse banco da praça, aí no meio, sentou-se mestre Alberto a contar a história sem sofismas; sentei-me eu, quando o meu irmão mais velho foi para o Brasil; ficava o pai encalacrado em quinze contos, uma dívida cravada na nossa garganta, de irmãos mais novos: tu sabes lá o que é passar à porta da loja onde a mãe escolheu fazenda para os fatos brancos dele e saber: ali, debaixo do balcão, escondido está: um livro de apontamentos, onde diz a páginas tantas: Fernandes, dois contos quinhentos e cinquenta e um escudos e cinquenta centavos: a página, a folha, está amarela: amarelo está o livro. É o risco das lojas que exploram, montadas por senhores: de vez em quando levam a rasteira: sorria, meu velho: sinto-me bem: lixaram-se, os tipos: mas a verdade é que passo ainda hoje lá à porta e fico com o coração nas mãos: esta ternura de ir para o matadouro: todas as semanas por quinhentos paus ao fim do mês: o meu velho, aquele tipo que vês ali à porta da oficina, é encarregado dele: também é regedor: acumula.

Pois nos armazéns do intermediário era bom: tu vê: os figos, doces: a amêndoa: a família do Vaz partia-a todos os anos: os ferros batiam – e nós, na forja: e mestre Alberto na oficina: cortava o cabelo: as mãos eram de prata, digo que ouro, lisonjeiras, dizia: não, você ainda tem muito cabelo, quarenta anos, disse?! É tão novo: e gozava assim o presidente da câmara, um tipo baixo, ansioso: e os empregados da tesouraria: um deles de risca ao meio, boquilha acesa por causa das cócegas: oh raio da terra desta praça quanta coisa tem para contar: mas não queria deixar por enquanto os armazéns do intermediário: exportava para o Porto as cargas do que comprava ao camponês: lembra: cento e dez a noz, duzentos: eram os preços que oscilavam, os pesos também, conforme venda ou compra: na balança onde nos pesávamos quando ele estava distraído marcava às vezes 42 quilos, outras eram só 40: também emagrecíamos: engordávamos e saíamos para a rua no tempo da Páscoa, no dia: rebatinha, os sinos, e os senhores deitavam pão das janelas, da varanda, do terraço: e fruta verde: e figos: e nozes: e dinheiro, tostões: frequentávamos anualmente as portas dos mais: às vezes um ou outro filho de rico fazia connosco a volta, disputava a fruta e o resto: rebojava-se a nosso lado: mais tarde partiam para os estudos e aí começava a separação: do pomar, eu e tantos víamos passar os gajos para o colégio, tipos da aula de há dois anos, alguns a dar erros e nós a ensinarmos. O Adérito, esse, andava ali connosco aos pássaros,



e percorríamos o pomar todo, eram as pêras, a água do tanque, o verão: os pássaros, mortos por atira-pedras manejados de ronha. As pernas das mulheres expostas das casas, esfregavam as salas, as varandas, e nós víamos: nessa altura mestre Alberto, vindo de Bragança, passava na avenida, cabelo penteado, calça branca. Lá ia a malta para o colégio, e começava a distinção: sabíamos da chegada deles para férias: marcávamos presença, e o Adérito, cabelo lindo, encaracolado, passeava ao lado da filha do Santos: por pouco tempo: mais tarde namorou a Olímpia, diga aí o mestre Alberto: foram companheiros, palavra. Andavam pelo Seixo, pelo Arco, pelo Nabo, por Benlhevai: fizeram as festas, as procissões e os arraiais: dançaram até de madrugada, e Zé Meireles ganhou um campeonato do corridinho, sal na camisa passado duas horas: na rua da serra, na casa do sogro dele, sobrado quase caído sobre os burros: e os porcos, que castrávamos: navalha afiada: tia Mécia: palavras secas, atiradas: uma escada verde de gasta, as tábuas aos saltos: a grafonola: o corpo neutro das velhas sentadas à volta, na sala: e a malta, limitações para que vos quero, ali rodopiando: os discos riscados, as mãos apertadas: o suor. O sal na camisa, as horas, três da manhã e ainda durava, desde as nove, manhã de sol, casamento acabado na igreja: ah casal de trabalhadores ainda hoje em casa dos senhores, no rossio: baile até às quatro, sem parar: alegria de brinquedo duro, cheiro de fruta, sacos: outras lojas da vila onde os animais comiam, as mulheres se deitavam: os corpos, de suor, amam.

Alberto estava desolado. A televisão tomava a malta, que ainda não saía. Na casa do povo, na praça, no barbeiro: jornal consultado para ver qual o programa: no meio de tanta merda havia o filme policial, o *cow-boy* disparado: meia hora de alucinação, peregrinações a mundos exangues mas onde as pessoas eram diferentes: daí o hábito de vir todas as noites fazer plateia em frente do aparelho, mãos nervosas, olhos programados: depois das dez: bonanza, calor, mágoa: perversa noite burlada sobre Alberto vindo de longe, junto de Bragança, onde os bailes: a união, enfim, associações ali desconhecidas: por exemplo Mirandela, de gente dura: a associação dos artistas, o grupo operário, a malta que lá cabia: notava-se gente rija, nada domesticada: sabiam o demónio, a política: tinham os dados: eram fortes: os burgueses da vila de que te falo sentiam medo deles: diziam: em Mirandela é preciso cuidado com aquela malta: são duros de roer: e por isso mestre Alberto ia para casa às nove horas, a maior partes das vezes, por ver a nossa gente metida na televisão: mas até mesmo Mirandela parece que sucumbiu: vais

lá e vês: a malta que resta nos cafés a ler na pantalha as legendas dos filmes sobre médicos, hospitais, cancerosos, tudo apresentado romântico: alguns bebem cerveja, outros partem: a emigração, meu velho, enfraqueceu aquilo: televisão: emigração: grandes festas em honra do padroeiro da vila: coisas mesquinhas, sermões: brutas festas por altura da Páscoa: as endoenças: tudo isso, feito pelos burgueses, com a ajuda da malta, enfraqueceu as potencialidades, diria: de facto, hoje Mirandela tem duas pontes: tem um clube de futebol na 3.<sup>a</sup> divisão: tem sono, Mirandela, tem sono. Bebe, Mirandela: era uma vila de que se gostava: a malta jovem, assim dirias tu, a malta jovem ao domingo cavava para lá: e olha: havia força, catano: um dia o Adérito foi lá às eleições e logo uma rapariga disse: viva o Delgado: e o Adérito andou com ela toda a tarde, viram os ceifeiros vindos da Beira a bater-se no meio da avenida com a autoridade: protegia esta um ministro? Que fazer com essa coisa da propaganda? Andam, antes das eleições, os ministros pelas terras, vêm os senhores, a igreja em peso: fazem cortejo rumo aos paços do concelho: depois falam de patriotismo, de heróis: as velhas choram. Olha para isto: estás no meio da ponte, em Mirandela: eles estão lá, nos paços: falam disso, de heroísmo, antepassados: os ceifeiros vieram da Beira, caçar melhor jeira: têm as foices na mão: vestem assim assim, rotos: e os senhores, à volta do ministro, caçam: os postos, as subidas: estás no meio da ponte: vês: um ceifeiro, a alturas tantas, grita viva o Humberto, quando o ministro passa: era a esperança, não é, meu velho?, a esperança dum país amornecido, recheado de televisões e de emigração começada: era o país, ali, naquele grito: qual o quê: a GNR ataca, bruta confusão, as velhas a chorar, porquê as velhas choram? E os novos, a malta, o Adérito com a moça, viva o general, dissera ela logo à entrada, quando ele chegou: Mirandela tinha força.

Ainda gostava de falar de mais coisas contigo. És um bom interlocutor: ouve lá mais esta, agora que a gente começa a sair da igreja: mestre Alberto, o empregado, corta mais um cabelo: dum velho, vindo à vila no domingo: fuma um cigarro dos fortes, velho cambado, para arrebentar. No café ainda não há programa à hora de almoço: os que não foram à missa jogam bilhar; lá encontraria dois tipos mais novos, anos depois: ficavam ali, escondidos da mãe, na hora da missa, enquanto a empregada levava os primeiros cafés jogavam bilhar, irmãos libertados à má fila duma pressão da velha lá em casa, a dizer às dez da manhã, num domingo, imagina: vocês têm de ir à missa; e os rapazes levantavam-se, tomavam banho, vestiam cuecas lavadas, calças

passadas, camisa limpa, e pronto: seguiam para a missa: a mãe ficava à janela, a vê-los: olha, descem agora, passaram ao lado da peixaria: são dois: um magro outro mais forte: são diferentes do resto? Não, dizes; simplesmente, quando chegam ali à curva, antes da loja do Silva, zás, metem para o café. Nada de missas, meu velho, diz um: vai uma partida de carambolas seguidas, vinte e cinco, e oito, e treze, passam o tempo naquilo. São vigiados pelos professores, perseguidos pelo magro, se são alunos do colégio: quatro professores quatro: mais uns professores temporários, como se diz? Ganham pouco, estes; os outros são sócios, cobrem os riscos com brutas mensalidades que os alunos pagam; então os tipos jogam bilhar, não conheceram mestre Alberto ficado algumas noites entre os dois, o *snooker* e o livre, especado, a ver a malta entregue às aventuras, às roupas diferentes: quando chegava a meia-noite íamos todos para casa, e na avenida o Sancha gritava para os outros, da portela: regressavam do café de cima, sempre dos trabalhadores do Cachão, onde também poisam os empregados menores à hora de almoço, T.V. já com programa para evitar conversas: era isso o que mestre Alberto sentia: a malta remetida à utilização diária, nocturna, digamos, do televisor, e os problemas, as conversas iam ficando para trás, esquecidas: as associações, também dos operários, passavam, acabavam: ficavam apenas os televisores abertos: a malta sugava aquilo: esmorecia.

Abalámos. Foi da televisão?, a secura: a massa que era pouca: uns para França: outros pràqui: outros pràli. Ficaram velhos, mulheres, os televisores abertos para quem? Já não há nada para espantar, para lhe mostrar como veste a duquesa de Mântua: e hoje a malta volta, a passar férias: veste a camisa ao contrário, o casaco pelas costas: destapou os mitos: nada: não respeita: os tipos da missa saem: olha-me bem para eles, tu que estás no meio desta praça de que te não contei as pedras negras, outras brancas, dispostas em desenhos saltados quando íamos para a escola particular: quem pisasse as pedras pretas ia para o inferno: me-renda na mão, colegas de escola um dia apanhados ao fundo da escada, a fazer amor: eram dois: uma e um: dez, onze anos, professora a passar e nada: e eles, os dois, de calças na mão, o tempo quente, os corpos nus: palavra: uma força a subir, o sangue: as palavras: essas agora esquecidas: lembradas: o cabelo de mestre Alberto, o sonho, a praça alagada, triste: a carreira do Tua ainda parte, com pequenas oscilações de horário: as mulheres vêm à praça; os homens regressam: a França, a televisão, uma mistura forte, ao contrário do que eles, os tipos, queriam: pagam as favas, os senhores? Tudo quanto criam, a televisão, a religião, como

conduzem, se volta contra? uma espécie de burro ou macho, por exemplo: o macho do Domingos ficou na lembrança desta vila: era um macho manso: o dono andava com ele ao colo, pegava-lhe nas patas, e o macho deixava: gozava-o, era o que era: o Domingos fartava-se de dizer em todo o lado que o macho dele era o mais manso, o mais trabalhador: ferrava-se que era um milagre: macho de olhos azuis, meu velho: nunca fiando: mas pronto: o macho aguentava tudo aquilo, o dono a mexer-lhe nos sítios: e tu sabes: o Domingos foi envelhecendo: às tantas, um dia de feira, toma: Domingos a gozar os tipos que lhe queriam comprar o macho, mandaram sete contos, raios: ele novamente com as mãos a bater no rabo do macho e o macho às tantas: olha: o sol deslocou-se de lado para ver melhor: foi um grito: Domingos pelo chão, agarrado às partes: levaram-no ao hospital, levaram-no: morreu.

Tenho de voltar atrás: à televisão e à religião: tudo se volta contra: é o processo: nada pode obstar à criação: a malta aguenta mas não perde o jeito: escoucinha: pouco mas escoucinha: os televisores vazios, domingo: é hora de almoço: tu estás para aí pasmado, anda: os intermediários continuam a intermediar o lavrador e a cidade: a praça está na mesma: 1971, dizes: é verdade: ao compasso: medida a raça: o presente: continuamos, os discursos sentados, os presidentes, as associações paradas: outro dia atravessei São Jorge das Marias, ia lá ver aquilo para fazer uma campanha, de publicidade: era preciso vender casas: outro dia vou no carro com os homens da campanha e vejo o mestre Alberto, sentado, aqui, nos arredores de Lisboa: no banco de um jardim pequeno, fresco: vejo-o e sorrio.

Mestre Alberto veio embora, isto é: desapareceu muito mais cedo: há uns bons doze anos que não o via: os seus cabelos estão desondulados, as mãos precisas: entendi-o num relance: qualquer dia, quando deixar isto da publicidade – estás a ver-me dai, não estás – quando deixar isto da publicidade vou perguntar-lhe coisas sobre a vida associativa, das colectividades, de Bragança, de Mirandela, e, toma, daqui, dos arredores da cidade: é capaz de ser homem d'alguma.

---

# Fernão de Magalhães Gonçalves

(1943-1988)

---

## O MODO DE VIDA

**E**, no dia quatro de Agosto daquele ano, dois guardas desmontaram de duas bicicletas e apresentaram-se na taberna de Urbano mostrando-lhe um mandato de captura passado para Alfredo Augusto, filho de pai incógnito e de Maria da Silva, natural da freguesia de Santo André de Jou onde nascera havia 40 anos, e evadido da cadeia de Lamego em circunstâncias criminosas.

– Quer-se dizer, disse o Cabo da Guarda acomodando as espingardas na parte interior do balcão, o gajo deitou fogo à cadeia, pôs-se em fuga...

– E vocês, sem mais diligências, vêm procurá-lo aqui como se Jou encurralasse todos os criminosos do concelho – concluiu o taberneiro, enrolando as mãos nas duas pontas da fita métrica suspensa do pescoço. E acrescentou: O Alfredo era um batedor do mundo.

– Ordens, disse o outro guarda, respirando fundo, desapertando o cinto, desabotoando-se e limpando o suor da testa a um enorme lenço tabaqueiro.

Eram as onze da manhã e o sol dardejava nos telhados e no areal do Largo, em frente. Mas, como a taberna abria portas para poente, ficava-lhe ainda defronte uma franja de alguns metros de sombra. De sorte que os guardas puxaram os mochos e puderam, lá dentro, refrescar de duas horas a pedalar duro. Foi então que Urbano lhes trouxe dois copos de um magnífico palhete quase cor-de-rosa. Ao primeiro trago, deixaram o copo pelo meio.

– Significa o senhor Urbano, então..., adiantou o Cabo.

– Significo, disse Urbano, que nada tenho contra o homem. É certo que não tem religião, mas nisso a culpa é do padre que o não quis confessar por tocar concertina no adro. Mas tem moral. Não rouba, não mente, sabe guardar um segredo. E não joga às cartas.

– Está bem que tenha moral e lá o que é. Mas as nossas ordens são outras, disse uma das autoridades. E vamos por aí averiguar, a ver se as cumprimos.

– Bebam outra vez, disse o taberneiro. Em Cimo de Vila, a Belmira também o lá tem bom. Um tinto encorpado que mandou vir da Terra Quente.

Os guardas retomaram as armas e subiram a rua com as bicicletas pela mão.

Ora a verdade é que a guarda estivera a beber a menos de cinquenta metros do palheiro onde Alfredo Augusto dormia a sono solto, acompanhado da sua velha concertina. Mais precisamente, numa loja do casarão velho do Saraiva – pousada aberta a ciganos, latoeiros, peneiros e pedintes.

Por mais que a autoridade apertasse as malhas, sempre o *Modo de Vida* arranjava maneira de escapar. Com efeito, querido por todos nos onze bairros da freguesia de Jou, ninguém o conhecia por Alfredo Augusto – mas por Alfredo Maluco ou *Modo de Vida*.

A Maria Rata foi a primeira que acudiu à taberna de Urbano. Foi já no fazer dos trocos que ela se debruçou sobre o balcão para se inteirar do caso.

– Andam à procura do *Modo de Vida*?, disse.

– Andam, respondeu Urbano. Mas eu enxotei-os para Cimo de Vila.

– E lá embebedam-nos. É ao que eles vêm. São uns lambões.

– Pois. Mas, desta vez, parecem dispostos a levá-lo. O nosso homem incendiou a cadeia de Lamego. Urbano pôs nessas últimas palavras o tom de quem celebrava um grande feito.

– Ah, homem dum raio, disse logo a Maria Rata. Desta vez, chegou-lhes mesmo o fogo ao rabo. E foi-se a espalhar a notícia.

Terra de almocreves e revendedores de gado, vidas niveladas por um destino a que um tempo indistinto unia as pontas do berço e do caixão – havia naquela freguesia uma espécie de pacto entre a rotina conformada dos hábitos de todos e a permanente clandestinidade transgressiva do Alfredo Maluco. Ele era, assim, a personificação de um *modo de vida* cujo fascínio e atracção a inércia colectiva recalrava, mas que, nos momentos certos, rasgava a crosta quotidiana e se manifestava eruptivamente sem disfarces. Andava meses por fora, ninguém sabia por onde. Enfim, pelo mundo. Regressava geralmente aos domingos de manhã. Quando o pessoal se sumia para a missa, apresentava-se na taberna de Urbano e dizia-lhe:

– Senbor Urbano, guarde-me para aí esse *ferro* todo. E ia tirando pistolas embrulhadas em jornais debaixo do cinto. Só de uma vez, Urbano escondeu seis entre as seiras dos pregos.

Quando se dava o fim de missa, Alfredo abria o fole da concertina no meio do Largo. Os seus dedos moviam-se ágeis nos botões da caixa e no teclado. Um corridinho que fosse soava nos ouvidos de todos como um hino de liberdade. Logo se formava uma grossa corda de povo, à volta. E, chegada a hora, sobravam as pessoas que o convidavam para comer um caldo e beber uma caneca. Foi num desses domingos que deu o diabo ao Alfredo para abrir a concertina no meio do adro, à saída da missa. Isto no tempo do Padre Cipriano. Mal a alegria profana das variações e acordes da concertina penetrou no sombrio interior da igreja – disse quem ouviu que logo o padre roncou que *excomungava aquele maldito*. Pelo menos, telefonou à guarda de Murça para o vir prender. A guarda veio avistá-lo já a meio da tarde, no centro do Largo. Ele cantava à desgarrada com o Frinchas. Só despejava para beber. O povo enchia o Largo e ouvia-os ou dançava. Avisado por gente do *fundo do povo*, Urbano foi esperar os guardas em baixo, à porta do quinteiro, fê-los subir à varanda e pôs-lhes de beber.

– Então, o que há desta vez?, disse Urbano.

– Ordens do Padre, disse o Cabo da Guarda.

– Vêm, então, buscar o *Modo de Vida*.

– Pelo menos, foi ao que nos mandaram, disse o Soldado. Encha outra vez, Senhor Urbano.

– E, já agora, aqui também, disse o Cabo, erguendo o copo.

Dentro, a janela da sala abria para o Largo. E todos se deram conta que o som da concertina se sumira num falatório exaltado que progressivamente se ia alastrando e diluindo pelas ruas que saem do Largo. Entretanto, a mulher de Urbano chegou com um prato de rodelas de salpicão, serviu mais vinho aos guardas e disse:

– O povo desertou todo.

Passou-se cerca de uma hora e eles prepararam-se para descer ao Largo.

– Ainda hão-de dizer que é o seu vinho que nos quebra a sanha, disse para Urbano o Soldado.

– Se é no vinho que está a verdade, como diz que dizem os livros, que mal há nisso?, respondeu o taberneiro.

– Há que realmente não existe culpa formada, mas sempre temos que ir dar uma satisfação ao padre.

– Esse espantalho negro, disse Urbano, faz-me pensar que há qualquer truque entre ele e o inferno. Até a cruz da igreja me faz lembrar que o Cristo está pregado aos cornos do diabo.

Os guardas desceram ao Largo. À boca da rua que sai para Cimo de Vila, um magote de pessoas conversava aparentemente sobre o andamento do mau tempo e os desastres do granjeio das terras. Passaram de lado sem parar, e deram as boas horas. Os guardas simularam a continência e os outros levaram os dois dedos ao chapéu. E quando as autoridades, costeando a forja do Armindo Ferreiro, montaram as bicicletas e se perderam na recta do cemitério – logo a Maria Cordoeira abriu o postigo e disse para o magote de pessoas que, na realidade, estava ali de vigia:

– *O Modo de Vida* é o rei do povo.

Palavras não eram ditas, um rasgado acorde de concertina veio contra as testadas das casas e encheu de novo o Largo.

– Onde te meteste tu?, quis saber Urbano.

– Olhe, disse o *Modo de Vida*, em sua casa, mesmo por baixo deles. Na loja do burro.

– Já agora, podias ter subido à varanda e bebias com eles, disse uma das pessoas que o tinham estado a guardar.

– Tiravas-lhes logo o apetite e a sede, acrescentou alguém.

– Nós aqui de plantão, rematou outra pessoa, e os tarimbeiros têm-te mais medo a ti que tu a eles.

O *Modo de Vida* cingia a concertina ao ventre, dedilhava desembacadamente em velozes contra-compassos e a alegria da música transbordava-lhe de um sorriso fixo, indeciso e profundo, que o roxo das olheiras e o baço das pupilas identificavam com a paixão continua da aventura, do risco e da morte. Conhecia todas as cadeias das redondezas, de todas elas se desenhara com inigualável presteza, e corria que nelas apanhara até um mal ruim de pulmões.

Mas estas coisas são do período áureo do *Modo de Vida*. Agora, as autoridades desleixavam as ordens do padre. Porque, a princípio, levavam-nas bem a sério. Tanto mais que Urbano, por essa altura, estava posto em Murça como comunista. Ora, albergar o Alfredo Maluco era agravar a denúncia, pois significava proteger um desordeiro.

– Que é isso o que é o comunismo, dizia o Padre Cipriano.

De sorte que o *Modo de Vida* era sucessivamente preso. Depois, como não lhe engendravam culpa sustentável e acabavam por nem saber porque o tinham prendido – ou ele fugia ou o punham em liberdade. Até que as autoridades se encheram dele e ele se encheu das autoridades.

Na última vez, os guardas conduziram-no a pé até ao alto do Pi-



coto. Como dali até Murça o caminho era mais ou menos ao fundo, eles montaram as bicicletas e o Soldado fê-lo sentar, atrás, na grelha do porta-bagagens. Alto, bem servido de pernas, Alfredo logo deu conta que as biqueiras das botas lhe rapavam o chão. E, nisto, a meio de uma ladeira, esticou os joelhos, levantou o tronco, deixou seguir a bicicleta e atirou-se aos boleirões para o meio de um centeal que ladeava a berma. Só já muito lá em baixo, os guardas deram conta do ocorrido. Mas continuaram a marcha para Murça. E, no Posto, declararam não lhe ter posto sequer o olho em cima. A partir deste sucesso, quando por acaso o avistavam – os guardas mudavam logo de caminho ou davam-lhe tempo de se desviar.

Mas, no dia quatro de Agosto daquele ano, os guardas traziam ordens mais puxadas que vinham mesmo de baixo. Pela tardinha, vindos da casa do padre, desceram de novo ao Largo. Não lhes foi difícil localizar o *Modo de Vida*, que tocava concertina na eira do Amado, no fim da malhada do Alfredo Freiro.

Chegaram-se a ele e, com bons modos, deram-lhe voz de prisão. O *Modo de Vida* ouviu-os sem surpresa, fez questão de acabar aquele corredinho e, depois, fechou a concertina. O Cabo conduziu-o, então, ao meio do Largo. Ouviram-se três badaladas no sino grande. O inesperado desfecho da tão curta glória do incendiário da cadeia de Lamego carregou a imaginação colectiva do fantasma de o seu herói ir passar o resto dos dias numa enxovia escura, enterrado na água até à cinta e passando lazeira e frio. O Largo encheu-se logo de povo. Viam-se mulheres a chorar e até mesmo algumas pessoas secavam os olhos com as costas das mãos. E não faltou logo quem improvisasse um saco onde uns vinham pôr merendas de carne, outros queijos duros, outros pães centeios inteiros, outros fumeiro, bocados de presunto, malgas de marmelada e ovos cozidos.

O *Modo de Vida* sorria o seu largo sorriso triste. E dizia que não queria levar nada. Os guardas, em pé, serviam-se de vinho e aconselhavam-no familiarmente:

– Leva, Alfredo. Leva.

– Olha que eles vão fazer-te passar fome de cão, diziam-lhes as mulheres.

– Não faz mal, respondia o Alfredo.

Entretanto, o Soldado tinha-lhe atado uma corda à cinta e ambos os guardas bebiam e conversavam sossegadamente com uma roda de pessoas.

Mas, atenta aos movimentos do Alfredo, a Maria Cordoeira gritou tarde de mais. O estampido de três tiros batera repentinamente nas paredes do Largo. Uma onda de povo acorreu. O corpo do *Modo de Vida* caíra de bruços, desajeitadamente, por terra, e um fio de sangue corria-lhe da cabeça sobre o fole da concertina. Da mão pendia-lhe ainda uma das pistolas que trazia à cinta.

– Acabou tudo, disse a Maria Rita, enxugando os olhos e cochichando rezas.

E ainda hoje, quando em Jou se rememoram as coisas do passado, se diz que tudo aconteceu antes ou depois do quatro de Agosto daquele ano.

---

## Maria Hercília Agarez

(1944)

---

### O PADRE DA PENA

*A língua portuguesa é muito traiçoeira...*

Quando Zeferino apareceu na aldeia de S. Miguel da Pena, vinte anos após a ter trocado pelas roças brasileiras, houve quem não o reconhecesse, no seu fato e sapatos claros, no tom moreno da pele outrora pálida, nos trejeitos amaneirados. Não escaparam a ninguém dois dentes de ouro, pequeno indício de uma riqueza suada.

Tinha vindo passar um mês de férias e, com uma cajadada, matar vários coelhos: visitar a família sobrevivente, rever o torrão natal nunca esquecido, espairecer do desgosto causado pela morte da mulher ocorrida havia mais de um ano e de que ainda se não refizera e, quem sabe, arranjar para ela substituta disposta a acompanhá-lo para as longínquas terras do samba e dos coqueiros.

Foi recebido em festa. Os reais amealhados não lhe tinham subido à cabeça. Satisfez a natural curiosidade dos conterrâneos, contando com pormenor o rol de peripécias por que passara até encontrar a estabilidade económica, obtida com muito trabalho forçado ao serviço de um “coronel” déspota que tratava como escravos os empregados do seu imenso cafezal.

Agora era patrão de si próprio. Abrira um pequeno comércio ligado à venda de frutas e hortalças, numa cidade nordestina, cuja clientela era, em grande parte, constituída por compatriotas, conquistados pela simpatia do atendimento e pela qualidade dos produtos.

Não estranhou a simplicidade da casa paterna, mantida rigorosamente na mesma. Só sentiu falta de uma casa de banho, acostumado que estava à sua higiene diária, hábito considerado esquisito desperdício por quem se limitava a lavar a cara e os pés, esses com mais esmero aos domingos, quando os trapos puídos usados na lavoura davam lugar à roupa de ver a Deus. Exemplo paradigmático da fobia à água daquelas gentes era o caso da Ti Piedade. Casara aos vinte anos, pela Senhora da Saúde e dizia, já entredota: – Água neste corpo, só dos joelhos para

baixo e do pescoço para cima. Banho inteiro, chegou-me o que dei no dia que disse o sim ao meu Honório, que Deus o tenha em descanso.

Passados uns dias da chegada, feitas as visitas a vivos e mortos, mitigadas as saudades do presunto, das alheiras e dos salpicões, começou o brasileiro a deitar olho discreto às poucas mulheres disponíveis e em idade de procriar. Embora se considerasse um bom partido, com os seus quarenta anos ainda frescos e com pecúlio encorajador, não procurava nenhuma estampa. Bastava-lhe, para companheira, mulher honesta e trabalhadeira. Se lhe desse um filho, tanto melhor. Um homem sozinho é num homem aleijado a precisar de quem lhe deita a mão.

A escolha acabou por recair na Rita Pitrês, sua prima em terceiro grau, zeladora da igreja, catequista, ensaiadora do rancho folclórico e exímia bordadeira de enxovais para meninas da vila, sua única fonte de rendimento.

Não se sabia bem por que razões não tinha arranjado aconchego. A verdade é que a beleza não parou ao passar por ela. Nem com grossa camada de pó de arroz conseguia disfarçar as bexigas, ingrata recordação de infância. Nas costas, chamavam-lhe Rita Ratada e caçoavam dela por lhe não terem conhecido nenhum derriço.

Apesar de ocupada o dia inteiro com os seus afazeres, a solidão doía-lhe como ferida aberta. Revoltava-se todos os dias de manhã ao ver a sua imagem reflectida no espelho, enquanto enrolava a trança e fazia o poupo. Então, desabafava com a imagem da santa sua homónima de quem era beatamente devota. Já que na igreja não havia lugar para Ela, adquirira uma num santeiro de Braga num domingo da festa do Bom Jesus. Pusera-a no quarto, em cima de uma peanha dourada e todos os dias renovava as flores com que comprava a sua protecção.

Quando Zeferino, após abordagens vagas e temerosas, formalizou o pedido de casamento, pediu-lhe um dia de espera pela resposta.

O Padre Sebastião aconselhou-a a aceitar a proposta. Sabia-a, com a experiência de muitos anos de confesso, naquela idade perigosa em que as mulheres, de instintos recalcados, são capazes de abrir as pernas à revelia das normas da Santa Madre Igreja...

Quanto à santa, também consultada, pareceu sorrir-lhe, satisfeita com o milagre que a si própria atribuía.

O enxoval estava feito. Bastava pô-lo a arejar e passá-lo por água para lhe sair aquele cheiro a cânfora entranhado durante anos. Família chegada só o irmão, a cunhada e os sobrinhos a quem pouca falta fazia. A santa podia acompanhá-la. Não encontrou, portanto, razões para

continuar presa àquela terrinha onde poucos a acarinhavam, alheios aos serviços que prestava benevolamente.

A viagem de barco intimidava-a. Ouvia falar de enjoos desesperantes, dos intermináveis dias sem terra à vista, mas confiava na sua protectora e no poder do Anjo da Guarda.

Apressaram-se os papéis, os banhos foram lidos, como de costume, e, uma semana antes da data marcada para a partida, o velho padre abençoou aquela união.

Rita escolheu para aquele dia um fato de saia e casaco bege, não prescindindo do ramo de flor de laranjeira a anunciar uma virgindade sem mérito de que ninguém duvidava.

Não quis vender a casa, pequena mas típica da região, de pedra à vista e com varanda de madeira onde se acotovelavam vasos de sardineiras e de malvas. Alugou-a ao Bento Moleiro com a condição de a estimar e de a deixar devoluta se um dia voltasse.

– A vida dá tantas voltas como as velas do teu moinho em dia de vendaval. A gente nunca sabe o dia de amanhã. Vale mais prevenir que remediar. Estamos conversados?

Esta pressagiosa dúvida constituía nota dissonante numa sinfonia que a recém-casada parecia antever tão patética como a de Tchaikovsky. Como diz o povo, “quando a esmola é grande, o pobre desconfia”. Aquelle feitio pessimista não lhe dava tréguas, nem lhe permitia usufruir em pleno os pequenos e raros prazeres que a vida lhe concedera. Seria desta vez que iria provar o sabor da felicidade?

Chegado o dia da despedida, Rita, nem que o quisesse, não conseguiria traduzir a amálgama de sentimentos contraditórios que se digladiavam no seu íntimo. A alegria era melancólica, a esperança eivada de maus pressentimentos, o alvoroço mesclado de apreensão.

Passado o tormento da viagem, começou a tentativa de adaptação àquele espaço onde cabiam todas as aldeias do seu país. Com força de vontade e a ajuda compreensiva do marido, lá se foi habituando ao clima, aos costumes, ao modo de falar, ao sabor dos frutos tropicais, tão diferente do das ameixas e dos figos do seu quintal.

Do trabalho não tinha razão de queixa. Em casa, a mucama preta encarregava-se de todo o serviço e cozinhava tão bem aquela carne com feijão e outros petiscos que logo esqueceu o bacalhau com batatas, o arroz malandro com pataniscas, as sardinhas assadas com pimentos e outros sabores bem portugueses.

Podia, assim, a mulher do Zeferino dar-lhe uma mãozinha no ne-

gócio, ela que tinha tino para contas e bons modos para os fregueses. Ao serão, matava saudades dos seus bordados sobre os quais desabou, num abrir e fechar de olhos, uma chusma de clientes.

Chegou a engravidar, mas dois abortos sucessivos deitaram por terra a esperança de dar um filho ao homem a quem, com o tempo, acabara por afeiçoar-se e que não merecia aquele fim.

Um dia partiu bem cedo para se abastecer de fruta numa fazenda a duzentos quilómetros de casa. Deve ter adormecido ao volante e despenhou-se numa ribanceira donde o arrancaram, a custo, sem sinal de vida.

Perdeu, com este trágico acidente, todo o sentido a permanência de Rita naquele fim do mundo. Escreveu ao irmão, anunciando-lhe o regresso e pedindo-lhe para dele dar notícia ao Bento Moleiro que dispunha de um mês para entregar a casa, conforme combinado.

– Olhe que a senhora sua irmã parece que adivinha as coisas. Herdou esse poder da sua santa mãezinha que Deus haja. Foi ela que me disse, ao ver a minha Florbela branca como cera e delgada como cana de milho, não durar ela o tempo de ir à escola. E assim sucedeu. Ele há cousas...

Chegou Rita à Pena no tempo das cerejas maduras, reluzentes como os olhitos dos melros ougados a baterem as patas de contentes: “Do cerejo ao castanho, bem me amanho; do castanho ao cerejo mal me vejo”.

Vinha carregada de um luto compensado por uma confortável situação financeira, providencial para o futuro do sobrinho mais novo, seu afilhado.

Desde a primeira classe revelara o Felisberto uma evidente aptidão para os estudos. Inteligente e aplicado, augurava-lhe a mestra futuro diferente do das outras crianças. Ficar o rapaz a embrutecer agarrado à sachola seria um desperdício. Várias vezes tentou convencer os pais a deixá-lo ir em frente, nem que para isso tivessem de vender um lameiro, herança pobre, mas ciosamente conservada.

Com acanhamento humilde, sondou Tiago a irmã sobre a possibilidade de dar uma ajuda na educação do rapaz, de modo a mandá-lo para o liceu da cidade e depois, podendo, para a universidade. Sabia que estava a sonhar alto, mas as palavras da professora não lhe saíam dos ouvidos. Ter um filho doutor, que maior gosto pode um pai humilde pedir à providência?

Rita ouviu calada e pensou com os seus botões: “Esmola a Mateus, primeiro aos meus.” Mas tinha uma condição: pagaria os estudos ao afi-

lhado, se ele quisesse ser padre. Quantas vocações não nasceram assim, aos dez anos, por obra e graça de madrinhas solteironas ou de devotas viúvas sem prole?

O miúdo aceitou a vontade da madrinha, depois de ter ouvido os argumentos dos pais que não cabiam em si de contentes. Ser doutor ou padre é assim tão diferente?

Se, por um lado, a debilidade física o impedia de realizar trabalhos agrícolas, por outro, não lhe desagradava o ritual litúrgico em que colaborava, por sua livre vontade, como menino do coro. Sabia de cor toda a missa em latim e fazia uma perninha com direito a moeda de cinco coroas em cerimónias fúnebres ou festivas.

Quantas vezes não ouviu da boca do representante de Cristo naqueles confins: – Ó rapaz, tu tens mesmo jeito para isto. Assim os teus pais tivessem posses para te mandarem para o seminário... Eu já vou nos sessenta. Mais dez ou doze ainda me aguento, se for essa a vontade de Deus. Se fosses tu a render-me...

Perante isto, não tardou o anteprojecto clerical a esperar pelo fim da missa de domingo para lhe dar a grande novidade.

– Senhor Padre Sebastião, adivinhe lá o que tenho para lhe contar!

O bom do prior foi tão certo como se atirasse às perdizes, único desvio da prática sacerdotal que lhe conheciam. Sentiu-se na obrigação de estimular o ganapo, enaltecendo as compensações da entrega ao Senhor e lembrando-lhe o escrito de S. Mateus: “Muitos são os chamados, poucos os escolhidos.”

No dia um de Outubro de 1940, palmilhadas quase dez léguas sobre o orvalho fofo da madrugada, foi a “encomenda” entregue no destino. Levava na mão um saquitel com o indispensável para os primeiros dias. O resto seguiria com o recoveiro que só ia à “vila” nos dias de mercado, duas vezes por semana – uma maleta com o humilde enxoval, uns frascos de mel da tia Jacinta, remédio santo para tosses e dores de garganta, e uns salpicões do lombo para horas de desconsolo.

Durante os anos passados no seminário, nunca Felisberto deu azo à mais pequena repreensão. Contrariamente a alguns colegas, jamais se desviou um milímetro da rígida disciplina imposta pelos superiores, nem pactuou com partidas e malandrices próprias da idade.

Embora tivesse sido testemunha calada de prevaricações mais ou menos inocentes, nunca denunciou ninguém, mas nem assim escapou à alcunha de “santinho da Pena”, inspirada pelo seu comportamento.

Durante os recreios, enquanto os colegas jogavam à bola, refugiava-

-se na biblioteca a empanzinar-se de hagiografias. Franzino e medroso, inábil tanto na defesa como no ataque em jogos de futebol, poupava as canelas recorrendo àquele subterfúgio da leitura para a qual, no fundo, sentia apetência.

Depressa passou aquele período de formação religiosa. Versado em todas as matérias aprendidas, “barra” em línguas vivas e mortas, sabendo de cor todas as parábolas dos evangelhos, foi Felisberto ordenado, em cerimónia repleta de emoção simbólica, na Sé Catedral. Lá estavam os pais e os irmãos, a benfeitora e, claro, o Padre Sebastião, aliviado por ver, enfim, chegada a hora de passar o testemunho. Estava velho e cansado. As caminhadas a pé até ao cemitério deixavam-no exausto e chegava a adormecer no confessionário, embalado pelo sussurro inaudível das beatas a desfiar o rosário de pecadilhos que conhecia de cor e salteados.

O novo sacerdote foi recebido em festa em S. Miguel da Pena. Os habitantes da aldeia recôndita não ficaram indiferentes àquela composição respeitável de coroa, sotaina e cabeção e foi com orgulho que, ordeiramente, o foram felicitar.

Na primeira missa que rezou, como sempre às dez horas de domingo, a velha igreja medieval estava ainda mais cheia do que o costume. À devoção, acrescentava-se a curiosidade. Os sermões do bom velho tinham-se transformado, havia muito, em lengalengas engroladas e sedativas. Era preciso sangue novo, capaz de galvanizar uma assembleia amorfa e conduzida ao santo sacrifício mais por rotina do que por apelo espiritual.

As expectativas não saíram frustradas. Na véspera, depois da ceia, encafuou-se o pastor das almas da Pena no quarto outrora ocupado pela irmã, entretanto casada e a viver em Sapiões. Era um compartimento amplo, mobilado de novo com cama francesa, guarda-fatos, secretária e estante, tudo comprado por bom preço à família Botelho quando esta vendeu a moradia para ir viver para o Porto.

Aí preparou o sermão com o desvelo de actor em princípio de carreira. Começou por escrevê-lo, metodicamente, segundo tópicos preestabelecidos, de acordo com o conteúdo do evangelho. Depois levantou-se e leu-o até o decorar, dirigindo-se às paredes, silenciosas espectadoras de tão empolgante monólogo. Ensaiou gestos e inflexões de voz, contou o tempo pelo Ómega (presente da ordenação) e só deu sossego à mente cansada quando lhe pareceu ter a lição sabida. Aliás, teria mesmo de deitar-se, que a torcida da candeia começava a apagar-se por falta de petróleo.



Às oito horas da manhã seguinte estava na sacristia, disposto a ouvir em confissão quantos o desejassem. Foram poucos os interessados. Com o Padre Sebastião estavam à vontade e não lhe temiam as penitências. Agora as coisas mudavam de figura. Era preciso dar tempo ao tempo para ver se este era de confiança. Aliás, nada de muito grave justificava pedido de perdão. Tirante as zangas de comadres, delito mais frequente e menos grave, lá atravessavam os buracos do confessionário umas facaditas no matrimónio, uns marcos desviados do lugar, uns pensamentos libidinosos de mulherio sem macho, umas disputas por causa das águas de rega e pouco mais.

Como ficou dito, estava como um ovo a igreja naquele domingo de estreia do novo “actor”. Pela primeira vez o povo o via paramentado. As raparigas novas abafavam risinhos maliciosos ao vê-lo aparecer, esgrouviado, de sobrepeliz pouco abaixo dos joelhos.

– Deste espantinho não vão os nossos conversados ter ciúmes, murmurou a Rufina Parreca ao ouvido da Teresa Fazminga, ambas pouco dadas a rezas.

Estava a chegar ao ponto alto a celebração. Tentando disfarçar o nervosismo, começou o padre a edificante prática. O evangelho versava o milagre que Cristo fez nas Bodas de Caná ao transformar a água em vinho a pedido de sua mãe. Fê-lo com tal clareza e realismo que os frequentadores da tasca do Zé das Iscas nem esperaram pelo *ite, missa est* para aí irem matar a sede.

Diga-se que a actividade sacerdotal do Padre Felisberto foi semelhante à dos seus antecessores. De relevante, apenas haverá a registar pequenos episódios tornados motivos de galhofa e que se prendiam com a sua ingenuidade e tendência para o alheamento. De todos, um ficou célebre e atravessou, até hoje, várias gerações.

Num dia em que reunia com o grupo de catequistas encarregue de preparar as crianças para a primeira comunhão e de que fazia parte a filha mais velha do António Grilo, virou-se para elas em tom ameaçador e com cara de poucos amigos:

– Andam para aí uns zunzuns que não me agradam nada. O vosso comportamento tem de ser irrepreensível. Lembrai-vos que sois o exemplo desses inocentes a quem ensinais a doutrina. Se me vierem contar alguma desavergonhice vossa, garanto-vos que tomarei medidas drásticas. Já cortei a Grila e corto o resto, se for preciso.



---

## Odete Ferreira

(1946)

---

### SECURA DA VILA

**A** água era então um bem que se acarretava dos marcos espalhados pela vila ou, quando estes se negavam, das fontes mais além.

De manhã cedo, a minha mãe pega no cântaro de lata que o latoeiro lhe deixou como novo, com uns pingos que lhe deitou na asa, e leva-o ao marco do Vale. Para lá, desce, lesta, a rua do Depósito, a bambolear o vasilhame.

– Bom dia, ti António, então senhora Júlia, como está dona Aidi-nha?

O marco é um poste de ferro, com ar de sargento, entroncado, meia altura, com boca de torneira, que jorra ou pinga, conforme lhe mandam as entranhas.

Quando lá chega, já uma fila de cântaros se encosta a fazer vez, soltos e sôfregos, num frenesim de secura.

Nem todas as mulheres têm paciência para a espera.

Há quem guarde a vez para outras e cobre a cinco c'roas o favor.

Há quem tenha uma vez, há quem tenha sete vezes.

– Pode quem manda!

Acomodam-se umas.

– Isto é uma pouca-vergonha!

– Os ricos, até o rio regavam se pudessem. Sete cântaros é obra!

Outras vomitam, entre dentes, raiva e palavrões que o quartel da guarda é perto e o faltar ao respeito pode ser multado.

Mal se chega à corda da torneira, escancara-se o cântaro de riso, a espanejar-se e a babar-se de gozo. A dona limpa-lhe as barbas e, se não tem outro para encher, puxa-o à anca, finca-o no quadril, agarra-lhe a asa e ela lá vai, a tremelicar a água e a espevitar o corpo.

Outras vezes, coroa a cabeça, com a rodilha de trapos a acolchoar o peso, encarrapita o cântaro no alto da cabeça e faz o caminho de volta, numa dança esguia, sem passos trocados.

A Maria Sabe-Tudo tem mais que fazer.

– Ah, ti Beatriz, deite-me aí o olho ó cântaro que eu vou-me ó Sr. Herculano, a mercar uns ganchos prò perquilho. É um ápice.

A ti Beatriz Paz d'Alma acena que sim.

Alonga-se o ápice da Maria que compra uma pestana de bacalhau, um quarto de quilo de arroz, uns metros de popeline prà camisa do homem e um pau de sabão que amanhã é dia de barrela.

Já o cântaro da ti Beatriz canta a meia fartura. A Júlia Mão-lesta dá-se conta da demora da Maria, passa-lhe a perna, atrasa-lhe a vez e ajeita um ar saído do confesso. A Maria vem de lá e percebe a marosca.

– Ah, ti Beatriz, vossemecê é que é mulher de recado!

E vareja a ti Júlia de alto a baixo.

– E tu, sua Descaradona, que é que julgas? Que me fazes a mim o que fazes ó teu homem, que lhos pões na dianteira?

Ah palavras pra que te quero! A ti Júlia afivela a língua e aí vai disto:

– Ah, sua bigairista. Só sabes levantar quelunas, sua aldrabona dos infernos.

Avança a Maria, de braços no ar, entesa-se a Júlia a fazer-lhe frente, tropeça a ti Beatriz a parar a pouca vergonha, desencostam-se os cântaros, rebolam-se sem tino, a ti Amélia Remansa a arengar:

– Acalmai-me esses nérbios, e tu, Maria, vê lá no que te metes. Atão, mulher, tu dizes uma coisa dessas, que a Júlia anda a enfeitar o homem, isso é coisa que se diga, olha que ela leva-te à guarda.

A Maria endireita a blusa, estica o avental, carrega os olhos na outra e fisga-lhe a pedrada.

– Ora essa, sempre oibi dizer que quando no los tenem, se los ponem.

A Júlia branqueia-se de raiva, vira-lhe o traseiro e afinfa-lhe três palmadas.

A Maria ainda se abalança, mas já a Zabel Fala-Mansa lhe corta a gana e lhe abana os olhos, quase a revirarem. A guarda ouve o alvoroço, chega-se ao juntório, quer saber do arrazoado, manda perfilar os cântaros, o mulherio a guardá-los, e dirige as operações.

– Agora avança vossemecê, depois é a sua vez, vossemecê já vai no quinto mas está bem, como tem o jardim tem direito a mais.

E a minha mãe a temer-se que a guarda se zangue e mande fechar a água e, depois, só dali a quatro dias é que a abrem outra vez, e chegar à fonte do convento, ou do carril que seja, é um cabo dos trabalhos. A Júlia já vai numa fona, a água a entornar-se, a despachar a raiva.

– Ora uma destas! Ora uma destas!

A Zabel acomoda o cântaro da Maria e ela vai-se assossegando. Assenta a vasilha bem na anca e vai-se até casa a remorder o mau trato.

– Ela paga-mas, olá se paga, mais eu queria que um cão me morresse, se não mas paga.

Na fonte do Convento, a mesma encanzinação. Ainda a madrugada vem a meio do caminho, já a parada do vasilhame se arruma à porta do convento. Mal a senhora D. Elisa, santa senhora que assim atende à sede da vila, manda abrir os portões, é um atropelo de gente a agarrar-se à bica. Até a água que escorre no manadoiro se aproveita que há sempre um destino sequioso, nem que seja um chão para esfregar. E, em casa, há que poupar. Também se poupa a pele, que se escusa a banhos frequentes.

– Todas as semanas? Bô! Umas três vezes vez por ano e... e... Na festa, por casa da roipa nova, na Páscoa e aí pelo S. João, que é quando começa a aquecer – ria-se a senhora Francisca. – Bem, uma pessoa também tem que se compor, antes de ir prò outro mundo. Olha qu'inda num há muito tempo, a ti Lúcia Corcheta me apareceu aqui a dizer que se ia a morrer e que já estava prontinha, que num queria que lhe andassem a bisbilhotar o corpo. Isto já lá vão uns dias, se demora muito, ou passa outra vez o corpo a pente fino ou alguém lhe faz a barrela.

No corredor, ao canto, um depósito de zinco arrecadava a água do comer, do beber e do lavar, que a minha mãe empoleirava no quadril, do largo do Vale até à Praça, às vezes das fontes de Vale de Igreja ou do Carril, que borrifavam a vila, quando os marcos secavam no pico do Verão.



---

# Rogério Rodrigues

(1948)

---

## CARTA À NETA

**Naquele tempo tinhas sete anos  
mais velha do que os pássaros  
mais forte do que as flores  
mas voavas como os pássaros  
e eras mais bela que a beleza.**

Naquele tempo tinhas sete anos  
alguns enganos e nenhuns desenganos  
e os barcos perdidos andavam à procura  
das margens ainda por encontrar.  
O sol não era luz mas segura  
e tão sofrido era o deserto que por perto  
nem areia havia para o nomear. Ninguém  
conhecia ninguém e os frutos recolhidos  
na noite sabiam a estrelas amargas.  
Os deuses devoravam deuses, mas tu  
caminhavas. Pequena e bela, caminhavas  
em estradas que não havia, a futurar.

**Naquele tempo tinhas sete anos  
e o céu mal cabia no inferno  
tão cheio que estava de lamentos  
de quem se recusa a acreditar.  
E os pássaros enlouqueciam  
e as flores frágeis adormeciam.**

Passaram as estações como se tivessem passado  
e os limoeiros da lembrança foram cortados  
a mando dos dias ocultos que nos devastaram.  
Nas manhãs calcinadas da alegria, com a quimera  
amarrotada na algibeira, penso em ti, como

se o teu futuro fizesse parte do meu passado.  
Olho-te amanhã olhando-te hoje, ainda  
que a cegueira esteja tão próxima que só sinto  
que te estou a olhar sem te ver. Trago  
pedras que muito pesam mas não liberto.  
Trago feridas, o caos e ternura deserdada  
porque para tudo dou nada e a noite sangra  
só de me conhecer. Dá-me um gesto para te agradecer.

**Naquele tempo tinhas sete anos  
e nada havia que não tivesses:  
uma lua, um anel de brilho sagrado,  
um riso sem mácula, que a madrugada  
te acompanhava, amiga e alada  
até ao último transporte da alegria.**

No crepúsculo da tristeza, lembra-te  
dos dias luminosos, quando caminhavas  
com as mãos coloridas e lenços brancos  
como velas de um navio que tu eras.  
Mas o tempo corrupto corrói-nos até secar o osso.  
Como te hei-de dizer que fiquei sempre  
à porta do infinito com a chave errada?  
Se um dia te disserem que passei na vida  
como ausência, acredita. E o ausente se diluiu  
como fertilizante na terra de ninguém, acredita.  
E que dos teus lábios floresçam palavras  
sinais de que o voo da borboleta procura  
a harmonia e que nas terras altas do castigo  
o sofrimento ensaia melodias sem sentido.  
Voltarás um dia como folha limpa e branca  
para desenhar sonhos que já não posso acompanhar.  
Dói-me ter alma e não há segredos para revelar  
nem heranças nem destinos. Apenas um viajante  
sedentário que sabe nunca chegou a nenhum lugar.  
Que os teus olhos não se cansem a olhar a tristeza  
mas que as tuas palavras amanssem a amargura  
e tragam nas suas letras a explicação do silêncio.



Quando passeares na cidade, não te esqueças das montanhas.  
Ali se escondem os espíritos, os abandonados pelo tempo,  
os banidos ladrões falhados do assalto à alegria.  
Serei uma sombra, um nome vago, um morrer  
sem memória. Não serei. Obscuro nulo de nada. Talvez um grão.  
Estou deabalada para dentro de mim, sem bernal nem seguro.  
Mas como eu sonho que um violino me toque como  
se eu fosse o violino e a sua melodia. Flor,  
deixa-me os espinhos e respira. Sinto que é brisa.

O poço da frescura vai secando. A metáfora sofre  
de artrite, o verbo iluminado esmorece, os filamentos  
do sonho fundem-se e Deus chegado a esta idade já não me habita.  
E a ternura é um lenço sujo que escondo no bolso roto.

**Naquele tempo tinhas sete anos  
e ainda havia guerras e povos  
e gente mal vista que pedia  
esmola como sentinela em riste  
com granadas de dor prestes a explodir  
e nós sem dó ouvíamos cantos e não prantos.**

Abertas as pétalas da memória lembro-te como se fosse amanhã  
e a chuva no seu ciciar em chão translúcido  
não conseguisse apagar as tuas pegadas. Na primeira hora da noite  
o caracol voltou a casa e noutros lugares de infância acenderam  
a lareira. Há dores que se queimam nestes incêndios antigos.  
Retomo a mão que não aguenta o movimento. E recolho-te  
à distância, como se jogássemos às escondidas, para enganar  
o tempo. Não me vês mas eu vejo-te e mal a mão sossega  
num aceno que ninguém aceita. As palavras são tão breves  
que não chegam até ti. São tão surdas que ninguém pára  
para as ouvir. Descarrego sombras e melancolias, no vício  
de julgar que o barro se transforma em ouro e quando  
te acenar todas as sirenes do Mundo começam a soar.

O corpo está cheio de apelos, coberto da cinza do vulcão  
luz do Mal em áridos campos de erva queimada.  
Mas tu voaste sobre a cratera e soubeste histórias

de um vulcão que morreu de tristeza ao ver que o trigo não crescia  
e os animais pujantes fugiam da lava fria. Um dia vais saber  
o que estava no interior do vulcão: pedras, fogo  
proibido e roubado aos deuses, ameaças e ventos com grilhetas.  
Hoje é dia de nada e os bêbedos encostam-se aos lugares  
mais estranhos da terra, falsas sibilas de hálitos falhados.  
Olho-te amanhã como se fosse ontem, no ludíbrio de espelhos  
que nos iludem como habitantes do País das Maravilhas  
e a Utopia e o Futuro fossem duas aves bem-vindas  
no precipício, sedutoras como a Morte que se esquece.

**Naquele tempo tinhas sete anos  
mais que ter eras o tempo de ser  
e não havia flores que te não cheirassem  
nem pássaros que te não cantassem.  
E os passos que davas eram mais  
do que passos: longa viagem sem terminar.**

Escrevo-te esta carta como se o tempo já tivesse passado  
sobre ti e parado em mim. Não acredites no tempo  
e na sua ilusão. Amanhã julgarás que ontem não foi diferente  
do que julgas. Mas foi. Na penumbra a música  
começa a chover com remos ao fundo  
para viagens sem destino até ao quebrar  
da quilha ou o rio transbordar das margens.  
Olha como são antigos os mitos e bebemos sangue  
fartos das promessas de mel e leite e água pura.  
Queria que soubesses que o Mundo não vai acabar  
que só acaba quando nós acabamos, um a um,  
flores pisadas quando todos correm em direcção ao terror.  
Amanhã já o braço me pesa para te dizer adeus  
já os olhos te confundem com uma flor boiando no lago.

Escrevo-te esta carta para leres quando já não existirem cartas  
e se acreditares na Idade do Ouro eu também acredito  
ainda que não acredite. Mas tu és a crença e a minha  
senha para qualquer outro lugar. Deixemos que os mortos  
nos esqueçam e com os teus olhos contempla os vivos  
e com as tuas mãos liberta o vento e exalta os dias.

As trevas aproximam-se. Ouvem-se no silêncio.  
Trazem contas para ajustar. Não temas. Canta e  
ilumina as trevas e embala o silêncio  
até ele morrer. E canta, canta com paixão  
e compaixão pelos que já estão proibidos de cantar.  
Escrevo-te esta carta à beira do cais, à espera  
de um barco que não há meio de chegar.

**Naquele tempo tinhas sete anos  
que ninguém mais pode inventar.  
Os dias eram curtos para tanto sonho.  
O tempo que demoraste aqui chegar!  
Já demos a volta ao mundo  
está na hora de regressar. Os  
que já entardecem, saúdam-te.  
Vá, acorda, começa a madrugar.**

## STABAT MATER...

Mãe, não me lembro dos teus olhos.  
Mãe, só me lembro do teu olhar.  
Do esquecimento do tempo já não sei  
os anos. Exaustos fixamos o futuro  
com tantas amarguras do passado  
que o sorriso é a última flor  
que apertamos de mãos dadas  
numa indiscreta ilusão. Somo dois  
como “sino dolente na tarde calma”.  
Vestimos as palavras com trajes decentes  
não vá o futuro pesar-nos na memória.

Mãe, quantos dos ecos não respondem à voz  
apenas falsos simulacros do que quisemos  
dizer? Não lîgues, mãe, ao som do pássaro  
desavindo com os seus. Errante ao crepúsculo.

Qualquer dia faz anos que a morte nos  
ensombrou. Qualquer dia é sempre  
um dia em que não sabemos porque  
esse dia foi. Esperei esmagado que  
os mortos ressuscitassem. Vem aí  
o frio. Mãe, aconchega-me no teu  
regação flácido, como se houvera ainda  
esperança que a neve nos tornasse  
puros e isentos da morte do futuro.

Mãe, não me olhes como se não olhasses.  
Deixo nas tuas mãos a última mágoa  
de não ter sido feliz. Fui justo para contigo, Mãe.

## QUANDO O NATAL CHEGAR...

Quando o Natal chegar  
liberta o pirilampo e liberta a Luz  
arruma a ternura e arruma a casa.  
E areja o sótão da tua infância.  
Quando o Natal chegar  
dá música aos surdos  
e palavra aos mudos  
afaga laranjas nas mãos frias  
e figos secos ao luar  
e amêndoas de Agosto a quem chegar  
e limões, e ácidos limões, em teu lugar.

Quando o Natal chegar  
à beira do rio olha a outra margem  
cheia de sombras, pedras e perdas  
e abre os braços, colunas e pontes  
e começa a tocar a alma qual piano  
na translúcida mágoa de nada tocar.

Quando o Natal chegar  
Jesus já passou sem passar  
na barca do tempo, entre margens  
sem rio, mas à beira de naufragar.  
Quando o Natal chegar  
não leves granadas para casa  
nem bombas para qualquer lugar.  
Caça pombas ao anoitecer, morcegos  
da tristeza, olhares cegos

Quando o Natal chegar  
olha os filhos como se só então nascessem  
e os dias fossem cristais  
partindo grãos de romã,  
tão sensíveis ao ouvido  
mas sem pena nem sentido.

Quando o Natal chegar  
adormece à beira dos violinos  
com a loucura dos deuses  
e a tristeza de Mozart.  
Que os deuses devem estar loucos  
porque a lareira está-se a apagar.

Quando o Natal chegar  
cuida das prendas e ofertas  
aos que nunca mais vão chegar.  
Entre pedras e perdas  
guarda o amor de guardar  
que a face da mãe ondeia  
e o pai adormece a lacrimejar.

Quando o Natal chegar  
a nordeste de tudo, mais vale  
encher o saco de Nada  
e percorrer a noite, até ao abrigo  
dos campos da quimera calcinada.  
Com o saco cheio de Nada  
visita Iraque e o Afeganistão.  
Toca às portas da Palestina  
e canta dor às portas da prisão.

Quando o Natal chegar  
enche o saco de Nada.  
Pode ser que por tanto Nada  
algo te queiram dar:  
um filho, um sorriso, talvez luar.

Quando o Natal chegar  
talvez amor e amar.  
Dádiva por dádiva,  
aceita, é de aceitar.

---

## Carlos Pires

(1951)

---

*(Mão que não apalpa lágrimas alheias de poeta louco)*

Forte,  
calejada,  
de veias salientes  
enrugada,  
segura a rabiça  
bem polida  
do arado  
a Mão do Lavrador,  
já cansada  
e farta  
de ser  
flor!...

## AMOR

Quarto Crescente,  
Bebé!

Era no Quarto Crescente que a minha mãe deitava amor no  
pão antes de o meter ao forno.

Como ele crescia,  
Bebé,  
como ele sabia!

O pão da minha mãe era de prata,  
de prata fina.

Como as mãos de renda que lhe deitavam amor antes de o  
meter ao forno.

Era de amor,  
Bebé,  
e sagrado como ázimo esse pão.

(De amor fino de prata como as mãos de renda no Quarto  
Crescente, sabes?)

Lembra-me muito,  
Bebé,  
quando a lua cresce, ai como tu me lembras!

Fazes-me lembrar sempre aquele pão de renda de prata no for-  
no  
a que a minha mãe deitava amor no Quarto Crescente,  
Bebé.

Como ele sabia,  
como ele crescia,  
Bebé!



## DEZEMBRO

Bragança bafeja a frio, cheiinha de Dezembro.

Mas matar saudades em Dezembro,

(Os amigos, a família, os amores,  
Bebé)

nem parece estarmos no inverno.

Estas noites

(Se me desforrei estas noites,  
Bebé.)

foi derreter,  
cheiinho de Dezembro,  
até de madrugada a neve fazer dia.



---

# Marcolino Cepeda

(1954)

---

## POEMAS

### XII

Maria Isabel está ainda  
serena  
de uma serenidade que se lê  
nos olhos  
nas mãos pousadas  
na boca levemente sorridente.

Maria Isabel neste fim de tarde  
repetido  
mergulha de novo  
em si mesma  
e observa  
o serenar estranhamente belo  
daquele pedaço de natureza  
que a rodeia.

E compreendem-se.

Maria Isabel de noite já  
na serenidade que se adivinha  
no rosto direito  
em todo o perfil  
que se recorta  
distante.

Maria Isabel na manhã  
de frio e chuva  
continua só

e parece agradecer  
à água que lhe molha o rosto

e o vento que a fustiga.

É como ela gosta  
de começar o dia.  
Só com a natureza.  
Serenamente.

Alguém se intromete,  
parece querer dizer-lhe algo.  
Como noutros tempos.  
O escultor  
quis que Maria Isabel  
continuasse viva.  
Deu-lhe o mais belo jardim do mundo  
e pôs-lhe o vestido e as jóias  
de que Maria Isabel mais gostava.

Maria Isabel só agradece  
ter-lhe mantido  
o que outrora lhe havia tirado  
o rosto  
os olhos  
as mãos pousadas  
a boca leve e sorridente  
o perfil  
a sua serenidade.

E permanece ainda  
distante  
no seu corpo  
de mármore.

---

## Alexandre Parafita

(1956)

---

### O POTE DE OURO

“ – Quem tem? Quem tem? Quem tem?

– O Zé-Lém, lém, lém! O Zé-Lém, mais ninguém!”

Era a lengalenga dos sinos da igreja. Zé-Lém, o sacristão, repenicava-os como ninguém, deixando ao devaneio dos paroquianos o cuidado de decifrar toda a sorte de mensagens que vinham ora na brandura ora na impetuosidade das badaladas. Terrafeita, a aldeia, meio escondida numa prega das encostas do Douro, já não passava sem aquele repenicar em horas certas, que marcava a cadência das gentes do campo. Sempre infalíveis eram o toque do “meio-dia velho” e o toque das “Trindades”, que assinalavam momentos santos. Os homens tiravam o chapéu, suspendiam a lavra e sussurravam orações imperceptíveis. Entrementes, havia também os toques para as missas e novenas, ou para o chamamento dos garotos à catequese. De quando em vez, soavam ainda os toques alegres das alvoradas em dias de romaria, ou os da saída das procissões. E, uma vez por outra, lá soavam também, amargurados ou arrepiantes, o toque a finados ou o toque a rebate em caso de fogo.

Do alto da torre, consoante a intenção, o Zé-Lém tangia, dobrava, picava e repicava. Os sinos quase pronunciavam palavras. Até o seu nome, José Heleno, ganhou desde muito cedo, ele próprio, a sonoridade dos sinos a tanger, e ficou por isso, definitivamente, “Zé-Lém” para o povo.

Em dias de romaria, ou em domingos de festa, era tal o esmero do sacristão que chegava a usar as mãos e as ancas para que todos os sinos tocassem. Um badalo em cada mão, e atada à cintura uma corda que ligava a um outro, o qual accionava saracoteando as ancas... era vê-lo, nas ameias da torre, oferecendo um espectáculo ridículo, singular, a quem cá em baixo o observava. Perante tão embalado jogo de cintura, a que sempre juntava as nádegas rechonchudas a dar a dar, a dar

a dar..., não faltava até quem ousasse atribuir à pilhéria dos sinos outra cantoria:

“– *Quem tem? Quem tem? Quem tem?*  
– *O Zé-Lém, lém, lém! O Zé-Lém, lém, lém!*  
*Que o badalo do padre não vale um vintém!”*

O Zé-Lém era o herói da pequenada. Poder acompanhá-lo ao alto da torre e ajudá-lo a atar os badalos, assistindo depois àquele bambolear do corpo, que produzia sons e fazia agitar as gentes da aldeia, era o melhor prémio com que qualquer garoto sonhava. Era como ter, por momentos, lá em baixo, a aldeia inteira seduzida, dominada e indefesa.

– Deixe-me ir consigo, senhor José! – entoávamos todos, quando o víamos dirigir-se para a torre da igreja.

– Só posso levar um! E como sois muitos, não levo nenhum! – sentenciava, cantarolando, e sem lugar a apelo, o sacristão.

À mestria que demonstrava no repicar dos sinos, o Zé-Lém juntava, contudo, uma incorrigível paixão pela pinga. Ademais, a taberna era mesmo ao lado da igreja, pelo que a rotina lhe estava facilitada. Ao entardecer, era já uma autêntica alquitarra ambulante, pelo que, na hora de subir à torre, já só lá conseguia chegar de gatas. E então sim, fazia jeito levar consigo alguém que o empurrasse escada acima, aos socos e cabeçadas nas nádegas inertes e rechonchudas:

– Ande lá, senhor Zé! Já falta pouco!

Por fim, alcançava o topo do campanário. Ali chegado, a cantoria dos sinos era sempre perfeita. Havia mesmo quem dissesse que, com um grãozinho na asa, o sacristão era sublime.

Nas noites de Maio, havia a novena do “mês de Maria”. O padre da aldeia, homem recatado, dócil e paciente, quer com as impertinências da sempre assídua confraria de beatas da terra, quer com os excessos vínicos do sacristão, jamais ousara quebrar a tradição das novenas. Do altar assistia, com discreta inquietação, ao ziguezaguear do Zé-Lém, que arrastava a camoeira pelos cantos da igreja, a pôr velas aqui, a tirá-las ali, ou a acendê-las a um santo e a apagá-las a outro. Entre as ave-marias e o *tantum ergo*, erguia-se dúzias de vezes da beira do padre para repetir, numa lentidão confrangedora, as tarefas já cumpridas, quebrando os silêncios da celebração com aquele ruído irritante dos sapatos a fazerem *chié-chié* pela igreja fora.

No momento da bênção do Santíssimo, era costume o lugar de co-

adjuvante do padre ser tomado por um dos miúdos que se encontrasse mais próximo do altar, para que o sacristão pudesse ir à torre tocar o sino. Às vezes cabia-me a mim, menino de palmo e meio, essa tão co-biçada tarefa.

Certo dia, o padre, ao ver o sacristão, no momento solene da celebração, a encaminhar-se, cambaleante, para o fundo da igreja, chamou-me à sua beira e, em voz baixa, ordenou-me:

– Vai atrás do senhor José, e diz-lhe que hoje não precisa de ir à torre tocar o sino.

E lá fui eu, todo lampeiro, na peugada do sacristão. Este, porém, ao chegar à porta dos fundos da igreja, continuou sempre e, em vez de seguir para torre, o rumo que levou foi o da taberna ao lado.

– O senhor padre manda dizer para o senhor José hoje não tocar o sino – disse-lhe eu.

– O sino?! E quem manda no sino é o padre ou sou eu? – reagiu o Zé-Lém com uma careta enfadonha, enquanto esticava os beiços a tentar alcançar a pichorra das mãos do taberneiro.

E, com um safanão, expulsou-me da taberna.

– Vai lá tu tratar do padre, que do sino trato eu! – berrou entre arrotos e bafos pútridos, mais as risadas de outros beberões que, com ele, saciavam os odres.

Daí a um bom bocado, já a novena deixara para trás a ladainha do *salutaris hostia*, eis que da torre irrompe, a rasgar o silêncio da celebração, uma inesperada vozeria de sinos: “*Quem tem? Quem tem? Quem tem?...*” O padre engoliu em seco, ao mesmo tempo que me faiscava com os olhos, como quem procurava dizer: “Grande moço de recados tu me saíste!”

**D**urante o dia, liberto das influências báquicas, o Zé-Lém era uma figura respeitável na aldeia. Passava o tempo a assobiar as cantilenas da igreja e a repreender a miudagem desavinda, zurzindo-a com as recomendações dos catecismos. E a todos lá ia conseguindo intimidar, especialmente quando, para calar quem o rebatia, exclamava com o ar colérico:

– Falo eu, ou chia um carro?

E falava. O Zé-Lém sempre falava. Contador de histórias como era, umas a puxar à santidade, outras a tombar para a malícia, ninguém ousava travar-lhe a oratória. Nas tardes de ressa, sentava-se na escadaria da igreja, onde corria sempre uma brisa fresca, e logo o rodeávamos, de

ouvido à trela, prontos a escutá-lo quando se dispunha a desfiar velhas contas da aldeia, que intervalava em breves instantes para ir retemperar-se à pichorra da taberna. Um ritual que só acabava à hora de subir à torre para tocar as “Trindades”.

Assim corria o tempo em Terrafeita, um pequeno paraíso de vinhedos que o morro de S. Domingos, lá no alto, parecia guardar generosamente. Corria lento, como lentos eram os instantes sublimes. Parecia que os melhores sonhos se perpetuavam. Apenas deixávamos, por momentos, um sonho para atender às obrigações domésticas, e logo regressávamos a ele como verdadeiros cruzados, ávidos de aventura por pinhais e campinas, ou por ruínas de velhos castros e solares.

Menino de palmo e meio, ali vivi rodeado de paisagens de flores, de belas árvores, de mantos de searas e dourados vinhedos. Convivia a todo o tempo com a natureza, e, quando não, dormia no seu regaço. Ouvia cantarolar os riachos à minha beira, acordava ao som de mil chilreios, jogava às escondidas com as lebres no monte, via passar as águias e as cegonhas à distância de um assobio, os melros faziam ninho nas aradeiras da minha porta e havia sempre ninhos de chapins e pintarros num marmeleiro que crescia atado por uma guita à janela do meu quarto. A caminho da escola, coaxavam-me as rãs nas regueiras, os grilos trilavam nos lameiros, os cucos e as poupas desafiavam-me do alto dos negrilhos, e à minha passagem vinham sempre cumprimentar-me sardões e lagartixas que, timidamente, espreitavam nas fendas dos muros.

Nas horas de estúrdia, acompanhava-me uma legião de companheiros, cada qual o mais estouvado. Bastavam as alcunhas para conhecer a estirpe. Havia o *caga laranjas*, o *caga e foge*, o *merrú...* e por aí adiante. Ao *caga laranjas* ficou-lhe o epíteto quando subiu a uma laranjeira alheia e, após atulhar quantos bolsos tinha, foi apanhado pelo dono, que o fez fugir a sete pés. Na fuga, as laranjas caíam-lhe pelas pernas abaixo e foram ficando pelo caminho, à vista dos companheiros, em vez de solidários, zombeteiros. Já o *caga e foge* teve a alcunha por ser um rapaz cobardolas e sempre pronto a caçoar dos outros para se escapulir em seguida.

Quanto ao *merrú*, a história é outra.

Rapaz obcecado pelos ninhos, não havia nenhum que, sabendo-o, escapasse ao seu ímpeto saqueador. Um dia, ensinaram-lhe um ninho de melro na ramagem de um sabugueiro, e não descansou enquanto



lá não foi buscar os passaritos indefesos. Ao ser visto empoleirado na árvore, perguntaram-lhe:

– Que estás aí a fazer, diabo?

– Este é dos *bôs*, é de *merrú!* – exclamou. – *Bou lubar os merrús pó mou imão bincar!*

E lá meteu no bolso as pobres avezinhas, de biquinho amarelo, suplicante, cobertas apenas de escassa plumagem, para levar de presente ao irmão, se bem que, antes ainda de findar o dia, já elas andassem nas dentuças do gato da casa. No dia seguinte, o mestre-escola, avisado de mais esta façanha do saqueador de ninhos, encarregou-se, ele próprio, de lhe assentar a alcunha, ao mesmo tempo que lhe assentava meia dúzia de sonoras reguadas.

Com esta seita de ganapos, dava comigo, de quando em vez, a saber de tesouros escondidos em antigas ruínas. E tesouros havia-os, dizia-se, enterrados no que restava do velho palacete do “João Ratão”, situado no todo cima da aldeia.

O Zé-Lém, numa das suas pachorrentas tardes de ressa, havia-nos contado a lenda dos dois famosos potes que, há muitos, muitos anos, se dizia estarem enterrados nas masmorras do “Ratão”.

– Um deles está cheio de ouro! O outro está cheio de merda! – contou o narrador. – E quem descobrir o pote de ouro fica riquíssimo...!

Não foi preciso ouvir mais. Ninguém ousou, sequer, aguardar pelo fim da história. Logo debandámos dali como pardais tresmalhados, e lá fomos, todos à uma, dar às masmorras lodosas e bafientas do velho palácio. Uns com o recurso a improvisados ancinhos, gadanhos ou charruinhos, outros usando nada mais que as manápuas ágeis e surradas..., todos esgaravátamos como galinhas chocas em quinteiro lamacento.

– Ah, pote dum raio! Ou apareces, ou o que resta do “Ratão” vem abaixo! – berrava um, entre o ganau alvoroçado.

Nisto, quando, de tanto esgadanhar, íamos já nos alicerces, um dos moços desatou aos gritos. Acabara de descobrir, numa das escavadelas, aquilo que aparentava ser a barriga de uma vasilha negra, quiçá um pote, a espreitar sob os escombros de lama e granito podre.

– Achei! Achei o tesouro! Isto é ou não é um pote? – gritava desabridamente.

E logo todos nos lançámos, quase por instinto, sobre o companheiro e sobre a aparência de pote que espreitava na lama. Invejosos, cobiçosos, desleais, todos disputávamos o ágio da descoberta. Afinal, o que

quer que aquilo valesse, estava mesmo ali sob os nossos braços e pés, negros e emporcalhados do húmus revolvido.

– Eu já o tinha visto! É meu! É meu! – berrava um.

– E eu já lhe tinha tocado com as mãos, por isso é meu! – reivindicava outro.

Foi então que um instante de luminosidade me raiou a intuição, e, de pronto, qual Robim dos Bosques de faim enraivecido, vi-me a enfrentar os estúrdios com um galho nas mãos:

– Cuidado, rapazes! Que ninguém mexa no pote!

– Ninguém mexa, porquê?! Se for de ouro, estamos todos ricos! – reagiu um.

– Aí é que está...! – insisti eu – E se este não for o pote de ouro, mas sim o outro, o de... merda?

Fez-se silêncio absoluto. Um silêncio fúnebre para uns, aterrorizado para outros. Cada um de nós pensava agora em como tínhamos feito mal ao não esperar pelo fim da história do Zé-Lém. Se um pote representava riqueza, então o que representaria o outro? Por isso, era preciso voltar até junto dele, na escadaria da igreja ou na taberna ao pé, e perguntar-lhe o resto.

– Vai lá o *merrú*, que não está aqui a fazer nada! – propôs alguém.

– Isso é que era *bô*! – reagiu o visado. – Quem lá *num bai* é o filho do *mou* pai! O que vós *crindes* é ficar *co oiro* todo!

Tinha razão. Todos estávamos petrificados; perfidamente petrificados, perante a mágica visão da vasilha negra a espreitar na lama. Roíam-nos o receio de que algum, mais aventureiro, se adiantasse, lançando mão do tesouro. Por isso, ninguém ousava arredar pé. Tivemos de deitar sortes, a ver quem é que iria saber, da boca do Zé-Lém, o resto da lenda dos potes.

– *Um dó-li-tá... quem está livre livre está!* – era a lengalenga usual para deitar sortes. Após percorrer todo o grupo, a escolha foi cair no *caga e foge*, o mais cagarola de todos, que se escapuliu dali num instante, desatando a correr à procura do sacristão. E nós lá continuávamos, silenciosos e expectantes, de olhos pregados no fosso aberto, a aguardar, impacientes, qualquer sinal do mensageiro e, com ele, o veredicto da lenda.

Passado um pouco, lá apareceu, esbaforido de tanto correr. Falou de longe, de um postigo meio desfeito, com medo de aproximar-se mais. Os olhos enormes, com aquelas órbitas esbugalhadas de pânico, eram, de resto, o sinal de que o moço estava mesmo aterrorizado.

– Então?! Que é que disse o Zé-Lém? – perguntámos a uma só voz.  
– Que morremos todos! – gritou lá de longe.  
– O quê?! Que dizes tu?  
– Que se o pote que descobrirmos for o de merda... morremos todos! – repetiu.

Ah, pernas para que vos quero! Nenhum de nós olhou para trás sequer. Que seiscentos diabos levassem o ouro, os potes ou a merda! Daí a nada, cada qual buscava refúgio nas suas casas, procurando esquecer o pesadelo do “Ratão”. Nem houve, tão-pouco, curiosidade para tirar a limpo se o caco que espreitava na lama era mesmo a barriga de um pote, ou qualquer insignificância.

A tarde de sol chegava ao fim e as sombras do morro de S. Domingos iam tomando conta da aldeia. O Zé-Lém saboreava, com um estalo de língua, o derradeiro pingato da tarde, e preparava-se para o toque das “Trindades”. As sombras da serra eram o sinal da hora marcada.

– *Quem... Tem... Tem?...* – lá chegou, finalmente, a ladainha dos sinos da igreja, a fechar mais um ciclo da vida em Terrafeita.

No velho “Ratão”, apodrecido e desmoronado, continuam, sabe-se lá onde, os potes misteriosos. E, ainda hoje, não há vivalma capaz de os desenterrar.



---

José Mário Leite

(1957)

---

TERRA PROMETIDA

Mar de granito  
...e de cansaço.

Uma pegada diluída.

Uma videira partida.

Mão dolente  
estendida  
eternamente  
à espera do primeiro passo.

## RAÍZES

De mim  
Falam as rochas nuas de Trás-as-Montes  
Quando por elas passa  
O vento frio da serra...

Sobre a mesa do café  
As minha mãos doridas  
Estão floridas...  
...e cheias de terra

## NORDESTE

Dezembro  
Sinto e já não lembro.

Agosto é festa.

Em Maio  
Irei bordar as noites  
A flor de giesta.





---

## Manuel Cardoso

(1958)

---

### UM ENIGMA

Numa noite de chuva de Inverno em que o vento fustigava os ramos nus do velho castanheiro do quintal e se fazia ouvir por toda a casa, bateram à porta de vidro da varandinha. Levantei-me de ao pé da lareira a adivinhar incómodos e nada me faria supor então a extraordinária aventura que iria viver nas horas mais próximas.

Dois homens vestidos de capotes antigos que pingavam, depois de confirmarem que eu era a pessoa que procuravam, explicaram-me de um modo polido e extremamente correcto que precisavam, sem demora, da minha ida à aldeia para fazer um parto a uma vaca.

Entraram comigo no *jeep* e encaminhámo-nos para a serra no meio do vendaval. Pouco depois de Edroso, já a subir para Bousende, disseram-me para enveredar à direita por um íngreme estradão ladeado de carvalhos seculares. Começou aí a minha surpresa, já que, conhecendo minuciosamente toda a região, achava impossível ignorar aquele trajecto para algures e nem me lembra de alguma vez me ter dado conta daquela derivação.

- Como é que foram para Macedo?
- Fomos a pé – responderam-me com naturalidade.
- Mas, com uma noite destas, porque é que não telefonaram?
- Não temos lá telefone.

Por momentos pensei «estou a cair numa armadilha!», mas, como se me adivinhassem os receios, tranquilizaram-me:

- O seu pai era muito nosso amigo...
- E ainda conhecemos o seu avô.
- Afinal, para que terra estamos a ir?
- Moimenta. O seu pai nunca lhe falou?
- Não, e nem sequer sabia haver para aqui uma Moimenta. É do concelho de Bragança?

– Nós nem somos de Bragança nem de Macedo...

De súbito o caminho deixou de ser em terra e passou a ser empe-

drado, mas como eu nunca vira: lajes grandes de granito um pouco desniveladas que me obrigaram a abrandar para evitar solavancos. Passámos uma ponte que tinha um curioso marco redondo a meio de uma das guardas e instantes depois encontrávamo-nos no largo de uma aldeia mergulhada em vento, chuva e escuridão.

– Senhor doutor, faça favor de parar além naquele cabanal. Está vazio para poder meter lá o carro.

A arquitectura geral do conjunto não era fruto do acaso mas estruturada, curiosa até, colunas redondas de granito suportando grossas traves que davam vão a um telhado imenso, prolongado em passagens para várias casas que se podiam alcançar a salvo das bátegas. Um candeiro de archote pendendo de um vetusto cadeado no meio do negrume ardia espesso sob um capuz de latão, espalhando uma claridade feérica pelas paredes e dando às portadas e janelas que se recortavam na pedra o aspecto de aparições intermitentes de fantasmas. O chão era negro e exalava um cheiro forte e frio de limalha de ferro. Apetrechos de carros de bois estavam encostados pelas paredes e uma enorme forja, com um fole capaz de libertar ventanias, misturava ao ar a essência ácida de carvão apagado.

De uma das portas vinha um vagido entrecortado que logo dava a entender onde se encontrava a minha doente. O encaminhar dos nossos passos provocou uma restolhada de palha ao chegar à ombreira e duas pessoas, que percebi serem mulheres, levantaram-se de um canto. A claridade era espalhada por uma candeia de azeite e a vaca estava de facto em dificuldades, estendida em decúbito lateral com contracções inconsequentes.

– Então boa noite!

– Boa naute nos dê Deus! – responderam-me compondo os xailes e o lenço preto da cabeça.

– Nós já lá metemos a mão e tentámos tirar o vitelo, mas não dá para o pormos em posição.

Pude confirmá-lo. O pequeno animal ainda estava vivo.

Após as perguntas e as explicações do costume, todos concordámos em que o melhor era optar por uma cesariana. Puseram-se logo de acordo e demonstraram uma tão grande confiança em mim que até me surpreendeu. Muito animado, foi em menos de uma hora que um vitelinho de orelhas pandas e largas se apresentou cá fora. Enquanto durou a intervenção, o vento e a chuva calaram-se e um frio que o tempo a passar foi acentuando e que entrava pelas frinchas da porta

fez-me ficar a tremer quando me endireitei, após ter dado o último ponto.

E não foi sem surpresa deparar com um nevão já grande quando se abriu a porta. Com a mansidão, a tristeza e o encanto descritos por Augusto Gil, a neve caía ali como mais um elemento de uma revelação, naquela noite e naquele instante. Arrumei todo o material no *jeep* por entre duas excitações: a de um sucesso clínico e a da neve.

Fomos para a cozinha. Eram cerca das três da manhã. O frio desapareceu ao fechar-se a grossa porta de castanho.

Enquanto as mulheres remexiam em coisas do lado mais escuro, nós ficámos num pequeno círculo bruxuleante de um lume quente.

Encostado a um braço do escano estava um pau ferrado de marmeleiro em que peguei e que tinha uma ponta muito bonita com bronze encastado em espiral e um cravo de fixação que era uma cabeça esculpida e já gasta de um javali. Elogiei longamente aquele trabalho de artista tanto mais que o artesão era da casa e me explicou com satisfação alguns detalhes daquela manufactura. Um cão felpudo e grande dormitava debaixo do escano encostado aos meus pés. Uma preguiçadeira desceu diante de nós com uma toalha de linho cru que uma das mulheres estendeu e onde outra pôs um pão maciço de côdea aromática, uma malga de caldo rescendente e um prato com dois salpicões que só de vê-los se aplacava a fraqueza e afugentava a fome. Mas o que me assombrou foram os copos.

Três copos de vidro fumado e de um desenho extraordinário despertaram qualquer coisa de misteriosamente antigo no arquivo mental de todos os museus que eu já vira. Eram todos diferentes e peguei no meu, observando-o cheio de curiosidade. Rebordava-o um círculo de cachos de uvas e sarmentos suportado por bacantes de braços estendidos como se colhessem os bagos dessa latada cheia de movimento. Que perfeição e que ritmo naquela pequena escultura!

Quando fiz tenção de pegar noutro copo, disse um dos homens:

– Já o seu pai e o seu avô beberam por esse copo e ambos também o estiveram a ver como o senhor doutor agora fez.

– Não lhe podemos dar nenhum. Já só nos restam esses três.

– Mas ao seu avô demos um prato...

– Um prato fundo, de cor azul...

– Ah! – disse eu –, sei perfeitamente qual é esse prato.

As mulheres aproximaram-se e manifestaram satisfação por sabermos que ainda o prato estava, e está, intacto e na nossa sala de visitas.

– O seu avô, que era médico, veio cá muitas vezes. Vinha a cavalo com um grande capote que o cobria a ele e à maleta.

– A mim tratou-me esta perna que se me tinha aberto de uma machadada.

– Estou a vê-lo além, em pé, a escolher ervas daquele armário, que é onde guardamos os chás e outros remédios.

Considereei o armário, de dois andares, com ferragens de bronze e almofadas lisas, uma anacrónica preciosidade. E ao ver também um tocheiro que ao lado pendurava uma lâmpada de azeite dei por mim a pensar, de repente, que nada daquilo tinha relação fácil com o Trás-os-Montes que eu tão bem conheço. Uma pequena incerteza aliada a uma não menor insegurança instalou-se-me interiormente. Ao mesmo tempo saboreava o excelente salpicão, bebia o vinho suavíssimo e cortava mais uma fatia rangente daquele pão centeio de côdea enfarinhada.

A conversa continuou como um ribeiro de inverno em que cada cachão, cada fraga vencida, cada açude galgado era para mim uma revelação e um crescendo de espanto. A certa altura pareceu-me ouvir que uma das mulheres contava um episódio qualquer em que estivera a nossa trisavó D. Josefa, quando esta mandara os criados contar, um a um, todos os castanheiros que a casa tinha na serra. Mas essa trisavó morrera em 1904!

Como aquele copo era tão bom para beber aquele vinho tão bom também! As histórias foram ficando dentro da minha memória como as velhas mobílias que se guardam no sótão: em desarrumação completa. E falavam-me de coisas extraordinárias e para mim inauditas: do rei D. João V prazenteiro a uma outra antepassada, de castelhanos corridos por outro, eu sei lá! E num momento mais calmo, o lume com chama mais branda, o copo descendo a um ritmo mais lento, um dos homens disse gravemente:

– É que, senhor doutor, nós já não temos idade. Nós vivemos aqui na serra desde o tempo em que as legiões aqui vieram por ouro e estanho. Nós somos Romanos que o destino se esqueceu para trás!

E eu, para meu grande espanto, disse com toda a naturalidade, considerando as brasas e sopesando o copo na mão, esta coisa bárbara:

– Ah, pois claro, então não admira que tenham conhecido a todos lá em casa. Mais do que eu!

Com uma familiaridade que já não me surpreendeu, uma das mulheres disse chamar-se Lígia e a outra Dulce, e que o meu pai lhes dissera que haveria de pôr aqueles nomes a filhas, se as tivesse.

Que já o avó tinha posto a uma. Na minha cabeça já tão leve não fulgiu nem uma centelha de espanto pela coincidência de aqueles nomes serem o de duas das minhas irmãs!

Ainda bebemos mais uns copos e comemos mais qualquer coisa.

Alguma claridade entrava já pela janela. Saímos. Não caíam flocos, mas o céu estava fluorescente de neve. O vento, que estalava, deu-me a lucidez necessária para trazer o *jeep* de volta a casa, onde entrei com a cabeça zumbindo e repetindo mentalmente numa euforia sem nexos «alea jacta est, alea jacta est».

Acordei normalmente sem sobressaltos nem dores de cabeça um pouco mais tarde do que o normal, cerca das nove horas. Que sonho estranho tivera essa noite! Cesarianas, Romanos, o Pai e o Avô, a Lígia e a Dulce, que coisa!, pensei, enquanto fazia a barba.

– Correu bem o parto? – perguntou da cama a Mariana.

Parei com a lâmina olhando o espelho e considerando as incríveis implicações de responder àquela pergunta. Decidi-me por uma resposta neutra:

– Sim. Era um vitelo.

Mas fiquei confuso. Afinal, não tinha sido sonho? Bah!, o melhor era passar adiante. Teria sido uma cesariana lá para Edroso e com alguns copos que bebera confundia os detalhes e o sonho.

Pus o *jeep* a trabalhar e liguei o limpa-pára-brisas para tirar a neve que caía outra vez com intensidade. Ao virar-me para fazer a marcha-atrás vi, colocado em cima do material de clínica, um pau de marmeleiro ferrado com ponta de bronze e um cravo que era a cabeça já gasta de um javali. No ferro, havia umas letras: MDCC.



---

## António Sá Gué

(1959)

---

### A FEIRA

Enfeirar começava por ser uma prece que se iniciava oito dias antes: Queira Deus que não chova nesse dia, precisava tanto de lá ir, e se chove é um desconsolo, nem se trata das coisas como deve ser. Ainda no mês posto foi assim, a chuva meteu medo a toda a gente, os feirantes poucos apareceram, e os poucos que montaram o toldo acabaram por nem ganhar para o «gasoilo». Então o que lá vais fazer?, questionava a vizinha. O que lá vou fazer?, continuava a Tia Maria Júlia, falta-me lá a mim que fazer, or'olha! e começava a contar nos dedos da mão esquerda iniciando pelo dedo mindinho: preciso de mercar um alguidar de esmalte dos grandes p'ra meter as carnes da matança em vinha-d'alho, que o que tenho já não veda bem, e durou bem, já foi herança da minha mãe, quero ver se vejo por lá umas socas, e depois, olha, e depois sempre se areja, que tamém é preciso. Pois, pois... Olha, que eu tamém bem precisava de lá ir, continuava a interlocutora, mas nesta altura há tanto que fazer que um dia que seja faz-me tanta falta, tu é que me podias lá fazer um favor... Oh... *tão, num* faço só se *num* puder.

E era sempre assim, um favor não se nega a ninguém, mesmo que, horas antes, se estivesse no corte e costura: »Não falha um mês, eu nem sei o que lá tem que fazer, olha que...» E aquele favor era mais uma razão para não poder faltar.

Enfeirar era um dia de festa, era “ir à vila” ao oitavo dia, com carava, se possível, empinocar-se, vestir a jaqueta guardada para ocasiões especiais, e apreçar, muito mais do que mercar, que os dinheiros eram poucos. Levantar cedo, apanhar a camioneta da carreira, que passava depois das sete, a dos estudantes, matar o bicho no café do Basílio, e depois, sim, descer a Corredoura, passar uma primeira vez, abaixo/acima, a cheirar o ambiente da mercância, que começava a tomar forma, nas labirínticas ruelas já bem desenhadas. Nessa hora da manhã, a grande parte dos feirantes eirava pelo chão ou, então, pela improvisada mesa de contraplacado a pesada veniaga, aliviando os amortece-

dores das atulhadas carrinhas de caixa fechada, montava o estendereço debaixo da barraca, para dizer bem e depressa, ainda o ganapo que veio ao mundo no último Inverno, sempre ranhoso, fruto das invernosas manhãs, e que tardava em não largar os cueiros, no dizer da mãe, dormia o último sono agitado, embrulhado em surrentos farrapos que almofadavam a caixa de papelão a dizer *OMO lava mais branco*. Outros, os mais atrasados, de marra em punho, a denotar alguma falta de jeito, martelavam a estaca já esborcinada pelo muito uso, que em cada marretada se enterrava, lentamente, na terra saibrosa, dura, nunca conhecedora da enxada ou charrua. Depois eram as dificuldades do costume ao estender o toldo, mais capaz de proteger do sol que da chuva, sobre o esqueleto de ferro galvanizado. Havia de se levantar sempre uma rabanada de vento a enfuná-la, como se fosse gávea de proa, e lá vinham mais uns vitupérios, também eles intempestivos, ao atar dos amantinhos. Os mais fervorosos, ou talvez os mais sedentos adeptos dos seus direitos, discutiam impetuosamente, a ponto de mandar chamar a guarda, sobre o local competente para prantar a barraca, que quanto mais próximo da entrada melhor, e que o companheiro de mester lhe tinha roubado. Depois, numa segunda passagem, já as nove tinham soado há um bom migalho na bojuda torre da Igreja, e uma segunda vaga de camionetas tinha descarregado os gentios das redondezas na praça, era tempo de ir à procura de uma cara conhecida, parar no meio da ruela a entupir o fluxo da mole informe que fluía rua abaixo, discutir o que cada um viu, ou, então, saber as últimas de algum caso que corria de boca em boca. E quando a ânsia de querer ver se adensava e já se tornava difícil de suster, um parece que pariu pr'ali a galega dava o mote, e iniciava-se uma nova corrida, que os carrinhos de choque, ao longe, pareciam imitar, ruela fora, zigzagueando, envolto num vozeio denso, entremeado pelos elogios à mercadoria que surgia de todos os lados, merecedora de um olhar mais atento, uma pausa mais acentuada: «Entre, patrão, e venha ver a qualidade do produto...».

Feirar era também correr o cão, vagabundear entre as tortuosas e apertadas ruelas do barracame, apalpar, ver com as mãos, espreitar os jogadores da vermelhinha, ou a sua variante, que de sombreiro aberto procuravam enganar o menos precatado, ali, num recanto da escola primária, modelo «plano centenário», onde o povo mais se apinhava, e de escapatórias fáceis, a permitir a fuga em caso de maior aperto. Havia sempre um que ganhava, era o isco da patranha. Tudo se iniciava pelos malabarismos das trocas e baldrocas sucessivas das três caricas, a dei-



ver bem onde ficava escondida a bolinha de papel. Os movimentos eram lentos, ordenados, a tornar fácil e previsível saber que tinha ficado debaixo daquela que dizia *super bock*, e ficava à sua mão esquerda. Abra bem os olhos, alanzoava o dono do jogo, repare bem, e fazia mais uma troca de caricas, é fácil, muito fácil, basta estar atento, não tem nada que enganar, e quando lhe parecia que já tudo estava endrominado pelos movimentos rápidos e precisos, atirava um chasco estimuloso: aposte, se tem coragem, não tenha medo, quem tem medo compra um cão. Ganhou, dizia o intrujão. Aposte novamente, se tem coragem, e iniciava novamente a dança das três caricas. Aposto mil escudos na do meio, dizia o bisnau do acólito, já com um olho no burro e outro no cigano: olhava para os lados, a ver se pescava a guarda ou se enxergava alguém de olhos vidrados, disposto a apostar. E havia sempre mais um pancrácio qualquer, a querer duplicar em dois tempos, como num passe de mágica, os mil escudos que tanto lhe haviam custado a ganhar. Quando assim era, se detectava essa impaciência de jogador nos ademanos ou no olhar vidrado de algum cavador, desviava-se manhosamente, a dizer que já não apostava mais, que já tinha ganho a jeira. O cavador, já convencido, e de mil escudos na mão, caía na peta:

– A nota inteira naquela. E apontava a da esquerda.

– Sobre o sombreiro. Ponha-a sobre o sombreiro – impunha o malabarista, que, astuciosamente, já tinha fixado a bolinha debaixo da unha propositadamente grande do indicador esquerdo; depois, quando lhe parecia que a nota já estava fora do alcance dos dedos do dono, levantava a respectiva carica, a mostrar o quanto a sorte o protegeu: nada! Azar o seu! Perdeu, dizia ele enquanto deitava a mão à bem-vinda nota do desgraçado do cavador. E logo um murmurejar se levantava, o sombreiro fechava-se bruscamente e o marmanjão desaparecia no meio da população. A primeira trapaça estava feita, o dia estava ganho, agora era tempo de deixar acalmar os ânimos de alguns mais cônscios da moral, e, depois, lá para o final da manhã, voltava-se a abrir o sombreiro, noutra local, para não levantar suspeitas, e havia de se enganar outro.

O cavador ficava a olhar ao seu derredor, um pouco abismado, sem saber como aquilo lhe acontecera, talvez à espera da desforra; depois, quando se apercebia da tramóia em que se deixara envolver, metia o rabo entre as pernas, envergonhado, dissolvia-se também ele no meio da multidão. À tardinha, chegava a casa a disfarçar o ludíbrio em que se deixara envolver e na esperança de ninguém conhecido o ter topado naquela figura.

Depois de mais um abaixo/acima, era tempo de o povilêu escutar as tristonhas quadras de pé-quebrado e rima certa, cantadas num estilo épico, grande e eloquente, ao som de toque de concertina, instrumento imprescindível e adequado para adensar tanto drama: um crime de faca e alguidar nunca antes visto, abismal, um caso que tocava os píncaros da malvadez, um crime que só acontece em terras distantes, longínquas. E a estória vera, impressa num papelucho de tostão, que na época de hoje se diria reciclado, apimentado por uma imagem de má qualidade no canto superior direito, a alimentar o drama, e emoldurado por duas vergônteas de hera enleadas, vendia centenas. Mesmo quem não soubesse ler comprava, era sempre bom ter um «códice» de estimação lá por casa, alguém havia de ler, devagarinho, a deixar adivinhar os contornos de tanto drama, a soletrar, porque só dessa forma o conseguia, enquanto permitia cristalizar o sentido das palavras que haviam de os transportar para pequeno mundo que conheciam. A escrita tem este dom, faz-nos parecer que tudo se passa à nossa volta, não é? Nos nossos cantos nas nossas ruas, nas nossas memórias.

Já a manhã ia alta quando o alto-falante, o transportador de palavras do Manel Tendeiro, ecoava pela encosta da serra; então, o permanente bulício subia de tom e uma onda de povo, atraída pela arenga repetitiva, corria nessa direcção, como que encantada pelo som amavioso das promessas de comerciante. Nunca começava cedo; a técnica era outra, atingir muitos de uma só vez, nada de novo, o que havia derevolucionário, se é que havia, era concentrar todos os desejos, todas as necessidades, que bem conhecia, numa só nota de cem, depois numa de quinhentos, sempre a subir, até atingir o limite do curto naipe das notas do maralhal, raramente ultrapassando a nota de mil; se, por vezes, a atingia, esse era o limite máximo da sucessão de números reais, pois aí já os clientes tinham dispersado, de carteira vazia. Lá ao longe, ouvia-se uma voz, a sobrepor-se ao vozeio de tanta gente apinhada: *agarra que é ladrão, agarra que é ladrão...*

Ir à feira era ir à *cambra* pedir a última certidão para poder mercar a cortinha que sempre se trouxera debaixo de olho, levar os butes sujos pela terra barrenta da vinha do Tero-lero, e que a vassourinha de giestas, feita escova, não conseguira limpar, depois de os raspar mil vezes na larga esteira de entrada, não fosse a terra conspurcar tão importante edifício, ou, então, pior ainda, deixar as marcas do ofício na lustrosa passadeira do donairoso escadario, sujeito a que algum empregado mais zeloso se *astrevesse* a fustigá-lo com o olhar de alto a baixo,

já que de boca, cobardemente, não se atrevia. Era também enfrentar o tom de desprezo do *quem está a seguir?* das limpinhas e rescendentes empregadas, de olhar vago, a não querer encarar ninguém, pousado acima das cabeças que atestavam a minúscula sala de espera. Era vê-las, sempre de ventas, ouvi-las proferir com a maior das banalidades: «Ainda não está pronto, tem que passar mais tarde... », como se naquele tempo de permeio estivessem altamente atarefadas. E Ti Antoino, coitado, acabrunhado pelo peso da enxada, fazia um esgar de desconsolo, que se consumava num ricto tanto de aceitação como de revolta: «Sua grande mula, olha que...» , invectivava para dentro, não se atrevendo a reclamar, com medo de línguas viperinas, habituadas a escolher palavras de amesquinhamento em tais situações. E saía, com uma ligeira vénia do cachaço, e um «por favor, veja lá se ainda me arranja isso antes da carreira da seis, tenho lá tanto que fazer... » , enquanto a importantíssima empregada já se desviava para trás do biombo, onde se podia refugiar daqueles suarentos e rudes empecilhos – eram eles que lhe pagavam, é uma maneira de dizer, e ela bem sabia disso, mas na estreitura das suas frinchas cerebrais não cabia tão grande pensamento – que as carreiras do Santos não paravam de despejar. Nesses dias, a enchente era grande, aumentava a clientela, como diziam, mas nem por isso sua senhoria, a sisuda funcionária, deixaria de tomar o café pelas dez horas, não lhe fosse dar alguma fraqueza, alguma hipoglicemia, que é doença muito em voga no seio dessa gentinha, alterando o horário muito a propósito: aparecia sempre depois das nove, irada, a fingir pressa, sempre a invectivar manhosamente, «porque não dormiu de noite», «porque o filho esteve doente», às vezes até a queixar-se do cheiro das flores, que lhe provocava dores de cabeça infindáveis, não havia aspirina que lhe valesse, enfim... Claro que o Ti Antoino não lhe pagava para isso, era o que faltava, *bô*, aquele mísero ordenado que mal dava para ir de férias, que mal dava para ir à cabeleireira todas as semanas, amanhã é outro dia, ele que se amane. E o Ti Antoino, que nunca teve ordenado, que nunca foi de férias, e que ia ao barbeiro uma vez por mês, tabaqueava, calmamente, encostado ao toro da tília, esperando pela carreira das seis de mãos vazias. Ainda não eram as quatro, via-a sair, lentamente, assentando o seu casaquinho vermelhusco nos graúdos pomos, hoje vinha mais cedo por uma razão verdadeiramente justificável, era ela que ia fazer o jantar, aliás, como sempre, mas era uma desculpa sempre razoável para um chefe, que tinha como lema na sua difícil missão: *laissez faire, laissez passer*, o ti Antoino, como dizia, via-a descer as esca-

das de porte empinado, e ele, matreiramente, namorava-lhe as formas arredondadas, que a mulher, a Maria, nessa noite também havia de ter, depois de lhe servir o caldório e apagar a candeia.

Enfeitar era esperar pela carreira das seis, acaravar com alguém conhecido, encontrar coragem para ir falar ao derriço, que no meio de tanta gente sempre se disfarça o interesse, olhar um pouco abismado o altaneiro flunar e o sapiente viravoltar da gente de casaco limpo, ah.... pois, está espantado, não me diga que não sabia, não sabia que virar tem ciência, nunca poderia passear naquela praça. Eu explico. *Or'olhe!*, vamos começar com três para não complicar, é fácil, repare; três pessoas em linha, como se fosse a testa de um pelotão, quando chega ao fim da praça, um pouco antes para não se ver obrigado a descer o lancil, como é que vira sem atropelos? Não sabe. Não, não é rodar sobre o taccão, isso é para os tropas, que é gente sem peneiras, exige-se elegância, altanaria, sinceramente, já vi que não sabe, até me custa acreditar, eu explico: aquele que segue do lado de fora, o da direita, claro, o da direita tem sempre precedência nas regras de protocolo, qual queria que fosse?, o da esquerda, a esquerda é sempre de menor importância, bem, continuando, o da esquerda passa para dentro, descrevendo uma meia-lua, e o de dentro passa a ocupar-lhe o lugar, desviando-se ligeiramente, para, quando chegar à outra extremidade, se passar o inverso, obviamente. Percebeu? Não! Talvez com quatro perceba, ora repare; agora, e como se o dito pelotão marchasse em frente larga. Mas espere lá, e agora viram alternadamente, ou viram aos pares, e é pela direita ou pela esquerda... que vergonha... já me esqueci, esquece-se muito a quem não sabe, não acha? Pobre de mim, diria o peregrinante Fernão Mendes Pinto, também eu não sou digno de passear em tal palco.

Nesse dia, uns copitos de vinho costumavam libertar o *espírito* do Ti Manel de forma indecente – sim, mantenho, de forma indecente, aquilo não é coisa que se faça ao espírito, e logo àquele que gostava da pingoleta, mas não era nada pr'aí além. Que os peixinhos do Sabor, petisco da tasca do Zé, que ele não dispensava, estavam valentes, ah! isso estavam, que eram bons puxavantes, isso não haja dúvida, mas agora o vinho é que não tinha nada que lhe fazer aquilo, não lhe fica bem, e foi o último copo que lhe fez mal, ele até estava bem na conversa com o Asdrúbal, mas, mal acabou de o emborcar, aquele malvado, notou logo, mal lhe caiu no «estôgamo», sentiu logo, foi como fel, até parecia que tinha comido melancia antes, que era coisa que ele nunca fazia, acautelava-se sempre, por causa dessas e de outras já

ele esteve às portas da morte. Lembra-se bem, foi num dia de Verão, chegou a casa esfomeado, a melancia que tinha na adega até se metia pelos olhos dentro, vai daí, partiu uma boa cacheira e depois *bobeu* um bom copoço, e foi o bom e o bonito. Empederniu-se-lhe no estômago. Nesse dia, disse tão mal da sua vida, e até fez promessa de não voltar a beber, porque pensava que era do vinho, bem entendido, mas, logo que soube que fora da mistura, voltou ao mesmo, e nos dias de feira não perde a oportunidade de cumprir a tradição. De espírito liberto, o Manel, muito empertigado, em evidente porte chocarreiro, arrotava postas de pescada, enquanto se colocava ao lado de quatro passeantes formados a quatro: o raio do faisão que comi ao meio-dia mete-se-me nos dentes, dizia enquanto palitava os dentes, que até me custa a falar. E quem o enxergava ria-se a bandeiras despregadas, mas quem não gostava da brincadeira era o grupo flanatório, que o espantavam com o olhar, mas ele continuava, impávido e sereno, de mãos nos bolsos, corpo arqueado para trás, a tornar a barriga ainda mais proeminente, enquanto dava baforadas azucrinantes no *Português Suave* que se deliam no ar, rapidamente. Oh! Manel... deixa-te disso, dizia alguém, que o chamava com um aceno.

De repente, e sem tardanças, que a viagem ainda é longa, e o condutor, que também tem mulher e filhos, quer chegar cedo, a carreira desemboca na praça; a população, espicaçada pela estudantada, mais habituada àquelas andanças, precipita-se como um rebanho para a paragem, depois, um magote de gente bulhenta, prensada contra o chafariz e a parede do castelo, acotovela-se no passeio onde é previsível que a porta se abra, mas, por azar ou sorte, o motorista, malandro, talvez, só pára mais adiante, beneficiando aqueles que ordeiramente se encaminham à paragem; então, ainda a camioneta não tinha parado, já uma corrente de gente se gera naquela direcção. E, logo de seguida, um ronco estridente de outra caminheta, de igual possança, entra na praça, a desviar a atenção; gerando-se, imediatamente, uma pequena confusão: qual delas é que vai para a nossas bandas?, lia-se-lhes nas caras duras. É a de trás, responde-lhe o condutor, que os conhecia a todos... Os dois magotes de gente que entretanto se haviam formado rapidamente são engolidos. Arrancam. A camioneta, apinhada de almas indignadas por a GNR nunca aparecer naqueles momentos, segue estrada principal fora, já o sol começa a afocinhar nos montes, já a penumbra do lusco-fusco desce pelo costado do Reboredo abaixo, obrigando a acender os faróis, que, por enquanto, serve mais para ser visto do que para ver, mas por pouco tempo,

que a noite de Inverno, esfaimada, cai depressa. Ainda o desembaraçado cobrador não tinha iniciado a «atribuição» de bilhetes aos viajadores, já o primeiro cruzamento de acesso ao primeiro povoado, que fica fora do traçado da estrada, aparece. E, mal se passa a caseta da guarda da passagem de nível, a viúva, sempre mal tratada, sempre esburacada, sempre famélica de alcatrão, sempre a mostrar a sua ossatura, estreitece ainda mais e dir-se-á impante, fazendo notar a sua presença por mais uma série de curvas consecutivas – estradas rectilíneas e largas, uma miragem; isso é muito caro, só para litorâneos, se justifica, agora para ultramontanos, gente escondida atrás dos montes, a estrada existe e já não é mau, e viva o velho! –, obrigando os viandantes de corredor a ancorar-se bem aos bancos, não vão estatelar-se no chão. Depois, mete pela crista de um monte arredondado, encaixada entre paredes, que demarcam vinhas, tapados e cortinhas, obrigando sempre a manobras apertadas, e a procurar pequenos nichos mais largos, cada vez que algum carro se cruza com ela. Quando os primeiros palheiros aparecem, e já pela acção do jorro da luz dos faróis que os outões de pedra sossa nascem, e é entre canelhos apertados, de largura pensada para circularem carros de bois, que a bisarma roncante executa a manobra de volta e larga a primeira e minúscula parte de carga.

Agora, o destro cobrador, que já pode circular no corredor, percorre um a um os clientes. A estudantada, ufana, mostra o passe carimbado no respectivo mês, os outros respondem à medida que vão sendo encarados pelo cobrador: pr'á Porrinhela, pra Martim Tirado, pr'aqui, pr'além... e ele, de costas fincadas no banco de trás e de livrinho de bilhetes esverdeado a abanar na mão esquerda, faz o troco e, depois, com a direita, volta a direccionar a pequena régua de metal, prensada pelo polegar esquerdo e puída pelo uso, sobre escalas monetárias marcadas do meio para baixo, nas bordas do bilhete. O valor da viagem decerto haveria de ser o somatório do algarismo cortado na escala decimal marcada na borda esquerda e a quintada, no lado oposto, se a carreira naquele entrementes não desse mais um solavanco.

A viajata terminava já noite dentro, já o fumo acre que saía das chaminés se metia pelas narinas; dentro, o Ti Antoino, sempre alegre, sempre de consciência limpa, que tristezas não pagam dívidas, fazia contas à vida; planeava a safra da lavoura do dia seguinte e a quem havia de rogar para que o “papel”, que tanta falta lhe fazia, lhe chegasse às mãos.

---

# Fernando de Castro Branco

(1959)

---

## CASA DE CAMPO

### I

Já é tarde para a poda. Antigamente o meu avô  
alertava-me para o acto cruel de deixar as videiras  
derramadas em choro convulsivo. Choravam  
realmente após essa poda tardia a molhar a lâmina  
da tesoura ou um sangue  
branco lentamente desaguado até que a crosta  
estancasse a pura hemorragia. Nesta Primavera  
cravo o ferro nos ramos e a secura é total.

Realmente as lágrimas são de dispensar  
no estado actual da agricultura.

### II

O pessegueiro no meio da vinha diz-me  
que ainda resta um mancha de sangue  
no meio desta Primavera negra.

Flores simplesmente desabrochando  
de nenhuma mão. Um cântico  
nem sei se da morte  
se da metafísica terrosa  
dessa cotovia.

## BUCÓLICA

Naquele instante eu reunira todos os ingredientes  
para confeccionar um poema delicioso: a tarde  
morria sobre o poente, os pássaros seleccionavam  
as trajectórias sombrias do crepúsculo, os cerros  
medravam para o céu até ao último estertor da luz.

Entre a terra e a pátria de Deus, eu e os meus cães  
farejando suspeitosos rastos de aves e répteis,  
o cheiro dos trigos cortados, a imobilidade  
das árvores que deram sombra, e em breve  
dariam noite.

Só mesmo um rústico como o José Marcolino  
se lembraria de fornicar a Etelvina por detrás  
daquela moita, alheio, ó nescio, à beleza  
desse entardecer e a este poema  
que prometia tanto e acaba assim  
desta forma que se vê. Ou se ouve.  
Valha a verdade.



## PARTILHA

### I

Partilho contigo este céu cinzento, o frio de Dezembro,  
este gelo nos dentes. Temos uma infinidade de caminhos  
comuns, o mesmo vento na face, o voo distante das aves  
fratricidas. Retemos na pele astros queimados, e cada  
vez mais a emoção nos desnuda no meio dos nevões.  
Regressamos sem causa nem impulso, simplesmente  
há um momento em que baixamos os braços  
e deixamos que a morte nos ronde a casa  
sem lhe atihar o cão.

Entremos na igreja, inclinados para Deus ante o altar  
da Virgem. Falta tanta gente nesta missa calada!

## MIRADOURO DA FREIXIOSA

O inferno poderia ter sido um lugar assim,  
se as águas do Douro ardessem ou Dante  
tivesse passado por aqui.

Mas antes das correntes, tomem nota,  
as pontas dos rochedos  
asseguram um suicídio em óptimas condições.

Uma águia intenta fixar o voo  
para a eternidade, encalhando no céu  
como se numa casa de luz.

Do lado de Espanha, ferindo subitamente  
a linha do horizonte, uma igreja  
resiste por entre fragas e carrascos,  
assinalando aos amantes de abismos  
que a resistência das pedras  
dificilmente sucumbe à água dos olhos.

Deste lado, as oliveiras continuam na senda  
dos séculos, deixando que manhãs sobre manhãs  
se desprendam das folhas.

Sob o azul, apertamos o silêncio nas mãos  
para ouvir Deus. Se bater à porta.

## PLANALTO MIRANDÊS

Nuvens de lâ. Vento nas folhas.  
Uma oliveira cravada na fraga.  
Um cão longínquo, flores sem nome,  
um regato. Uma seda de água, sede  
de fontes, as pedras lisas, o granito  
nos olhos. A penumbra de uma luz,  
um corpo de terra aberto e inviolado.  
O perfil dos cavalos, a biografia  
das serpentes. Uma águia pairando  
sobre os trigos, os dedos no sol.

A montanha inclinada sobre a memória  
dos homens sem tempo

nem lugar.



# Linguagem e Memória



---

Francisco Manuel Alves,

Abade de Baçal

(1865-1947)

---

## CANCIONEIRO POPULAR BRAGANÇANO

Escrevo na minha colectânea cancioneira muitas palavras que parecem barbarismos ou provincianismos, porque assim as ouvi pronunciar e usa o povo bragançano na linguagem corrente, bem como muitas outras pelo mesmo teor, que deviam ser arquivadas nos dicionários, pois correm igualmente em galego, militando, portanto, a seu favor o uso de muitos séculos, o interesse pelo léxico e a razão histórica demonstrativa das afinidades étnicas galaico-portuguesas e mais vinadamente galaico-trasmontanas.

Tais, entre muitas outras que omito e adiante vão sublinhadas no cancionero à frente inserto:

Acipreste por cipreste.  
Adonde por onde.  
Aire por ar.  
Anadar por nadar.  
Arrastrar por arrastar.  
Arreceio por receio.  
Atromentar por atormentar.  
Balor por bolor.  
Belota e abelota por bolota.  
Betão por botão.  
Bigote por bigode.  
Boticaio por boticário.  
Brégança por Bragança.  
Calineiro, sabugueiro.  
Circannas, mentiras.  
Castinheiro por castanheiro.  
Creceer por crescer.

Decer por descer.  
Despois por depois.  
Di-le por diz-lhe.  
Dixo por disse.  
Donde quer por onde quer.  
Edra por hera.  
Espenicar por depenicar.  
Fai por faz.  
Fermosa, fermesura, por formosa, formosura.  
Frauga por frágua.  
Gromo por gomo.  
Hai por há.  
Home por homem.  
Iba por ia.  
Inda por ainda.  
Inauga por enágua.  
Le por lhe.  
Liborção por desembaraço.  
Mai-lo por mais o.  
Ma-lo haja por mal haja.  
Meija por mija, mijar.  
Mentres, enquanto, entretanto.  
Moreira e mora, por amoreira e amora.  
Mouricego por morcego.  
Niada por ninhada.  
Niu por ninho.  
Páxaro e paxaro por pássaro.  
Peleiro por poleiro.  
Perxigueiro por pessegueiro.  
Rastro por rasto.  
Recorda por acorda.  
Reixerol por rouxinol.  
Renace por renasce.  
Somentes por somente.  
Susparado por separado.  
Talego, tolo.  
Tamén por também.  
Veleno por veneno.  
Vental por avental.



É enorme a importância histórica e etnológica de um glossário por este teor;

[...]

É encantadora a intuição lírica da musa popular e a finura dos seus conceitos onde os mestres parecem inspirar-se. Assim, estas cantigas correntes em terras bragançanas:

*Aires da minha terra  
Vinde por mim e levai-me,  
Que os aires da terra alheia  
Não fazem senão matar-me.*

*Minha terra, minha terra,  
Minha terra e eu aqui!  
Os anjos do céu me levem  
À terra onde eu naci.*

*Cantai, raparigas, cantai,  
Cantai a vosso modo;  
Que estou na terra alheia,  
Quero cantar e choro.*

Lembram os *Airiños da mina terra*, da bem conhecida poetisa galega Rosalía de Castro.

Estoutra que o povo canta tanto em galego como em português:

*Moreno pintan a Cristo,  
Morena la Madalena;  
Moreno es el bien que adoro,  
Viva la jente morena.*

Lembra a “Morena”, de Guerra Junqueiro.

É que as canções populares, como diz uma nossa conterrânea ilustre, são a «magnífica floração da alma poeticamente sonhadora ou graciosamente irónica do nosso Povo». E a «província de Trás-as-Montes não fica atrás de nenhuma outra em espécies de poesia, antes as excede a todas».

## CONDE DA ALEMANHA

Estando eu no meu tear  
A tecer seda amarela,  
Passa o conde da Alemanha,  
Três fios me tirou dela.  
Venha vindo ó meu pai,  
Boa seja a sua vinda,  
Hei-de-lhe contar um conto,  
Um conto de maravilha.  
Estando eu no meu tear  
A tecer seda amarela  
Passa o conde da Alemanha,  
Três fios me tirou dela.  
– Cala-te ó minha filha  
Que te não ouçam falar:  
É o conde da Alemanha  
Menino que quer brincar.  
– Maldito sejam os seus brincos  
E o seu doce brincar;  
Agarrou-me em seus braços,  
À cama me quis levar.  
– Se é isso, minha filha,  
Eu o mando já matar.  
Venha vindo, minha mãe,  
À janela do pomar,  
Se quer ver o amado conde  
Que o vão a degolar.  
– Maldita sejas, Francisca,  
Fora o leite que mamaste,  
Que morte tão cruel  
Tu, Francisca, lhe causaste.  
– Cale-se lá, minha mãe,  
Que bem se podia calar;  
A morte que o conde leva  
Devia-a você levar.

## O CURA

Eu jungi os meus boizinhos,  
Fui-me com eles à arada,  
Lá no meio do caminho  
Esqueceu-se m'aguilhada,  
Tornei a casa por ela,  
Achei a porta fechada.  
Ó mulher, abre-m'a porta,  
Que se m'esqueceu a aguilhada,  
Eu a porta num t'a abro  
Qu'estou muito ocupada.  
Eu entrei e fui entrando  
Pela porta escusada.  
Que é aquilo, mulher,  
Qu'está debaixo da cama?  
É o gato do convento  
Qu'anda atrás da gata parda.  
Dá-me cá essa escopeta,  
Dá-me cá essa espingarda.  
Olha lá que fais, ó home,  
Que matas o cura em casa,  
Esses teus filhos mais velhos  
T'os vestia e t'os calçava;  
A ti te dava capote  
E a mim mantilha e saia.



---

## Daniel José Rodrigues

(1877-1952)

---

### O RIODONORENSE

Debaxo d'ua nogueira encontrorun dous rapaces una nuece.

Ié mia, dixo Inacio, porque a bi ieu primeiro. No, yé mia, dixo Bernardo, porque fui al primeiro ca alebantei. Ambos entrorun a raiar.

Iou quiero decedir ésto, dixo al rapace de mas idá, que passou por aili n'aquella accasion.

Meteu-se nu meio dos dous rapaces, abriu a nuece e dixo: una casca toca-le ao primeiro ca biu: a outra casca ai primeiro ca alebantou; you guardo al carozo, por a sentencia.

Esto ié el fin, dixo elle, rindo, de todas as rinhas.

#### *Versão*

Debaixo duma nogueira encontraram dois rapazes uma noz.

É minha, disse Inácio, porque fui o primeiro que a vi. Não, é minha, disse Bernardo, porque fui o primeiro que a levantei. Ambos entraram numa grande disputa.

Quero dicidir isto, disse o rapaz de mais idade que passou por ali naquela ocasião.

Meteu-se no meio dos dois rapazes, abriu a noz e disse: uma casca pertence ao primeiro que a viu; a outra casca ao primeiro que a apANHOU; e eu guardo a amêndoa, pela sentença.

Este é o fim, disse ele, rindo, de todas as questões.

✱

Un cuneio dixo pa sua mái: ó mái, deixa-me d'ir pal lameiro a saltar e comer hierba macia.

Bien, dixo a mái, mas se vês os passos d'algun home, u ladrar algun perro, bien lougo pár chi. Digo ai cuneio, estai descansada,

ó mái, e saltou d'aili a fuchir cun alegria. Dou moitos saltos asta que oíiu una voce, que le dixo: Querido cuneio, cumo stás contente! Bien a brincar cumigo. Al cuneio lebantou as oureias, e biu n'un buraco d'ua semba un animal com o cuerpo cumprui, e al fucinho aguçao. Olbidou-se dos conselhos de sua mái, e dixo: Quiero brincar cuntigo. Mas apenas habia entrao nu buraco da semba, a denunciella agarrou-ao e matou-al.

### *Versão*

Um coelho disse para sua mãe: Mãe, deixe-me ir para o lameiro saltar e comer erva macia.

Bem, disse a mãe, se ouvires os passos de algum homem ou ladrar algum cão, vem logo para aqui.

O coelho disse: Mãe, esteja descansada, e saiu dali a fugir alegremente.

Deu muitos saltos, até que ouviu uma voz, que lhe disse: Querido coelho, como estás contente! Vem brincar comigo.

O coelho levantou as orelhas, e viu numa fenda duma rocha um animal com o corpo comprido e o focinho aguçado. Esqueceu-se dos conselhos de sua mãe, e disse: Quero brincar contigo. Apenas entrara na fenda da rocha, a doninha agarrou-o e matou-o.

✱

Un dia un arrieiro cuntou q'habia curriu as cinco partes d'al mundo, e que, entre outras cousas, habia bisto una en que ningun habia falado.

Iera un pié de berzas tan alto que cincoenta cavalleiros puestos a dreito uns dos outros pudian andar da cabalo debaixo d'ua d'estas fôias. Un dos que uiran, num s'acordando d'ua d'estas cousas, dixo cun o maior descanso: q'el tamien habia viaxau, e que chegando al Xapon, habia bisto cun grande admiracion mas de tres cientos caldeireiros a trabaiar n'un grande caldeiron, drento d'al qual staban mas de cien persós a limpal'o. Mas que querien ellos fazer cun aquelle grande caldeiron?, procurou al principio. Era para cozer al ton pié da berza.

### *Versão*

Um dia um arrieiro contou que tinha corrido as cinco partes do mundo e que, entre outras coisas, tinha visto uma na qual ninguém tinha falado.

Era um pé de couve tão alto que cinquenta cavaleiros formados podiam cavalgar debaixo duma das folhas.

Um dos ouvintes, não se lembrando de tal coisa, disse com a maior placidez que também tinha viajado e que, chegando ao Japão, tinha visto, com grande admiração, mais de trezentos caldeireiros, a trabalhar num grande caldeirão, dentro do qual estavam mais de cem pessoas a limpá-lo. Mas que queriam eles fazer com aquele grande caldeirão?, perguntou o primeiro. Era para cozer a tua couve.

✱

Un pai iba cun o fio por lo caminho e acharun ua ferradura no sôlo. Alebanta aquella ferradura, dixo al pai pal fio.

Nun bale al baixar-se un home por ua ferradura, respondeu al fio. Al pai alebantou-a d'al sôlo e bendeu-a a un ferrador na ciudá para onde iban; e na mesma ciudá cun esse mesmo dinheiro cumprou alguas cerexas. Passorun pur un sitio d'onde nun habia ua fonte; e cumo al dia staba moi caliente, tenia al fio una sede moi grande. Al pai deixou caher ua cerexa. E al fio á la agarrou e comeu. Depois deixou caher outra, que tamien foi agarrada por lo rapaze, e foi-as deixando caher, asta que caheran todas as q'abia compraio. Al pai mirou ao fio e dixo-le: Se tobieras dobrao par lebantar a ferradura, non t'abias dobrao tantas vezes cumo te dobraste pa lebantar as cerexas.

### *Versão*

Um pai ia com o filho pelo caminho e acharam uma ferradura no chão. Levanta aquela ferradura, disse o pai ao filho.

Não vale a pena abaixar-se uma pessoa, por uma ferradura, respondeu o filho. O pai levantou-a do chão, e vendeu-a a um ferrador na cidade, para onde iam; e na cidade, com esse dinheiro, comprou algumas cerejas. Passaram por um lugar onde não havia uma fonte, e, como o dia estava muito quente, o filho tinha muito grande sede. O pai deixou cair uma cereja, que o filho apanhou e comeu. Depois deixou cair

outra, que também foi apanhada pelo rapaz, e foi-as deixando cair, até que caíram todas as que comprara. O pai olhou para o filho e disse-lhe: Se te tivesses dobrado para levantar a ferradura, não te terias dobrado tantas vezes como te dobraste para levantar as cerejas.

✱

Despois d'ua grand troena parceu un ourello da vieia mui bunito. Henrique mirou por la buraca para fura, e dixo chêu d'alegria: nunca bi na mia bida cores tan bonitos. As fôias das arbores stan deitando buelta a buelta aquellas tintas. Bou iá par li, e ei-de encher a mia caxa cun ellas.

Brincou depriessa canto pôdo, en dreito al mato. Mas, para sou spanto, staba a chober, e nun se conhecia color ningua.

Muiado pur chober e triste, bieno pera casa e queixou-se al pai, da sua mala suerte. Al pai riu e dixo: estas tintas non se enzierran en malgas, as pingas de chober brian assi enquanto le dá al sól; al que suzedeu cun ellas, aconeteze cun a pompa nu mundo. Afigura-se ua cousa yé outra.

No te deixes engenhar senó al prazer para ti yé dolor.

### *Versão*

Depois de uma grande trovoadá apareceu um arco-íris muito belo. Henrique olhou pela janela, e disse cheio de alegria: Nunca vi na minha vida cores tão bonitas. As folhas das árvores estão deitando gota a gota aquelas tintas. Vou já para lá, e hei-de encher a minha caixa com elas.

Saltou tão depressa quanto pôde para o mato. Mas, para seu espanto, chovia, e não se conhecia nenhuma cor.

Molhado pela chuva e triste, veio para casa e queixou-se ao pai da sua má sorte. O pai riu-se, e disse: Estas tintas não podem ser encerradas em caixas, as gotas de água brilham assim enquanto lhes bate o sol. O que sucede com elas acontece com a pompa no mundo. Parece-nos uma coisa e é outra.

Não te deixes enganar, senão o prazer é para ti dor.



---

## Sousa Costa

(1879-1961)

---

### O CORGO

A peleja foi bravia. É legítimo o repouso. Boceja. Espreguiça-se. Quase adormece, bem dizendo o dossel letárgico dos amieiros da Timpeira, no merecido usufruto da paz conquistada – a vila cidade, a três tiros de funda, no topo de desafogada colina, a arrolar-lhe o sono, a trautear a redondilha:

Das cidades e o Porto,  
Das vilas, Vila Real.  
Não há terra como a minha  
No reino de Portugal.

Espreguiça-se e boceja na moleza acariciante do açude das *Lavadeiras*. Dali, meio amodorrado, escorrega ao encontro da ponte de Santa Margarida.

Mas logo desperta e estaca outra vez – desta vez, se não de medo, de concentrada surpresa. É que o olhal da ponte, a despeito do seráfico nome que lhe puseram, representa no sítio a vera-efígie da porta do Inferno, mais sombria que a de Dante.

Do lado de cá reina o amor. Para o lado de lá impera o ódio – hirsutos pendores e penhascos trágicos outra vez arreganhando para o hóspede pacífico a horrenda dentuça.

O Corgo não recua. Declaram-lhe guerra, quando se apresenta sob as insígnias da paz? Vamos à guerra. Além de que, é preciso sofrer com paciência, para salvação da nossa alma e redenção dos que nos querem.

Por isso se arremessa novamente, denodadamente, contra os penhascos, retalhando o corpo nos seus agudos colminhos. E com tal coragem afronta o perigo, e com tal fé se dispõe ao sacrifício, que em pouco mais de dois credos é rei e senhor do paraíso da *Ínsua*, tendo aparelhado de fugida, nos domínios do próprio inimigo, a queda natu-

ral do *Agueirinho* – aquela a que Vila real deveu o privilégio magnânimo da primeira central eléctrica de cidades e vilas nortenhas.

Um só defeito lhe conhecem – se é lícito pôr defeitos naquilo que cada um preza pela sua maior virtude.

Cristão nas leis da caridade, nem sultão da Turquia o avanta no amor do feminino. Desde o Mézio a Vila Real, recebe no leito, eu sei lá, mais de três dúzias de ribeiras. Pois logo adiante, ainda a precipitar-se na antiga cascata da luz eléctrica, já entoa o *Cântico dos Cânticos* em mercê da formosa de Tourinhas – ribeira endiabrada, que ao ouvir-lhe o canto, cá em baixo, salta a pino, dos cimos de *Peneda* ao poço do *Agueirinho* – alvoroçando o coração amigo do colégio de moinhos que em vão procura ampará-lo na queda. E não contente com isto, a trezentos côvados, se tanto, no céu aberto da *Ínsua*, zás, nova ribeira – agora a do Cabril.

Mas à do Cabril dá-lhe o braço, marido e mulher; oferece-lhe a direita muito ufano do seu rico dote em águas cristalinas, das lapidadas no Marão. E como ela se presta à composição de efeitos «osnográficos», é com ela que compõe o fundo líquido donde emrge a proa formidável de formidável navio – com as torres e grimpas de Vila Real por mastros e galhardetes.

---

## Monsenhor José de Castro

(1886-1966)

---

### A MORTE DO ABADE DE BAÇAL

**E**is como soube morrer.

Num pobríssimo leito de ferro, arqueado pelo tempo e pelo peso, entre cobertores caseiros, está o nosso Abade. No quarto, abaixo de modestíssimo, dois retratos: o dele, ainda na força vital, e o da Mãe, o seu grande amor. Atrás do leito, a Bênção Apostólica do Santo Padre. No ambiente, a luz frouxa de uma lanterna de petróleo mal descobre o vulto dos parentes e amigos.

A cabeça onde coube tanta ciência tem a serena magestade de sempre. Os olhos de uma luz viva e suave fixam um ponto vago. Sem ruído, tínhamos entrado eu, o Dr. Raúl Teixeira e o infatigável Dr. Francisco Moz.

Ao sentir-nos, os seus olhos grandes deitam brilho e doçura.

A cada um de nós, uma palavra de afecto.

Silêncio. Muito surdo o Abade. Eu de pé, o Dr. Raúl Teixeira sentado, e o Dr. Francisco Moz, em redor do leito, em serviço clínico.

Os olhos do arqueólogo insigne passeiam por todos. Depois, numa voz que nunca lhe conheci, batendo as sílabas, dizendo com naturalidade de artista, pondo em cada palavra um traço de ternura, põe-se a recitar versos de João de Lemos. Era o patriota, e enamorado da terra fecunda e verde. É o hino à natureza, à sua roseira, à sua murta e ao rosmaninho. ...É o serrano convicto a despedir-se da sua aldeia, é o patriota raiano que sonha e canta e vibra como um clarim com as letras e sílabas de Portugal.

Nós, estátuas de assombro e comoção.

O Sábio eminente, o padre de batina limpíssima, fala novamente. O seu pensamento entrara por terras de Espanha, abrira as portas da cidade de Ávila, subira ao Carmelo, e ouvira dos lábios de Santa Teresa a maravilha de amor, despida de interesse e receio, posta em 14 versos milagrosos. E o Abade recita com unção comovida:

*«No me mueve, mi Dias, para quererte».*

Depois desta declaração de amor desinteressado a Cristo cravado numa Cruz, o Abade fatigou-se. Fala ainda de novo. A voz sai-lhe enternecida. Em versículos latinos, pede, para a sua alma, a Divina Misericórdia.

O Dr. Francisco Moz empurra para dentro lágrimas que teimam em vir para fora. O Dr. Raúl Teixeira encolhe-se na cadeira, e derrete-se em lágrimas. Os camponeses amigos sentem que algo de muito grande se passa.

E o Abade de Baçal repete, como num eco, *Amplius... Amplius...* E chegará, Padre Castro?

A minha resposta: – Tem ali, Senhor Abade, a Bênção Apostólica do Santo Padre.

Um olhar vivíssimo comenta a minha resposta, fecha os olhos e cai ensimesmado.

Dias depois, de novo o Abade, cercado dos seus amigos predilectos. O Abade esteve à espera deles para morrer. Morrer? Voltar-se para o outro lado desta vida, para a outra que não tem fim.

Assim acabou o Abade de Baçal – um padre cheio de austeridade, um patriota de altíssimo valor, um grande sábio cristão, o maior bragançano de todos os tempos.

---

## José Santa Rita Xisto

(1905-?)

---

### BRAGANÇA À LUZ DA HISTÓRIA E DA FANTASIA

– Então somos primos?!... Ora venha de lá um abraço, seu primo dum anjo! – galhofava o Albino Nogueiro, levantando os braços.

E o João Vaz Taborda Pessanha deixou-se abraçar, correspondendo a esta expressão com um sorriso de convencido e vencido.

– O primo dá-me licen ...

– Ora essa, «inter amicos non habet geringonças»!

– José Canto de Oliveira.

– Que, segundo se me afigura, também é lisboeta – replicou o Nogueiro, assentando-lhe uma palmada no ombro.

– Pois esta terra, meus caros, é deliciosa. É um ambiente muito diferente do de Lisboa. Mas, em se familiarizando com os aspectos másculos destes montes, acostumados ao perpassar dos séculos, nas suas vagas de ódio e de sangue, sentir-se-ão bem, perante a imensidade histórica desta região. Depois... os museus, as bibliotecas...

– Museus?! Bibliotecas?!

– Sim senhor... Bibliotecas e museus à farta! Admiram-se? Fiquem sabendo que estão numa cidade milenária e de nobres tradições, numa cidade, talvez, da idade das pirâmides do Egipto. Riem-se? Mas esperem. Aí vem o Teles, que, apesar da sua grande inclinação para a matemática, também nutre certa afeição pela História.

– Ó Teles, vem cá ensinar a estes alfacinhas que Portugal também se estende por estas serranias e montes.

– Então onde está a dúvida? – observou, sorridente, o interpelado.  
– É verdade, sim, senhores. Esta região de Trás-os-Montes tem cenários históricos de grande apreço e fama. Não contemplaram ainda as faces morenas das vetustas muralhas na nossa Vila? Pois vale a pena...

– E se nós fôssemos até lá? – lembrou o Nogueiro.

– De facto, o dia está bonito e como não temos aulas...

– Pois vamos lá embora.

E os quatro rapazes, num impulso unânime e afoito, puseram-se

a caminho do seu objectivo, descendo a Rua Direita. Chegados, porém, ao fundo da rua, o Nogueiro suspendeu a marcha e, sorrindo maliciosamente, disse:

– Nunca ouviram dizer que ao fundo das costas fica o Principal?

Neste momento, os dois lisboetas entreolharam-se, enquanto o Teles explicava:

– Decerto. Estas duas ruas, chamadas Costa Grande e Costa Pequena, vêm terminar neste largo chamado o Principal.

– Então ides levar os calouros ao tanque? E as pobres bestas que hão-de beber depois? Levai-as antes ao «Marcial».

Ao proferir estas palavras, o Políbio da Costa Ferreira dirigia-se para o pequeno grupo, onde se ria francamente pela sua saída, que, como sempre, fora num tom majestosamente sério.

Os cinco rapazes fitavam agora a parede da Igreja de S. Vicente, ao mesmo tempo que o Teles explicava:

– Este quadro representa uma cena histórica, passada no tempo das invasões francesas. Simboliza a figura brilhante do general Sepúlveda, lançando do cimo destas escadas o primeiro grito de revolta contra a invasão avassaladora dos bandos armados de Napoleão.

– Esta igreja parece já muito antiga... – comentou o Pessanha.

– Lá isso é. Tem... tem... afirma-se mesmo que foi aqui que se realizou o casamento clandestino de Inês de Castro com D. Pedro I.

– Não queres vir até à Vila, Políbio?

– Só vou com a condição de pagarem um copo na «Piedade».

– Lá por isso... Faz-se uma subscrição, se for preciso.

Depressa as escadinhas da Costa Pequena foram subidas e em breve se patenteava aos olhos dos cinco estudantes a entrada principal da Cidadela, ali ainda cercada de bem conservada muralha.

– Bem se vê que por aqui não entrou o «Cavalo de Tróia»! – exclamou o Pessanha.

E, assim conversando, os jovens estudantes, através do pequeno dédalo de ruas ali existentes, chegaram, finalmente, ao Largo da Porca da Vila, onde o majestoso castelo, do alto dos seus trinta e três metros, falava pela boca do Teles, como outrora as pirâmides do Egipto, pela boca de Napoleão, dos seus quarenta séculos de existência.

Segundo a versão histórica de Pinho Leal, Bragança foi fundada (ou reedificada) por Brigo, quarto rei de Espanha, no ano dois mil e noventa (2 090), ou seja, 1914 anos antes de Cristo.

– O quê?!... 3 836 anos?! – objectou o Pessanha, pondo ao serviço da Matemática as suas faculdades mentais.

E o Teles, sorrindo à estupefacção, continuou:

– Há quem afirme que estes Brigos são muito longínquos. Mas, como temos que admitir uma origem, admitamos, pois, a inserida no *Portugal Antigo e Moderno*.

– É estupendo! Como se pode existir tanto?! – interrompeu o Canto de Oliveira.

– Isto não é bem existir; é renascer das próprias cinzas, como a própria Fénix. Se estas pedras, enegrecidas e gastas pelos séculos, pudessem falar, que belas e que horríveis narrações nos não fariam!... A estadia, como governador desta praça, do herói das Astúrias, Pelágio, a presença dos mouros, romanos e outros povos, são a nota mais valiosa da importância histórica desta velha e nobre Vila, cujas muralhas tantas vezes foram derrubadas e outras tantas zelosamente erguidas e repovoadas. Mas não quero maçá-los com a longuíssima história delas...

– Maçar?... Nós até ficamos muito gratos pela proveitosa lição que nos está dando, e pedimos que continue, pois o estamos escutando atentamente.

– Obrigado. Pois Bragança, após a sua inclusão na definitiva nacionalidade portuguesa, foi reedificada por D. Afonso Henriques e povoada por D. Sancho I, que lhe deu foral em 1187, bem como D. Manuel I em 1514. Em 15 de Maio de 1762, depois de aturadíssimo cerco, foi obrigada a render-se aos espanhóis; e ainda, quando ocupada pelos franceses, contra eles se revoltou, na memorável data de 12 de Junho de 1808.

O primeiro duque de Bragança foi D. Afonso, filho natural reconhecido por D. João I, e feito duque por seu irmão o príncipe regente D. Pedro. Este D. Afonso casou com D. Beatriz (ou Brites) Pereira, filha única do Santo Condestável, D. Nuno Álvares Pereira.

O primeiro Duque de Bragança o teve D. João I de Inês Fernandes Esteves, natural da Guarda. O pai desta era um judeu converso, natural de Castela, sapateiro de profissão, chamado Mem da Guarda, por alcunha «O Bardadão», que morreu e está sepultado na vila de Veiros. Foi deste sapateiro que procederam muitas casas reais da Europa, e grande número das principais casas titulares de Portugal e a dos condes de Arandel, na Inglaterra.

– Sim senhor, lindo aspecto! Avista-se a cidade toda. E aquela torre ao lado do castelo?

– Chama-se a «Torre da Princesa», por nela ter estado cativa certa princesa à ordem de um tal D. Jaime...

Diz a lenda que, certa noite, a enclausurada se evadiu com o auxílio de um guarda-chuva, atirando-se lá do alto, sendo levada pelo vento para terras de Espanha.

Também se conta que essa dama se apaixonara por um homem do povo, recusando-se, por isso, a casar com um fidalgo que seu pai lhe escolhera. Daí, a irritabilidade do seu progenitor, o cativoiro, as mais severas ordens para lhe impedir qualquer comunicação, e, finalmente, a solidão... os sonhos e as quimeras do amor a esmaecerem na penumbra do impossível! E sei apenas que o «Romeu», numa noite tempestuosa, a conseguiu raptar, fornecendo-lhe uma espécie de guarda-chuva com o qual ela se lhe lançou nos braços.

– E daí... a invenção do pára-quedas... – Estas últimas palavras fizeram voltar bruscamente os estudantes que, atentos à narrativa do Teles, tinham naquele momento os olhos fixos no mesmo ponto.

– Olha o Matos! Que andas a fazer por aqui?... Buscando o velho Sileno, o néctar do Baco?

– Fui ali ao quartel falar com o meu pai, e, como vos avistasse, «aprocheguei-me», na esperança de molhar a palavra, pois os camelos, quando vão em excursão pelo deserto, costumam levar mantimento líquido para 15 dias.

– Vale d'Álvaro!... Tanque de S. Vicente!

– Deus me livre. Antes quero passar sede, até chegar ao «Marcial» ou ao Simão e Teresa. Lá diz a cantiga:

Dá-me binho, dá-me binho,  
Que auguas não sei buber,  
A auga tem samessugas,  
Tenho medo de morrer.



A QUESA DE UM ANJO E A CLASSE POLÍTICA

1 • Na dedicatória a António Rodrigues de Sampaio, datada de 27 de Setembro de 1865, Camilo fala de *A Queda de Um Anjo* como de um livro futilíssimo, e não singular, nessa espécie, dentro da sua obra. Por seu lado, quando Bigotte Chorão intenta definir uma *Biblioteca Ideal* de Camilo, seleccionada entre os supostos 180 títulos e 54.000 páginas que lhe atribui Fialho, inclui logo *A Queda de Um Anjo* (1866), que chama «um livro todo satírico». Abstraindo dos critérios literários, para adoptar um ponto de vista exclusivamente político, talvez ambos os juízos sejam exactos, dando por suposto que é legítimo atribuir um valor político à obra, e que esta não escapa à regra de se libertar do autor para ser prisioneira dos intérpretes.

2 • Que pareça futilíssima a vida política activa a quem vivia intensamente todas as fases da crise religiosa, e a angústia da meditação sobre o destino final, dando a mais trágica prova do tormento que lhe terá sido viver, não é exemplo sem muitas repetições. E pode ter influenciado esse juízo o facto de, justamente em 1865, ter Camilo discursado em comícios eleitorais, a favor da candidatura de Custódio José Vieira a deputado pelo Porto. A oratória de comício, as artes comicieiras, a pequena experiência de Estado-espectáculo que cada acto de propaganda política exprime em busca do poder, não devem ter estimulado a admiração de quem, havendo ainda de perder a fé, nunca ficaria indiferente em matéria de religião. Futilíssimas lhe deviam parecer as inquietações, as lutas, as conveniências, as ambições, que se exprimem num comício, e que aumentam de volume, mas não mudam de perfil, quando transferidas para o plano mais geral da conquista do governo.

Todavia, esta atitude frequente perante a política activa também é frequente que se manifeste em homens que possuem uma concepção muito bem definida do seu país, da sociedade civil deste, dos interesses

nacionais permanentes, da importância colectiva do passado, e da urgência de escolher o futuro. Nenhum destes interesses ou objectivos se preservam ou realizam sem política, e todavia esses a condenam como futilíssima, desapegada das realidades, prejudicial e servidora de vantagens menos confessáveis. Nesta contradição fazem a política da abstenção e da crítica, acabando por identificar uma chamada *classe política*, que é o objectivo da análise, da sátira, da condenação, e geralmente acusada de estar divorciada do país real.

3. É por isso que o livro deve realmente figurar na biblioteca ideal camiliana, parecendo certo que, se o intervencionismo político de Camilo foi sem real significado, a sua intervenção na definição da sociedade civil, na identificação dos valores que considerava fundamentais, no diagnóstico da permanente dialéctica cultural que anima a arte de ser português, foi extremamente importante, e encontra neste livro uma das mais significativas contribuições.

Tão concentrada esteve a sua atenção nesse processo de mudança da sociedade civil, o qual durante a sua vida atingiu o ponto alto com o chamado movimento regenerador, que não se pronuncia sobre factos tão importantes como foram a extinção dos morgadios (1863), o problema do casamento civil (1865), o desenvolvimento da rede de comunicações, o surto capitalista na indústria, no comércio e na agricultura, que teve o seu monumento no Palácio de Cristal do Porto, em 1865<sup>1)</sup>. Mesmo o estilo apaixonado e violento das suas famosas polémicas, como o das *Verdades Irritadas e Irritantes* (1866), ou a do Dr. Ave-lino César Calisto, a *Questão da Sebenta* (1883), não é transferido para o exame das questões nacionais, e o que de mais significativo produz é esta obra que Pinheiro Chagas considerou o melhor momento cómico de Camilo<sup>2)</sup>. Dedicado às futilidades da classe política, a primeira aparente evidência é que não encontra relação funcional entre a acção desta e a degradação da sociedade civil, para a qual guarda todos os seus desvelos, angústias e tremendismos. Oliveira Martins, por exemplo, no *Portugal Contemporâneo*, membro ele próprio da nova classe política, já não aparece tão alheio à relação causal entre uma e outra coisas.

---

1) Túlío Ramires Ferro, Nota Preliminar à edição de 1966, Lisboa.

2) Jacinto Prado Coelho, “As polémicas de Camilo”, in *As Grandes Polémicas Portuguesas*, II Volume, Lisboa, Verbo, 1867.

4 • Nascido em 1825, em Lisboa, Camilo Castelo Branco cresceu na época em que o perfil internacional do país se adapta à modificação essencial que foi a independência do Brasil, e nela decorre uma nova definição das relações entre os dois países de expressão portuguesa, e ainda, nesse tempo, com linguagem real comum, sociedades civis intercomunicantes pelas migrações, a moeda portuguesa a apoiar-se nas remessas do Brasil. Talvez por isso, o Brasil, e os brasileiros ou abra-sileirados, é praticamente o único problema, a que podemos chamar de índole internacional, que ocupa e preocupa Camilo, cuja sociedade civil tem frequentemente os olhos postos no outro lado do Atlântico.

Mas, tratando-se de um traumatismo inseparável das invasões francesas, com equivalente apenas na descolonização deste século, de tal modo absorveu as atenções e energias do artista que nele se não encontram preocupações com a evolução do século XIX em geral, e os seus efeitos para a humanidade. E, todavia, foi o século de aceleração da história, consequência da novidade dos processos económico, social e científico, do avanço da ciência que se manifestaria plenamente no século seguinte agora a despedir-se, tudo preparado pela mudança da economia e da sociedade<sup>3)</sup>.

Mas periféricas continuaram na visão camiliana pouco afectado por tal movimento geral, vasculhando antes a queda interna do velho mundo, e as futilidades do novo, sem que um grande desígnio pareça poder nascer em tal vaso fechado.

5 • Talvez sem nome, a classe política já circulava autónoma na vida portuguesa, e o livro não deixa de identificar essa novidade perniciosa. Diz o autor: «os deputados eleitos até aquele ano, no círculo de Calisto Elói, eram coisas que os constituintes realmente não tinham enviado ao congresso legislativo. Pela maior parte, os representantes dos mirandenses tinham sido uns rapazes bem-falantes, areopagistas do Café Marrare, gente conhecida pela figura desde o botequim até S. Carlos, e afeita a beber na Castália, quando, para encher a veia, não preferia antes beber da garrafeira do Mata, ou outro que tal ecónomo dos apolíneos dons»<sup>4)</sup>.

O anúncio da resolução do Morgado Calisto Elói, apoiado na disposição da esposa Teodora para aguentar o sacrifício, é ressentida como um perigo pelo Ministro do Reino, mais partidário e fiado de um poeta

---

3) UNESCO, *Histoire de la Humanidad*, Tomo 9, Barcelona, 1977, pág. 474.

4) Cap. III, “O demónio parlamentar descobre o anjo”.

de Lisboa, mancebo de muitas promessas de futuro, revisteiro e pianista, mas que não pareceu candidato viável diante do levantamento do Portugal Velho, amigo dos forais, e inimigo dos regimentos parlamentares, sobre os quais diz o Morgado ao Abade de Estevães estas palavras: «Eu li de tento e vagar o Regimento, amigo abade, e a mim me quis parecer que tudo aquilo é um modo, o mais cerimonioso, de fazer calar aqueles cujos dizeres desagradam à presidência, por via da regra, mancomunada com o governo.»<sup>5)</sup>

Este encontro do Morgado com a classe política, o regimento desta, os seus modos, a sua ambição e desvergonha, tudo representado pelo Dr. Libório de Meireles, dito caricatura de Aires de Gouveia, Ministro da Justiça, tem expressão no dramatismo das suas primeiras intervenções parlamentares, onde Caçarelhos é o ponto de referência do mundo que valerá a pena ser vivido, mas que, porém, vai desaparecendo sacrificado à sofreguidão dos donos do poder político.

Durante muitos e longos anos, cartistas ou republicanos, continuaram a viver sobre esta divisão em que os rituais democráticos, a que se procede nos órgãos de exercício da soberania, não correspondem à sociedade fechada e rural, onde os titulares da soberania vão recolher as aparências da legitimidade e do mandato popular. Dizia o Morgado, depois de uma sessão da Câmara: «Todos ressabem a ervilhaca; uns estão gafados de francesias, outros tresandam nos seus dizeres a bafio, que os bons seiscentistas rejeitaram. Carecem de cunho nacional estes homens. O mau português principia a sê-lo, desde que mareia a pureza de sua língua. Dêem-lhe portugueses de língua, e eu bandearei com eles, como com portugueses de coração. Com aquele Dr. Libório do Porto nem para o Céu. Tenho medo que Deus o não entenda. e nos ponha ambos fora, de cambulhada.»<sup>6)</sup>

**6**• Este fenómeno da classe política não chamaria a atenção de analistas das ciências sociais que então não tínhamos, mas haveria de ser parte importante das críticas, mais participativas da vida pública, por exemplo, de Antero de Quental, de Eça de Queirós, de Ramalho Ortigão, de Bordalo Pinheiro, para finalmente se transformar num tema banal dos nossos dias.

Não se trata do conceito marxista de classes, formulado certamente com menos verdade, mas com superior dignidade à que valorativamen-

---

5) Cap. III.

6) Cap. IX.

te identifica o aqui referido conceito de classe política. E isto porque ousou confessar, à modernidade governante, que, «temerosos de serem esmagados» pela dissolução reinante, cuidava ver «D. João de Castro, que empenhou as barbas, e tem duas árvores em Sintra; o Duarte Pacheco, que vai entrar no hospital; e Luís de Camões, que vem comer as sopas dos frades de S. Domingos. Cada época tem centenas destas ilustres vítimas.»<sup>7)</sup>

Mas não foi o caminho dessas centenas de vítimas de cada época que seguiu o português antigo vindo à cidade para defender os valores do país real, do campo sacrificado, dos contribuintes aos quais não chegam os serviços da administração pública, o ensinado pelos clássicos que assumira verberar os estrangeirados, o defensor da fé com a primeira intenção de expulsar os vendilhões do templo.

Ao contrário, dá por demonstrado que o Reino de Deus não é deste mundo, que Miranda não deixaria de pertencer ao nordeste abandonado à conta do sacrifício do deputado, e que não lhe adiantava nada, pessoalmente, que os jornais afectos entendessem que «à parte as denúncias escolares do seu discurso, dera uma útil, bem que severíssima lição, aos meninos que fogueteiam com o País, indo ao santuário das leis bailar em acrobatismos de linguagem, que seriam irrisórias em palestras de estudantes de selecta segunda».<sup>8)</sup>

Aos teimosos dos princípios não acontecem as Ifigénias deste mundo, e dar por isso aos quarenta e quatro anos de tradicionalismo, de latim, de presunto, de salpicão, e de prima Teodora, é um safanão quase desatempado, que obriga a escolher entre a virtuosa resignação e a pressa de recuperar o tempo perdido. O tumulto amoroso, como não podia deixar de ser, vinha do Brasil, orfã, viúva de um pai, amigo, e mestre, que tivera o nome de marido.

Fez-se «português do século XIX»<sup>9)</sup>, isto é, «deixou de ser legitimista», e, no dizer do Abade de Estevães, «fez-se um malhado acérrimo. Está com esta gente, e demais a mais fez-se governamental»<sup>10)</sup>.

Entrou na ali identificada classe política, isto é, sem ideário que pudesse prejudicar o acerto de que é difícil governar, mas é muito mais áspero e desconfortável ser governado. A queda é a final transigência com o fenómeno que parecia novo e reprovável ao legitimista do pas-

7) Cap. VIII.

8) Cap. XVIII.

9) Cap. XXXIII.

10) Cap. XXXIV.

sado: a classe política, dona do poder em primeiro lugar, dispensadora dos valores sociais, pragmática, modernizante no seu teor de vida próprio, e resignada ao facto de que o interesse público é de realização excessivamente lenta para tão breve vida.

Já foi tentado dar mais altura ao fenómeno, falando na tradição das elites. Mas este dramatismo parece reconhecer ao evento uma fraqueza humana, que, além de o identificar, de algum modo o dignifica. Camilo optou pela visão cómica, uma das formas de esconder a profunda mágoa.

**7**• A sua própria vida foi uma contradição entre os princípios e os actos, designadamente a evolução das relações com Ana Plácida, e a defesa que assumiu de Vieira de Castro, o justiceiro que morreu degredado em Luanda. Todos os argumentos que invocou com brilho e veemência judicial a favor do direito de vingança do amigo definam uma moldura que o condenava a ele próprio e dignificava Manuel Pinheiro Alves. Por outro lado, passando brevemente pela acção política activa, designadamente quando se alistou nas forças de Mac-Donell, ou entrou em conflito com José Cabral, governador civil deste distrito [de Vila Real], também teve a sua pequena queda de um anjo, ao aceitar, e parece que pedir, o título de Visconde de Correia Botelho, honrando os precedentes de Almeida Garrett e de Castilho.

Mas o que mais dramatiza nacionalmente a passagem deste português ímpar pela nossa vida colectiva é a comunidade de destino com tantos dos maiores valores portugueses. O homem glorificado por Raimalho Ortigão, Eça de Queirós, Pinheiro Chagas, Fialho de Almeida, Teófilo Braga, Moniz Barreto, Bordalo Pinheiro, Júlio Brandão, Maria Amélia Vaz de Carvalho, Fidelino de Figueiredo, Júlio Dantas, Castro Gil, suicidou-se.

É verdade que as circunstâncias pessoais são tremendas, e o juízo íntimo para sempre indecifrável. Mas quantos, lembrados como símbolos de uma concepção de vida, como Antero e Mouzinho, não o fizeram? Não chega o sofrimento indescritível, e talvez inexcedível, documentado pelo próprio, para tomar inteligível o fenómeno colectivo que o aflige. Será o país desesperante, ou seremos nós desesperados? Será necessária a queda para sobreviver, e o romance, assim, abre uma pista sobre o caminho local da salvação terrena? Substituir os princípios pelo carreirismo? Abandonar a ideologia em favor do pragmatismo?

O fenómeno da classe política, corporatizada, proventura ainda es-

perando pela abordagem científica, tem aqui a certidão de reconhecimento. Não há muitos dias, um dos nossos bispos aconselhava a que, nos bairros dos pobres da sua cidade, em épocas de eleições, fossem afixados cartazes proibindo a entrada dos políticos em campanha.

Poderia parecer que o prelado tinha acabado de ler o livro, e tratava de exconjur a legião dos anjos caídos. Mas é mais de presumir que a experiência, campanhas repetidas, a linguagem adoptada pelos meios de comunicação social, tenham definitivamente concorrido para actualizar a visão camiliana de uma classe política, com três discursos, o da conquista dos votos, o de exercício do poder, e o da justificação. Pragmático, governamentalista, esperando pela vitória para saber de que lado esteve sempre. Ao lado, os morgados de todos os tempos, estariam como Calisto Elói, um «Daniel à beira da fornalha. Aí está o homem-anjo. Quarenta e quatro anos imaculado! Um coração que, se algumas imagens tem gravadas, são as dos frontispícios aparatosos de alguma edição *princeps*, de algum Elzevir anotado por Grenóbio»<sup>11)</sup>. Perdido, a não ser que se decida pela queda: «dinheiro a rodos!»<sup>12)</sup>. A mesma Teodora só encontrou felicidade na queda: «a cintura adelgaçou-se; apequenou-se-lhe o pé; alargaram-se os quadris; amaciou-se-lhe a cútis; branquearam-se-lhe os braços; escampou-se-lhe a fronte com o riscado dos cabelos», e, por cima de tudo isto, «vivía contente, esquecida e feliz». Sabemos que essa classe política, profissionalmente ciosa do poder, distante do país real, não é um fenómeno exclusivamente português. Mas é excessivamente inquietante que tantos bons espíritos tenham sentido, de época em época, a necessidade de a verberar. E que, de época em época, a confiança nas instituições seja substituída pela esperança num homem.

---

11) Cap. X.

12) Conclusão.





---

Luísa Dacosta

(1927)

---

## OS LUGARES E O TEMPO

Houve um tempo, longe. Houve um tempo, em que uma montanha azul, de um azul amassado com violetas, fechava o horizonte do quintal, mesmo quando empoleirada na japoneira – seu mastro de aventuras – sonhava entre o perfume das rosas e dos lilases. Longe, na infância...

Na minha primeira infância o mundo não existia, fora dos mapas ou do globo terrestre. Não havia telefone, nem rádio, nem televisão. Só os grandes liam o jornal e lhe recortavam o «Pim Pam Pum» às quintas-feiras. Assim, às vezes no meio do sonho ou das leituras, que a prendiam, quando estirada no ramo da japoneira, pensava no que a esperaria para lá do Marão, quando saísse do confinamento, aconchegante, da cidadezinha, onde todos se conheciam e ninguém era anónimo, nem mesmo os pobres. Tão conhecidos e familiares todos, que todos tinham alcunha: o «pape-la-massa» por causa da sua fala entaramelada, o «chega-me isso!», porque era manco, o «cigarro forte» por causa da sua magreza chupada, o «senhor pêndulo», que oscilava ao andar e, como director do Banco de Portugal, beneficiava de mais cerimónia. Depois havia os que andavam sempre a par: um casal, «os amorzinhos» e uns companheiros de farra, alentados, «o arrobas e o toneladas». O que haveria para lá do Marão? Segundo o primo Jorge, que já tinha ido ao Porto, pouca coisa: mais casas e mais ruas. Só?! – estranhara. Não podia acreditar. O primo Jorge, companheiro de brincadeiras, devia estar enganado e olhara apressadamente. Mesmo no Porto, sabia pelo pai, havia ópera e concertos. Na altura o seu compositor preferido era Grieg, porque um primo tocava ao piano a canção de Solveig e o que a tentava eram outros horizontes mais vastos e uma liberdade, que poria fim àquela estreiteza, ritual e repetitiva, de todos os anos. Natal, Janeiras, Reis, matança do porco, S. Brás, onde as namoradas compravam «ganchas» – que imitavam o báculo do santo – para o «seu» rapaz. Seguiu-se o Carnaval e a festa do colégio. Depois da *mi-carême*,

vinha a Páscoa, o foliar e o enterro, anual, do Senhor. O Santo António, dia da cidade, trazia a feira anual e maior, com barracas, circo e fogo-de-artifício farto e, logo depois, a dos pucarinhos de Bisalhães, pelo S. Pedro. Com o Verão havia música no coreto do Jardim da Carreira e faziam-se preparativos para as férias na Póvoa de Varzim. No regresso, começava a cheirar a compotas e a marmelada. Aproximava-se o dia de mortos e o cerimonial ostensivo (a que se juntava alguma rivalidade) de candelabros de prata e flores, no cemitério. Por último chegavam os magustos, o fuminho das castanhas às esquinas, a festa dos estudantes no primeiro de Dezembro. Depois o Natal voltava. Àqueles rituais, felizes, misturavam-se uns laivos de tragédia, pouca: as lembranças da pneumónica, que tinha morto alguns familiares, que não conhecera, e as da primeira guerra do século, que mais a tocara, porque logo no liceu tinha tido um professor de Francês, gaseado da guerra de 14. Mas essas tragédias, já passadas, anulavam-se diante da heroicidade do Carvalho Araújo, com estátua na Avenida, e do «Milhões», tantos alemães matara!, que até o próprio presidente da República-general tinha de lhe fazer a continência, quando ele desfilava com o 13, o nosso regimento. Também havia ecos da guerra de Espanha, já que alguns se tinham oferecido para combater pela república. E estava tudo mais próximo, porque já havia rádio. Mas nada tão próximo como os terrores da tia Mercedes: os da Traulitânia e os do inferno, que descrevia, como se lá tivesse estado, as almas a retorcerem-se nos caldeirões de fogo, fervente. Mas a Traulitânia tinha-me sido alheia e o inferno também me parecia exagero da tia. E então as missas? Naquele tempo eram em latim, mas no final esconjurava-se sempre o Maligno, em português, já que ele andava no mundo «para perdição das almas». Ora havia todos os dias missas e aos domingos eram obrigatórias e a todas as horas da manhã e em várias igrejas. Algum efeito haviam de ter sobre o dito-cujo. E, além disso, havia o anjo da guarda, a quem se rezava todas as noites. Sentia-se a salvo. E toda se concentrava na ida para o liceu e na liberdade que haveria para lá da montanha azul, dum azul amassado com violetas. Pobre ingénua, tonta! que ainda tinha festejado, na rua, o fim da Segunda Guerra Mundial, já na faculdade, em Lisboa, mas não ainda totalmente consciente do holocausto, da sua dimensão e profundidade, como se aquela fosse a última e definitiva Guerra e trouxesse, de imediato, a sonhada democracia. Era tão nova e estava tão cheia de esperança, como um balão de menino acabado de encher! Novas amizades, o piano da Rosário, que a ajudava a estudar, os concertos em S. Carlos,

as exposições, o contacto com o cristianismo renovado da «Metanoia», que apagava os medos do inferno e do pecado e trazia, como «O Cristianismo e a Mensagem Evangélica» de Joaquim Alves Correia, a figura humaníssima de Cristo, que, desde o colégio, julgara só um martirzinho e não o pregador de uma nova doutrina de amor e perdão e de uma nova concepção de Deus, sem inimigos, e pai de misericórdia. Estava cheia de esperança. Havia toda uma vida a viver: o casamento, viagens, o nascimento das filhas... Passada a tuberculose, suprema felicidade, viera um tempo com uma janela atlântica, fechada por um horizonte, que só os barquinhos de boquinha aberta da pesca artesanal, as traineiras da sardinha e o seu sonho eram capazes de transpor.

Como tinha amado aquele mar violento, uivante, com choro; canto e voz murmurada! Nas mareadas das marés vivas (respingavam-me mesmo quando refugiada no telhado) as ondas erguiam-se em montanhas azuis, também de um azul amassado com violetas, que se desfaziam em espumas brancas, como se a neve do Marão (às vezes visitava a cidadezinha e dava feriado no liceu) se derretesse aos seus pés. O tempo, porém, corria inexorável com o seu cortejo de aflições e perdas: a prisão política do marido, esperanças murchas e a emurhecer, perdas: a morte do pai, mais tarde a da tia e a venda da casa, o corte das raízes. O tempo da alegria tinha passado, com a separação de pessoas e bens, mais tarde o divórcio, o seu corpo ainda enxuto, de lua amassada com azeitona, duas vezes recusado. Começava uma solidão, feroz, de quase quarenta anos, que só as aulas e vagas escritas, pouco vendáveis, tinham preenchido. E a tudo isso viera juntar-se a morte da mãe e depois a da filha mais velha (pode-se enterrar uma filha?) e aquela certeza de que o mundo não era liberdade, beleza e amor, mas injustiça, guerra, fome, tortura, vozes prisioneiras e sufocadas por censuras políticas, cada vez mais sujeitas a uma economia, sem moral, numa paisagem a desagregar-se em lixo e poluição. Claro, havia os milagres da técnica com o deslumbramento da descoberta das últimas luas de Júpiter, a chegada à Lua, a descoberta doutro planeta do sistema solar e de outros sistemas solares, os milhões de galáxias, mas nada disso conseguia apagar a multidão de desempregados que a globalização arrastava consigo, as ameaças de terrorismo, fome e guerras, e a certeza de que uma bomba atômica podia reduzir a pó cidades inteiras. Além disso, a desatenção ao ambiente tornava o planeta feroz e a reduzir-nos à condição de insectos, que uma onda de tufão ou um irromper vulcânico varrem e fazem desaparecer. Era com aquelas certezas, e no fim da vida, que vol-

tava a atravessar o Marão, a fechar aquele vale verde – verde, verde – de campinhos de milho – que os castanheiros aconchegavam e tanto tinha amado com aquelas casas de outrora, de telhados de xisto, a brilhar como escamas de peixe, naquele mar vegetal, quando a névoa começava a esgarçar-se. Aquele vale também já não era o mesmo, como já não devia ser a mesma a festa, anual, e pagã, da Senhora Santa Ana, cuja procissão abria com o rei dos pássaros aos tiros e fechava com os amortalhados, em caixão aberto, a D. Felisbela, catequista, vestida de branco e grinalda, virginal, apesar dos seus setenta anos e de encarregada dos clisteres do senhor abade! Seguiam-se figuras anacrónicas do Antigo Testamento. Adão e Eva, já vestidos com as suas roupas domingueiras – as parras cosidas no lugar do pecado –, ela a oferecer-lhe a maçã, em bandeja brilhante do lustro puxado a ‘solarine’, que ele, industriado pelos séculos, recusava durante todo o trajecto. Havia também uma sinistra Judite com a cabeça de Holofernes, selvaticamente empunhada, Job a coçar-se com uma telha, apesar de também enroupado, e o rei David, de manto vermelho, a dançar entre guardas romanos (!) com capacetes de bombeiro (!).

Voltara, afinal, para quê? Tudo tinha mudado. A cidadezinha também já não era a mesma. As casas já não tinham as portas, sempre abertas, para se responder a quem chamasse ou batesse as palmas, nas escadas: «– Entre quem é!» Tinha crescido, desordenadamente, em novos bairros, falsamente moderna, com templos de consumismo, arranha-céus, novos hotéis, o seu centro histórico, desfigurado! Perdida a casa e o quintal. Perdido o mastro da japoneira. O pai e as vovós debaixo da pedra do mausoléu, no cemitério, a tia, a mãe, o irmão, a filha, perdidos noutros lugares. Mortos todos os afectos e quase todos os que conheceu. Mortos companheiros de escola e liceu, o fotógrafo dos seus retratos antigos, o dono da livraria, onde tinha comprado Cecília Meireles e Camilo Pessanha, o da farmácia, o polícia sinaleiro, a velhinha que vendia rebuçados no Jardim da Carreira, as mulheres de Lamas d’Olo com as suas capuchas de burel, que tanto invejara, os pobres e os loucos: o Bertêlo e a Mata-a-Padre, o médico que a tinha tratado, a ama do pai, que sossegava a mãe ou a tia preocupadas com o meu tardar: «– Não há que afligir! Ninguém rouba “móveis de boca”<sup>13)</sup>. A menina não tarda aí, quando lhe cheirarem as batatas fritas do jantar», a Rita peixeira e o seu pregão: «Vivinha! d’Ovar vivinha!», o senhor Francisco Bandarra, solene, na marcha de Carnaval, o Alfredo Kaguir, entusiasta dos bailes da

---

13) Aqueles que tinham de ser alimentados. (Nota da autora)

Carolina e outros, outros, todos desaparecidos, mesmo os caracolinhos, o vestido a parecer um candeeiro de vidrilhos e as meias brancas da D. Guidinha. Perdidas as ilusões da infância, ave desplumada das suas crenças e ilusões, também estava prestes a desaparecer, a passar, como o perfume das rosas e dos lilases...

O que restava?

Ainda e sempre, talvez, aquela rua de Margarida Chaves, que no seu tempo era a única com nome de mulher, por onde ia espreitar a montra do Bazar dos Três Vinténs, depois de ter palrado com o papagaio das Rainhas latoeiras. Mas já não choviam sobre ela aquelas bênçãos de outrora: – Nosso Senhor lhe dê muito que dar e não que pedir, abençoada!

Era uma sobrevivente, sozinha. E sobre o seu coração pesavam montanhas. As de água para sempre perdidas e a do Marão, ainda e sempre com o seu azul, amassado com violetas, as suas raízes, fundas como garras, cravadas nas vertentes, convulsas, do Cotorinho. Naquelas raízes, nas suas nascentes, ventos, aves, florinhas sem nome, se tinha inspirado para se definir.

«Raiz de pedra,  
corpo de vento,  
olhos de água.  
Assim sou  
Entre pássaro, flor e mágoa»<sup>14)</sup>.

Fora. Tinha sido. Agora, tudo se resumia a um nó de angústia, a um grito sufocado e uma antecipação de morte.

*Dezembro de 2004*

---

14) “Imagem no Espelho”, in *A Maresia e o Sargaço dos Dias*. (Nota da autora)



## AS ÁGUAS NA SUPERSTIÇÃO POPULAR

### 1 – Introdução

[...] Vamos fazer, a partir de uma investigação local não exaustiva, essa abordagem ao fenómeno do sagrado nas águas. Aspectos curiosos, de raízes milenárias, persistem no mundo rural, e mesmo urbano, de hoje. Ritos e superstições ligados às fontes, aos rios, à água, continuam como prática corrente, algo inexplicável, num mundo onde tudo passa pela feira do computador.

### 2 – Os rios e as fontes

Nem só os povos orientais fizeram dos rios divindades benfazejas. O rio Nilo entrou na lenda como sendo uma lágrima de Isis. Assim explicavam a sua origem os camponeses da época faraónica. O Tigre e o Eufrates da fértil Mesopotâmia são também divindades protectoras que multiplicam a sua colheita.

Os poemas clássicos (*Odisseia* e *Eneida*) da antiguidade continuam a tradição do poder sagrado das águas. Tanto Homero como Virgílio falam do rio Estígio de «nove braços», onde vagueiam as almas dos mortos. Virgílio refere-se, ainda no mesmo Canto VI (v. 703-715), às virtudes das águas do dio Letes, que provocavam o esquecimento: «*As almas, às quais são devidos pelo destino outros corpos, bebem junto das águas do rio Letes uns licores seguros e perpétuos esquecimentos.*»

Igual virtude, a do esquecimento, se atribui às águas do rio Lima. Quando Júnio Décimo Bruto, em 137 a. C., quer atravessar as suas águas, os soldados romanos recusaram-se, temendo esquecer a pátria itálica.

O mesmo autor cita Hesíodo (p. 227), que aconselhava a nunca atravessar um rio «sem primeiro contemplar religiosamente, dirigindo-lhe orações, e purificando as mãos nas águas».

Diz-se em Santulhão (Vimioso) e Abreiro (Mirandela) que um ovo

que atravessasse uma ponte ou um ribeiro para ir para outra aldeia, ao ser lançado ou chocado pela galinha, não nascerá.

Também Leite de Vasconcelos cita o costume, que há nas nossas terras, de meter um seixinho na boca, quando se vai pela primeira vez a uma localidade estranha, para não esquecer o caminho. Refere igualmente o provérbio: «Recado sem dinheiro, esquece ao primeiro ribeiro.» Tal como o rio Letes provocava o esquecimento, de igual modo a água corrente pode provocar esse sortilégio.

Tal sacralidade não pertence só às águas dos rios, mas também à das fontes. A água é como um espelho que reflecte a imagem humana. Do seu valor mágico nasceu uma multiplicidade de ritos. A água tem um valor sagrado. Purifica. [...]

Na Inglaterra, junto a monumentos megalíticos, há fontes sagradas, tidas como tais pela tradição local. Em Trás-os-Montes, junto dos castros, há frequentemente referências a mours encantadas que aparecem nessa fontes. Noutras ocasiões, em vez das fontes, são os teares que se ouvem na manhã de S. João, batidos por meninas com pentes de ouro.

### 3 – Água e superstição

[...] A época dos renovos começa em Maio. Compra-se o cebolo e a beterraba da feira das Cantarinhas (3 de Maio), em Bragança. Mas o calor solsticial do 21 de Junho chupa a seiva da terra e faz perigar a cultura hortícola, e até os cereais. Também as larvas germinam com os primeiros calores. O agasalho do Inverno e a pouca higiene do agricultor ou pastor propiciam o aparecimento de doenças sem conta. Eczemas e outras doenças necessitavam do conhecimento de remédios caseiros. Ervas, bênçãos e cruzeiros, ainda hoje são botica fácil e abastecida do camponês que acende uma vela a Deus e outra ao diabo.

As *orvalhadas* são festas tradicionais do S. João: «*Tomar as orvalhadas*» para curar a sarna, era hábito não só em Gimonde (Bragança) e Vila Verde (Vinhais), como na maior parte das aldeias. A mãe da senhora Albertina (Babe), antes do nascer do sol, na manhã de 24 de Junho, ia colher água de sete nascentes. Juntava-a bem, mandava lavar os filhos com ela, e também se bebia em jejum.

Era certo e sabido que lameiros e linhares ficavam todos «*apalatrados*» na manhã de S. João. Rapazes e raparigas iam lá, de manhã cedo, e «*embogavam-se*» neles. Totalmente nus ou com fatos reduzidos, regressavam com a convicção de que curavam mercê da sagração das águas. Quem sofria não menos com esses hábitos terapêuticos eram



os donos dos lameiros e linhares. Para evitar esses aborrecimentos, os donos montavam-lhes guarda por conta pessoal. Em Babe, as moças espigadotas «*chapuçavam-se*» nas poças da rega, de manhã cedo.

Do S. João ao S. Pedro todas as águas estão bentas, diz-se em muitas aldeias de Trás-os-Montes. Em Deilão (Bragança), antes do nascer do sol, iam colher feixes de flores e ervas medicinais, e traziam-nas para casa. Na Galiza, correm as mesmas tradições. «*Es en essa noche cuando se escogen las hierbas, quando se recoge la flor del agua...*» Com razão diz o cancionero galego que «*anda el agua enamorada*».

Essas práticas atravessam os tempos e chegam até nós. No séc. XVII, diziam as Constituições do bispado de Lamego (1683), no cap. III, p. 404: «*...no que se tem introduzido em dia de São João Bautista, que se colhão as hervas, e levem a água da fonte para casa, ou se lava a gente, e os animais nella, antes do sol nascer, metendo na cabeça à gente do pouco saber que redunde em honra e louvor do Santo...*»

A quem praticasse tais actos supersticiosos se applicava a pena de excomunhão e vinte cruzados, se fosse pela primeira vez. Se fosse pela segunda vez, seria degredado para Castro Marim; pela terceira vez, «*será posto à porta da igreja em corpo, com as mãos atadas atrás, fazendo penitência pública. E sendo homem será degredado três annos para África. E sendo mulher, para Castro Marinho*». Nem o rigor das penas cominadas anulou o vigor da superstição!

Os números sempre desempenharam em todas as religiões um sortilégio. Os números 3, 7, 9 representam algo de inacabado, como que a acentuar a acção demiúrgica. Estes números plenários, bíblicos ou não, têm só por si um sentido misterioso. Nesse período solsticial, recomendava-se tomar banho nas águas do Sabor, durante nove dias. Quem tivesse «*atrice*», ia, durante nove dias seguidos, dar uma volta, saindo por um lado, e seguindo a margem do rio, por outra rua. Para que a doença desaparecesse, devia «*mijar no marroijo*» (erva da beira-rio). Esta peregrinação purificatória, quase circular, devia fazer-se em jejum (Gimonde).

O sagrado e o profano são como duas faces da mesma moeda. A água é algo sagrado, de força inaudita, que ultrapassa o facto normal.

Depois de pôr-do-sol não se deve beber água «*sem a acordar, soprando sobre ela*» (Gimonde). Diz a senhora Maria Gouveia (89 anos): «*Hai fontes que não correm.*» Com esta afirmação queria ela avisar que se devia ter um certo cuidado com essa água. Para isso deita-se-lhe um miolo de pão. Era rito frequente feito pelas boeiras.

Mas não é só a região de Trás-os-Montes o campo privilegiado destes ritos, de raízes pré-históricas. Na vizinha Galiza repetem-se, como já afirmámos, quase à letra, os mesmos hábitos, com pequenas variantes. Ali, na noite de S. João, dormem nus no meio do centeio, para curar a sarna.

A água, à noite, a certas horas também dorme. Para não fazer mal, deve mexer-se. Nos rios, a água tem uma «hora de silêncio». Vai mais serena, diz-se em Alfaião.

Se a água mata a sede, porque não há-de também «cortar» o veneno, curar as doenças?

#### 4 – Fontes do Engaranho

Também lhes dão o nome de fontes do angaranho ou fontes do aranganho. Estão espalhadas por todo o distrito. Diz o senhor Miranda, de Babe, que, quando um «*menino estava atrigado*» (ruizinho), e cruzava pernas e os braços, levavam-nos a Rio Frio, à fonte do engaranho. Célebre, e ainda hoje com muita frequência de pessoas, é a fonte de S. João, que fica entre Fontes e Maçãs. A juventude dessas aldeias e outras vizinhas faz romaria para lá chegar por volta da meia-noite, de 23 para 24 de Junho. Dançam, bebem água, levam-na em garrações para casa. Para produzir efeito, deve beber-se durante nove dias seguidos. De igual importância e concorrência eram os banhos de Penso, perto de Fontes Barrosas. Aqui, em jeito de estância termal aldeã, permaneciam mais tempo. Construía ramadas para se protegerem do sol. A acompanhar, apareciam as diversões, os bailes.

Em Vilar Seco (Castro Vicente), há uma fonte do engaranho, onde as crianças raquíticas vão também. Possui três nascentes, manando cada uma de seu canto, condição, ali, para produzir efeito.

Em Parâmio, levam a criança à Fonte do Caílho. Tem de ser levada por duas Marias, ou então pela mãe e pela madrinha. Vão sem falar por um caminho e regressam por outro. Ao chegar à fonte, coloca-se uma de cada lado da fonte e passam-na nove vezes em cruz, dizendo:

Madrinha – *Eu te dou este menino(a) engaranhado.*

Mãe – *Eu passo-to para aí, são e salvo.*

É o próprio senhor Manuel Fernandes, de Alfaião, com 89 anos, quem afirma: «*Com três anos ainda não andava. Levaram-me à fonte do engaranho. Passaram-me em cruz sobre ela, e fiquei valente, como vê!*»

Rituais simples ou complicados acompanham sempre o doente. São condições necessárias para que o efeito desejado se realize.

Nessas fontes, é frequente ver roupinhas de bebé espalhadas por ali, nas silvas, até que o próprio tempo as consome. Cada criança deve deixar lá a roupa que leva vestida. Nalguns lugares, basta que deixe três peças de roupa. Escusado é dizer que ninguém, por mais carecido que seja, levará para casa essa roupa. Com ela podiam ir os «espíritos maus», que a criança deixou naquele banho lustral.

A criança não deve levar qualquer objecto de ouro, pois também teria de lá ficar.

S. Gregório de Tours (544-545) refere tradição idêntica junto do lago de Saint Andéol. Junto das suas margens se fazia uma festa que durava três dias. Ao lago ofereciam roupa branca, queijo, pastéis.

A crença no sortilégio é indispensável. É preciso ir-se lá com muita fé. A convicção inabalável está patente nas próprias palavras:

Toma lá, alma de boa ventura.  
Tira o aranganho a esta criatura.

*(Gimonde)*

De Verão ou de Inverno, conforme o momento em que era preciso esconjurar a doença, se dirigiam as duas Marias à fonte. Nalguns casos, era mergulhada na fonte. Noutros, era apenas borrifada.

Progresso ou industrialização não foram capazes de anular esses hábitos algo esquisitos para uma mentalidade científica, experimental.

É junto das fontes que a mentalidade popular ainda hoje vê o local da acção nefasta de seres que podem causar mal. Ao escurecer, escondem-se nos cantos das fontes. Por isso se deve lançar à água um miolo de pão, porque o «pãozinho» tem a «bênção» de Deus. Miolo de pão, ou a seguinte reza:

Por aqui passou Nossa Senhora  
C'um cantarinho d'ouro na mão.  
Se esta água tiver coxo,  
Num entre no meu coração.  
Em louvor de Deus e da Virgem Maria,  
Um Pai-Nosso e uma Avé-Maria.

*(Fontes, Bragança)*

Por demais é já muito conhecido o rito da Ponte da Misarela, sobre o rio Rabagão, e que Ferreira de Castro tão bem descreve no romance *Terra Fria*. Mulher que tenha desmanchos deve dirigir-se com o marido, antes do nascer do sol, à beira do rio. A primeira pessoa que surgir no alvorecer é chamada. Se a criança que nascer for rapaz, chamar-se-á Gervás. Se for rapariga, terá o nome de Senhorinha.

Ninfas e mouras encantadas povoam as fontes. Aquelas vamos encontrá-las na literatura do séc. XVI (Vide Camões: «*E vós, Tagides minhas...*») A moura, como algo misterioso e indeterminado, tem o seu *habitat* também nas fontes ou minas, transformadas, por vezes, em donzelas formosas, vítimas de encantamento.

Ao beber água nalgumas fontelas, ao anoitecer, alguém pareceu sentir uma espécie de novelo nos lábios. Puxou, e... quebrou um fio de ouro. Ouviu então uma voz que o repreendeu: «*Ah, maroto, que não me quebraste o encantamento!*». (Gondesende, Alfaião, Gimonde)

Se não tivesse partido o fio, a donzela encantada teria sido liberta. Noutros casos, é uma serpente que aparece ao viandante, e, como condição para quebrar o encanto, pede um beijo.

Já fizemos referência à existência destas fontes ou fragas, próximo dos castros. (Gondesende, Alfaião, Castro Vicente).

«*A água é o sangue da terra*» – diz o lavrador. Que admira, então, que apareçam leis e superstições que defendam este bem comunitário? «*Cuspir para a água é como cuspir para os olhos de Nossa Senhora*» (Gondesende). Mijar na água equivale a quebrar um braço a Nosso Senhor (Vila Boa, Vinhais).

O envenenamento das águas comunitárias era punido com graves penas. Mas, na falha destas, o pastor ou lavrador podia invocar S. Romão e ficava imune.

Por aqui passou S. Romão.  
Se esta água tiver veneno,  
Não entre no meu coração.

(Gondesende)

## 5 – Tentativa de uma explicação antropológica do problema

Perante os factos apontados, como interpretá-los? Que levou o homem a dar tanta importância a ritos, sinais, formulários que nos parecem inconsequentes?

«*Todos nascemos da terra e da água.*» Os dois elementos são como que a matriz donde o homem e o mundo surgiram. Também o Induísmo afirma: «*Por mais feia que seja a falta cometida e por mais negra que seja a alma, a água do Ganges restitui-lhe sempre a pureza perdida.*»

«*Na água reside a vida, o vigor e a eternidade*», diz Mircea Eliade. O próprio *Génesis* reflecte esta mentalidade. Existem no princípio e no fim de todas as coisas. O dilúvio é uma destruição e um regresso às origens. Traz consigo uma regeneração.

A «*água viva*» de que fala também o Evangelho (vide episódio da Samaritana) é um símbolo cosmogónico que dá a vida eterna e rejuvenesce. Porque as águas são sagradas, têm de ser guardadas por monstros marinhos (Poseidon, Nereides, Ninfas). Eles mantêm uma sacralidade original paradisíaca.

Nos ritos clássicos (Roma e Grécia), purificavam-se os templos e os edifícios, bem como os campos, aspergindo-os com água lustral, onde se apagava um tição retirado do sacrifício feito aos deuses.

Na liturgia pascal de sábado santo (meia-noite), há uma cerimónia onde imerge um círio dentro de uma vasilha com água. Fala-se na fonte baptismal e em purificação. As águas possuem a força regeneradora e santificadora. O dilúvio, mergulhando nas águas todos os seres impuros, deu à terra e a todas as coisas a pureza original. Ao lavar as mãos, em cerimónias religiosas, a maior parte das vezes quer-se significar esse renascimento espiritual.

A imersão praticada em ritos de fecundidade, e também na agricultura, explica essa purificação criadora. Os banhos na manhã de S. João, a que atrás me referi, restituem ao ser a saúde e também a pureza espiritual.

Em muitos casos, o «fel» perdeu o significado original; não compreende já o rito. No entanto, usando o método comparativo, e cotejando estes gestos com outros referidos nas fontes clássicas, nós encontramos resposta para estas funções latentes.

O Abade de Baçal cita nas suas *Memórias*... o hábito que os habitantes de Rio de Onor tinham de lançar a imagem do santo ao rio nos dias de festa. Iam esperá-la um pouco mais abaixo, num açude, onde as mordomas a recolhiam, limpando-a com uma toalha. Também F. Bouza-Bey faz referência ao mesmo facto na Galiza. O banho das imagens é uma cristianização de um rito que os gregos usavam, quando no séc. III a. C. banhavam a deusa Pala Atheneia, e os romanos a deusa Vénus. Facto idêntico se passava em Palaçoulo, quando os mordomos

se inclinavam simbolicamente para uma lagoa com o andor do Santo, fingindo que o deixavam cair para lá. Mircea Eliade confirma também este hábito. A imersão tanto pode trazer a chuva, como a purificação na água por magia mimética explica a mesma purificação. Estes ritos hídricos são também ritos purificatórios.

Em muitas aldeias é hábito, quando há trovoadas, trazer a imagem de Santa Bárbara ou do santo patrono da aldeia até à entrada principal da igreja, para que a trovada se afaste. As procissões rogativas com uma imagem a pedir chuva relacionam-se também com ritos pagãos de origem remota. Estes ritos calendáricos entraram na paremiologia rural. «*Água pelo S. João tira o vinho e não dá pão.*»

Mircea Eliade, a quem seguimos de perto, explica com mão de mestre o simbolismo da imersão no baptismo, que, de «*homem velho*», pecador, se transforma em «*homem novo*», usando uma linguagem bíblica.

Nos funerais e noutras cerimónias usam-se também as aspersões. Esta aspersão retira ao morto a sua condição humana e fá-lo mergulhar na sua origem divina, regressando ao ciclo cósmico. Ainda hoje, na visão popular dos tormentos eternos, a sede é a grande pena para as almas do purgatório e do inferno. O rico avarento pede a Abraão que mande Lázaro a refrescar-lhe os lábios.

A função das águas é sempre a mesma: a de desintegrar, abolir as formas, «*lavar os pecados*», purificando e regenerando, ao mesmo tempo (Mircea Eliade).

Tão importante como esta tentativa de interpretação antropológica é a poesia lírica que o nosso povo criou à volta do tema das águas.

Ó água que estás correndo,  
Buscando o centro da terra.  
Também eu ando buscando  
Para o meu coração a guerra.

Mas o lirismo popular é um motivo de investigação para outro trabalho.

---

## Hirondino Fernandes

(1931)

---

### PARÂMIO, TU ERAS DANTES

**E**u não lhes conheço outra asneira, mas, se noutra(s) caíram, esta de Enos convidarem para estarmos aqui e agora *de certezinha* que *tira a palhinha* a todas as mais – primeiro, porque não percebemos mesmo nada nem de etnografias nem de folclores, *a pés juntos o juramos*, e importa desde já declará-lo; depois, porque, decididamente, não somos daqueles *zarabetas* que estão nas suas *sete quintas* quando a *dar ò badal*. Pelo contrário, nado e criado no meio da *arçã* e da *mata-pulga* do nosso Parâmio, de mãos dadas com a *arrã*, o *sapo concho*... e as *marelas*, a situações como esta em que nos encontramos, de fazer *tremar a passarinha* a *qualquera um*, preferimos o silêncio do nosso gabinete de trabalho onde uma folha de papel, na inocência da sua alvura, aceita, e compreende, quantas *charradas* para lá possamos *botar-lhe*.

Mas os drs. Pedro Chagas Ramos e António Manuel Pires Cabral (velho amigo que, de há muito, muito prezamos e, cada vez mais, mais justificadamente admiramos), oficialmente um, particularmente o outro – é a eles que nos estamos referindo –, *tumba e dá-le de inteimarem*, que *sim e mais que tamém*, e pronto, cá está o *abichoucho*, o *xota-la-parra*, o *tanjasno*, o sei lá quê de que não passamos, completamente às *aranhas* porquanto a dita folha de papel, complacente, como dissemos, se nos apresenta substituída por um universo de exímios etnógrafos e folcloristas, com razão exigentes.

Justificado, destarte – e *morra a minha gata belha* se não é com toda a verdade –, o atrevimento de estarmos aqui a *matar o bicho do oubido* a V. Ex.cias, de que havemos de falar, nós que não temos, de acordo com quanto adiantámos, nem novidades a anunciar nem, *sequer ò menos*, problemas a pôr, isto para falarmos *de coração nas mãos*?!

Pensámos, para o efeito, recordar todo um *carrioulo* de autores, alguns deveras *zaguchos*, que, com clarividência e profundidade, de há muito têm procurado arquivar em páginas de revistas e/ou jornais, ou mesmo em publicações independentes, quanto lhes tem parecido

só nosso. O tema era aparentemente de *racha-a-pessegueira*, mas nem conhecemos nadinha do distrito de Vila Real, sob este e tantos outros aspectos, nem dispúnhamos de tempo que nos permitisse minimamente fugir à aridez de uma *desenxabida* lista de autores e títulos a que se têm confinado, por força do *carramouço* de materiais, todas as nossas pesquisas bibliográficas, de há vinte e tal anos a esta parte.

Delimitado o campo de acção com a exclusão deste e de outros temas, um outro obstáculo, igual ao anterior, se não maior, se nos depa-rou face ao escolhido como definitivo: Mas será que os meus conterrâneos são, efectivamente, diferentes dos tripeiros, dos alfacinhas, dos... dessa *poblêia* toda de *por (a)í fora*, isto para deixarmos em paz uma *chisma* de vizinhos, *para o quajo que* do fundo *da escaleira*, tais como os *cucos*, os *esfola-gatos*, sei lá quantos mais?!

*Em frente, que atrás bem gente*, diz o ditado. Pés a caminho, pois, que *quem tem medo...* V. Ex.cias sabem o que faz.

Em 1813, na sua *Descrição da villa de Mirandella*, Manuel Inácio de Carvalho Salazar afirmava que «Os costumes, os usos, a maneira de viver dos habitantes não tinham nada de particular sobre os das outras da (*sic*) Província»; mais perto de nós, o ilustre bragançano que foi o Prof. Paulo Quintela, referindo-se a uma possível especificidade tras-montana, terá dito que sim senhor, que os trasmontanos eram como toda a gente, que mais havia de dar!

De costas voltadas a eventuais *desguíbias*, não vamos deter-nos, dois segundos que seja, na análise de semelhante asserção, antes admitiremos como linearmente inquestionável, *chobam carros ou carretas*, não possíveis diferenças/semelhanças na estatura (se estes são uns *carrafufos* ou uns *pendões*, uns *meias-tijela* ou uns *fanchonaços*, por exemplo) ou na cor do *querucho*, como alguém já tentou, mas, sim, a existência de «pelo menos uma identidade que caracteriza *cultural e socialmente*» (sublinhado nosso) os naturais desta nossa província – no dizer de um outro não menos ilustre bragançano, o Prof. Telmo Verdelho, em palestra proferida na Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro, de Coimbra, em 1990, e que o boletim da Casa congénere do Porto publicou.

Outras abonações, uma *catrefada* delas, poderíamos aduzir em prol desta última tese, mas vamos ficar-nos por dois autores – o primeiro, Severim de Faria, que, vindo lá dos Alentejos, no tempo da *Maria Castanha*, em 1609, na sua «Jornada» a Miranda do Douro, declarava, de entre o mais: a gente «he mui bem acondiçoada, e agazalhadeira» (17ª jornada), «Vestense os do pouo mui grosseiramente (...)», Falaõ mal



seos compararmos (...)» (19ª). «São todos estes poucos naturalmente inclinados a musica e assi gastaõ nella os mais dos dias feriados, e o tempo que lhe sobeia do trabalho. O modo de cantar he quase sempre semelhante (...). Os instrumentos que tangem (...)» (20ª); o outro, o saudoso grande etnógrafo Prof. Jorge Dias, que, em 1966, em carta que conservamos inédita, referindo-se a umas *Cangarejolas* por nós reunidas, nos dizia: «Algumas das que agora li são encantadoras e correspondem bem ao espírito desse povo [atente-se: correspondem bem ao espírito desse povo] que tanto admiro e de que tanto gosto.»

Com efeito, a caracterizarem tal povo, e só isto bastaria, para além dos montes (sempre altos) e dos ares (que se vão tornando menos lavados) e das próprias águas (*bô!*, também elas, coitadas, a sofrerem, por mal dos pecados... de não sei que *zangalhos*, os efeitos de um progresso *ò chou*) e para além, ainda (quicá consequentemente), de uma idiossincrasia muito própria que jamais nos deixa esquecer o «saudoso, carinhoso lar», e só não referimos *por bias* do seu subjectivismo, então não salta mesmo à vista que temos, *carai*, a nível de província, uma língua muito nossa (fora a mirandesa e quejandas, outra história), detonador primeiro a revelar, sem *rinhònhós*, quem somos e de onde vimos, em conformidade com Buffon, que afirmava que «Le style est l'homme même»?!

Já *estrepuseram* há muito, e isto não é *descordolho*, muito menos atitude *choralamingas*, já *estrepuseram* há muito, repetimos, os tempos despreocupados dos *potinhos do azeite*, do *rincatrigo*, da *porca*, do *rourou* – «Rourou, que lá bou» –, e aí te ia ele, *tem-te pé, por causa das cobras chocas*, como é sabido, o pobre *pelouxo* que havia amarrado, à procura dos companheiros encafuados sabia-se lá em que *forjo*.

Mas *sànumbém* V. Ex.cias não conhecem o Parâmio em que vamos propriamente entrar, um pequeno «reino maravilhoso» dentro do «reino maravilhoso» de que falava Torga. Retrata-o, quase que em *porranchas*, a quadra, que tantas vezes ouvimos cantarolar:

O Parâmio é bonito,  
Só que é muito molhado.  
Inda tem outro defeito (*bis*)  
É ser muito namorado.

Em termos menos *prosa*, mas *de certezinha* nada menos verdadeiros, dir-lhes-emos que é uma aldeia a duas ou três *escanchas* (17 quiló-

metros, precisamente) de Bragança – rodeada, de Oriente a Ocidente, pelas serras de Montesinho, Nogueira e Coroa, e com La Tejera, que outrora foi portuguesa, a Norte –, onde passámos os primeiros anos da nossa infância e aonde, depois disso, temos voltado pelo maior período possível sempre que as ocupações profissionais no-lo têm permitido.

Pois nos já distantes anos 30/40, este nosso Parâmio tinha 41 fogos, com, se bem *nos-e-os* contaram, uma *legúmia* de indivíduos, *campoxa-nos* a bem dizer todos, *carronhas* (com umas *rautices*, de quando em vez) um ou dois, vivendo para o *quajo* que exclusivamente do que a terra dava – a côdea, as batatas, a pinga e a *chicha*, base de uma alimentação alterada de século a século, e *biba o belho!*, com o rabo de uma truta *agarrada* no Baceiro ou com um *cibo de chicha* de algum *rixelo* dos seis ou sete *fatos* de gado criados nos montes.

Uma sardinha, por exemplo, que anos antes se compartilhava com, pelo menos, outro membro da família, segundo o Socas-Orinas, o nosso Lazarilho, não sei se já ouviram falar, era, ainda nos anos 30/40, uma festa, e polvo só no Natal, depois de *misgar* bem. E contavam-se pelos dedos das mãos as casas em que tal sucedia.

*Jaquetas e pantalonas*, que tanto *asperabam* nas pernas, já haviam *botado* para um canto o *serrobeço*, que, mais antigamente, se *pisava* Õ Pisão, mas lençóis ruços, cobertores, sacos, xailes, camisolas, *meotes*, etc., tudo se confeccionava ainda, e à *pispautilira*. garanto-lho, nos teares que havia na aldeia, ou, então, à mão, com a boa lã que o *charguaço* e a *arçã*, etc., proporcionavam, e uns musgos, umas cascas de amieiro e ingredientes do género tingiam, mas só para os dias de festa.

Amanhar as *chabasqueiras* que nos dariam o *carolo* de pão e o pote de batatas não deixava tempo para *coçar uma orelha* – daí as mãos calejadas e os *sinrelos* derreados de todos –, mas, porque *uma mão ajuda a outra e ambas e duas labam a cara*, havia uma enorme entreajuda, mormente nos maiores trabalhos, feitos em grande escala em regime de *toma-jeira*: os fenos, as segadas, as malhas... E se, no decorrer de uns e outros, mais de uns que de outros, *olha o milagre!*, tudo era uma festa (*Sete baras tem / A minha saia noba*, era uma das cantigas das malhas), no final de muitos e, depois, nos domingos e períodos festivos (Entrudo, Páscoa, etc.), era *escachouçar*... até *bir a mulher do Porto* – o som da sanfona e do velho pandeiro, substituídos há já muito pela guitarra e por alguma manhosa grafonola, repercutia-se por todos os *calhimbomes*, de mistura com a voz da juventude, e era um *espèrrame* de *atuir os ares*:

Alargai-bos, raparigas,  
Que o terreiro num é estreito...

Hoje... onde é que estão, hoje, as «neiges d'antan», como dizia Villon? Deixou de se ouvir, há que *janeiros!*, o matraquear dos cinco teares, o *raspe-raspe* dos dois ou três carpinteiros, o *tarabelar* dos três moinhos, etc., que havia na aldeia, e deixaram de se ver e de se ouvir, da mesma forma, os jogos e os brinquedos, as *lhonas* e as canções... quem sabe se algumas das que Junqueiro pedia à «velha ama» – «Canta-me cantigas de fazer chorar».

Retiradas dos *bits* da memória, sobretudo por nossas tias Arminda e Deolinda Fernandes, a única coisa, de fazer chorar ou fazer rir, que temos podido ainda, repetimos ainda, (re)conhecer é uma ou outra conta (por via de regra truncadas), quadras e provérbios a dar com um pau e, porque outrora nelas não havíamos grandemente reparado, um *carrioulo* de frases feitas, muitas já só conhecidas por indivíduos de muita idade, e que em parte publicámos.

Sem ondas hertzianas nem a *buzingalhada* de carroços que, entretimentos, deram em vir *d'ò p'ra aqui*, o Parâmio bastou-se a si próprio, *que romédio!*, desde sempre, sob todos os aspectos, incluindo o cultural: eram a princípio *cangarejolas* do tipo *Una, duna, tena, catena....* que nos iam iniciando para a vida adulta; vinham, *òsdespois*, nas diferentes Faculdades, a instrução (*Obelha de muntos come-a o lobo, Enquanto se capa num se assobia*, e por aí adiante) e a educação (também com um currículo que daria para encher um saco, mas de que não falamos, por não trazer novidade nenhuma para V. Ex.cias, que bem a sabem pelas ruas da Amargura por todo o lado).

Com a raposa (da porta) tirada, uma nova era entrou, pelo que, neste Abril de 1995, a ouvir a *bentaneira* que varre o Outeiro em frente e o *abijoto* do cuco, que, em vez de se pôr a *cabanir* daquela *parabeia* para fora, ali continua de pema quebrada à espera de algum namorado mais *recachiço* (*Cuco da Ribeira, / Quantos anos me dás de solteiro?*), na companhia de um ror de outros pássaros a saudarem, como ele, *prima-vera* tão *anteada* como a deste ano, ocorre-nos perguntar se vamos deixar perder o pouco que nos resta do muito que, cultural e socialmente, como referimos, mais ou menos nos individualizou até... hoje.

O Parâmio continua com os mesmíssimos 41 fogos dos anos 30/40, mas contra os duzentos e trinta e tal indivíduos de então, velhos, novos

e de meia idade, contamos agora com apenas 85, *rebilharegos* quase todos, a ultrapassarem, e de longe, a barreira dos 60!

Afora 6, construídas de *nobezinho*, e, daí, menos larifoscas, impõe-se dizê-lo, as casas de habitação continuam os mesmíssimos *conchuços* (muitas, mais de *cachaquinze*), mas, requisitos ontem insuspeitados, cântaros e *candeuchos* há muito que *desamoraram*, pois a água domiciliária e a luz já entraram em todas elas, e mais, 36 têm quarto de banho, outras tantas têm TV, 19 têm telefone, 14 têm automóvel, 12 têm máquinas de lavar roupa, 3 têm tractor, e só nenhuma tem parabólica, porque... está mesmo a ver-se porque não.

No mais, assim ò consoante:

No que respeita à alimentação, o *bucho* de aguardente e o bolso de *bilhós* (por vezes, dos que haviam sobrado da *arrebunhana* da véspera), ou a *querocha* de pão (*Com pão e binho...*), já não são *mata-bicho* para ninguém, *boera!*, substituídos por *corn flakes* e mixórdias do género, que nos trazem até cá uns dois ou três *maringaus* duas ou três vezes por semana, e *tacos* e *sobreceias* e *quintas-feiras das comadres ou dos compadres*, com chouriças *dondinhas* que eram de comer e chorar por mais, *adeus, ó bendimas*;

No que respeita ao vestuário, o *pardo*, o *serrobeco* e o *linho*, *adeus, Maria, que eu bou-me*, da mesma forma que *romendos* do tipo *botar umas cuadras* a umas calças ou uns *chaços*, uns *encabeços* ou umas *pontas de pé* a umas meias, etc. – a *seda* à noite e não sei... se de dia, a princípio, e o *nylon*, *terylene* & c<sup>a</sup> ilim<sup>a</sup>, agora, na confecção de tudo, até de saias... que nem uma vara têm (*É assim que o meu Zé gosta / Saia curta e perna à mostra*), há muito que, definitivamente, lhes queimaram o rastro;

No que respeita à agricultura, o *aixadão* e etc. já disseram também *Até amanhã, se Deus quijer (e a justiça nos deixar)*, e, assim, com os herbicidas (utilizados às *trochas-mochas*, história que não é para agora) e tractores e alfaias da mesma laia a *arreganharem a tacha* – porque tanto lhes dá que a lua vá alta, baixa, ou não vá de forma nenhuma (*Alta bai a lua alta*, era uma cantiga das malhas) –, o lavrador, que dantes não tinha mãos a medir, sempre *de déu em déu*, ficou praticamente à *buena*, *escalhado* ao sol, ou à sombra, depende, mais *gaspante*, naturalmente, *que melro cheio de miocas*;

No que respeita aos passatempos, *que graça t'acho (caldeira belha)*, diriam, se nos puséssemos a falar agora em *bailarinas*, *gatos*, *zirnas*... bem como a *desapacientar* A ou B para jogar a *galinha d'ã papada*, o *irá*,

o *pona-mula*, os *puchanhezes*, o *rinca-trigo*, ou mesmo a *pita cega*, o *fito*, a *relha*, os *paus*... O gosto do *contapé* plantou-se também no Parâmio, fazendo pouco de tudo quanto era nosso, pelo que *enzonas* e jogos *num fôro xequerdos!*, logo na *arage*, todos *pernas para que bos quero*;

E *Ala*, que se *atrasa a mala* foi a voz dos outros referentes culturais, mais de *capoucos*, todos *encafugados* não sei em que canto, *talbeze* com vergonha de uma *deslarada* rádio e uma ainda mais *deslarada* TV, que nos descaracterizaram de cabo a rabo. O que é que um há-de fazer?! *Chorar que nem abeira?! Pois era, Põe-te aqui, que há-des ir a Roma*.

Venham mas é mais «*pardaus*», não sei mesmo se dos tais que Sá de Miranda *desapostiçava* de Cabeceiras de Basto, que ninguém os vai mandar *calar a caldeira* ou *roncar co'a porca à loja*. Pelo contrário, todos estamos de braços abertos, com as *feluges* convenientes para quantas novidades surgirem, desde que de mais *caróço*, que, nos dias que correm, é quem *todo-lomanda*, em termos de opção absoluta. Porque, no entanto, achamos possível *capá-las de bolta*, antes que novas *chispas* e *zerboada* mais arrasadora ponham *em pantâinas* os *concujos* do passado, propomos uma novena a Santa *Bárbola* e pão sei que outros santos, ou então uma ida ao bruxo, que já *abezámos* um, *òlila!*, embora de segunda apanha, o mesmo é dizer – propomos que se providencie no sentido de:

1 – Se criar, a nível de província, pois o Parâmio não é caso isolado, um grande *Museu de Etnografia e Folclore* (que haverá de se tornar pólo dinamizador dos pequenos museus, de carácter eminentemente ergológico, julgamos, um pouco já espalhados por aqui e além – sinal claro, *mais certo num canta um galo*, da necessidade de criação daquele);

2 – Se proporcionarem condições para que o Dr. António Manuel Pires Cabral possa levar a bom termo uma tarefa com que, nos bons velhos tempos, também sonhámos, mas que pusemos de parte, por razões várias: a da recolha e subsequente redacção de um exaustivo *Glossário Trasmontano*, em que anda empenhado de há muito, e para o qual a Etnografia lhe há-de fornecer abundantíssimo material.

São inúmeros os contributos que tem, como aliás sabe e V. Ex.cias não desconhecem – desde Leite de Vasconcelos e Augusto Moreno, para não irmos mais longe, até Belarmino Afonso, Joaquim Manuel Rebelo... e, *berganho para trás das costas*, nós próprio, com as monografias sobre o Parâmio e Guadramil, e uns pequenos trabalhos que não vem ao caso referir.

Tudo isto, porém, é uma gota de água no oceano imenso da nos-

sa imensa riqueza lexical (não seria despropositado incluir os aspectos fonológico, morfológico e sintático), pelo que se impõem demorados trabalhos de campo, que jamais poderão compadecer-se com boas vontades e regimes de *part-time*. As horas todas que temos passado no Parâmio, sempre de ouvido atento, totalizam anos, alguns anos. Pois só desta feita ouvimos o vocábulo *empelgar*, de *pelgo* <pélago, a frase rimada, de tamanha actualidade, *Daqui a Baldrosso* (sic) *tudo é nosso*, e os rifões *Os três segredos de uma casa são uma burra, um forno e uma romana* e *Do pique-pique do canteiro e do raspe-raspe do carpinteiro libra a nós do nosso dinheiro*.

Convençam-se Suas Excelências os Senhores Responsáveis Políticos de que nem só de fontenários vive o homem; a par com a água que nos mata a sede do corpo está a imprescindibilidade de algo que nos mate a sede do espírito.

Chegados a este ponto, e porque não temos o direito de abusar mais da paciência com que têm ouvido esta nossa *licantina*, permitam-nos V. Ex.cias que terminemos como certo pregador de Grandais, aldeia vizinha desta nossa, que teria deixado os fiéis ouvintes *de nariz de pistola* ao rematar certo sermão, e *se é mentira que bá para o saco*, proclamando:

Ó grandezas de Grandais,  
Por cinco réis que me dais,  
Já vos preguei bastante,  
Não vos posso pregar mais.

*Parâmio, Páscoa de 1995, amansado que foi o vento, a ouvir, ainda, o cuco, as andorinhas (que se não cansam de dizer que foram ao mar e vieram do mar...), as escrebedeiras, nabinheiras e demais passarada canora assim, mais campantes todos que os grilos das Almendreiras, enquanto o Sr. Abade, que anda de casa em casa a tirar o folar, não chega à nossa.*

---

## Afonso Praça

(1939-2001)

---

### ESCOLA DE VELHOS

Sempre os velhos me fascinaram – não pela velhice, diga-se desde já, porque a velhice me surge invariavelmente associada a decadência, mas pela sabedoria e pela história. Explicando melhor: mal ou bem, habituei-me a pensar que só os velhos percorreram todo o caminho da história breve que nos toca, que só o tempo permite acumular a verdadeira sabedoria. Mas se me perguntarem o que é a verdadeira sabedoria, terei de responder que não sei, ou então digo que é a sabedoria dos velhos que palmilharam vivos o caminho da história que lhes coube em sorte. O caminho da vida.

Muito antes de entrar na escola do professor Cosme para a aventura deslumbrante da descoberta da palavra escrita, já eu frequentava a escola dos velhos que, nas longas noites do Inverno transmontano, me indicaram o caminho do fantástico e da poesia, contando histórias que não vinham nos livros, recheadas de personagens e situações que nunca existiram mas eram reais. Foram velhos que me ensinaram a ver as horas no sol e nas estrelas, a conhecer as primeiras flores da Primavera, a adivinhar as trovoadas no calor de Maio, a descobrir os hábitos das perdizes e das lebres, a beber por um lenço em fontes de água parada...

Muito mais aprendi na escola dos velhos experientes e sábios, coisas banais como saber quando uma melancia já está madura, coisas profundas e sérias como a guerra, a esperança e o amor.

Para além disso, a escola dos velhos não tinha horário nem programa, e só isto revela o domínio da verdadeira sabedoria, porque estava em sintonia com o ritmo da vida.

Um dia, depois de uma lição na escola dos velhos, um velho leu-me nos olhos deslumbramento ou espanto e sentiu necessidade de se justificar perante o aluno já gandulo e batido em estudo e livros: «O diabo sabe muito não por ser diabo, mas por ser velho.»

A sentença acompanha-me ainda hoje, descrente de anjos bons e anjos maus, mas sempre disponível para acreditar nas bruxas e nos

diabos que povoavam as histórias dos velhos, tão imaginadas e tão verdadeiras.

Com frequência dizemos que há jovens de 20 anos que são velhos e velhos de 80 que são jovens. Mas isto não passa de um jogo de palavras com o qual se pretende traduzir uma crítica à decadência e ao conservadorismo de muitos jovens e um elogio à vivacidade de espírito e até à boa forma física de alguns velhos.

A verdade é que, aos 80 anos, um homem está no fim do caminho, mas, de qualquer modo, os «meus» velhos são mesmo velhos.

Depois de ter saído da escola, passei a ser visita esporádica, uma espécie de antigo aluno em romagem de saudade. Até que um dia descobri que os velhos estavam a morrer. Sobretudo, o Inverno era terrível, com os primeiros frios de Novembro começavam a espreitar o sol fugidio e, lá para Fevereiro, confidenciavam, com o pavor da morte na alma: «Quem não ouvir cantar o cuco este ano, já pouco há-de durar.»

Eram um lamento resignado estas palavras, que os velhos não se revoltam e a história ensinou-lhes a arte de poupar as lágrimas. Para mim tenho que assim é, a fonte das lágrimas também seca e torna-se indispensável uma boa administração, porque há ocasiões em que é vital molhar a dor.

Para alguns, todavia, o caminho foi demasiadamente penoso, a vida um verdadeiro vale de lágrimas que acabaram por secar. Mas lá está, os velhos sabem muito por serem velhos, e eu conheci uma velha muito velha que, nos enterros, apenas gemia e soluçava, os sulcos da cara secos, até que se decidia a provocar as lágrimas, esfregando violentamente os olhos com os nós ossudos dos dedos.

Um a um, os «meus» velhos vão partindo, e a escola está a ficar deserta. É certo que outros velhos aparecem, estes mais próximos de mim, todos com a sua sabedoria e a sua história. Mas eles já não têm histórias para me contar; quando apareço, fico à porta da escola, convencido de que já sei tudo sobre as estrelas, os animais, as árvores, a guerra, a esperança e o amor.

Pensando melhor: os velhos continuam a ter muitas histórias para contar, eu é que já não sei ouvir contar essas histórias, perdido no meio da minha própria história e enredado nas malhas de outras histórias bem menos interessantes.

Nada a fazer, portanto. O melhor é continuar o caminho, aprovei-



tando do Verão todo o calor. Vem, depois, o Outono dos frutos maduros, mas terrível, terrível é o Inverno.

*Setembro 1985*



---

## A. Lourenço Fontes

(1940)

---

### HINO AO BOI DO POVO

**T**rás-os-Montes, Galiza Ourensana e outras zonas serranas onde o gado vacum abunda e é suporte da economia familiar da região, foram palco de um certo comunitarismo, que foi representado pelo Boi do Povo. Este símbolo comunitário foi-se extinguindo, por todo o lado, à medida que a emigração e industrialização agrícola chegam a estas zonas fechadas do interior Galaico-Português. Na Galiza foram as zonas da Limia, Bande, Calvos de Randin e Muinhos, que raíam com o concelho de Montalegre, os que persistiram nestes usos até este meado de século. Hoje, dada a atracção que este espectáculo exerce, as vilas galegas de Muinhos, Ginzo e Calvos de Randin voltam a incluir nos programas das grandes festas e dias festivos uma chega de bois de Barroso. Em Trás-os-Montes, foram os concelhos de Montalegre, Boticas, Chaves que teimaram em manter até fins do séc. XX o Boi do Povo. Hoje, as capitais do país onde os barrosões se radicaram e associaram também têm sido palco de chegadas de bois. Desde sempre a raça Barrosã, dita Portuguesa, por oposição à Galega e Mirandesa, reinou nesta zona. Hoje, outras raças maiores, de mais carne, foram eliminando aquele e ganhando terreno em Barroso.

#### O porquê das chegadas

As chegadas de bois nasceram desta riqueza cultural de cada aldeia, da rivalidade existente entre vizinhos e povos, do gosto pela qualidade energética da raça barrosã, do orgulho e riqueza de cada povo e seus pastores e autarcas, da necessidade de convívio das populações, sem discriminação de idades e sexos, da valorização de dias festivos, da falta de outros desportos colectivos envolventes.

Dois machos lutam, sempre que se encontram a primeira vez, pela defesa do seu território. Significa a apuração da raça, que chegou pura até nós e mereceu ser reconhecida mundialmente como carne de qualidade. A raça também está a ser incrementada e apoiada. Mantidas até

nós, as chegas têm uma larga história já feita e de que os Barrosões se orgulham e sentem retratados.

### **Na toponímia Barrosã**

Quase todas as aldeias conhecem e têm as lamas do Boi do Povo, situadas nas zonas húmidas e baixas, que são pasto e forragem para o boi. Mas os nossos montes e planaltos estão desde tempos imemoriais baptizados pelos nossos antergos com nomes que estão ligados ao boi, à vaca, ao pastoreio. Quem não conhece os Cornos das Alturas de Barroso, de Fonte Fria [Pitões, Currais, Vilar de Vacas (Ruivães)], são topónimos que por si falam. Lemos no mapa 1/25.000 alguns topónimos que citamos como documento breve que nos indicam estas serras estarem noutros tempos povoadas de bois e vacas barrosãs: Porto Tourão (Tourém), Currais em todas as aldeias, Buraco do Touro e Lage dos Bois (Gerês), Monte do Touro (Pincães e Sela), Alto do Touro (Contim), Cabeça dos Bois (Mourilhe), Vale dos Bois e Toural (Salto), Alto do Bezerral (Outeiro), Fonte do Touro (Sela). Dormidoiros e Sestas há-os em quase todas as aldeias do Barroso. Mas se fôssemos registar todos os nomes que o povo conhece nas suas aldeias, ao boi referenciados, não teriam conta.

### **As chegas na arte**

Na arquitectura, são inúmeras as casas e cortes e palheiros do boi. Cada aldeia tem as suas. As de Padornelos e Meixedo são as mais típicas, pois, quais capelas, ao meio da aldeia, também a corte do boi tem um sino e está no centro das casas para protecção, vigilância e convívio. Mas é Travassos do Rio quem mais celebrou o boi do povo. Em 1933, o campeão das vitórias nas chegas recebeu um prémio e foi com ele erguida uma torre na corte do boi, com um alto relevo do retrato do seu boi.

### **Na Heráldica**

Na heráldica, também o concelho de Montalegre, na busca de um brasão que mais identificasse e caracterizasse a terra, mandou colocar dois bois barrosões no seu brasão e bandeira. Na escultura, sendo Padornelos uma terra de fama de ter dos melhores bois do povo, um filho artista desta terra, António Afonso Alves, esculpiu em madeira a cabeça do boi do povo, hoje exposto no salão nobre dos Paços do Concelho.

Na celebração dos 500 anos das Descobertas, em desfile no Porto

de 9 de Junho de 1985, «Os Portugueses e o Mundo», desfilou uma chega de bois executada em gesso por vários artistas: António de Padornelos e José de Paradela e esposa, pintado pela empresa de tintas Ribex de Montalegre.

Nas escolas de todos os níveis são muitas as obras que os alunos, ano a ano, executaram, de bois a liar, seja em madeira, barro, ou outros materiais.

Fernando Moura do Barracão mandou executar em barro vermelho uma das suas chegadas de bois, e é também símbolo da sua casa. Tem no seu museu das chegadas vários troféus de vitórias do boi. Tem ainda a cabeça embalsamada de um campeão. Em Vilar de Perdizes, no café Girassol, estão expostos os cornos do boi do povo campeão. Por todo o lado há taças nas sedes de Juntas de Freguesia, referenciando vitórias do boi do povo. Nos Estados Unidos, e por onde os barrosoes passam, alguns exibem o distintivo da sua terra com o escudo de Montalegre e os bois (Ludlow Mass).

A Câmara Municipal de Montalegre está a mandar executar ao escultor Ribatua uma estátua de uma chega de bois para implantar num centro da vila.

Na tapeçaria, nas escolas e nas famílias há quem borde, e adorne colchas, tapetes e outros tecidos com o tema – chegadas de bois.

Na pintura, são já muitos os artistas que retratam cenas de bois e chegadas em Barroso. Numa das paredes da Biblioteca Gulbenkian em Montalegre, na sala de leitura, foi uma pintura mural executada por Rui Azevedo, em tamanhos naturais, em Julho de 1984. Em 1991, Alfredo Cabeleira, de Castelões (Chaves), expôs mais uma tela a óleo de chegadas de bois que a Câmara comprou. António Martins, de Serraquinhos, pintor *naïf*, também já pintou vários quadros de chegadas. Nas escolas, muitos desenhos e pinturas são, cada ano, expostas em actividades escolares.

### **Na Medalhística**

As Câmaras de Boticas e Montalegre, em convénio, realizaram 4 feiras agro-Barroso, desde 81 a 84, e foram cunhadas, com desenhos de Cabral Antunes, 3 medalhas em bronze, em que os bois e as chegadas são grande relevo. O Centro de Saúde distribuiu também medalha com chegadas no seu I Congresso Científico, em Montalegre. Ainda em trabalhos de artesanato de cobre, há quadros, em relevo, que se vendem para recordar chegadas barrosoas.

## No Cinema

No cinema, sobretudo desde 1974, quase todos os amadores e equipas de cinema e televisão Portuguesa, Galega, Espanhola, Inglesa, Alemã e outras fizeram documentários e reportagens que correram o mundo na TV, vídeo e cinema. Recentemente, destacamos obras de Noronha Feyo, Teresa Ola, João Rodrigues, João Roque, BBC de Londres, filme *Terra Fria* de António Campos, etc. Cremos não haver câmara de vídeo de emigrantes e aficionados por todo o mundo, onde o tema ‘chegas de bois’, barrosões ou não, vão correndo de porta em porta. Nos restaurantes e cafés de Barroso, dentro e fora do País, são frequentes exhibições de vídeos de chegadas para os da terra e para turistas.

O que dizemos do vídeo podemos afirmá-lo com maior ênfase da fotografia. Basta ver uma chegada, sobretudo no Verão, nas festas, onde a GNR tem de intervir para limitar o número de fotógrafos a entrar no recinto. São inúmeros os cartazes de festas, calendários, recordações pintadas em pratos, postais turísticos, que proliferam nesta região. É raro o café, taberna, restaurante que não exiba nas paredes pinturas, fotografias de chegadas célebres. Hoje, até se fazem calendários de parede e bolso com chegadas barrosãs.

Nos jornais, quase toda a imprensa nacional, e não só, tem feito cobertura de chegadas de bois. Grandes nomes de jornalistas por aqui passam, curiosos deste mundo à parte, onde tal fenómeno acontece e se repete sempre com a mesma ilusão e vivacidade. Revistas, livros de fotos também não se poupam a ilustrar chegadas de bois.

## Na Literatura

Parece-nos que a primeira chegada a ser escrita em livro foi em 1926, por Júlio Montalvão Machado, no livro *Arcipreste de Barroso*. Ferreira de Castro, em 1933, no romance *Terra Fria*, agora reportado em filme de 35mm, descreveu a chegada de bois campeões, Padroso e Donões. Miguel Torga, nos seus diários e andanças por Barroso, também não escapou a cantar esta atracção da amplidão pagã. Mário Ventura Henriques, Bento da Cruz, barrosão de nascença, fez para o *In Memoriam* de Jorge Dias a sua descrição crítica da chegada. Barroso da Fonte, Dias Vieira, Lourenço Fontes, autor destas linhas, Dias Batista, Martins Rodrigo, Carvalho de Moura, Manuel Francisco Ramos e tantos outros esmeraram-se na pena, para retratar, para quem os lê, o que nos caracteriza nas chegadas ou lutas de bois. Em 1995, Fernando Moura do Barracão

editou o livro *Chegas de Bois*, com as cento e sessenta chegas, que a sua memória lhe trouxe, desde 1937 até aos nossos dias.

Na poesia, o Povo canta atrás do boi vitorioso o seu cancionero popular. Viale Moutinho dedicou-lhe, no seu livro *Retrato de Braços Cruzados*, uma bela poesia. Quando o boi do povo vence, outros poetas populares cantam, ao desafio, a vitória.

Viva lá o boi da Bila,  
Campeão e boi da feira.  
Já venceu os de Barroso  
E agora vai prá Ribeira.

No teatro, também António Cabral escreveu uma peça de teatro sobre este tema, as chegas de bois, que ainda não foi representada.

### **Ditos do povo**

O boi entra em todas as conversas. Faz parte da casa, e também da terra. O léxico comum a todos os barrosões é rico: andar ó boi, levar a vaca ó boi, tratar o boi, roubar prò boi, roubar o boi de noite, acompanhar o boi, ir c'ò boi, afiar os cornos do boi, azougar o boi, benzer o boi, embebedar o boi, turrar, chegar, lidar, tocar o boi, etc., são algumas das palavras que todos usamos e conhecemos. Viva ó nosso boi, é sempre a aclamação final das chegas.

O rifoneiro popular está recheado de ditos, em que o boi é tema: Boi só, delambe-se só. Deus nos livre de cobridela de boi velho. Deus nos livre de gado faldrudo. Livra-te do boi pela frente, da mula por trás e da mulher por todos os lados. Quem não tem vacas nem bois, ou antes, ou depois.





---

## Eduardo Guerra Carneiro

(1942-2004)

---

### ÁRVORE

Seguro na palavra *árvore*, ligeiramente a abano, e dela saem múltiplas palavras, símbolos, sinais emblemáticos, antigas festas, vindas de caldeus, assírios, personagens aladas em atitude de adoração.

Cedo aprendi a respeitar a árvore, como se da minha vida se tratasse. Não é por acaso que em Guernica, debaixo da árvore, se reuniam os homens bons para traçar o destino do povo basco. Não é por acaso que Napoleão desejou ser enterrado à sombra do salgueiro de Santa Helena ou que debaixo da macieira se encontrava Newton.

Quando às cerejeiras junto ao Tâmega trepava, como os pássaros livres debicando a polpa madura, tentava não quebrar o mais pequeno galho. Olmos, plátanos, castanheiros, pinheiros mansos, negrilhos, toda a infância nos vossos mais finos ramos. E também a sombra de arvoredos, a mata densa dos trópicos, ao sul em Catió, vegetação rasteira, ao norte, no planalto junto a Ifanes.

O *Século* de Magalhães Lima organizou-te festa nacional; em tempo de ditadura impediam-te o dia; agora desejamos de novo a tua protecção, quando ventos maus sopram na floresta.

Árvores de Porfírio, de costados, de filósofos. Vês como brotam espontaneamente ideias novas quando assim o queres? Quando menos esperas surge o teu corpo coberto de gnomos, leite e mel, ribeiros, o teu cântico dos cânticos.

É tempo de organizarmos as novas festas de um saudável paganismo, regresso à natureza-mãe, verdes colinas explodindo de juventude nómada. Alguns dizem que os celtas já estão a caminho; outros contam histórias de vagabundos, ciganos, anabase, dirias.

Radical me assumo, saudando a árvore, cantando um hino ao sol. Multidões avançam, aqui e além, modificando sistemas, modos de via,

procurando transformar o mundo, mudar o homem, navegantes do barco de Rimbaud, judeu errante.

Sei que entendes estas prosas, algumas palavras escondidas voluntariamente, obscuridade de oiro. Trata-se, afinal, da *árvore do bem e do mal*.

## NATAL

**E**m dia de Natal, luzinhas a piscarem na árvore, as figuras ingénuas do presépio sobre o musgo, real ou de plástico, digerido já o bacalhau, o polvo, o peru e as guloseimas, recordo ainda o antigo cepo a arder no adro da matriz, agora que olho apenas o azevinho, em saudades do futuro, à maneira de Pascoaes.

Entre as brumas da memória, lembro um Povo de construtores de barcos, lavradores e aventureiros, à procura de outras terras, outras gentes, cavaleiros em busca do Graal. Heróis ou não do mar era a gesta colectiva, agora em tempo de apagada e vil tristeza. A estrelinha, do Norte ou de Belém, guiava os homens com vontade.

Numa infância longínqua, de serras e neve, passavam outros de roupas esfarrapadas, mais negros do que os próprios negros. Alguns andavam ainda na primária.

Aquilo que fazia era, muitas vezes, apenas um biscate. Varas ao alto, ramos de folhagens e vassouras, aí vinham os limpa-chaminés. Gritavam pregões bem sonantes.

Negros de fuligem, riam alto e com bom som, muito mais do que as outras crianças, filhas de família. Entravam nas casas senhoriais, como senhores, e conquistavam as boas graças dos paquetes e das cozinheiras.

Criadas-meninas sonhavam com eles, nos seus quartos escuros a tresandarem a bafio e suor nocturno. Por vezes transformavam-se em lobisomens, de sorrisos ambíguos.

Carros de lenha entravam para as lojas das traseiras. Toros de pinheiros secos das matas do norte iam alimentar as lareiras das longas noites de Inverno. O fogão de ferro estava ao rubro. Na cozinha já tombava, tonto de jeropiga, o peru natalício e os brinquedos tinham sido de manhã desembulhados, papéis e celofanes rasgados na pressa nervosa.

Mas, antes disto, já tinham chegado os limpa-chaminés. Entre eles, quase todos rapazolas, vinha um homem de meia-idade, barbas brancas enfarruscadas. Fazia parte de uma linhagem digna de gente que não se habitua a empregos certos e preferia a vagabundagem à maneira dos ciganos, as noites na taberna, as tardes de Verão junto aos salgueiros ou choupos que bordejavam os ribeiros das aldeias.

Os limpa-chaminés permanecem nesta linha de memória de outros tempos. Arte e ofício era o deles. Honrado como qualquer outro.

No negrume das caras, abria-se-lhes um sorriso de vitória – chegavam sempre antes do Pai Natal!

## A POESIA DA TERRA

Só agora lhe chegou às mãos uma edição do CineClube de Faro, *A Poesia da Terra*, livro de homenagem aos cineastas António Reis e Margarida Cordeiro. É um volume de 292 páginas, com excelente aspecto gráfico, profusamente ilustrado, e que, através de entrevistas e depoimento, recolha de artigos de jornais e revistas, traça a vida e obra de dois dos cineastas que marcaram o cinema português nos últimos anos, nomeadamente com esse excelente filme chamado *Trás-os-Montes* (1976), assinado pelos dois, mas antecedido pelo profético *Jaime* (1974), assinado apenas pelo Reis.

Já, por várias vezes, neste mesmo espaço, lhe apeteceu escrever sobre o António, que partiu para outros mundos em Setembro de 1991, quando tanto havia ainda a esperar do seu talento. Sente a falta daquele sorriso aberto, das palavras amigas e solidárias, debaixo do odoroso cedro do jardim do Príncipe Real; numa mesa ou ao balcão da Cister, ali na rua da Escola Politécnica. Sente a falta desse príncipe camponês do Norte, da sua franqueza, da aparente timidez, da imensa ternura, dos seus diminutivos, dos abraços fortes, da maneira de dizer «adeus». Um imenso adeus. Ou, como cita o Rodrigo Afreixo, numa biofilmografia inserida no livro, *Eu só quero ouvir os meus passos / nas salas vazias*.

Mas, do António Reis, o conhecimento vem de longe. Vem, de um Porto quase mítico, do início dos anos 60, da admiração pelo poeta dos *Poemas Quotidianos*, de tertúlias de café ou taberna, como bem recorda o Manuel António Pina, nas páginas desse livro, num texto intitulado *Duas ou três coisas que sabíamos de nós*, já publicado na revista *A Grande Ilusão*, em 1992. E, também ele, lembra o poeta, o mestre, de sorriso gaiato, a dar lições de vida, ensinamentos de fraternidade, entre a chuva miudinha, que trazia uma estranha luminosidade ao granito e aos azulejos da cidade, e as águas secretas do Douro, que eles atravessavam em noites cerradas.

Mas cabem ainda aqui, nesta coluna, outras memórias mais profundas, quando, em Novembro de 1974, o António o convidou a passar três semanas com a pequena equipa que então filmava o *Trás-os-Montes* em terras do Nordeste.

Foi o espanto e o deslumbramento, entre Bragança e Miranda do Douro, com dias inteiros passados em Babe, Palácios, Ifanes. Recorda a paciência infinita dos dois realizadores; a procura do rigor e da perfeição; uma conversa na saleta com piano da Pensão Moderna, em Bra-

gança; as meninas ruivas; Heliadora, um girassol aberto no planalto; o ferreiro Fortunato; os grandes sombreiros azuis dos padres; os pom-bais em ferradura; olmos e mais olmos; Albino Delgado, o pequeno pastor que fazia 15 anos, naquele dia de filmagens no lugar da Cruz das Antas, a gritar às ovelhas para se reunirem, falando-lhes dos lobos; um pequeno comboio, quase de brinquedo, a fumar, às voltas, a apitar ao longe, mas sempre presente.

Conta os caracteres do texto e repara que está quase a exceder-se. Mas, desse livro, destaca uma entrevista com Pedro Costa, o realizador de *Ossos*, e, pelas suas palavras, ele está consciente que, afinal, o Reis não partiu naquele Setembro de 1991. Permanece. Como o comboio de *Trás-os-Montes*.



---

## Telmo Verdelho

(1943)

---

HIRONDINO FERNANDES,

### *BIBLIOGRAFIA DO DISTRITO DE BRAGANÇA*

A *Bibliografia do Distrito de Bragança* [Série Documentos: Documentos Publicados] é um ousado empreendimento feito de estudiosa e diligente aplicação, de erudito saber, de um imenso amor pela terra, pela gente e pela memória dos seus gestos e da sua passagem ao longo dos séculos, desde os anos mais remotos em que foi possível perscrutar notícia escrita ou simples registo documental.

A sua publicação foi iniciada na revista *Brigantia* com as recolhas referentes às figuras tutelares do Abade de Baçal e de Monsenhor José de Castro, e continuada em volumes autónomos, em 1993, com duas recolhas de índices de documentos manuscritos do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, referentes ao acervo do *Ministério do Reino* e ao do *Desembargo do Paço*. Esta – Série Documentos – prossegue agora com a publicação de um índice cronológico, em dois tomos, no qual se rastreiam vários milhares de documentos publicados, referentes ou alusivos ao Distrito de Bragança.

Trata-se de uma obra extraordinária no panorama bibliográfico e historiográfico português, que favorece e exorna singularmente o horizonte cultural do Distrito e merece indiscutível lugar de honra no âmbito largo da própria historiografia nacional. Nenhuma outra região possui um levantamento assim ordenado, e tão pormenorizadamente indexado, da documentação arquivada, com os nomes das pessoas, dos lugares e dos factos, oferecendo um acesso esclarecido e fácil a quase toda a sua memória histórica.

Temos nesta obra o melhor compêndio da história do Distrito de Bragança, história contada e fonte metódica e aberta para outras histórias e para a reescrita que deve caracterizar toda a história. Bem necessita deste esforço memorativo o nosso Distrito, que parece ter entrado, de modo irreversível, numa conjuntura de quase fim de enterro. É cru-

cial salvar pelo menos a representação da já perdida identidade. Somos a última instância de uma memória em trânsito para o silêncio.

Tomaremos portanto este livro como uma espécie de lápide comemorativa. Mas havemos de o percorrer afastando qualquer conotação necrológica e descobrindo-o sobretudo como uma leitura fascinante em que a surpresa e a curiosidade nos acompanham de data em data, pelos séculos fora, à procura de reminiscências de um passado em que também estivemos presentes (“in fieri”) mas que só agora podemos contemplar.

Reviveremos momentos dramáticos como o das lutas da Restauração (1640) e das invasões francesas (1808/1809) e sobretudo o da catastrófica destruição do castelo de Miranda (Maio de 1762), sangue trasmontano na malha perversa que o imperialismo inglês teceu.

Assistiremos a tempestades arrasadoras, como a de Nozelos em 1519: “Maio dia de Sam Miguel de mil quinhentos e desenove Tras-los-montes em Portugal no Loguo de Nouzelos, termo de Vinhais, hu(m) domingo pela manhã deu hu(m) trovão gramde d’ aguoá no dito Loguo, e levou vinte ou trimta cazas com camaras, e dellas fortes, todo arrazado pello chão sem ficar nada, nem vinhas, nem arvores, e pastores tudo varido [sic] á vasoura sem parecer cousa allgu(m)a, como gramde deluvio da dita aguoá”.

Leremos notícias de crimes cruéis e de façanhudas malfeitorias praticadas pelos próprios nobres que às vezes competiam em barbaridade com os bandos que assaltavam os lavradores e os feirantes, como João Afonso Pimentel, Senhor e malfeitor de Bragança (1396), ou vários dos desastrados Távoras que se tornaram insuportáveis pelos seus caprichos e tiranias.

Admiraremos heróis e aventureiros como João Pedro Freixo de Miranda, doutor em Teologia, cónego magistral na Sé de Bragança, que é louvado pelo “muito zelo, valor e desembaraço” com que comandou “uma partida de padres armados com que defendeu a raia” contra os franceses (1809. 04. 06).

Acompanharemos o progresso técnico e industrial do Distrito e a promoção e construção de obras públicas, numa série infindável de efemérides esquecidas, como a reconstrução da ponte do Loreto, em 1815, depois de destruída por uma tempestade.

Poderemos mesmo planear um calendário revivalista de celebrações. Assim, perfazendo um século à data da publicação deste livro, no



último trimestre de 1896, assinalam-se, entre outros, por exemplo, os seguintes factos:

- promulgação do decreto que criava em Bragança uma escola de habilitação para o magistério primário (1896.10.17);

- numa sessão da Câmara Municipal de Bragança, deliberava-se a criação de “um museu archeologico em uma sala dos paços do concelho” (1896.11.04);

- o nome do notável dicionarista Augusto Moreno, de Lagoaça, é citado numa portaria em que se louvam ou repreendem vários professores primários do Distrito (1896.11.05);

- no jornal “O Mirandez” repercute-se o eco aflitivo de um ano de fome e de carestia, de «funesta crise»: *A miseria em Traz-os-Montes*. “O Mirandez”, 1896. 11. 10, p. 1;

- “A fim de manter a ordem no concelho de Mirandella, ha uma temporada em estado de completa anarchia (casa onde não há pão...), não bastava a força de cinquenta bayonetas de caçadores 3 e algumas praças da policia civil, que de Bragança para ali tinham marchado, visto a grande desintelligencia entre o povo e a tropa. Entendeu o governo, que [...] era indispensavel mandar para lá um administrador [...]”, e a escolha recaiu em Abílio Lobão Soeiro. “O Mirandez”, 1896. 11. 25, p. 1, c. 4;

- notícia da instalação da escola normal distrital, em Bragança (1896. 12. 04);

- “começarão a pôr os letreiros nas esquinas das ruas da villa” (Moncorvo) (1896. 12. 05);

- notícia de que o Dr. A. Carlos Alves, Augusto Simões e Augusto Moreno “estão elaborando um projecto de regulamento para a fundação de um collegio nesta cidade” (Miranda do Douro) (1896. 12. 10);

- Estatutos do Club Macedense (1896).

**P**ara além da proficiente calendarização das comemorações centuriais, estas notícias são-nos oferecidas com um sabor e uma polifonia informativa que superam qualquer manual de história no prazer da leitura e na recuperação da consciência histórica. E oferecem ainda, como vantagem suplementar, uma ampla e fácil perspectiva dos grandes ciclos da história do Distrito: mostram a ascensão e deperecimento da indústria da seda; o fulgor medieval de Castro de Avelãs; o esforço inconseguido pela promoção de Miranda como cidade primaz da diocese, desde a criação (1545), até aos meados do séc. XVIII; o profun-

do revolvimento das regiões fronteiriças a partir da Restauração, com o início da prosperidade de Moncorvo; o paulatino definhamo do Distrito, a partir do liberalismo, com a estratificação de um processo emigratório que nunca mais parou e que marca profundamente o sentido diaspórico do povo e da civilização trasmontana. O autor soube coligir os pequenos indícios que assinalam os períodos de euforia e de depressão e que revelam também a força criativa que, por entre a aspe-reza dos séculos, fez a memória em que nos identificamos.

O rigor da pesquisa e o desprezo das aparências e do efeito fácil são virtudes essenciais deste trabalho. Para conferir uma data, esclarecer um topónimo, comprovar um testemunho, verificar uma citação, cirandou o autor entre Bragança, Coimbra e Lisboa, espanejou arquivos, e compulsou intermináveis fontes documentais e bibliográficas. E tudo feito contra a moda do tempo, sem o espírito de exibição e longe dos aplausos do público. Honra lhe seja feita. A praça pública é boa para a retórica e para os sofistas, mas pouco propícia para os poetas e imprópria para os estudiosos.

Neste livro, bem à imagem do seu autor, tudo é contrário às aparências pulverosas e efémeras que fazem vulto e enganam o mundo. Parece um livro feito de coisas conhecidas e afinal é cheio de segredos; tem a aparência de uma acumulação fragmentária de datas, e na realidade é um tecido denso e coerente de informação histórica; parece um simples índice cronológico de documentos desligados e distantes, e na realidade é um roteiro de pessoas e povos, vivos e actuautes e que, não obstante a sua posição marginal e marginalizada pela geografia e pela política, configuram uma comunidade de grande plenitude humana, tanto mais digna de lembrança quanto menos beneficiou dos favores da riqueza e da exaltação dos clarins da fama.

Entre outras, este livro tem também a aparência de um meticoloso e erudito rol da história e das histórias do Distrito de Bragança, e, todavia, tanto ou mais do que os acontecimentos e as pessoas que relembra, é sobretudo um testemunho da paixão do autor pelos mistérios e pelas mensagens que ele sabe que existem por detrás das solidões dos montes e dos rostos e gestos das mães e pais e sucessivos avós, que desde há tantos anos humanizaram as fragas que nos serviram de berço.

Só por via desta paixão se pode compreender uma empresa tão “enredada, atravessada, desencomendada, desaustinada”, como esta obra, em que são menos as páginas do que os trabalhos, as canseiras, as in-

compreensões e contrariedades, as despesas e as incomodações de toda a espécie que o autor teve de enfrentar e que aceitou sofrer, prosseguindo sempre com têmpera granítica e com a superioridade de quem sabe ver o mundo do cimo das montanhas.

Este livro é um exercício de amor inexplicável para os profanos – como diziam os filósofos antigos e hão-de dizê-lo os poetas de sempre, quem não ama não pode compreender “esta espécie de sandice” que aflige todo o homem namorado. Só o muito amor pode explicar esta obra, o amor pela terra, pela gente, pela liberdade austera e solidária, pela limpidez do horizonte e pelos contos de fadas inventadas e verdadeiras que nos mantêm pela vida fora à vista da felicidade prometida.

Ninguém lhe pagará. Ninguém poderá pagar-lhe.

Nós, falo dos últimos trasmontanos, que todos sofremos da mesma moléstia das saudades da terra, sabemos quanto custou e quanto vale esta obra que nos é agora dada e que é nossa. É muito cara. Não é dado aos ricos e aos poderosos o poder comprá-la.

Bem haja, meu caro Hírdino, e mais que venha!



---

# Augusto José Monteiro

(1945)

---

## CONTOS BALDIOS

### Antes de mais...

*Ao contarmos a verdade,  
mais tarde ou mais cedo seremos descobertos.*  
Oscar Wilde

**E**u, que estou longe, gosto de vir a casa, à minha terra... A Bragança. Onde nasci e fui criado. Desta vez, fiz morada na pousada de São Bartolomeu...

Passeemos os olhos... Logo defronte, sobranceira, a vila, a cidade-la. Extensa muralha de xisto, fortaleza abaluartada, castelo gótico com a mais bela torre de menagem do país. E a arcaica *Domus*, cisterna românica tardo-medieval, depois paços do concelho. Conjunto magnífico a justificar uma visita a Bragança. Se outras razões não houvesse...

Descendo o olhar, a cidade. Em séculos do antigamente, com seda aqui aprimorada, aveludava-se o reino e terras distantes. Cidade de várias braganças: uma (dita) histórica, a da cidadela e do ‘centro histórico’; outra, já dos nossos dias, crescida e despenteada. Requalificações várias tentam melhorar-lhe o rosto. Assim seja... O futuro visitante irá agradecer.

Mais longe, serras familiares aos burgueses brigantinos: Montesinho e Sanábria. (Ficaram com esta os espanhóis; Montesinho levou, por comparação, o diminutivo. E deu nome ao Parque). Ainda a serra de Nogueira. Perca-se o visitante por todos estes sítios. Obrigatoriamente. E não esqueça a serra da Coroa – lá para os lados de Vinhais –, que também é Parque...

Pode visitar, se tiver ganas, outras paragens da terra fria e da terra quente. Não as esquecerá.

A pousada – em xisto, como o castelo – tem todos os cómodos e mais um... E a simpatia de quem nos acolhe. Na parede da sala gran-

de, uma tapeçaria de Graça Morais. Ela conhece estas terras e estas gentes. Conta-as à sua maneira. E sabe que, “por detrás de uma montanha, há sempre outra montanha”...

✱

**P**erdi-me pelos campos da Lombada... Fui passar um dia com Bernardo, com o amigo. Matar saudades. Pôr a conversa em dia. Perdi-me pelo melhor que este recanto tem para dar, por ora: a paz modorrenta dos campos, o horizonte largo das serranias, o ondular repousante dos centeais e dos trigais, a mancha azulada dos montes “que, por aqui, os montes são mesmo azuis”: como quer Bernardo, a beleza harmoniosa das paisagens. Os odores silvestres. As aldeias dormentes da terra fria, com rostos que não enganam. Paisagens envolventes profundamente humanizadas, a parecerem naturais. Campos abertos, agricultura extensiva, afolhamento bienal. O centeio, cereal de séculos, ainda não foi expulso.

Terrenos baldios (de uso comum). Touças de carvalhos. Onde há águas e ares para tal, lá estão os lameiros – prados naturais –, bordejados e salpicados de freixos. Abraçam as aldeias e embelezam-lhes a face. À volta do casario, a cintura verde dos campos de culturas intensivas: chãos, cortinhas, hortas; algumas árvores de fruto (nogueiras, macieiras); vinha, a medo. E a saudade dos negrilhos (olmos), que acabam de morrer... Paz ao seu espírito! Os soutos, que tanto e tão bem se distinguem na paisagem, ainda são uma riqueza. Recorde o visitante que a castanha era, há pouco tempo, o alimento de eleição destas gentes e que os castanheiros davam a madeira que o património construído, rico, não dispensava, e muitas padieiras reclamavam. A cria (gado bovino) era o maior bem. Não sei se ainda é... Sei que continua a aparecer, no prato, a mítica vitela mirandesa. Vê-se algum gado miúdo (ovino e caprino). Já foi bem mais farto...

Estas aldeias eram mais do que um agrupamento de população: eram uma forma de vida social, a que dava coesão um passado comunitário. Algumas guardam, nos dias que correm, leves resquícios dessas práticas comunitárias. (Bem menos igualitárias do que se fez crer...) Estavam mais presentes, alguns anos atrás, quando mais gente nelas morava e (des)vivia da terra, da pecuária e do pastoreio. Contam-se lembranças e memórias... Se quase não têm moradores, ficaram

vestígios e marcas de tempos idos. O tempo ainda corre devagar, como o fumo que se escoia, lento, pela telha vã.

Um mundo de homens e mulheres que sopram forças. Quase mágico. Sofrido. Medieval. Ali há séculos. Assim... Os gestos mil e uma vezes repetidos. Os ritmos vagarosos. Os saberes infintos. Muitos deles milenares. As tradições e as crendices. Algumas cruéis e desumanas. O luto e a festa. Desavenças, rixas e mortes, mais fruto de más vizinhanças, que de altivos e honrosos sentimentos. E as festividades cíclicas – simbiose, quase conseguida, entre o sagrado e o profano. E a apregoada hospitalidade que não passa, tantas vezes, de uma estratégia de envolvimento – como querem os cientistas letrados – que as gentes, destas pequenas comunidades, não podem dispensar. Para conhecer e integrar os forasteiros.

✱

No aconchego da Pousada encontrei tempo e disposição para tratar materiais recolhidos, para inventar, para escrever e reescrever, apurar e depurar. Para compor... Para lamber, com vagar, «como ursa aos filhos mal proporcionados» (no dizer de Sá de Miranda). Muitas horas. Algumas passadas à sombra de um acolhedor castanheiro. Fica a prosa criada. Alguns ecos e muitos silêncios... Amigo leitor, porque «nenhuma árvore explica os seus frutos, embora goste que lhos comam...», é chegada a sua vez...

### **Bernardo, encantador de palavras**

*Além de servirem para dizer coisas, as palavras são coisas...*  
Manuel António Pina

*‘Nas histórias a que chamam verdadeiras cada um mente  
segundo lhe convém...*  
Rodrigues Lobo

Vem aí Bernardo... Como se conta? Como se tecem e entretecem os muitos fios desta vida? Com que palavras e falas se diz? Como contar vida tão intensa? Se a vidas assim não lhes dermos o nome de mais que heróicas, de milagrosas, delas pouco diremos. Vidas como a de Bernardo, anónimas, trabalhosas, criadoras de vida, que não da-

mos por elas, como não damos pelo crescer do trigo, chamam por histórias.

Razão tinha Bernardo quando se interrogava: «Porque não existe o túmulo do civil desconhecido, se há o do soldado? Porque se presta tão grande homenagem aos soldados, assim promovidos a heróis, que fazem a guerra e a morte, e não se dão honras iguais aos milhentos civis desconhecidos que sacrificam as suas vidas para construir paz, para que a vida seja possível?»

Do muito que poderia ser dito, apenas alguns traços fugazes, breves indícios, ténues pistas. Mais do que contar Bernardo, tentarei dizer um pouco do que ele diz e conta. Húmus de quase tudo o que escrito fica.

Bernardo, forjado nessa ‘civilização da oralidade’, que ainda vai sobrevivendo no meio rural e que tanto deve a um fundo de costumeiras atávicas. Anda agora pelos 80 anos. São muitos os saberes, herdados de nodosos avós. Aprendidos pelo ouvir-dizer e pelo ver-fazer. Assim era...

– A vida que me deram para desviver, porque o dia-a-dia não se vive, desvive-se... fez de mim este homem dos sete ofícios. Lavrador de pouca terra, amanhada com canseiras e suor. E um pão de lágrimas. Pão negro de centeio, que trigo só pelas festas... Vidas danadas de trabalho... Muitas as mínguas, fartos os dias de quase nada ter. Logo pela manhã acordávamos para o cansaço de mais um dia. Sem desejo de viver. Olhos perdidos na distância, a remoer, a ruminar ânsias, fomes de quase tudo. Desde pequenos que aprendíamos a brincar ao faz de conta... Nunca na vida soube o que era estar de pousio. E se eu tenho jeito para madracear, para nada fazer! Agora, que vou para velho, já vou tendo um pouco mais de sossego. Era ainda um garoto, fui ajudante de mineiro, nas minas de ferro. Já crescido, mineiro a sério, nos tempos da guerra, enquanto durou o volfrâmio. Que tantos bolsos encheu e tantas fortunas fez. Para mim, sobraram trabalhos e fadigas. Penso que era por haver muito minério que as trovoadas descarregavam, com fúria, na aldeia. Mas para o povo, nas suas crendices, era um padre espanhol, de um povoado vizinho, que as esconjurava para cá. Também fui contrabandista. Por conta de outros. Melhor dizendo, passador. O que nos tocava, a nós que arriscávamos a vida, eram migalhas. Os lucros iam para os comerciantes de Bragança que nos ajustavam e que eram donos das mercadorias. Corria o último ano da guerra civil de Espanha... Levávamos para lá, que eles quase nada tinham, fardos



de tecidos e de calçado e carregos de café. Trazíamos saquitos de moedas, que os pagamentos eram em duros, e corniçoilos, cornichós do cereal, que eram quase ouro, para o fabrico de remédios. Mais tarde, pelos anos 60, ainda fiz algumas travessias. Porque necessitava, mas também pela aventura. Tinha-me ficado o bichinho. Passávamos uns quilos de café e vínhamos com pão alvo, alpargatas, chinelas e pana. Se o contrabando, que ajudava a viver, era de pouca monta, as histórias e as aventuras eram mais do que muitas. Algumas de pesadelo. A arte de marceneiro, com que ainda me vou entretendo, aprendi-a por mim. Mas foi o meu avô materno que me deu alento. Queria-me mais que aos filhos... que tinham ciúmes e lhe diziam, «ainda há-de estragar o rapaz com mimos e vontadinhas..., tanto quer o corvo ao filho que lhe tira os olhos...» «Eu e o Bernardo – respondia-lhes o meu avô – é que sabemos...» Aprendi a talhar, a afeiçoar as tábuas e fui-me abalançando a trabalhos de carpintaria, lancei-me aos carros de bois, às peças de mobiliário, aos andores. Ainda há pela aldeia escanos que fiz, construí caixões para mortos e, com algum estudo, acabei a fazer instrumentos musicais, bandolins e guitarras. Guitarras com o tampo da retaguarda de nogueira e o da frente de pinho da Flandres, um pinho macio, bem custoso de arranjar. Não bastava a arte de marceneiro, era preciso a de tocador. Depois de matutar uns tempos, cheguei aos *carabelhos*, com segredo, que andam nalgumas portas. Consegui até fazer um fuso novo para o lagar. Modestamente, penso ter algum engenho para esta arte. Mas só os dons não bastam. Há que os trabalhar...

E rematou:

– Agarrávamo-nos, com ambas as mãos, a tudo o que havia. Mesmo assim, um tudo que mal chegava. Anos houve em que fui carvoeiro. Fiz carvão para vender na cidade.

Bernardo: afamado pedreiro e canteiro, também ele fazedor de uma aldeia (ainda) harmoniosa – feita sem arquitectos –, afeiçoador de pedras e construtor de casas. Inventor, engenhocas, filósofo e contemplador...

Grande conhecedor dos segredos da natureza e dos caminhos e descaminhos das serras e dos homens:

– Feliz do homem que tem raízes... Aqui nasci e aqui vou morrer. Aqui meus princípios e meu fim. Vezes sem conta quis partir. Outras tantas acabei por ficar. Muitos foram os dias em que me arrependi de não ter zarpado. Agora já vou dizendo, para com os meus botões, «ainda bem que ficaste, Bernardo, ainda bem que vão ser estas terras

a comer-te os ossos. Para onde dianho querias ir? Não há terras como estas!» Temos que aturar familiares, amigos, conhecidos! Mas não há estranhos. Conhecemos sempre quem saudamos. Não parti eu, que estava mais apegado a este lugarejo do fim do mundo, partiram os meus irmãos e os meus filhos, para se livrarem da enxada e da côdea. Era assim por estes lugares de Bragança. Os irmãos, para os brasis. Por lá ficaram. Dois dos filhos, nessa leva dos anos 60, para França. Já viu o que poderia ser este país, se os pobres, que tanto têm sobrado e estorvado, se pudessem governar por cá? Se aqui pudessem fazer o que fazem lá fora, se os deixassem... Que raio de sina esta! Desde há séculos que fogem aos magotes. Mesmo quando eram poucos, um milhão ou pouco mais, tiveram que partir aos milhares, que a terra não chegava. Lá foram eles à aventura, de fugida. Que a história está mal contada! Por vezes, nem cuidavam de saber para onde iam, se para norte, se para levante, se para sul, se para poente. Para tão longe foram, que mais longe não podiam ter chegado. E, desde então, este povo tem calcorreado, com pés vagabundos, índias, brasis, áfrias, oceanias e europas... Uma sangria desatada... Que pátria esta! Não é pátria. Nem mátria. É madrastia. Seja como for, do que gosto mesmo é desta minha aldeia, bem mais velha do que Nova Iorque, é deste terrunho, deste bocado que continua a ter um rosto singular. E único. Aqui, sim, a minha pátria chica.

Encantador de palavras. Conversador superlativo. Homem de leituras: «Sabe, também gosto de ler... Deu-me jeito uma 4.<sup>a</sup> classe bem feita, embora a toque de caixa.» Porque sofre da doença da oralidade e usa com grande à vontade a língua, vai criando, aqui e ali, novas palavras. Bernardo, contador de histórias: as que viveu e partilhou e as que não viveu, mas que foi como se as tivesse vivido. «Se quer que lhe diga, não há histórias verdadeiras, porque quem conta leva sempre a palavra para lá da verdade. É muito o que inventa. Há muitas coisas que sei. Aprendi-as na vida. Algumas devem ser da minha cabeça, embora nada seja apenas da cabeça de cada um. O que dizemos, fazemos e somos, também é dos outros. Neles o colhemos. Mas, por muito que as viagens sejam feitas na companhia de outros companheiros, por muito que com eles aprendamos, as viagens mais importantes são as que fazemos sozinhos. Dentro de nós.»

Bernardo, desfiador de memórias, contador de lérias, semeador de palavras. O que este homem guarda e sabe... Quadras, versos, rimances, lengalengas, cegarregas, contos e contarelos, adivinhas, pro-

vérbios, aforismos, sentenças, ditos e dichotes. Versos irónicos, satíricos – «que se calhar até vêm, como diz, no Abade de Baçal» –, mais ou menos brejeiros e malandros. Chocarreiros. Por vezes, di-los num galego estropiado: «Ó mães, casai as filhas / enquanto têm bom parecer, / pois não são ervas do prado / que voltem a reverdecer.

Se el mar fuera de tinta / Y el cielo de papiel / Y los peces escrivanos / A escribir a dos manos / No escrivirian en cien años / La maldade de una mujer...

Toda a moça que é janota / por bem janota que seja / nunca deixa de molhar / dois, três pêlos quando meija.»

E esta chistosa lengalenga: «Quatro horas dorme o santo / cinco o que não é tanto / seis o caminhante / sete o estudante / oito o porco / e daí por diante o morto.»

O que estas mulheres e estes homens têm para ensinar... Já criaram o instituto da alta cultura... Pena é que não exista o da baixa cultura! Para poder aprender com estas gentes, para dar a conhecer o que sabem.

Homem informado, leitor de jornais, telespectador crítico: «Da televisão sempre me recusei a pagar taxa, não me faltava mais nada!, pois se a onda anda por aí à solta, que culpa tenho eu de a apanhar aqui no caixote?!, eles se quiserem que a prendam, que a não deixem vaguear por aí como uma vadia...»

Bernardo pensador... «Dor incomoda-me como substantivo, quando a sinto, quando me dói o corpo ou o espírito, que a fazenda, diga-se em abono da verdade, não me dói. Como terminação está em muitas palavras que me agradam. Por aquilo que querem dizer e que para mim representam. Sou bebedor, comedor, falador e até pensador... Já não gosto da palavra sofredor, o sufixo entra aqui numa má palavra. Sendo isto tudo, sou também fazedor... Trabalho para cima do lombo!»

[...] À sombra de um carvalho, mira terras de Espanha e de Portugal. Sei-lhe do sítio que é refúgio.

– Refugio-me aqui, para sentir o cheiro das estevas e das urzes e os odores fartos dos giestais maduros. Gosto de falar com a natureza, com as ervas e os pássaros, os bichos mudos e as árvores. De me sentir filho desta mãe. Não emaluqueci. A primeira vez que fiz amor foi com a terra. Como outras crianças... Um buraquinho no lameiro e era assim que nos iniciávamos. Foram muitos os sóis que me aqueceram. Agora já tenho pouco tempo, que isto de viver ainda acaba mal. Vai sendo altura de deixar de abrir caminhos nos matagais da vida, como alguém disse

do povo como nós, e de descansar. Já poucas forças tenho para cortar estevas a dente, como sempre tenho feito.

[...] Para além do que sabe e conta, diz em discurso directo:

– Não tenho obra, tenho vida, a minha obra foi a minha própria vida. E se eu vivi! Muito do que sei é baldio... Quase tudo o que lhe conto é baldio, porque é nosso, porque tem que ver connosco, com o povo. E se por aqui sempre houve povo. São palavras, frases e ditos, coisas e loisas, sabedorias que vamos conhecendo, guardando. Herdámos-las dos nossos avós. Por sua vez, eles tinham-nas recebido, conservado, apascentado e ruminado. Chegaram até nós. Se umas se perderam, outras se criaram e se acrescentaram. Os senhores que escrevem, desunhem-se...

### **A amoreira dos espanhóis**

*Chaminé que construísse em minha casa não seria  
para sair o fumo, mas para entrar o céu.*

Mia Couto, dito do avô Celestino

**E**ram férias da Páscoa. Estava um dia soalheiro. Uma luz e uma luminosidade que só nós temos. Mais ninguém. A nossa maior riqueza. Dádiva dos deuses, dádiva sagrada, de que participam e com que se banqueteam os poetas, os pintores e os loucos. Quis livrar-me do ar intoxicado do café. Apeteceu-me natureza. Quis ter mais e melhor luz. A dos campos... Decidi visitar Bernardo. Fui procurá-lo na aldeia onde vive. Aldeia raiana, a alguns quilómetros de Bragança, paredes meias com Espanha. «A pé, como explica Bernardo, por caminhos de cabras, eram quatro léguas, mais de quatro horas, para a cidade. Para estarmos lá ao clarear, tínhamos que nos levantar pelas três da manhã.»

Encontrei Bernardo na loja-adeiga que lhe serve também de oficina. Concentrado no trabalho, não deu pelo meu chegar. Com a plaina tirava lascas de uma madeira que tinha bem amarrada no banco de carpinteiro. Depois de o ter saudado, quis satisfazer a curiosidade.

Atirei-lhe:

– Que raio de madeira é essa?

Olhou para a cómoda, quase pronta, que tinha diante dos olhos, e devolveu-me:

– Não a reconhece?

– Não... Entendo pouco de madeiras e acho que nunca vi tal raça.

Ainda que a visse na árvore não haveria de a conhecer, quanto mais neste estado, depois das voltas que levou.

– Olhe que não fui longe para saber dela. Não mate mais a cabeça, que já lhe satisfaça a curiosidade, que é coisa que não falta às pessoas que, como o meu amigo, se dedicam a falar e a escrever e ganham a vida com a palavra.

Num tom irónico:

– São os senhores e os nossos amigos padres, mas a estes ainda lhes vai melhor a vida, porque a ganham a cantar. Sem terem mulher e filhos para aturar. E ainda têm muito tempo para conhecer bem as ovelhas que apascentam. Para as poder tosquiar... Quem vivia melhor na aldeia, nos anos 30 a 60, não tenha dúvida, eram os curas. Um deles, natural daqui, tinha pingues proveitos. Chegou a ser um proprietário abastado em fazendas e gados. Sabiam muito, porque, como diz o ditado, ao padre e ao juiz o diabo lho diz...

Voltando-se para a cómoda, não sem antes tirar uma fumaça do cigarro que enrolara (mata-ratos, no seu linguajar):

– Estou a fazer uma mobília para o quarto do meu neto António Pedro, filho do meu rapaz que está em França. Quero ver se me esmero, porque o neto merece-o e ainda o merecem mais estas preciosas, direi mesmo sagradas, tábuas. Madeira desta é rara. Já não há. Olhe, vai mas é um trago?, um copo?, que tenho aí uma boa pinga que é quase da minha lavra, feita de umas uvitas que colhi e de outras, que lhe juntei, compradas na terra quente. O trabalhinho bem pode esperar, que a pressa não é boa conselheira e o madracear nunca fez mal a ninguém. Depois de um dia outro dia vem e se todos os dias fossem vésperas de nada fazer, de descansar e folgar, outro galo nos cantaria... Vamos mas é dar dois dedos de conversa, que o tagarelar, o taralhar, é coisa que vai dos queixos, como dizia o seu tio Eduardo. Com ele aprendi que as palavras ganham, muitas vezes, vida própria. Ficam independentes da nossa vontade, deixam de dizer o que nós queremos e desatam a dizer o que querem...

– Já lhe conheço as crenças e os apetites – devolvi – e, em vez de um copo, até podemos beber dois, mas antes vai-me dizer que madeira é essa que em tão boa conta a tem.

Tirou mais umas fumaças, foi ao pipo e encheu a caneca. Gosto deste singular barulho, do abrir e fechar, não traduzível por onomatopéias, da torneira de madeira do pipo; faz-me crescer, pavlovianamente, vinho na boca. Trouxe dois copos e uns pratos de um pequeno guar-

da-louça, forrado com um pálido papel abicado. Da mosqueira tirou queijo duro. Cortou, com o ‘canivete-de-ver-a-deus’ (uma Palaçoulo dos irmãos Castro), um naco de presunto que não era magro estreme, tinha um pouco de gordo («assim é que ele é saboroso») de um que já estava encetado e dependurado, na companhia de mais três, numa das traves de castanho da toucinhenta adega. Da «toucinhenta adega», era assim que a dizia. Cortou o naco em pedaços. Apontando para o toucinho de uma talhada, foi dizendo: «Nem boa olha sem toucinho, nem bom sermão sem Santo Agostinho.» Aprendi-a com o Padre Zé. Quem tenha bom paladar, que saiba da arte da gastronomia, que é a grande arte, e não vá em cantigas de que o gordo faz mal, há-de dar, quanto ao toucinho, razão ao padre. Já quanto ao sermão, porque conheço mal o Santo, nada digo. Abençoado reco que tudo se lhe aproveita. Deus só se esqueceu de lhe pôr sal... Veja que o bicho, nos chouriços doces, até a sobremesa tem que dar. Fique a saber que as codornizes do monte, que já quase desapareceram, eram, também, um petisco de primeira. Não desfazendo de uma lebre bem cozinhada. O meu avô ensinou-me: “caldo de perdiz e carne de codorniz”. Ora a avezita e o porco saem muito bem tratados neste outro dito – “das carnes o carneiro, das aves a perdiz e, sobretudo, a codorniz, mas se porco voara não houvera ave que lhe chegara”...» Do escano tirou um pão de trigo caseiro. Com um sorriso malandro disse que estávamos com sorte, porque «“pão e vinho anda caminho”, e nós até presunto tínhamos». Juntou-lhe mais uma sentença gastronómica: “carne que baste, vinho que falte e pão que sobeje”. Apontando para o pipó: «Vinho não nos vai faltar...» (Percebi, mais tarde, que, ao discorrer sobre comer e beber e ao arrastar os gestos, estava a tentar ganhar tempo. Doía-lhe a história que estava para contar e, mais ainda, as recordações amargas que lhe evocava.) Em cima do banco de carpinteiro, desdobrou um rodilho para servir de toalha. Posta a mesa, arrastou o escano para junto da banca e, depois de nos acomodarmos, prosseguiu:

– Pelo que vejo, já lhe agucei a curiosidade. Não é só a madeira ser rara, é a história rara que está por detrás da árvore. Creio mesmo que, por causa de tudo o que se passou com a árvore, a madeira é, como lhe disse, sagrada... Fique a saber que é de uma árvore que já comeu muito espanhol...

– De uma árvore que já comeu espanhóis? Explique-se lá, desembuche, que sou pouco amigo de enigmas...

– Tenha calma... que a história breve se conta. Precisa de pouco

tempo. Bem mais tempo, muito mais, foi necessário para fazer a árvore que pariu tais tábuas. Anos e anos. É madeira da amoreira velha, já velha quando o meu avô era menino, que devia ter sido plantada, com outras, quando ainda aqui se criava sirgo. Foi das poucas que ficou. Tinha muitos mais anos que nós os dois juntos. Cortaram-na há dois ou três anos. Tudo tem um fim... Os espanhóis que a árvore comeu foram alguns dos republicanos e dos vermelhos que fugiram de Espanha, durante a guerra civil. Pensavam encontrar aqui refúgio e sossego. Encontraram dor e morte. Mal sabiam a sorte que os esperava. A princípio, quando os apanhavam, eram entregues às polícias de Franco... Com o passar do tempo, nem a esse trabalho se davam! Matavam-nos do lado de cá.

Com um tom triste:

– Histórias de cumplicidades sórdidas, muitas delas ignoradas e por contar, entre Salazar e os seus amigos nacionalistas espanhóis, cumplicidades subterrâneas, que acabaram, não poucas vezes, em crimes danosos. Cumplicidades, para além do apoio que era dado às claras. O governo salazarista não queria ficar atrás dos seus pares da Alemanha nazi e da Itália fascista: foram muitos os favores e diversas as gentilezas que o homem de Santa Comba prestou ao seu amigo Franco. Espanhóis suspeitos, que fossem apanhados, eram fuzilados, secamente, pelas autoridades portuguesas. Depois de interrogatórios sumários. O Salazar-rebuçado, paternal, que nos tentaram vender, nunca existiu. Foi uma mentira. O que ele nos deu, foram tempos sofridos e um portuguêsito onde viver fazia doer muito. E se teve tempo e poderes para fazer obra, para fazer um país! Continuando... Os facínoras matadores tinham, apesar de tudo, mais sentimentos que os lacaios de Hitler. Limitavam-se a executar as vítimas com dois tiros na cabeça. A uns apanhavam-nos perto da aldeia, a outros traziam-nos já mortos desses montes. Mas houve foragidos que sobreviveram pelo empenho de almas corajosas, que tinham poucas simpatias por Salazar. Deram-lhes guarida e agasalho. Viram-se gestos destes nalgumas aldeias raianas e na cidade de Bragança. Disseram-me que o escritor Vergílio Ferreira tocou, num romance, estas histórias trágicas de fugidos da guerra civil que vieram parar a estas terras.

Bernardo levou uma bucha à boca, bebeu mais um trago e continuou:

– Um desses crimes nunca o apagarei da memória. Por mais que viva. São recordações que, a estes anos de distância, ainda me fazem acordar de noite com pesadelos e andar com a vida às voltas nos len-

çóis. Andava aos pássaros nos campos ao pé do moinho. Ouvi barulho. E vozes. Escondi-me. No pequeno grupo havia uma rapariga nova. Vi, na cara dela, que não tinha medo. O medo estava estampado nas caras dos facinorosos, dois soldados e um tenente, que a escoltavam. Pararam numa poula. Os soldados berravam... e ela não deixava escapar uma só palavra. “Querem ver que a cabra da muda se recusa a falar..., ouve-me bem, minha filha, se falares talvez te safes...”, gritava um deles. O outro agrediu-a e o graduado, para a amedrontar, disparou para o ar. Mas ela sorria, sorria sempre. Quando o tenente lhe encostou a pistola à cabeça, a rapariga gritou-lhe “No tengas miedo... no tengas miedo. Yo no tengo miedo”, e ele, com a mão tremente, respondeu: “Podes estar descansada, cabra vermelha, que eu não tenho medo. Afinal, não és muda. Dá graças a Deus por teres sido apanhada por nós, que somos meiguinhos...” Disparou. Ela caiu morta. E, já depois de morta, continuou a sorrir... Andei uns dias descoroçoado de todo. Acho que cheguei a uivar de tristeza e de desespero. Veio-me um ódio contra esse portugal que nos governava, mandadores e executantes, que nunca mais o desaprendi. Infelizmente, continuaram a dar motivos para o não desaprender. Ao longo da minha vida, aquelas imagens de pesadelo voltavam sempre que me encontrava numa situação difícil. Via os olhos desafiantes da jovem. Martelavam-me, na cabeça, as palavras corajosas, “yo no tengo miedo”... E deixava de ter medo. Isso lhe devo.

A tristeza veio-lhe aos olhos:

– Vou-me quedar por aqui. Já viu histórias mais desapiedadas? Ainda se me revolvem as entranhas quando falo nesses almas do diabo, nesses desalmados impiedosos. Tenho pena que não haja mesmo, de verdade, aquele inferno que a Senhora de Fátima mostrou aos pastinhos, com chamas e sofrimentos. Se houvesse justiça, esses pulhas velhacos haviam de penar aí, eternamente. Agora me lembro que este Papa pôs fim a esse inferno de chamas e de diabos cornudos que se manteve, durante tantos séculos, em cartaz. Como vão ser castigados os criminosos que, neste mundo, só folgaram e nada padeceram?

Lá estou eu novamente com rodeios. É um vício. Passemos adiante... As vítimas dos fuzilamentos eram enterradas ao pé da amoreira, que estava num canto do pequeno cemitério, sob o abrigo protector dos seus ramos gigantes. Era aí o talhão dos espanhóis assassinados. Da velha amoreira que, inocente, lhes havia de comer a carne. Foram alimento e seiva da árvore. Parecia, e olhe que não estou com invencionices, que a amoreira tinha um ramalhar mais triste que as outras árvores suas vizi-



nhas. Ouviam-se-lhe sussurros. Como lamentos. Gemia quando o vento lhe fustigava os ramos, ou quando a brisa leve lhe afagava as folhas. Entoava uma canção triste. Como se chorasse. Garotos e já rapazes trepávamos à árvore, encarrapitávamo-nos nos galhos e empoleirávamo-nos nos ramos. Conhecíamos-la e ela conhecia-nos. Era como um gigante bom e protector. Amiga e aliada das nossas brincadeiras, tudo nos aceitava com grande paciência. Cuidava de nós e, como paga, cuidávamos dela e tratávamo-la bem. Era até nossa confidente. Às vezes, quando estava triste, sentia necessidade de a abraçar. Ouvia-lhe o pulsar e ganhava ânimo...

Com mais emoção:

– A árvore, além de amoras, dava pássaros e gatos. Que eram os seus outros frutos. Na povoação ninguém se atrevia a comer-lhe as amoras. Nem sequer a colhê-las. A própria garotada não tocava nos frutos. Ensinavam-nos que provocavam maleitas, por terem sido enfeitiçados e contavam-se histórias de crianças definhadas e mortas com diarreia, por se atreverem a comer-lhos. Acreditava-se até que as amoras não eram tocadas por qualquer criatura vivente. Nem aves, nem lagartas, nem vermes as molestavam. Não havia bicheza, nem ser vivo, que delas se servisse. Era o mês de Agosto. Depois de amaduradas, caíam no chão e eram inteirinhas para os espanhóis. Tinha-se como certo e seguro que assim era. Talqualmente. Nem as folhas da amoreira ripavam. Em sinal de respeito. A árvore era sagrada. Dizia-se. Apenas lhe colhiam algumas flores, pelo Maio dos frutos vermelhos, para pôr na campa rasa dos espanhóis. Mãos desconhecidas homenageavam-nos assim, florindo-lhes as sepulturas. A amoreira era mesmo cantada em versos. Este era dito pelas namoradas: “Fiz a cama na moreira / o travesseiro na lua / enquanto assim fizer / serás meu e serei tua.” O cemitério foi arranjado e a amoreira sacrificada. Chegaram ao fim os dias da velha árvore. Que não há ser vivo que não morra. Cortada, fui eu que a arrematei. O dinheiro foi para o santo, que a amoreira era do povo e estava em campo sagrado. A árvore ainda vive por aí. No andar que fiz para a igreja, na mobília que agora apronto.

Bernardo fez outra pausa. Respirou fundo e suspirou. Recuperadas as forças, disse num tom baixo, entrecortado:

– Basta de histórias penosas, que contos destes infernizam-nos a alma. Pensando bem, estou mesmo a precisar de um copo para tentar apagar as mágoas e combater as tristezas...

Bebemos mais do que um copo. Mas Bernardo foi menos efusivo. Mais comedido do que o costume. No falar e no beber...

[...]



---

Evelina Verdelho

(1945)

---

## LINGUAGEM REGIONAL E LINGUAGEM POPULAR NO ROMANCE REGIONALISTA PORTUGUÊS

[...] Por entre Fraguados, de MANUEL ANTÓNIO RIBEIRO, é um exemplo extremo de obra que foi escrita para documentar exaustivamente as particularidades de uma terra, neste caso a terra transmontana, e em especial o concelho de Mirandela. O subtítulo do livro – «Romance de costumes transmontanos» – indicia desde logo os propósitos do autor, que são, conforme palavras do prefácio, fazer a «publicação descritiva da maneira como vive, fala, canta e se diverte o povo transmontano, desde as cidades às aldeias, desde as aldeias aos recôncavos onde só chega a rusticidade».

Tais propósitos foram conseguidos, com prejuízo embora do valor estético da obra. Na verdade, *Por entre Fraguados* é um repositório vastíssimo de informações sobre hábitos de Trás-os-Montes que se relacionam com o trabalho, vida doméstica e divertimentos. Por exemplo, a obra esclarece como se efectuam, em lugares mirandelenses, as ceifas – «as segadas» –, as vindimas, a apanha da azeitona. Descreve os jogos que entretêm pessoas durante os serões nas longas noites de Inverno. Também na obra se encontram anotações sobre instrumentos agrícolas e refeições típicas, especialmente as que solenizam o Natal e as que acompanham a matança do porco. Esta cerimónia é explicada ponto por ponto, inclusivamente no que diz respeito ao aproveitamento das diversas partes do corpo do animal (ver *Por entre Fraguados*, pp. 46-54).

Este «romance de costumes trasmontanos» fala também de velhas usanças relacionadas com as várias quadras do ano: a fogueira de Natal, o jantar dos Reis, o «repartir do burro» no Carnaval, a Quinta-feira das comadres e a Quinta-feira dos compadres, a «burzigada» de Terça-feira de Entrudo, a «serração da velha» nos meados da Quaresma, etc. (ver *Por entre Fraguados*, pp. 198, 212, etc.).

Tantos dados foram coligidos sobre a província, que muitas das

páginas do livro parecem as de um roteiro turístico muito completo. Assim acontece designadamente quando são indicados o número e o nome de freguesias do concelho de Mirandela, o número de olhais das pontes que atravessam a vila e quando se mencionam os seus monumentos: capelas, igrejas, conventos, solares. Aliás, o autor incluiu no volume algumas fotografias de certas localidades (ver, por exemplo, pp. 261 e 271). Além disso, transcreveu a música de canções regionais (ver, por ex., p. 19).

O enredo e as personagens, que não têm verdadeira dimensão romanesca, parecem ser um mero pretexto para o autor desfiar de forma variada e atraente os elementos informativos sobre Trás-os-Montes.

[...] Em *Por entre Fraguados* o léxico mirandense abrange diversos domínios.

Neste romance encontram-se entre outros os seguintes nomes regionais de ou para animais:

*bicho-lobo* (p. 140) – barata  
*cadela-beira* (p. 278) – espécie de bicho de traça  
*canhona* (p. 112) – cabra ou ovelha velha  
*goubela* (p. 243) – galinha de pescoço pelado  
*larego* (p. 50) – leitão  
*mico* (p. 321) – nome carinhoso com que se chama o gato  
*parreco* (p. 116) – pato  
*parrica* (p. 142) – pata

Manuel António Ribeiro registou as designações que as partes do corpo do suíno, quando morto, recebem em Mirandela. Alguns exemplos:

*couracha* (p. 51) – pele  
*enguião* (p. 53) – tira de toucinho do centro do lombo  
*folho, redanho, suventre* (p. 51) – nomes para diferentes espécies de carne gorda  
*lombelos* (p. 53) – lombinhos  
*peituga* (p. 53) – peito  
*suã* (p. 53) – ossos da espinha  
*ubre* (p. 51) – estômago

Designam espécies ou produtos da vegetação local, entre outros, os seguintes vocábulos:

*botelha* (p. 112) – abóbora amarela  
*cano* (p. 40) – ramo, tronco de árvore  
*carvalha* (p. 62) – crisântemo  
*chícharos* (p. 112) – feijões-frades  
*ervanço* (p. 112) – grão-de-bico  
*fiolho* (p. 173) – funcho  
*galela* (p. 309) – uva esquecida durante a vindima  
*guiços* (p. 26) – paus, pedaços de lenha

Manuel António Ribeiro anotou vocábulos relacionados com trabalhos agrícolas. É o caso dos que dizem respeito às *cegadas* ou ceifas. Alguns exemplos:

*cornijoula* (p. 258) – grão negro de cereal  
*cuanho ou palhiço* (p. 257) – palha moída  
*medouchas* (p. 257) – pequenos montes de cereal ceifado  
*meroiços* (p. 257) – idem  
*rabeira* (p. 258) – moinha do grão depois de joeirado  
*seitoura* (p. 256) – foice  
*vencelho* (p. 257) – palha de cereal, em regra centeio, com que se ataca cada molho de cereal ceifado.

O escritor retém nomes relacionados com o fabrico do pão, isto é, do trigo (p. 47), que é feito com farinha de trigo passada pela peneira várias vezes, e do *charrão* (p. 145), feito com a farinha mais grosseira. Assim, refere *ranhadouro* (p. 29), que designa o pau com que se remexem as brasas e cinza que aquecem o forno do pão, e *raspadoura* (p. 229), que nomeia uma espécie de espátula de madeira que, tal como o próprio nome indica, serve para raspar a massa do pão que adere às paredes do recipiente onde se amassa a farinha.

Além disso, Manuel António Ribeiro reteve os nomes locais de vários objectos que integram o universo rural e doméstico dos aldeões mirandelenses. Exemplos:

*albaneira* (p. 280) – cano de água  
*alquitarra* (p. 280) – alambique

*badil* (p. 28) – pequena pá de ferro  
*carreto* (p. 256) – cabana com rodas onde dorme o pastor  
*chaspa* (p. 34) – tacho de ferro ou de esmalte  
*cravelho* (p. 27) – fecho de madeira nas portas  
*lançador* (p. 322) – espécie de concha com que se põe a comida nos pratos  
*lareiros* (p. 53) – varas do fumeiro  
*masseirão* (p. 48) – vasilha grande de madeira onde por vezes comem os porcos  
*pêto* (p. 93) – mealheiro  
*raposa* (p. 27) – fecho de madeira na porta, que produz o efeito de uma mola  
*remeia* (p. 32) – bilha de folha de flandres que comporta seis litros de líquido  
*xarega* (p. 243) – enxerga

A nomenclatura local de candeia de azeite também é referida, quando uma personagem, depois de ter pegado num desses objectos, diz: «–Tem o espelho, a varela, a tijela e tampa, o bico e bicheiro, o pé, o gancho, o espevitador, a tanaz e corrente e até a respectiva torcida» (p. 25).

Alguns exemplos de adjectivos que qualificam pessoas, recolhidos em *Por entre Fraguados*:

*acandilada* (p. 110) – exausta, prostrada  
*escalafrada* (p. 244) – magricela  
*bêdeira* (p. 93) – bisbilhoteira  
*biganau* (p. 44) – marau; maroto  
*curjidoso* (p. 107) – diligente  
*firfantona* (p. 167) – respondona; atrevida  
*fistora* (p. 44) – pessoa sabida  
*lafardo* (p. 44) – malvado, patife  
*marraxa* (p. 43) – atarracada  
*nacho* (p. 300) – diz-se da pessoa que tem o nariz achatado  
*piléu* (p. 44) – maroto  
*pròsmeira* (p. 107) – manhosa  
*remisga* (p. 15) – palerma  
*zanarga* (p. 167) – amalucada

Exemplos de verbos:

*abondar* (p. 45) – chegar algum objecto a alguém

*anassar* (p. 36) – amassar o pão

*degranhar* (p. 37) – tirar o grão, debulhar ou abrir pinhas

*embarrar* (p. 142) – bater em alguém

*empechinar* (p. 176) – ficar envergonhado

*esmichar* (p. 16) – bater violentamente em alguém; partir alguma coisa em pedaços pequenos

*lançar* (galinhas) (p. 242) – pôr as galinhas a chocar ovos

*uliar* (p. 298) – uivar.





## PASSADEIRAS DE FLORES EM VILA REAL

O IV Concílio de Latrão, no séc. XIII, estabeleceu para os católicos os preceitos religiosos, aliás impostos pelos 2.º e 3.º Mandamentos da Igreja, relativos à obrigação de se confessarem e comungarem na época da Páscoa, podendo os enfermos fazê-lo em casa e até no leito.

Nesta última circunstância, os familiares dos enfermos solicitavam aos párocos da sua área a deslocação a suas casas, ocorrendo esta deslocação na maior parte das vezes sem qualquer manifestação exterior. No entanto, a visita a casa dos enfermos e entrevados podia igualmente acontecer com acompanhamento, habitualmente denominado Sagrado Viático (originariamente esta expressão só se aplicava à Eucaristia ministrada aos que se encontravam prestes a morrer), Procissão do Senhor aos Enfermos, Procissão do Senhor aos Doentes ou Procissão do Senhor aos Entrevados, expressões que designam o grupo de pessoas que acompanham o sacerdote, com as funções de segurar o pálido, tocar a campainha, transportar círios e ajudar na distribuição da comunhão.

Em Vila Real, encontramos este costume já vulgarizado na década de 1870<sup>15)</sup> (admitimos que, à semelhança do que aconteceu noutras regiões do país, se tenha estabelecido alguns séculos antes), numa manifestação que ocorre em simultâneo com procedimento idêntico para com os presos da Cadeia Civil, numa altura em que estes já não tinham possibilidade de ouvir a missa semanal na Capela da Senhora dos Cativos, capela particular do séc. XVII, situada em frente da cadeia e desde 1815, e após prolongado abandono, convertida em casa da guarda dos soldados que serviam no estabelecimento prisional.

Em nossa opinião, o Sagrado Viático em Vila Real enquadra pois, desde o início, os reclusos, fazendo por isso todo o sentido a tradição de que o mesmo teve origem na Paróquia de S. Dinis, local onde se situavam a Cadeia Civil e o Aljube (cadeia eclesiástica). Só posteriormente terá sido estendido aos enfermos, numa atitude que, estamos

---

15) Cf., por exemplo, *O Transmontano*, Vila Real, 12 de Abril de 1874, p. 2.

certos, deve ter revestido uma forma menos exuberante, já que a visita à Cadeia configurava por vezes uma caridade um pouco ostentosa. Por essa altura, as artérias da vila, assim como a Cadeia, eram enfeitadas por comissões que se organizavam por rua, com palmeiras cruzadas em arco, mastros com bandeiras, colgaduras, colchas e vasos com flores nas varandas e janelas. Arbustos e rosmaninho assinalavam as portas dos enfermos e entrevados, objecto da visita do pároco para efeitos de ministrar a Santa Eucaristia.

A visita ocorria inicialmente no Domingo de Pascoela e muitas vezes em simultâneo nas duas paróquias vila-realenses, S. Dinis e S. Pedro. A procissão que se organizava para a freguesia de S. Dinis, e que por isso contemplava a Cadeia Civil, era habitualmente acompanhada pelas principais autoridades administrativas, militares e religiosas.

Aos presos era igualmente oferecido dinheiro, recolhido por crianças vestidas de anjos que acompanhavam a procissão. A Banda Marcial, constituída em 1875, esteve presente nas primeiras iniciativas, tocando durante o percurso e as visitas, e sobretudo enquanto decorria o jantar (designação dada à refeição que hoje conhecemos por almoço) oferecido aos presos, que revestia carácter excepcional. Como exemplo, refira-se que, em 1881 <sup>16)</sup>, foi oferecido a cada preso, pelos sócios da Associação Industrial Vila-Realense <sup>17)</sup>, de que era presidente Miguel José Claro, um quartilho de vinho, uma bola, sopa de macarrão e ervanços, sopa de trigo e macarrão, feijão ensopado, arroz, um arrátel (459 g) de vaca, um arrátel de vitela assada, um arrátel de presunto e duas laranjas.

Na Paróquia de S. Pedro, nesses tempos mais recuados, o Sagrado Viático <sup>18)</sup> era acompanhado por uma banda e, talvez por a importância que as entidades lhe davam ser desigual, é nessa área urbana, e em particular no seu bairro mais popular, o Bairro dos Ferreiros (Bairro de Santa Margarida), que os primeiros enfeites vão ganhar uma dimensão que cativou a atenção de todos.

---

16) *O Vilarealense*, Vila Real, 5 de Maio de 1881, p. 2.

17) A Associação Industrial Vila-Realense foi fundada em 1865 e, no âmbito das suas competências, administrava um Montepio e um Monte de Piedade, designação que na época qualificava uma espécie de estabelecimento parabancário a que podiam recorrer os seus associados.

18) O Sagrado Viático realizou-se com mais ou menos regularidade até 1912, inclusive. Restaurada a tradição em 1945, na sequência de um interregno de mais de três décadas, foi suspenso de novo em 1967, ano da última procissão conhecida.

Segundo a tradição, teriam aparecido no início da década de 1930, quando era presidente da Câmara o Dr. Júlio António Teixeira, as primeiras passeadeiras no referido bairro<sup>19)</sup>. Certo é que, da década seguinte, dos anos de 1946 e 1947, temos imagens muito expressivas dos arranjos efectuados na Rua Nova (Paróquia de S. Dinis), que igualmente reivindica a paternidade das decorações mais expressivas e o restaurar da tradição<sup>20)</sup>. Mas as passeadeiras de flores<sup>21)</sup>, no formato que ganhou justificado interesse turístico e envolveu um número muito significativo de arruamentos da cidade, nasceram na década de 1950<sup>22)</sup>.

Em 1955, segundo António de Jesus Lima (1896-1989)<sup>23)</sup>, um homem muito habilidoso, proprietário do Café Imperial na Rua Direita (onde hoje está o Café Guanabara) e primeiro animador das Marchas

19) Não se confirma esta informação, já que o mandato do Dr. Júlio Teixeira (14 de Março de 1931 a 29 de Novembro de 1932) faz parte do longo período de “umas dezenas de anos” em que o Sagrado Viático não se realizou em Vila Real. (*O Vilarealense*, Vila Real, 12 de Abril de 1945, p. 2.)

20) «[...] As ruas por onde passou o emocionante préstito, mas sobretudo naquelas onde havia enfermos que receberam a Visita do Sagrado Viático, estavam caprichosamente engalanadas, destacando-se de entre todas, sem desprimor para ninguém, a Rua Nova, toda alcatifada de rosmaninho, lindas passeadeiras, profusão de plantas ornamentais, etc. e a Rua da Misericórdia e Largo de “O Vilarealense”, onde se atapetou o pavimento de mimosas flores, erguendo-se elegantes arcos de palmeiras, vendo-se ricos damascos e colgaduras pendentes das janelas e varandas.

[...] Eis uma simpática tradição que se reatou e cujas brilhantes inovações é preciso manter, conservar, e cobrir sempre daquele encanto que revestiram este ano. Aos srs. Pes Nascimento Barreira e Henrique dos Santos, abades de S. Pedro e da Sé e aos fiéis, – os nossos parabens.» (*O Vilarealense*, Vila Real, 2 de Maio de 1946, p. 3)

21) Também designadas por tapetes de flores, tapetes floridos ou tapeçarias floridas.

22) No final da década de 1940, o Sagrado Viático já envolvia um número significativo de arruamentos: «[...] Nalgumas ruas estabeleceram-se artísticas decorações, numa enternecedora competição, destacando-se pelo seu requintado bom gosto e calorosa manifestação de fé as ruas de Santa Marta, do Sargento Pelotas, do Córgo, da Guia, Misericórdia e Fonte Nova, sendo dignas de menção especial a rua de S. Dinis, onde os moradores verdadeiramente capricharam em entusiasmo e intuição e, ainda – sem desprimor por ninguém! – a rua Nova, que bateu o ‘record’ na visita do Senhor aos Entrevados, postando-se, aqui e além, figuras alegóricas, espargindo flores sobre o pátio, enquanto a Academia cobria com as suas capas negras o pavimento da rua por onde passou o Sagrado Viático.» (*O Vilarealense*, Vila Real, 8 de Abril de 1948, p. 3)

23) “Crónica da cidade – A origem das tapeçarias floridas nas ruas de Vila Real”, in *Ordem Nova*, Vila Real, 26 de Maio de 1963, p. 2.

Luminosas, uma comissão de senhoras da Rua Alexandre Herculano, onde se distinguiram a Dona Maria de Lurdes Pinto Martins (1916-), funcionária do Ninho dos Pequeninos, e a chapeleira Dona Odete Malheiros, procurou-o, por sugestão do Sr. Jaime Samardã, para lhe solicitar uma ideia para um arco com que pretendiam embelezar a rua, por ocasião da visita do Senhor aos Entrevados. António Lima disse de imediato não concordar com a ideia, dado tratar-se de uma cidade que justificaria uma decoração mais elaborada, sugerindo-lhes em alternativa que arranjassem muitas flores e ramagens. Assim fizeram e, no dia combinado, ficaram surpreendidas quando o Sr. António Lima mostrou um papel com uma planta de uma autêntica passadeira de flores. E assim começou esta manifestação (no ano de 1957, e não em 1955, como por equívoco o Sr. António Lima refere), que produziu verdadeiras obras de arte e atraiu muitas outras pessoas e instituições que passaram a acompanhar o Sagrado Viático, e que envolveu um grande número de ruas das duas paróquias, deixando as visitas de ser feitas em simultâneo nas duas freguesias: o Domingo de Pascoela foi inicialmente dedicado à de S. Dinis e o imediato à de S. Pedro. (Às vezes, e porque o Inverno se prolongava, não havendo por isso flores suficientes, a data era mudada e a iniciativa tinha lugar um pouco mais tarde.)<sup>24)</sup>

A Paróquia de S. Dinis foi animada pelo Padre Henrique Maria dos Santos (1920-) <sup>25)</sup>. A Rua Nova, independentemente do envolvimento de praticamente todas as pessoas da rua, como aliás acontecia nas restantes, tinha como principais responsáveis as senhoras Dona Maria da Conceição Ferreira Botelho e Dona Adelina de Sousa Freitas, sendo a recolha das flores e a subsequente separação das mesmas feita no forno à data existente no Largo do Terreiro. Na Paróquia de S. Pedro, a principal área objecto desta actividade, nessa época (o período mais nobre decorre entre 1957 e 1963, havendo notícias de idênticas iniciativas posteriores a esta data <sup>26)</sup>, mas nem sempre associadas ao Sagrado

---

24) Situação que a imprensa não interpreta favoravelmente: «[...] o acontecimento tem o seu calendário próprio, que não pode nem deve fugir à espiritualidade que criou e fundamentou o efectivar desta exibição religiosa, em complemento da Procissão do Senhor aos Entrevados [...]» (*O Vilarealense*, Vila Real, 2 de Maio de 1963, p. 2)

25) O Dr. Henrique Maria dos Santos recorda ainda hoje o ambiente de festa que se vivia nas ruas que o pároco visitava e dá testemunho da simulação de situações de doença que então se fazia, quando não havia qualquer doente ou entrevado em determinada rua.

26) Este tipo de actividade estendeu-se até 1967, inclusive, isto é, onze anos no total.

Viático, como é o caso das passeadeiras feitas para a visita do Presidente da República, Almirante Américo Deus Rodrigues Tomás, em 1965<sup>27)</sup>, ou as feitas na década de 1990, na Rua Conde de Vila Real, por ocasião da Procissão do Corpo de Deus), o grande animador e personalidade indissociável desta iniciativa é o pároco da freguesia, Padre Abel Teixeira Sobrinho (1911-2000)<sup>28)</sup>. Em termos gerais, refira-se que durante muitos dias, e quase sempre à noite, as pessoas organizadas por rua recolhiam em sacos, cestos e caixas<sup>29)</sup>, nas quintas, montes e jardins, todo o tipo de flores e verdes da época (folhas de aradeira, camélias,

---

27) As passeadeiras, com desenhos alusivos à visita do Chefe de Estado em 23 de Maio de 1965, estendiam-se num itinerário que o mesmo iria percorrer a pé, na companhia da sua comitiva: Avenida Carvalho Araújo, junto à Sé, Largo do Pelourinho, Rua António de Azevedo, Rua Serpa Pinto, Rua dos Combatentes da Grande Guerra, Rua Dr. Roque da Silveira, Rua Alexandre Herculano e Rua da Boavista.

28) Encontrámos muitas referências à Procissão do Senhor aos Entrevados na Crónica da Residência de Vila Real da Ordem Franciscana, de que o P.e Abel Sobrinho foi Superior.

Crónica da Residência de Vila Real [da Ordem Franciscana], Outubro de 1939 a 30 de Junho de 1958: 16 de Abril de 1950, p. [43 v]; 1 de Abril de 1951, p. [53]; 20 de Abril de 1952, p. [63]; 12 de Abril de 1953, p. [71]; 25 de Abril de 1954, p. [77]; 17 de Abril de 1955, p. [82]; 8 de Abril de 1956, p. [85 v]; 19 de Abril de 1958, p. [95].

«[...] Dia 20 – Dia do Senhor Jesus aos doentes.

Logo de manhã, estralejaram foguetes, e uma banda de música, percorrendo as principais artérias da cidade, entoou algumas marchas. Os pavimentos das ruas estavam artisticamente enfeitados com pétalas de variadas flores, de arbustos, serrim colorido, etc., apresentando algumas, lindos motivos litúrgicos muito bem desenhados. Distinguia-se, entre todas, a Rua Alexandre Herculano, pelo primor de execução de suas figuras, das quais destacamos a igreja de S. Pedro, que causou em toda a gente, a maior admiração.

Às 9 horas da manhã, começou a movimentar-se a Procissão, muito concorrida de povo e com muitas figuras de anjinhos e de santos.

Quando a Procissão terminou o seu enorme percurso, passava do meio dia. Seguiu-se imediatamente a missa, com a qual se deram por findas, as cerimónias maravilhosas da manhã deste dia.» (Crónica da Residência de Vila Real [da Ordem Franciscana], Outubro de 1939 a 30 de Junho de 1958: 20 de Abril de 1958, p. [95 v])

Crónica da Residência de Vila Real [da Ordem Franciscana], Julho de 1958 a 1998: 11 de Abril de 1959, p. 8; 12 de Abril de 1959, p. [8 v]; 30 de Abril de 1960, p. [18 v]; 1 de Maio de 1960, p. 19; 16 de Abril de 1961, p. 22; 5 de Abril de 1964, p. 29; 24 de Abril de 1966, pp. [37 v] e 38; 9 de Abril de 1967, p. [40 v].

29) Transportadas em camionetas que tanto podiam ser do armazenista Fernandes, da Rua Avelino Patena, como da Câmara Municipal ou do Regimento de Infantaria 13, durante o comando do Coronel Camilo Leite Gomes.

rosmaninho, flor de giesta branca e amarela, alecrim, flor de tremço, malmequeres, etc., etc.). Reuniam-se em espaços próximos das ruas a enfeitar suficientemente amplos para permitirem o trabalho de selecção, por forma a tirar partido das flores, e coloriam nalguns casos, em substituição das cores em falta, com anilinas a serradura<sup>30)</sup> (obtida na Fábrica de Serração de Abambres e na Empresa Cerâmica de Vila Real) que constituía a base das passadeiras. Esses espaços eram lugares como o Ninho dos Pequeninos; o antigo quartel dos Bombeiros da Cruz Branca, na Rua Direita; a oficina da Dona Casimira, colchoeira, na Rua de Santa Marta; os baixos da casa de jornais da Dona Marquinhos, na Rua Miguel Bombarda; os baixos da casa da Dona Irene Mota e Costa e a oficina do Sr. João albardeiro, na Rua Avelino Patena<sup>31)</sup>. Na noite anterior ao da visita e durante toda a noite, com um intervalo para um café, um chá e uns biscoitos, atapetavam as ruas, e sem que alguma vez, como era aliás desejo de todos, houvesse competição, procurava-se de ano para ano rivalizar saudavelmente, independentemente de ficar sempre o sentido geral de respeito pelo trabalho realizado por todos.

Certamente que, a esta distância e independentemente do reconhecimento colectivo que levou a própria Comissão Regional de Turismo da Serra do Marão<sup>32)</sup> e a Câmara Municipal de Vila Real (na altura dirigidas respectivamente pelo Engº Pedro Alvellos e Eng.º Humberto Cardoso de Carvalho, que igualmente apoiavam a iniciativa), a usá-la como atracção turística<sup>33)</sup>, acabando por divulgar a sua imagem nos

---

30) Manuel Claro recorda que usou rasps de madeira que coloria com cal e um pouco de corante, em substituição das pétalas das rosas, quando as não havia em quantidade suficiente, nas caras e mãos das figuras representadas nas passadeiras por que foi responsável.

31) E também os quintais, ao ar livre.

32) Para além da inclusão de imagens das passadeiras nos desdobráveis turísticos adiante referidos, a Comissão Regional de Turismo da Serra do Marão adquiriu em 1960 à Foto Marius 29 fotografias dos «tapetes floridos», com vista a futura divulgação e promoção do evento (Livro de Actas n.º 1 da Comissão Regional de Turismo, p. 95, reunião de 8 de Junho de 1960) e atribuiu um subsídio de 1.000\$00, «com carácter de permanente», para as despesas com a execução das passadeiras na Paróquia de S. Pedro, dado ter sido reconhecido que «esta animação religiosa tem muito interesse turístico». (Livro de Actas n.º 2 da Comissão Regional de Turismo, pp. 53 v e 54, reunião de 16 de Maio de 1961).

33) Entendimento e reconhecimento anterior à criação da Comissão de Turismo (1958). Refira-se, a título de exemplo, que a Foto Trasmontana, propriedade de César Fontes Torres e direcção técnica de Izildo de Sousa Santos, inaugurou o seu atelier fotográfico no Largo de São Pedro, n.os 1 a 5, com uma «longa repor-

postais ilustrados e fotografias da Foto Marius e nos desdobráveis turísticos editados pela Comissão de Turismo <sup>34)</sup>, não podemos esquecer o trabalho extraordinário realizado na Rua Alexandre Herculano pela Dona Maria de Lurdes do Ninho e os desenhos, transpostos posteriormente para moldes de madeira, de António Lima. São de recordar também, na Rua Avelino Patena, Manuel Claro (Manuel da Silva Mota e Claro, 1940-), que fazia os desenhos em papel de cenário na oficina de modista da Casa das Madames; Eduardo Cândido Lopes da Silva (1927-2003), o Eduardo da Papelaria, na Rua Dr. Roque da Silveira (antiga Rua Direita) <sup>35)</sup>; na Rua Tenente Manuel Maria Bessa Monteiro (antiga Rua do Carmo), as religiosas do Colégio Moderno de S. José; na Rua de Santa Marta, o trabalho da Dona Casimira (Casimira de Jesus Trindade, 1908-2008), colchoeira; na Rua da Misericórdia, Joaquim Barreiro dos Santos e a Dona Morgana das Dores Guerra; na Rua Isabel de Carvalho, as jovens e a responsável pelo Lar ‘Protecção às Raparigas’; e tantas outras pessoas, nas ruas já referidas e também na Rua Miguel Bombarda, onde actuavam dois grupos divididos pelo “Sinaleiro”, na Rua do Prado e Largo do Prado, Rua Sargento Pelotas, Rua do Corgo, Ponte de Santa Margarida, Rua da Guia, Rua da Boavista, Rua Cândido dos Reis, Largo Visconde de Almeida Garrett, Rua dos Combatentes da Grande Guerra (antiga Rua Central), Rua 31 de Janeiro, Travessa da Portela, Rua Nova, Rua Camilo Castelo Branco, Rua de S. Dinis (na Vila Velha) e também nas Ruas Dona Margarida Chaves, António de Azevedo, Teixeira de Sousa, Marechal Teixeira Rebelo (junto às Florinhas da Neve), Fonte Nova e ainda em algumas outras, embora não habitualmente participantes <sup>36)</sup>.

Infelizmente hoje não restam sinais desta manifestação artística que tanta gente trouxe a Vila Real <sup>37)</sup>. Uma deficiente compreensão da

---

tagem», que expôs nos seus escaparates, da Procissão do Senhor aos Entrevados. (*A Voz de Trás-os-Montes*, Vila Real, 5 de Abril de 1951, p. 6)

34) *Região de Turismo da Serra do Marão – Portugal*, Julho de 1959, e *Vila Real – Portugal / Região de Turismo da Serra do Marão*, Fevereiro de 1962.

O desdobrável de 1962, com maquete do Pintor António Cruz, foi premiado no concurso de desdobráveis realizado pelo SNI.

35) «[...] sob a orientação do P.e Abel Sobrinho, com a colaboração dos mestres Limas, Nóbrega e Eduardo Silva.» (*O Primeiro de Janeiro*, Porto, 15 de Abril de 1959, p. 7)

36) De que são exemplos a Rua do Jazigo e o Buraco Sagrado.

37) Em 1962, numa altura em que já estavam envolvidos 20 arruamentos da cidade, o movimento de milhares de pessoas era comparado ao gerado pela Feira de San-

sua importância turística, que aos olhos de alguns pareceu ter suplantado o aspecto religioso, e algum aproveitamento político<sup>38)</sup> terão contribuído para que acabasse em 1967. As razões principais, no entanto, têm a ver com os seus protagonistas. Manuel Claro foi para o Porto frequentar a Escola de Belas Artes em 1962; o Padre Abel Teixeira Sobrinho cessou a responsabilidade na Paróquia de S. Pedro em 31 de Março de 1963<sup>39)</sup>; o Ninho dos Pequenininhos, “quartel-general” da Rua Alexandre Herculano, foi transformado em Instituto Maternal e a Dona Maria de Lurdes deixou de residir lá. A cidade cresceu e as alunas da Escola do Magistério distribuíram-se pelos novos bairros, descapitalizando de “mão-de-obra” as ruas onde se concentrava tão importante realização artística<sup>40)</sup>.

---

to António. (*O Primeiro de Janeiro*, Porto, 8 de Maio de 1962, p. 1)

- 38) No dia 6 de Maio de 1962, dia do Sagrado Viático, o ministro das Obras Públicas, Eng.º Arantes e Oliveira, deslocou-se a Vila Real para inaugurar o Novo Mercado Municipal e participar na homenagem ao Eng.º Humberto de Carvalho, que cessava funções depois de 8 anos de intenso trabalho como Presidente da Câmara Municipal. Antes de retirar, percorreu a cidade, admirando as passeadeiras por onde passaria a procissão, com destaque para as do «bairro íngreme dos Ferreiros», atitude considerada pela imprensa como particularmente gentil, já que, até essa altura, os únicos políticos que tinham visitado o referido bairro foram António de Azevedo Castelo Branco e Afonso Costa. (*O Vilarealense*, Vila Real, 10 de Maio de 1962, p. 2)

Contrariamente à imagem positiva que a visita do ministro das Obras Públicas provocou na cidade, a construção das passeadeiras para a visita do Presidente da República, em detrimento das que eram feitas habitualmente para o Sagrado Viático, que, tanto quanto sabemos, não se realizaram nesse ano (1965) na freguesia de São Pedro, foi muito mal interpretada por alguns dos principais responsáveis por aquele tipo de decorações.

- 39) ARAÚJO, Arnaldo Taveira de, *Memórias da Paróquia de S. Pedro de Vila Real – 1528-2000*, Vila Real, 2001, pp. 32-34.

O Padre Abel Sobrinho só saiu de Vila Real na direcção da sua terra natal (Pereira, Mirandela), em 26 de Junho de 1963. (Crónica da Residência de Vila Real [da Ordem Franciscana], Julho de 1958 a 1998: 26 de Junho de 1963, p. 27)

- 40) Este texto, agora numa versão revista e anotada, foi distribuído policopiado, como catálogo da Exposição ‘Passadeiras de Flores’ (Museu de Vila Real, 17 de Dezembro de 2002 a 31 de Janeiro de 2003), e publicado na página 4 do Suplemento ‘Ritmos’ do jornal *Notícias de Vila Real*, Vila Real, 23 de Abril de 2003.



## O MASCARADO – SUAS FUNÇÕES NAS FESTAS DO INVERNO

### Do Natal aos Reis

Nos rituais executados pelos mascarados no decorrer das festas do ciclo do Inverno no Nordeste Transmontano sempre os dois aspectos (aparentemente antagónicos), o sagrado e o profano, o cristão e o pagão, se tocam, se misturam e se confundem.

O mascarado constitui, em muitas destas festividades, a figura central, em torno do qual toda a acção festiva se desenrola e desempenha os mais variados papéis, os que são essenciais na animação e organização e que conferem sentido e significação à própria festa. Os mascarados tornam-se seres mágicos e proféticos, assumindo, simultaneamente, funções de sacerdote e diabo, lembrando os mortos e criticando os vivos, impondo aos outros o respeito da ordem e fugindo eles às normas sociais e morais instituídas e tomando para si todas as liberdades próprias de quem está acima de tudo e de todos.

Os mascarados das festas dos rapazes de Varge e Aveleda (nos dias de Natal e S. Estevão) e de Baçal (no dia de Reis) assumem o papel de críticos dos actos reprováveis de alguns dos membros, grupos ou famílias das respectivas comunidades. São as *loas*, *comédias* ou *colóquios* que os *caretos* secretamente preparam e, no dia da festa, declamam, no momento formalmente instituído, ao qual todo o povo deve assistir, como se de um preceito religioso se tratasse de pôr a descoberto os comportamentos e actos dignos de reprovação, ridicularizando-os e representando-os ao vivo (no caso da festa de Varge), na praça pública e perante todos, no sentido de purificar a comunidade desses males, na pessoa dos autores de tais acções, e de evitar que voltem a ser praticados. Tratar-se-á da função expurgatória e profiláctica que aos mascarados compete desempenhar.

Compete ainda aos mascarados zelar e exigir que todos assistam a todo este ritual, impedindo as fugas dos possíveis visados pela crítica,

recorrendo, se necessário, à força, para que o poder das palavras e dos versos produza o efeito que um cerimonial para-litúrgico encerra.

Estas mesmas funções purificadoras e profilácticas se manifestam ainda em outras atitudes libertárias dos caretos: gritos e chocalhadas pelas ruas da aldeia, saltos e danças desordenadas, perseguição amedrontadora a animais e crianças, acariciamento e castigo às moças e forasteiros, entrada nas casas com a maior sem-cerimónia, furtos de peças de fumeiro e utensílios domésticos, tudo aparentemente executado de uma forma espontânea, mas devidamente estudado para o desempenho de ritos convergentes num só sentido e finalidade, o da afirmação do mascarado como ser superior e transcendente.

O estabelecimento e a manutenção da ordem, nos momentos mais solenes da festa, são outras das funções primordiais dos mascarados; em alguns casos, estas funções revestem-se de um carácter meramente simbólico (para cumprir a tradição), dado o reduzido número de intervenientes mascarados. É assim na festa de S. Estevão de Parada de Infanções e de Grijó de Parada, em que os caretos acompanham todos os rituais profanos da festa, sendo-lhes vedada a participação nos actos de culto religioso e mesmo a entrada no espaço considerado sagrado, a igreja e o adro. Desempenham o papel de árbitro na corrida da rosca, prova desportiva tradicional da festa, colaborando na sua organização e mantendo a assistência em ordem para lá do espaço destinado aos concorrentes na prova. Para além destas funções, os mascarados executam toda a espécie de brincadeiras no sentido de animar os presentes, sobretudo as crianças, e fazem um peditório para seu proveito, durante a ronda que os mordomos efectuam a todas as casas da aldeia, recolhendo fumeiro e dinheiro em moedas que vão espetando numa maçã; toda a gente tem obrigação de contribuir com algum donativo, como se se tratasse de reconhecer os serviços prestados pelo careto no desenrolar da festa, apesar de popularmente a figura do mascarado ser conotada com o diabo.

A mesma função organizativa é atribuída aos caretas da festa de S. Estêvão (festa do Bacalhau) de Rebordãos: representam a autoridade e a ordem.

Nesse sentido, são eles que controlam a entrada dos convivas no espaço da grande refeição comunitária – a Mesa de S. Estêvão. No final da refeição nomeiam os novos mordomos, conduzindo-os do lugar que ocupavam para a cabeceira da mesa, junto dos velhos mordomos, lugar que passa a pertencer-lhes por inerência das funções que vão desempe-

nhar na festa do ano seguinte. Os «caretas» impõem a sua autoridade, por vezes, com recurso à força (simbólica), disferindo vergastadas com duas varas de negrilho que ostentam, como elemento constituinte da sua indumentária; mantêm o anonimato a todo o custo, comunicando entre si e com as pessoas emitindo sons com o auxílio de um apito (gato) que colocam debaixo da máscara; desenvolvem actividades várias, engraxar os sapatos, escovar a roupa... e recebem por estes préstimos gorjeta que reverte em seu benefício.

Na festa de S. Estêvão de Ouzilhão, os *máscaras* mantem uma presença constante e activa no sentido de animar a festa; trata-se de um papel pouco estabelecido, uma vez que toda a organização pertence ao rei e aos *vassais*. No entanto, os mascarados acompanham sempre os líderes da festa que, juntamente com os quatro moços, fazem rondas pela aldeia e pelas casas de todos os vizinhos. Enquanto os moços dançam em cada uma das casas, os *máscaras* executam toda a espécie de brincadeiras e chocalhadas ao longo de todo o dia da festa, excepto na hora da missa e da procissão, em que se devem manter sossegados e fora do espaço sagrado do adro e da igreja. À noite animam ainda a galhofa, o baile em espaço fechado, no qual toda a gente da aldeia e forasteiros podem participar.

Os caretos de Salsas saem à rua no dia de Reis e têm como principal trabalho o peditório e recolha de géneros (peças de fumeiro) e dinheiro para a refeição comunitária que se realiza na noite desse mesmo dia, seguida de baile que eles próprios vão dinamizar.

Em Constantim, na festa dos Moços ou das Morcelas, cujo patrono é S. João Evangelista, o ritual do «convite» constitui o momento mais rico e expressivo de toda a festa. Trata-se de uma visita protocolar a todos os vizinhos da povoação, visita de saudação, de boas festas, propiciatória de saúde para os donos da casa e de augúrios de abundantes colheitas para o novo ano que se aproxima. Um par de mascarados preconiza esta fertilidade, o *carocho* e a *belha*, as duas figuras centrais de todo este cerimonial, a dualidade indispensável, complementar e necessária para que a desejada fertilidade se concretize. Ambos ostentam símbolos apropriados e toda a encenação se revela adequada para propiciar ao santo: que o povo lhe ofereça tudo quanto seja em abundância, multiplicado um sem número de vezes.

O par de mascarados entra então no pleno exercício das funções; transformam-se em seres diferentes e superiores, gozando de uma força e liberdade quase sem limites, de fugir às normas sociais instituídas. O

carocho vai mostrar virilidade pelos seus gestos e atitudes grotescas, pelo seu aspecto horripilante, a máscara de couro negro, o fato de pano grosseiro, o cordão feito de carrinhos de linhas cingindo seu corpo, as grandes tenazes de madeira com que corta as chouriças das cozinhas onde entra sem pedir licença; afugenta os animais, amedronta as crianças, acaricia as velhinhas e provoca o riso em todos os presentes.

A *belha* demonstrará feminilidade nas suas vestes de mulher (sendo encarnado por um rapaz), suas pinturas na face, de cores sensuais, palavras e atitudes que assume para com o «seu malvado», o carocho, o qual lhe responde com palavras adequadas ao momento e gestos ostensivamente provocatórios e convidativos ao acto procriador. Ela desafia lamúrias pela malvadez do carocho, dos maus tratos a que a submete e da quantidade exorbitante de filhos que a forçou a gerar e a criar. Em resposta recebe deste carícias e beijos fugazes, enquanto lhe redobra os convites ao acto sexual.

Esta simulação do acto sexual confere ao par de mascarados uma função simbólica relacionada com a abundância que se deseja na natureza e com a fecundidade dos animais e das pessoas.

Fecundidade presente na figura do chocalheiro de Bemposta; toda ela se encontra carregada de referências zoomórficas: dois chifres com laranjas na extremidade, barbicha de bode, bexiga de porco cheia de ar, suspensão da nuca, uma serpente e uma salamandra na face e uma outra serpente de pano enrolada à volta do corpo. Tudo símbolos da fertilidade, que ganham ainda mais sentido quando integrados no conjunto das funções do chocalheiro, o ritual do peditório por todos os moradores da terra, em benefício do santo e da sua festa – a festa do Menino Jesus.

A luta dos opostos, das forças do bem e do mal, é outro aspecto a considerar nas rituais funções dos mascarados. Luta entre o *farandulo* e o *moço*, duas das principais figuras da festa dos Reis ou do Santo Menino, na localidade de Tó, do concelho de Mogadouro. O farandulo luta pela posse da *sécia* (figura feminina, representada por um rapaz) e o moço bate-se pela defesa da sua dama, contra os ataques do farandulo.

Popularmente, o farandulo representa o diabo, já que toda a sua aparência exterior contribui para o reforço desta ideia: o rosto e as mãos pintadas de preto, com carvão; veste roupas velhas e escuras, sendo umas próprias de homem e outras de mulher; à volta do corpo, um cordão feito de carrinhos de linhas e de bugalhos, com uma cruz de cortiça na extremidade, ou um boneco; na cabeça um chapéu preto em

forma de cartola alta; a tiracolo, um grande saco onde vai guardando as esmolas que lhe dão ou as peças de fumeiro que vai surripiando ao longo da ronda pela aldeia, com o auxílio de um pau em forma de V na extremidade; utiliza ainda este pau para executar outras brincadeiras, nomeadamente para se meter com as pessoas e lutar com o moço.

A figura do moço é representada por outro rapaz, vestindo a rigor, com fato e gravata e na cabeça um chapéu com fita vermelha. Ao ombro leva uns alforges para guardar as esmolas que vai recolhendo. Na mão, uma vara grossa para se defender e proteger, a *sécia*, dos ataques do farandulo pela posse do ramo que esta ostenta na mão direita.

A *sécia* é um jovem vestido de rapariga, de saia e casaco, véu branco na cabeça, anéis e brincos; no braço esquerdo, uma bonita cesta de vime onde guarda as esmolas que lhe vão oferecendo, e, na mão direita, um pequeno ramo de árvore adornado com rebuçados, bolachas e outras doçarias.

Todos estes figurantes têm como função o peditório para a festa, ritual que se desenvolve ao longo do dia, por toda a aldeia, porta a porta. Esta função é representada por cada um deles a seu modo. O farandulo tem a liberdade de entrar nas casas sem pedir licença e de furtar fumeiro e pequenos utensílios domésticos; pode ainda pregar toda a espécie de partidas aos donos da casa, a fim de provocar o riso.

O moço e a *sécia* constituem um par e, por isso, acompanham-se sempre para melhor se defenderem das investidas do farandulo. Saúdam as pessoas da casa e pedem esmola com delicadeza e recolhem-na, respectivamente, nos alforges e na cesta de vime. Os géneros e o dinheiro recolhidos por todos os figurantes reverte a favor da festa, por via da qual, cíclica e anualmente, todo este ritual se repete.

Nas Festas dos Rapazes em Torre de D. Chama os mascarados entram igualmente em acção para desempenharem a dupla função de crítica social e de luta dos opostos: crítica social com o ritual de «lançar os jogos à praça», que é como quem diz, trazer à praça pública os erros cometidos pelas pessoas, grupos ou famílias da terra. Para tal, organiza-se um grupo constituído pelos mordomos e por pessoas bem conhecedoras dos meandros da povoação; em cada casa, um do grupo anuncia em voz alta a alcunha que nesse ano é dada ao respectivo chefe de família, para gáudio de todos os acompanhantes. A alcunha é atribuída em conformidade com o modo de ser da pessoa ou por algum facto notório vivido recentemente pela pessoa visada.

A outra função, de luta dos opostos, é representada pelos masca-

rados, assumindo-se uns como cristãos e outros como mouros, e ao estabelecerem a tradicional luta entre si pela posse da terra, luta entre o bem e o mal, entre a luz e as trevas, pela abundância, pela fertilidade, pela vida.

A identificação entre o sagrado e o profano parece ser uma constante em muitas das festas do ciclo do Inverno no Nordeste Transmontano. Se bem que, no dizer do povo, os mascarados representam o diabo, são eles mesmos que vão fazer o peditório para a festa do santo, ainda que nem da igreja nem da cruz se possam aproximar.

Na festa do Ano Novo em Vila Chã da Braciosa, as figuras centrais, a *velha*, o *bailador* e a *bailadeira*, sendo dois deles homens mascarados de mulher, assumem esta condição na plenitude, por forma a integrarem-se nos actos litúrgicos, a missa e a procissão, junto do grupo das mulheres. A própria música da gaita de foles, considerada profana, acompanha aqui e em outras localidades, todos os actos litúrgicos da festa.

## Carnaval

No período do Carnaval, de novo o mascarado sai à rua para o desempenho das suas funções.

A crítica social aparece no Carnaval de Podence, nos denominados «contratos de casamento», celebrados no Domingo Gordo, à noitinha. Enquadrado pelos caretos, o anunciador dos «casamentos» assume o papel de sacerdote, que, acompanhado pelos acólitos, percorre a aldeia, detendo-se nos pontos mais elevados; aí proclama, então, os «casamentos» de todos os solteiros da terra, temperados sempre com uma pequena dose de crítica, de acordo com a pessoa visada.

Palhas, alhas leva-as o vento!

Oh, oh, oh!...

Aqui se vai formar e ordenar um casamento!

Oh!...

*E quem é que nós havemos de casar?*

*Tu o dirás.*

*Há-de ser a Maria Rita que mora no bairro do Castelo!*

Oh, oh!...

*E quem é que nós havemos de dar para marido?*

*Tu o dirás.*

*Há-de ser o João da Rua que mora lá em baixo no Porto.*

(...)

Atribui-se então o dote, como que a desferir o fundamental da crítica, o ridículo da questão:

(...)

*Há-de ser uma terra ao Souto,  
para que não saia um de cima do outro  
enquanto for Inverno.*

Também os caretos de Podence assumem as funções profilácticas e propiciatórias próprias dos mascarados de toda a região do Nordeste Transmontano. O acto de «chocalhar» as mulheres (bater com os chocalhos que trazem presos à cintura) pode ser entendido com uma forma de purificação social na pessoa dos elementos de um grupo da comunidade – as mulheres – ou mesmo até um apelo à fecundidade, o que nos levaria a entender o acto de «chocalhar» como um acto de fecundar. Fecundar, tal como na natureza, como uma forma de a preparar para acolher a semente no seu seio, no momento mais propício do ano, o início da Primavera.

A Quarta-Feira de Cinzas em Vinhais e Bragança é o dia da Morte.

Em Bragança, três figuras mascaradas, a Morte, o Diabo e a Censura, assumem o protagonismo de todo o ritual deste dia: cometem tropelias, provocam conflitos, armam pancadaria e zaragatas, entram nas casas em perseguição das moças, das crianças e dos animais. Função castigadora do corpo, no início da Quaresma, e profiláctica, de preparação da entrada na Primavera. Ritual ainda hoje realizado com menos pompa e mais recato nos bairros antigos da cidade, mas que no passado foi vivido com tal intensidade que até se costumava dizer que «Bragança tinha mais um dia de Entrudo».

Em Vinhais, são duas as figuras mascaradas que protagonizam o ritual da Quarta-Feira de Cinzas: a Morte e o Diabo. Outrora, ambas as figuras constituíam um par que mutuamente se acompanhava. Hoje, a figura da Morte raramente sai à rua e, em contrapartida, os diabos são às dezenas vagueando pelas ruas da Vila.

O seu papel é atormentar os habitantes que saem à rua nesse dia, fustigando-os com as vergastadas acutilantes dos seus cinturões de couro. São 24 horas de penitência e inquietação próprias do primeiro dia de Quaresma. Daqui alguns pensarem tratar-se de um costume medieval em que, no primeiro dia da Quaresma, um indivíduo vestido de morte percorria as ruas da localidade, alertando todos os fiéis para

que estivessem preparados, porque na hora menos pensada a morte podia chegar e ceifar-lhes a vida com a sua gadanha.

Contudo, o Abade de Baçal relaciona este costume com «a liturgia mítica de expulsar o Inverno representado pela morte». As atitudes castigadoras que os mascarados tomam são filiadas ainda pelo Abade «nas Festas Lupercais celebradas pelos sacerdotes de Pan a 15 de Fevereiro, que despidos, tapando apenas as partes genitais com uma tira de pele caprina, recentemente imolada e tinta de sangue, percorriam as ruas, batendo com um chicote em quantos encontravam, principalmente nas mulheres, que julgavam fecundar com estas pancadas» (*Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, tomo IX, pág. 301).

Uma e outra destas duas hipóteses explicativas pode ser tida em conta, já que os costumes pagãos vieram a ser cristianizados, sobretudo na Idade Média.

São, em todo o caso, as funções dos mascarados presentes no ciclo do Inverno no Nordeste Transmontano, desde o Natal até à Primavera: função purificadora, profiláctica e propiciatória da abundância e da fertilidade na Mãe-Natureza.



---

## Virgílio Nogueiro Gomes

(1949)

---

### SOBRE “À *TRANSMONTANA*”

Já várias vezes tenho escrito sobre este tema. Desafiei até os meus amigos entendidos, e ainda residentes em Trás-os-Montes e Alto Douro, a desenvolverem um léxico de terminologia gastronómica desta ampla região. Entendo que não seja fácil, e mesmo neste texto não se esgotam as informações, e deduções, disponíveis. Veremos sobretudo a indicação, no tempo, do aparecimento do termo “à *Transmontana*” e o que significa, ou melhor, o que não esclarece.

Temo bem que alguns termos sejam abandonados com a fúria globalizante, as pressas das refeições, e especialmente a falta de educação do gosto pelo facto da diminuição de refeições em casa, e em ambiente de família. Eu ainda tive a sorte de ser educado na província e, até à maioridade, quase só comer em casa dos meus pais ou avós.

Depois, como consumidor, e, mais tarde, como actividade profissional, muito me incomodava, sempre que me apresentavam um prato “à *Transmontana*”, raramente me sabiam responder. As respostas mais habituais eram que a cozinheira, ou cozinheiro, ou o patrão era de Trás-os-Montes, outras vezes é porque lhe colocavam uma fatia de presunto. A esta resposta eu maldosamente perguntava sempre se o presunto era da minha região e poucas vezes a resposta era positiva. Ainda recentemente, num famoso restaurante, onde me serviram um “Bacalhau à *Transmontana*”, eu perguntei sobre a origem da receita ou pelo menos do presunto. O empregado de mesa, muito orgulhoso da resposta, diz-me que o presunto era de Parma, pois o restaurante é de nível superior. Coitado! Trás-os-Montes não merece esse tipo de enxovalho, nem o bacalhau. Há ainda a versão do acompanhamento de castanhas que lhe dariam o título.

Como aparece, então, a designação “à *Transmontana*”? Qual o elemento ou técnica culinária, comum, que lhe permite tal?

Ora, se nas facilidades instaladas no século XX, desde que se junte uma fatia de presunto, levemente se chama “à *transmontana*”, quan-

do chegamos à feijoada, o que a distingue das congéneres nacionais é a facto de um dos ingredientes ser a couve. Tão abastardada é esta designação regional, como o é, a nível internacional, “à florentina”, pois, sempre que se juntam espinafres para identificar a confecção, lhe atribuem essa designação.

Não analisei cuidadosamente o caderno de receitas da Infanta D. Maria, redigidas no século XVI, pois tratava-se, na minha opinião, de um caderno com as receitas que a Infanta quis levar com o seu casamento. Apesar de estas receitas serem as primeiras a ser conhecidas em língua portuguesa, só se transformaram em livro após tratamento de estudo universitário no século XX e então publicadas.

Do primeiro livro impresso em Portugal, 1680, com o título de *Arte de Cozinha*... foi autor Domingos Rodrigues, cozinheiro da Corte de D. Pedro II. Temos várias relações (chamemos-lhe emotivas) deste livro com Trás-os-Montes. D. Pedro II era descendente da Casa de Bragança, o livro dedicado ao Conde de Vimioso e o seu autor nascido perto de Lamego em 1637. Domingos Rodrigues foi naturalmente influenciado pelas exigências da Rainha, de origem francesa, nascida em Paris e filha do Duque de Nemours. Na sua comitiva trouxe o Marquês de Saint-Romain, que a ajudaria a manter alguns hábitos franceses. Mas analisando em detalhe as mais de setecentas receitas então publicadas, verificamos que as designações “à francesa” são apenas onze, seguidas de “à mourisca”, nove, “à italiana”, duas, “à inglesa”, uma, “à turca”, uma, e, finalmente, “à portuguesa”, também uma, “Perdiz à Portuguesa”, tratando-se de uma perdiz que é golpeada com seis incisões nas quais se coloca uma fatia de presunto em cada uma, e ata-se bem com um cordel, e leva-se a assar em frigideira cova, com azeite, vinagre e pimenta. Quando estiverem assadas, retiram-se e leva-se o molho a ferver com alcaparras de França. Depois de ferver coloca-se o molho sobre as perdizes e pode servir-se. Ora, se é a única com a designação “à portuguesa”, pena é que se juntem as alcaparras francesas.

É de assinalar que o livro *Arte de Cozinha*, 1780, de Lucas Rigaud já tem várias receitas *nacionais*, como o “Coelhos de Cebolada à Portuguesa”, “Coelhos de Molho de Vilão à Portuguesa”, “Galinhas com Arroz à Portuguesa”, “Sopa à Portuguesa”, “Sopa de Lampreia à Portuguesa”, “Favas à Portuguesa”, “Manjar Branco à Portuguesa”, “Manjar Real à Portuguesa”, “Fatias Albardadas à Portuguesa”, “Sopa Dourada à Portuguesa”, “Compota de Maças à Portuguesa” e “Compota de Pêssegos à Portuguesa”. Penso que estas designações foram atribuídas por Lucas

Rigaud pelo facto de encontrar a regularidade destas receitas, sendo-lhe desconhecidas, e, portanto, registando a sua origem. Designações indicando as proveniências regionais não aparecem.

É preciso esperar pelo século XX para encontrar as primeiras designações de “à *Transmontana*”. Estas constatações são apenas para mostrar como era difícil, ou improvável, encontrar receituário com indicação geográfica da origem das receitas. Aliás, a moda de dar nomes às receitas de personalidades ou local é uma questão do século XIX, tendo começado discretamente no século anterior. Inicialmente, o nome das receitas apresentava o nome da iguaria de base, e habitualmente o modo de confecção. Se o século XX foi pródigo em sistematizar cozinhas e atribuir nome às receitas, foi ainda no século XX que se abandonou a prática, e os restaurantes nova geração indicam não só a iguaria de base e a técnica culinária, como também os acompanhamentos e molhos associados. O detalhe vai mais longe, e indicam também a proveniência dos produtos através de siglas que correspondem à sua qualificação.

Já no século XX, em 1904, assiste-se ao lançamento do livro *Tratado Completo de Cozinha e Copa*, de Carlos Bento da Maia. O autor pretende formar os que trabalham em cozinhas, nas quais, lamentavelmente, «quem sabe cozinhar não sabe descrever com clareza os processos que emprega, e quem sabe escrever não sabe, por via da regra, as minúcias da arte». Mais adiante, escreve que «ideal seria que este livro pudesse ser considerado como uma obra de estudo e que nos asilos o aproveitassem para a educação de criadas». Mais de cem anos, depois eu ainda o utilizo para estudar... com outras perspectivas. O extraordinário deste livro é que é o primeiro que apresenta os nomes das receitas com a designação da sua origem territorial. Apesar de não ter feito ainda uma contagem exaustiva, Trás-os-Montes está bem representado. É a primeira vez que encontro uma e mais receitas “à *Transmontana*”. Assim, temos as seguintes receitas: Bacalhau, Carneiro, Cordeiro, Alheiras, Bocheira, Linguças, Favas, Galinha e Nogado, tudo “à *Transmontana*”. Procurei cuidadosamente entender os elementos comuns, sem grande sucesso. Vou apresentar sumariamente as referências.

*Bacalhau* – Assado no forno em postas coberto com rodelas de cebola, regado com azeite, manteiga e temperado com pimenta. Acompanha com batatas assadas no forno com pele.

*Carneiro* – Assado no forno, depois de coberto com banha de porco. Colocam-se também rodelas de cebola. Depois de assado, retira-se

do forno, pincela-se com gema de ovo e polvilha-se com pão ralado. Volta ao forno para tostar. Geralmente, serve-se frio.

*Cordeiro* – Guisado, colocando camadas alternadas de cordeiro, e cebola com muita salsa, e leva azeite, manteiga e banha de porco.

*Alheira* – Receita idêntica à actual, misturando também carne de caça.

*Bocheira* – Enchido com miudezas do porco, designadamente bofes, coração e carne ensanguentada.

*Linguixa* – Enchido com carne de porco magra e gorda depois de marinar em vinho.

*Favas* – Primeira cozedura leve, e, depois, acabam de cozinhar na caçarola com azeite, vinagre e alho.

*Galinha* – Coze-se a galinha em água e, depois, leva-se ao forno para corar. À parte, numa caçarola, coloca-se caldo da galinha, farinha de trigo, manteiga e vinho branco até o molho engrossar. Cobre-se a galinha com este molho.

*Nogado* – Juntam-se nozes picadas e mel, e colocam-se ao lume até ferver. Juntam-se gemas de ovos até engrossar. Colocam-se em tiras rectangulares de doze centímetros por três.

E eis as primeiras receitas “à Transmontana”, publicadas. Nos assados, o elemento comum parece ser a cebola cortada às rodelas... Nos restantes, sou levado a pensar que o autor terá conhecido transmontanos na capital, que lhe facultaram estas receitas. Ainda hoje se pratica esta culinária? E são elementos verdadeiramente diferenciadores que justificam a designação?

O curioso é que o livro tem ainda uma colecção de receitas “de Bragança” ou “à moda de Bragança”. E são elas de Cabrito, Caldo Verde, Cordeiro Recheado, Empada de Sardinhas, Salpicões, Tabafeias, Folar de Carnes, Leitão Recheado, Bolo de Nozes, Morcelas e Rosquilhas. Sobre estas receitas, escreverei noutra oportunidade. Nasci em Bragança, sou suspeito...

Mas continuemos com *Cozinha Ideal*, de Manuel Ferreira, que em 1933 escreve este livro orientador para os profissionais, pois não apresenta em detalhe todas as receitas, mas indica sempre a técnica culinária ou o tipo de cozedura, os ingredientes e os acompanhamentos. É verdadeiramente o primeiro livro em português da sistematização da nossa cozinha, a exemplo do que fez Escoffier para a França e que serviu para o Mundo. O livro de Manuel Ferreira serviu de modelo a exames

de acesso às categorias de cozinheiro e foi adoptado pelos Sindicatos e Grémios da época.

Aparecem seis receitas “à *Transmontana*”: Alheiras, Lebrada, Omeleta, Ovos Mexidos, Rim Salteado e Sopa. Vou citar os ingredientes destas receitas para encontrar os elementos comuns. *Alheiras* correspondem a receitas actuais sem carne de caça. A *Lebrada* tem naturalmente lebre, toucinho entremeado, manteiga, farinha, castanhas, cebolinhas, vinho tinto, cebolas e um ramo de cheiros com tomilho. Trata-se de um estufado com molho engrossado pela farinha. A *Omeleta* é recheada com chouriço e acompanha com puré de castanhas. Os *Ovos Mexidos* são confeccionados com Presunto de Chaves. O *Rim Salteado* é acompanhado de castanhas e cebolinhas também salteadas. A *Sopa* tem batatas, ervilhas, couve lombarda, presunto, toucinho e, curiosamente, natas. O elemento comum para este autor parece ser a castanha em três receitas, e a similitude da galinha de Carlos Bento da Maia com esta Lebrada.

Manuel Ferreira apresenta ainda mais receitas regionais, mas com indicação expressa da localidade: Costeletas de Vitela Estufadas de Bragança, Covilhetes de Vila Real, Fatias e Lembranças de Resende, Folar de Carnes de Bragança e Pastéis de Lamego.

Será necessário chegar a 1936 para que um grande gastrónomo escreva um livro de registos de conteúdo nacional e de assunção das cozinhas regionais como cozinhas de elite e prestígio. Refiro-me a António Manuel de Oliveira Bello (Olleboma), com o seu livro *Culinária Portuguesa*. Fundador da Sociedade Portuguesa de Gastronomia, e seu grande mentor, nos seus objectivos podemos ler que procura «fazer ressaltar a cozinha nacional, elevando-a ao lugar que deve ter, defendendo a cozinha nacional e os produtos alimentares portugueses de primeira qualidade». É a primeira grande declaração de defesa da cozinha portuguesa, seguindo-se em 1939, pela mão do Estado, a obrigatoriedade de nos restaurantes das Pousadas de Portugal se servir receituário regional.

Este livro é também o primeiro a apresentar a cozinha portuguesa de forma organizada, muito embora haja ainda uma ausência grande na origem regional das receitas. Quanto às designações “à *Transmontana*”, encontramos: Alheiras, Bacalhau Recheado com Presunto, Bucho de Porco Recheado, Covilhetes, Ensopado de Miolos, Fígado de Vitela em Bifes Recheados, Ovos Mexidos com Tomate, Presunto Assado em Boa

Companhia e Trouxas de Vitela. Ainda temos a Bola de Bragança ou Folar de Carne.

Constata-se agora, que, à medida que vamos avançando no tempo, vai aumentando o número de receitas. O elemento comum a estas receitas é a utilização de presunto no Bacalhau, Ensopado de Miolos, Fígado de Vitela, Ovos Mexidos e Trougha de Vitela. Outro possível elemento comum, e não constatado, seria que estas receitas apenas fossem confeccionadas na nossa região.

Em 1940, Albino Forjaz de Sampaio, no seu livro *Volúpia*, abre com um capítulo dedicado ao Portugal Gastronómico, no qual faz um discurso de elogio à nossa gastronomia, e identifica vários emblemas culinários por regiões. À nossa região cabem o Caldo Verde, Presunto, Alheiras, Rojões, Azeite, Mel, Pão-de-ló e Filhoses. A única que recebe a designação “à Transmontana” é a receita das alheiras. Este não é um livro de receitas. Trata-se de prosa continuada valorizando o que é português.

Entramos num período novo. A animação gastronómica está na moda e começam-se a publicar livros, revistas e fascículos colecionáveis, ao mesmo tempo que a televisão apresenta programas sobre a matéria. Come-se cada vez mais fora de casa.

Maria Odete Cortes Valente publica *Cozinha Regional Portuguesa* em 1973, com centenas de receitas, sendo que a maioria apresenta a sua origem. Mais tarde, em 1995, publica o receituário mais ampliado em oito volumes, cada um dedicado a uma região gastronómica. Aqui, sabemos a origem regional, mas com a designação “à Transmontana”, num conjunto de cerca de quatro centenas de receitas, apenas aparece: Sopa, Sopa Seca, Cabrito Assado, Cozido e Trougha de Vitela.

Em 1982, surge Maria de Lourdes Modesto com o seu livro *Cozinha Tradicional Portuguesa*. Inventário rigoroso, é apresentado por regiões, cabendo-nos oitenta e sete receitas, sendo que destas apenas sete têm a designação “à Transmontana”: Chouriço de Sangue, Coelho, Feijoadada, Lampreia, Leitão, Linguiça e Salpicões. Como é fácil observar, estas duas autoras não são coincidentes nas designações, e eu, que li as receitas citadas, não encontro elementos comuns, ou técnicas de confecção, que suportem aquela designação.

Finalmente, é publicado em Portugal um *Manual de Gastronomia* da autoria de J. Albano Marques, em 1985. Elaborado à moda do clássico *Le Répertoire de la Cuisine*, de Th. Gringoire e L. Saulnier, tem uma preocupação da cozinha profissional, dando menos relevo às cozinhas

regionais. Curiosamente, logo no capítulo das guarnições, aparece a designação “Bragança”, e traduzido, tradição possivelmente de príncipes de apelido Bragança que viveram em França desde o século XIX, possivelmente dessa obra, que significa “pequenos tomates sem sementes, recheados de molho Bearnês e croquetes de batata”. Temos pena que a Casa de Bragança nunca tivesse vivido em Bragança. Temos ainda uma guarnição “Bragantina”, para medalhas e tornedós, que consiste em tarteletas recheadas com couve-de-bruxelas e cobertas com molho de cogumelos.

No capítulo do bacalhau temos um “à *Transmontana*”, que é assado no forno coberto com rodela de cebola e bem regado de azeite, em tudo semelhante à receita de Carlos Bento da Maia, atrás citada. No capítulo de Cozinhas Regionais e Típicas, são apresentadas as “Alheiras à *Transmontana*” e o “Carneiro à *Transmontana*” (com receita idêntica à de Carlos Bento da Maia para carneiro). Ainda mais duas receitas de Bragança: “Bifes de Vitela à Bragantina” (com utilização de presunto) e Cabrito Recheado à Bragantina (com recheio das miudezas do cabrito), que é assado.

Quando poderíamos supor que a profusão de obras esclarecesse a designação, parece que estamos cada vez mais longe, para não dizer baralhados.

Neste já longo texto, julgo não dever apresentar mais exemplos. E alguns são muito maus e prestam um mau serviço à classificação das nossas tradições.

Não resisto, no entanto, a apresentar este exemplo. Curioso como sou, e comprador compulsivo de livros, descobri em terras de “nuestros hermanos” um livro intitulado *Diccionario de alimentación, gastronomía y enología española y latinoamericana*, da autoria de Ginés Vivancos.

Qual não é o meu espanto quando encontro a primeira palavra que seria de Portugal: *alheirão*. Escrito exactamente como aqui. Como se trata de um dicionário, eis o texto correspondente: «Enchido português composto de massa de pão muito compacta, carnes de vaca e porco, toucinho, pimentos picantes e doces, alhos, e cebola. Em forma de chouriço, e às vezes fumado. Numerosas variedades.»

Sem qualquer referência à sua origem, pensei de imediato nas nossas alheiras. Mas que pobre definição... Nem, pelo menos, o nome estava certo. E um produto que tem tanta referência histórica, localizada no tempo e no espaço geográfico. Mas sobre a alheira sugiro que leiam

a minha crónica “Que mal nos fez a alheira” no meu site <http://virgilio-gomes.com>.

Voltemos ao dicionário. Vocábulo seguinte: *cozido*. Meia página do livro refere os vários cozidos à portuguesa e, para meu contentamento, aparece o «*cozido de Trás-os-Montes* (também conhecido como *cozido à portuguesa*). Com chouriço de carne e de sangue, frango ou galinha, peito e tripa de vaca, orelha de porco, morcela, couve, batatas, nabos, cenoura e arroz.»

Apesar de a definição não ser, possivelmente, a mais correcta ou a ideal, achei que o livro valeu os euros pela satisfação de este autor achar o *nosso* cozido, “à Transmontana”, como o identificado com o cozido nacional. Diria mais, o verdadeiro cozido à portuguesa é o transmontano.

Apetece-me já, transcrever um pequeno texto do Abade de Baçal publicado no volume IX das suas *Memórias Arqueológico-Históricas*:

«A estes tradicionais acepipes junta ainda a cozinha bragançana o delicioso torradeiro (leitão assado) que para estar em condições deve regular por trinta dias de idade – leitão de mês e cabrito de três – como reza a culinária local.

Infelizmente a moda vai abastardando alguns derrancados de gosto, que tentam substituir-lhe o desenxabido peru. Que tristeza! Que dor de alma! E não reparam que assim nos desregionalizamos, caindo na chata vulgaridade do anonimato equivalente da não existência, por falta de qualidades típicas características!»

Que actual está ainda este texto! Que bom era aprendermos, e tirarmos lições desta sabedoria.

Aceitemos, pelas razões já apontadas, que a designação “à Transmontana” é consequência da vulgarização de restaurantes a partir de meados do século XX.

Não vou repetir aqui os nomes de todos os autores que até à década de 80 escreveram sobre a cozinha portuguesa, e as suas referências a esta região. Alguns, como Manuel Ferreira, no seu livro *A Cozinha Ideal*, tentaram fazer um manual para profissionais, um pouco ao modo de *Le Guide Culinaire*, de Escoffier. Naquele livro, Manuel Ferreira peca, movido especialmente pelo fascínio da cozinha francesa, e apenas este motivo justifica a não assumpção da nossa, pois as cozinhas regionais não tinham, ainda, entrado na moda.

Foi preciso que chegasse António Ferro para, a partir de 1939, no primeiro regulamento de concessão das Pousadas de Portugal, obrigar



estes estabelecimentos a praticar apenas as cozinhas regionais, conforme a respectiva localização. É verdadeiramente a partir de 1942, inauguração da primeira Pousada, que os restaurantes fazem entrar nos seus cardápios a cozinha regional.

Maria de Lourdes Modesto publicou, indiscutivelmente, o melhor inventário da cozinha portuguesa organizado por regiões. É, pois, também a partir dos anos 80 que surgiu a necessidade de sistematizar a cozinha portuguesa, e esse trabalho continua ainda por fazer. A velocidade dos tempos actuais, e o facto de não haver registos com as características socioculturais das nossas tradições, é que permitiram assistirmos *pacificamente* à aparição das alheiras de bacalhau e vegetarianas.

Passo a analisar as publicações dos últimos trinta anos para tentar demonstrar como a nossa designação “à Transmontana” se comporta, ou o que terá levado alguns autores a usar esta designação.

São importantes as referências à alimentação transmontana, e seus produtos, nos livros *Etnografia Transmontana*, do Padre António Fontes, e particularmente nos seus volumes I e II, publicados respectivamente em 1974 e 1977.

Mas nos finais do século XX é que se começam a citar e a divulgar as designações regionais. Em 1984, é publicado pelas Selecções do Reader's Digest o livro *Tesouros da Cozinha Tradicional Portuguesa*, cujo capítulo das Receitas Tradicionais é da autoria de Maria Emília Cancellia de Abreu. Ora, esta autora dispunha de uma documentação extraordinária do tempo em que dirigiu a revista *Banquete*, desde 1960 até 1974, ano em que deixou de se publicar. As receitas do livro são apresentadas por categorias, a que se segue um índice organizado por regiões. De um conjunto de sessenta receitas identificadas com Trás-os-Montes, somos contemplados com dez com a designação “à Transmontana”: Bacalhau, Bifes de Fígados Recheados, Bola de Carne, Carne de Porco, Coelho Bravo, Feijoada, Ovos Mexidos, Rojões, Sopa de Coelho Bravo e Vitela Entronchada.

Vejam agora o que diferencia cada uma das receitas em relação a uma confecção vulgar. Na “Sopa de Coelho Bravo à Transmontana”, a autora refere que é uma receita habitualmente confeccionada por mulheres e apenas durante o período da caça. Já me referi noutras ocasiões a este conceito de cozinha no feminino, da qual continuamos a ter presenças. Para esta sopa, deixa-se marinar o coelho em vinho branco e alhos e, depois, para cozer, junta-se presunto que será desfiado, assim como a carne do coelho.

Nos “Ovos Mexidos à Transmontana”, utilizam também uma tira de presunto, mas apenas para dar gosto, pois retira-se após a confecção.

Quanto ao “Bacalhau à Transmontana”, a autora faz preceder a receita do pequeno texto que transcrevo: «Não sendo uma receita antiga transmontana, o seu nome advém-lhe possivelmente da utilização de presunto na sua confecção, numa combinação invulgar. Com efeito, o presunto de Trás-os-Montes é considerado o melhor de Portugal.» Não é o único autor que considera a designação “à *Transmontana*” para algumas receitas que utilizam o presunto.

Na “Carne de Porco à Transmontana”, a diferença parece estar na qualidade da carne pela alimentação dos suínos, em comparação com o Alentejo. Estamos agora perante o que poderíamos incluir na “Cozinha de Produtos”, na qual a origem do produto é que determina a designação culinária.

A “Vitela Entronchada à Transmontana” é uma peça de vitela cortada longitudinalmente para poder ser recheada com presunto magro.

Nos “Rojões à Transmontana”, o elemento caracterizador é a castanha adicionada.

E chegamos à mais popular receita: “Feijoada à Transmontana”. É possivelmente uma das poucas receitas confeccionadas em todo o país e na qual os executores, em unanimidade, afirmam chamar-se assim pela inclusão de couve.

Curiosa é a receita de “Bifes de Fígado Recheados à Transmontana”. Trata-se de uma vulgar receita de bifes enrolados, recheados com presunto e ovo cozido, só que feitos com bifes de fígado, que devem ser cortados grossos para não rebentarem.

No “Coelho Bravo à Transmontana”, o coelho é guisado com toucinho e chouriço.

Para terminar, a “Bola de Carne Transmontana”. Os nossos folares e bolas têm fama. Quando se fala destes produtos, eles são quase automaticamente associados a estas terras. Nesta receita, o recheio é feito com bifinhos de lombo de porco, presunto, paio e chouriço de carne.

O livro *Cozinha Tradicional Portuguesa*, de Maria de Lourdes Modesto, foi, possivelmente, o livro que mais influenciou a restauração de final de século em Portugal. Estamos em período de grande explosão de restaurantes e muitos, por questões promocionais, designam as suas receitas com denominações fáceis ligadas aos conceitos de origem dos produtos.

É preciso esperar por 1992 para vir a lume um livro destinado à co-

zinha transmontana: *Cozinha Regional de Trás-os-Montes*, de Maria de Lurdes Torres Pereira, editado pelas Publicações Europa-América. De um conjunto de cento e vinte receitas, apenas três recebem a designação “à Transmontana”: Açorda de Mioslos, Carneiro e Feijoadada.

Na “Açorda à Transmontana”, que tem a particularidade de os mioslos serem de porco, também é utilizado entrecosto fresco de porco, e pão de primeira, que suponho querer dizer de trigo, sem mistura.

Quanto ao “Carneiro à Transmontana”, perna, assada no forno com rodela de cebola e toucinho, idêntica a receitas já anteriormente citadas, mas esta com a particularidade de, depois de assada, ser envolta em ovo batido e pão ralado, voltando ao forno antes de ser levada à mesa.

Depois, a “Feijoadada à Transmontana”, que, pela primeira vez, não tem couve. Tínhamos vindo a supor que a couve era o elemento que caracterizava a nossa feijoadada!

Os anos 90 foram pródigos em livros temáticos de cozinha transmontana.

Isabel Gomes Mota, transmontana de Freixo de Espada à Cinta, publica em 1995 o livro *Trás-os-Montes à Mesa*, na Quetzal Editores. Neste livro, carregado de pequenos textos de memórias, são apresentadas receitas sem grandes designações. Talvez porque a autora entenda que todas são da região. Apenas uma delas surge com a designação “à Transmontana”: “Cozido à Transmontana ou de Cristão Velho”. Não vou alongar-me sobre as razões deste título, apenas uma pequena referência à força que a Inquisição teve em Portugal. É ainda curioso notar a receita de “Vitela Entrouxada”, designação semelhante a “Entronchada” já referida no livro de Maria Emília Cancela de Abreu. É da mesma forma uma peça de vitela recheada, mas aqui guarnecida com castanhas.

Em 1997, integrado numa coleção disponibilizada pelo jornal *Público*, Fernando Guedes publica o livro *À Mesa em Trás-os-Montes*, um conjunto de noventa e seis receitas. Dessas, apenas cinco usam a designação “à Transmontana”: Lampreia, Coelho, Cozido e duas versões de Feijoadada.

A “Lampreia à Transmontana” tem uma confecção comum com a adição de presunto aos bocados no refogado de arranque da receita.

O “Coelho à Transmontana”, guisado com banha, tem em nota de rodapé que «se quiser pode juntar chouriço às rodela, toucinho em tiras»...

Quanto ao “Cozido à Transmontana”, é um cozido completo, com

tudo a que tem direito. Talvez por isso, alguns autores referem que o melhor “Cozido à Portuguesa” é o nosso.

As duas versões de “Feijoadà Transmontana” são semelhantes, com grande variação nas quantidades de carnes, pelo que poderíamos considerar uma mais rica e outra mais humilde, mas, curiosamente, em nenhuma entra a couve.

Estas mesmas receitas, e com estas designações, foram, depois (2000), publicadas no livro *Receitas Portuguesas*, que reúne receituário de todo o país.

Mas foi preciso chegar ao fim do milénio para surgir o primeiro livro dedicado em exclusivo à *Cozinha Transmontana* (1999), na Assírio & Alvim, da autoria de Alfredo Saramago, com a colaboração de António Monteiro. Este livro faz parte de uma colecção de regiões gastronómicas, sendo para cada uma destinado um volume, sempre com o mesmo autor. Apetece-me agora lembrar também o transmontano ilustre, epicurista e referenciador da região de onde era natural, e que foi sócio da editora: Manuel Hermínio Monteiro.

O livro é composto por duas grandes partes: a primeira sobre a história da alimentação nesta região, possivelmente, o único grande estudo – sem querer tirar o mérito aos estudos e levantamentos efectuados por José Leite de Vasconcelos e pelo Abade de Baçal, que integraram os seus trabalhos em obras gerais, *Etnografia Portuguesa* e *Memórias Histórico-Arqueológicas...*, respectivamente – dedicado a esta região; a segunda é um inventário de receitas constituído por trezentas e noventa e nove receitas. É o maior conjunto de receitas transmontanas já publicado.

Vejamos, no entanto, as receitas que aparecem com a designação “à Transmontana”. O “Bacalhau à Transmontana” leva a tradicional fatia de presunto, que é o elemento comum a todos os bacalhaus apresentados. Uma curiosidade desta receita é regar o bacalhau com vinho branco, no qual foi diluída farinha de trigo. O “*Bucho Recheado à Transmontana*” é recheado com carne de porco fresca e toucinho. Já Maria de Lourdes Modesto, na *Grande Enciclopédia da Cozinha*, referia que o bucho de porco pode ser recheado.

Para o “Carneiro à Transmontana”, depois de barrado com uma pasta de alho, colorau, sumo de limão, salsa picada e sal, e também coberto com banha de porco, vai a assar; depois de assado, passa-se por ovo e pão ralado e volta ao forno para alourar. Receita idêntica à de Ma-

ria de Lurdes Torres Pereira, atrás citada, e como já referenciava Carlos Bento da Maia em 1904.

O “Coelho à Transmontana”, guisado como os anteriores coelhos e sempre com tiras de toucinho e chouriço cortado às rodelas.

A “Feijoadà à Transmontana” confeciona-se com as extremidades do porco, focinho, rabo e pés, às quais se junta depois chouriço de carne e o nobre salpicão. Reencontramos nesta receita a couve, que parece dar-lhe o nome.

Parece uma novidade o “Rancho à Transmontana”, porque sempre nos habituámos aos das Beiras interiores. Eu lembro-me de sempre comer rancho, até como prato de resistência dos trabalhadores agrícolas.

Maria de Lourdes Modesto estabeleceu três tipos de “ranchos”: minhoto, transmontano e beirão. As grandes diferenças estão nas carnes. Se no minhoto aparece a mão de vaca, no beirão surge a galinha.

A receita de Alfredo Saramago “à Transmontana” utiliza o grão, batata e massa, e, nas carnes, vitela e chouriço. Maria de Lourdes Modesto acrescenta-lhe presunto, mas não lhe chama “à Transmontana”, apenas a referencia como de Trás-os-Montes.

A “Trouxa de Vitela à Transmontana” é uma receita invulgar e *rica*. Vimos atrás as vitelas “entronchadas” e “entrouxadas”, tratando-se ambas de vitela recheada.

Esta “trouxa” é também uma peça de vitela, lombo, recheada com tortilha, carne de porco e chouriço de carne, que, depois de bem enrolada, vai estufar regada com vinho branco e banha de porco. Pode acompanhar com batatas ou castanhas.

Tenho pena que não tivesse encontrado doces ou outras sobremesas com a designação em causa.

Em 2007, António Manuel Monteiro publica o encantador livro *O Azeite e as Azeitonas*, receitas da Rota do Azeite de Trás-os-Montes, onde apenas inclui o “Bacalhau à Transmontana” com confecção idêntica a algumas anteriores e com a tradicional fatia de presunto.

Nas tranquilidades do rio Douro, surge, em 2008, *Rui Paula – Uma Cozinha no Douro*, redigido por Celeste Pereira. Rui Paula pertence ao grupo de autores de cozinha que eu chamo “contemporâneos”, ligado a preocupações de “cozinha de produtos”. Aliás, o seu percurso profissional e a forma como se orientou em relação à sua região emocional revelam um cozinheiro que valoriza os produtos e as suas origens. No livro, aparecem “Milhos à Transmontana”. De facto, houve uma tradição de milhos, à qual já me referi numa crónica sobre cozinha no femi-

nino. Estes milhos fazem-me lembrar o Xerém algarvio, mas este é feito geralmente com produtos marinhos. Aqui, Rui Paula usa entrecosto de porco bísaro e chouriças mouras transmontanas.

Decidi parar por aqui a procura de receituário “à Transmontana”.

Gostaria de estar agora a escrever acerca dos elementos que caracterizam todas estas receitas e, designadamente, os produtos, ou técnicas, comuns que lhes atribuem a designação “à Transmontana”. Pelos meus relatos, não chegamos a essa conclusão, ou elementos determinantes ajustados à designação.

Mas, afinal, o que é que lhe dá o nome? Se analisarmos dois livros, com quase cem anos de intervalo, (Carlos Bento da Maia, de 1904, e Alfredo Saramago, de 1999), noto que as diferenças são poucas.

Referi também o forte crescimento de restaurantes a partir de meados do século XX, que, por vezes, atribuem designações por questões emotivas ou comerciais.

Durante a minha vida profissional, apercebi-me de que, genericamente, se a sopa levava castanhas, é porque era “à Transmontana”; se ao peixe (bacalhau ou trutas) se juntava presunto era “à Transmontana”; a feijoada, quando tinha couve, era “à Transmontana”, e pouco mais. A análise de todas as receitas citadas não me permite encontrar elementos comuns que suportem generalizar quais os produtos, ou técnicas, que atribuem esta designação. Surge, no entanto, uma necessidade: caracterizar e sistematizar a cozinha transmontana, bem como criar um léxico da nossa cozinha. As designações “à transmontana” derivam mais da saudade da terra do que qualquer caracterização culinária. Não esqueçamos a expressão: “Pode-se tirar um homem de Trás-os-Montes, não se consegue é tirar Trás-os-Montes de um transmontano.”

Parece-me que o grande caminho para a cozinha transmontana conduz para uma cozinha de contemporaneidade, em que os produtos, identificados pela sua origem, transmontana, sejam a grande contribuição. Primeiro, valorizar os produtos; depois, identificá-los e dar-lhes uma confecção ajustada às tradições e que valorizem ainda mais o produto.

«O nome de Transmontano quer dizer filho de Trás-os-Montes,  
pois assim se chama o Reino Maravilhoso de que vos falei”  
(Miguel Torga, “Um Reino Maravilhoso (Trás-os-Montes)”, 1941).

---

## Ernesto Rodrigues

(1956)

---

### TORGA E O BRASIL

O Brasil está diversamente representado no *Diário* de Miguel Torga, que aí passou a adolescência. Se esta pesa, há figuras e paisagens que se conjugam no olhar. De Êrico Veríssimo (*Diário I*; 3-XII-1937; *III*, 19-V-1944) ao Jorge Amado de 1993, a galeria vai crescendo<sup>41</sup>. As duas últimas referências datam de 11-III e 24 de Julho deste ano. Além, o almoço tem «ementa a preceito, em homenagem à humanidade do escritor que na minha imaginação parece ter aliado harmonicamente, na vida e na obra, o calor da urbanidade baiana à grandeza de alma transmontana»: pertencer ao «reino maravilhoso» da franqueza e honradez é quanto nos define, transmontanos; aqui, lamenta-se «Matança a tiro de sete crianças que dormiam na escadaria de uma Igreja no Rio de Janeiro». As violentas contradições brasileiras são, porém, assinaladas desde *A Criação do Mundo*, servindo-se de personagens, situações e universos, e sintetizadas, com avanços programáticos, em *Traço de União. Temas Portugueses e Brasileiros* (1955; em *Ensaios e Discursos*, 2002). Em dois poemas tardios do *Diário*, intitulados “Brasil”, evoca-se este em síntese comovida: «Pátria de emigração, / [...] // Achada na longínqua meninice, / Perdida na perda juventude, / [...]» (*Diário VIII*, 1959; 20-I-1956); ou: «Brasil onde vivi, Brasil onde penei, / Brasil dos

---

41) *Diário I*, 3-VII-1940: alusão aos «baianos de Jorge Amado»; 4-VII-1940: «a sangria desatada da carta dum filho no Brasil»; *II*, 3-III-1943: Gilberto Freyre; V, 8-V-1950: lembrete sobre a adolescência; *XIV*, 4-V-1985: «Encontro com escritores brasileiros», ou «reunião em família, pacata, cordial», na Curia; X, 20-IX-1966: vem à colação um destino semelhante ao seu; *XI*, 15-III-1970: rumo aos Açores, corrige, a bordo, *A Criação do Mundo*, «e tento seguir o herói nos seus primeiros dias de embarcadicho, a percorrer este mesmo caminho»; 15-IX-1972: sobre as «várias potestades tropicais» que conheceu no Brasil; 3-III-1973: carnaval; *XII*, 18-V-1973: o «bafo escaldante» de Luanda, que lembrava aquele país; 3-VI-1973: na Gorongosa, tanta fauna convoca, por oposição, o «esplendor arbóreo» brasileiro; *XV*, 28-XII-1989: as «matas tropicais»; *XVI*, 23-XI-1990: *Grande Sertão: Veredas*; 8-VII-1992: Pêro Vaz de Caminha, «que deu a primeira notícia à Europa dum Brasil desconhecido».

meus assombros de menino: / Há quanto tempo já que te deixei, / Cais do lado de lá do meu destino!», (*Diário* XI, 1973; 16-VI-1970). Com remissão, outrossim, para contos esparsos, procure-se entrever essa relação, que também é a construção de um autor, da sua personalidade cívica e literária. Em tese, pergunto, já: *nasceu* Torga no Brasil?

Sem vocação sacerdotal, nem futuro numa lavoura de subsistência, Sempenha-se o pai para pagar a viagem atlântica ao adolescente, que vemos partir no final do Primeiro Dia de *A Criação do Mundo*, rumo a Lisboa; acompanhado pelo senhor Gomes, e de mala a abarrotar de parco enxoval, fumeiro e vinho, embarca para o Rio de Janeiro, deixando «uma saudade a chorar em cada coisa» (O Terceiro Dia; 2001, p. 249).

Retrato na mão, espera o tio fazendeiro: apavorado com tanta sujidade e falta de gosto, logo o leva a uma loja, para mudar de terno, e a chapelaria, para trocar de chapéu. Da Rua do Ouvidor a périplo carioca, para turista ver – Copacabana, Botafogo, «além Niterói, lá adiante a Igreja da Candelária, aquela a Avenida do Mangue» (p. 73) –, é um atordoamento, porque a noite no Hotel Globo fora passada em branco, tanta era a luz, tanto o barulho lá fora. Esse percurso será feito inversamente cinco anos depois, a abrir o Terceiro Dia. E, de algum modo, retomado em 1954, já com um estatuto diferente.

Da Leopoldina Railway, segue o comboio por Petrópolis, Entre-Rios, Recreio, Cisneiros. E vem a desmesura: «As serras, os rios e as florestas eram de tal maneira que não cabiam dentro dos olhos.» (p. 73)

Parelas de bois com o preto Anacleto puxam-no até à fazenda, onde a recepção familiar é fria. Indelicados, não apreciam vinho de cem anos, toalhas de linho, salpicões, o melhor que os pobres sabem dar. Mal entende o que lhe dizem. A tia, em particular, será sua persistente adversária. É uma figura soberba de grotesco, que também tinge os outros. O tio, opressor e tirânico, com laivos circunstanciais de respeito, domina o entrecho, e, quando também ele fizer o caminho de volta, ao lado da estranha galeria familiar onde sobressai a mulher frufelhante de dentes postiços, a sua prepotência a bordo impõe ao narrador a «lúcida determinação irrevogável» de nunca mais aceitar «os opressores da consciência humana» (p. 289). Era um programa de vida que irrompera daquele cadinho brasileiro.

Neste quadro, aclimata-se, ora em trabalhos leves, ora na extensão territorial do novo mundo, que também é o de uma nova linguagem social e de outros vocábulos. Almas penadas e lobisomens coexistem



nesse imaginário, enquanto a médium Inês e seus responsos põem os vivos em diálogo com os mortos; imagem do terror, ele esconde-se nas saias da criada Joana, até o tio descobrir e o descompor. É ainda um tempo de medo.

O tio, entretanto, vende bem a fazenda e compra, «por dez-réis de mel coado» (p. 81), outra maior – Fazenda de Santa Cruz –, na Zona da Mata. Comboio até Sousa Pais, e carro de bois. Quais novos pioneiros, há muito a desbravar. E, levantando cedo, do nascer ao pôr do Sol, vá de mungir vacas, levar cavalos ao pasto, tratar dos porcos, etc., enquanto espera o correio em Sousa Pais e, à noite, faz a escrita da casa. Faz-se homem, também, em curtos episódios de uma rotina vigiada, enquanto o contágio da natureza excita os sentidos. Há uma cena premonitória, em que ajuda novilha a parir e sente o calor daquele corpo. Esta ‘Andorinha’, com final feliz, lembra emoções de “Um Filho”, em *Contos da Montanha*.

Deslumbramento físico e paisagístico, em «recanto do paraíso», tanta grandeza «amesquinhava-se nas lunetas de minha tia» (p. 85): «E eu sequioso de ternura, sem a receber, comido de desejos, sem os satisfazer, moído de trabalho, sem uma palavra de aplauso.» (p. 90)

As fugas eróticas a Sousa Pais minoravam o cerco. E, aos 16 anos, passa a frequentar como externo o Ginásio de Ribeirão, seja, o Colégio Leopoldinense: Jorge, libertino e gatuno, filho do senhorio, é o principal companheiro; mas há uma colegas, amórios, a descoberta do cinema americano, muitos versos inspirados na *Antologia Brasileira* de Eugênio Werneck, onde conhece Casimiro de Abreu, Silva Jardim, Machado de Assis – a bordo, no regresso, lê *Quincas Borba*. Pelo meio, tem a caça – e aí deve ter nascido a paixão do inveterado caçador que foi o doutor Adolfo Rocha.

Uma dessas paixões exacerbadas, até ao adeus final, é Dina: após trânsito de férias pela Morro Velho, «A sua partida foi a viuvez da fazenda. [...] Tudo quanto era humanidade ausentara-se com a Dina.» (p. 118) Os desgostos calejam-no; e nem rejubila com o anunciado regresso, quando o tio, num momento de proximidade, lho anuncia, e a disposição de, por tão pouco lhe pagar de jorna, lhe subsidiar um curso universitário. Tanta contrariedade e desgosto formaram uma cabeça. À imagem do rio paralelo ao comboio de volta a Leopoldina Railway, impõe-se ser «livre, forte e caudaloso» (p. 135), voto que fecha o Segundo Dia. E, já no Hotel Globo, sem que a beleza de Guanabara

lhe faça «transbordar a taça dos sentidos», abre o Terceiro Dia com decorrente propósito:

O mundo pedia-me lucidez antes de cada deslumbramento. Se novamente o táxi atropelasse um pobre transeunte, e o motorista, para evitar complicações, o deixasse também abandonado no meio da rua, eu saberia opor à desumanidade pelo menos um protesto. (p. 139)

Eis um homem diferente que o Brasil construíra. Como não ver isso, no que é uma das melhores homenagens de um enorme escritor a país que nele instilou a consciência da humanidade?

Intervalemos, aqui, o Diário, no que a essa experiência respeita.

Assistindo a um filme sobre Bornéo, regressa a floresta tropical e o que para ele significou «toda a minha adolescência a romper no húmus duma fazenda no Brasil». Esclarece:

Foi um fermentar que nunca mais acabou em mim, porque se deu no meu corpo dos ossos ao coração. Nada que se possa dizer em palavras, porque não tem expressão condigna a quentura deste lume que recebi duma terra incendiada de vida, de força e de liberdade. (*Diário I*; 30-X-1938)

Quando, pois, a 6 de Agosto de 1954, chega ao Rio de Janeiro, transformam-se «os impulsos sentimentais em congeminções abstractas» (*Diário VII*; 6-VIII-1954). Agora, o confronto é com *outra* realidade, um presente que urge medir e não nos protege. Aí, começa a revisão do futuro, desde logo, no elogio do Negro, cuja dignificação «é um triunfo no plano moral e no estético» (8-VII). Já em São Paulo, a cidade pernalta cria uma curiosa inversão, que também é metodologia torguiana do céu «invertido», ou aquele propósito de ser «Uma estrela no chão»: «O homem deixa de olhar deslumbrado para cima, e passa a olhar maravilhado para baixo.» (9-VII)

A relação infantil com o papão – transferida para Deus, tio ou ditador – foi resolvida. Grato ao «colosso urbano» que é São Paulo, conclui: «Tão feroz, tão grande e tentacular, e não me devorou!» (15-VIII)

Em O Sexto Dia, conta como recebeu «um convite para participar num colóquio internacional de escritores que se realizava em S. Paulo, integrado nas comemorações do quarto centenário da fundação da cidade» (p. 508). Convém dizer que Manuel da Nóbrega, «que funda São

Paulo no planalto do Brasil» (*Diário XVI*; 27-VI-1991), era um ilustre de Sanfins do Douro, comprovinciano de Diogo Cão, de Fernão de Magalhães e de Torga... E justifica:

Sobretudo, tentava-me a perspectiva de rever o Brasil da meninice. O rio dos meus deslumbramentos e aflições, a Morro Velho, o Ginásio, as várias estações de um calvário que dia a dia se esfumava na lembrança. Minha tia tinha morrido há muito, de mais [*sic*] a mais.

Acompanhado, agora, por Jeanne (em que disfarça Andrée Crabbé Rocha) e já não em porão, «mas na primeira dum luxuoso barco moderno» (p. 509), aí vai ele, «a refazer o caminho do passado na pele do rapazinho de outrora», em si conjugando, e impelindo «para um abraço perpétuo as duas comunidades», a «pequena terra lusa» e a «grande pátria irmã». À chegada, «nenhum desconhecido tinha desta vez na mão um retrato meu identificador e cada voz que ouvia não disfarçava uma recriminação» (p. 510). Claro que o ditador Salazar também desembarcara, na figura de certo comendador...

A caminho de São Paulo, «foi a volúpia da natureza tropical a acordar progressivamente nos meus sentidos» (p. 512). Desperta o descritivista: «Nenhuma impressão de outrora se perdera. [...] O Brasil tatuara-se realmente na minha alma como uma tinta indelével.»

Assim, no Congresso Internacional de Escritores, em Agosto de 1954, em São Paulo – desse 12 de Agosto aniversarial data poema no *Diário VII* (1956) –, os seus reparos (“A América vista pela Europa”) à comunicação de Roger Bastide assentam numa verdade que vai para lá da cultura e dos livros. Qual «Pêro Vaz de Caminha de Agarez», recebe palmas de «polida incompreensão» (p. 513). Apresentara-se, entretanto:

[...] rapazinho de treze anos que, ao cabo de descobertas várias – um mar interminável que punha uma barreira de desespero entre ele e o que ficava para trás, um navio que parecia um presídio de galerianos, e peixes que voavam como pintassilgos –, desembarcou um dia nesta terra. Que andou por ela fora ao deus-dará, perdido, perplexo, aterrado, a ver morrer os seus deuses a cada instante, a sentir o gosto modificar-se-lhe, a não poder avaliar as coisas com o estalão do sistema métrico que aprendera na escola. Que chorou, gemeu, penou, até que o instinto se adaptou e lhe permitiu comportar-se com mais economia emotiva. E que, então, pôde esquecer a sorna cumplicidade vegetal com a fauna hostil, os lobisomens que

o perseguiram, os sacos de café que lhe derrearam os ombros e descobrira íntima significação dum húmus gordo e fecundo que tinha o condão de tudo integrar no seu calor.» (*Traço de União*, em *Ensaios e Discursos*, 2002, p. 113)

Na conferência sobre “O Drama do Emigrante Português”, que, uma semana depois, em 19 de Agosto, faz no Real Gabinete, no Rio de Janeiro – descoroçoado por os seus patrícios não conhecerem o Brasil «das roças e seivas da minha infância» (*A Criação do Mundo*, p. 514) –, critica o seu Camilo Castelo Branco, tal a «crueldade e leviandade» ao «popularizar uma caricatura que é uma ofensa» (*Ensaios e Discursos*, p. 149), referindo-se à imagem do ‘brasileiro’ de torna-viagem, algo nobilitado por Eça e Luís de Magalhães, quando havia melhores exemplos; e de novo se vê aos 13 anos, trazendo, agora, na bagagem um grande amor pelo Brasil da sua infância infeliz, «justamente por ele ser o arcano de recalcadas esperanças, de insatisfeitos desejos, de sonhos, de emoções e paixões que a lembrança revive quando furtivamente se exila» (p. 150). Ao espírito do *lugar* acresce, desta feita, um *tempo*, que é de formação – «cinco anos de contraditórias sensações», diz a seguir –, e, por isso, amorosamente evocado, “Pátria de emigração, / [...] / Na doirada moldura da lembrança”, como reza o poema “Brasil” do *Diário VIII* (1959; 20-I-1957).

Aproveita um Agosto politicamente agitado para roteiro sentimental: Ouro Preto, Sabará e Congonhas do Campo; saúda o Aleijadinho, o Tomaz Gonzaga da *Antologia Werneck*, e, de visita à Morro Velho, re-encontra um antigo moleque, o preto Virgolino, que mudara, tal como mudara Ribeirão, o Ginásio, tudo. O tio octogenário não perdera a «autoridade de outrora» – Torga ri por dentro – e elogia Salazar: «Desta vez não me ri, nem por dentro, nem por fora.» (*A Criação do Mundo*, p. 516)

Esses dias de 1954 são particularizados no *Diário VII*: no Rio, a ausência de «pruridos ráticos ou aristocráticos» levam-no a concluir que o Brasil é, por natureza, «uma pátria de democratas» (18-VIII). Sai deslumbrado de Congonhas do Campo; como um fantasma, entre memórias fantasmáticas, de Ouro Preto. O «espírito nativo emancipado» (22-VIII) que encontrara em São Paulo só o revê em Belo Horizonte. Cumulando a viagem, a Baía conjuga o que é uno e diverso, até à reflexão de 4 de Setembro, em que se sugere, não falar do tandem Portugal-Brasil, mas de Europa-Brasil... Por data de 7-II-1962, em que regista «A dolorosa notícia da morte de Portinari» (*Diário IX*), e coloca a sua

arte a par do deslumbramento «que sentira outrora a ler *Os Sertões* de Euclides da Cunha», refazemos os lugares de 1954.

Ora – e sem, por isso, morrer –, a sua «unidade telúrica desintegrou-se» (*Ensaios e Discursos*, p. 151), tornando-o maior, sempre a correr ao outro, e a outros sítios, numa definição de limites matricial que diz em terceira pessoa: «A aldeia da alta lombada onde nasceu e o rancho sertanejo onde morou são extremas dos sete palmos da sua humanidade.» (p. 155)

Humanidade: cá está. Eis como, e por onde, tudo começa: o Brasil é essa extensão natural de uma alma (antes, ainda, ou a par, do díptico peninsular, que é uma construção *política* do sujeito maduro), «Cais do lado de lá do meu destino!», dirá em 16-VI-1970, no segundo poema intitulado “Brasil” (*Diário XI*), e, de facto, *uma* explicação para as suas raízes literárias. Em “Carta a Ribeiro Couto” – este retorna na “Elegia a Ribeiro Couto” (*Diário IX*; 31-V-1963)<sup>42)</sup> –, lá vem parte da explicação: «É um fraco, esta paixão pelo telúrico. Mas tenho-a, e a tua terra é o telúrico em corpo inteiro. Gostei sempre de tudo quanto põe os homens à prova. E o Brasil é isso.» (*Ensaios e Discursos*, p. 175)

É um pouco mais: no regresso de 1954, aporta em S. Salvador da Baía, onde reencontra «o Portugal colonial na sua expressão exemplar: a miscigenação total do senhor e do escravo, a Europa, a África e a América misturadas no sangue, nas crenças, nos ritmos e no paladar, a seiva tropical a vivificar as raízes cansadas da arte reinol... [...] tinha valido a pena aquele milagre de procura, achamento e comunhão. Três continentes estavam ali unidos por um vincilho de amor. (*A Criação do Mundo*, p. 519)

Tanta certeza mais reforça o abalo que sentiu ao visitar, em 1973, o Portugal africano. Num primeiro momento, aterrar em Luanda era como desembarcar no Rio de Janeiro; mas logo se desmorona a hipótese de «um segundo Brasil» (p. 542) e, por mais que memore Ouro Preto ou Salvador, a verdade é que o génio perdera a favor do egoísmo. Pior, era na língua portuguesa que os nacionalistas condenavam Portugal. Pior é como quem diz: estando em Lourenço Marques, recorda episódio – também narrado em *A Criação do Mundo* – do congresso paulista de 1954 e como um brasileiro «apostrofava a colonização portuguesa, que desejaria mil vezes trocada pela holandesa» (*Diário XIII*; 8-VI-1973). Mas apostrofava, felizmente para Torga, não em flamengo,

---

42) Versos de Olavo Bilac comparecem em *A Criação do Mundo* (O Quarto Dia), p. 319.

mas em português... Apesar do que, em África, «tínhamos perdido o norte da nossa capacidade civilizadora» (*A Criação do Mundo*, p. 548). E, no quadro da guerra civil angolana, exclamará, em 20-II-1993 (*Diário XVI*): «Não realizámos ali, infelizmente, o milagre brasileiro da fraternidade racional e nacional.»

Só na Ilha de Moçambique, tal o entrançado de culturas, havia de rever o Brasil... <sup>43)</sup>

A *outra* explicação assenta no seu fervor de transmontano, caracterizado como «Sísifo teimoso, condenado a carregar fragas toda a vida» (“Portugal”, *Ensaios e Discursos*, p. 166).

O ensaísmo apressado reduziu-se à explicação do louvor à terra-mãe; e Guilhermino César <sup>44)</sup>, escrevendo onze anos depois dessa profissão de fé torguiana, desgosta do termo «telurismo», que, acrescenta, «falseia, nega o sentido exacto de Torga», se, como ele julga, nos atemos a conceitos de «desordem» ou «determinismo cósmico».

É desconhecer esse intérimo e intrépido desafio com que sísifos ou anteus (Anteu alimentava-se da terra) se confrontam diariamente, em ordem a uma existência construída por cada um. É ignorar, como outros farão, que, se os deuses morreram, na própria confissão autoral, urgia matar, de futuro, deuses-hidras que irrompessem.

É esse o projecto de regresso, a bordo da vida; e sempre a bordo se havia de manter Torga, na «lúcida determinação irrevogável» de combater prepotentes, de protestar contra a desumanidade.

Guilhermino César tem o mérito, porém, de propor uma evidência: «Deve muito à experiência brasileira.» E vá de falar da «dictomia [por *dicotomia*] sensorial» que amalgama a Zona da Mata, Minas Gerais, e São Martinho de Anta, com que se constrói um «visual superior» parceiro de Euclides da Cunha e Guimarães Rosa.

Quando reincidir na afirmação ibérica, a tríade resumir-se-á no poema “António Vieira”, «Filho peninsular e tropical», que, «No Quinto Império que sonhou, sonhava / O homem lusitano / À medida do mundo» (*Poemas Ibéricos*). E esse vasto mundo, estampado «em qualquer Brasil», assomava, já, por um lado, em conferência de

---

43) Ver Calane da Silva, “Moçambique na África de Miguel Torga ou Portugal mítico ancorado numa ilha”, AA. VV., *Para Miguel Torga*, Sintra, Câmara Municipal, 2001, p. 79-86.

44) “Miguel Torga, o ibérica”, *Colóquio. Revista de Artes e Letras* (Lisboa), n.º 41, Dezembro de 1966, p. 34-36, reproduzido em Luís Forjaz Trigueiros, Lélia Parreira Duarte, *Temas Portugueses e Brasileiros*, Lisboa, ICALP, 1992, p. 565-569 [566].

1948 sobre “Teixeira de Pascoaes” – «Nascemos aqui, mas nascemos desterrados, reais ou potenciais, e sempre com parte do sangue no exílio. Todos temos um irmão, um filho, um primo ou a família inteira em qualquer Brasil <sup>45)</sup>.» – como, por outro, se fixa de vez na extraordinária conferência “Trás-os-Montes no Brasil”, lida no Centro Transmontano de São Paulo e no do Rio, em 14 e 16-VIII-1954, onde surge o célebre «O universal é o local sem paredes». O curioso e paradoxal é que essa «realidade sem muros» (*Ensaios e Discursos*, p. 126), paralela a «qualquer Brasil», era a região com mais muros e muretes: Trás-os-Montes, naturalmente...

Caracterização mais demorada dos dois países *em relação*, com leitura actualizada segundo a clave passado / velhos e futuro / crianças, temos em páginas de teor diferente: no *Diário VI*, 16-I-1953, e XV, 10-VI-1989, orgulhando-se do seu «segundo berço», e de Caminha, Vieira, Guimarães Rosa, Machado de Assis; a espaços, em *A Criação do Mundo*; sistematicamente, em *Traço de União*.

“O Brasil”, título do primeiro ensaio aqui incluído, é juventude, confiança, impetuosidade social, «mística e maravilhosa comunhão de sangues» (*Ensaios e Discursos*, p. 94), cheio de colorido, multiplicidade, graça, originalidade, sem remorsos, enquanto o espírito português se resguarda em «burel, a chorar por dentro» (p. 95). Na sua «cósmica virgindade», o Brasileiro, definido como «Um português optimista» (p. 96), percebe que tudo é provisório, e, daí, mostrar-se informal, sem cara de exéquias. Modelado por essa capacidade de tudo assimilar, eis o Mulato.

Num ano (1951) de eleições em Portugal, em que os nossos países permutavam «sono e salamaleques», as “Palavras a José Lins do Rego”, que acompanhava equipa do Flamengo <sup>46)</sup>, reconduzem Torga à sua meninice e ao «feérico deslumbramento» (p. 104) que, no outro lado, espera os portugueses.

---

45) *Fogo Preso*, 1976; em *Ensaios e Discursos*, p. 203. Aquele título recolhe «páginas de circunstância» (p. 181), isto é, artigos de Imprensa de cariz político desde 1945, ou suprimidos pela Censura, mensagens aos eleitores e alocuções em sede partidária e socialista de 1949, 1951, 1974-1976, além da comunicação “Eça de Queirós e Coimbra” e sobre Pascoaes.

46) Para esta paixão, ver Bernardo Borges Buarque de Hollanda, “Dos engenhos de açúcar aos campos de futebol. A crônica esportiva de José Lins do Rego”, in Sidney Chalhoub *et alii*, org., *Histórias em Cousas Miúdas*, Campinas, Editora da Unicamp, 2005, p. 401-431.

O Brasileiro, diz no *Diário IX*, 11-V-1960, é «um ser exótico, descontraído, barroco, malicioso e cordial, indolente e de reflexos prontos, ávido de ver e de provar, aberto a todos os ventos da vida e, suprema bênção do destino, nimbado do encanto de lhe escorrer ainda das virtudes e dos defeitos o líquido amniótico dos recém-nascidos». Os derradeiros comentários no *Diário XVI* reiteram estas ideias, em prosa que, por vezes, a si se decalca. A exoneração do Presidente Color de Mello, «por indecente e má figura», se não esconde a vergonha dos que «amam aquela incomensurável pátria, como eu, que a trago desde criança no coração», transforma-se em crença no futuro. O país há-de ultrapassar o grotesco:

É uma terra ainda genesíaca, virginal, quente, a ressumar saúde, generosidade e alegria, onde a catarse colectiva recorrente de um carnaval despido e fantasista, sem máscaras e sem ódios fraticidas, renova permanentemente o esquecimento e a esperança. (28-IX-1992)

Por tudo isso, entende Torga que a presença de Portugal na União Europeia, de que se mostrou contumaz adversário, não pode danar às relações com o Brasil. Terminemos esta parte com afectuosa citação:

Quem contratou a submissão nacional às ordens de Bruxelas, esqueceu-se de especificar que a carta de Pero Vaz de Caminha de quinhentos é um juramento português de amor e fidelidade eternos à Terra de Santa Cruz e à sua gente. (6-II-1993)



### TRÁS-OS-MONTES NO BRASIL

*Conferência realizada no Centro Transmontano  
de São Paulo, em 14 de Agosto 1954,  
e repetida no Centro Transmontano  
do Rio de Janeiro, a 16 do mesmo mês*

**A** MIGOS:

Vim aqui falar-vos da nossa província. É ponto assente na sabedoria das nações que um namorado nunca se cansa de dizer maravilhas da namorada. A paixão é uma força que move montanhas, transpõe oceanos e obriga homens tímidos como eu a estas violências do pudor.

Vim aqui falar-vos de Trás-os-Montes, e não queria meter na conversa sombra de literatura. Gostava que as minhas palavras fossem como realidades físicas – as urgueiras floridas, os talefes brancos e os restolhos doirados a fazerem na oração de sujeito, de verbo e de complemento. Em vez de catadupas de som, cestos de uvas, sacos de castanhas, presuntos, facadas, procissões, feiras, e uma encosta de Montezinho ou de Barroso a servir de pano de fundo. Embora eu seja escritor, deformado, portanto, na maneira de ver e de exprimir as coisas, uma vez ao menos era-me grata uma confraternização directa, sentimental e íntima convosco. Percorrer, sem gramática e sem estilo, na companhia de cada um de vós, o caminho que leva à capela da padroeira de cada freguesia, e ser durante toda a festa um parceiro de antes quebrar que torcer, incapaz de arredar pé numa apertadinha, firme ao leme do varapau, até o adro ficar varrido e livre, e podermos regressar depois ufanos e sossegados, bêbados ainda, com a estampa da santa metida na fita do chapéu. Malhar com os que sabem malhar, à sua esquerda, porque sou esquerdino, comer com eles do mesmo prato sopas de mel ou peras cozidas, e receber no fim jorna igual. Misturar, numa palavra, o meu barro humano com o vosso, para que saísse dessa união a imagem verdadeira, ampla e significativa, dum berço que é

todo de simplicidades e lhanças, e que, ao primeiro sinal de retórica, deixa de embalar.

Sei que me vai ser difícil arredar a emoção que vem do motivo ao encontro da pena, e refrear a imaginação que se encandeia nos xistos incendiados. Mas hei-de conseguir vencer a tentação. É preciso que, de olhos enxutos e juízo assente, eu estenda o mapa concreto de Trás-os-Montes no soalho desta sala, e que cada um de nós, com os pés enterrados no húmus da sua aldeia, o povoe de naturalidade. Que os da Régua, na Régua, os de Vinhais, em Vinhais, os de Mirandela, em Mirandela, os de Carrazeda, em Carrazeda, e os de Vila Real, em Vila Real, formem a guarnição do pequeno mundo que os viu nascer, e mourejem nele a meu lado com o denodo de quem trabalha naquilo que é seu. Que alguns desçam da Terra Fria para a Ribeira à frente da roga, de harmónio ao peito se são fadistas, enquanto os vizinhos fazem contrabando na raia, ceifam nas lombas, saibram ou redram, consoante as forças e a criação. E que todos juntos, esquecidos da categoria social que nos desfigura, nos encontremos nivelados na condição de abelhas diligentes e solidárias do mesmo cortiço. Só assim esta noite poderá ter o sol, a neve e a arejada atmosfera que é necessária à evocação de verdades que não sabem viver doutro modo.

É o apelo a um regresso momentâneo que vos faço. Um convite ao esquecimento provisório desta bela cidade e deste grande e acolhedor país, para que unidos na vivência, mesmo fugaz, dos valores medulares que nos marearam, possamos levar a cabo, com êxito, a empresa rememoradora. O rosto da amada ficará mais completo se todos concorrermos com um pormenor. Passivamente a ouvir alguém, ninguém vê nada. A atenção fatiga-se depressa das tarefas onde a alma não colabora. Mas se formos acrescentando uma lembrança a cada sugestão recebida, se subirmos ao outeiro da memória e de lá recordarmos o fogo dos arraiais distantes, então tudo se tornará vivo e flagrante.

Não é uma descrição que eu tento; é uma comunhão que proponho. Nem mais: uma vessada gigantesca, cada um no seu posto a dar o que pode. Quem for de Vila Flor, apanha azeitona; do Romeu, descasca sobreiros; de Favaio, coze trigo; do Vimioso, escavaca pedreiras... Tal e qual! Ninguém diria que ainda há pouco éramos doutores, literatos, capitalistas ou modestos empregados do comércio! Parecemos agora figuras animadas num museu de etnografia. Calça de saragoça, camisa de tomentos, carapuça... Os pastores, por causa do frio e da chuva, têm de usar baioco; e os podadores do Doiro, croça e polainas. A faixa dos

carreiros escusava bem de ser tão comprida; mas, como andam de terra em terra, vá lá, desculpa-se a presunção. E pronto! A dobadoira roda que é uma maravilha. O novelo começa a crescer, a crescer, e temo-lo daqui a pouco do tamanho do coração.

– Mas esperem aí! De onde é o amigo? De Freixo?! Entre! Entre na roda, e colha amêndoas... Queria ficar de fora, o grande maroto! E nós, santinho? De Pinhãoocel?! Vamos! Aparelhe os machos e ferre-lhes com a carga em cima. Depressa! Pena não haver ninguém do Pocinho... Há?! Ó criatura de Deus, salte para dentro do rabelo e agarre-se à espadela! Mas cuidado! O cachão da Valeira é traçoeiro... Apegue-se a S. Salvador do Mundo!

Perfeito! Temos o nosso reino animado. Os rios com barcos e barqueiros, as serras com rebanhos e zagais, os lameiros com charruas e lavradores... E podemos olhá-lo orgulhosos! Nenhum outro mais belo, castiço e aberto, e tão capazmente servido pelos seus filhos. Terra viril e homens viris. Nem a sua beleza tem maneirismo, nem o seu casticismo é arcaico, nem a fundura dos seus horizontes significa perdição no vago, nem os sentimentos dos habitantes são mesquinhas fibrilações da alma. De Sabrosa ao Pinhão, do Tua a Bragança, da Régua a Chaves, de Freixo à Barca de Alva, ou de Boticas a Montalegre, é o que se vê: sempre o mesmo lençol de fragas e a mesma gente a nascer nele! À força cósmica dos relevos, à máscara vincada das penedias e à largura estimulante dos descampados, corresponde no humano uma fisionomia igual, recortada em granito, máscula, austera, contida, e ao mesmo tempo animada duma vitalidade fremente e generosa.

O destino quis que houvesse no topo da pequena leira lusíada uma costeira onde tudo tivesse carácter e dignidade. Que a vista disfrutasse dali perspectivas originais, que a enxada patenteasse na dureza dos torrões a dureza do aço, que o fole do peito se enchesse por inteiro a cada respiração, e que todos os seres nados e criados num tal ambiente estivessem à altura destas premissas. E Portugal encontrou em Trás-os-Montes o seu telhado, a lousa que lhe resguarda as virtudes, a saúde física e moral, a tenacidade mourejadora, a pureza dos costumes e a expressão mais nobre e acabada das feições interiores. Por feliz acaso geográfico e condição de sangue – altaneira posição de miradouro e consciência arraigada que ninguém demove –, é neste tapete mágico, simbolicamente estendido aos nossos pés, que está a mais severa e desassombrada parcela da pátria e a mais extremada expressão do seu povo. Apesar de dobrados como servos aos nossos afazeres, pacíficos

campónios que não cuidamos de mais nada, qual a razão da ciosa independência que nos corre nas veias e vem à tona à primeira beliscadura, senão essa certeza medular duma inalienável responsabilidade ética e telúrica? Mas larguemos a rabiça por uns instantes e atravesemos o mar. Qual a significação do nosso constante esforço gregário pelo mundo a cabo, um Centro Transmontano onde há dois transmontanos, senão esse mesmo sentimento profundo de que nos pesa sobre os ombros uma tarefa providencial de preservação e testemunho?

Obriga-nos a terra e o brio. Ela, com a sua evidência física, a sugerir uma grandeza correspondente; ele, a exigir uma incansável superação. Centradas na mesma carcaça transitória, duas linhas de força convergentes: a do meio e a da consciência. Ambas inexoráveis. Uma de fora e demiúrgica como a voluntariosa mão dum escultor. A outra de dentro, implacável na sua vigilância. Nas mais pequenas coisas essa pressão se exerce e verifica, e nenhuma prática, nenhum uso, nenhum gesto foge ao seu império. A capa de honras daquele mirandês que ali aparece não é um varino de festa: é o paramento dum sacerdote laico da dignidade. Uma dignidade zelosa e multiforme, que vai do comportamento exterior e público aos actos íntimos e quotidianos. A magnificência das virtudes que cobre é que lhe dá beleza e solenidade.

Do mesmo modo, a louça negra que nos vende este oleiro de Bisalhães não é, como parece, apenas barro amassado e cozido: é o lado nocturno da fome na sua expressão estoica e triste.

Nada, na nossa terra ou em nós, disfarça a voz imperativa de comando e o sentimento obcecado e grandioso de obediência. O Marão perpianha a casa; o morador enche-a de significação. Não é por acaso que se cria uma fama. A respeito do meio, como a respeito dos homens, há juízos definitivos que são cristalizações duma experiência milenária nunca desiludida. Ora o senso comum tem uma sabedoria segura do chão transmontano e da sua gente. Qualquer coisa de muito específico e manifesto deve existir na lura e nas crias para que, de maneira tão marcada, persista sem discussão essa pública homenagem valorativa. Impressionados pela catadura rugosa dos nossos montes, e vencidos pela constância do nosso comportamento moral, os portugueses doutras províncias rendem-se com nobreza à evidência. Eles sabem que há distinções a fazer no próprio burel da pátria, e que numa redada de filhos nem todos são iguais.

Mas nenhum de nós necessita desse reconhecimento alheio para ser o que é, ou tira dele qualquer tola vaidade. Com maior ou menor

clarificação mental, vamos puxando o rabelo à sirga, picando a junta de bois ou abrindo a valeira na teimosa persistência habitual, e a espontânea admiração dos outros é apenas um estímulo para prosseguir. Todos sabemos que dar ouvidos presunçosos a qualquer aplauso é logo desmerecê-lo. É negar uma perfeição interior que só em si mesma deve ter a justificação. Perfeição que no Transmontano se manifesta desde a maneira de estender uma tigela de caldo a um pobre à largueza de abraçar um amigo, e se prolonga em concretas obras-primas de sabor, de graça, de habilidade e de finura. Uma ciência infusa de preparar o fumeiro, de tender folares, de tecer linho ou prever trovoadas, implica uma decantação dos sentidos que nada fica a dever à melhor purificação da alma.

E seria trair essa grandeza discreta deixá-la à mercê das brisas da fama. Não. Que as palavras de fora nos não perturbem de maneira nenhuma, agora e nunca! O primeiro que parar a ouvi-las, fique petrificado como a mulher de Lot, mesmo que seja pauliteiro de Miranda, ágil como um saltarico. A missão dele não é exhibir-se nos palcos do mundo a colher ovações. É conservar uma vocação de perenidade interior, sem alardes que aniquilem o seu ímpeto sagrado. Dançar, sim, mas diante dos deuses, pagãos ou cristãos. Dançar nas vindimas, nos magustos e nas festas, histrionicamente, mas numa lúdica e religiosa entrega ao espírito criador de todas as coisas. Austeros e modestos, temos de levar a cabo a nossa tarefa o mais diligentemente possível, sem desviar a atenção, um minuto que seja, da sua finalidade essencial. Foi-nos dada apenas uma vida para a cumprir, e uma existência não é muito mais do que o tempo dessa evocação... Temos de semear as lombas, de erguer socalcos, de ceifar os trigos, de preservar as falas, de manter os usos, de aprender o rifoneiro, de fazer parte do conselho do povo. Trabalhar, prolongar e vivificar uma tradição. Regar a terra a suor, e manter na redoma da lembrança, viva, como relíquia eternamente a sangrar, a lição do passado.

É nesse dualismo permanente, o corpo a temperar a fibra nos penedos e a alma a banhar-se nessa luz ancestral, que é possível erguer-se e conservar-se o sólido edifício da nossa realidade colectiva. Há toda uma epopeia esparsa, escrita a enxadão, na terra transmontana, e toda uma filosofia condensada num provérbio. Mais do que nas escolas, é no labor quotidiano e no património herdado que nós aprendemos. Decora-se a tabuada a multiplicar dias de trabalho, e vão-se buscar luzes aos dizeres antigos. Nada melhor para aprender contas do que

arrancar as parcelas do próprio lombo; e nada que dê mais segurança do que enxertar as experiências novas na sabedoria velha. *Quem tripas comeu e com viúva casou, sempre se há-de lembrar do que por lá andou.* Haverá vazamento mais perfeito, mais cru e mais subtil, da insanável melancolia que se apodera do homem sempre que não colhe no corpo da amada o fruto da virgindade? Que Freud das psicanálises desceu mais fundo? Mas espalha-se na aldeia que uma beata rica deixou tudo ao seminário. E quando o abade julga que toda a paróquia ficou edificada e o exemplo vai frutificar, um pacato cristão sai-se com esta: *Como os santos o tenham e os padres lho sintam, tanto lhe cantam até que lho limпам.*

Foram precisas muitas gerações, muitos séculos de logro e de desilusão, para chegar a sínteses tão perfeitas e penetrantes. A densidade do conteúdo, finura de observação, perspicácia psicológica, originalidade metafórica, sarcasmo impiedoso e complacente ironia destes dois adágios, escolhidos entre mil, é uma verdadeira cultura tornada riqueza comum. É uma inteligência global de formigueiro, que numa lentidão prudente mas progressiva atingiu os mais altos cumes da observação e da formulação. Pecúlio de todos e amontoado por todos, mas que cristaliza com brilho particular em alguns mais ágeis de imaginação, e os torna perfeitos livros abertos, autênticas enciclopédias campestres. Saragoçanos orais que, na pele dum anónimo almocreve ou dum moleiro enfarinhado, encham a lonjura dum caminho da mais espantosa sabedoria. Que colecção de novelas, que sátiras, que poemas – tudo ligado pelos fios invisíveis duma lógica instintiva, ao pé da qual fazem triste figura os silogismos dos manuais!

A grandeza e a significação das coisas resulta do grau de transcendência que encerram. Só essa qualidade impalpável, luminosa, halo do aparente que as materializa, lhes dá perenidade. Não é só por ser doce, quente e generoso que o vinho do Roncão nos embriaga. É também por todo um feitiço que dele se evola, e é saibro, suor, sol e sofrimento, já tornados sublimação no seu corpo líquido. Um marco miliário de Babe são dois metros de granito arredondado; mas passaram ao pé legiões invasoras e civilizadoras, e deixaram gravadas nele as distâncias do caminho andado. E uma crónica das eras ficou ali, a nimbar de espiritualidade a pedra bruta. No gosto apurado duma alheira de Chaves, onde já não é possível alterar num miligrama sequer a dose dos condimentos, ou no modo de erguer uma videira com a máxima economia de gestos, há uma verdade que ultrapassa a rotina de comer e trabalhar.

Há um salto para além da barreira de instintiva preservação fisiológica, que é já libertação e permanência no intemporal.

Por serem trivialidades quotidianas tais virtudes, ninguém repara nelas. E são esses tesouros inestimáveis que justificam o homem na terra. Ora a tulha transmontana está cheia de riquezas assim. De imponderáveis, carregados de significação. Fragas que parecem fragas, e são altares, como Panóias; gemidos que parecem uivos, e são rezas, como a encomendação das almas; monstros que parecem monstros, e são deuses, como a Porca de Murça e os berrões de Cabanas de Moncorvo. Mete-se nela a mão, e arrancam-se de dentro prodígios inesperados. Costumes patriarcais, dum submisso e respeitoso culto pelo senhor Pai e pela senhora Mãe; leis invioláveis, como o direito de todos à fruição dos baldios e ao respigo das vinhas e dos soutos; práticas enraizadas, como a Serragem da Velha e a Queima do Judas, maneiras cruciantes de assinalar a aproximação da morte e castigar a traição.

Vistas pela cegueira da pressa turística e da ignorância engomada, podem parecer velharias caturras, móveis anacrónicos no sótão poeirento duma casa. Mas não. Encarnam forças mais duradoiras do que a razão leviana que as invalida. São conquistas humanas definitivas, tornadas mitos, símbolos, rituais. Realidades já coroadas de sobrenatural, vida que se não desprende da cepa mas floriu no céu azul da transfiguração. E assim cada cruzeiro é um calvário de agonias, cada rusga uma iniciação propiciatória, cada mortório do Doiro um Olimpo abandonado. Nas paredes dismanteladas dum castelo resiste, intracta, invencível, a lenda duma moira encantada; no topónimo dum lugarejo paira, secreto, um romance de amor; no tímpano da matriz de cada freguesia prolonga-se, imortal, o génio anónimo dum imaginário.

Trás-os-Montes é isso: a severa fisionomia dum côvado de argila, animada dum passado que se renova e persiste através de gerações sucessivas. Ninho alto e agreste que transmite a elevação e a aspereza à casca e ao sabugo de quem ali nasce.

Percorra-se o planeta. Onde estiver um transmontano está qualquer coisa de específico, de irredutível. E porquê? Porque, mesmo transplantado, ele ressuma a seiva de onde brotou. Corre-lhe nas veias a força que recebeu dos penhascos, hemoglobina que nunca se descora. É uma marca indelével que a terra põe nos naturais, carisma purificador que os obriga como um juramento.

Não há, que se veja, maciço tão indivisível, bloco tão coeso como a grande família a que pertencemos. As diferenças que se notam nou-

tros núcleos populacionais não existem nela. A floresta é duma espécie só: robles do mesmo porte, rijos, bravios, irmanados nas Primaveras e nos Invernos da vida. O celta de Montalegre, o raiano de Bragança, o serrano da Terra Fria e o cavador da Ribeira são seixos da mesma levada, castanhas do mesmo ouriço. Todos sentem no instinto o mesmo impulso inexorável de afirmação, a premente necessidade de polarizar uma grandeza que é uma espécie de legítima sacrossanta. A ufanía, sempre visível num homem do Marão, vem-lhe dessa aura que lhe deu a nascerça, desse resplendor atávico. Porque teve o condão de ver a luz numa terra eleita, acompanhá-lo-á sempre a consciência disso. E mesmo quando falha, se degrada e atraiçoa os mandamentos terrunhos, é ainda com a boca cheia da sua nobreza de origem que se justifica. É com o nome de transmontano que cobre a vergonha, porque sabe que o manto de estaménha tem virtudes nobilitantes.

Num plano de valores ideais, padecemos dos vícios e dos defeitos de toda a gente. Mas salva-nos o cilício que trazemos agarrado à carne, o estalão ético que nos acompanha como a própria sombra, e que nos faz olhar as imperfeições próprias e alheias com a severidade de juízes implacáveis. O sentido das mazelas do corpo e da alma é em nós quase que uma obsessão. Cruelmente, sem dó nem piedade, levamos dia a dia ao pelourinho os aleijões físicos e morais de cada um. E é um rol infundável de alcunhas por toda a província, sentenças sem qualquer apelo. As deformidades de dentro e de fora recebem o mesmo castigo do cautério inexorável. *Pé-Tolo* é o sujeito que teve uma paralisia infantil; *Sobe-e-Desce*, o desgraçado manco que anda no chão como um barco nas ondas; *Pernas de Centeio*, o escanifrado com túbias de gafanhoto. Mas há também o *Mija-Lérias*, o *Florista* e o *Padre-Nossos*, que são estigmas de misérias mais profundas e doutra natureza: paleio vão, trato social postiço, falsa religiosidade. A espontânea e piedosa compaixão que tais infelicidades despertam não evita o ferrete judicativo. Olhamos os abismos de frente. Magro, o seio que nos alimentou é uma branca lição de realismo. Por isso, mesmo com lágrimas nos olhos, superem-se as limitações, ultrapasse-se a própria dor. A criatura é uma fome que nem todo o pão do mundo satisfaria. Busque-se, pois, outro alimento. Faça-se na deseroização do transitório a exaltação do definitivo. A mãe não manda ser um Narciso de virtudes secretas ou de falências toleradas. Ordena vitórias na colaboração, façanhas no meio da praça, no coração das feiras, na sala das assembleias, no cerne dos continentes, nas profundas dos infernos. E cheguem onde chegarem, os filhos cumprem



religiosamente este mandato solene que exige o todo pelo todo, a abnegação mais desmedida e a mais teimosa irredutibilidade. Por toda a parte, nas grandes empresas do ideal está o transmontano, ou à cabeça do rol ou no cortejo discreto mas actuante dos comparsas. É um quixotismo social irreprimível, um zelo pátrio vigilante, um impulso perpétuo para as obras de humanitarismo. Um apostolado que irrompe dum ímpeto pessoal que se expande, misto de fatalidade, orgulho e dever.

Fiel às suas remotas regalias municipais, conquistadas a ferro e fogo, o Transmontano mantém erguida não só a Domus de Bragança, símbolo palpável dessa liberdade de que não abdica, mas também o sentimento agudo duma colaboração fraterna com o semelhante, que aprendeu no comunitarismo do pastoreio, das fainas agrícolas, da transumância das rogas, no desenrolar de toda a vida quotidiana da sua aldeia. Que significa esta casa, e que significamos todos nós aqui, senão a irresistível entrega ao imperativo sagrado de preservação da personalidade, na dádiva constante do melhor que ela tem? A continuidade, numa sementeira cada vez mais larga destas características rudes e ao mesmo tempo sociáveis, violentas e ao mesmo tempo prestadias, é certamente o nosso último destino. Uma vocação de devotamento à causa humana, em nome dum reino de pedras.

O universal é o local sem paredes. É o autêntico que pode ser visto de todos os lados, e em todos os lados está certo, como a verdade. Ora Trás-os-Montes é essa realidade sem muros, esse torrão aberto aos olhos do mundo, cioso de lhe pertencer e de o servir. Palmos de chão de uma pátria e húmus omnipresente. Predestinação tão natural e viva, que não só os seus filhos, mas até um dos frutos dos seus gelos, o vinho fino que o Porto apadrinhou, é o mais ecuménico dos mimos lusitanos. Também ele, sumo específico daquele lagar de obstinação, aquece depois a alma indiscriminada de quantos o bebem, repartido como um sorriso dos deuses pelos cinco continentes.

Vou enrolar, porque já cada um de nós cumpriu a sua tarefa, o tapete de terra que figuradamente pisámos durante estes minutos de libertação. Vamos regressar ao desterro, à saudade. Mas, antes, quero perguntar: Qual de nós não tem ainda agarrados aos pés os socos com que abalou das verças? Quem é capaz de jurar aí que, ao cabo de vinte ou cinquenta anos de ausência do seu lugarejo, a lembrança dum salpicão lhe não perturba o gosto tropical da carne seca? Levante-se o primeiro que depois de ter feito uma tratantice lhe não caiu a cara de vergonha ao ver-se ao espelho do seu xisto natal!

Homens curtidos pela cultura, pelo trabalho ou pela desgraça, e semeados através do globo pelos azares da sorte, continuamos intactos nos mais adversos meios e circunstâncias. É que dentro de nós mora uma força centrípeta, de gravidade interior. O navio pode balouçar-se à tona das ondas revoltas; mas há uma âncora que o segura ao fundo invisível do mar.

Estamos todos possuídos, endemoninhados! Não há exorcismo que nos arranque desta obstinação fanática: Trás-os-Montes. É o nosso viático, a razão íntima da nossa existência. Dêem-nos tudo, tirem-nos tudo – tanto faz. O tesouro que possuímos é outro, e é intangível. Lá, naquela rudeza sem conforto, é que sentimos a cama macia, a alma aconchegada! De lá, daqueles agressivos penhascos, é que nos vem ternura e calor! Rico ou pobre, tosco ou civilizado, cosmopolita ou não, o Transmontano sabe que apenas uma oportunidade lhe foi dada na vida: ser transmontano. Pode cobrir-se de todos os disfarces, tentar desfigurar-se com as tatuagens mais bizarras. No cerne, no cerne, a verdade dele é só uma: ser um caibro do tecto de Portugal.

# Língua Mirandesa



## **I. LITERATURA DE TRADIÇÃO ORAL POPULAR**

## CARDAI CARDICAS CARDAI

Cardai, cardicas cardai,  
La lhana pa los cobertores;  
Que las pulgas stan prenhadas,  
Ban a parir cardadores.

No lhugar de Dues Eigreijas  
Hai ùa pedra redonda,  
Onde se séntan los moços  
Quando bénen de la ronda.

No lhugar de Dues Eigreijas  
Hai ùa pedra burmeilha,  
Onde se séntan los moços  
A peináren la guedeilha.

## RÓ-RÓ (CANTIGA DE ARROLHAR)

Cul ró-ró  
Se drume l nino,  
Cul ró-ró  
Se bai drumindo.

Ó ró-ró!  
Ó ró-ró!  
Ó ró-ró  
Q'agora nó!

Cabeça de burro,  
bocé nun m'antende?  
L pai de l nino  
Na cama se stende.

Ó ró-ró!  
Ó ró-ró!  
Ó ró-ró  
Q'agora nó!

Bocé nun m'antende?  
Cabeça de burro,  
L pai de l nino,  
Ouserba tudo...

Ó ró-ró!  
Ó ró-ró!  
Ó ró-ró  
Q'agora nó!

Se tu quieres i you quiero,  
todo se ha de arranjar.  
Sou mulhier subreciente  
Pa la casa gobernar.

Ó ró-ró!  
Ó ró-ró!

Ó ró-ró  
Q'agora nó!

You manhana,  
Bou pa l molino,  
se me quieres algo,  
Sal-me al camino

Ó ró-ró!  
Ó ró-ró!  
Ó ró-ró  
Q'agora nó!

Anda daí, ben-te cumigo,  
Garra la tue capa i bamos  
L camino ye de todos,  
La capa ye de nós ambos.

Ó ró-ró!  
Ó ró-ró!  
Ó ró-ró  
Q'agora nó!

Canta l galho, ye de die,  
Reloijo de ls namorados!  
Acorda tu miu amor,  
nun mos áchen descuidados.



## LA LHOBA PARDA

Indo you la sierra arriba Repicando no caldeiro,	delante de mie piara, remendendo mie çamarra,
Bi assomar ãa lhoba Me lhebou ãa cordeira,	eilha mais lhieba que parda, la melhor de la piara,
Filha dũa oubeilha branca, Filha de l melhor maron	nieta dũa oubeilha negra, que se passeia na sierra.
Arriba siete cachorros, Se m'agarrardes la lhoba, I se nun me la agarrais,	abaixo perra Gudiana! la cena la teneis ganha, cula caiata lhebais.
Andubírun siete lhéguas, Al fin de las siete lhéguas, Yá lo cachorro mais nuobo,	todas siete por arada, yá la lhoba iba cansada. yá l'agarra pula oureilha.
Toma cachorro la cordeira, Nun te quiero la cordeira, Só te quiero la çamarra,	lhieba-la pa la piara. que la trais toda pelada, para fazer ãa albarda.
L rabo para correias, De la cabeça un cerron Las tripas para biuolas,	para atacarmos las bragas, para meter las cucharas, para beiláren las damas.
Por Dios te pido pastor, Que chames tous siete perros, Direi als mius cumpanheiros, Nun los ten l Rei de Spanha!	por Dios i pula tue alma, yá me bou pa las muntanhas. siete perros cumo ls tous

## PARA RUNDAR DE NUIITE

Para rundar de nuite  
Nun quiero lhuna,  
Quiero cielo strelhado,  
La nuite scura.

Para rundar de nuite,  
La meia negra,  
Que la branca relumbra  
De lheuga i meia.

A rundar cabalheiro  
Que ben l die,  
Cada qual cun sue dama  
I tu cun la mie.

## LA YERBA (LHAÇO)

Se tu quieres que te segue  
La tue yerba,  
Trai-me la gadanha,  
Cula tue piedra  
Pa l'amolar;  
Trai-me l carro  
Pa la cargar,  
Que segada stá.

## L SAIO (LHAÇO)

Esse tou saio, Miguel,  
Quien te l romendou tan bien?  
Me l romendou la mie tie,  
Cun cacho d'alforja i bien.  
Até el nun se t'arreganhar,  
Nun te lo torno a romendar.

## MIRANDUN (LHAÇO)

Mirandun se fui a la guerra  
Mirandun se fui a la guerra  
Mirandun, Mirandun, Mirandela  
Nun sei quando benerá.

Se benerá pula Páscoa  
Se benerá pula Páscoa  
Mirandun, Mirandun, Mirandela  
Se pula Trenidade.

La Trenidade se passa  
La Trenidade se passa  
Mirandun, Mirandun, Mirandela  
Mirandun nun ben yá.

Chubírun-se a ña torre  
Chubírun-se a ña torre  
Mirandun, Mirandun, Mirandela  
Para ber se lo abistában.

Bírun benir un paije  
Bírun benir un paije  
Mirandun, Mirandun, Mirandela  
Que nobidades trairá?

– Las nobidades que traigo  
Las nobidades que traigo  
Mirandun, Mirandun, Mirandela  
Bos han-de fazer chorar.

Tirai las quelores de gala  
Tirai las quelores de gala  
Mirandun, Mirandun, Mirandela  
Ponei bestidos de lhuito.

Que Mirandun yá ye muerto  
Que Mirandun yá ye muerto

Mirandun, Mirandun, Mirandela  
You bien lo bi anterrar.

Antre quatro oufeciales  
Antre quatro oufeciales  
Mirandun, Mirandun, Mirandela  
Que lo íban a llebar.

## AI DE MI

Ai de mi, que stou prenhada,  
La barriga bai crescendo:  
Se lo digo, mataran-me,  
Se me calho, se bai bendo!

## LA CASA DE L CURA

La casa de l cura  
Ten solo ña cama:  
Se na cama drume l cura,  
Donde conhos drume l'ama?!



## COQUELHADA MARRALHEIRA

Coquelhada marralheira  
Nun t'amarres ne ls adiles  
Porque bénen los pastores  
I te scáchan ls quadriles.

## DIÁLOGO DE PASTORES NAMORADOS

- Las chocalhas rúgen rúgen,  
Los carneiros yá alhá ban;
- An chegando a Ourrieta Cuba,  
Anda que eilhes bolberan.

## MIRA-ME MIGUEL

Mira-me Miguel  
Cum o stou de bonitica  
Saia de burel  
Camisica de stopica.

Tengo três meninos  
Nun tengo que le dar  
Pongo-me a cantar  
I a ansiná-los a beilar.

– Beila, Pedro, beila  
– Senhora quiero pan  
– Beila mais um pouco  
Que lhougo te l daran.

Bi benir la gaita  
I l gaiteiro non  
Ai que pena tengo  
Ne l miu coraçõ.

Bamos a la cama  
Bamos a drumir:  
– You lhiebo la manta  
– I you lhiebo l candil.

## L BURRO I NUOSSO SENHOR

**E**ra ãa beç Nuosso Senhor que habie criado l mundo i to ls animales: las cabras, las canhonas, las bacas, ls cavalhos, ls cochinos, ls perros, ls gatos, ls lhiones, ls tigres, ls alifantes, ls ratos, las lhiebres, ls coneilhos – buono, todos, todos...

Bai adespuis de ls haber criado, fizo-os passar a todos por an pie del i iba-le ponendo a cada un sou nome:

– Tu sós baca, tu sós bui, tu sós canhona, tu sós maron, tu sós cordeirico – dixo pa l rapazico de la canhona – tu sós lhion, tu sós cavalho, tu sós jumento, dixo pa l burro, i tu sós gato, i tu coneilho i tu cabra i tu chibo, i fui assi ponendo a todos l sou nome, até que s’acabórun.

Bai anton l jumento squeciu-se-le l sou nome. Inda ls outros animales nun habien acabado de recibir ls sous nomes i yá l jumento staba a apertar culs outros para que l deixássen achegar-se a Nuosso Senhor para saber cumo se chamaba.

Quando anton s’achega a Nuosso Senhor, cun cara de asno a perguntá-le:

– Oh meu debino Mestre, eu cumo me chamo que já se me esqueceu?

Bai Nuosso Senhor anton puxou-le pulas oureilhas, até que quedou culas oureilhas grandes i dixo-le assi:

– Tu és burro, que já não te lembrás do teu nome!

I apuis l burro quedou-se a chamar burro i siempre culas oureilhas grandes.

## LA BURRA I L DIABRO

Ūa beç ùa burra tubo un burrico. Apuis, deilhi a tr3s dies que naci, iba yá cun sue mai pa l cerrado. Apuis, andaba a saltos i a brincos no cerrado, pulhí. Apuis, passou eilhi l diabro i biu l burrico a dar saltos i brincos tan altos cumo la burra sue mai. I diç l diabro alhá para cun el todo admirado:

– Ai!, aquel burrico inda naci hai tr3s dies i yá salta tanto! Quando chigar a tener binte anhos, aposque dá saltos tan altos cumo l campanairo!? Bou-me a lhebá-lo para casa.

Apuis l diabro lhibou l burrico pa sue casa i dou-le muito a quemer i tratou-lo mui bien. Siempre mui bien. Quando chigou als binte anhos, yá l burro era bielho. Botou-lo fuora de l palheiro i l burro quaije nun se mexie. Pus yá era bielho! I diç anton l diabro pa l burro:

– Ora tu si que m'amoleste!

Ye la purmeira beç que l diabro, que se cuida tan spierto, se deixa anganhar dun burro.

## L DIABRO I LA BÓBEDA

Ūa beç l diabro, bestido de probe, fui-s'a pedir smola an cá dun rico. Batiu a la puorta i ben la criada i dixo-le al probe q'antrasse. Era no berano i fazie muita calor. Preguntou-le al probe se querie caldo i el dixo que si. Trouxo-le anton ũa palanganada de caldo de bóbeda, mas staba mui caliente i l diabro, a la purmeira colharada que metiu a la boca, scaldou-se i dou un berro. Bieno, anton, la criada abaixo i preguntou-le quei tenie. I l diabro arrespundiu:

– Oh minha senhora, o caldo stá muito quente.

– Oh! isso não é do caldo, é da bóbeda! O caldo de bóbeda queima sempre, arrespundiu la criada.

– Então dá-me uma pró imberno, que eu tenho pouca roupa, e é pra me aquecer! arrespundiu l diabro.

Bai, anton, la criada dá-le ũa bóbeda al probe.

Alhá se bai l diabro todo cuntento, cun sue bóbeda pa l eimbierno. Guardou-la mui guardada, antre ũas silbas, porque l diabro nin ten casa. Quando bieno anton l eimbierno, ampeça-te un die a fazer friu i a gilar cun toda la fuorça i apuis atrás de la gilada bieno ũa nebada mui grande, mui grande – de siete quartas. Lhembrou-se l diabro, anton, de la bóbeda que tenie guardada antre las silbas, alhá pa Peinhas Negras i fui-se alhá, cheno de friu a meter ls pies na bóbeda. Cunsante metiu ls pies na bóbeda, pa ls calcer, dou un berro i diç assi:

– Ora esta! Cuidaba you q'era tan spuerto i deixei-m'anganhar dũa bóbeda!

I acabou-se.

**II. 1.º PERÍODO DE LITERATURA MIRANDESA  
(1884-1999)**





---

## José Leite de Vasconcelos

(1858-1941)

---

### LA LHÉNGUA MIRANDESA

Quien dirie q'antre ls matos eiriçados,  
Las ourrietas i ls rius desta tierra,  
Bibie, cumo l chougarço de la sierra,  
Ûa lhéngua de sons tan bariados?

Mostre-se i fale-se essa lhéngua, filha  
Dun pobo que ten neilha l choro i l canto!  
Nada por cierto mos cautiba tanto  
Cumo la forma an que l'eideia brilha.

Zgraciado daquel, q'abandonando  
La pátria an que naciú, la casa i l huorto,  
Tamien se squece de la fala! Quando  
L furdes a ber, talbeç que steia muerto!



---

## Manuol Sardina

(1841-1911)

---

*CARTA para José Leite de Vasconcelos (parte, outubro de 1884)*

“... You mesmo, que sei bien este dialeto, solo agora, grácias al buoso bun eisemplo, i tamien al bun gusto que m’apegustes, ampeço a çcubrir filones d’ouro nesta antressantíssema lhéngua, que se ten cunserbado stacionária, cumo las gentes senzielhas que la fálan, Dius sabe quantos seclos habrá yá. I todo esto debemos nosoutros, los anfelizes mirandeses, a los gobiernos paternales de l rei nuosso sinhor, que siempre nos há çpreziado i a los sábios nun menos paternales de las nuossas academias, que nin sequiera sáben de la eisisténzia de tal mina, esto ye, de tal lhéngua. Bergonha aterna a todos eilhes!...”

*CARTA para José Leite de Vasconcelos (31/03/1885)*

**M**iu stimable amigo:  
Sculho de perferência ãa ortografie apertuesada, declarando eiqui que la letra *v* sona siempre cumo l *b*, tal i qual cumo na lhéngua castilhana.

L mirandés, amigo, ten los adbérbios *tanto, quanto i tan*, ye berdade; reparai bien nun ten l correlatibo *quan*, donde se bei, que este antressante «dialeto» nin debe senó çprézio a los homes de la sabedorie naturales destes sítios, que anque lo sában cumo you, se guárdan bien de lo falar, falando-lo solo l pobo einorante, alhá eilhes uns cun outros, pus quando ténen que falar a outra gente que nun ye mirandesa i que *fala grabe*, isto ye, l pertués, antonces fala tamien an pertués. Donde se bei que l Dialeto mirandés ye ãa lhéngua cumo que de cuntrabando; lhéngua que naide quier falar delante de los outros que nun la sáben falar, cumo se l falar an mirandés fura ãa acion mala. Porquei todo esto? Porque los pertueses, que nun fálan este dialeto, quando lo óuben falar, fáien siempre la zomba a los probes mirandeses, gente buona i de bergonha, cumo hai pouca. Ajuntai a esto, que los nuossos lhiteratos anté bós i más dous ou três porsores de l curso Superior de Letras, nin al menos chegórun a saber que tal Dialeto eisistie.

De todo esto ha resultado «fatalmente» stacionamento, que bós, l melhor amigo de los mirandeses, tanto lhastimais.

Mirai: assinaiei l adbérbio fatalmente, para que béiades que inda naide le dou fuoro de cidade na lhéngua mirandesa i notai tamien que nun ten l adjetibo gentil, quemum a todas ou a quaije todas las lhéguas neolhatinas, nin l berbo partir sinónimo de marchar ou salir dun punto para outro nin outras muitas palabras debie tener!

Tan çpreziados cumo stá esta anfeliz lhéngua, solo las tradicionales capas d'honras, gorras i calções de los mirandeses. Honra puis a los spanholes, que siempre han tenido la maior beneracion por los bários «questumes» de sues porbíncias i comarcas!

L pensar nesto, bun amigo, fai-me mal, muito mal; por esso bos digo adius, até... nin you sei quando.

San Martino d'Angueira, 31 de márcio de 1885.

Manuol Sardina.

---

## Bernardo Fernandes Monteiro

(1828-1906)

---

*CARTA para José Leite de Vasconcelos (18/7/1894)*

**I**lm.º Snr.  
De la mie maior cunsidracion i afeto

Tengo presente la carta de Buossa Scelência de 12 de l mês corrien-  
te, i que me dou grande gusto an recebi-la.

Acradito lo que Buossa Scelência me diç subre l grande delor d'alma  
que sufriu pula falta de sue stremosa i slentíssima mai.

You tamien quedei mui antrestecido quando recebi tan zagrada-  
ble notícia.

Nun me squecerá las finezas que tan eilustre Senhora i mai de Buos-  
sa Scelência fizo l fabor de me çpensar quando stube ende.

Ye mais ãa santa que Dius chamou pra junto del, a la mansion de  
los justos.

Nas mies debociones nun será squecida cula ouracion domenic-  
al, pra cun Dius!

Debuolbo-le l papel culos três cantos de los Lusíadas que passei pra  
outro papel, que tamien bai junto; i tanto nun cumo ne l outro ban las  
reparaciones feitas cunforme la recomendacion de Buossa Scelência i  
assi berá se quédan al sou gusto.

Nun tengo recebido l Dicionairo que Buossa Scelência diç que me  
mandou ne correio de l die 12.

Cumo Buossa Scelência diç que ben a esta cidade, honra-me muito  
aceitando l miu fraco quartel, que le oufreço cun la maior sastifacion.

Mando-le la çpedida d'Alberto a Malgarida, que traduzi an mirandés.

Tamien bai la certidon dun Cerujano.

Deseio-le muita salude i sou cula mais eilebada considracion i mui-  
ta stima.

De Buossa Scelência Criado I Amigo muito agardecido

Porto 18 /7/94

R. Mousinho de la Silveira, 85-3º

Bernardo Fernandes Monteiro

**E**x.mº Am.º Snr.

Tengo presente la carta que me mandestes cun la fecha de 3 de márcio corrente que stimei muito i tengo na debida considraçion.

Debuolbo-le la lista de las perguntas an pertués, cun las repuostas an mirandés cunforme millhor se m'antendiu.

Bai junta outra lista que me parece que stá eigual a la prumeira, mas acrecentei-le alguns bocábulos.

Ye cierto tener-me mandado un bocabulário sónico mas por el nada se puode fazer i mesmo ye grande traballo screbir nel las palabras an mirandés i por isso pido al miu caro i buono amigo que me çculpe.

Tengo stado mui doliente i de cama desde l die 11 de febreiro último. Inda nun sali de casa desde l referido die.

Stou melhor i bai pra uito dies que me lhebanto. Stou quaje restablecido.

Desponga siempre de l fraco préstimo deste que ten l ounor de ser

De V. Ex.<sup>a</sup> At. V.º Am.º i Creado

Rua de l Calbario, 60-2º

Porto, 24/3/98

Bernardo Fernandes Monteiro

**E**<sub>x.mº</sub> Snr.

Miu Caro Amigo

Recebi l lhibro que me mandestes de la lhéngua mirandesa.

Agradeço de l coraçon la lhembrança que tubistes cun la mie hou-  
milde pessonã.

Bou lendo l lhibro a los raticos, mesmo porque tengo andado bas-  
tante doliente, i l ler amenudo anfraquece muito l sprito.

Gusto de la descriçion de la jornada que fazistes quando deiqui  
fustes pra Dues Eigreijas, na cumpanhie de l bousso amigo Branco de  
Castro, passando por montes i balhes i por caminos cun arressaios por  
tierras lhadeirentas a cabalho ne burrico.

Nunca bos squecereis de la bejita que fazistes a las terras miran-  
desas.

Bejitas de la mie Marie i de las rapazas.

Desponei de l fraco préstimo de l que ye de V. Ex.<sup>a</sup> afeiçonado amigo  
Porto 22-4-1900

R. del Calbário, 60

Bernardo Fernandes Monteiro

**N**a carta que debuolbo ban a tinta burmeilha repetidas las palabras que na mesma apunta.

Consultando l miu oubido assi lo fiz, por antender que assi se debe screbir an lhéngua mirandesa.

Cumo buossa. Ex.<sup>a</sup> sabe, nes lhugares de Miranda hai defréncia ne falar i cada un fala cumo melhor le sona al oubido, mas la regra geral ye la que se sigue i me cunforma cula oupenion de Buossa Ex.<sup>a</sup>.

Deseio-le muita salude i sou cula maior considracion

De B. Ex.<sup>a</sup> Creado i am<sup>o</sup> reconhecido

Porto – Pr. Mouzi.<sup>o</sup> da Silveira, 85-3

Bernardo Fernandes Monteiro



---

## Francisco Garrido Brandão

(fin seculo XIX-ampeços seculo XX)

---

### STURIANO I MARCOLFA

Ah! cumpadre Sturiano!  
Tenemos tubido fertuna:  
Yá tanto tiempo que mos queremos,  
I nun mos há bido gente niña.

Mas agora si, çcunfian,  
Porque l miu tiu yá lo sabe:  
Oulhai se bos guardais del,  
Nun armeis algũa, cumpadre!

Nós podemo-nos querer bien,  
I pregá-la bien pregada:  
Aguardamos mais uns dies,  
Até que s'ampece l'arada.

El apuis bai por alhá,  
Anda todo l die a arar,  
I nós quedamos an casa:  
Siempre la stamos a pregar.

Oulhai, cumpadre Sturiano,  
Quando lo béiades salir,  
Oulhai se lo teneis bien d'uollo,  
A ber pra donde quier ir.

You yá nun fago couso  
de l que la giente diga:  
You só quiero a miu cumpadre,  
Ai cumpadre de la mie bida!



---

# Francisco Meirinhos

(1823-1900?)

---

## MIRANDA ANTIGA I MODERNA

Al começar esta stória  
alço los uolhos a Dios  
pedindo mezericórdia  
para mi i pa los mius.

Esta lhéngua mirandesa  
mui probe an bocabulários  
nun ten ningunos preceitos  
nin regras an dicionários.

You bou screbindo al tuntun  
sin screbir cousa ningũa  
nun sei preceitos nin regras  
solo al correr de la pruma;

Por isso l leitor deserto  
nun ten que se admirar  
los erros que you cometa  
no que bou a começar.

A los sábios scritores  
D'alto saber i prudência  
Para falar de Miranda  
Houmilde pido licença.

You nun tengo aqueilha musa  
Que spira a los scritores  
Las palabras adequadas,  
De criticas i loubores.

You q'rie falar de Miranda  
I de la sue antiguidade  
De l riu onde stá formada  
Cun toda seguridade.

Pequeinha si, mas baliente,  
Todos sáben que lo yera,  
Antes de los castilhanos  
La derribáren por tierra.

Guarnecida de muralhas  
De treze palmos de anchura  
Toda fabricada a pico  
De la cantaria dura.

L gigantesco Castielho,  
Causaba admiracion,  
Abistaba binte lhéguas  
De la bezina nacion.

[...]

Culas buoltas de los tiempos  
Houbo eilhi muita mudância  
Cónigos, Bispo, i Cabido  
Todo fui para Bergância.

Tamien cunserba ãa casa  
Con segurância strema  
Aonde los malfeitores  
Ban pagar la cundena.

Ten quartel para soldados  
Tubo cumbento de frades,  
Ten spital que atende  
A muitas necessidades.

Pul naciente ten l Douro  
Que debide eilhi la Spanha  
I pul poniente l riu Fresno  
Que poucas augas apanha.

[...]

Esta tierra de Miranda  
no ramo de criacion  
ye la que lhieba la banda  
an toda esta nacion.

La gente ye mui homilde  
a qualquiera melhor eidade  
cad'un governa sue casa  
cumo puode i cumo sabe.

Los bienes ten repartidos  
por todos los lhabradores  
uns ténen los más ruins  
outros ténen los melhores.

Cada un pa l sou governo  
Cuolhe pan i castanhuolas  
Se uns ándan á tiu, tiu,  
Correndo las puortas todas.



---

# António Luís Fernandes

(Seclo XX)

---

## LS FILADEIROS

«De l lhino i lhana, ouro mana»,  
Dezimos los mirandeses  
Cunforme las manos por onde anda  
I los gustos de los fragueuses.

Eilhas filában l filo  
I tecien-lo nos telares,  
Daba pa l nuosso bestido  
I para toalhas d'altares.

Até rendas i lhenços  
Se fazien eiqui ne passado  
Se bordaba i fazien cuordas  
I roupa d'ambierno i de brano.

Mas de l belhon al malhadeiro  
Até chegar al alfaiate  
Quanto trabalho i denheiro  
Mos custaba cada fato.

Tamien la seda antigamente  
Por nuossos abós cultibada  
Filada pula nuossa gente  
I bendien la que sobraba.





---

# Domingos Augusto Ferreira

(1947)

---

## LA LHÉNGUA MIRANDESA

Cece an nuossa tierra  
La lhéngua fidalga pertuesa  
I deia lhugar a la nuossa, mirandesa.  
Eilha, nuoba cumo ye,  
Relhuza bien, de nuite cumo de die,  
Essoutra tan bielha de l anton,  
Deixe lhugar a la nuossa,  
Oh, mas que grande eimoçon!  
Mai, tu que me tubiste,  
Drento de ti, guardado tantos anhos,  
I you cun tantas ganas de salir,  
Deixa que sustrique bien tous cluostros,  
I que mius uossos se arrijécan siempre más i más,  
Para que naide m'angulha de nuobo  
Bendita sós, á mai,  
Porque an tou ser me fortaleci  
I no recóndito de tou coraçon  
Aprendi a nun dejistir.  
I que d'agora an delante  
Quiero ser you a reinar,  
An todas las squinas  
Deste miu pequinho berço mirandés  
Franzina lhéngua mirandesa,  
Agradeço a todos ls filhos de mie tierra  
Que por mi tubírun la galhardie  
Que you benisse a la lhuç de l die,  
De ls deputados sábios de la capital,  
You serbissee de streilha,  
Que me deixássem an paç i sossego an mie tierra;  
I que me dissén aquilho a que tengo dreito:

Ansinar, progredir i reinar.  
Oubrigado, mai querida que nun amobiste;  
Drento de ti me alimenteste i todo faziste  
Para que las gientes bíssen mie beleza  
Reconhecíssen mie realeza  
I que an mi béian que, cumo tantas i tantas outras lhéguas,  
You nun me ambargonho de reinar an mies terras.  
Mais casadas i solteiras,  
Nun bos ambargonheis,  
Que l ser que an bós germina  
De buossas antranhas se alimenta.  
You, pequerrica cumo sou,  
Choro i bibo triste  
Por todos aqueilhes armanicos  
Que por esse mundo fuora  
Bíben meses anteiros na scuridon,  
Sien nunca chegar a ver la lhuç de l die.  
Quantos trabalhos por mi,  
Mie mai passou,  
Para que pequerrica cumo sou  
I cun ls felhicos de l miu reino  
Podermos cantar cun alegrie i eimoçon  
Biba neste die,  
Todos ls mirandeses de las Tierras de Miranda!

---

# António Maria Mourinho

(1917-1996)

---

## OURTONHO

Yá chube l sol cun medo l cielo arriba,  
Nun ye clara la lhuç cum'era dantes;  
La chelubrina nun anda yá tan biba,  
I nun ándan ls rapazicos de musicantes.

La tristeza, de ls balhes ye cautiba.  
Passa l aire puls cardos biajantes,  
I nun los lhieba yá, cum'antes iba,  
Cun eilhes fugindo, lebes i cantantes.

L pastorico achéga-se a la manta;  
L buieiro ambufado yá nun canta,  
I ls ganados só bérrian de tristeza...

Parece que l'alegrie destas prainadas  
Se trocou pur nubricas anegradas  
Pa de lhuito bestir la natureza.

## MIU SUONHO DE SERBIR

Ah! Tiempo d'algun tiempo!...  
– Sacudindo-me las guedeilhas,  
Ls bientos puls fragaredos  
Me q'rie chubir a las streilhas!...

Manhanas fuertes de márcio!  
– Cuorbos i águilas bolando,  
Chubindo al cielo i boziando,  
Adabinando mortazo,

Metien sous gritos an mi;  
Sues alas bolando a saltos,  
M'arrebátan als altos,  
A buscar maior belheza,  
Bien loinge desta torpeza!...

Que suidades you tengo,  
Douro traidor i magano,  
De tou runquido tan sano,  
Desse tou medo tan terno,  
Riu de scaleto no b'rano  
Gordo i barrento n'imbierno!...

Rigueiros i altas faias  
Que rachestes las arribas,  
Rachai-me l miu coraçon  
Cumó bós an rachas bibas!...

Miu coraçon you l tomara  
Spartiçado i acerjado  
Cum'ua çuda maior,  
Corríssen neilha a cachones  
Rius de bertude i d'amor!

Toda mie alma drumida,  
You la tomara picada,  
Feita an fuolhas i ramales,

I neilha bisse ancarnada  
To l'alma rija i frolida  
De ls nebsos i carrascales!...

Puls fragaredos mofosos,  
Cun mie mantica de rastro  
Mie alma andaba ne cielo  
I anton si q'you era un astro!

– Agora, pula prainada,  
Anda mie alma penada...



---

## Manuel Preto

(1914-1983)

---

### EILHI NACI YOU

La casa de l molino, antriçadica  
Antre la ribeira i la punta de la caliendra,  
Toda l'auga bubie por três canales:  
Dues de las piedras, albeira i moreira,  
Outra, más lharga, de l pison...

I era ùa música de mil demonhos,  
Sien parar, nien de nuite nien de die!  
Ls tarabielhos: tatarará!  
I ls malhos: pompon, pompon!

Oube-se de las Peinhas de Gordo,  
De la crona de la Duorna,  
De la punta de las Antraugas  
I de l alto de l Castrelhon.

Se l aire benie de baixo,  
I l tiempo staba delei,  
Para quien benie de Spanha,  
Yá s'oubie no Alçapon!

De toda parte eilhi acudie gente,  
Cun burros cun albarda i sin albarda,  
Cargadicos de sacos que moler,  
De xergas i burelas que pisar.  
I outros que bénen só para ber...

Gente de Samartino,  
Abelhanoso ó Angueira,  
La Speciosa i Zenízio,

La Pruoba i Infainç,  
Cicuiro i Custantin,  
Bielhos, moços i moças,  
Era un ir i benir  
Que nun tenie parar,  
Que nun tenie fin!

Fusse eimbierno ó fusse berano,  
Ó primabera ó outonho,  
Siempre s'oube de las bestas  
Un roznadeiro medonho!

I anton éran serenadas  
A la lhuz de la candeia,  
A cuntar lhonas i a rir,  
A filar i a fazer meia!

I quando l suonho apertaba  
Acababa-se l berreiro:  
Uns deitában-se na cama,  
Outros no suolo ó no scanho,  
Outros íban pa l palheiro!

I nas palas de ls rodreznos  
A rodrrar, siempre a rodrrar,  
Çfazie-se l'auga an scuma  
Cumo la niebe a brilhar.

Tatarará, pon, pon, pon!  
Era l molino a moler,  
Era l pison a pisar,  
Era l pardo a tomar cuorpo,  
Era la tolba a baziar.

“Dlin, dlin, dlin,  
L pan yá stá no fin!”  
(Era l chocalho a abisar).  
I l pai ó la mai,  
Ó Zé Luís ó Manuel,



Ó Marie ó Abel,  
Tenien que se lhebantar  
A colher la farina  
I outro saco a botar.

– “Tan, tan, tan! – stá seca l’arca!  
“Tan, tan, tan! – quiero más auga!”  
(Era l pison a chamar).

I anton algun de la casa  
Tenie que s’alhebantar  
A botar auga caliente  
Para la pisa molhar.

Mas ai, quando bénen  
A anaugar la raneira  
Las temibles anchenas,  
Paraba molino i pison,  
L’auga metie-se na casa  
I éran trabalhos i penas!  
Ai, quantas bezes la mai,  
Quando sentie l’auga antrar  
A chorar se lhebantou!

Ai, quantas bezes la probe,  
Chapuçando, chapuçando  
I chamando pul sou nino  
A la sue cama chegou!

Ai, quantas bezes, ai, quantas,  
Cun miedo que s’afogasse  
Al sou peito l’apertou!

.....  
Aqueilha cama era la mie,  
I aquel nino era you!



---

## Moisés Pires

(1921-2004)

---

### FALA MIRANDESA

Quien, delante de ti se nun anclina,  
Quien te nun ama, fala mirandesa,  
Se benes tan de loinge, airosa i fina,  
Bestida cun roupaiges de nobreza,  
Traspariente cum'auga cristalina?  
Benes sola, que sola tu naciste,  
I sola camineste, altiba i pura,  
Por lhençoles d'agreste fermosura.

Glória a ti, fala hounrada, linda i sana,  
Florida ne planalto mirandés!  
Quien haberá que nun sinta fuerte gana  
De ber-te anfileirar cul pertués,  
Culas falas francesa i castelhana,  
Se deilhas sós armana i doutras más?  
Adelantra-te, i cuorre deligeira,  
Que tenes un lhugar nessa fileira!

Sendo mesmo assi, quien puode antender  
Que gente afidalgada i bien letrada  
Te chame dialecto? – Hai que ber!  
Nunca tu fuste lhéngua abastardada,  
Cumو tanto s'anteima an fazer crer!  
Sós filha, i filha dreita de l Latin,  
Nacida al natural, cumو Dius manda,  
An tierras pertuesas de Miranda!

Aunque despreziada i cumbatida  
Por quien más te debie de porteger,  
Stás firme, nunca más serás bencida!

I quien te dá tal glória i tal poder,  
Por formas a mostrares tanta bida,  
Ye la boç de balientes mirandeses  
Que te fálan de hai seclos atrás;  
I, anquanto eilhes bibíren, biberás!

Mansica, quanto gusto de t'oubir  
Nas falas dũa mai pa l sou ninico,  
Quando l beisa, le fai fiestas i l fai rir.  
Quando l pon nun canastro acoxadico  
I le canta l ró-ró para drumir...  
Quiero oubir-te na boç de las mulhieres,  
Que se todas son buenas cantadeiras,  
Seran inda más buenas faladeiras.

Tamien gusto d'oubir-te, cun dureza,  
Restralhada por homes anfadados,  
Ou por ties a lhidáren cun rudeza;  
Gritada por rapazes destrabados,  
I chorada por uolhos de tristeza.  
Oubir-te, quiero oubir-te a qualquier'hora,  
An todos los mil tonos i sonidos  
Cun que puodas chegar a mius oubidos!

Porque te quiero muito, sin medida,  
Ai, quantas ganas tengo de gritar-te,  
Cun deseios i ánsia ancuntenida  
De siempre, an todo l lhado, oubir falar-te,  
Para que nunca seias esquecida!  
Mirandeses, amai la buossa fala!  
Amai-la de berdade, cun ardor!  
Fui Dios quien bos la dou... cun tanto amor!

I se ne coração yá la teneis,  
Nun quérgades juntá-la a outras falas,  
Nin por outra qualquiera la troqueis;  
Que se las outras móstran muitas galas,  
Inda más galas bós mostrar podeis!  
Mirandeses, hounrai la bossa tierra!

Gritai, cantai, rezai na buossa fala!  
Porque nun dar-le bida ye matá-la!

Ten sido moda antiga, reprobable,  
Falar cun gente strana an pertués;  
Nun yá por ser amigo ou ser amable,  
Mas por s'ambergonhar de l mirandés!  
Que feia aquesta moda i cundanable!  
Quien de la própia fala s'ambergonha  
Desprézia tierra, pais, todo l passado...  
Chamai-lo pul sou nome: renegado!

Crianças brancas, moços a florir,  
Homes duros, de sprito bien temprado,  
Na fuorça de lhuitar para bibir;  
I bós, eidosos, rostro angurriado,  
Mirando cun firmeza al porbenir,  
Defendei la más rica i nobre hardança  
Que bos honra: la fala sin eigual,  
Lhuç de Miranda, lhuç de Pertual!...



**III. 2.º PERÍODO DE LITERATURA MIRANDESA**  
**(1999 – 2011)**





---

## Domingos Raposo

(1952)

---

### LA LHÉNGUA MIRANDESA

**L**a Lhéngua Mirandesa, doce cumo ãa meligrana, guapa i capechana, nun ye de onte, de trasdonte ou trasdontaine mas cunta cun uito seclos de eijistência.

Sien se subreponer a la “lhéngua fidalga i grabe”, l Pertués, ye tan nobre cumo eilha ou outra qualquiera.

Hoije recebeu bida nuoba.

Saliu de l absedo i de l cenceinho an que bibiu tantos anhos. Deixou de s'acruçar, znudou-se de la bargonha, ampimponou-se para, assi, poder bolar, strebolar i çampar l probenir.

Agarrou l ranhadeiro para abibar l lhume de l'alma i l sangue dun cuorpo bien sano.

Chena de proua, abriu la puorta de la sue prieça de casa, puso fincones ne l sou ser, saliu pa las ourrietas i prainadas.

Lhibre, cumo l reixenhor i la chelubrina, yá puode cantar, yá se puode afirmar.

A la par de l Pertués, a partir de hoije, ye lhuç de Miranda, lhuç de Pertual.

## SPRANÇA

Ceçon...  
Fuorça pa medrar i poular,  
Buntade de comer  
Sumblante de berdulaga biçosa  
A mirar pa l sol.  
Sangre temprado.  
Pastorica amouchada  
De candil a lhuzir  
I uolhos puostos  
An stameinha pa strenar.

## BINT'I CINCO D'ABRIL

Bint'i cinco anhos hai  
Neste paiz, que ye l nuosso,  
Aparecírun homes de coraige.  
Cula cabeça pensórun,  
Culas manos oubrórun,  
Ounidos, las cousas mudórun.  
Fui, anton,  
Que pessonas, sgreimidas, xustricadas,  
Sues lhágrimas anxugórun.  
I sentírun  
Todo l bien que le trazírun.  
La manhana rumpiu,  
L sol calciu,  
La gana de bibir renaciu.  
Dreito, culs pies ne l suolo,  
Pertual zambolbiu.  
La lhiberdade, l amor, la paç  
Çpuntórun  
I, para siempre,  
S'afirmórun.



---

# Amadeu Ferreira / Francisco Niebro

(1950)

---

## DUES LHÉNGUAS

Andube anhos a filo cula lhéngua trocida pula  
oubrigar a salir de l sou camino i tener de  
pensar antes de dezir las palabras ciertas:  
ũa lhéngua naciú-me comi-la an merendas bubi-la an fontes  
[i rigueiros  
outra ye çpoijo dũa guerra de muitas batailhas.  
Agora tengo dues lhéguas cumigo  
i yá nun passo sin dambas a dues.  
Stou siempre a trocar de lhéngua meio a miedo  
cumo se fura un caso de bigamie.  
Õa sabe cousas que la outra nun conhece  
ríen-se ãa de la outra fazendo caçada i a las bezes anrábian-se  
afuora esso dan-se tan bien que sonho nas dues al mesmo tiempo.  
Hai dies an que quiero falar ãa i sale-me la outra.  
Hai dies an que quedo cun ãa deilhas tan amarfanhada que se  
nun la falar arreberto.  
Hai dies an que se m'angarabátan ãa an la outra  
i apuis bótan-se a correr a ber quien chega purmeiro  
i muita beç acában por salir ancatrapelhadas ãa an la outra  
i a mi dá-me la risa.  
Hai dies an que quedo todo debelgado culas palabras por dezir  
i ancarrapito-me neilhas cumo ãa scalada  
i deixo-las bolar cumo música  
cul miedo que anferrúgen las cuordas que las sáben tocar.  
Hai dies an que quiero traduzir ãa pa la outra  
mas las palabras scónden-se-me  
i passo muito tiempo atrás deilhas.  
Antre eilhas debíden l miu mundo  
i quando pássan la frunteira sínten-se meio perdidas  
i fártan-se de roubar palabras ãa a la outra.

Ambas a dues pénsan  
mas hai partes de l coraçon an que ãa deilhas nun cunsigue antrar  
i quando s'achega a la puorta pon l sangre a golsiar de las palabras.  
Cada ãa fui porsora de la outra:  
l mirandés naciú purmeiro i you afix-me a drumir arrollado  
[puls sous sonidos  
i ansinou l pertués a falar guiando-le la boç;  
l pertués naciú-me a la punta de ls dedos  
i ansinou l mirandés a screbir porque este nunca tubo scuola  
[para adonde ir.  
Tengo dues lhénguas cumigo  
dues lhénguas que me fazírun  
i yá nun passo nien sou you sin dambas a dues.

## DOUS ANDAMIENTOS CUN CODA

1.

Júnio ajuntou las manos  
a rezar por auga.  
Las checharras nun cálhan adaínhas.  
Nin nas cereijas sangra la tarde.

Piedras páren lhagarticas  
a anramar l anlhibrado de las paredes.  
L einfierno dá-le la risa  
sentado nun scalon de l die.

Ampalpeste la quelor dũa risada  
ne l rastro dũa paixarina a beilar  
pula baranda. Poniste tou altar a la selombra  
i nun te cansas de bordar la tarde.  
L berde amenta an cascatas de San Juan  
i acontra l sol yá relhúzen las maçanas.

2.

Yá las froles se bolbírun fruto.  
La yera angarrou pula nueira.  
Ne l raçar de la tinta  
yá berdégan cantigas de bendímia.

Canta la ribeira cul'auga  
que naide quijo. Perdidas  
pul'ourielha acéinhan alrabaças  
mas la corriente nin dá por eilhas.

La casa sentou-se nas scaleiras  
farta de salas i mobilha  
adonde l mundo nunca coubo.  
Sonhas hourizontes de froles  
tan lhargos cumo ls uolhos  
tan acerca que l'oulor se sorba.

3.

Fui-se amerosando  
la piedra de l puial.

L barandal de ls anhos  
stá mais citre.

La fame de camino  
nun pára de crecer.



## POEMAS BÍGAMOS

1.

Camboios na mesma linha  
pantasma na mesma conta  
duas bicas la mesma fonte  
un solo riu que son dous.

Partitura a duas mãos  
solta do mesmo piano  
encosta que se define  
no subir e no descer.

2.

Nascem-me aos pares as palavras  
sossega-me tê-las sempre em duplicado  
mas hai palabras nones  
afeito a todo an dobre  
queda-me ende l mundo a meio.

Hai palabras ambejosas  
mal sal ãa  
ben la outra  
tradução simultânea  
que ninguém me paga

Hai palabras que s'arrepélan:  
se digo pila  
não é pia de água benta;  
se digo peça  
há logo peças que rangem.

3.

O meu computador não sabe mirandês. É o meu pior aluno.  
Como não conhece as minhas palavras mirandesas sublinha-  
-as a vermelho e a verde. Podie ousar outras quelores i zenhar  
ũa cinta de la bielha. Mas nó: adbirte-se a meter-me grima un  
miedo antigo.

I dou cula mie porsora purmaira na pantalha  
de régua a cobrar las faltas de l ditado  
de barielha a spreitar l mirandés de l recreio  
que se scapa puls uocos antre dues falas  
i chube cumo azeite nun mar d'auga.

4.  
Sinto os passos do poema: não  
sei a língua em que caminha.  
Suspensas da mão  
ficam ansiosas as palavras:  
gesto que busca o ser.

Ne l silêncio  
nun cuorren las palabras  
sona solo l sou ceçar:  
palabras an ser  
spritos puros.

## UOBOS QUE NUN QUEDÓRUN GUIROS (CRÓNICA)

Un nieiro d'uobos lhieba algues sumanas a chocar, mas s'adrégan a star guiros nun hai tiempo que l'arrebente la teç. Nin pa naçar sírben.

Las lhénguas ban-se strefigurando cul tiempo, oupando i quedando citres: de la fala a la scrita, de lieira antre gientes a molino de cultura, de frauga d'identidades a menumiento lhiterairo. Nessa caminada, l mais de las lhénguas oucidentales demudórun muito puls seclos XIV-XVI. Zdende, fumus-mos afazendo a que essas lhénguas tubíran l sou tiempo clássico, anchindo-se d'outores i obras geniales. La scrita buolbe-se un sol que nun deixa campo a mais nada, dando l restro al çprézio. Nada desso se dou cul mirandés: solo muito seculo apuis de falado s'ampeça a zampolhinar i antenta dar ls brincos que outras lhénguas dórun yá quantá. Porquei solo agora, i perdiu l camboio de streformaçon de l Renacimiento i de l Houmanismo?

La splicaçon stá ne l findamieto de l Reino de Lheon, puls seclos XIII-XIV, que deixou la lhéngua stur-lheonesa sparbada, cada cacho anolado i ancarambinado pul tiempo, sin un poder que l'acolhira i ña cabeça que todo ambencelhara. Un desses cachos era la lhéngua falada ne l mais de l çtrito de Bergáncia, adonde l'ourganizaçon i ls poderes falában pertués. Dende que la lhéngua mirandesa nun podira agarrar un camboio que nunca passou por eilha. Por cientos d'anhos inda rejistiu un mundo d'ilhas lhenguísticas stur-lheonesas que fáien de raia-tapon antre l pertués i l castelhano. L mirandés era ña dessas ilhas que, zde mi temprano, topou la stória de l pertués.

Las lhénguas son uorganos bibos que crécen, se muorren i renácen cunsante las cundições que le ban faceirando. L mirandés solo na fin de l seculo XX agarrou ceçon capaç de lo poner a dar l grande brinco de la sue streformaçon. Assi i todo la lhéngua nun demuda, mantén l cirne de l sou carátele que podemos defenhir assi: rejistiu; acembonou un muolo de cultura i ña lhiteratura oural sin précio; oupiu ña ardança de pluriculturalismo i de plurilhenguismo quaijeque sin acumpanança. Eiqui stá l que ls mirandeses andubírun a fazer estes seclos atrasados. Ye de tener proua.

Hoije la lhéngua mirandesa arressaia por caminos nuobos, ansaia un fuolego lhiterairo i subirte sotánganos sin cunta. Anque esta strefiguraçon seia quaijeque çcoincida, nun ye menos fuerte i nuoba. Merece que la míren cun atento. S'a mano ben, puode quedar-se qualquiera

die i acocar-se nũa squina. Todo bai de ls mirandeses séren capazes d'agarrar l camboio que agora passa. Esse ye un deber de cidadanie, ãa díbeda a Pertual i a la cultura pertuesa de que la lhéngua i cultura mirandesas son ãa rodriga.

Parece milagre que, tanto seclo apuis, ls uobos de l mirandés nun houbíran quedado guiros. Mas ye obra dun pobo i nó un milagre. Por esso, naide aspera que de to ls lhados bengan magos a oufrecé-le perpinhas a esta strelhica. L que si se puode dezir, ye que hai lhéguas que se remíran, cun proua, ne l sou passado guapo. Al mirandés inda le sobrou proua de mirar pa l sou feturo.

## LA BOUBA DE LA TENERIE (CAPÍTALO DE REMANSE)

**H**á-de ser l que Dios quejir. Nunca se cunsigue star fuera de l sitio hadonde se stá. Tengo que botar l peito al que benga. Tamien, se nun benira a la chamada de l bispo, nun haberie adonde me scunder, puis ye siempre pequinho l mundo para quien se quier scunder i lhar-go de mais para quien nun ten adonde s'arrimar. Até a la Spanha me mandarie caçar, puis agora Felipe III an todo manda. Yá tant'anho que nun bou a Samartino que até ls rapazes de l miu tiempo mal me coincerien, inda porriba cun esta figura. Nien amboras me chégan daquei-lhes que yá se morrirun. Perdi-le la cunta als anhos an que sali dalhá. Bamos, antoce, pa las scaleiras de la sé, inda cun de die. L melhor será antrar pula puorta de l castielho que dá pa la Costanielha. Ye camino mais dreito i nun tengo que atrabessar tanta cidade. Por ende, quien mais se puode rir de mi a nun ser las carrancas que s'assóman de las pa-redes i aquel culo quaije a puntos de ser arrepassado? Datrás ponie-me todo burmeilho i fazie-me streito l hábito pa la lhargueza de l capulho. Agora yá passo sien mirar para essa seinha pública de cundanaçon de l nefando pecado, l pecado que tanto cielo me trouxo i tanta lhágrima me fizo arramar. Cumo nun me dórun hora cierta, será melhor dar tiempo al nacer de la nuite, sien que tenga quedado scuro.

**N**un tenie sede, mas dou-le ùa buona stocada a la barrila. Cumo a ber s'alhá achaba algue eideia subre l que fazer. Metiu cun to l cuidado la pechorra nun lhado de las alforjas i puso ùa piedra a fazer de cuntrapeso de l outro lhado. Era quanto traie cun el, ùa barrilica que hai un par d'anhos le traírun de Mobeiros i que solo aceitou cumo amprestada. Dou-le a la burra delante del. El fui-se arrastrando atrás, drobado, las manos atrás las cuostas. Yá a quedar ancubiertas pul úl-timo cabeço antes de Miranda, las capas negras de ls curas éran agora cuorbos anriba las mulas. Abaixou até al Frezno, sien mirar las mura-lhas. Solo las ancorou al modo que ampeçou ls arressaios que chubien até al castielho. Custaba-le siempre a ancorar culas muralhas. Neilhas ampeçara la sue quarta bida. La bida que para muitos fura la zgrácia del. El tamien assi pensara, mas yá nun staba tan cierto desso. Afizo-se cul tiempo a çcubrir las bantaiges desta nuoba bida. Mas nunca le pas-sara l pensamiento de las outras três: Samartino, Salamanca, Miranda. Três tierras, três bidas. La quarta bida nun tenie tierra i el habie ganho alma de peigrino. Aqueilhas três benien siempre ùas atrás las outras,

atadas por un nome, Delubina. I era Delubina que le salie siempre que ancoraba culas muralhas de l castielho de Miranda. Eilha era l meio de la bida que el debedie an dues partes, cun Delubina i sien Delubina, esto sien cuntar culas nuobas bidas que fura a achar an Salamanca, puis ùa pessona puode tener mais bidas do que un gato. Mas pensar an Luís de Medina era cousa que el nun querie i que yá muitá fazie por zarredar de l pensar. Assi, la segunda parte era un buraco, algo sien, que solo hai mui pouco tiempo çcubriu cumo habie d'anchir i passar a ser algo cun. Custaba-le siempre a ancorar culas muralhas. Por esso las chubie de uolhos ne l suolo, mas nien assi Delubina le salie de la cabeça. Sien muralhas, Delubina lhababa na ribeira de Samartino i el ajudaba l cura a missa i aquemodaba-le la mula. Gustaba de se lhembrar daquel tiempo, sentado nũa piedra que habie al meio l carreiron, las cuostas pa las muralhas i ls uolhos ne l Frezno. L Frezno que, nesses cachicos que le parecia que nunca acabában, nun era l Frezno. Par'el era la ribeira de Samartino. Deixaba-se ambolber pul boziar de las ranas i nien daba pula falta de la selombra amerosa de ls folharanços i las salgueiras. Culas ranas benie l matraquear de l rodezno de l molino. Las bacas remenában cumo a guardar las Antraugas, a deixar que l mundo drumira, cada cousa an sou campo, cumo de toda la bida. El salira de l sou Samartino para nun tornar alhá. Salira yá mais de trinta anhos. Para el era esse l tiempo de Samartino, nada habie demudado, naide habie ambelhecido, las bacas remenában la mesma yerba, l molino molie l mesmo saco de pan, Delubina stendie la mesma roupa de tiu Bacislau, de l cura i de quien calhaba pula solaina de ls silbeirones. Ls uolhos páran l tiempo i nun mos déixan ber andar un mundo que nun bemos. Ls uolhos solo béien l datrás, nunca son capaces d'adebinar. Habie-se fazido doutor an Salamanca, yá fura l mais afamado pregador de la Tierra de Miranda, yá quedara sien missa i andaba agora cumo pelegrino por ende, mas Samartino era l mesmo que ls sous uolhos grabórun quando saliu da-lhá. Cul tiempo, ciertas quelores negras fúrun-se aclariando, las calores quedórun mais fuertes i amarielhas, ls eimbiernos mais frius, las fames mais amerosas, las manhanas sabien mais al nacer de l sol do que a sonheira, las nutes éran mais streilhas que miedo i la ribeira siempre primabera cun paixaricos a anialar. Sien se dar de cuonta, fraile Antinho fui fazendo Samartino al sou jeito. Pouco amportaba que muitos rapazes de l sou tiempo yá s'houbíran morrido, puis nun tubírun tanto modo cumo el de scapar a las maleitas de la bida. Naqueilha hora, an que l sol purparaba l çponer i fraile Antinho l ancuentro culs frailes de

branco nas scaleiras de la sé, naqueilha hora an que l Frezno yá nun era l Frezno nien el era un pelegrino de l mundo, naqueilha hora ls rapazes de l sou tiempo inda jogában cun el a la pedrisca alredror la capielha. Oubie las bozes, sorbie ls oulores, chegában-le las risadas, ancolhie-se inda cul miedo que an nino le metien las cuontas de la Bruxa de Trás las Peinhas.

– Antonho, bai-te a aquemodar la mula i deita-te que manhana tenemos que madrugar.

Tenerie por ende doze ou trez'anhos i chubien-le siempre uns mie-dos quando tenie d'aquemodar la mula, yá cun de nuite scuro! Nien ùa streilha piçcaba, l cielo inda nubrado culas sobras de la truniada dessa tarde. Antonho agarrou l cesto de brime i fui-lo a anchir de palha ne l cembon que staba mesmo por trás la majadoura la mula, algo an zlhado d'adonde siempre drumie. Deitou l cesto i fui ampurrando palha cula mano. Iba l cesto a meio i nun habie modo de s'anchir. Tenie l pensa-miento noutro lhado, tan grande era l miedo. Tubo que s'afirmar bien na mano para se dar de cuonta que nun era palha l que la mano staba a querer meter pa l cesto. Un arfar cada beç mais fuorte benie de l meio la palha. Iba-se a scapar pa la rue, mas ùa boç tan baixica que mais parecia un airico chamou-lo.

– Antonho, Antonho!

La mula nien dou de si. Aqueilha era la hora an que aceitaba perso-nas que nun bie. Nun fura esso i yá haberie zatado a patadas. Antonho nien tubo tiempo de responder.

– Antonho! Sou you, Delubina.

– Faziste-me agarrar acá un susto! Que stás eiqui a fazer?

– Fala baixo que l cura puode-mos oubir. Yá rato que stou a spera de ti i yá se fai tarde, que tengo de m'ir ambora. Hoije passeste to la tarde atrás la parede a mirar para mi anquanto staba a lhabar nas Antraugas.

– Mintirosa, que hoije nien fui par'esses lhados.

– Deixa-te desso que bien te bi. I gostei. Por esso bin a tener cun-tigo.

– Mas tenes que te ir ambora, que l cura puode-mos agarrar.

– Yá me bou, mas tenie tanta fame que nun sabie l quei habie de fazer. Anton lhembrei-me de benir a buscar la paga de teneres quedado to la tarde a mirar para mi. Nun tengas miedo de l cura que a esta hora há-de star a calcer ls pies cun tie Fonsa.

– Nun digas ùa cousa dessas que ye pecado.

– Ye agora pecado! I que mal ten? Mie mai siempre me dixo que tu eras fillo de l cura Manuol.

– Eso nun amporta. Diç alhá qual ye la paga que me quieres i bai-te ambora antes que te bote pa la rue.

– Hoije querie solo un cachico de pan. L outordie deziste-me que guardabas siempre un carolico ne l bolso porque te daba la fame al meio la noite. Anton, lhembrei-me que inda poderies tener l cachico de hoije.

– Toma-lo alhá i bai-te. Stá duro. Mira a ber se sós capaç de lo adentar, senó adóndia-lo.

Mal apenas Antonho le dou l carolo, saliu puorta fuora. Delubina era por ende uns dous anhos mais bielha que Antonho. La mai staba tolhida i yá mui tá deixara de ber. L pai nunca lo coincira. La caridade era pequeninha i a Delubina mal le chegaba l que arregressaba a lhabar, a barrer i a sfregar an casa de tiu Bacislau, de l cura i de quien calhaba. L pobo dezíe que tiu Bacislau teníe ùa barrila chena de monedas, mas era mais sfamiado que you sei alhá. Nien que eilha lo quejira roubar nun habíe muito de quemer naqueilha casa. L tiu parece que se manten cul aire, pensaba. Assi i todo, era ùa rapaza zampolhinada i bibideira. Nunca naide l'oubíe queixá-se i passaba pula rue dreita i sien le negar ls buns dies bos dé Dios a naide. Até le parecíe mal a la giente que nun díra muostras de cargar la zgrácia que teníe an casa. Inda bai a acabar mal, nun deixában de dezir las ties bielhas que la bien passar. Era un modo de tener ambeija deilha. Delubina sabíe l que pensában, mas nun s'amportaba. Todos sabíen que era ùa buona filha i por esso la íban ajudando cul que podíen. Tamien inda staba para benir l purmeiro que s'agabasse de le haber metido la bara ne l poço, puis la rapaza era fuerte i batíe-se cul mais pimpon que quejísse fazer caçada deilha.

Nunca mais a Antonho se le squeciu aqueilha noite. Eilhi, de cuostas pa las muralhas de Miranda, sentado nũa piedra de l carreiron que chubíe de l Frezno, inda oubíe l arfar de Delubina quando dou cun eilha al meter la palha ne l cesto. Por muitos anhos, al lhembrar essa noite, nun quiço aceitar l beiso que eilha le dou yá cula mano na puorta. Cul tiempo fui esse beiso que mais le quedou daqueilha noite. Passou-se talbeç mais dun anho até que Delubina tornara al palheiro. Antonho nien ùa sola noite deixou d'asperar por eilha, aguantando l suonho até yá nun poder mais. Mas nunca le faltaba ne ls suonhos, nien ùa sola noite. Oubíe-la a ampurrar la puorta debarico, cun un airico a antrar alantre deilha i la mula a spilar. Apuis, sentíe-la a antrar i a tentiar pula



parede até adonde el staba deitado. Nun dezie nada, mas el adebinaba-le ùa risica a assomá-se por antre ls uolhos. Sentaba-se i ampeçaba a rober l carolico que Antonho nunca se squecie de le llebar, roubado a la fame del. Iba-lo mordiscando pulas bordas al redor para durar mais tiempo i nien ùa forfalhica se perdie. A las bezes, quedaba eilhi sentada sien dezir nada. Antes de salir passaba-le la mano pula tiesta i abaixaba apuis até als beiços. La mano ancalhada que passaba amerosa cumo un airico. I Antonho drumie-se andrento l suonho, ancostado a aqueilha Delubina doce i meiga. Era ùa nuite perbersa quando Delubina se fui a tener outra beç cun Antonho. Até l friu habie chegado al palheiro, siempre tan caliente de l bafo de la mula i de l cozimientu de l stierco. Delubina staba a la spera del, ancharcada até la miolha de ls uossos. Antonho, mal antrou, senti u lhougo que eilhi habie giente. L coraçõ dou-le un baque, ye Delubina. Fui atentiando até la palha, cula mano stendida al palantre i senti u lchambre molhado i por baixo l arfar de ls senos chenos i duros. Eilha agarrou-le la mano i apertou-se-la acontra l peito cun to la fuorça. Antonho deixou-se quedar sien saber l quei le fazer al coraçõ que le saltaba de l peito, cabalho a scatrapulhar. Al modo que fui assossegando senti u que l arfar de l peito de Delubina tenie algo de stranho cumo se benira muito dalhá las tetas. Nun tardou a sentir ls saluçõs que subertien porriba la mano.

– Stás a chorar.

– Mie mai morriu-se.

Antonho nun fui capaç de le dezir mais nada. Era la segunda beç que staba eilhi cun eilha mas sentie que habie muito tiempo que stában juntos. Tamien tenie gana de chorar, mas nun sabie adonde ir a saber de las lhágrimas. Las lhágrimas nun sálen quando queremos, hai que las guiar.

– Tube miedo de quedar an casa solica i nun sabie cun quien habie d'ir a tener. Nun conheço a mais naide que guste de mi.

Antonho agarrou l capote que staba colgado nũa staca spetada na parede.

– Bai-te a fazer mal secar la roupa ne cuorpo. Inda puodes agarrar algue permonia. Tapa-te.

Achegou-le l capote i fui-se-lo acunchigando. Sien saber cumo senti u la mano a slubiar pul cuorpo znudo de Delubina. Ameroso i friu. Deitou-se al lhado deilha de barriga pa riba. Pouco tiempo apuis, senti u-le un arfar fondo, cumo se tubira ùa sonheira de to la bida. El cuntinou muito tiempo spuerto, sien ser capaç de pensar an nada. La

perséncia de Delubina era tan fuorte que nun le deixaba campo para mais nada. Fui-le sentindo l cuorpo a calcer. Todo el todo ardie sien ser capaç de se mexer. Staba-se yá a ambelesar quando Delubina se bolbiu na sue cama de palha i quedou abraçada a el, cun un arfar cada beç mais fondo. Yá le dolien las cuostas de star de barriga parriba, mas nien assi mexiu ña palha cun miedo de la spertar. Na rue, l'auga cuntinaba a caier i Antonho sentie l caliente de l cuorpo quaije cubierto de palha. Quando scampou, la queruja que siempre paraba nun uolmo eilhi acerca ampeçou l sou piar.

**E**nde stá la seinha de que la mai de Delubina se morriu. Inda bien, Ecuitadica de la tie, tolhidica de todo i a sufrir tanto. Para Delubina bai a ser menos un traballo, puis tenie que la mantener sien naide le poder baler. Hai quien diga que yera bruxedo, mas nun houbo malzina ou afumadeiro que la sanássen. Delubina trata deilha solica zde ls uito anhos. Fui dessa eidade que ampeçou a ser criada de tiu Bacislau. Siempre me gustou aquel sou aire de risa que parece subertir todos ls males de l mundo.

**A**cada cachico paraba de pensar para melhor oubir l resfuolgo de Delubina, sereno i cumpassado. Nun ten eideia de quando se deixou drumir, mas serie yá a arrimar a la madrugada. Solo le lhembra la boç fuorte i abafada de l padre Manuol:

– Antonho!

Dórun dambos a dous un brinco que la mula scachou la rede cun l buldrejon. L cura quedou d'uolhos arregalados pa las tetas de Delubina, que lhougho se tapou cul capote, chena de bergonha.

– Bai-te-me ambora para tue casa i que naide te beia salir. Se dires scándalo pul pobo assi ardas nas profundas de ls einfiernos.

L cura saliu lhougho a seguir. Nun era questume el ir al palheiro a nun ser quando Antonho se deixaba drumir ou le daba la gana de cagar i l tiempo nun staba al modo de ir a la cortina por trás la casa. Delubina bestiu-se i saliu. Nien un nien outro tornórun a dezir palabra. Nesse die a la tarde, Antonho inda la biu ne l antierro de la mai, que iba anrebulhada ne l lhençol de l'armandade que serbie pa todos ls probes que nun adregában un que los acunchigasse até la foia. L squife era lhebado solo por dous homes, que la muorta nun era mais que piel i uosso. L cura sperába-los n'eigreja i la foia yá staba feita pul anterrador, ne l Sagrado. Delubina nun choraba, nien mirou ña sola beç par'el. Antonho nun le

tirou ls uolhos de ls pies, çcalços, dun pardo que queda antre l calho i l la tierra seca. Tenie uns dedos bien feitos, lhargos i finos. Antonho adabinaba-los albos an baixo la cotra. Nun la tornou a ber. Bien puso ls uolhos a rebusco, mas ambalde. L cura nunca le tornou a falar ne l causo. Solo muito tiempo apuis soubo que el la habie lhebado, pouco apuis la muorte de la mai, para Miranda. Falaba-se que staba a serbir an casa dun cónigo a quien l cura Manuol le debie muito fabor. Até se dezie que el sabie todo l que habie antre l cura i tie Fonsa, mas todo passaba culas alforjadas que l cura le mandaba amenudadas bezes para Miranda. Nada de mais, puis causos cumo esse habie-los por to las tierras. Ls curas mais probes nun se mantenien sien ajudas para colher l que quemien. Las nuobas regras de l cuncílio de Trento custában a chegar i la giente yá staba afeita a esses modos de bida. Las cousas éran defrentes pa ls abades que, esses si, bibien mais a la farta, arrecadában l mais de las smolas para eilhes i fazien de ls probes curas berdadeiros criados que trabalhában para eilhes. Tener un abade portetor ou, inda melhor, un cónigo an Miranda, era star a salbo de fames i acusos ou amanaças de l bispo. L padre Manuol de Samartino até nien tenie rezon de queixa cula renda que recebie de l altar i tamien el sonhaba chubir a abade.

**A**ntonho mirou la burra, que nun habie salido nien un cachico d'an pie del. Tamien para eilha fura custoso l camino zde Sendin, pul meio la calor. Passou-le la mano pul çofino, nũa festica triste. L sol inda staba uns palmos porriba l cabeço adonde chegaba la lhadeira de l Frezno. Yá starien ls dous frailes a la spera del nas scaleiras de la Sé? Tenien-le dezido para star alhá al çponer de l sol. Bendo bien l'altura de l sol, nun deberie star alhi sentado yá muito tiempo. El ye que yá staba tan afeito a aqueilhas lhembrâncias que le passában cada beç mais debrebe, cumo camino muita beç andado. I nun perdien fuorça cul passar de ls anhos. A cada beç, lhembraba-se de cousas nuobas. Cousas menudicas que yá nien sabie se éran lhembrâncias se era la cabeça del que las iba metendo pul meio de las lhembrâncias.

**T**engo que ancarar culas muralhas. L que alhá bai, yá alhá bai. Mas nun passa. Las muralhas feitas pa la guerra i fui alhá que you perdi la mie. Ũa guerra que nun chegou a ser. Cumo puode haber guerra sien einemigo? Inda se puode falar de guerra quando l einemigo se mata a el solo a la bista de l castielho, yá quaijeque a ser cunquistado? Bendo bien, la guerra inda nun acabou. Por esso me custa tanto a ancarar culas

muralhas de l castielho. La guerra cumigo mesmo, que talbeç nunca chegue a ganhar. Era tan fácele squecer, squecer, squecer i la guerra staba ganha. Mas nun hai malzina pa las lhembráncias que mos árman guerra, apenas mos éntan pula puorta. Por esso gusto de ir a Sendin, a la Tenerie. Solo ende sou capaç de squecer. Falo sien parar i squeço. Ou nun le dou tiempo a que se me lhembre de nada, talbeç seia mais esso. La fala seca-me la cabeça, arrama-me para fuora de mi a puntos de nun poder salir mais nada dalhá. La fala cura-me esta chaga que se torna a abrir delante las muralhas de Miranda. Todo me puxa para loinge deilhas i de Miranda. Mas nun sou capaç de deixar d'acá benir, cumo se fura un gusto scarbar las costras de la chaga. Ũa cierta malbada alegria que ben cul sufrimiento. Cumo s'un demonho me ponira delante de ls uolhos ls pecados yá perdonados, mas nanhun xabon ye capaç de lhabar. Nunca stan perdonados ls pecados que nun mos perdonemos. Nanhun dius ye capaç de perdonar ls pecados que nós nun somos capazes de squecer i mos acumpánhan cumo la selombra.

Sabie bien adonde tenie de ir, mas nun le daba la gana de s'alhebantar de la piedra adonde se sentara, mesmo al lhado la fuonte i antes de atrabessar la bielha puonte. Inda stubo para ir mais por baixo, pulas teneries i puls molinos, mas nun le querie dar guerra a naide. I eilhi quedou, ambelesado nun outro mundo, nũa outra bida que lo ancandilaba cumo lhuç a paxarina. L sol inda iba alto que bundasse para poder aguantar puli mais un bun rato. De tan acerca, an dous trancos ponie-se lhougo na Sé assi que fússen horas.

---

## António Bárbolo Alves

(1964)

---

### GABILAN

Fui nun die de Primavera que Gabilan saliu la pormeira beç de l niu. Para quien naci u para bolar, aqueles dies metido an ne meio duns palhaços, sien poder salir, habien sido mais que un einfierno. Ña penitência yá a çcuntar puls pecados feturos! Quando l uobo se cobrou i la boca se anchiu d'aire fui cumo se Dios houbisse de nuobo criado l mundo.

– Faga-se lhuç!

I la lhuç fizo-se. L die era tan claro tan claro que la tierra relhuzie até l anfenito. Anchiu-se-le l peito d'aire i de sol. Buiu toda aqueilha lhuç i, nun calafriu, todo l cuerpo se le einundou de bida nuoba.

– Bolar!

I apuis inda hai quien fale de miedo! De l tafe-tafe de bolar i de andar solo pul mundo... Mas qual miedo?! Un home solo ten miedo se pensar que l miedo quier algo cun el. I cun essa giente Gabilan nun querie cumbersa. Querie era bolar, querie bida, aire, tierra, lhiberdade...

Saliu inda meio delorido de l'eternidade daqueilha prison. Ampeçou a poner-se de pie cumo quien tenteia para ber se las piernas aguántan.

Mas nun ye que eilhas nun se tenien! Mas quei se passa?! I las alas?! Nada. Inda imprumas, cun uns pelicos brabos i pouco mais. Cuidou que se morrie. Berreiro nun houbo, que nun era home para choradeiras, mas quando mos déixan assi solos an ne mundo?!

– Ah mai, ah mai que you nun puodo bolar!

– Tu nun bés, filho de l'alma, que inda nun chegou la tue hora. Cada cousa chega an ne sou tiempo.

Las mais ténen destas cousas!

I alhá tubo que le splicar que inda faltában uns dies até que aqueles pelos se caíssen i las prumas berdadeiras aparecíssen.

Passa ña criatura mais tiempo do que la lhuna para anchir drento de un uobo i an ne fin, bai-se a ber, i inda nun puode bolar! Botou la ca-

beça de fuora i nun fusse la mai cun mais un ralhete habie-se atirado. L carrasquito onde tenie la casa nun era mui alto, mas pa la giente cobrar un bun par de costielhas chegaba i sobrava. Ye que nien un cachico l podie deixar solo. I el era cada sermoneta!

– Tu nun serás giente cumo la outra?! Capaç de parar quieto por un cachico que seia?!

Nada. Nun habie maneira. Buolta para un lhado, buolta para outro, mira deiqui, mira deilhi, siempre a querer atirar-se puorta fuora.

Cada beç que chegaba l çubiaco era un martírio. Un home na prison nien las tripas l púxan! Que la casa, indas que pequinha, aquilho era un asseio que nien an casa de la senhora professora. Mais relhuziente do que l lhabadeiro de la ribeira. Mas nun era por isso. Ye que las tripas alhi angroladas quei, nun dában cuonta de l recado.

Ou fusse por isso ou por causa dun sartigalho mais tienro que hou-bisse comido, apanhou ãa sfuira que cuidou que nun scapaba. Aquilho parecia nublada a caer de l cielo! I apuis el éran ãas cólicas, uns delores de barriga!...

Nó, aquilho nun era bida para un Gabilan! Quaije deixou de comer. Uns dies a auga i malzinhas i l çtempero fui passando.

Õa semana! Siete dies yá lhebaba alhi metido. Mirába-se. L pelo ampeçaba a caer i ãas prumicas azuladas aparecien a medo.

– Conho, tanto tiempo ye preciso para mudar la camisa! Nien ls curas todos an die de fiesta demóran tanto a poner i tirar las sotainas!

Sou pai iba bolando al redor de casa. Chubie l mais alto que podie, até se parder de bista. Apuis, apuntando la cabeça para baixo, cumo ãa flecha, baixaba dreito até quaije bater an tierra. Quando l bien nestes ansercícios, alguns paixaricos que pulhi passában fugien cumo se bís-sen l diabo. Quedaba-se outras bezes un bun par de minutos an ne mesmo sítio, a fazer teres-teres, i cun ls uolhos barrendo todo l que passaba por baixo. Al loinge, un bando de storninos, siempre ralhando uns cun ls outros, rumaba para outro lhado. L centinela staba de guarda!

Eili deitado, mirando l pai, todas las prumicas se le ponien de pie. L coração als poulas a querer atirar cun l duonho para fuora de casa. Quando poderie el bolar assi? Ser cumo sou pai?! Mirar de riba l mundo i parar assi an ne cielo, cumo se fusse un caramonico preso por un filo ambisibile! Squecie-se até de l que la mai le dezie muitas bezes:

– Miu filho, nun se nace páixaro, daprende-se a sé-lo!

Mirando ls dous, la mai, deixaba scapar un cachico de proa. Gabi-

lan iba daprendendo la arte i l oufício: bolar bien alto para nunca ser bisto, mirar todo l que passa por baixo i atacar cun toda la coraije.

Passórun dues semanas de martírio. L pelo brabo zapareciu. Tenie agora un fato nuobo, azulado, relhuziente, cumo nóbio an die de boda. Las manos tamien habien ganhado forma. Fuortes cumo ñas tanazes. Ñas manos de home capaces de antriçar cun toda la coraije aquilho que fusse preciso. I las piernas! Ñas çancas de fazer ambeija al mais amproado i cun ñas prumicas para trás que aquilho nien puosto de perpósito.

– Un home assi yá se puode mostrar al mundo!

Éran las cinco de la tarde daquel die de Primabera. L die nacira mais claro do que nunca i Gabilan de pie, inda drento de casa, mirou-se ña beç mais. Sabie que desta beç yá nada l podie parar. Por isso nun tenie priessa. Asperou un cachico mais para que l mundo puidisse axisitir a un momento memorable. De uolhos bien abiertos, mirou para un lhado, para outro i para outro, abriu las alas i bolou.

L anfenito iba ganhando forma. Las prainadas éran cada beç mais lhargas i ls cabeços parecien aprainar. Al loinge inda fui capaç de ber la casa onde naciú. A l'antrada inda alhá staba sue mai mirando l filho que bolaba para nunca mais tornar. L que Gabilan nun fui capaç de ber fúrun las lhágrimas que ampeçában a rebentar an nes sous uolhos. Eilha, para nun dar parte fraca, bolou tamien, smagando-las antes que fazíssen carreiron. La bida, pensou eilha, nun se cumpadece cun las fraquezas houmanas!

Lhibre cumo solo el querie ser, Gabílan bolou até que l cielo yá le parecia tan acerca que tornou para tierra. Solo nun sabe se fui por buntade, se por miedo de nunca mais la ber.





---

Carlos Ferreira

(1961)

---

## LA FIN DE DOUS MUNDOS

### Mil anhos antes

Corrie l anho 1000 apuis de Cristo. La bielha Flacilha, sola, miraba i scrutaba alredror. Pulas carreiras i carreirones que s'assóman pa l riu, ls sonidos de ls relinchos i l scatrapulhar de ls cabalhos de la mourama yá algun tiempo que habien calhado l rastro de fários malos. Para quien tenie ls uolhos tan afeitos para ber las mais pequenhas defréncias de las miradas daqueilhas terras, ls feitiços de l lhugarico que medraba na prainura, d'anho para anho, éran cada beç mais grandes i barulhentos.

Ls cabalhos de ls crestianos passeában-se agora de ls dous lhados de las arribas. Na capelhica de l Castanheiro, un cura pregaba. Cuntaba la bida dun tiu que se chamaba Cristo. Quando l sou último home, Rufino, inda staba bibo, tenien ido ùa beç alhá, mas nun atendírun nada de la práctica de l cura. Falaba contra ls mouros, de pecados i milagres i dun Dius único que staba an to l lhado mas nun se bie.

Flacilha solo coincie l dius que hardou de sous pais. L Alto, l Cabeço, l Sol. Era el i mais naide que an cada nuobo anho fazie remedar outra beç la bida que nacie de la tierra. To las alboradas, assi que s'amostraba, streformaba la nuite an die. Eso si era un milagre berdadeiro. Ls que pregaba l cura nun tenien sentido. Nin se bien, nin se podien probar nin ampalpar!

Apuis que l sou Rufino se morriu, yá muitas lhunas que moraba eilha sola naquel castro perdido a meia lhadeira de las arribas. Yá naide querieibir ne ls castros. Ls mais bielhos morrírun-se, outros matórun-los. Ls mais moços, tal cumo ls sous nuobe filhos, scapórun-se pa ls lhugares nuobos de l praino. L sou último filho a ir-se, Fausto, inda la quiijo lhebar cul, mas eilha zirrou que nó. Tenie l sou Rufino malo i deixar la sue casica, perder de bista la mirada de l'auga de l riu a correr era matá-la. Por esso quedou. Las fuorças para caçar yá éran poucas, mas

eilha sabie ambudar ls peixes. Meia dúzia de xardicas i algues yerbas, fruitos ó raíces dában-le goberno para un quarto de lhuna. La cabra que tenie iba dando algun lheite i serbie pa ls dies de maior apertura. L prai-no tenie ls ambiernos mui frius i mui lhargos, i lhaboriar la tierra nun era para eilha. Naide l'habie ansinado a fazer essas cousas i era perciso asperar muito tiempo para colher algun sustento.

Als castros d'an pie l riu, habie-le dado ña malina sin cura. Parecie que tenien sarna. Al sou, çque l cura de la capielha de l Castanheiro le puso l nome de Mal Lhugar, naide quiijo tornar alhá. To l mundo se scapulhiu para ajudar a custruir nuobas aldés. Queimában l monte i no ourtuonho que medraba criában ganados d'oubeilhas. Amuralhában las canales abiertas i ne l balhe desses cerrados angordában bitelos de bacas burmeilhas cun marrafa, que serbien tamien para arar i puxar al carro.

Flacilha yá nun era desse mundo. Caçar peixes i un ó outro animalico, apanhar spárragos i outras yerbas i buer auga n'augadeira de l'ourrieta era la única maneira que sabie para dar goberno a la bida. Eilha fazie parte de l bielho mundo, cumo dezien ls sous filhos Fausto i Reburrito. Ardeira desse bielho mundo de castros çpindurados nas faias de las arribas, eilha era la última águila sin alas que quedaba. Nun antendie porquei las gientes yá nun se deixában adomar pula cumpañie de l riu. Ls homes querien mais i ls castros yá nun tenien mais nada pa le dar.

Al ampeço de Outonho de l anho 1000, quando sentiu que las fuorças la deixában, acucou-se nũa lhastra de la borda de l riu i arramou alhi l cuorpo. L rugir inda manso de la corriente arrolhou-la i deixou-se quedar. Apuis de ls alcaforros tenéren cenado, quando las scarabanadas d'Outubre angordórun l riu, la corriente barrenta llehou ls uossos bielhos de l cuorpo cansado de Flacilha i, a la par, todo un mundo de castros que zapararecien para siempre.

L cura yá habie pregado essa fin de l mundo, mas staba mui acerca para se ber.

## Mil anhos apuis

Corrie l anho 2000. Marie era la única pessona que moraba naquei-lha aldé. Uns pul Natal, outros de Berano, pulas fiestas de la cidade, ls filhos benien a bé-la. To ls anhos era la mesma çcuçon.

– Mai, eilha ten que benir a bibir cun nós, dezien-le ls filhos.

– Quien, you? Stá-se eiqui tan bien... Fazei la buossa bida, que la mie feita stá, respundie eilha.

– Cun esta idade nun puode quedar eiqui eilha sola. Podie al menos ir para Miranda, pa l lhar de ls bielhos, tornaba l filho.

– You nun sou assi tan bielha i nun stou sola. L perro, la burra i la casa fázen-me cumpanhie. A las bezes bou al semitério a arrincar las yerbas i a falar cun buosso pai i culs outros que alhá stan. Eilhes ye que stanolicos. Solo me ténen a mi. Yá naide ben a bé-los, nin pa l die de finados. Nun habie d’haber dreito d’abandonar ls muortos! Quien me quejir sacar de casa, tira-me la bida. Deixai-me bibir.

Naqueilha aldé habie morado muita gente. Marie lhembraba-se de lhaboriáren l termo todico. Huortas, cerrados, centeno, trigo, ùa ó outra binhica i ganados. Las personassolo percisában de l’ajuda ùas de las outras. L restro era l termo i l traballo que l daba. Todo l sou sustento salie dalhi. Pouco ó nada benie de fuora, pouco ó nada iba para fuora. Amanhában-se cumo podien. Uns anhos cun fame, outros cun pouca fartura, ùa pierna atrás de l’outra, naide se queixaba.

Un die, las personassampeçórun a saber doutros mundos i, als poucos, fúrun-se indo ambora. L denheiro era l que todos buscában i aqueilha tierra, por mais lhaboriada que stubisse, nun daba desso. Uns fúrun pa l Brasil, outros pa la França, outros para Lisboua, outros para Bergância i ls que quedórun porquifazírun casa nuoba an Miranda.

Aqueilha aldé yá fazie parte doutro mundo, yá nun cabie ne l tiempo d’agora, las personassfúrun-se a bibir para outros sítios.

Marie nun antendie l que chamaba las personas a deixar la calma de l sou termo para bibir anrezinados an caixotes ne meio de fumo i rugido. Ye berdade que ganhában denheiro, mas tamien tenien que mercar todo. A eilha, pa la fogaça, la saca que le traie to ls meses l tiu de la farina, la sue pitica pedresa que ponie un uobo to ls dies i la sue huorta, bundaba-le i sobrava-le.

Yá se habie afeito a bibir sola, mas faltaba-le la risa de la canalhada menuda. L’última beç que stubo culas nietas, Natalie i Andreia, cuntou-le l remanse de Fausto i Reburrito. Aqueilhes que hai mil anhos atrás deixórun l castro de la mai Flacilha para fazéren aqueilha aldé.

Agora, la Flacilha era eilha i las sue nietas éran Fausto i Reburrito. Anque l tiempo de ls homes d’hoije se cunte siempre al palantre, el anda al redror cumo l dius Sol de Flacilha. Eilha ye l Outonho i las nietas la Primavera.

Marie acraditaba na fin de l mundo de l anho 2000, mas nun tenie

miedo. Essa fin de l mundo, era la fin de l sou mundo, l mundo dua aldé que por mil anhos bibiu de la tierra de l sou termo i que agora yá naide querie lhaboriar. Na capielha de l Castanheiro, yá dieç anhos que nun se dezie missa. Hoije, para oubir la práctica yá nun era perciso ir a la capielha cumo datrás, bundada acender la telebison. L dius inda ye Cristo, mas yá solo s'acradita ne l denheiro. El ye milagre para to ls males.

Nesse Outonho, antes de las purmeiras giladas arreganháren ls dientes, Marie sentiu friu. Staba cansada, mas calma i serena.

No die an que bieno l tiu de la farina, batiu a la puorta, chamou, tornou a chamar i naide respundiu. Outro mundo habie acabado. Marie i l sbarrulho daqueilha aldé de la prainura anterrórur-se alhi mesmo, ne l suolo donde habien medrado, aquercentando-le mais ãa camada al solar de la stória.

---

## Duarte Martins

(1976)

---

### ÛA FRIDA DE MUORTE

Pobre de Pata Grande i Dedo Pequeinho! Nun fúrun capaces d'aguantar aqueilha maleita, anque l tiempo tamien nun ls ajudou, mas quien nun cuntar cun segura a mais ne l berano, por estas parai-ges, que se zanganhe. Se bien que nun fui este l causo, porque ls dous yá tenien eidade i tiempo subreciente para fazer frente a cada bareta relhamposa de l sol i, noutras andebenças, até al roubo de tierra de ls anrezinados galatones de Junho.

Pata Grande i Dedo Pequeinho éran la punta de la frescura daquei-lhes cachos de huortas, metien ambeija a qualquier un. Fracisco Cochico i Alberto Pardal dezien que éran zorros de l biento i l sou padrino era l acauso de las circunstanças, que malas lhénguas, las destes dous xaboneiros.

Dun die pa l outro, dou-le ùa maleita i l berde de las sues sotai-nas fui quedando meio acastanhado i ùa frida de muerte fui tomando cuenta deilhes. Mandórun benir l sabido Doutor Jesé Moucho, l melhor médico de la tierra, mas nin el soubo curar tan rala malina, tan stranha frida de muerte. Nessa nuite, stranhei a Marie Queruja, nunca mais tor-nou a cantar l Ró-Ró i a piar, cumo dantes fazie nas nites calientes de berano, por riba de Pata Grande i Dedo Pequeinho, até estes queréren ampeçar a drumir. Tamien eilha s'anterou que ls dous tenien ùa ferida de muerte, que de die para die iba crescendo, cumo un maldito cáncaro quando toma la giente, sien dar sastifações a naide i pouco a pouco, las bai demudando, quemendo-las por dentro até las fazer zaparecer.

You tamien me dei de cunta de todo, i subre l hourizonte que mi-raba ampeçaba a caer dentro de mi ùa anquietaçon doce i melancólica, dũa natureza que eimaginaba solamente adrumecida. Pula fin de l die, lhançando un lhargo oulhar a l'anfenitude de l cielo, bi que la streilha buieira m'apiçcara ls uolhos, fazendo-me lhambrar tiempos redondos, que ora ban, ora bénen, cun Pata Grande i Dedo Pequeinho nas mies nites de garoto i que l Letes de la memória inda nun afogou an sues

augas squecidas. I a la nuitica, antes de me drumir, miraba a la jinela, sobre Pata Grande i Dedo Pequeinho, i sentie a modo dun spasmo que drento de mi chamaba ls miedos anuncientes, que fazien cun que la mie eimaginaçon criasse ciertas formas i la retina trasformába-las de-pronto an gigantones i ancantos de braços abertos i de formas amenaçadoras que, de tanto tiempo quedar a mirar para eilhas, me ponien a drumir nun suonho profundo.

De die todo demudaba. L assombro i ls miedos de l'eimaginaçon dában campo a la simplicidade relhamposa dũa folhaige d'uolmo. Pula purmanhana, alhá iba you, mais madrugador que un mielro, todo cun-tento, caras a Pata Grande i Dedo Pequeinho, a çfilar ls segredos de niales que guardában an sue folhaige sberdeada. Houbo alturas an que ls bi todicos pelados, mas eilhes nun tenien bergonha algũa de quien ls achasse assi, percipalmente zde l die de la Assançon, *Die de la Assançon, yá la fuolha ten ceçon*, dezie la giente de l lhugar. I lhougo chubie giente stranha por riba deilhes para le tirar la fuolha, quedando ls dous an penacho, tal i qual cumo un home ben al mundo. Çpuis, cochinos i bacas agradecien i anchien la barriga cun la folhaige, i nun quedában cun denteira porque la fuolha yá staba algo durica. Antes de le aparecer la ferida de muerte, yá se habien aquestumbrado a quedar sin fatioca por estas alturas i nien sequiera stranhában. Quando la giente de l lhugar colhie muita folhaige, guardaba-la nun sobrado até l eimbierno, las casas quedában mais calenticas i l ganado tenie quemido por muito mais tiempo. Tanto Pata Grande cumo Dedo Pequeinho tenien proua, porque sabien que las sues fuolhas éran buenas para tirar la gordura a las caldeiras de ls dies de festança, que cun auga caliente quedában que nin un mimo!

Pata Grande, l mais alto de ls dous, inda chegou a ser alguas bezes zgalhado, mas aguantou bien las moléstias houmanas i nin por isso deixou de medrar, anquanto a Dedo Pequeinho le tocaba, quaisque siempre, a ser ripado, por ser l mais nuobo i tener ls galhos mais delgadixos.

Çque bieno la ferida de muerte, nunca mais houbo folhaige i l'alma apartou-se por cumpleto daqueilhes dous cuorpos de madeira, nunca soube que semício lhebórun i nunca mais ls tornei a ber. You eimaginába-los agora noutras metamorfoses dun mundo rural: an caibros i bigas de casas de dues ou quatro augas, an armaçones de ls telhados, an canhiças de ls chiqueiros assetados, an setos de carros de stierco, an canhiças para la lheinha ou para acarrear l pan, an jugos, cedas, cabielhas,

berbiones, antriteiras de ls carros de las bacas, an rastros de la palha de las trilhadeiras, an rastras para cargar l feno i ls manolhos...

Cun esta frida de muerte, Pata Grande i Dedo Pequeinho nunca mais tornórun a balanciar al biento i las sues galhas nunca mais tornórun a fazer bruído algun, fúrun fridos de muerte.

Eiqui a dies passei ne l sítio que dantes fui propiadade de Pata Grande i Dedo Pequeinho i, para miu spanto, bi dues oulmeiricas a nacer, ña ne l lhugar de Pata Grande i outra ne l lhugar de Dedo Pequeinho! Serán eilhes que bénen aende outra beç? Stáran cun suidades nuossas porque, afinal de countas, stán outra beç a benir, porque solo fúrun fridos por un terrible susto!?





---

## Alfredo Cameirão

(1969)

---

### RENDA DE PARDO

**C**hamaba-se Rosa Antígona. Rosa por parte de la mai, que le gustaba l nome i, inda porriba, yera l nome de la bó, Antígona por parte de un tio padre, l padrino, que anteimou que la garotica tamien habie de llebar l nome dúa tie, peç que mi guapa i mi baliente, de que el se alhembraba duns lhibros que habie lido ne l seminairo.

Mi amperronhadica, Rosa Antígona alhá se habie criado, an Bregância, siempre de ruoda de la saia de la mai i de las beatas de Bregância, sin nunca haber coincido las quelobrinas que fai ber la cobiça an l oulhar dun moço. A la cuonta de alguas letras daprendidas i duns persuntos i outros tantos garrafones d'azeite, saliu regiente scolar.

L regiente scolar apareciu an Tortulhas, pa strenar la scuola nuoba de ls centenairos que haberie de serbir para que to ls de Tortulhas podíran daprender a ler, a cuntar i a screbir, de carreirica i an pertués legítimo, a bien de la naçon, cumo Dios, Nuosso Senhor, gustaba i l senhor Persidente de l Cunseilho mandaba.

I an Tortulhas Rosa Antígona se quedou, debrebe se deixou ambudar pul paleio de l filho de tiu Zé Molineiro, Artúrio, l Farroncas, que le perdonou a Rosa la fraca pelaige que tenie, por bias de la chubida an la scaleira social que eilha le pormetie.

De pouco le serbírun ls cunseilhos de sue mai:

– À Rosa Antígona, filha, mira que tu, se algun quejir çofar antes de l tiempo, tu dá-le cun l palo de ls farelos para trás, tu nun oubes?

Rosa Antígona nun le dou cun l palo de ls farelos a Artúrio, que isto nun hai cunseilhos de mai, nin mofo de beatas de Bregância que séian capazes de abafar la boç dun biente de binte anhos, quando las campanas de la natureza tócan a rebate.

Aquillo fui cumo un lhobo zampar-se nũa canhonica, i naide le fiturou bun fin al matrimónio.

Anganhórun-se. Rosa Antígona nun yera bien quien se pintaba. L friu de las lastras de las eigreijas de Bregância habie-la temprado. Dezie

l padrino padre que la sue Rosa Antígona yera, pintiparada, ña renda de pardo: delicada i singelica por fuora, cumo ña rendica; fuerte i rejistente por drento, cumo l pardo.

Las que amargou, naide l sabe, que eilha solo se cunfessaba al padrino, mas l cierto ye que hoije Rosa ten muito adonde se puoden poner ls uolhos: ls três filhos, guapos i zbulhados cumo três chouriços, la casa, siempre lhimpa i asseada que até un se puode spelhar ne l chano, l home, de camisa lhabada i gola angomada an la missa de Demingo, eilha mesma, que yá puso algũa chicha anriba las tenrielhas que troixo de Bregância, até peç que quedou mais alta, a un qualquier se le antolha.

Debe de ser de las poucas ties an Tortulhas que nunca spurmentou l peso de la mano de l home. Solo, de beç an quando, ña ralhatina sin amportança:

– Á Artúrio!... á Farroncas de l diabo... tu sós burro ou fais-te?... tu nun bés que mos botas a perder!?...

– Calha-te alhá, mulhier, se nun fusse you, tu inda hoije stabas de adil!

mais carino que malquerença, que an Tierras de Miranda tamien la rudeza de las palabras crece al mesmo tiempo que la cunfiança i l'antemidade.

Na scuola, debebe tubo que s'afazer culs garotos de Tortulhas:

– Aponta, Teodoro, aponta e vais ver que não trocas as linhas ao leres...

– Que apunte, que apunte... se you tubisse ñas unhas cumo las buossas!...

Rosa Antígona cortou las unhas un cachico mais renticas i, a pouco i pouco, fui cerrando ls uolhos i ls oubidos a las mirandesadas que ls garotos le misturában cul pertués. Fizo-se ña buona palhantra, dezie l padrino, que, cumo doutor de scanho ancartado, tenie sentências para todo.

Fui un regalo bé-la an l Curso de Eiducaçon de Adultos, a substituir ña porsora de Miranda, filha dun barraigista, que nun s'afizo an Tortulhas, cuitadica:

– Bá, bamos agora a la matemática! A ber se sodes capazes de resolver este porblema: Manginai que teniedes doze canhonas i las lhebáades a la feira de l Naso. Se bendíssedes un tércio, cun quantas bolbiedes a casa?

– Ora, isto yá ye un porblema – diç Teodoro, que nunca fui capaç de daprender a ler nien a screbir, i andaba agora, de home, a ber se fazie,

al menos, la quarta – agora ls porblemas de l'outra porsora...nun tenien jeito niun...yera solo: you amarei, tu amarás, el amarás...

– Calha-te, sou burro – ralha l bezino de la carteira, más andus-triado an las andanças de las letras – anton tu nun bés que isso nun ye un porblema, ye l Persente de l Andicatibo?!

Tortulhas yá habie aporfilhado a Rosa.

L que Tortulhas nunca fui capaz de angulhir fui la Antígona. Inda, por dues ou três bezes, las bezinas spurmentáran: *á Rosa Antiga, isto, á Rosa Antiga, aquilho*, mas nun se le drobaba la lhéngua i nun anteimó-run. Quando fusse perciso çtinguir a Rosa, la regiente, de las outras dues ou três Rosas de l pobo, quedaba Rosa Farroncas i yá staba.

Anté Rosa, para zapacenciar a sou padrino, le questumaba dezir, meio de caçada:

– La Antígona nun se afizo eiqui. Tortulhas ampuntou-la pa l fondo de un fóio, alhá pa las minas de Santo Adrian, lhembra-se-me que yá nun la bolbeis a ber.

I l padre, cūa risica meio amarielha, rezungaba:

– Calha-te eignorante... Nuosso Senhor te perdone, se ancuntrar por donde... anté peç sina de las Antígonas...

Tortulhas nunca antendiu l que querie l padre dezir, i isso agora tamien nun ben al causo.

## L STALHICO

**Y**á staba an Tortulhas iba pra dous lustros. Habie aparecido cun ls andrajios que traie ne l cuorpo i las manos an la punta de ls braços.

Zampenado, cara bien zbulhada, las greinhas grifas i ls uolhos cumo dues denozielhas, Mário Raiano – habie benido de un pobico de la raia – yera un cacho dun home, assi a modos dun San Cristobo, de cuorpo i alma, tirando-se l Nino Jasus al ombro, mas anton!, andeble de la cabeça cumo inda nun se habie bisto por aqueilhes lhados, çaramou-quito de todo, cuitadico, que nun yera capaz de dezir três bezes arroç!

Jeira parqui, jeira palhi, muita beç solo pula códia, caiu an las buonas grácias de l pobo i alhá se arrimou ne l chabolico que senhor Zezinho l'amprestou junto cun l hourtico trás de l'eigreja, d'a meias, a la cuonta de la scabadela da las binhas, i de botar ùa mano an las bandimas, i de le mundar la corteilha als cochinos quando fazisse falta, i de ajudar ne l acarreo, i an la trilha, i de alhebantar esta parede, i isto, i aquilho, i de le partir la ramalhada a D. Aninhas...que isto, senhor Zezinho yera rico i deboto, mi amigo de ajudar ls zbalidos i quien percisa – fusse todo pul çcunto de ls pecados...

Buono, l cierto ye que Mário, cumo a más nun querie chegar, iba lhebando la bida cantando i rindo, cun un pie trás de l outro – cumo houbissa caldo ne l pote i un carolo ne l caxon, yá nun yera perciso priessas nin cobradeiros de cabeça! Tirando-se ùa laranja an la taberna, als demingos i habendo croua, outras aspiraçones nun se le coincien.

Quien nun paraba queta cun la roupa que tenie yera tie Bárbela Bexiga, bezina de puorta, que le custaba ber a Mário, un moço tan zbulhado, siempre mal ampelajado i la barriga sabe Dios cumo.

Anteimou que Mário tenie que arranjar maneira de se casar, que nun se morrie assossegada se nun sabisse que l deixaba arrimado i bien antregue.

– Ah Mário, l que te fai falta ye ùa moça buona, pra fazeres bida home, ùa moça cun cabeça!...

– Si...tamien sin cabeça pra que la quiero?! Sin cabeça yá bonda l caramonico de la santica que tengo anriba de l puial!

Dius te lhibre! Yá yera perciso tener pacença!

Inda bien que pacença, ou outras razones más scundidas, nun le faltórun a tie Bárbela i, tanto xaldrocou, tanto xaldrocou, que le metiu a Sabel Chicha pul uolhos adrento a Mário.

Sabel Chicha, sin pai nin mai i sobrina de l'alquebiteira, fazie-le honra a la nomeada. L pelo meio rúcio i ls uolhos azules, la piel siempre mi branca i amerosa, las cuostas mi dreitas a ampinar las tetas, que até peç que arrebetában ls betones de l xambre, i las nalgas rijas que se adebinában ambaixo de la saia, yera ùa puosta a la Mirandesa tan delei, que quien la bisse passar a scatrapulhar trás de las mulas i nun fusse de Tortulhas nun se fintaba que habie quedado aquel saco sin baraço, ùa moça assi, solteira i yá quaije a arrimar als trinta...

Nin nunca Mário habie feturado que staba eilhi l cacho guardado, mirai ùa moça guapa i lista cumo Sabel, cumo se iba a agradar de un cimprico cumo el?!

I ye bien cierto que nun serie eilhi que Mário iba a zanfastiar ls dientes, nun fura l causo de la chicha de Sabel yá haber sido schurricada an muita greilha, drento i fuora de Tortulhas, i serie dende que benien ls oulhares de lhado, quien sabe se d'ambeija, de las ties de l pobo, i ls oulhares de amo, ou ganas de tal, de ls tius, i ls oulhares anchoquecidos de cobiça de ls que íban a pagar la remeia.

I serie dende que benie la priessa de tie Bárbela, que çcunfiaba que Santa Ana yá ampeçaba a quedar zapacenciada cun tanta pormessa pra nun benir un chichico antes de l tiempo.

I fui dende que benírun las mataçones de senhor Zezinho, cunse-mido cun l feturo de la tiesta de Mário, i cun l feturo de la binha de Bal Xordo, qu'inda spurmentou a dar-le dues palabras al rapaço:

– Ah Mário, tu nun oubes, tu bei bien l que bás a fazer... arrepara que se bos casardes, you tengo que te ampuntar de la casa, i tu mira que diç que la rapaza nun ye baca dun bui solo!...

– Bó, anton bós nun bedes que eilha nun ten nin bacas nin bui!

– Nun ye isso, home. Ye que diç que la rapaza yá se metiu ambaixo de más homes do que dies ten l'anho...

Fui la purmeira beç que alguien biu a Mário anraibado! Arrespun-diu-le a senhor Zezinho, cun las benas de l cachaço gordas i la sangue peç que a querer salir de l'augueira:

– Bós tenei cuidado cun l que dezis. Se nun fura por ser quien so-des... bós yá lo porbestes?! Buona gana, porí!... Eilha dixo-me que ye birgueira i you finto-me neilha. I dixo-me que solo me l dá apuis de mos casarmos. Inda quereis ùa rapaza más hounrada?! Bamos-mos a casar, nin que Santo Antonhico benga acá abaixo outra beç.

Santo Antonhico nun quijo salir de l caliente i Tortulhas tubo boda! Mário ampuntado de l chabolo de senhor Zezinho, falatório, muito

abandar de cabeça pa ls lhados, muita risota çfraqada, algũa bien amarie-lha, nada que bundasse para anubrar la felcidade que se arramaba de ls uolhos de l Raiano i las buenas antenções que se adebinában ne l jeito de Sabel.

Por muito tiempo, tie Bárbela zenhou ãa risica ne ls beiços siempre que se le lhembraba la cuenta de Sabel de cumo habie sido la purmeira nuite cun Mário:

– Deixei-lo chubir, abracei-lo cun las manos trás de las cuostas, stalhei ls dedos e precurei-le: “Sentiste?!”

– L quei?!...

– Ai?!... Pus l stalhico!...

– You si senti un stalhico...

– Pus yera l birgo, sou cimprico!... anton tu nun sabes que l birgo dá un stalho siempre a la purmeira beç...

I pr’arrematar:

– Tu ten cuidado que me fires!...

– Quieres que l bote fuora?

– No...pus agora já sta, já sta...

Sabeis que mais, ah tia – habie-le acrecentado la sobrina cun ãa centeilha ne ls uolhos – l que Dius le poupou ne l’antendimento nun lo quedou a deber noutros lhados. An bien que nun se le baia la bontade de trabalhar, que la bida pa la frente toco-la you!

I de que maneira la tocou, já cun un chichico an la barriga – abançoadada Santa Ana que bien sabe l que fai – camino de l Brasil, pouco tiempo antes de an Tortulhas se ampeçar a dezir que “aqueilha já dou l stalhico”, quando se quier dezir que la rapaza já se albiou de l peso que l birgo le fazie.

---

## Faustino Antão

(1949)

---

### L PARDAL I L MIELRO

Fazie un daqueilhes dies de Dezembro cumo hai muito nun se bie por eilhi. Nebaba dun modo manso i sereno, mas cun tanta abundança cumo se stubíssen a çfilar l cielo, i las ganas de parar éran scassas. La nebada habie-se agarrado al chano cumo cúscaro, atalancaba todo i todos, nun habie nada a çcubierto. L termo staba agora ambaixo dun capote branco i spesso cumo un canhono ambaixo de sou çamarro. La bida naquel outibal staba parada, este ambasor assentou fierros que nien ampostor benido alhá de ls “Cierros de Sanábria”. Ls bichos, abes i páixaros stában agora ancerrados an sue própia casa, íban-se amanhando cumo podien. L mais deilhes botában cuontas a la bida, nũa spera anrezinada.

Un pardal abrigado ambaixo dun niebro íba-se portegendo nun fússen las sues prumicas anchapuçar, debicando la barriga bazie, pus nun bie modos d’ir al campo percurar uns granicos. De l mesmo mal se queixaba l mielro que nun podie percurar las sues lhumbrizes faboritas.

L pardal, nũa de joldreiro, siempre le fui dezindo al sou cumpanheiro, mira tu que tiempo este. Mal me zaiunei i nun tarda ye de nuite i nun mato la fame. De lhamúria an lhamúria, acrecentaba siempre algue a la cumbersa.

– Quanto pesa ãa farrapica de niebe?

Sien tirar ls uolhos de las de mais que cáien mansamente fazendo déncias, ambuoltas nun silêncio profundo, l mielro respuondu-le.

– Nun l sei, mas debe ser bien pouco, quaijeque nada.

– Pouco, quaije que nada, dizes-me tu!? Anton bou-te a dezir, que eiqui a dies quando cáiu l outro nebon, staba you abrigado a un pino, i como nun habie nada que fazer, botei-me a cuntar las farrapicas que un galho sustenie, fui cuntando, cuntando i cuntei dieç mil farrapicas, nun acunteciu nada. Quando cuntaba las dieç mil i ãa l galho zgaçou-se cul peso i chimpou-se ne l chano.

L mielro scuitou la cuonta de l sou cumpanheiro de sorte i quedou-se a manginar nas redadeiras palabras. Bondou ãa farrapica!

Quantas bezes para que haba ùa zgráçia bonda ùa cousica de nada, alróbes tamien acuntece, pa l'eibitar ùa cousica de l peso d'ua farrapica bonda. Quantas bezes para salbar ùa pessona bundarie ùa palabrica de cunsuolo, d'ánimo. Quantas fúrun las personas que percurórun la muerte, un géstio pequerico de l peso d'ua farrapica bundarie para qu'elhes nun l fazíssen. Quantas bezes un pequinho passo alantre acabaríe culas çcunfianças i ancuntraríe l camino de l entendimiento. Quantas bezes bundarie que ls sacadores de riquezas nun tubíssen tanta ganância, solo un cachico menos bundarie para que muitos probes tubíssen ùa códia de pan. Quantas bezes bundarie que ne l coração de ls que gobiernan l mundo antrasse ùa farrapica de lhuç i haberíe paç.

Las cousas mais baliosas son pequinhas, nun son çfíceles de fazer, pésan tan pouco cumo ùa farrapica de niebe.



## L RANICO QUE QUERIE SER BOLADOR

**E**ra ña beç un ranico que s'antretenie l tiempo todo dando brincos, Epus querie ser bolador. Bibie cun sou pai i sue mai nũa lhagona mui grande, adonde tamien ls pais habien dado muito brinco quando éran nuobos. Mas Pimpico, assi se chamaba l ranico, nun paraba un anstantico. L pai nun fazie muito causo, siempre cuidou que el houbisse salido mais zanquieto que ls outros.

La mai, que siempre staba d'atalaia, nun gustaba muito que l filho nun fazisse outra cousa que nun fura dar brincos. Nun era bien por bias de se chimpár. Dantes si, quando el se chimpaba eilha quedaba cun miedo que se scalabrase, mas agora, que yá tenie piernas fuertes, que se birasse, nun fusse tolico. L que l'anquemodaba era la manha de ls brincos, aqueilhas triteirices. L anstinto de mai, dezíe-le q'andaba por ende cisma, i de la gorda. Nun era só nas canhas que el s'ancarrapitaba, tamien ne ls juncos, pulas paredes, pulas silbeiras, nas freixeiras i dende botaba-se pa l camino, que nin un boubico. Cumo podie ña mai quedar çcansada? Al purmeiro çcuido, ña cigounha, ña quelobra, ó algun par-ro, i nun tenendo adonde se scunder, serie ña grande treijédia. Perdie l sou ranico. Tamien s'arritaba, por el nun querer saber de ls lhibros, era solo chegar a casa i ende andaba el als brincos. D'èiqui par'acolhá, chubie-se bien alto i chimpaba-se a las ciegas, para que ls brincos fúsen maiores, cun marcaçones ne l chano, siempre fazendo sfuorço para chegar mais loinge.

Estes modos tornórun-se pa la mai un cobradeiro de cabeça. Ouserbaba-lo i cismaba, “yá nun ye buntade de jogar! Tengo que falar cul pai a ber se ten eimenda”. Lhougho que chegou a casa dixo-le:

– Fala cun tou filho que de mi nun fai causo. Abisei-lo mas fui ambalde. L que anda fazendo parece-me que ten algũa fisgada. Só brincos, só brincos que nun hai modo del quedar assossegado. Chube pa las canhas mais altas i dende, sin mirar a nada, chimpa-se. Yá algũas bezes que you l mirei, botei las manos a la cabeça.

L pai chamou Pimpico i dixo-le:

– Olha tu a ber se tomas tino que tue mai nun se calha i inda la pones mala, cun essas tues traquinices.

Al que el respndiu:

– Pai, you nun bou assossegar até que nun seia capaz de bolar.

L pai, lhougho q'oubiu estas falas, biu que habie marosca. L filho andaba manginando cousas ampossibles.

– Pimpico, diç-me outra beç l que quieres tu fazer?, tornou l pai.

L filho bolbiu a arresponder:

– Quiero bolar, quiero fazer cumo ls páixaros, cumo las barboletas, cumo las moscas, cumo las abeilhas, cumo ls sartigalhos, cumo las lhibulinas, i só paro quando fur capaç. An to la nuossa eisistêcia naide se sforçou para ser bolador. Tengo que ser you l purmeiro a fazé-lo.

L pai quedou-se de boca abierta. L filho querie bolar, querie cousas que nun podien ser. Cumo iba el a fazer para que l filho entendisse ls percípios de la criação de la natureza?

– Filho, dixo-le, senta-te eiqui al pie de mi. Olha, nun puode ser, tu nun puodes ser bolador. Bou-te a ansinar. To las cousas ténen la sue razon de ser cumo son. La nuossa raça nun fui feita para bolar: se Dios, quando fizo l mundo, nun mos dou alas para bolar ye porque nun ye perciso, ye porque eiqui na lhagona adonde bibimos, tenemos mosquitos i moscas para comer, nun fai falta ir por alhá. Nun ténes tu ãas pier-nas fuertes para dar brincos? S'assi ye, ye porque nun te fázen falta las alas para nada. Nun quedes anraibado. S'eilhes fázen cousas culs bolos, tu fazes cousas cun ls tous brincos.

Pimpico habie antandido l pai, i quedaba mui triste, puis staba querendo aqueilho que nun podie tener. Iba a demudar ls sous modos. Studar muito, i quando fusse l'aula de brincos an lhargura, iba a ser l purmeiro, até sue mai iba a tener muita perjunçon. Yá que nun podie ser bolador, iba a ser l melhor de la scuola a dar brincos. Pus todo este tiempo an que el se sforçou habie de serbir par'algũa cousa. Nun s'iba a squecer de l cunseilho de l pai. Cada un ye pa l que naci u, ende si, puode ser buono.

---

# Adelaide Monteiro

(1949)

---

## PERCURA-ME AMIGO

S'algun die batires a la mie puorta  
I nun te la benir a abrir,  
S'algun die bires la yerba muorta  
I nun bires algũa flor a florir  
Ne l canteiro ou na huorta,  
Anton amigo, you yá nun stou eiqui!

Percura-me por ende, cumo caminante  
Agarrada a un palo para me sribar,  
Percura-me por ende, cabalheira eirrante  
Antre scobas, xaras, siempre a caminar  
Ne ls mius carreirones, cumo un biajante,  
Percura-me amigo, you ando porqui!

Percura-me ne ls bandos de páixaros, a cantar,  
Que you cun eilhes siempre cantarei  
Percura-me antre las barbutetas a bolar  
Que antre eilhas, alegremente bolarei.  
Ne ls montes, ne ls prainos, siempre a beilar  
Percura-me amigo, you sou deiqui!

You sou deiqui, de to las quelores,  
De streilhas, de lhuna chena a relhampar,  
De touças, de freixos, d'urzes cun flores  
De carambinas, çanceinhos, gelada a tritar  
De campos de trigo, chenica d'oulores,  
Percura-me amigo, percura-me eiqui!

You sou desta tierra, adonde naci  
Dun bózio retumbante, chenica de bida.  
You sou desta tierra, d'adonde sali,  
Adonde tornei, alegre, renacida.  
Sou de to l mundo, sou tamien deilhi,  
Percura-me amigo, you starei eiqui!

## ADONDE STÁS MIU BÉRCIO?

Camino rue arriba  
rue abaixo de l miu bérccio  
de casas sien ancaliar,  
mas, miu bérccio, nun te conheço  
cun tues casas  
adonde nun se puode antrar.

Bolór-un-te ls páixaros,  
medra yerba nas preças de casa,  
médran ourtigas a l'antrada,  
médran araneiras na sala,  
ls ferroilhos yá nun se ábren,  
la aldaba stá anferujada.

Médran silbeirones i tomilhos  
adonde bou a caminar,  
mas, miu bérccio, adonde stás,  
se you yá nun acho caminos  
i l ribeiro stá a secar?

Quiero chegar a las stebas  
para cun eilhas me banhar,  
mas ls touçones adonde me perdo  
son tan grandes, tan medonhos,  
son papones que nun me déixan pasar.

Quiero chegar a la giente,  
a la pouca que bai habendo,  
mas, miu bérccio,  
la giente stá tan çfrente  
que a las bezes nun la reconheço.

Miu bérccio, mie aldé,  
miu alqueire, miu suco,  
mie cama de fierro, xaragon de palhas  
adonde drumiemos.  
Cozina cun scanhos i prato redondo  
d'adonde todos quemiemos.

Adonde stás miu bérccio?  
Adonde stou you?

---

## Bina Cangueiro

(1956)

---

### LA PAIXARINA AZUL

Inda l sol se assomaba ambergonhado, yá la paixarina azul andaba puli bolando. Paraba de donde an donde, botaba un oulhico a ber se naide la bie, daba-le ña risica pa las cousas i cuntinaba adbertida cumo quien bibe pa l bolo que dá. Parecie que beilaba al sonido de la música que solo eilha oubie. Mais atenta que l que daba modo, aparou anriba l xambre dũa nina que staba sentada ne l chano a çfolhar un lhibro de retratos. Quando la biu, la nina mirou-la admiradica i dixo-le:

– Que guapa sós! Nun parecez berdadeira.

I si era! L azul deilha nun se podie acumparar a nada, nien al cielo, nien al mar.

– Deste-te de cuenta de que nun sou berdadeira? preguntou la paixarina.

– Inda porriba falas? la admiración de la rapazica fui inda mais grande.

– Claro que falo, mas naide me scuita, mas ye melhor assi porque you nun sou berdadeira.

– Porquei dizes que nun sós berdadeira? Mas tu bibes, tu stás eiqui...

– Stou eiqui, mas por pouco tiempo. You nun sou berdadeira nas cousas que digo.

– Tu sós mintirosa?

– Nun sei se sou mentirosa. Falo de las cousas cumo las sinto i nó cumo las beio. Ne l choro scondo alegría i nas cantigas sinto penas que nun se mangínan. Hai cachicos an que tengo suidades, outros an que tengo dolores i outros adonde beio caminos que se pérden...

– Sabes, you tamien digo las cousas cumo las sinto, achas que tengo que las scunder?

– Tu sós nuoba, tenes ña bida para çcubrir. Las cousas que se scónden apegadas al fondo de cada un, nun se ancúbren cun nada, stan

siempre a la muostra de quien las sinte, mas naide las bei. Las outras qualquiera un se puode sbarrar neilhas. Quantos anhos tenes?

– Tengo nuobe, i tu quando naciste?

– Naci l outranho.

– L outranho? Anton inda sós mais nuoba do que you. Quei sabes tu de la bida?

– Çque naci yá me sbarrei cun muitas personas cun quien daprendi muito. Uns gastórun einergies a queixáren-se de l tiempo. Outros falórun mal de l mundo i de la bida. Outros craticórun la sue sina i outros botorún-se scontra Nuosso Senhor que nun le botaba ùa mano. Cun tanto traballo que Nuosso Senhor ten, nun puode dar aguanto a todo. Inda bi outros que spaporrában temates scontra ùa casa, nun sei se era scontra la casa se scontra ls duonhos. L çumo scorrie pulas paredes brancas cumo sangue a salir de las benas. Las piedras falában de las feridas que alhá quedórun. Hai maleitas que nun se sánan i muitos einocientes págan las maldades que outros fáien!

– Nesse causo pouco daprendiste cun eilhes.

– Daprendi a nun cunfiar an naide. Uns dezírun cousas para me agradar, outros dezírun cousas para me ferir, mas ls que mais dezírun fúrun ls que quedórun calhados. Ne l silenço oubi ls bózios sien boç de cada un, las risadas de alegrie de outros i ls miedos scundidos nas squineiras de las caleijas que tráien a muitos presos cun ùa lúria.

– Pareces un screbidor.

– You nun sei screbir, passeio l miu pensar pulas cousas adonde me perdo. Gustaba de dezir berdades mas you nun sou berdadeira.

– Gusto de te oubir.

– Tengo que me ir, la mie biage ye mui cúrtia i tengo que aporbeitar l que puodo. A cada bolo que dou, ye un a menos que tengo para dar, son cachicos de bida que bou perdendo.

– Nun tenes família ou amigos?

– Amigos nun tengo. Tenie ùa armana mas ind’agora staba eilha a falar cun ùa frol i un amprouado dun garoto pisou-la i matou-la.

– Cuitadica.

– Nun tengas pena, fui feliz anquanto porqui andubo. Tubo ùa bida curtica, mas abraçou-la cun muita fuorça i por adonde passou sembrou amor i alegrie, por isso baliu la pena bibir. Nun tenie medo de la muorte porque dezie eilha que ùa bida tan pequerrixa nun podie acabar assi. Pula cierta habie de cuntinar noutro lhado.

– I tu pensas cumo eilha?

– Fui ña cousa que nunca me preocupou muito. Cumo eilha, quiero ser felíç l tiempo que porqui andubir.

– Cuidas que tue armana se morriu ou que bibe?

– Yá te dixes que essas questionen nun m'antressan. Eilha dezie que tenie seilhas, anton porquei nun las tubo antes de l garoto le poner l pie anriba? Çculpa, nun quiero falar disso. Tengo que me ir, mas antes bou-te a dezir porque parei eiqui. Sabes porque fui?

– Nó, mas purmeiro cunta-me la bida.

– La bida bibe-se, cada un cunsante puode. Hai muita cousa que daprenderás ne ls lhibros mas hai outras que solo la bida te las ansina. Las cousicas pequenhas de todos ls dies bei-las de la grandura de l ouniverso. Bota ña mano a un belhico que mal se bulhe i alumbra l tou die d'alegrie. Scuolhe siempre l que te fai felíç, sien poneres a carga-deiro cousas que nun antressan para nada. An cada cousa que fais nun te quedas pula rama. Agarra cada die l que la bida te dá, nun busques mais, isso bonda pa ser felíç. Nun fagas causo, you nun sou berdadeira.

– Á! fizo la nina mi admirada, achas que you serei capaz de daprender?

– Acho que si, tu fuste capaz de me scuitar, tamien saberás agarrar l cumbite que la bida te dir. Quando la tristeza te ambolbir, atas un filico al cielo i colgas-te dalhá al para baixo. Sien priessa, zlhingas-te i quedas a ber l mundo a rodar por stradas que se pérden ou caminos adonde ls rastros se afincan para siempre. Hás de achar mais que rezones pa aceitar l que la bida te dá. Çculpa, yá me scuiteste muito tiempo, quieres ou nó que te diga porque parei eiqui?

– Claro que quiero, dixo la nina.

– Porque un páixaro benie atrás de mi a dezir-me que l sperasse que me daba ña linda.

– I porquei nun l spereste?

– Sabes que linda me daba? Papaba-me. Ye sempre assi, ls mais pequenhos son quemidos puls grandes, mas outros ls pápan a eilhes. Nun fagas causo, you nun sou berdadeira.

– Porque nun quedas eiqui al pie de mi? You gusto tanto de te oubir, sabes muita cousa...

– Tengo muito que daprender. Se quedasse eiqui yá nun daprendie mais nada i tu acababas por te anfadar de mi. You falo muito i digo siempre las mesmas cousas. Yá tengo pouco tiempo para bibir, deixa-me bolar. Ye ne l bolo que tomo cuncência de l'importança de ser felíç.

– L que gustas mais na bida? preguntou la nina.

– Gusto de l airico que me lhieba para adonde nun quiero ir. Gusto de las lhibelinas i se nun fusse ùa paixarina gustaba de ser ùa lhibelina. Ándan tan debrebe que nun dében de ber nada delantre deilhas. Nun ténen tiempo para pensar i até ye melhor assi!

– Nunca habie pensado nisso.

– Sós mui nuoba, nun fagas causo, you nun sou beradeira. Yá te cunsemi muito. Adius, lhembra-te que l mais amportante ye andares siempre bien çpuosta. Anque tengas rezones para star penosa, pon alegrie ne l tou coraçon. Se ls tous uolhos quejiren chorar, angulhe las lhágrimas cun risicas. Quando fazir friu i chobir, lhembra-te que you yá nun starei acá, mas há de haber outras bidas a nacer! Outras paixarinas doutras quelores cun outros suonhos.

Aquanto falában, la paixarina dou un bolo, pousou mais adelante, tornou a bolar até que la nina deixou de la ber. La rapazica lhebantou-se corriu porriba de ls patalhobos i de las campaninas a ber se inda l'abistaba.

– Paixarina, adonde stás? Spera, nun te baias!

– Stou eiqui. Gustaba de quedar cuntigo mas hai un tiempo para todo. Cada un ten l sou, pa uns ye más cúrtio i para outros más lhargo. Agora que yá passei pulas cousas, antendo-las melhor. Hai cousas que podie haber demudado, mas ùas quantas nun dependírun de mi. Tengo la firme certeza de que quando you yá nun stubir acá, l mundo rodará na miesma. Pa la primabera que ben, outras i outras paixarinas acuparan este campico adonde stou agora. Naide mos ansina nada i las cousas buenas ou malas solo sírben pa quien las bibe.

– Para quei me dizes essas cousas? Nun te baias, que me deixas suidades.

– Antes de me ir, quiero-te dezir ùa redadeira cousa, abraça la bida sin miedo. Solo serás feliz anquanto quedares cun l coraçon dña nina bolando porriba de todo sin te apegares muito a las cousas porque nada dura. L tiempo bai sanando las malinas, cumo l'auga bai amerosando las piedras. Miras para trás bés las cocas, mas yá nun las sintes. Ne l campo de ls delores achas outras cousas que tu alhá poniste sien te dares de cuonta. Nun te quedes muito tiempo ambrulhada na nubrina porque quando te aporcatares l sol rasga las nubres i ben a tener cuntigo adondequiera que stubires.

– Se quieres que te diga, nun sei l que dizes.

– L tou sangue a ferber nas benas dá-te fuorças pa nun beres las



maldades de l mundo. Inda que las beias, nun las antendes i quando las antendires yá nun serás feliz.

– Gustaba tanto de ser siempre pequinha!

La paixarina sabie que solo ña persona cun un corazón einocente serie capaz de perdonar i de sanar todas las cocas. Ambentar l’alegrie, lhebantar-se apuis dña chimpa, sgarrunchar-se toda nas silbas porque quier quemer las moras mais maduricas, este era l preço de la lhibardade que daba alas a la bida. Nun se sentie cun coraige de le dezir isto a la rapazica, se bien calha nien eilha antenderie. Yá habie falado de mais.

– Çculpa-me, nun fagas causo, you nun sou berdadeira. Adomei l mundo al miu modo squecendo-me que l ouniberso de cada un nun ten que ser cumo l miu. Stube cuntigo i nun oubi la tue stória.

– You nun tengo stória, l miu lhibro stá por screbir, mas nun tengo nada para dezir.

– Tenes suonhos...

– Ls mius suonhos son pequinhos, nun antréssan a naide.

La paixarina azul zapareciu cun tanta tristeza andrento deilha que até ls bolos metien duolo. Lhebaba a las cuostas l zgusto de partir, l peso de l que fizo i de l que nun fizo. Sabie las cousas, mas nunca s’aperpuso a serbir-se deilhas. Pensaba que se bibisse outra beç nunca serie tan egoista, anque para isso tubisse que agarrar zafius sien certezas de ls lhebar até l fin. Zdesse die la rapazica mira para todas las cousas cun uolhos çfrentes, cumo se todo tubisse bida i se cada cousa tubisse algo para dezir. Quando bei ña paixarina fuge atrás deilha, pensando que un dia achará la paixarina azul que le deixou tanta suidade.



---

# Alcides Meirinhos

(1961)

---

## LA CABRADA

**Y**á más de cien anhos que las gentes dun lhado i doutro de la raia andában squinados por bias de las guerras de la restauraçon, a bien dezir más por bias de los mandantes do que por antrequidências antre eilhes, solo que estas cousas de guerras son l que son i quien s'amola siempre ye l pobo: los pequerricos, aqueilhes que menos ténen a perder an causo de nun haber guerra ningũa, guerras de nobrezas, feitas an nome desse pobo pa l trazer amugatado cumo un ganado no sestil.

Naqueilha manhana, Afonso sacou cedo la cabrada i zde l lhugar até l lhombo de la sierra (scassos cinco cientos de metros) los animales nun lhebórun grandes rodiones no sou pacer adreitos al balhe de los Guenhotes adonde l outonho de fin de márcio ampeçaba a cumpo-  
ner barrigas prenhadas de frius de Eimbierno cun pouca palha, ningun grano i muita urç i carqueija. Chegado al alto inda abistou a Paco de Mobeiros, tamien pastor dun tagalhico bien buono a ampinar adreitos a Custantín por alturas de l Çurrague. Era assi nũa tierra de Raia sien Raia adonde marcos nun habie, que lhombo de sierra ye solo un, sien canhiças nien talanqueiras a parar personas i animales an busca de l melhor balhe ou de la pareilha más guapa.

Assi era cun Catalina, tamien pastora, ña morena pimpona, antuo-  
lho de meia mocidade de Aliste, que la outra metade mal se astrebie a mirá-la cun miedo de ser tamien ancadilada por aqueilhes uolhos que-  
lor de carbon: lhebaba las oubeilhas adreitos a la Lhagonica i talbeç que inda abistasse l filho de tiu Miguel de Cicuiro, rapaç listo i de buenas falas, leitor de las nobenas a Santo Antonho, ajudante de l abade nas cuontas e décimas. *Mira Alfonso*, era assi que eilha dezie, *estoy siempre con ganas de escuchar de ti el que está escrito en esos libros que a veces me lees ...* i quedaba ancantadica horas a filo de eimaginaçon suolta pul mundo i presa a la boç que la lhebaba a biajar nas palabras angulhidas por tan guapo i negro mirar.

Un die apuis doutro, libro atrás de libro, mirar atrás de mirar, fome

atrás de ganas de quemer, dues almas pouco antresseiras no amprecípio assi cumo quien se fai de fuerte, ampeçórun las letras a salir çaçame-las, los suonhos a quedar más acerca, los dous a derretir-se, las cabras juntas a las oubeilhas i até los perros dambos tagalhos xotában dalgun lhobo que runsiasse ganado ou cabrada.

Aqueilha manhana stában las cabras a tumbar la baixa de la sier-ra, quando chégan, muntados an cabalhos bien aparelhados, dous carabineiros cun cara de poucas fiestas. Un deilhes saca l arcabuç, apunta adreitos al alto de la sierra nas cuostas de Afonso i cun boç de truono ampunta-lo deilhi para Pertual, a el i a los perros, que las cabras quedarien por cuenta de la falta que el tubo an passar la raia de Castielha.

Cumo la orde benie de quien tenie la fuorça a sou lhado, fazer-se fuerte era fraco conselho acrescentando a esso la demora que tenerie a fazer bolber las cabras más codiciosas no bun pacer. Inda se quedou a spreitar un cachico anquanto las cabras íban adreitos a Mobeiros i fui nesse sfregante que biu Andrés a salir dūas touças a falar a los cabalhei-ros lhadrões de ganados: anton se la guerra yá habie acabado habie muito tiempo, que razones haberie para que de la nuite a la manhana nun se podisse passar la Sierra?

Baixou la Lhagonica i la Baglina i ũa cousa nun le salie de l'eideia: Andrés cun las sues cabras! I que l dezirie a la família? staba perdido.

– Anton las cabras á Afonso? Ai que mos zgracieste rapaç! andia-brou-se la mai, çcunfiada de l lhobo por bias dalgũa falta de cuidado de l pastor an busca de niales de quegulahada ou robialba. You siempre dixe que la Catalina essa inda mos iba a poner ancatalinados, nun fura eilha i más tento teneries, agora quedar sien l nuosso sustento, arre concho, filho, buona mos armeste.

– Fúrun los carabineiros que me ampuntórun de trás la sierra i quedórun cula cabrada, a mando de Andrés que you bien sei, arrespundiu mirando l touçon na barreira de la Sierra.

La nobidade spargiu-se cumo cerilha an munton de tascos i mal habie ampeçado a cumbersar cula mai yá las campanas tocában a rebate: un lhugar anteiro no sagrado!

Tiu Miguel quedou brumeilho de rábia scumando i cuçpindo a cada bruar amenaciando cula guelhada adreitos a la Raia. Nien na guerra an tiempo de sous abós se dou tamanho roubo i oufências, agora an tiempos de paç nunca tal se biu.

– Antão o senhor Abade que achais que debemos fazer? pergun-

taba Juan Rebolo perdido por sentir loinge dalgũa fuorça de l sou paiz que le podira baler.

Qual deilhaes boziaba más alto, que lhadrones esto, que a la traiçon nun puode ser, que praga para un lhado, calagouça para outro, bai nisto resolbiu-se mandar a Ramiro de la yeuga a Miranda para cuntar l nuoba al alcaide de la cidade i a todos los lhugares por adonde passasse.

Corriu más dun més sien que naide atrabessase la sierra dun lhado pa l outro, fusse pertués ou spanhol, de Infainç ou de Abelhanoso i de la cabrada de Tiu Miguel nada! Nun era ningũa quemenência! éran ciento i setenta i cinco cabeças ...

Tentou anton Afonso chegar a la fala cun Catalina, talbeç eilha le soubisse dar amoras de sues cabras, nuobas frescas ambuoltas cũa risica de quien quier fiestas no pelo.

Falaba-se que Andrés staba por trás dessa marosca toda: cumo nun conseguiu l namoro de la pastora morena nien aspuis de falar cul pai deilha, Andrés amanhou modos de poner l alcaide de Alcanhiças i l quartel de los carabineiros al lhado de los antresses de l pai del, ãa de las personas más ricas i amportantes de los alrededores.

Ende estaba la splicaçon!

Mas los animales tenerien que benir a sou amo outra beç, custasse l que custasse, até que un die, Afonso, Ramiro, listo cumo las estreilhas, i Manuol, un rapaç antradote cun cara de simplório que de simplório nada tenie, ampeçórun a androminar l stratagema para quedar outra beç cun la cabrada que era sue por dreito i por justiça de Dios. Quedórun los três amugatados nũa touça i toda la manhana spreitórun la cabrada para çcubrir modo de la tornar a llebar adreitos a Cicuiro, mas nada, inda llebarie un bun par de horas a armar la stúcia para tener las cabras outra beç, afinal eilhas quedában a drumir nun rodeinho bien loinge de l lhugar, anda que a soutordie algũa cousa se armarie.

Habie na casa de la Abadia ãas fardas antigas de l tiempo de la guerra quando Spanha tomou cuenta de Miranda, más tarde retornada Pertuesa aspuis de l tratado de paç an 18 de Fevereiro de 1668 i al que se cunta éran de Luis Enríquez y Guzman, Conde de Alba i filho de l purmeiro Conde de Vila Flor. Roupas pimponas, próprias dun Bice Rei de las Índias Spanholas ende por meios de l séclo XVII.

I se bien lo pensórun melhor lo fazírun: al outro die pula madrugada, cabalho aparelhado, sal Ramiro presumindo roupa de conde, muntado adreitos a la Cándena, junto cun sou aio Manuol feito amportante na mula de l Abade, el que mal habie andado de burro a camino de l

molinico aspui de deixar l saquito de centeno para moler. Arródian por Bobeireira, adonde ampeça a clarear l die, até apanhar l camino que bai de Alcanhiças a Çamora, camino que l conde lhieba cun çtino al castielho de Alba.

Un pastor eiqui, un arador más alantre, todo mundo fai la bénia al çtinto fidalgo que cumo tanta nobreza ralas bezes bai a saber de l pobo i quando bai al melhor ye para l sacar algo ou para l'androminar cun algũa cuonta de batoteiro de feira.

Ende a meia manhana manhana chega la hora de l zayuno, tiempo de dar un pouco de ççanso a las béstias no tal balhe adonde la cabrada roubada a Miguel Pires tenie por questume pacer i rober queiruolas. Aquel die tamien staba. Los perrechacos mal abistórun roupas tan fidalgas ampeçórun a lhadrar i a arremeter cume se fura l lhobo mas Ramiro “Conde” que nun se acagaçaba cun pouco, saca de la spada i an menos de dues spadeiradas un perro quedou no sítio i l outro nunca más naide l biu.

– *Buenos dias, és usted el pastor?*

– *Sssssss sí sssss Señor.*

– *Me conoce usted?* preguntou l conde.

– *Nnnnnnnnn nooo sssss Señor*, i tembraba cumo brime berde nas manos dun algoç.

– *Pues, está usted hablando con Diego Pacheco Télles-Giron y Velasco, Conde de Alba y Señor de las tierras de Aliste*, boziou.

Á mai que tiu tan malo, pensou l pastor, se calha inda me prende i me lhieba para dalgun calabouço de sou castielho acorrentado sei alhá al quei.

– *He escuchado que estas cabras han sido robadas y por eso ya no podemos llevar el ganado a que beba bien y coma hojas de frezno en los pastos de Verano al otro lado de la Raya.*

– *Pues, sí que es verdad, pero nosotros dos solo estamos pastoreando a mando del padre de señor Andrés.*

– *Entonces, sin perder más tiempo, llevad los animales a su amo y que sea pronto!* dixo Ramiro cun boç de mandon, *y el que no lo haga se va a quedar como el perrito este.*

Inda las palabras nun habien sido ditas i yá las cabras seguien adreitos a la Cándena. Más ũa hora i tornarien a ser pertuesas, mas pul si pul nó, mal ancubrírūn no alto adreitos a la praineira de l carbalhal, l conde i sou aio síguen antre las cabras i Mobeiros, nun baia dalgũa cousa a dar al tuorto.

Mas mal la cabrada ambolcou adreitos a los Lhameirones, sabedora de l termo i de la boç de l amo que aguardaba amugitado nos juncos de l balhe abaixo l Carril Mourisco, l conde i l criado buolben-se adreitos a Bobineira arrodiando termo de modo a nun séren más bistos por aqueilhas paraiges sujeitos que stában de ser presos por spionaige: pesca feita, canha guardada!

De l alto de la Serrica, sintado na peinha de xeixo brumeilho, miraba Afonso adreitos a León an busca dun pelo negro i uolhos de azeitunas curadas, todas las manhanas que lie ùa cuonta a spera que oubidos ancantados scuitássen sue boç i respundíssen *“enseña-me a leer para te decir lo que está escrito en esos libros ...”* nos seranos de nites fries i nas Primaberas de campaninas amarielhas alredror la Fuente de los Guenhotés. Ùa manhana atrás doutra, libro ora aberto ora cerrado no cerron de la merenda perdie-se l mirar nas sierras loinge rogando agarimos cun oulor a letras al amor que un die habie de daprande a ler todas las fuolhas que yá Afonso habie çfolhado.

Cunta-se que apuis desse zaguisado nunca más la cria passou l lhombo de la sierra i, por bias desso, la feira que habie an Santo Amaro mudou-se pa l cabeça de la Lhuç adonde inda hoije ye l'ancruzelhada de Alfonsos i Catrinas dambos lhados desse cerro, rincon de Pertual i Castielha, barreira sagrada que ajudou a manter la nuossa lhéngua resguardada i cun melhor suorte que l Leonés de Alba i Aliste.





### POSFÁCIO

**1** • A língua mirandesa pertence à família de línguas asturo-leonesas e, como elas, é filha do latim. Constitui-se a partir de um dos romances que se desenvolvem dos escombros do império romano e vai ganhando características próprias desde a sua integração no reino de Portugal, pois já nessa altura se falava como língua principal da corte e do reino de Leão. O contacto com o português e o castelhano influenciaram-na, mas as suas características de língua astur-leonesa mantiveram-se até aos nossos dias, atravessando séculos e sobrevivendo ao permanente ataque que usa como arma o descrédito, a vergonha, a humilhação, um feito que é um autêntico milagre cultural. A sua forte estrutura como língua, a situação de diglossia dos seus falantes, sobretudo a partir do século XV-XVI e, em especial, o facto de se integrar num amplo espaço de falantes com boas relações sociais e económicas, ignorando as fronteiras políticas, eis as principais razões que permitiram a sobrevivência da língua mirandesa. Hoje é uma língua falada na ponta mais Nordeste de Portugal, no distrito de Bragança, junto às Províncias de Zamora e Salamanca, numa área de pouco mais de 500 km<sup>2</sup>, e contando com uns 7 000 falantes, aí consideradas também algumas comunidades que residem nas maiores cidades de Portugal e no estrangeiro. Desde 1999 é uma língua reconhecida oficialmente pelo Estado Português, através da lei n.º 7/99, de 21 de Janeiro, e é ensinada nas escolas públicas de Miranda do Douro desde a pré-primária até ao 12.º ano, sendo dados cursos por várias instituições, em especial a Associação de Lhéngua Mirandesa, na região de Lisboa. Sendo uma língua de tradição oral, apenas se lhe conhecem escritos desde 1882, depois de ‘descoberta’ e estudada por José Leite de Vasconcelos, escrevendo-se hoje de acordo com a Convenção Ortográfica da Língua Mirandesa, publicada em 1999. A forte presença da língua leonesa, até à Idade Média, na maior parte do actual distrito de Bragança é responsável por uma grande quantidade de leonesismos no português falado nessa parte de Trás-os-Montes, o que ainda

hoje lhe dá um ar de família próxima em relação ao mirandês.

**2**• Sempre existiu uma riquíssima literatura mirandesa de tradição oral, nos mais diversos domínios da expressão popular: poesia, romance, conto, cantiga, oração, etc. Algumas das formas dessa literatura são mesmo específicas da terra de Miranda, como é o caso dos *lhaços*, poemas que acompanham a dança dos chamados pauliteiros. Uma parte importante desse património está ainda por recolher e, sobretudo, por organizar e estudar. Muita dessa literatura é em português e em castelhano, mas um núcleo significativo é em mirandês. Pareceu-nos importante dar aqui conta dessa literatura, pois em antologias da poesia do país apenas uma composição foi até agora publicada, em *Rosa do Mundo. 2001 poemas para o futuro* (2001). É uma pequena amostra, mas permitirá fazer uma ideia mais clara dessa literatura oral de tradição popular. São de realçar as recolhas, publicações e estudos feitos sobretudo por José Leite de Vasconcelos, Serrano Baptista, António Maria Mourinho, Domingos Raposo, Mário Correia, António Bárbolo Alves, Amadeu Ferreira, Duarte Martins e Mariana Gomes, entre outros.

**3**• Não consideramos aqui os textos medievais escritos em asturleonês e datados da terra de Miranda, pois são textos particulares não literários, ainda que apresentem uma linguagem muito próxima da actual. A literatura escrita em língua mirandesa inicia-se em 1884, com a publicação do poemário de José Leite de Vasconcelos, *Flores Mirandesas*. A este autor se devem também algumas traduções de Luís de Camões. Ainda no século XIX, assistimos à publicação de poemas originais por Francisco Meirinhos, de traduções de Camões e de Antero de Quental por Manuel Sardina / Manuel Sardinha, de Luís de Camões e de *Os Quatros Evangelhos* por Bernardo Fernandes Monteiro, autor que também publica a tradução de contos e diálogos vários. Deve-se a Francisco Garrido Brandão uma peça de teatro em mirandês, *Sturiano i Marcolfa*, publicada por José Leite de Vasconcelos, e uma versão de vários *lhaços* em mirandês, ainda inéditos.

Já no século XX, António Maria Mourinho publica vários poemas em mirandês, depois reunidos no volume *Nuossa Alma i Nuossa Terra* (1961), a que se veio juntar mais tarde o poema *Scoba Frolida an Agosto* (1979) e outros poemas dispersos. A um autor não mirandês, Alfredo Cortês, se deve uma importante peça de teatro em mirandês, *As Saias* (1938), que chegou a ser representada no Teatro Nacional

D. Maria II. Também Manuel Preto escreve poemas em mirandês, reunidos postumamente no volume *Bersos Mirandeses* (1993). Caracteriza este primeiro período da literatura mirandesa a preocupação de estabelecer um *corpus* que fixasse um património linguístico ameaçado, como é expressamente referido pelos principais autores, em particular por José Leite de Vasconcelos e António Maria Mourinho. Predominam os tradutores e, em matéria de obras originais, a poesia, em boa parte de escasso valor literário. Um dado a ter em conta é que esta literatura nunca esteve ao alcance dos mirandeses, pelo que não teve influência efectiva na língua, nos falantes e, em geral, na cultura mirandesa.

Desse período aqui deixamos uma amostra do que nos pareceu mais representativo. Desde logo o poema mais conhecido de José Leite de Vasconcelos, publicado em *Flores Mirandesas* (1884), mas também as cartas escritas a esse investigador por Manuel Sardinha e por Bernardo Fernandes Monteiro, que estiveram inéditas até agora, bem como excertos de um poema de Francisco Meirinhos. Um segundo grupo de textos é uma amostra de poetas populares cujas produções orais foram por outros reduzidas a escrito. Estão nesse caso Francisco Garrido Brandão, no teatro, António Luís Fernandes e Domingos Augusto Ferreira na poesia, escolhidos entre muitos outros que aqui não é possível referir ou antologiar. Por fim, deixamos ainda poemas dos três autores mais significativos deste período, e que já escreveram na segunda metade do século XX, António Maria Mourinho, Manuel Preto e Moisés Pires, todos padres, este último ainda inédito. Realce-se que neste período apenas contamos com originais de poesia, não sendo do nosso conhecimento qualquer texto de ficção e em prosa.

**4**• Um segundo período da literatura mirandesa apenas se inicia no começo do século XXI, em consequência da conjugação de vários factores: o início do estudo do mirandês nas escolas; o interesse da autarquia pela língua mirandesa; o desenvolvimento dos estudos académicos que culminaram na aprovação da *Convenção Ortográfica da Língua Mirandesa*; a aprovação da lei n.º 7/99 de 21 de Janeiro que oficializou o mirandês como língua de âmbito regional. O pontapé de saída para esta nova etapa e que podemos considerar como o início da literatura mirandesa moderna é a publicação de uma colecção de livros em mirandês, dirigida por Amadeu Ferreira, pela que era uma das principais editoras do país na altura, a Campo das Letras. Aí se pu-

blicaram, logo em 2000, *Cebadeiros*, de Fracisco Niebro, e *Cuontas de la Tierra de las Faias*, de António Bárbolo Alves, e, em 2001, *Las Cuontas de Tiu Juquin* de Fracisco Niebro. Dos dois primeiros se deixam nesta antologia exemplos de composições que iniciaram a renovação da literatura mirandesa no domínio da poesia e do conto.

De então para cá o número de autores a escrever e a publicar em mirandês multiplicou-se. Primeiro em jornais, em particular o *Jornal Nordeste*, que, desde 2003, passa a contar com uma folha semanal em mirandês. Também a revista da UNEARTA – União dos Escritores e Artistas de Trás-os-Montes e várias publicações periódicas de Portugal e Espanha passam a publicar regularmente poemas em mirandês. Todo este processo culmina com um extraordinário desenvolvimento da escrita em blogues e sítios da Internet, onde o mirandês tem vindo a lançar raízes e a expandir-se, como pode ver-se pela lista de ligações publicadas no blogue <http://frolesmirandesas.blogspot.com>

É por esta altura que começam a ser publicadas traduções de grandes obras para mirandês, que tornam esta língua conhecida de todos os portugueses e muito contribuem para aumentar o seu prestígio e afastar o tradicional sentimento de vergonha que foi incutido aos seus falantes ao longo de séculos. Dessas traduções se destacam as feitas por Amadeu Ferreira, ora com nome próprio ora com os pseudónimos Fracisco Niebro e Marcus Miranda, de *Ls Quatro Eibangeilhos*, *Asterix l Goulés*, *L Galaton* (este em co-autoria com José Pedro Ferreira), *Ls Lusíadas*, *Catulo*, *Horácio Flaco e Virgílio*, bem como muitas dezenas de poetas de todo o mundo, neste caso através do blogue <http://lhengua.blogspot.com>. Por fim, deve realçar-se *L Princepico*, tradução de *Le Petit Prince* de Antoine de Saint-Exupéry, feita por Ana Afonso.

A pouco e pouco, a literatura mirandesa tem vindo a alargar-se a todos os géneros literários, embora ainda predominem a poesia e o conto. Porém, já é muito frequente a crónica, a reportagem, o teatro e até começam a despontar a novela e o romance. Hoje há coleções em língua mirandesa em editoras comerciais como a Editora Âncora e a Editora Zéfiro, que a cada ano têm vindo a alargar o número de autores e de obras publicados, e também na editora Apenas Livros. Entre os autores deste período cabe referir, na poesia, Adelaide Monteiro, Alcides Meirinhos, Amadeu Ferreira (e os seus pseudónimos Fracisco Niebro i Fonso Roixo), Célio Pires, Conceição Gonçalves Lopes, Domingos Raposo, Emílio Martins, José António Esteves, José Francisco Fernandes, Marcolino Fernandes e Rosa Martins. Já na prosa sobressaem os no-

mes de Adelaide Monteiro, Alcides Meirinhos, Alcina Pires, Alfredo Cameirão, Amadeu Ferreira (e os seus pseudónimos Fracisco Niebro i Marcus Miranda), Ana Maria Fernandes, António Bárbolo Alves, António Canguero, Bina Canguero, Carlos Ferreira, Cristóvão Pires, Duarte Martins, Faustino Antão, José Almendra e Válder Deusdado. A estes autores devem acrescentar-se vários escritores jovens que se têm revelado nos jornais escolares *L Cartolica* e *L Pouliteiro* e na revista *La Gameta*. Muitas outras pessoas têm vindo a escrever mirandês com regularidade, mas já não no domínio literário ou apenas de modo muito esporádico, razão por que não são aqui referidas.

Nem todos os autores podem ser aqui antologados pois várias razões, até de espaço, nos obrigam a conter-nos dentro de limites estreitos. Tal não significa menos merecimento dos omitidos, pois estamos certos de que dentro de poucos anos já será muito diferente o panorama da literatura mirandesa, atento o ritmo a que ela se renova e se alarga. Na poesia escolhemos poemas de Adelaide Monteiro, Domingos Raposo e Fracisco Niebro. Na prosa deixamos textos de Alcides Meirinhos, Alfredo Cameirão, António Bárbolo Alves, Bina Canguero, Carlos Ferreira, Domingos Raposo, Duarte Martins e Faustino Antão, todos eles no domínio do conto, um capítulo do romance de Fracisco Niebro *La Boubá de la Tenerie* e uma crónica de Amadeu Ferreira.

5. A capacidade de gerar literatura em vários níveis e em diversos géneros tem sido seguramente um dos modos de afirmação da língua mirandesa. Apesar de todos os avanços já conseguidos, a literatura mirandesa é sobretudo uma literatura do século XXI, pois nos poucos anos deste século se escreveu mais do que em toda a história da língua. Embora ainda muito presa ao seu próprio passado, de cunho memorialista, e muito agarrada ao tema da própria língua, a literatura mirandesa cada vez mais se aventura pelos caminhos da modernidade, nenhum tema ou forma literária lhe sendo alheios. Os meios electrónicos, em particular os blogues na Internet, são hoje a principal forma de divulgação da literatura mirandesa, pois aí publicam com facilidade dezenas de autores. A modernidade, que alguns anteviam como um problema para uma língua minoritária como o mirandês, acabou por tornar-se numa oportunidade única. É certo que a literatura mirandesa ainda é reduzida e de qualidade ainda muito irregular, mas chegou a um ponto a que há bem pouco tempo ninguém imaginava que pudesse chegar, tendo ainda um longo e importante caminho à sua frente para trilhar.



## Fontes dos Textos





## PAISAGENS

- João de Lemos, *Cancioneiro*. I. *Flores e Amores*, Lisboa, 1958; *Cancioneiro*. III. *Impressões e Recordações*, Lisboa, 1965.
- Álvaro do Carvalho, *6 Contos Frenéticos*, Lisboa, Editora Arcádia, 1978.
- Manuel Duarte d'Almeida, *Terra e Azul*, s. l., 1933.
- Guerra Junqueiro, *A Musa em Férias*, Lisboa, 1879; *A Velhice do Padre Eterno*, Lisboa, 1885; *Os Simples*, Porto, 1892.
- Trindade Coelho, *Os Meus Amores*, Lisboa, 1891.
- Augusto Moreno, *Poesias*. Ed. de Ernesto Rodrigues. Bragança / Freixo de Espada à Cinta, Câmara Municipal, 2002.
- Campos Monteiro, *Moeda Corrente*, 2.<sup>a</sup> ed., Porto, Livraria Civilização – Editora, 1927.
- Aires Torres, *Obra Poética*, Porto, Edições Caixotim, 2007.
- João de Araújo Correia, *Terra Ingrata*, Lisboa, Portugália Editora, 1946.
- Carlos Cochofel, *Lírios*, Porto, 1918; *Auto do Mez de Dezembro Seguido d'Outros Poemas*, Porto, 1919.
- Domingos Monteiro, *Contos do Dia e da Noite*, 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Sociedade de Expansão Cultural, 1952.
- Paulo Quintela, *Poemas para Dar*, Coimbra, Ed. do A., 1967. [Transcrito em *Amigos de Bragança* (Bragança), 7.<sup>a</sup> série, 11-12, Dezembro de 1985.]
- Miguel Torga, *Contos*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2002.
- Edgar Carneiro, *Poemas Trasmontanos*, Lisboa, &tc, 1978; *Depois de Amanhã*, Porto, Campo das Letras, 2003.
- Armando Martins Janeira, *Nova Renascença* (Porto), 23-24, 1986.
- António José Maldonado, *Limite Cultivado*, Lisboa, Ulmeiro, 1984.
- Amadeu Ferreira, *Da Aldeia e da Vida. Contos*, Freixo de Espada à Cinta, Câmara Municipal, 2001.
- Bento da Cruz, *Contos de Gostofrio e Lamalonga*, Lisboa, Editorial Notícias, 1993.
- A. Passos Coelho, *Histórias Selvagens*, 2.<sup>a</sup> ed., Vila Real, Ed. do A., 2002.
- António Borges Coelho, *Mar Oceano*, Lisboa, Editorial Caminho, 1981.
- João de Sá, *Um Caminho entre as Oliveiras. Contos*, Vila Flor, Câmara Municipal, 1997.
- Eduarda Chiote, *O Meu Lugar à Mesa*. Vila Nova de Famalicão, Quasi Edições, 2006-
- António Cabral, in Carlos Loures, *Antologia da Poesia Contemporânea de Trás-os-Montes e Alto Douro*, Vila Real, 1968.
- Nuno Nozelos, *Gente da Minha Terra*, 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Livraria Portugal, 1975.

- Fernando Chiotte, *Cova de Lobo*, Lisboa, Editora Replicação, 2001.  
[Com supressões.]
- Barroso da Fonte, *Terra Violada*, s. l., Edição do A., 1978; *Tempo Infecundo*, Guimarães, ed, do A., 1982.
- Joaquim de Barros Ferreira, *Terra Adagio Cantabile*, Vila Real, Câmara Municipal.
- A.M. Pires Cabral, *Arado*, Lisboa, Edições Cotovia, 2009.
- Modesto Navarro, *História do Soldado Que não Foi Condecorado*. 2.<sup>a</sup> ed. Cacém, Edições Ró, 1981.
- Fernão de Magalhães Gonçalves, *Modo de Vida*, Braga, Ed. do A., 1988.
- Maria Hercília Agarez, *Boletim Cultural da Escola Secundária Camilo Castelo Branco* (Vila Real), n.º 9, Dezembro de 2001.
- Odete Ferreira, *Rente aos Pássaros*, Freixo de Espada à Cinta, Câmara Municipal.
- Rogério Rodrigues, *(Re)cantos d'Amar Morto*, Lisboa, Âncora Editora, 2011.
- Carlos Pires, *Inversos*, Bragança, 1973; inéditos.
- Marcolino Cepeda, *Tempo de Silêncio*, Bragança, Junta de Freguesia da Sé, 2003.
- Alexandre Parafita, *História da Terra* [em parceria], col. Tellus, Vila Real, Câmara Municipal, 1999.
- José Mário Leite, *Pedra Flor*, s. l., Marketing e Formação, 1996.
- Manuel Cardoso, *Quartzo, Feldspato e Mica. Vidas de Um Veterinário*, Coimbra, Quarteto Editora, 2000.
- António Sá Gué, *Contos dos Montes Ermos*, Rio Tinto, Artescrita Editora, 2007.
- Fernando de Castro Branco, *A Carvão. Poesia Reunida*, Maia, Cosmorama Edições, 2009.

## LINGUAGEM E MEMÓRIA

- Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal, *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, 3.<sup>a</sup> ed., vol. X, Bragança, Câmara Municipal / Instituto Português de Museus – Museu do Abade de Baçal, 2000.
- Daniel José Rodrigues, *O Riodonorense. Lendas e Folclore*, Bragança, Junta Distrital, 1973.

- Sousa Costa, *O Corgo – Vidas e Obras Dum Rio*, Vila Real, Comissão Regional de Turismo da Serra do Marão, 1961.
- Monsenhor José de Castro, *Boletim do Grupo «Amigos de Bragança»* (Bragança), 2.<sup>a</sup> série, 14-15-16, Março de 1965.
- José Santa Rita Xisto, *Bragança, Coimbra em Miniatura*, 4.<sup>a</sup> ed., Bragança, 1977.
- Adriano Moreira, *Tellus. Revista de Cultura Trasmontana e Duriense* (Vila Real), 19, Julho de 1990.
- Luísa Dacosta, *Houve Um Tempo, Longe. Vila Real de Trás-os-Montes na Obra de Luísa Dacosta*. Introdução, selecção e notas de José António Gomes. Porto, Edições Asa, 2005.
- Belarmino Afonso, *Amigos de Bragança* (Bragança), 7.<sup>o</sup> série, 5, Fevereiro de 1985.
- Hirondino Fernandes, *Tellus. Revista de Cultura Trasmontana e Duriense* (Vila Real), 25, Junho de 1996.
- Afonso Praça, *Um Momento de Ternura e Nada Mais*, Lisboa, Editorial Notícias, 1995.
- A. Lourenço Fontes, *Tellus. Revista de Cultura Trasmontana e Duriense* (Vila Real), 27, Outubro de 1997.
- Eduardo Guerra Carneiro, *O Revólver do Repórter*, Lisboa, Teorema, 1994; *Outras Fitas*, Lisboa, Teorema, 1999.
- Telmo Verdelho, [prefácio], Hirondino da Paixão Fernandes, *Bibliografia do Distrito de Bragança. Ministério do Reino, série de Documentos*, Bragança, IPB / CMB / Arquivo Distrital, 1993.
- Augusto José Monteiro, in Virgílio Gomes, coord., *Contos de Pousar*, Lisboa, Pousadas de Portugal / Enatur, 2001. [Adaptado, com supressão da parte final.]
- Evelina Verdelho, *Linguagem Regional e Linguagem Popular no Romance Regionalista Português*, Lisboa, INIC / Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1982.
- Elísio Amaral Neves, *Passadeiras de Flores em Vila Real*, nº9 da IV Série dos *Cadernos Culturais*, Vila Real, Grémio Literário Vila-Realense / Câmara Municipal de Vila Real, 2011.
- António A. Pinelo Tiza, *Actas do Congresso A Festa Popular em Trás-os-Montes*, Bragança, 1995.
- Virgílio Nogueiro Gomes, *Tellus. Revista de Cultura Trasmontana e Duriense* (Vila Real), 53, Outubro de 2010. [Revisto pelo A.]
- Ernesto Rodrigues. Inédito.
- Miguel Torga, *Ensaio e Discursos*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2002.



## Fuontes de ls Testos



## I. LHITERATURA OURAL DE TRADIÇON OURAL POPULAR

Os textos de lhiteratura oual de tradiçon popular fúrun todos sacados de António Maria Mourinho *Cancioneiro tradicional e danças populares mirandesas*, 1º vol., 1984; *Terra de Miranda. Coisas e Factos da nossa vida e da nossa alma popular*, 1991.

## II. 1.º PERÍODO DE LA LHITERATURA MIRANDESA

José Leite de Vasconcelos, *Flores Mirandesas*, 1884.

Manuol Sardina (Einédito, stando l oureginal ne l Museu de Arqueologia de Lisboa).

Bernardo Fernandes Monteiro (Einédito, stando l oureginal ne l Museu de Arqueologia de Lisboa).

Francisco Garrido Brandão, fala de Marcolfa ne l quelóquio *Sturiano i Marcolfa*, publicado por José Leite de Vasconcelos, *Estudos de Philologia Mirandesa*, 1900-1901.

Francisco Meirinhos (Einédito, stando l oureginal ne l Museu de Arqueologia de Lisboa).

António Luís Fernandes, jornal *Planalto Mirandês*, 1982.

Domingos Augusto Ferreira, in António Bárbolo Alves (cord.) *Lhietra-tura Oral Mirandesa*, Granito Editores e livreiros, 1999.

António Maria Mourinho, *Nuossa Alma i Nuossa Tierra*, Imprensa nacional, 1961.

Manuel Preto, *Bersos Mirandeses*, 1993.

Moisés Pires, (Inédito, de 1995, texto cedido por Domingos Raposo)

## III. 2.º PERÍODO DE LA LHITERATURA MIRANDESA

Domingos Raposo, *Texto de Apresentação de l Projecto Lei de reconhecimento dos direitos linguísticos da Comunidade Mirandesa*, 1998; revista *Mealibra*, 2000; l poema ‘sprança’ ye einédito i fui-mos ambiado pul outor.

Amadeu Ferreira / Francisco Niebro, *Cebadeiros*, Campo das Letras, 2000; *Cula Torna Ampuosta Quienquiera Ara*, Edições Tema,

2004; *Pul Alrobés de ls Calhos*, Edições Fluviais, 2006; jornal *Público*, 16/10/2005; *La Bouba de la Tenerie*, Âncora Editora, 2011.

António Bárbolo Alves, *Cuntas de la Tierra de las Faias*, Campo das Letras, 2000.

Duarte Martins, *Revista da Unearta*, 2003.

Carlos Ferreira, *Revista da Unearta*, 2003.

Alfredo Cameirão, *Tortulhas. Cuontas deste i de l Outro Mundo*, Zéfiro, 2009.

Faustino Antão, *Nuobas Fábulas Mirandesas i Cuontas Sacadas de la Bida*, Zéfiro, 2009.

Adelaide Monteiro, *Antre Monas i Sbolácios*, Zéfiro, 2010.

Bina Canguero, *La Paixarina Azul i Outras Cuontas*, Zéfiro, 2010.

Alcides Meirinhos (Einédito, ambiado pul outor)



## ÍNDICE

Notas introdutórias .....	7
<b>ADRIANO MOREIRA</b> .....	<b>15</b>
Prefácio .....	15
<b>ERNESTO RODRIGUES</b> .....	<b>19</b>
Introdução .....	19
<b>Língua Portuguesa</b> .....	<b>41</b>
<b>Paisagens</b> .....	<b>43</b>
<b>JOÃO DE LEMOS</b> .....	<b>45</b>
As Quatro Cordas da Lira .....	45
A Lua de Londres .....	47
A Pastorinha .....	50
Não Te Entendo, Coração .....	52
<b>ÁLVARO DO CARVALHAL</b> .....	<b>53</b>
Honra Antiga .....	53
I .....	53
II .....	61
III .....	69
<b>MANUEL DUARTE D'ALMEIDA</b> .....	<b>73</b>
Aromatografia .....	73
Esfinge .....	74
<b>GUERRA JUNQUEIRO</b> .....	<b>75</b>
A Fome no Ceará .....	75
Aos Simples .....	77
As Ermidas .....	78
Eiras ao Luar .....	82
Regresso ao Lar .....	84
<b>TRINDADE COELHO</b> .....	<b>85</b>
Idílio Rústico .....	85
<b>AUGUSTO MORENO</b> .....	<b>95</b>
Saudosa e Esquecida! .....	95
Lamentável Cegueira! .....	96
Ingrata .....	97
Versos .....	98
<b>CAMPOS MONTEIRO</b> .....	<b>99</b>
Quintas e Domingos .....	99
<b>AIRES TORRES</b> .....	<b>103</b>
Mais Alto .....	103
Crepuscular .....	106

Sol.....	108
<b>JOÃO DE ARAÚJO CORREIA .....</b>	<b>109</b>
As Desilusões do Brasileiro Raimundo .....	109
<b>CARLOS COCHOFEL .....</b>	<b>117</b>
<b>DOMINGOS MONTEIRO.....</b>	<b>119</b>
O Regresso.....	119
<b>PAULO QUINTELA .....</b>	<b>127</b>
Contribuição Para um Futuro Retrato .....	127
<b>MIGUEL TORGA.....</b>	<b>129</b>
A Maria Lionça.....	129
<b>EDGAR CARNEIRO .....</b>	<b>135</b>
Elegia Trasmontana.....	135
As Giestas .....	136
Os Rios.....	137
Matança .....	138
Provérbio .....	139
Condição .....	140
Vindima.....	141
A Pedra .....	142
Azeitona.....	143
<b>ARMANDO MARTINS JANEIRA .....</b>	<b>145</b>
Mistério do Meu Povo .....	145
<b>ANTÓNIO JOSÉ MALDONADO.....</b>	<b>147</b>
<b>AMADEU FERREIRA .....</b>	<b>149</b>
Márcia: O “Cão Preto” .....	149
<b>BENTO DA CRUZ.....</b>	<b>153</b>
O Serão e os Lobos.....	153
<b>A. PASSOS COELHO .....</b>	<b>163</b>
Brasil .....	163
<b>ANTÓNIO BORGES COELHO .....</b>	<b>167</b>
Montanha .....	167
Varanda.....	169
1 .....	169
2 .....	169
3 .....	170
Cerdeira.....	171
Ao Fundo a Serra de Santa Comba .....	172
Regresso.....	173
<b>JOÃO DE SÁ.....</b>	<b>175</b>
A Lenda da Fraga Amarela.....	175

<b>EDUARDA CHIOTE .....</b>	<b>179</b>
Pedras.....	179
Trevas .....	181
O Mundo .....	182
<b>ANTÓNIO CABRAL .....</b>	<b>183</b>
A Quinta do Senhor Smith .....	183
Vista Parcial Duma Aldeia Duriense .....	185
Pinhão, 8, 20.....	186
Carta a João Cabral .....	187
A Régua .....	189
<b>NUNO NOZELOS .....</b>	<b>191</b>
Amores Desafortunados.....	191
<b>FERNANDO CHIOTTE.....</b>	<b>197</b>
Cova de Lobo .....	197
<b>BARROSO DA FONTE .....</b>	<b>207</b>
Em Cada Pedra .....	207
Na Praça Pública .....	208
Terra Violada .....	209
Quadras Soltas .....	210
<b>JOAQUIM DE BARROS FERREIRA .....</b>	<b>211</b>
Um Cavalo ao Amanhecer .....	211
A Lareira.....	212
No Açafate de Romãs a Luz Pára.....	213
<b>A.M. PIRES CABRAL .....</b>	<b>215</b>
Arado .....	215
I.....	215
II .....	215
III.....	216
Terra Mater.....	217
Algures a Nordeste Parte Dois.....	218
I.....	218
II .....	218
III.....	219
<b>MODESTO NAVARRO .....</b>	<b>221</b>
Homem d'Alguma .....	221
<b>FERNÃO DE MAGALHÃES GONÇALVES .....</b>	<b>229</b>
O Modo de Vida .....	229
<b>MARIA HERCÍLIA AGAREZ.....</b>	<b>235</b>
O Padre da Pena .....	235
<b>ODETE FERREIRA.....</b>	<b>243</b>
Secura da Vila .....	243

<b>ROGÉRIO RODRIGUES.....</b>	<b>247</b>
Carta à Neta .....	247
Stabat Mater... ..	252
Quando o Natal Chegar.....	253
<b>CARLOS PIRES.....</b>	<b>255</b>
Amor .....	256
Dezembro .....	257
<b>MARCOLINO CEPEDA .....</b>	<b>259</b>
Poemas .....	259
Xii .....	259
<b>ALEXANDRE PARAFITA.....</b>	<b>261</b>
O Pote de Ouro .....	261
<b>JOSÉ MÁRIO LEITE.....</b>	<b>269</b>
Terra Prometida.....	269
Raízes .....	270
Nordeste.....	271
<b>MANUEL CARDOSO.....</b>	<b>273</b>
Um Enigma .....	273
<b>ANTÓNIO SÁ GUÉ.....</b>	<b>279</b>
A Feira.....	279
<b>FERNANDO DE CASTRO BRANCO .....</b>	<b>287</b>
Casa de Campo.....	287
I.....	287
II .....	287
Bucólica .....	288
Partilha.....	289
I.....	289
Miradouro da Freixiosa .....	290
Planalto Mirandês .....	291
<b>Linguagem e Memória.....</b>	<b>293</b>
<b>FRANCISCO MANUEL ALVES,</b>	
<b>ABADE DE BAÇAL.....</b>	<b>295</b>
Cancioneiro Popular Bragançano .....	295
Conde da Alemanha .....	298
O Cura .....	299
<b>DANIEL JOSÉ RODRIGUES.....</b>	<b>301</b>
O Riodonorense.....	301
<b>SOUSA COSTA.....</b>	<b>305</b>
O Corgo .....	305

<b>MONSENHOR JOSÉ DE CASTRO .....</b>	<b>307</b>
A Morte do Abade de Baçal .....	307
<b>JOSÉ SANTA RITA XISTO.....</b>	<b>309</b>
Bragança à Luz da História e da Fantasia.....	309
<b>ADRIANO MOREIRA.....</b>	<b>313</b>
<i>A Queda de Um Anjo</i> e a Classe Política .....	313
<b>LUÍSA DACOSTA .....</b>	<b>321</b>
Os Lugares e o Tempo.....	321
<b>BELARMINO AFONSO .....</b>	<b>327</b>
As Águas na Superstição Popular.....	327
<b>HIRONDINO FERNANDES .....</b>	<b>335</b>
Parâmio, Tu Eras Dantes .....	335
<b>AFONSO PRAÇA.....</b>	<b>343</b>
Escola de Velhos .....	343
<b>A. LOURENÇO FONTES.....</b>	<b>347</b>
Hino ao Boi do Povo.....	347
<b>EDUARDO GUERRA CARNEIRO .....</b>	<b>353</b>
Árvore.....	353
Natal.....	355
A Poesia da Terra.....	356
<b>TELMO VERDELHO .....</b>	<b>359</b>
Hirondino Fernandes, .....	359
Bibliografia do Distrito de Bragança.....	359
<b>AUGUSTO JOSÉ MONTEIRO.....</b>	<b>365</b>
Contos Baldios.....	365
<b>EVELINA VERDELHO .....</b>	<b>379</b>
Linguagem Regional e Linguagem Popular .....	379
no Romance Regionalista Português .....	379
<b>ELÍSIO AMARAL NEVES .....</b>	<b>385</b>
Passadeiras de Flores em Vila Real .....	385
<b>ANTÓNIO A. PINELO TIZA .....</b>	<b>393</b>
O Mascarado – Suas Funções nas Festas do Inverno .....	393
<b>VIRGÍLIO NOGUEIRO GOMES.....</b>	<b>401</b>
Sobre “ <i>À Transmontana</i> ”.....	401
<b>ERNESTO RODRIGUES.....</b>	<b>415</b>
Torga e o Brasil .....	415
<b>MIGUEL TORGA.....</b>	<b>425</b>
Trás-os-Montes no Brasil .....	425

<b>Língua Mirandesa.....</b>	<b>435</b>
<b>I. LHITERATURA DE TRADIÇON OURAL POPULAR.....</b>	<b>437</b>
Cardai Cardicas Cardai .....	438
Ró-Ró (Cantiga de Arrolhar).....	439
La Lhoba Parda.....	441
Para Rundar de Nuíte .....	442
La Yerba (Lhaço) .....	443
L Saio (Lhaço).....	444
Mirandun (Lhaço).....	445
Ai de Mi.....	447
La Casa de l Cura.....	448
Coquelhada Marralheira .....	449
Diálogo de Pastores Namorados .....	450
Mira-me Miguel .....	451
L Burro i Nuosso Senhor.....	452
La Burra i l Diabro .....	453
L Diabro i la Bóbeda .....	454
<b>II. 1.º PERÍODO DE LHITERATURA MIRANDESA (1884-1999) .....</b>	<b>455</b>
<b>JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS .....</b>	<b>457</b>
La Lhéngua Mirandesa .....	457
<b>MANUOL SARDINA .....</b>	<b>459</b>
<b>BERNARDO FERNANDES MONTEIRO.....</b>	<b>461</b>
<b>FRANCISCO GARRIDO BRANDÃO.....</b>	<b>465</b>
Sturiano i Marcolfa.....	465
<b>FRANCISCO MEIRINHOS.....</b>	<b>467</b>
Miranda Antiga i Moderna.....	467
<b>ANTONHO LUÍS FERNANDES .....</b>	<b>471</b>
Ls Filadeiros .....	471
<b>DOMINGOS AUGUSTO FERREIRA .....</b>	<b>473</b>
La Lhéngua Mirandesa .....	473
<b>ANTÓNIO MARIA MOURINHO.....</b>	<b>475</b>
Ourtonho.....	475
Miu Suonho de Serbir.....	476
<b>MANUEL PRETO .....</b>	<b>479</b>
Eilhi Naci You .....	479
<b>MOISÉS PIRES.....</b>	<b>483</b>
Fala Mirandesa .....	483

<b>III. 2.º PERÍODO DE LHITERATURA MIRANDESA (1999 – 2011) .....</b>	<b>487</b>
<b>DOMINGOS RAPOSO .....</b>	<b>489</b>
La Lhéngua Mirandesa .....	489
Sprança .....	490
Bint'i Cinco d'Abril .....	491
<b>AMADEU FERREIRA / FRACISCO NIEBRO .....</b>	<b>493</b>
Dues Lhéguas .....	493
Dous Andamientos Cun Coda .....	495
Poemas Bígamos .....	497
Uobos Que Nun Quedórun Guiros (Crónica) .....	499
La Bouba de la Tenerie (Capítalo de remanse) .....	501
<b>ANTÓNIO BÁRBOLO ALVES .....</b>	<b>509</b>
Gabilan .....	509
<b>CARLOS FERREIRA .....</b>	<b>513</b>
La Fin de Dous Mundos .....	513
<b>DUARTE MARTINS .....</b>	<b>517</b>
Ũa Frida de Muorte .....	517
<b>ALFREDO CAMEIRÃO .....</b>	<b>521</b>
Renda de Pardo .....	521
L Stalhico .....	524
<b>FAUSTINO ANTÃO .....</b>	<b>527</b>
L Pardal i l Mielro .....	527
L Ranico Que Querie Ser Bolador .....	529
<b>ADELAIDE MONTEIRO .....</b>	<b>531</b>
Percura-me Amigo .....	531
Adonde Stás Miu Bércio? .....	532
<b>BINA CANGUEIRO .....</b>	<b>533</b>
La Paixarina Azul .....	533
<b>ALCIDES MEIRINHOS .....</b>	<b>539</b>
La Cabrada .....	539
<b>AMADEU FERREIRA .....</b>	<b>545</b>
Posfácio .....	545
<b>Fontes dos Textos .....</b>	<b>551</b>
Paisagens .....	553
Linguagem e Memória .....	554
<b>Fuontes de ls Testos .....</b>	<b>557</b>
I. Lhiteratura Oural de Tradiçon Oural Popular .....	559
II. 1.º Período de la Lhiteratura Mirandesa .....	559
III. 2.º Período de la Lhiteratura Mirandesa .....	559







academia de letras  
de trás-os-montes

## *Apoios*

---



Câmara Municipal  
de Bragança